

COLEÇÃO ESTUDOS HISTÓRICOS

ALEX ANTÔNIO VANIN
DJIOVAN VINICIUS CARVALHO

COORDENADORES

VOLUME II

PASSO FUNDO

ESTUDOS HISTÓRICOS

História e Imprensa

ORGANIZADORES

FABIANA BELTRAMI

HELENO DAMIAN

MARCO ANTÔNIO DAMIAN



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura



Instituto
Histórico
de Passo Fundo
Fundado em 15 de abril de 1954

VOLUME II

PASSO FUNDO

ESTUDOS HISTÓRICOS

História e Imprensa

© 2020, DOS AUTORES

EDITORACÃO

ALEX ANTÓNIO VANIN

REVISÃO

GREICE ANZOLIN

CONSELHO EDITORIAL

ANCELMO SCHÖRNER (UNICENTRO)

EDUARDO KNACK (UFCG)

EDUARDO PITTHAN (UUFFS – PASSO FUNDO)

FEDERICA BERTAGNA (UNIVERSITÀ DI VERONA)

GIZELE KLEIDERMACHER (UNIVERSIDAD DE BUENOS AIRES)

HELION PÓVOA NETO (UFRJ)

HUMBERTO DA ROCHA (UUFFS – CAMPUS ERECHIM)

JOÃO VICENTE RIBAS (UPF)

ROBERTO GEORGE UEBEL (ESPM)

VINÍCIUS BORGES FORTES (IMED)

CIP – Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

P289 Passo Fundo [recurso eletrônico] : estudos históricos, volume II / coordenadores Alex Antônio Vanin e Djoivan Vinícius Carvalho ; organizadores Fabiana Beltrami, Marco Antonio Damian, Heleno Damian. – Passo Fundo : Acervus Editora, 2020. 12MB ; PDF.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-86000-29-0 (E-book).

1. Passo Fundo - História. 2. Historiografia. 3. Memória. 4. Cultura. 5. História e imprensa. I. Vanin, Alex Antônio, coord. II. Carvalho, Djoivan Vinícius, coord. III. Beltrami, Fabiana, org. IV. Damian, Marco Antonio, org. V. Damian, Heleno, org.

CDU: 981.65

Biblioteca responsável Jucelei Rodrigues Domingues - CRB 10/1569

ÀS IDEIAS, IMAGENS, FIGURAS E DEMAIS INFORMAÇÕES APRESENTADAS NESTA OBRA SÃO DE INTEIRA RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES

CRÉDITOS DA CAPA:

TARSO DE CASTRO LENDO JORNAL NO INTERIOR DA REDAÇÃO D'O NACIONAL.

FONTE: CARDOSO, TOM. TARSO DE CASTRO - 75KG DE MÚSCULO E FÚRIA (2005).

MENINOS ENTREGADORES DO JORNAL O NACIONAL.

ACERVO PESSOAL DE HELENO DAMIAN.

CRÉDITOS DA CONTRACAPA:

TIPOGRAFIA DO JORNAL DIÁRIO DA MANHÃ, NA DÉCADA DE 1930.

FONTE: GUIA GERAL DE PASSO FUNDO (1940).

RETRATO DE STEFAN MICHALSKI, OFERECIDO A VALENTIM DE CESARO EM 29 DE OUTUBRO DE 1906. ACERVO PESSOAL DE HELENO DAMIAN.

ALEX ANTÔNIO VANIN
DJIOVAN VINICIUS CARVALHO
COORDENADORES

FABIANA BELTRAMI
HELENO DAMIAN
MARCO ANTÔNIO DAMIAN
ORGANIZADORES

PASSO FUNDO

ESTUDOS HISTÓRICOS

História e Imprensa

VOLUME II



PASSO FUNDO
2020



LABORATÓRIO DE MEMÓRIA ORAL E IMAGEM

O Laboratório de Memória Oral e Imagem (LAMOI) tem como finalidade o desenvolvimento de pesquisas a partir da organização da memória oral, visual, audiovisual e escrita da região norte do Rio Grande do Sul, região de abrangência da UPF, tendo como problemática fundamental a questão da memória. Horizonte esse que se liga ao conceito de identidade, pois as memórias produzidas historicamente pelos diferentes grupos (sociais, étnicos e de gênero) construíram representações de identidade que podem ser acessadas a partir de fontes diversas e passam a ser entendidas como registros das experiências humanas ao longo do tempo e que, na ação de rememorar, unem passado e presente, em um processo de manutenção e reforço dos laços identitários dos grupos.

A riqueza da diversidade cultural das diferentes comunidades da região revelou a necessidade de um levantamento histórico amplo, especialmente a partir das histórias de vida de seus atores. Ao mesmo tempo, foi identificada a existência fragmentada de registros escritos, orais e imagéticos dessas memórias, através de histórias de instituições oficiais, de lazer, religiosas, de ensino, das famílias, fotografias e outros objetos.

COORDENAÇÃO: João Carlos Tedesco e Alessandro Batistella.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
---------------------	----------

PARTE I

LUTAS POLÍTICAS, IMPRENSA E PODER

1. O CORONEL E OS PRELOS:

RELAÇÕES ENTRE IMPRENSA E POLÍTICA EM PASSO FUNDO (1890-1917)	15
--	-----------

Cristiane Indiara Vernes Miglioranza

2. PRIMÓRDIOS DA HISTÓRIA DA IMPRENSA EM PASSO FUNDO

Heleno Alberto Damian

3. O INTERVENTOR FLORES DA CUNHA E A RELAÇÃO COM PASSO FUNDO E REGIÃO (1930-1937)	109
--	------------

Alexandre Aguirre

PARTE II

IMPRESSOS, INSERÇÕES E NARRATIVAS

4. A FOTOGRAFIA NA IMPRENSA EM PASSO FUNDO, DE 1890 A 1940	139
---	------------

Fabiana Beltrami da Silva

5. “LAGRIMAS E PRANTOS”:

O MORRER EM PASSO FUNDO PELAS PÁGINAS DOS JORNAIS	169
---	------------

Alécia Lang Monteiro

Raíssa Gehring Ulrich

6. JORNAIS COMUNITÁRIOS EM PASSO FUNDO	191
---	------------

Otávio José Klein

PARTE III

DISPUTAS, INFORMES E VISÕES

7. “PERIGO IMINENTE”:

UMA LEITURA DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NAS
PÁGINAS DA IMPRENSA PASSO-FUNDENSE 211

Benhur Jungbeck

8. A CIDADE EM DISPUTA:

PROPOSTAS E PROGRAMAS ELEITORAIS NAS PÁGINAS
DE O NACIONAL E DIÁRIO DA MANHÃ (1947) 257

Luiz Alfredo Fernandes Lottermann

9. A METRÓPOLE E A VILA:

DOIS OLHARES SOBRE A EMANCIPAÇÃO DE MARAU 279

Andersson Catani

PARTE IV

IMAGINÁRIOS, JORNALISMO E DISCURSOS

10. PODER E FAIT DIVERS:

O IRRECUPERÁVEL NO JORNALISMO PASSO-FUNDENSE 301

Bibiana de Paula Friderichs

11. PEC DA MAIORIDADE PENAL:

UMA ANÁLISE DA COBERTURA JORNALÍSTICA PELOS JORNAIS
PASSO-FUNDENSES *DIÁRIO DA MANHÃ* E *O NACIONAL* 327

Fernanda Leticia R. Algayer

Maria Joana Chiodelli Chaise

12. A CONTENDA DOS IMAGINÁRIOS NO JORNAL *CADAFALSO*:

O CASO DO ARTIGO “SAPATEANDO NA BOSTA DO
20 DE SETEMBRO” 349

João Vicente Ribas

PARTE V

PERIÓDICOS, COTIDIANO E FONTES

13. “ELE TEM UMA INFORMAÇÃO DE FONTE SEGURA”

ENTREVISTA COM IVALDINO TÁSCA
POR FABIANA BELTRAMI 377

SOBRE OS AUTORES E AUTORAS 415

APRESENTAÇÃO

O uso da imprensa como fonte nos últimos anos tem se mostrado um verdadeiro manancial para a produção de conhecimento. Repositório de ideias e cultura, nela encontramos dados sobre a sociedade e como viveram nossos antepassados, revelando questões que perpassam desde os seus usos e costumes, como informes sobre temas políticos e econômicos. Dessa forma, a adoção da imprensa como aporte analítico pelos pesquisadores revela a riqueza dessa abordagem, refletindo um campo de pesquisa mais amplo e coletivo, expandindo os horizontes para novas reflexões e problemáticas sobre contextos específicos.

Ao mesmo tempo, conforme Tania Regina de Luca (2014, p. 116), a imprensa periódica, como fonte primária para pesquisas, deve ser entendida não como um receptáculo de informação, mas como uma peça documental que traz em si um amplo espectro de elementos socioculturais do momento em que foi produzida. Do mesmo modo, Cláudio Pereira Elmir (1995, p. 7) atenta para o fato de a imprensa não informar a história, simplesmente. Devemos ter em mente que o jornal carrega consigo a subjetividade de quem o produziu, bem como os interesses aos quais o jornal está vinculado. Nas palavras de Maria Helena Capelato (1988, p. 24), é necessário questionar a imagem da “imprensa espelho fiel da realidade”, o que implica em um trabalho de reconstituição do real em suas múltiplas facetas.

Assim, elencando a possibilidade da utilização dos periódicos como objeto de estudo, compreendemos o papel importante da imprensa enquanto instrumento de manipulação de interesses e intervenção na vida social. Sob tal perspectiva, somos impelidos a reconhecer que, longe de ser um mero veículo neutro dos acontecimentos, o jornal, enquanto fonte para análise, carrega consigo características para o enriquecimento do processo histórico, fazendo parte da realidade político-social à qual está inserido.

Na cidade de Passo Fundo, há mais de 130 anos, o cotidiano é registrado nas páginas dos jornais. Desde 1890, os argumentos ideológicos, as ideias e os valores culturais dos diretores, editores e jornalistas dividem as páginas com a narrativa de fatos e relatos do cotidiano social. O que percebemos de lá para cá é que a imprensa escrita passou por diferentes transformações, chegando, nos dias de hoje, às plataformas digitais.

Assim, a publicação do segundo volume da coleção *Passo Fundo: Estudos Históricos - História e Imprensa* tem por objetivo reunir textos que tenham como objeto de estudo a história da imprensa e por meio da imprensa. A partir das pesquisas aqui apresentadas, buscamos resgatar a historicidade que envolve a imprensa escrita em Passo Fundo, instigando, assim, a discussão e a divulgação de estudos e de vivências jornalísticas que fizeram parte do contexto político, social e econômico do município.

Esta obra representa um resgate da memória da imprensa jornalística passo-fundense. É um convite à reflexão sobre o papel desse veículo de comunicação em nossa sociedade e seu papel no que tange a história local. Sem dúvidas, o seu lançamento servirá como provocação para a produção de conhecimento científico e cultural sobre o estudo da imprensa em consonância ao resgate da história do município. Igualmente, ao promover as pesquisas e apresentar seus resultados na forma de artigos, o livro contribui de maneira ímpar para o incentivo à

preservação e à divulgação de diferentes acervos e antigos jornais passo-fundenses. Desse modo, torna-se evidente reconhecer que o empenho dos pesquisadores e colaboradores para a publicação desta obra presenteiam a comunidade com um trabalho valioso que, certamente, lança novas indagações e perspectivas sobre a nossa própria história.

O conjunto de textos aqui apresentado está estruturado em cinco partes temáticas. A primeira delas é composta por artigos que abordam questões acerca das lutas políticas e relações de poder quanto à imprensa. Já a segunda trata da discussão das inserções e narrativas nos impressos. A terceira parte, por sua vez, abrange investigações que perpassam as disputas e visões desencadeadas dentro do campo político em diferentes contextos; enquanto a quarta parte busca englobar debates que envolvem os discursos e os imaginários. Enfim, a última parte da obra traz um compilado de informações, reunindo uma entrevista realizada com o jornalista Ivaldino Tasca e uma relação de fontes da imprensa jornalística de Passo Fundo.

No primeiro capítulo, “*O coronel e os prelos: relações entre imprensa e política em Passo Fundo (1890-1917)*”, Cristiane Indiará Vernes Miglioranza aborda a ligação entre a trajetória de Gervasio Lucas Annes e a imprensa. Responsável por instituir o primeiro jornal passo-fundense, em 1890, o coronel Lucas Annes contribuiu para a interiorização tanto da ideologia castilhista quanto da prática jornalística por meio das três folhas republicanas editadas por ele: *Echo da Verdade*, 17 de Junho e *O Gaúcho*.

Em “*Primórdios da imprensa em Passo Fundo*”, Heleno Alberto Damian apresenta, por meio de fontes inéditas e pouco exploradas, um panorama histórico da imprensa jornalística passo-fundense no início do século XX, servindo como importante subsídio para compreendermos o contexto histórico que envolveu os jornais da época. No capítulo “*O interventor Flores da Cunha e a relação com Passo Fundo e região (1930-1937)*”, Alexandre Aguirre analisa o governo de Flo-

res da Cunha e as relações político-administrativas com o município de Passo Fundo e a região Norte do Rio Grande do Sul, utilizando como fonte as páginas do jornal passo-fundense *O Nacional*, entre os anos de 1930 e 1937. Os estudos realizados pelo pesquisador contribuem de forma significativa para a compreensão dos embates na arena política regional e local no período analisado.

Inaugurando a segunda parte da obra, o capítulo *“A fotografia na imprensa em Passo Fundo, de 1890 a 1940”* revela os resultados da pesquisa realizada pela autora Fabiana Beltrami da Silva. No decorrer do texto, somos provocados a refletir como a imagem também conta, narra e tem sua importância enquanto promotora de informação nas páginas dos jornais. Assim, a pesquisadora aborda o papel do fotojornalismo local e nos faz conhecer as imagens que fizeram parte dos jornais de Passo Fundo nos primeiros cinquenta anos da imprensa da cidade.

As pesquisadoras Aléxia Lang Monteiro e Raíssa Gehring Ulrich, em *“Lágrimas e prantos: o morrer em Passo Fundo pelas páginas dos jornais”*, abordam como a morte foi retratada na imprensa local a partir dos necrológios e obituários presentes nos jornais investigados. Para isso, as pesquisadoras utilizaram como fonte primária os periódicos *O Gaúcho*, *A Voz da Serra*, *A Época*, *O Nacional*, *Diário da Manhã*, além de outros de menor vulto. Com o artigo, somos levados a refletir como a morte é representada e apresentada, demonstrando como a imprensa pode nos servir enquanto uma fonte potencial para estudarmos essa temática ainda pouco explorada. Por sua vez, Otavio José Klein, em sua pesquisa *“Jornais comunitários em Passo Fundo”*, apresenta um estudo sobre os jornais de organizações sociocomunitárias de Passo Fundo, tendo como objetivo apresentar o contexto dos jornais comunitários, assim como quais foram os processos e práticas comunicacionais ali inseridos.

Benhur Jungbeck introduz a terceira parte do livro com o capítulo *“Perigo Iminente: uma leitura da II Guerra Mundial nas páginas da*

imprensa passo-fundense”, no qual analisa as notícias veiculadas pelos periódicos passo-fundenses *O Nacional* e *Diário da Manhã* durante a Segunda Guerra Mundial, tendo como objetivo observar a movimentação da sociedade regional em relação ao conflito e trazer à luz do debate quais eram as informações difundidas pela imprensa local em face da situação internacional. Em “*A cidade em disputa: propostas e programas eleitorais nas páginas de O Nacional e Diário da Manhã (1947)*”, Luiz Alfredo Fernandes Lottermann parte das mesmas fontes: os jornais *O Nacional* e *Diário da Manhã*, mas agora para entender as propostas e programas eleitorais apresentados pelos candidatos e partidos políticos no município de Passo Fundo, na primeira disputa para a Prefeitura Municipal, após a ditadura do Estado Novo, em 1947. Assim, o autor elucida em seu texto quais os principais pontos de discussão entre as candidaturas que disputavam o poder local, bem como as estratégias para a conquista do eleitorado no município.

Finalizando esta parte, em “*A metrópole e a vila: dois olhares sobre o mesmo fato*”, Andersson Catani analisa o processo de emancipação do município de Marau em relação ao município-mãe Passo Fundo, tendo como fio condutor a turbulência política no Brasil dos anos 40 e 50. O autor discute a repercussão desse evento na imprensa da época, mais precisamente em dois jornais com posicionamentos distintos: *O Salame* e *O Nacional*, demonstrando como o conflito de informações influenciou os acontecimentos dentro do contexto histórico examinado.

A quarta parte da obra se inicia com o capítulo “*Poder e Fait Divers: o irrecuperável no jornalismo passo-fundense*”, sob autoria de Bibiana de Paula Friderichs. A pesquisa explora aspectos relacionados à linguagem e ao discurso para estudar um episódio em particular: o caso Adriano da Silva, autor confesso da morte de doze meninos, entre 2002 e 2004, na região de Passo Fundo. A investigação parte da análise da primeira notícia publicada no periódico *O Nacional*, em agosto de 2006, tendo como subsídio para interpretação da fonte selecionada

categorias e aportes que perpassam pelo Método Dialético Histórico-Estrutural (DHE) e pela técnica metodológica da Semiologia.

Em trabalho conjunto, Fernanda Letícia R. Algayer e Maria Joana Chiodelli Chaise pesquisam, em seu artigo “*PEC da maioria penal: uma análise da cobertura jornalística pelos jornais passo-fundenses Diário da Manhã e O Nacional*”, o tratamento concedido pelos jornais impressos passo-fundenses *Diário da Manhã* e *O Nacional* quanto à aprovação, pela Câmara dos Deputados, da Proposta de Emenda à Constituição da maioria penal, ocorrida no ano de 2015. Para tanto, foram analisadas quatorze matérias objetivando descobrir como os referidos veículos abordaram o tema, driblando a limitação plasmada na distância geográfica do local do acontecimento, qual seja, Brasília.

O capítulo escrito por João Vicente Ribas “*A contenda dos imaginários no jornal Cadafalso: o caso do artigo ‘Sapateando na bosta do 20 de setembro’*”, refere-se à publicação do texto “Sapateando na bosta do 20 de setembro”, no jornal passo-fundense *Cadafalso*, no ano de 2005, o qual gerou grande repercussão e ocasionou debates polêmicos, além de uma ação na justiça proposta pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG). Por meio de uma narrativa envolvente, o autor reconstrói os fatos que fizeram parte de tal episódio e busca relatar, amparado em entrevista, documentos e memórias, a versão dos jornalistas.

A parte final da obra nos presenteia com uma entrevista realizada com um dos jornalistas mais atuantes em Passo Fundo e no estado: Ivaldino Tasca. Entrevistado pela jornalista Fabiana Beltrami, com colaboração de Camila Pellin, em agosto de 2020, Tasca conta sua trajetória na imprensa, na política e discorre sobre as mudanças que marcaram o jornalismo em seus mais de cinquenta anos de profissão.

Em suma, esta apresentação não dá conta da proficuidade dos textos aqui apresentados, contudo, espero que este breve panorama tenha servido para instigar a leitura. Desejo que a mesma incentive a reflexão acerca da história coletiva passo-fundense e renove as concep-

ções sobre o uso da imprensa enquanto fonte para o fazer historiográfico. Boa leitura!

*Waleska Gaspar*¹

Primavera de 2020.

REFERÊNCIAS

CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

LUCA, Tania Regina de. “A história dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. 2º Ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 111-153.

ELMIR, Cláudio Pereira. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. *Cadernos de Estudo*. Porto Alegre: PPGH/UFRGS, n. 13, 1995.

¹ Mestre em História pela Universidade de Passo Fundo, atuando principalmente nas áreas de História Política e História e Imprensa. E-mail: gasparwaleska@gmail.com.

A Primeira República no Rio Grande do Sul foi marcada pela existência de distintos tipos de relações entre os poderes local e estadual. Frutos de processos históricos, elas envolveram disputas e interesses econômicos de diferentes regiões do estado. De cunho coronelista, representaram uma forma peculiar de manifestação do poder privado, a partir da qual se deram trocas de proveitos entre o poder público e os chefes locais. Desse compromisso resultaram características secundárias, como o mandonismo, o filhotismo – ou apadrinhamento –, o falseamento do voto, a desorganização do serviço público local, entre outras (LEAL, 1975). No caso da região do Planalto Médio, um desses poderosos foi Gervasio Lucas Annes.

Gervasio Annes nasceu em Cruz Alta, Rio Grande do Sul, no dia 10 de abril de 1853. Em 1870, transferiu-se para Passo Fundo para assumir um cargo na Coletoria Estadual. Nessa época, estava engajado no Partido Conservador, do qual foi chefe local até meados de 1889. Em 28 de março de 1878, casou-se com Etelvina Schell de Araújo, de família tradicional na cidade, com quem teve os filhos Armando (intendente e prefeito de Passo Fundo em três legislaturas¹), Branca, Antenor, Morena, Herculano (advogado e jornalista, fundador do jornal *O Nacional*) e Gervasio (que também ocupou cargos no Executivo local, foi delegado de polícia, comerciante e presidente do Hospital da Cidade). Em 1906, viúvo, casou-se com Ambrosina Pinto de Mo-

¹ Intendente de 16 de novembro de 1924 a 16 de novembro de 1928; prefeito nomeado de 21 de outubro de 1932 a 3 de dezembro de 1934, pelo Partido Republicano Liberal (PRL); prefeito eleito para o mandato de 1º de dezembro de 1947 a 1º de janeiro de 1952, pela União Democrática Nacional (UDN).

rais Silveira, viúva do Major Osório de Moraes Silveira, com quem teve a filha Lourdes (ANNES, 2005).

Com a mudança política em marcha no país, Annes constituiu, em 1889, o Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) em Passo Fundo, do qual foi chefe até 1917. Em 24 de abril de 1890, instituiu o primeiro jornal passo-fundense, o *Echo da Verdade*. Para a



*Retrato do cel. Gervasio Lucas Annes.
Acervo do Museu Histórico Regional (UPF-PMPF).*

empreitada, contou com a colaboração de muitos partidários, característica que também se estendeu aos dois outros jornais locais do PRR, fundados posteriormente. Em 1891, tomou posse na Assembleia dos Representantes do Rio Grande do Sul, eleito por quatro anos. Gervasio Annes participou da discussão e da votação da Carta de 14 de Julho, a Constituição do Estado do Rio Grande do Sul. Com o afastamento de Julio de Castilhos da presidência do estado pela ascensão da dissidência republicana – período alcunhado pelos castilhistas de “governicho”² –, o *Echo da Verdade* suspendeu suas edições. Em 1893, Gervasio Annes passou a dirigir o semanário substituto do *Echo*: “inti-

² Apoiador de Deodoro da Fonseca à presidência da República, Castilhos enfrentou a dissidência dos quatro deputados do PRR que votaram em Prudente de Moraes: Assis Brasil, Manuel da Rocha Osório, Alcides Lima e Vitorino Monteiro. Juntamente com Ramiro Barcelos e com o próprio Castilhos, Assis Brasil integrava a comissão incumbida em 1890 de elaborar o projeto da Constituição Estadual. No entanto, Castilhos foi o redator quase que exclusivo do texto aprovado em 14 de julho de 1891, em que a autoridade legal do presidente do estado equivalia à de um ditador. Iniciou-se um período de instabilidade política, encabeçada tanto pelos opositores quanto pelos dissidentes do PRR. Em novembro de 1891, a oposição gaúcha liderada por Joca Tavares depôs Castilhos, anulando a Carta de 14 de Julho e derrubando os governos municipais. Iniciou-se o período chamado pejorativamente pelos castilhistas de “governicho”, uma sequência de juntas governativas e governantes provisórios que se alternariam no poder do estado até junho de 1892 (SILVA, [200?]).

tulado *17 de Junho*, apareceu em Passo Fundo o jornal outrora publicado ali sob o título de *Echo da Verdade*.³

Em 31 de agosto de 1893, Annes foi nomeado coronel-comandante da Guarda Nacional de Passo Fundo e passou a coordenar e comandar o contingente legalista local na Revolução Federalista (1893-1895). Ferido no Combate do Boqueirão⁴, recolheu-se a Porto Alegre sem, contudo, perder a direção da força republicana passo-fundense. No dia 16 de novembro de 1893, foi nomeado intendente municipal, exercendo o cargo de vice em 1896 e 1904. Voltou a ser intendente em 1908. Foi novamente vice em 1912 e em 1916, falecendo durante o exercício do cargo, no ano seguinte. Em 11 de março de 1899, foi fundado *O Gaúcho*, órgão do PRR de maior longevidade em âmbito local, do qual Gervasio Annes também foi redator político. Em 1901, ano em que mudou-se para a capital para assumir cadeira na Assembleia dos Representantes, o jornal sofreu uma interrupção. A chefia do PRR local passou temporariamente a uma comissão executiva, que renunciou em 1902, levando à volta do coronel a Passo Fundo, após requisição de seus partidários. Retomadas as atividades políticas do PRR local, trabalhou para o retorno de *O Gaúcho*, que só ocorreu em 1905.

O coronel Gervasio faleceu no dia 4 de abril de 1917. Em sua homenagem, foi inaugurado, em 28 de fevereiro de 1921, um busto na Praça Tamandaré. A solenidade teve discursos de Antonino Xavier e Oliveira, de Heitor Pinto da Silveira e de Herculano Annes, enteados e

³ *A Federação*, Porto Alegre, ano X, n. 129, 7 jun. 1893. Acervo do Repositório Digital da Biblioteca Nacional.

⁴ O Combate do Boqueirão foi o primeiro dos encontros bélicos de proporções maiores ocorridos em Passo Fundo (MONTEIRO, 2006). Ocorrido em 4 de junho de 1893, o confronto, conforme GEHM (1982a), não durou mais do que meia hora, deixando um saldo de 25 federalistas mortos no confronto, seis na retirada, além de um elevado número de feridos. Por outro lado, os republicanos tiveram três mortos e dez feridos. Já Prestes Guimarães oferece números diferentes: nove mortos e três feridos, entre os federalistas, e três mortos e um número ignorado de feridos entre os vencedores (PRESTES GUIMARÃES, 1987).

filho de Gervasio Annes. O evento contou com a cobertura jornalística do correspondente de *A Federação*.⁵

Em Passo Fundo, Gervasio também integrou a Loja Maçônica Concórdia III, em 1876, ano em que foi fundada. Subordinada ao Grande Oriente do Brasil (GOB)⁶, a Concórdia III contava com 50 sócios em 1877, entre eles, muitos correligionários republicanos, como Cândido Lopes de Oliveira, José Pinto de Moraes e Francisco Marques Xavier Chicuta. A maçonaria abriu-lhes muitas portas, já que as relações entre a ordem e a política fez com que seus integrantes, recrutados entre as elites social e econômica, participassem ativamente das relações privatizantes do poder (COLUSSI, 1998). Além do apoio dos maçons e da confiança do chefe republicano de Cruz Alta, José Gabriel de Silva Lima, Annes possuía boas relações com Julio de Castilhos e Borges de Medeiros.

A nomeação de Gervasio Annes como coronel-comandante superior da Guarda Nacional da Comarca se deu pelo Decreto n. 391, de 31 de agosto de 1890 (NASCIMENTO; DAL PAZ, 1995). Seu poder como coronel dominante⁷ se consolidou com o engajamento no Partido Republicano Rio-Grandense (PRR). Com trajetória semelhante a de Julio de Castilhos (líder do PRR, advogado, jornalista e chefe político), Annes detinha uma das duas bancas de advocacia da cidade (Antonio Ferreira Prestes Guimarães, seu desafeto, possuía a

⁵ *A Federação*, Porto Alegre, ano XXXVIII, n. 48, 28 fev. 1921. Acervo do Repositório Digital da Biblioteca Nacional.

⁶ Mesmo as lojas maçônicas do norte gaúcho estando, em sua maioria, vinculadas ao Grande Oriente do Rio Grande do Sul (Gorgs), fundado em 1893 pelo grupo político que seguia o positivismo castilhista, a loja Concórdia III de Passo Fundo, por ser anterior, seguiu filiada ao GOB.

⁷ Devido à rivalidade entre os dois partidos políticos, Prestes Guimarães é considerado a outra ponta do coronelismo local. O major e depois general da Revolução Federalista Antônio Ferreira Prestes Guimarães chefiou o Partido Liberal e o Partido Republicano Federalista em Passo Fundo. Neto do cabo Manoel José das Neves, um dos primeiros moradores da então vila, ocupou o cargo de vice-presidente da Província durante o Império, vindo a ser presidente interinamente de 25 de junho a 7 de julho de 1889.

outra, sendo ambos rúbulas⁸), a editoria do único jornal em circulação e a autoridade incontestada entre os republicanos locais. Sua posição de coronel pressupunha – e fazia existir – uma organização baseada nas ideias de lealdade e obediência vinculadas à tradição gaúcha e desenvolvida em dois níveis: dos agregados, capangas e demais dependentes em relação ao coronel; do coronel para com o presidente do estado (FÉLIX, 2007).



Políticos Locais. Em pé da esquerda para direita: João Bodanésio de Almeida; Angelo Pretto; Claro Pereira Gomes (Clarinho); Anibal da Silva Lemos; Eugenio Franco Di Primio genro de Gervásio; e sentados da esquerda para direita: Gabriel Bastos, Pedro Lopes de Oliveira (Cel. Lolico); Gervasio Lucas Annes; Francisco Antonino Xavier e Oliveira. Fotografia de autoria desconhecida, década de 1910. Acervo do Museu Histórico Regional (UPF-PMMPF).

Como apoiadores de maior peso, contava com os coronéis Pedro Lopes de Oliveira (coronel Lolico) e Francisco Marques Xavier Chicutá, com seus irmãos Gezerino e Gasparino Annes, com Cândido Lo-

⁸ Advogado provisionado que, não possuindo bacharelado em Direito, obtinha a autorização da entidade de classe (na época, o Instituto dos Advogados) para exercer a postulação em primeira instância.

pes de Oliveira, com Lucas Oliveira de Araújo, e com o delegado Antônio Manoel de Araújo⁹. O grupo era formado por proprietários de terras, comerciantes, militares, advogados e farmacêutico/médico homeopata. O cargo de delegado era mais um dos concedidos por meio do tráfico de influências que enredava autoridades públicas, abastados locais e lideranças religiosas na troca de suporte e lealdade ao governo estadual por benefícios em contratos de negócios, privilégios jurídicos e elogios via imprensa. O contrário ocorria com os membros da facção antagonista, perseguidos pelas autoridades públicas e pelos jornais alinhados (AXT, 2007).

A superioridade de uma facção sobre as outras se assentava na observação de alguns passos na luta pela posição de líder, iniciando com a fundação de um clube político, batizado usualmente com o nome de algum partidário de destaque (AXT, 2007). O Clube dos Tocos de Vela¹⁰, primeira agremiação republicana passo-fundense, surgiu na década de 1870 e, em sua origem, não tinha vínculos com o PRR. Posteriormente, surgiu o Clube Pinheiro Machado¹¹, cujo contraponto

⁹ Nomeado delegado em 1892. Integrava a Guarda Republicana Passo-Fundense, a “Treme-Terra”, e também detinha a patente de tenente-coronel. Irmão de Lucas de Araújo. A truculência de Antônio de Araújo no exercício da repressão não apenas policial, mas política, foi apontada por Prestes Guimarães, que o descreveu como “pouco criterioso” e “um pequeno tirano”, com costume de torturar e extorquir rivais do PRR com a aquiescência de Gervasio Annes e da cúpula republicana local (PRESTES GUIMARÃES, 1987, p. 18).

¹⁰ Jovens alunos do professor Eduardo Augusto de Souza Britto, cuja escola funcionava em um prédio da Maçonaria, na esquina das ruas Dez de Abril e Paissandu. Se reuniam clandestinamente para debater o ideário republicano inspirado pelos Estados Unidos da América. Suas reuniões ocorriam à luz de velas, na ferraria de Thomas Canfield (filho de imigrante estadunidense homônimo estabelecido na cidade de Passo Fundo), o que levou ao apelido desdenhoso, reduzido para “Tocos” (XAVIER E OLIVEIRA, 1990b). Tinha como integrantes Francisco Prestes, Manoel Araújo Schell, Pedro Pereira dos Santos, Affonso Caetano de Souza, Fidêncio Pinheiro, Fernando Zimmermann, Irineu Lewis, José Savinhone Marques Sobrinho e Lúcio Martins Moraes (PARIZZI, 1983). Apesar da pouca expressividade, o clube contava com o apoio do major honorário Lucas de Araújo, dissidente do Partido Liberal, e foi arregimentado pelo PRR dos ex-conservadores.

¹¹ Fundado em 16 de março de 1904 e batizado em homenagem ao senador José Gomes Pinheiro Machado, seu presidente honorário. Com o lema “Um por todos, todos por um”, teve Affonso Caetano de Souza como primeiro presidente efetivo, Affonso Gabriel de Oliveira Lima como secretário, Claro Pereira Gomes como tesoureiro e Francisco Antonino Xavier e

era exercido pelo Clube Federalista (XAVIER E OLIVEIRA, 1990a). No caminho para a liderança política, o segundo passo era a cotização dos correligionários para a fundação de um jornal com fins de propaganda e combate aos adversários. Cabia ao coronel a maior cota do investimento (AXT, 2007). Em Passo Fundo, os três jornais republicanos foram derivações um do outro e, por isso, utilizaram os mesmos prelos e tipos gráficos. Por sua vez, os federalistas passo-fundenses não organizaram jornal próprio.



Registro de atividade no interior do Clube Pinheiro Machado por volta de 1916. Identificados, da esquerda para a direita, sentados: Joaquim Pedro Daudt, Mário de Lemos Braga, Nicolau Araújo Vergueiro, Gervasio Lucas Annes, Brasilico Lima, Fernando Carvalho e Jovino da Silva Freitas. Em pé: José Zacharias dos Santos, Eduardo Crossetti, Jacyntho Pereira Gomes, José Dario de Vasconcellos, Candido Marques da Rocha, La Hire Guerra, Pedro Lopes de Oliveira, Renato Sá Britto, Antonio Machado Cornélio, Arthur ou Adriano Dandreaux e Julio Muller. Autor não identificado, fotografia do acervo pessoal de Frederico Cornélio Daudt.

Oliveira como orador. Funcionava no salão do Clube Amor à Instrução, que também servia de local para as oficinas de O Gaúcho (GEHM, 1982 a).

O PRR E A PRIMEIRA IMPRENSA PASSO-FUNDENSE

Em Passo Fundo, o Partido Republicano Rio-Grandense foi fundado em junho de 1889, após a queda do ministério conservador de João Alfredo. Seguindo as diretrizes traçadas pelo PRR em seus congressos, Gervasio Annes estabeleceu, em 24 de abril de 1890, o semanário *Echo da Verdade*, fiel ao programa castilhistas. O jornal trazia logo abaixo do título a divisa “Orgam do Partido Republicano” e seguia o padrão de *A Federação* (1884-1937), com editoriais políticos na primeira página, notícias gerais, editais, folhetins e reclames nas demais.



Prédio situado na Rua Paissandu, esquina com a Rua 15 de Novembro, onde teria funcionado a oficina de impressão jornal Echo da Verdade. Na foto, vê-se o prédio em destaque, local onde também funcionou a primeira Delegacia de Ensino de Passo Fundo. Fonte: Passo Fundo: memória e fotografia, 1999, p. 67.

A tipografia do *Echo da Verdade* também prestava serviços de impressão a terceiros. Seu diretor era o coronel Gervasio, que contava com a colaboração de Cândido Lopes de Oliveira, Gabriel Bastos, Gasparino e Gezerino Lucas Annes, entre outros, inclusive os Tocos

de Vela. O periódico, assim como os demais de sua época, praticava o anonimato. Nas edições analisadas aparecem informações creditadas a “um honrado cidadão deste município” ou, simplesmente, à “colaboração”. Xavier e Oliveira (1990c)¹² relata que o jornal era distribuído aos domingos por seu gerente, Manoel Francisco de Oliveira, após tarefa de impressão que exigia 20 movimentos por folha, “feita em prelo tão pesado e antigo que parecia remontar ao tempo de Gutenberg”:

[Trazia as notícias da semana,] de ordinário poucas, o artigo de fundo e a colaboração, na qual, com pseudônimos, se expandiam o mencionado Gezerino, sempre impagável nas suas críticas, Antônio Manoel de Araújo, Saturnino Vítor de Almeida Pilar e Antônio José Pereira Bastos, este em versos poéticos que se tornaram célebres na terra pela sátira formidável que atiravam ao adversário (XAVIER E OLIVEIRA, 1990c, p. 178).

Na gestão da dissidência republicana, o *Echo da Verdade* sofreu uma interrupção. Retornando em 1892 para dar publicidade ao assassinato do coronel Chicuta¹³, ocorrido em 18 de junho, um dia após o PRR ser reconduzido ao governo. Naquele ínterim, o coronel exercia provisoriamente a chefia do PRR local enquanto Gervasio Annes estava em Porto Alegre. Convém destacar que correu pela vila o boato de que o mandante do crime seria Prestes Guimarães e que Chicuta teria sido executado por seu genro, Roberto D’Aguillar, e por seu cunhado, Jorge Sturm Filho. O chefe federalista respondeu, em um manifesto mimeografado, que a morte de Chicuta foi um “incidente”:

¹² Xavier e Oliveira também foi um dos proprietários e um dos chefes de redação de *O Gaúcho*.

¹³ Francisco Marques Xavier Chicuta nasceu em 9 de outubro de 1836, em São Luiz, Comarca de Curitiba. Com 7 anos, mudou-se com a família para Passo Fundo. De carreira militar, foi nomeado alferes em 11 de outubro de 1864, ascendeu a tenente-quartel-mestre no 5º Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional da Comarca e participou da Guerra do Paraguai, sendo promovido, em 22 de junho de 1860, a major do Exército. Em 5 de março de 1891, tornou-se tenente-coronel. Liberal dissidente, converteu-se republicano após 1889.

Foram, com efeito, detidos vários cabecilhas¹⁴ nas primeiras horas da manhã de 18, mas o coronel Xicuta [*sic*], entusiasmado com o telegrama dos chefes, que tinha no bolso, opôs temerária resistência, fazendo uso de uma arma de fogo, pistola, que trazia à cinta, e correndo depois a cavalo por uma das ruas paralelas a do Comércio, foi surgir, perseguido, em frente ao quartel da polícia, na ala sul da mencionada rua, onde, saindo de dentro uma praça policial armada, ajoelhou-se e desfechou tiro certo na pessoa que ia correndo adiante. Essa pessoa era, infelizmente, Xicuta... que caiu morto, ferido por uma bala na cabeça (PRESTES GUIMARÃES, 1987, p. 15).

Nada obstante, o acontecimento causou um alvoroço. Os federalistas se prepararam para um possível revide republicano. A volta do PRR local ao poder era questão de tempo, uma vez que na capital e em Cruz Alta os castilhistas já haviam retomado o controle. Prestes Guimarães, então no comando do governo municipal, resolveu entregar pacificamente o cargo a Gervasio Annes e seus correligionários. Renunciou em 26 de junho, após receber a garantia de que o município seria entregue a uma junta governativa mista, composta por três federalistas e três republicanos. Dias depois, o coronel Gervasio Annes retornou à cidade, com o apoio do tenente-coronel Pinto de Moraes e do coronel Lolico. Nesse sentido, eles reuniram em Passo Fundo um corpo republicano, o Batalhão Julio de Castilhos, guarda que viria a ser apelidada de “Treme-Terra”¹⁵. Depois de dissolvida a força federalista em Passo Fundo, foi a vez de Palmeira das Missões e de Soledade, dando início a um novo período de domínio dos republicanos.

¹⁴ Integrantes do PRR em Passo Fundo. Termo documentado pela primeira vez no folheto mimeografado e distribuído pelo chefe federalista. Designa o chefe de um bando, um caudilho.

¹⁵ Seu comandante era o professor dos Tocós de Vela, Eduardo de Britto. Sua sede era o prédio do Clube Amor à Instrução, que também serviu a outras agremiações ligadas ao PRR. Possuía efetivo fixo de 80 homens, com idades e classes variadas, armados com pistolas Ménière e com algumas raras Comblains e Remingtons, de tiro rápido (GEHM, 1982 b).

Segundo memorialistas locais, o *Echo da Verdade* deixou novamente de circular após o início da Revolução Federalista, em fevereiro de 1893, quando os esforços foram direcionados não ao combate via tipos gráficos, mas pelas armas. Retornou como *17 de Junho*, jornal que, ao que tudo indica, ficou pouco tempo em circulação.

A REVOLUÇÃO FEDERALISTA (1893-1895)

Afastado do governo do Rio Grande do Sul em 1891 pela dissidência liberal, Julio de Castilhos retornou ao poder em 17 de junho de 1892. Em contrapartida, no mesmo ano, o Partido Republicano Federalista (PRF) foi fundado pelo recém-retornado do exílio Gaspar da Silveira Martins¹⁶ e defendia o sistema parlamentarista e a revisão constitucional da Carta de 14 Julho, que, inspirada no positivismo comtiano, sustentava o resguardo da autonomia estadual, a evolução do serviço público através de uma burocracia tecnicista e o presidencialismo.

Assim, iniciou-se uma acirrada perseguição aos gasparistas, muitos deles forçados ao êxodo para o Uruguai. Entre junho de 1892 e fevereiro de 1893, cerca de 10 mil pessoas cruzaram a fronteira (RECKZIEGEL, 2002). Quando restaurado o governo do PRR, os federalistas passo-fundenses articularam reuniões no município, em Soledade e Palmeira das Missões com o objetivo de manter os republicanos afastados do poder. Percebendo que não seria possível sem uma insurreição, angariaram recursos no comércio e homens nas propriedades rurais. O lado republicano tinha como lideranças principais os coronéis Gervasio e Lolico, os capitães Francisco Brizola, Eleuthério dos Santos e Antônio “Chachá” Pereira, e o tenente-coronel Francisco

¹⁶ Ex-chefe liberal e chefe federalista. Seus seguidores eram denominados federalistas, libertadores, vira-bostas, gasparistas ou maragatos. Eram frontalmente opostos aos seguidores de Castilhos, chamados de castilhistas, legalistas, pés-chatos ou pica-paus.

Bier. Do lado federalista, as principais lideranças eram o general Prestes Guimarães, os coronéis Veríssimo Ignacio da Veiga, José Borges Vieira, Pedro Bueno, Eliziário Prestes e Francisco dos Santos Teixeira Vaz, os capitães Theodoro Ignácio da Veiga e Silvio Alves de Rezende; e com a coluna Gomerindo Saraiva¹⁷, o general Luiz Alves de Oliveira Salgado e os coronéis Aparício Saraiva e Ângelo Dourado (MONTEIRO, 2006).

Prestes Guimarães organizou uma resistência em Nonoai, então distrito do município de Palmeira. Na localidade de Passo do Carneiro, recebeu um telegrama das mãos do coronel federalista palmeirense Ubaldino Machado. A mensagem, telegrafada por Silva Lima, chefe republicano de Cruz Alta e mentor de Gervasio Annes, dava-lhe garantias de vida caso retornasse a Passo Fundo. Não crendo nas palavras, Prestes Guimarães seguiu para Palmas, no Paraná. Em seu manifesto, escreveu que preferiu a incerteza da fuga a retornar à cidade em que “uma malta de salteadores” vinda de Misiones, na Argentina, com Pinheiro Machado, promovia “tropelias, roubos e assassinatos” (PRESTES GUIMARÃES, 1987).

Conforme Alceu Annes (2005), no primeiro ataque federalista a Passo Fundo, no inverno de 1893, Gervasio estava acamado com uma crise de gota e a cidade, desguarnecida. O coronel e a família teriam fugido assim que receberam a notícia de que uma tropa federalista estava a caminho. Gervasio teria sido enrolado em cobertores e amarrado sobre o cavalo. A retirada dramática do coronel foi contestada por Monteiro (2006). Segundo o autor, a força federalista, comandada por Eliziário Prestes e José Antonio de Souza, dominou Soledade, partindo em seguida para Passo Fundo. No caminho, aderiram ao grupo mais de 600 combatentes sob comando do passo-fundense Amâncio de Oliveira Cardoso. Na chegada, encontraram a cidade protegida por

¹⁷ A coluna federalista de Gumerindo Saraiva deslocou-se sobre três estados da Federação, consagrando o chefe como “Napoleão dos Pampas” (SILVA, 2013).



Coronel Gervasio Lucas Annes comandando o 112º Corpo Provisório Republicano, em 18 de julho de 1893. Acervo do Museu Histórico Regional (UPF-PMMPF).

400 homens, sob o comando de Gervasio Annes e do capitão Eleutério dos Santos. Devido à superioridade federalista, os dois teriam optado por não oferecer resistência.

Os republicanos partiram para Cruz Alta no dia 30 de maio. No entanto, o domínio federalista durou pouco. No dia 4 de junho, os cerca de mil homens reunidos pelo PRF na cidade foram batidos pela força republicana comandada por Gervasio e Eleutério, com reforço dos legalistas de Cruz Alta. Com a retomada da cidade pelos republicanos, em 4 de junho de 1893, a “Treme-Terra” teve seu batismo no Combate do Boqueirão (MONTEIRO, 2006, p. 21). A cavalaria federalista sofreu considerável perda, causada pela fuzilaria de Gervasio e Eduardo de Britto.

Em 20 de novembro de 1893, foi travado o Combate do Arroio Teixeira, ou Combate do Guamirim, com vitória dos federalistas e fuga em massa dos republicanos. Um revide republicano malsucedido

ocorreu em 20 de dezembro, quando um piquete castilhistas, sob as ordens do capitão Francisco Brizola, atacou o reduto federalista instalado às margens do Passo do Cruz. O piquete acabou rechaçado em direção a Cruz Alta. Em 1º de janeiro de 1894, o coronel Silva Lima, de Cruz Alta, comandou, com o auxílio de Gervasio Annes e do coronel João David Ramos, uma expedição com cerca de 1,5 mil combatentes. O que ficou conhecido como Combate do Umbu também foi vencido pelos federalistas. Passo Fundo ainda sediou os combates dos Valinhos, ocorrido em 8 de fevereiro; dos Três Passos, em 6 de junho; e a definitiva Batalha do Pulador, em 27 de junho, considerada um dos mais sangrentos confrontos da Revolução.

Com a assinatura do tratado de paz em Pelotas, no dia 23 de agosto de 1895, a Revolução Federalista estava oficialmente terminada. No entanto, encontra-se em *A Federação* um relato que indica que a paz demoraria a ser estabelecida fora da capital:

Por comunicação do intendente municipal de Cruz Alta, consta que no dia 14 último João Ramos, vulgo João do Padre, capitaneando 80 homens, dos quais 20 armados, entrou na cidade do Passo Fundo sem que as forças legais, em virtude do armistício, embaraçassem sua entrada, que efetuou sem perturbação. À saída, porém, nos arredores da cidade, saqueou casas e tirou do leito onde se achava enfermo o distinto republicano Manoel Vieira, que a poucos passos dali mandou degolar, bem como a uns prisioneiros que levava.¹⁸

Sobre as dificuldades de estabelecer a paz entre oponentes após a “revolução da degola”, Prestes Guimarães afirmou:

¹⁸ *A Federação*, Porto Alegre, ano XII, n. 208, 3 set. 1895, p. 2. Acervo do Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria.

Quanto a nós, não acreditamos em paz, senão cimentada no amor, na fraternidade, na liberdade e justiça: porém, campeia o ódio, impera a tirania e vinga em toda a parte o rancor e a iniquidade. Esta não é a república da sedutora propaganda. Que grande **mistificação!** (PRESTES GUIMARÃES, 1987, p. 60, grifo da autora).

Em relação ao embate ideológico, Reckziegel (1999) apresenta um panorama das relações entre a imprensa republicana porto-alegrense e a imprensa uruguaia. Passo Fundo, que durante a Revolução Federalista viu seus prelos entrarem em jejum, seguiu recebendo a influência de *A Federação*. O jornal acusava os federalistas de terem intenções de restaurar a Monarquia e de anexar o Rio Grande do Sul ao Uruguai. A historiadora constatou que a própria imprensa montevideana alimentava a suspeita de separatismo. A estereotipização dos federalistas como foras-da-lei, monárquicos e separatistas foi uma das estratégias para a fixação de um inimigo comum aos governos locais, regional e central. Vê-se em *A Federação*, no artigo intitulado “A fase negra”:

Procuram os srs. Cassal e Demetrio Ribeiro levar ao seio da denominada dissidência republicana a convicção de que são eles os que governam. [...] A verdade notória é que, com a principal responsabilidade de ambos, estão de fato governando a nossa terra os gastos instrumentos da reação monárquica. [...] Ora, no Rio Grande do Sul, a estrutura política é esta: existe a opinião republicana, representada pelo partido político que a corporifica e lhe dá unidade moral, e existe a opinião movediça de umas certas facções, que o bom senso popular mistura sob a bem conhecida denominação de gasparismo, o qual decorre do nome daquele que é o chefe da facção principal ou predominante.¹⁹

¹⁹ *A Federação*, Porto Alegre, ano IX, n. 50, 2 mar. 1892, p. 1. Acervo do Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria.

O primeiro momento em que o discurso do PRR passou a frisar uma equivalência entre partido e regime foi quando, em novembro de 1891, ele se viu desalojado do poder. Durante esse período, Castilhos dedicou-se a atacar o governo revolucionário através de artigos publicados em *A Federação*. A mobilização foi acolhida pelo governo central no Rio de Janeiro, que prestou apoio ao PRR durante a Revolução Federalista, garantindo sua reprodução no poder até o fim da República Velha. A consolidação do órgão oficial do partido como cartilha jornalística para os demais órgãos republicanos do interior foi obtida nesse período (PINTO, 1986).

MESMOS PRELOS, MESMOS OBJETIVOS

Surgido no dia 11 de março de 1899, quatro anos após a Revolução Federalista, *O Gaúcho* foi o mais duradouro veículo de comunicação do PRR em Passo Fundo. No entanto, muitas vezes foi ameaçado com o mesmo fim das demais folhas locais do partido: a efemeridade. O jornal sofreu uma interrupção em 1901 e retomou suas atividades em 1905, sendo editado até 1920. O coronel Gervasio foi um de seus redatores políticos até 1917, ano de sua morte.

Hohlfeldt (2007) evidencia muitas das práticas observadas em *A Federação* e repetidas pelo *Echo da Verdade* e *O Gaúcho*. De acordo com o pesquisador, o período entre 1860 e 1937 – ano em que Getúlio Vargas proibiu os partidos políticos e suas publicações – esteve marcado pelo aparecimento de jornais que introduziram o conceito de empresa jornalística nas tipografias partidárias. O autor afirma que os diretores e editores dessas folhas possuíam consciência da necessidade de atender as demandas do público, divulgando conteúdos para além da questão político-partidária, como folhetins, a pedidos e reclames. Por sua vez, Xavier e Oliveira (1990c) relata que o *Echo da Verdade*, além do artigo de fundo político, publicava poemas de colaboradores

locais, os mesmos autores das folhas literárias *O Palco* (1899) e *A Violeta* (1890). Provavelmente, a prática se repetiu no *17 de Junho*, que, segundo o autor, era o *Echo* apenas rebatizado.

Para se observar a prática jornalística voltada para o receptor em *O Gaúcho* é necessário partir de seu modelo, *A Federação* (1884). O órgão oficial do PRR surgiu com o propósito principal de ampliar a base social do partido pela divulgação de seu ideário. Também tinha a função, não menos relevante, de fazer oposição ao regime monárquico e ao Partido Liberal. Suas páginas se dividiam em capa, com editorial, artigo de fundo, principais acusações políticas aos adversários, editais e comunicados importantes; página dois, com a continuação do artigo de fundo, editais, notícias gerais, reclames e tribuna livre; página três, com reclames, tribuna livre e utilidade pública; e contracapa, com reclames e um capítulo de folhetim.

Nesse contexto, Hohlfeldt (2007) afirma que o debate político-partidário colocou o jornalismo sul-rio-grandense em destaque qualitativo em relação ao praticado no resto do país. Ele aponta que os prelos sulinos forneceram o estopim para ocorrências como a Questão Militar²⁰. Sua análise conclui que os textos eram escritos para serem lidos como um discurso em tribuna, com a dramatização orientada pela pontuação.

A leitura de exemplares de *A Federação* demonstra que o artigo de fundo era escrito, muitas vezes, em resposta a textos publicados pelos liberais/federalistas no jornal *A Reforma*. O órgão do PRR também se ocupava das atitudes e dos comportamentos dos opositores, de seus discursos públicos e até mesmo de sua vida privada. Em Passo Fundo, constatou-se a reprodução da réplica não a textos publicados, mas sim a comentários, comportamentos, ações e manifestações públicas dos antagonistas, que não possuíam jornal próprio.

²⁰ Manifestação política em defesa da corporação e do direito de discordância pública com as autoridades tanto civis como militares. eclodida em 1887, teve os jovens oficiais como atores de destaque, inspirados pelas ideias republicanas e na ideologia positivista de Comte, com a qual tiveram contato na Escola Militar (COSTA, 1994).

O QUE RESTOU PARA SER LIDO

Mesmo com poucos exemplares remanescentes²¹, é possível se empreender uma análise da prática jornalística no *Echo da Verdade* e em *O Gaúcho*.

A primeira edição analisada do *Echo da Verdade* data de 7 de fevereiro de 1892. Assim como *A Federação*, traz a divisa “Orgam do Partido Republicano”. Também sinaliza que o jornal é “Propriedade de uma Associação”, que o diretor da redação é Gervasio Annes e que o gerente é Manoel Francisco de Oliveira.

O artigo de fundo, intitulado “Momento crítico”, condena a coligação entre os liberais e os dissidentes republicanos sob comando de Gaspar da Silveira Martins. O autor, certamente Gervasio Annes, define essa aliança como “híbrida”, de “criminosos interesses” e de tradições políticas incompatíveis. Cobra uma posição de “Silva Tavares, Cassal, Antão, Demétrio e outros”, chamados “companheiros dissidentes”, e enaltece o PRR.

Esse agrupamento nunca visou um ideal; nunca inspirou-se no amor da pátria; nunca agiu movido por uma ideia nobre, e sim buscaram o mando donde se esperavam os proventos para saciarem ambições. [...] Para as nossas fileiras virão os sinceros republicanos, que uma má interpretação os levou ao campo dos aliados, e nós os receberemos com a lealdade que nos caracteriza.²²

²¹ Foram recuperadas apenas duas edições do *Echo da Verdade*, uma delas no Repositório Digital da Biblioteca Nacional e a outra no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS), pela qual agradeço o gentil compartilhamento de Djiovan Vinícius Carvalho (Instituto Histórico de Passo Fundo). Em relação ao *O Gaúcho*, na época da pesquisa foram localizados três exemplares no acervo do Arquivo Histórico Regional da UPF, cuja coleção encontra-se, atualmente, em momento de registro de novas aquisições. Não foram encontradas edições do *17 de Junho*.

²² *Echo da Verdade*, Passo Fundo, ano II, n. 33, 7 fev. 1892, p. 1. O jornal está inserido dentro do Recurso-crime n. 1260, 1892. Tribunal da Relação de Porto Alegre. Acervo do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS).

Já o artigo “Alistamento eleitoral” analisa a lista dos 642 eleitores²³ inscritos em Passo Fundo, aponta duplicatas entre os nomes e irregularidades, como o registro de menores de idade e de analfabetos, atribuindo a fraude a Prestes Guimarães. E “Protesto” traz um manifesto datado de 1º de fevereiro de 1892, ao qual é atribuído “um grande número de assinaturas” não publicadas pelo jornal. Também trata de uma reclamação do funcionalismo público contra o governo “anárquico” do Rio Grande do Sul, o chamado “governicho”. O grupo signatário se define como “enérgico, sem receios, pronto para todas as emergências, para todos os sacrifícios, pronto para selar a legalidade com seu próprio sangue” e defende os republicanos como representantes “do povo”, ressaltando o apoio a Julio de Castilhos.

O texto “Polífrontes” faz uma crítica aos “janus políticos”²⁴ que se ligaram ao Partido Federalista de Gaspar da Silveira Martins, definido como “partido unitário”:

O Partido Republicano se rejubilará porque presenciará o declínio visível da anarquia que tem procurado derruir o caráter rio-grandense e as instituições republicanas. [...] Se rejubilará ainda porque virão para seu seio aqueles federalistas que conservam dignidade e não quererão torcer suas crenças ao acenar de um **indivíduo** que vem criar um partido sem adeptos, como para provar que sua **individualidade** tem a magia de anular o brio de seus concidadãos.²⁵

²³ Segundo a Lei Eleitoral do Rio Grande do Sul de 1897, eram considerados eleitores os cidadãos brasileiros maiores de 21 anos, com domicílio no estado e no gozo de seus direitos civis e políticos. Ficavam excluídos os analfabetos, mendigos, praças de pré, os religiosos sujeitos a voto de obediência e as mulheres. O voto era a descoberto e o alistamento feito anualmente por uma comissão especial (TRINDADE; NOLL, 1991).

²⁴ “Janus” pode ser uma alusão ao deus romano das mudanças e transições, cuja imagem era composta por duas faces, uma olhando para frente e a outra para trás. O autor não explica a referência.

²⁵ *Echo da Verdade*, Passo Fundo, ano II, n. 33, 7 fev. 1892, p. 1, grifo da autora. O jornal está inserido dentro do Recurso-crime n. 1260, 1892. Tribunal da Relação de Porto Alegre. Acervo do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERES).

Os termos indivíduo e individualidade são atribuídos ao caráter de Prestes Guimarães na edição remanescente do *Echo da Verdade* de 1893. O redator os usa como definição a uma “política do eu” e chama os dissidentes aliados ao “governicho” de “iludidos” pelos indivíduos que tomaram o poder.

A prática de anonimato pode ser verificada no artigo “Uma mudança rápida”, cuja autoria é atribuída a uma “colaboração”. O texto acusa Guilherme Morsch, nomeado suplente do juiz municipal, de ter mudado de “cavalheiro tratável, delicado, alegre e agradável” a “áspero, intratável, a ponto de desconhecer muita gente que ele há pouco conhecia”. O autor da nota afirma: “sois negociante, não pretende por certo seguir a magistratura, para que adquirir desafetos, o que com certeza vos prejudicará muito?”. E encerra avisando que não se trata de “conselho”, mas de “inocente conversinha”, a qual Morsch deverá dar valor mais tarde.

Ainda, a edição de 1892 traz anúncios, reclames, a sequência de um folhetim sem título identificado e notícia, em “Companhia Tipográfica do Brasil”, o recebimento de amostras de clichês para impressão e do catálogo da empresa, reforçando que o *Echo* aguardava ocasião de fazer sua encomenda. Esse tipo de nota é comum nos jornais da época e não deixa de ser uma forma de mostrar a importância do periódico ao reafirmar seus prelos próprios.

O *Echo da Verdade* de 1º de janeiro de 1893 anuncia na capa que “está a cargo do Dr. Cândido Lopes a direção desta folha, na ausência do coronel Gervasio Annes”. Em nota na página dois, informa a ida do coronel a Porto Alegre, em 24 de dezembro de 1892, “a fim de tomar assento no Congresso Estadual, do qual é distinto membro”. O comunicado encerra com “cremos que sua permanência na capital do Estado será de curta duração”, o que denota um esforço para assegurar tanto o vínculo de Gervasio com Passo Fundo quanto sua autoridade para interferência nos acontecimentos locais.

Outrossim, o jornal continua a trazer a divisa “Orgam do Partido Republicano”.

O artigo de fundo “A nossa situação” responsabiliza Prestes Guimarães pelo assassinato do coronel Chicuta. Novamente, o redator Gervasio Annes utiliza o termo “individualidade”. O texto inicia relatando a decadência do comércio da cidade, antes “bem ativo e variado”. Alude a “campinas vazia de criação” e “de plantação”. Expõe a migração da população para Lagoa Vermelha e para o Paraná e a aponta como um “grande golpe” na economia local:

A quem se deve a situação? [...] senão ao major Prestes Guimarães e seus irmãos e mais seus apaziguados, porém cabendo exclusiva responsabilidade ao primeiro. [...] de ruir por terra todas as riquezas do município, já paralisando o comércio por toda sorte de depredações, já fazendo reunião de forças sob o látigo da violência, já mandando saquear as estâncias de seus adversários, já os perseguindo com inaudito encarniçamento, atingindo ao que consta o ponto de sugerir a ideia entre ele e seus irmãos sobre a diligência de excitarem os bugres de Nonoai para penetrarem nas matas com suas armas [palavra ilegível] a fim de prenderem e matarem os nossos companheiros que se refugiaram nos matos para se abrigarem das perseguições. [...] Em julho quando já imperava a legalidade, o major Prestes revoltou-se contra o governo. Era nele que os federais de Bagé concentravam toda a esperança, vindo em seu auxílio com um contingente de 2 mil homens. Não só em Bagé como em outros pontos ele era esperado para salvar uma situação já no estado agudo do desespero. Precisamente no tempo que os federais se embalavam com esta esperança ilusória de acordo, o major Prestes encerrado em casa com as portas fechadas preparava as malas para se pôr ao fresco. E quando o fez declarou a seus amigos o seguinte: Vocês arranjem-se como puderem, que eu nada tenho a perder. [...] Este homem fatal que encadeou ao seu mau destino tantos chefes de família, alguns dos quais homens pro-

bos e aproveitáveis, e que hoje suas famílias consternadas deploram, só teve para os consolar um lance de amarguras, os abandonando ao acaso da boa ou má fortuna, visto como ele nada tendo a correr risco senão a vida, tratava de por esta em segurança, acima de tudo a garantia de sua **individualidade**.²⁶

O *Echo* informa que Prestes Guimarães refugiou-se em Palmas (PR), sob a proteção do coronel José Bernardino Bormann, na Colônia Militar do Xapecó²⁷, juntamente com outros 200 homens de Palmeira, Cruz Alta, Soledade e Santo Ângelo, dentre outros municípios. Segundo a fonte, os revoltosos permaneceram em uma área de mata próxima a Nonoai até perceberem que seriam atacados por “forças imponentes” de Passo Fundo e de Palmeira, então atravessaram o rio Uruguai e refugiaram-se fora do Rio Grande do Sul. O jornal relata que 60 homens da força legalista ficaram para guarnecer a Freguesia de Nonoai, considerada em “estado de penúria”, “completamente liquidada”, com migração de quase toda sua população. Nesta edição, também chama a atenção uma declaração assinada por Literato Xavier da Cruz, datada de 17 de novembro de 1892, na seção “A pedidos”. A nota parece corresponder à “profecia” do artigo de fundo publicado em 7 de fevereiro de 1892: “para as nossas fileiras virão os sinceros republicanos”:

Militei sempre nas fileiras do antigo Partido Liberal, hoje Federal, e o fiz convicto de que desse partido dependia a felicidade de minha terra, hoje porém, que tenho presentes as provas da intenção criminosa de meus antigos companheiros, os deixo sem o menor escrúpulo. Sou homem da ordem e da paz, quero sossego

²⁶ *Echo da Verdade*, Passo Fundo, ano III, n. 10, 1 jan. 1893, p. 1, grifo da autora. Acervo do Repositório Digital da Biblioteca Nacional.

²⁷ A referida colônia militar localizava-se no atual município de Xanxerê, no Oeste Catarinense.

e tranquilidade para obtermos o progresso que almejamos, portanto filio-me lealmente ao Partido Republicano, o único capaz de fazer a nossa felicidade. Dou apoio ao atual governo e o faço com a sinceridade em que se origina a convicção.²⁸

Isso posto, passa-se à análise das páginas de *O Gaúcho*. A edição de número 17, do ano de 1900, traz o artigo de fundo intitulado “A palavra do Major”, em alusão tanto ao manifesto mimeografado que circulou pela cidade quanto ao engajamento do chefe federalista na redação de *O Canabarro*, editado em Rivera, Uruguai. De acordo com o autor do artigo, seguramente o coronel Gervasio, o rival se aliou ao jornal uruguaio para se vingar dos republicanos passo-fundenses:

A sua palavra eivada de rancor é ainda ouvida nesta terra onde por dezenas de anos ela foi a causa de tantos infortúnios. Não mudou, é o mesmo homem, nem a ausência, nem a idade, têm poder sobre esse homem mau, rancoroso e vingativo. Os seus escritos intermeados de citações históricas, feitas com cuidado e com fraseado escolhido, visam dois fins: chamar a atenção para a erudição do autor, em primeiro lugar, depois, armar efeito acendendo o ódio e promovendo discórdia entre a pacífica família passo-fundense.²⁹

Ainda, o texto acusa Prestes Guimarães de negligência para com o próprio filho, também advogado, e que, segundo a historiografia, passou a dividir banca com o coronel Gervasio. Ressalta o “sossego” que a cidade havia finalmente encontrado, reforça o vigor dos ideais do PRR e frisa a tendência do general, a quem segue chamando depreciativamente de “major”, em procurar pela desordem e confusão.

²⁸ *Echo da Verdade*, Passo Fundo, ano III, n. 10, 1 jan. 1893, p. 3. Acervo do Repositório Digital da Biblioteca Nacional.

²⁹ *O Gaúcho*, Passo Fundo, ano II, n. 17, data ilegível, 1900, p. 1. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

Também na capa dessa edição há uma resposta do major Lucas Oliveira de Araújo, publicada na “Seção Livre”, a acusações feitas a seu pai no jornal *O Cruz Alta*:

Li no “Cruz Alta” de 16 de junho próximo passado, uma correspondência de Santiago do Boqueirão firmada por um tal de Esequiel Augusto Ubatuba, na qual vi o nome de meu velho pai Jeronymo Fernandes de Oliveira, apesar de ter sido escrito e assinado por um indivíduo desprezado pela sociedade Santiaguense, não pude deixar sem reparos. Diz o cínico Ubatuba em seu artigo, que meu pai tem amigos tantos quantos Diógenes³⁰, contará no torrão, onde nasceu, pois engana-se esse miserável, o povo sensato que julgue. O partido republicano local, chefiado pelo tenente coronel Fausto Machado a que se refere o Sr. Ubatuba, não pode ser o mesmo que tem como chefe no Estado o benemérito Doutor Julio de Castilhos, pois há pouco tempo, dizia o tenente coronel Fausto, francamente nas ruas daquela Vila, que o Doutor Julio de Castilhos era um déspota, um ditador. Esse asqueroso [...] não passará talvez de um judeu errante, este desprezível que não achando uma colocação na terra em que viu a luz, foi àquela localidade a procura de um emprego.³¹

No que chamou de “satisfação ao público”, Lucas Oliveira de Araújo, ao defender a honra da família, a amalgamou com a do Partido Republicano Rio-Grandense e com a de Julio de Castilhos. Ele encerra se utilizando do estereótipo do judeu como indivíduo de segunda classe. Portanto, observa-se que enquanto o coronel Gervasio parecia ser mais cuidadoso na escolha dos termos que empregava, seus

³⁰ Parece ser uma referência ao filósofo grego Diógenes de Sinope, de quem há muitas anedotas, inclusive a de que vivia em um barril cercado por cães. É curioso Lucas de Araújo chamar o ofensor de cínico, já que o cinismo, enquanto pensamento filosófico, surgiu com Diógenes. A referida edição do *Cruz Alta* não foi localizada.

³¹ *O Gaúcho*, Passo Fundo, ano II, n. 17, data ilegível, 1900, p. 1 e 2. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

colaboradores se mostravam mais passionais. Pela redação pouco clara e pela pontuação confusa, a réplica do major leva à inferência de que ele não era tão próximo das letras quanto Gervasio Annes. Na página dois segue o noticiário local e um capítulo do folhetim *As Minas de Ouro do Rei Salomão*, de Henry Rider Haggard. Ainda no mesmo espaço, editais, avisos fúnebres e um anúncio da Casa Ramão Rico, uma relojoaria local. A página seguinte traz o título “Anúncios”, publicando apenas reclames. Na contracapa, mais reclames e um anúncio dos serviços a terceiros da tipografia do jornal.

Já na edição de 11 de agosto de 1905 o assunto principal é o alistamento eleitoral proposto pela Lei Rosa e Silva³². Segundo Franco (2007), desde 1891 não se registrava uma luta eleitoral da oposição ao PRR no estado. Consequentemente, não havia segurança na disputa via sufrágio, uma vez que todo o processo de alistamento, organização das seções de votação e apuração dos votos eram de responsabilidade dos governos municipais, exercidos no Rio Grande do Sul por correligionários do PRR. O dispositivo do senador pernambucano inovou a legislação eleitoral ao trazer a participação do Poder Judiciário como garantia de mais seriedade ao processo de alistamento. Entretanto, a novidade não agradou ao governador Borges de Medeiros, que invocou inconstitucionalidade por ofensa à autonomia dos estados.

Segundo consta em *O Gaúcho*, o alistamento foi realizado em Passo Fundo pelos federalistas Arthur Schell Issler, Ernesto Morsch e Adão Isler. O nome dos republicanos envolvidos não é mencionado. Assim como se observou no estado, o município registrou uma maioria republicana. Num total de 61.233 republicanos no Rio Grande do Sul, Passo Fundo contribuiu com “um número expressivo”, não divulgado pelo jornal local. O artigo é uma resposta à acusação federalista de fraude por parte dos republicanos. A respeito dos números do

³² Lei n. 1.269, de 15 de novembro de 1904.

alistamento, os únicos dados que faziam parte do artigo eram os de eleitores recusados:

Se não nos falha a memória, pela junta de alistamento foram recusados 17 cidadãos, sendo 7 republicanos e 10 federais, e destes nenhum interpôs recurso. Por que não o fizeram? Naturalmente porque as decisões eram justas. Não só por isso, mas também pelo número de recusados de um e de outro partido se pode ver a imparcialidade com que procedeu a junta, composta dos dois partidos.³³

Um telegrama de Borges de Medeiros ao senador Pinheiro Machado informa os resultados total e parciais do processo: Porto Alegre registrou 5.100 eleitores republicanos e 1.425 eleitores federalistas; Cruz Alta, 1.079 republicanos e 483 federalistas; e Passo Fundo, 742 republicanos e 561 federalistas (FRANCO, 2007, p. 149). Ao mesmo tempo em que os dados demonstram que na capital e em Cruz Alta a superioridade republicana foi bem mais acentuada do que em Passo Fundo – que no ano de 1908 contava com 35 mil habitantes, sendo sete mil residentes da sede do município (XAVIER E OLIVEIRA, 1990a, p. 78) –, também evidenciam quão acirrada era a convivência entre os correligionários e simpatizantes do PRR e do PRF locais. Tanto que o resultado, taxado de fraudulento pelo PRF, gerou uma enorme defesa:

Verificada a circunstância de havermos alistado maior número de eleitores, era necessário por parte dos nossos adversários um expediente para se justificarem perante os incautos, a quem tinham garantido que os republicanos apenas tinham os empregados públicos, e que o município em peso lhes pertencia. Não se fez esperar a notícia que a mesa era composta não por juízes, mas sim

³³ *O Gaúcho*, Passo Fundo, ano III, n. 3, 11 ago. 1905, p. 1. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

por políticos e que a isso deviam o estar em minoria. Usaram de um recurso improcedente, pois ainda a esse falso argumento opomos os fatos, sempre os fatos.³⁴

A capa da edição traz ainda outro artigo, intitulado “O Funcionalismo Público”, o qual defende a existência da categoria e é assinado pelo pseudônimo “Ascádilus”. Sob o pseudônimo “Senio” há uma matéria sobre a prestação de contas do município. Esse artigo, de nome “Respi-gas”, encerra-se na página dois. Na sequência, na seção “Pelo Município”, um comentário sobre a cultura da erva-mate, assinado por “Cincinnati”. Na seção “Indústrias Locais”, um comentário sobre a pecuária, de autoria de “Jano”, assim como “Senio”, outro conhecido pseudônimo de Antonino Xavier e Oliveira. Não foi possível identificar a quem pertenciam os pseudônimos “Ascádilus” e “Cincinnati”. Seguem-se a “Seção Judiciária” e o noticiário. Nas páginas restantes, reclames.

Na edição de *O Gaúcho* datada de 23 de novembro de 1913 o assunto principal, em continuação à edição anterior, é o relatório da Intendência Municipal. No entanto, o interessante desse exemplar é o noticiário, que relata a vinda do advogado porto-alegrense Plínio Casado, acusado de difamar o coronel Gervasio na defesa de um cliente:

Esse advogado, que aqui veio por motivo do processo a que responde João Roque Montano³⁵, é o mesmo que

³⁴ *O Gaúcho*, Passo Fundo, ano III, n. 3, 11 ago. 1905, p. 1. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

³⁵ Segundo protesto publicado por decisão judicial em *A Federação* e, pelo que o texto indica, em *O Gaúcho*, João Roque Montano, de 24 anos, foi denunciado por Francisco José Ribeiro e por Amelia Francisco Ribeiro, respectivamente irmão e genro e filha de Severina Ribeiro, por matrimônio de interesse ocorrido na localidade de Carazinho. O advogado da ação foi Oswaldo Caminha. Um dos argumentos, além de outros embasados na lei, aponta a “má fé com que jovem ainda pretende administrar os bens dotais referidos e a fraude de que está sendo ameaçada a sexagenária d. Severina Ribeiro, que pela avançada idade e inexperiência de mulher, não pode mais discernir o mal de que porventura esteja sendo vítima e de que vai ser vítima em seu patrimônio, em virtude desse condenável matrimônio de interesse” (A FEDERAÇÃO, 1913, p. 5). Nota publicada em *A Federação* de 20 de setembro de 1913 informa que “o coronel Ramiro de Oliveira, depois de longas diligências policiais, enviou hoje ao Ministério Público

defendendo um pedido de habeas corpus³⁶ em favor daquele réu, perante o Superior Tribunal do Estado, disse do nosso impoluto chefe Coronel Gervasio e de Passo Fundo as seguintes belezas que abaixo transcrevemos de um colega da capital: “terminou dizendo não ocorrerem no caso indícios veementes que justifiquem a prisão; que neste terreno dos indícios que ele [linha ilegível] contra o coronel Gervasio Lucas Annes e não contra seu constituinte”. Não fazia uma acusação a quem quer que fosse, mas, no terreno das conjecturas, outra não podia ser a conclusão. Nesse sentido, citou fatos, comparou-os, e deles tirou o fundamento de seus assertos. Depois de longas considerações, terminou dizendo que o paciente viera abrigar-se sob a toga impoluta da magistratura rio-grandense “para escapar à **faca dos magarefes habituados aos latrocínios e aos roubos na conquista de posições sociais**”. Bem útil é que S. Ex.^a. o doutor Plínio Casado, aqui tenha vindo, para melhor poder ajuizar de nós e dos fatos, para amanhã não mais emitir conceitos tão injustos e levianos mesmo, que não estão na altura, nem tampouco em relação com o seu justo renome de advogado.³⁷

Plínio de Castro Casado formou-se bacharel em 1892 pela Faculdade de Direito de São Paulo. Entre 1893 e 1896, foi promotor público. Em 1897, elegeu-se deputado federal pelo PRR. Findo seu mandato, em 1900, dedicou-se à advocacia. Foi um dos fundadores

minucioso relatório sobre o assassinato de d. Severina Ribeiro Montano, decorrido no 6º distrito deste município [Passo Fundo] em 26 de agosto passado. Consta que o coronel Ramiro, em seu relatório, deduziu esmagadoras provas contra João Roque Montano, marido da vítima, e Alfredo de Freitas, contra os quais já havia requerido prisão preventiva” (A FEDERAÇÃO, 1913, p. 8). Já a edição de 6 de abril de 1915 trazia a nota “foi julgada a importante ação de nulidade do testamento com que falecera d. Severina Ribeiro, sendo autores o sr. Claudino Ribeiro e outros e réu o sr. João Roque Montano. Os autores ganharam a causa, sendo seus advogados o dr. Oswaldo Caminha e o coronel Gervasio Annes” (A FEDERAÇÃO, 1915, p. 6).

³⁶ De acordo com *A Federação* de 23 de setembro de 1913, Habeas Corpus n. 1035, impetrado por Plínio Castro Casado e Joaquim Tiburcio de Azevedo, tendo João Roque Montano como paciente.

³⁷ *O Gaúcho*, Passo Fundo, ano X, n. 46, 23 nov. 1913, p. 1, grifo da autora. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

da Faculdade de Direito de Porto Alegre, na qual atuou como professor catedrático da cadeira de Direito Público e Constitucional. Como interino, ministrou as cadeiras de Direito Penal, Direito Internacional Público e Direito Administrativo (PANTOJA, [200?]). Era chamado de “o maior criminalista gaúcho”. Em 1908, dissidente do Partido Republicano, acompanhou Fernando Abbot e Assis Brasil no efêmero Partido Republicano Democrático (AZEVEDO, 1960), que tinha, entre suas propostas, a reorganização o Judiciário estadual, tornando-o totalmente independente do poder Executivo (BARBOSA, 2015, p. 9). A preocupação de Gervasio Annes em defender-se (e em, de certa forma, amenizar a crítica) pode ser entendida pelo currículo e pela reputação de Casado. Já no caso do advogado porto-alegrense, os comentários de desprezo podem estar relacionados tanto ao fato de o coronel ser um rábula e não um bacharel, quanto a questões de divergência política, pessoais e profissionais. É importante apontar que Prestes Guimarães, inimigo de uma vida toda, havia falecido em 19 de setembro de 1911. Assim, a linha editorial do jornal foi redirecionada para atender outras necessidades.

A capa traz também as notícias do lançamento da pedra fundamental da Catedral Nossa Senhora Aparecida pelo bispo de Santa Maria e do falecimento do republicano capitão Jovino da Silva Freitas, fato que leva à inferência de que a edição tenha sido preservada por esses motivos. Nas páginas dois e três, apenas reclames e anúncios de utilidade pública. Na contracapa, um quadro com as nomeações dos funcionários municipais e notícias judiciais. O papel de impressão, diferentemente do observado nas outras edições, é rosado. Nesse caso, a materialidade pode apontar para um período de declínio do jornal. Era conhecida a anedota atribuída a Gezerino Lucas Annes, irmão do coronel Gervasio, sobre a publicação em papel colorido ser o começo do fim, pois “os jornais de Cruz Alta, quando estavam para desaparecer, desse modo é que saíam” (XAVIER E OLIVEIRA, 1990c, p. 177).

Em síntese, a análise dos exemplares identifica o uso do jornal para três propósitos principais e que podem ser colocados entre os interesses do PRR: a resposta/ataque à oposição e a críticas; a defesa da honra e da probidade dos republicanos; e a demonstração do partido como unidade e de seu comprometimento com a retidão para com as coisas públicas. Com o passar dos anos, a imprensa passo-fundense, ainda que partidária, passou a oferecer mais espaço a notícias gerais e a anúncios comerciais. Também, vale destacar que nas edições de 1905 e 1913 de *O Gaúcho* não havia mais a publicação do folhetim.

Conforme relato de memorialistas, *O Gaúcho*, em sua comercialização, seguiu o mesmo caminho do *Echo* e de *A Federação*: a entrega a assinantes. Talvez houvesse venda avulsa, mas a hipótese não pôde ser comprovada devido à falta de documentação. O jornal encerrou suas atividades em 1920³⁸. Seu principal responsável foi o coronel Gervasio Annes, mas também responderam pelo periódico, em 1912, Nicolau de Araújo Vergueiro e Jovino da Silva Freitas, e, em 1915, Brasilico Gabriel de Oliveira Lima, como diretor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na busca pelo contexto do surgimento da imprensa local e pelos fatores que a levaram a ser preponderantemente política, ideológica, de cooptação e de ataque a adversários, foi possível se chegar a algumas conclusões. A primeira delas diz respeito ao conhecimento, por parte dos editores de jornais e chefes de partido, de como funcionava o mecanismo de produção ideológica. Já foi evidenciado por pesquisadores da imprensa sul-rio-grandense que Castilhos, assim como todos os seguidores da vertente jornalística praticada por ele, tinha consciência

³⁸ *O Nacional*, fundado por Herculano Annes, iniciou suas atividades jornalísticas em 1925. Seria interessante pesquisar se os prelos das três folhas republicanas passo-fundenses foram reutilizados por mais esse jornal.

da importância do projeto de uma imprensa partidária para os fins desejados pelo PRR: hegemonia e manutenção no poder. Essa imprensa conseguiu alcançar os resultados para os quais foi concebida, obtendo longevidade e credibilidade. E o projeto se demonstrou explícito no debate e na definição do programa do PRR, gestado em convenções e congressos. A necessidade de um canal mais amplo de divulgação ideológica, concretizado em 1894 com *A Federação*, foi reforçada pelas folhas republicanas sul-rio-grandenses que surgiram a partir dela.

Ao discorrer sobre a política como vocação, Weber (1967) apresenta duas possibilidades de envolvimento do agente político: viver “para” a política, dando a ela o sentido de uma causa, e viver “da” política, fazendo dela uma fonte de renda permanente. Ele ressalta a condução pública da política por meio da palavra escrita ou falada e aponta para a necessidade de o político influenciar a imprensa e se relacionar com ela. Em Weber, o líder carismático seria o político por “vocação”. Já na organização partidária, o demagogo seria aquele que faz uso da oratória em proporções extremas e a ele está ligada a qualidade do carisma. Esses tipos não são puros e podem estar presentes, ao mesmo tempo, em um mesmo indivíduo. Entre os representantes mais importantes da “espécie demagógica”, Weber cita o publicista político e o jornalista. Assim sendo, as semelhanças entre Julio de Castilhos e Gervasio Annes já ressaltadas neste texto corroboram a tese weberiana, que implica a política com o exercício jornalístico e com a liderança carismática.

Outra observação é a das ligações entre a imprensa e as redes relacionadas ao exercício da autoridade – sejam elas chamadas de coronelismo ou não – e que nem sempre se deram de forma tranquila. Um momento de atrito foi registrado no diário³⁹ de Gervasio Annes. O

³⁹ Algumas páginas foram publicadas em *O Nacional* por Herculano Annes, sob o título “Passo Fundo em 1891 – O orçamento municipal – como se viajava de Passo Fundo a Porto Alegre naquela época”. Na introdução, Herculano explica: “o que vai abaixo é cópia fiel de parte de um caderno de apontamentos deixado pelo coronel Gervasio Lucas Annes”. O caderno do coronel,

coronel escreveu, em 25 de setembro de 1891, sobre sua ida a Porto Alegre para assumir cadeira no “Congresso do Estado”:

Chegando em casa (ao hotel), li o orçamento apresentado pelo Presidente do Estado e então vi, com pesar, que a nossa política ia mal. Raciocinei fria e calmamente em todo esse dia a respeito das conseqüências que esse orçamento traria à política Republicana no Estado e confesso: pela primeira vez tive medo da República. Fui ao Palácio no dia 2 e lá conversando com Julio e João Abott, signifiquei-lhes as minhas justas apreensões, mas subiu de porte a minha admiração quando notei que ambos ligaram diminuta ou nenhuma importância às justas observações que eu fazia, com a mais sincera intenção. [...] Efetivamente, a votar-se o orçamento como está, o Estado equilibra sua receita com a despesa, não obstante estipendiar prodigamente a todos os funcionários da capital. Nada mais se pretende do que reviver o feudalismo, com a diferença porém, de excluir as **individualidades**, exercendo o Estado sobre o município uma tirânica e ignominiosa autoridade, despótica e absoluta. É uma pretensão absurda e perigosíssima. Raciocinando, pesei as conseqüências dessa descentralização **mistificada** que nos há de, fatalmente, conduzir à ruína, se o patriotismo do Congresso não nos salvar.⁴⁰

É interessante o emprego pelo coronel Gervasio da palavra “mistificada” para aludir à república positivista. Prestes Guimarães utiliza em seu manifesto, anos mais tarde, o termo “mistificação” para caracterizar a paz entre republicanos e federalistas após a Revolução Federalista. Dos escritos analisados, se depreende que tudo o que não correspondia às expectativas relativas aos compromissos assumidos politicamente, tanto de um lado como de outro, tinha a tendência de ser processado como um engano, uma ilusão. Se em Prestes Guima-

segundo Alceu Annes, não existe mais.

⁴⁰ *O Nacional*, Passo Fundo, ano XXXII, n. 8.500, 31 jan. 1957, p. 2, grifos da autora. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

rões a “individualidade” era um problema, a exclusão dela pelo estado também o era para Gervasio. Nesse sentido, atos de autoridade, e, em consequência, pessoas com autoridade, poderiam ser caracterizados como “mistificados”.

Nesse sentido, outra consideração é a de que a partir dos nomes dos órgãos de imprensa do PRR em Passo Fundo é possível se inferir as transformações ideológicas por que passaram seus responsáveis. O *Echo da Verdade* tinha como objetivo ecoar o jornalismo de *A Federação*, e, com ele, o projeto delineado pelo PRR durante sua formação. O *17 de Junho*, como “*Echo* rebatizado”, homenageava a recondução do partido ao poder após breve domínio federalista. Já *O Gaúcho* aponta para um desejo de relativa independência, aproximando a folha passo-fundense ao ideal do tradicionalismo farroupilha.

No caso de Passo Fundo, a não existência de uma imprensa federalista é significativa. A seu turno, os republicanos locais, dado o funcionamento sistematizado do PRR desde sua fundação, tinham um projeto de imprensa partidária a ser seguido. Devido ao desaparecimento de muitas fontes documentais, não foi possível identificar a origem dos prelos adquiridos para o *Echo da Verdade*. Supõe-se que possuíam um custo alto, o que leva à inferência da possibilidade de facilidades para sua compra por parte do partido e/ou do governo estadual. Até a Proclamação da República, os liberais, antecessores dos federalistas, possuíam o domínio incontestado na cidade, não necessitando de defesa por escrito. Como não é conhecida a forma de obtenção pelos republicanos locais do material necessário para a montagem de uma tipografia, também é de se considerar que seus antagonistas não tiveram o capital necessário para o investimento, restando a eles responder às questões levadas a público pelos adversários por meio de manifestos, discursos, boatos e jornais de outras cidades. Reuniões políticas informais das duas facções e a leitura pública de diversos jornais ocorriam diariamente no comércio local, principalmente na venda do

major Lucas de Araújo, o que torna plausível a hipótese de que o que era publicado em periódicos de outras cidades, mais cedo ou mais tarde, acabava por tornar-se de conhecimento público em Passo Fundo.

Por fim, é importante reforçar o jornalismo político como campo de demonstração de superioridades. Os poucos textos remanescentes dos jornais passo-fundenses corroboram a tese do respeito à cultura erudita do chefe. Gervasio é descrito por Alceu Annes como “um grande apreciador de literatura” (seus livros não puderam ser localizados, mas as duas grandes estantes de madeira onde eram guardados foram herdadas por seu descendente). Escrever para o órgão do partido era uma honraria e uma responsabilidade que devia ser executada por alguém com capacidade e autoridade para tal. A supressão temporária de *O Gaúcho* pode ser um sinal disso. As edições só retomaram sua circulação em 1905, findo o mandato de deputado do coronel na Assembleia dos Representantes, o que o trouxe definitivamente de volta a Passo Fundo e ao jornalismo local.

* * * * *

Quando este capítulo já estava em fase de redação final, recebi a notícia de que o Arquivo Histórico Regional da Universidade de Passo Fundo estava ampliando sua coleção de periódicos com novas aquisições, entre elas de *O Gaúcho*. Pude, por gentileza da coordenadora Gizele Zanotto, dar uma olhada nas imagens de alguns deles. O material está em fase de catalogação e digitalização e não faz parte da análise de conteúdo aqui apresentada. No entanto, me possibilitou trazer alguns dados interessantes:

1. Edição 17 do ano IX, de 27 de abril de 1912: como proprietário e diretor de *O Gaúcho* está o nome de Antonino Xavier e Oliveira. A edição foi impressa em papel rosado. Nessa época, Gervasio Annes exercia o cargo de vice-intendente do município.

2. Edição [30?] do ano X, de 21 de setembro de 1913: continua com a divisa “Órgão do Partido Republicano”, tendo como diretor e proprietário Brasilico Lima e redatores “diversos”. Traz a manchete em letras garrafais “Bárbaro crime”, sobre o assassinato de Severina Ribeiro Montano. O artigo de fundo trata da vinda do sub-chefe de polícia da 3ª Região Policial do Estado, Ramiro de Oliveira, a Passo Fundo, e o descreve como correligionário do PRR. Informa que Oliveira foi recebido na cidade pelo coronel Gervasio Lucas Annes, pelo intendente municipal, coronel Pedro Lopes de Oliveira, pelo presidente do Conselho de Representantes, Nicolau de Araújo Vergueiro, e pelo diretor do jornal, Brasilico Lima. Notícia a prisão preventiva de João Roque Montano, apontado como mandante do crime, e de Alfredo Freitas, indicado como autor. Nomeia o episódio de “crime dos Banhados” e o descreve como “dolorosa e horrenda hecatombe”, sem revelar mais detalhes. Informa que os parentes da vítima haviam sido acusados em fase anterior à investigação, pelo advogado de Montano, Antonio de Bittencourt Azambuja, em texto publicado no jornal *O Carasinho*⁴¹. Na capa, também publica texto assinado pelo advogado da família Ribeiro, Oswaldo Caminha em resposta ao texto de Azambuja em *O Carasinho*⁴². Caminha acusa o colega de ser um “depredador da moral alheia” e de conseguir várias testemunhas falsas para o caso. Em uma passagem, o autor afirma: “jamais será deprimente para mim, como finge S.S., petulantemente, o

⁴¹ Periódico fundado em 1º de outubro de 1908, em Passo Fundo, no então distrito de Carazinho, sob a divisa de “Jornal Independente”, tendo como diretor João Rosa Lopes e como gerente Joaquim Mendes (VARGAS, 1980).

⁴² *O Carasinho*, Passo Fundo, n. 43, 27 out. 1917. O jornal está inserido no arquivo de Habilitações de Casamento de Carazinho. Acervo do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS).

fato de exercer a minha árdua profissão ao lado de um homem da envergadura moral do meu venerando amigo Coronel Gervasio Lucas Annes, conhecido em toda a parte como um homem digno, pelas suas inabaláveis virtudes e pelas suas benemerências imperecíveis, da gratidão de Passo Fundo, do respeito de todos e das palmas do Rio Grande do Sul”. No artigo “Intruso agressivo”, Brasilico Lima sai em defesa de *O Gaúcho*, evocando a ligação do jornal com o PRR. Responde a ataques contra o coronel Gervásio, feitos por Azambuja, e reforça: “porém, como ‘defensor eterno dos oprimidos’, não é o Passo Fundo o ponto ideal para suas operações porque dissidentes como Montano são raríssimos aqui”.

3. Edição 29 do ano XI, de 9 de agosto de 1914: mantém a divisa “Órgão do Partido Republicano”. Como chefe de redação responde o coronel Gervasio Annes e como diretor, Brasilico Lima.
4. Edição 23 do ano XVII, de 10 de abril de 1920: o jornal apresenta uma modificação na divisa. De “Órgão do Partido Republicano”, passa a “Órgão Republicano”. Seu diretor é Brasilico Lima e os redatores são apontados como “diversos”. Traz mais imagens do que as outras edições, o que pode sinalizar melhoria tecnológica na composição gráfica.

REFERÊNCIAS

A FEDERAÇÃO. Porto Alegre, 2 de março de 1892, Ano IX, n. 50. Acervo do Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria.

A FEDERAÇÃO. Porto Alegre, 7 de junho de 1893, Ano X, n. 129. Repositório Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/388653/8686>. Acesso em 29/07/2020.

A FEDERAÇÃO. Porto Alegre, 3 de setembro de 1895, Ano XII, n. 208. Acervo do Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria.

A FEDERAÇÃO. Porto Alegre, 13 de janeiro de 1913, Ano XXX, n. 13. Repositório Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em 22/06/2020.

A FEDERAÇÃO. Porto Alegre, 20 de setembro de 1913, Ano XXX, n. 218. Repositório Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em 22/06/2020.

A FEDERAÇÃO. Porto Alegre, 23 de setembro de 1913, Ano XXX, n. 221. Repositório Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em 22/06/2020.

A FEDERAÇÃO. Porto Alegre, 6 de abril de 1915, Ano XXXII, n. 77. Repositório Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em 22/06/2020.

A FEDERAÇÃO. Porto Alegre, 28 de fevereiro de 1921, Ano XXXVIII, n. 48. Repositório Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em <http://memoria.bn.br/docreader/388653/45691>. Acesso em 29/07/2020.

ANNES, Alceu. *Compêndio Ilustrado da Genealogia Lucas Annes*. Passo Fundo, 2005. Disponível em <http://www.geocities.ws/alceuannes/>. Acesso em 05/08/2007 e em 07/05/2020.

AXT, Gunter. *Coronelismo indomável: o sistema de relações de poder*. In BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (coords.). RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti; AXT, Gunter (dirs.). Coleção História do Rio Grande do Sul. Vol. 3 – República – República Velha (1889- 1930). Tomo I. Passo Fundo: Méritos, 2007.

AZEVEDO, Armando Dias de. *Plínio Casado* (Especial para o Correio do Povo). CORREIO DO POVO, Porto Alegre, 30 de setembro de 1960. Disponível em <http://www.stf.jus.br/arquivo/biblioteca/Pastas-Ministros/PlinioCasado/Diversos/001.pdf>. Acesso em 23/06/2020.

BARBOSA, Pedro Paulo Lima. *O projeto político opositor de Assis Brasil nas campanhas eleitorais de 1922 no Rio Grande do Sul*. Revista Eletrônica História em Reflexão, Dourados, v. 9, n. 17, jul. 2015. ISSN 1981-2434. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/4247>. Acesso em: 23/06/2020.

BRASIL. Lei n. 1.269, de 15 de novembro de 1904 [Lei Rosa e Silva]. Dispõe sobre a reforma da legislação eleitoral e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Rio de Janeiro, DF, 18 de novembro de 1904, p. 5446 (Publicação Original). Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1900-1909/lei-1269-15-novembro-1904-584304-publicacaooriginal-107057-pl.html>. Acesso em 29/07/2020.

COLUSSI, Eliane Lucia. *A maçonaria gaúcha no século XIX*. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República – momentos decisivos*. 6ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994

ECHO DA VERDADE. Passo Fundo, 7 de fevereiro de 1892, Ano II, n. 33. O jornal está inserido dentro do Recurso-crime n. 1260, 1892. Tribunal da Relação de Porto Alegre. Acervo do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS).

ECHO DA VERDADE. Passo Fundo, 1 de janeiro de 1893, Ano III, n. 10. Repositório Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em 24/04/2020.

FÉLIX, Loiva Otero. *Política, poder e justiça: violência e criminalidade sob os coronéis no “Caso Cresó”*. In BATISTELLA, Alessandro (org.). Passo Fundo, sua história. Vol. 1. Passo Fundo: Méritos, 2007.

FRANCO, Sérgio da Costa. *O Partido Federalista*. In BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (coords.). RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti; AXT, Gunter (dirs.). Coleção História do Rio Grande do Sul. Vol. 3 – República – República Velha (1889-1930). Tomo I. Passo Fundo: Méritos, 2007.

GEHM, Delma Rosendo. *Passo Fundo através do tempo – Fatos, usos, costumes, valores*. Vol. 2. Passo Fundo: Diário da Manhã Gráfica e Editora, 1982a.

GEHM. *Passo Fundo através do tempo – Enfoques Gerais*. Vol. 3. Passo Fundo: Prefeitura Municipal/Sub-Secretaria de Cultura do Rio Grande do Sul, 1982b.

HOHLFELDT, Antonio. *A imprensa (1870-1930)*. In BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (coords.). RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti; AXT, Gunter (dirs.) Coleção História do Rio Grande do Sul. Vol. 3 – República – República Velha (1889-1930). Tomo II. Passo Fundo: Méritos, 2007.

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto*. Editora Nova Fronteira: 1975.

MONTEIRO, Paulo. *Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo*. Passo Fundo: Berthier, 2006.

NASCIMENTO, Welci; DAL PAZ, Santina Rodrigues. *Vultos da História de Passo Fundo*. Passo Fundo: Pe. Berthier, 1995.

O GAÚCHO. Passo Fundo, data ilegível, 1900, anno II, n. 17. Acervo do Arquivo Histórico Regional da UPF.

O GAÚCHO. Passo Fundo, 11 de agosto de 1905, ano III, n. 3. Acervo do Arquivo Histórico Regional da UPF.

O GAÚCHO. Passo Fundo, 23 de novembro de 1913, ano X, n. 46. Acervo do Arquivo Histórico Regional da UPF.

O NACIONAL. Passo Fundo, 31 de janeiro de 1957, ano XXXII, n. 8.500. Acervo do Arquivo Histórico Regional da UPF.

PANTOJA, Sílvia. CASADO, Plínio de Castro. In: ABREU, Alzira Alves de (Coord.). *Dicionário da Elite Política Republicana (1889-1930)*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, [200-?]. Disponível em <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/plinio-de-castro-casado>. Acesso em 22/06/2020.

PARIZZI, Marilda Kirst. *Passo Fundo, sua história e evolução*. Passo Fundo: Gráfica e Editora Berthier, 1983.

PINTO, Celi Regina J. *Positivismo: um projeto político alternativo (RS: 1889-1930)*. Porto Alegre: L&PM, 1986.

PRESTES GUIMARÃES, Antônio Ferreira. *A Revolução Federalista em Cima da Serra (1892-1895)*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1987.

RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti. *A construção do Rio Grande do Sul republicano - a variável internacional*. In RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti; FÉLIX, Loiva Otero (orgs.). RS: 200 anos – definindo espaços na história nacional. Passo Fundo: UPF Editora, 2002.

RECKZIEGEL. *A diplomacia marginal – vinculações políticas entre o Rio Grande do Sul e Uruguai (1893-1904)*. Passo Fundo: UPF Editora, 1999.

SILVA, Ernani da. *A grande jornada de Gumerindo Saraiva, o Napoleão dos Pampas, na Revolução Federalista de 1893*. Semina - Revista Dos Pós-

-Graduandos Em História Da UPF, 12(1), 2013. Disponível em <http://seer.upf.br/index.php/ph/article/view/3650>. Acesso em 04/05/2020.

SILVA, Izabel Pimentel da. CASTILHOS, Júlio de. In: ABREU, Alzira Alves de (Coord.). *Dicionário da Elite Política Republicana (1889-1930)*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, [200-?]. Disponível em <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeirarepublica/CASTILHOS,%20J%C3%BAlio%20de.pdf>. Acesso em 22/06/2020.

TRINDADE, Héliqio; NOLL, Maria Izabel. *Rio Grande da América do Sul: partidos e eleições (1823-1990)*. Porto Alegre: UFRGS/Sulina, 1991.

VARGAS, Alvaro Rocha. *Do Caapi ao Carazinho – Notas sobre 300 anos de História*. Carazinho: s/e, 1980.

XAVIER E OLIVEIRA, Francisco Antonino. *Annaes do Município do Passo Fundo – Aspecto geográfico*. Vol. 1. Coord. por Marília Mattos e outros. Passo Fundo: Gráfica e Editora Universidade de Passo Fundo, 1990a.

XAVIER E OLIVEIRA, Francisco Antonino. *Annaes do Município de Passo Fundo – Aspecto Histórico*. Vol. 2. Coord. por Marília Mattos e outros. Passo Fundo: Gráfica e Editora da Universidade de Passo Fundo, 1990b.

XAVIER E OLIVEIRA, Francisco Antonino. *Annaes do Município do Passo Fundo – Cultural*. Vol. 3. Coord. por Marília Mattos e outros. Passo Fundo: Gráfica e Editora Universidade de Passo Fundo, 1990c.

WEBER, Max. *A política como vocação* [1918]. In: GERTH, H.H., MILLS, C. Wright. (Orgs.). *Max Weber: Ensaios de Sociologia*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1967.

A história da nossa imprensa começa com o jornal *Echo da Verdade*, “Órgão do Partido Republicano”, lançado em 27 de abril de 1890. Motivado pela publicação de uma matéria no jornal *O Nacional*, n. 7, de 11 de julho de 1925, extraída do exemplar n. 2 do *Echo da Verdade*, de 4 de maio de 1890, o historiador Francisco Antonino Xavier e Oliveira, sob o pseudônimo João d’Outrora, divulgou no número seguinte do mesmo periódico um texto básico sobre o assunto:

A IMPRENSA EM PASSO FUNDO. (A propósito de referência que, sob a epígrafe ‘Cousas Velhas’ fez ao assunto essa folha, em seu número de 11 do corrente.) O primeiro jornal que aqui surgiu foi o ECHO DA VERDADE, fundado em 1890 e que subsistiu até 1892. Era órgão do partido republicano, redatado pelo advogado Gervasio Lucas Annes, depois coronel, e sua gerência estava a cargo de Manoel Francisco de Oliveira. Nessa folha, que era semanal, publicada aos domingos e impressa em antiquado e pesadíssimo prelo de mão, colaboravam o dr. Candido Lopes de Oliveira, Gabriel Bastos, Gezerino Lucas Annes, Antonio Manoel de Araujo, Saturnino Victor de Almeida Pilar, Antonio José Pereira Bastos e, se não me engano, Gasparino Lucas Annes. Esse jornal foi substituído pelo 17 DE JUNHO, também republicano, aparecido pouco depois da contra-revolução que, em 1892, na data do seu título, repusera no governo do Estado o partido republicano. A redação, gerência e corpo de colaboradores deste novo órgão de publicidade eram os mesmos do ECHO DA VERDADE. Teve curta vida, sendo paralisado e extinto em 1893, em conse-

qüência da revolução federalista que seguiu-se e na qual foi morto em combate, ferido na Invernadinha, 3º distrito do município, a 20 de outubro do mesmo ano, o seu gerente Manoel Francisco de Oliveira. Entre os dois periódicos citados e quando ainda se publicava o primeiro deles, surgiu o pequeno jornal A VIOLETA, literário e tendo como redator Antonio Manoel de Araujo. Era impresso nas oficinas do ECHO DA VERDADE e teve, também, curta duração. O quarto jornal da terra foi O PALCO, literário, órgão do Grêmio Dramático Passo-fundense e aparecido em 1899. Tinha como redator Francisco Antonino Xavier e Oliveira, e colaboradores Armando Annes, Brasilico e Affonso Lima. Desapareceu no mesmo ano. Em 1900, a 11 de março, surgiu o quinto jornal de Passo Fundo que foi O GAÚCHO, órgão do partido republicano, e trazia como redator o coronel Gervasio Lucas Annes, e gerente Claro Pereira Gomes. Era hebdomanário, impresso no mesmo prelo do ECHO DA VERDADE e do 17 DE JUNHO, e foi suspenso em princípio do ano seguinte, reaparecendo em 1905 e daí em diante se publicando regularmente até 1920, quando foi extinto. Nessa última fase teve como diretores, sucessivamente, o mesmo coronel Gervasio, drs. Innocencio Borges da Rosa e José Dario de Vasconcellos, Francisco Antonino Xavier e Oliveira e Brasilico Lima, e gerentes Claro Pereira Gomes e seus irmãos Renato e Jacintho Pereira Gomes, também sucessivamente. Seguiram-se vários outros órgãos literários, críticos, políticos, etc., cuja lista não tenho completa. Esses apontamentos foram escritos em 1923. *João d'Outroira*.¹

Francisco Antonino Xavier e Oliveira também dedicou uma crônica ao *Echo da Verdade* no seu livro *Seara Velha*, de 1932, publicado pela Tipografia Independência. Em ambas as oportunidades, o

¹ *O Nacional*. Passo Fundo, ano I, n. 8, 15 jul. 1925. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

nosso historiador-maior cita apenas o ano do lançamento do jornal. Fomos buscar n' *O Nacional*, n. 2.675, de 10 de abril de 1937, a data completa, informação curiosamente fornecida pelo próprio Antonino. Graças ao exemplar n. 10, de 1º de janeiro de 1893, disponível para consulta na Hemeroteca do Arquivo Nacional, no Rio de Janeiro, descobrimos que o jornal sobreviveu à crise política do “governicho”, que foi da renúncia de Julio de Castilhos, em 12 de novembro de 1891, até o seu retorno ao poder, em 17 de junho de 1892. Em 1893, o *Echo da Verdade*, ao que tudo indica, apenas mudou de nome, passando a se chamar *17 de Junho*.



Francisco Antonino Xavier e Oliveira.
Fonte: COSTA, 1922, p. 235.

Outra curiosidade é a ausência de qualquer manifesto, panfleto ou outro material impresso produzido na época do Império, principalmente depois da posse do último gabinete liberal, quando o principal líder político de Passo Fundo, Antonio Ferreira Prestes Guimarães, ascendeu à vice-presidência da Província. Filho do coletor da cidade, com vaga na Assembleia dos Representantes do Estado, pelo Partido Liberal, Prestes Guimarães estava no auge da sua carreira política quando foi atropelado pela República. Ao contrário da maioria dos militantes do Partido Conservador, que debandaram para o Partido Republicano, os liberais se dispuseram a fazer oposição ao despótico governo de Júlio de Castilhos, o que culminou na fraticida Revolução Federalista (1893-1895).

Encerrado o conflito e restabelecida a ordem, o então general revolucionário se exilou em Rivera, onde trabalhou como redator do jornal federalista *O Canabarro*. Retornou a Passo Fundo depois da anistia, não sem antes sofrer um atentado que quase lhe tirou a vida. Terminou seus dias como rábula, promovendo aqui ou ali alguma ação judicial



Maioria Liberal da Assembleia Provincial em 1889. Da esquerda para a direita e primeiro os sentados: 1. José Francisco Diana; 2. Severino de Freitas Prestes; 3. Joaquim Pedro Salgado; 4. Gaspar Silveira Martins; 5. Joaquim Pedro Soares; 6. Francisco Carlos de Araújo Brusque; 7. Antônio Eleutério de Camargo. De pé, da esquerda para a direita: 8. Joaquim Antônio Vasques; 9. Orlando Carneiro da Fontoura; 10. Alfredo Pinheiro Machado; 11. Albino Pereira Pinto; 12. Antônio Ferreira Prestes Guimarães; 13. Carlos Von Koseritz; 14. Luiz Henrique Moura de Azevedo; 15. José Manoel da Silva Só; 16. Frederico Haensel; 17. Barão de Kalden; 18. Pedro Pereira Maciel; 19. João de Deus Martins; 20. Pedro Baptista Corrêa da Câmara; 21. Bento Soares de Oliveira; 22. Diniz Dias Filho. Acervo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRS).

que lhe alcançavam seus antigos correligionários. No livro *Homenagem a Silveira Martins*, organizado por Alípio Telles e publicado em 1902, pela Imprensa Nacional, existem dois textos da lavra de Prestes Guimarães. Deixou também um diário de campanha, chamado *A Revolução Federalista em Cima da Serra*, 1892-1895, descoberto pelo historiador Sérgio da Costa Franco e lançado pela Martins Livreiro, em 1987.

Devastada pela Revolução Federalista, Passo Fundo ficou sem jornal até 1899, quando em 11 de março surgiu *O Gaúcho*, outro órgão do Partido Republicano. Até então as notícias de interesse local vinham sendo publicadas no jornal *Cruz Alta*, da própria cidade de Cruz Alta.

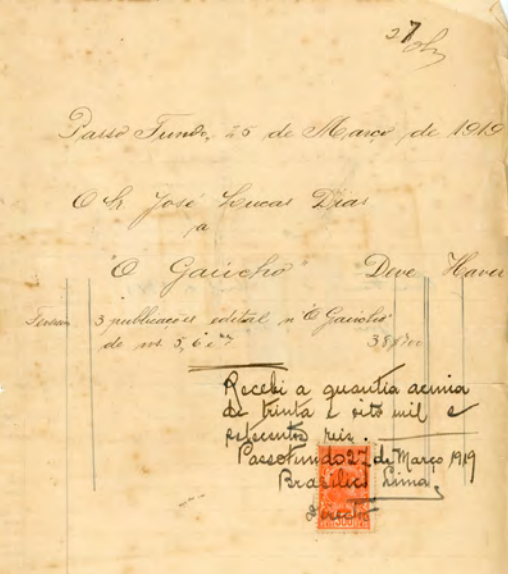
O GAÚCHO

A data correta da fundação do jornal *O Gaúcho* é 11 de março de 1899. Folha semanal, com quatro páginas e formato 38 x 56, tinha como redator o político Gervasio Lucas Annes e como gerente Claro Pereira Gomes. Funcionava na Rua do Comércio, no edifício do Clube Amor à Instrução. As condições da assinatura, elencadas no exemplar n. 27, de 12 de setembro de 1900, eram as seguintes: quando na urbe – ano, 10\$000, semestre, 6\$000; quando fora da cidade – ano, 12\$000; semestre, 7\$000; quando número avulso 300 réis; quando atrasado, 400 réis. Ainda, a numeração do jornal retornava ao n. 1 a cada início de ano.

Convém destacar que o jornal suspendeu a publicação em 1901, ano em que Gervasio Lucas Annes abandonou a chefia local do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), que passou a ser exercida por comissões formadas por conselheiros municipais. A crise com o governo do estado se agravou em 1902, com a nomeação de João Coelho Cavalcanti para o cargo de juiz da Comarca. Já em 1904, Cavalcanti e o intendente Pedro Lopes de Oliveira se desentenderam, a ponto de quase protagonizarem um conflito armado na cidade. O presidente Borges de Medeiros tratou de intervir, mandando para a cidade um destacamento da Brigada Militar com 50 homens. Também reconduziu Gervasio Lucas Annes à chefia do PRR e transferiu o juiz para

Detalhe da capa da edição de 16 de agosto de 1914 do jornal O Gaúcho. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH-UPF).





Recibo do jornal *O Gaúcho* para o sr. José Lucas Dias. 25 mar. 1919. Acervo Instituto Histórico de Passo Fundo (IHFPF).

jornal mantinha como diretor o promotor público Innocencio Borges da Rosa e como gerente Renato Pereira Gomes. Exemplares de maio de 1910 a abril de 1911 exibem o nome do mesmo gerente e “redatores diversos”. Contudo, no início de abril de 1911, a gerência passou a ser exercida por Jacintho Pereira Gomes. Em junho, aparece na direção o advogado José Dario de Vasconcellos, ex-juiz da Comarca. E em agosto do mesmo ano, o diretor-proprietário era Francisco Antonino Xavier e Oliveira.

Já em novembro de 1913, a direção do jornal estava a cargo de Brasilico Lima. Em 1914, Gervasio Lucas Annes aparece como chefe de redação. Em março desse mesmo ano, *O Gaúcho* aumentou para cinco o número de páginas. Além disso, depois de circular algum tempo às quartas-feiras (1911) e aos sábados (1912), voltou a circular aos domingos.

Nessa época, começaram a surgir editoriais rebatendo um jornal de oposição que estava propagando-se na cidade, denominado *O Popular*, fato até então inédito.

outra Comarca. Pedro Lopes de Oliveira, que na ocasião havia renunciado ao mandato, foi reconduzido à Intendência na eleição seguinte.

De 1905, ano do retorno, localizamos o exemplar n. 3, ano III, formato 35 x 48,5, de 11 de agosto de 1905. Claro Pereira Gomes seguia na gerência e os redatores eram “diversos”.

Após cinco anos, em 1910, o

O Popular

Proprietário Maximino Alves Filho

ORGÃO DOS INTERESSES PÚBLICOS

Collaboradores—Diversos

O KAISER

Faz annos, hoje, o imperador da Alemanha, Guilherme II.

Digno de sua raça e do seu seculo, o illustre monarcha, ao contrario do que succede com os deonis e chefes de nação, chamou a si toda a responsabilidade dos destinos da sua patria.

Na Inglaterra, na Franca, na Italia, em Portugal, na Turquia, em toda parte os coroados são méras figuras decorativas.

Na Alemanha não; vemos o kaiser reunindo, na paz, em torno da sua figura e do pendão nativo, uma nacionalidade forte, homogenea, expansionista nas armas, nas letras, no commercio e nas industrias.

Então era o kaiser o estadista trazendo á nação novos fundamentos, tal como Thiers, fundando a patria nova, como se he agitasse a alma os monstros predicanos de Westington.

Agora, a sua data anniversaria o encontrou em plena guerra e neste momento, excepcionalmente historico, Guilherme II se nos affigura o maior vulto na guerra, praticando, de espada em punho, tudo quanto theorisava.

Inquestionavelmente é o kaiser, na esphera do estadismo, a mais assom-

brosa figura d'esta epocha, parecendo que ante a magestade do seu vulto se abate a do proprio Napoleão.

A aguia da guerra do seculo 19 era um insano que pretendia dominar e conquistar o mundo; Guilherme II é o espirito consciente que pretende que a sua querida Alemanha, integra, homogenea, seja, como de facto conseguiu ser, a nação de onde irradia a civilisacão, somorisada na lyra argentea do seu Goethe, e levada a toda parte do mundo, na eloquencia de ferro da sua machinaria, a synthese do trabalho, espalhada no oriente e no occidente pelo seu commercio intelligente e solido.

Esse homem estupendo não passará fugazmente, como figura desbotada, no tablado dos acontecimentos hodiernos, pois o seculo que transcorrer bem se pôde denominar o seculo do kaiser.

Saudamos o effusivamente, na laboriosa colonia allemã domiciliada entre nós.

—♦♦♦♦♦—

A ALGARAVIA "OFFICIAL"
A INSOLENCIA DO "RECADO"

Vultu a algarviar, o historião intencional, com a habilitade de torcer a questão para alvejar, tão sómente, o

nosso amigo sr. dr Antonio B. de Azambuja.

De parte d'este nosso digno amigo, fomos a dizer que elle, positivamente, não baixará a responder ao insolente a quem incumbiram de dor o recado em mão portuguez e peior educacão.

Tendo o responsavel principal desta ingloria contenda, o sr. coronel Gervasio, redactor chefe de impudico pastiquim, se transformando em traficaca pyramide egypcia, o sr. dr. Azambuja, para que o Rio Grande tenha de esquecer dos seus gratitos aggressores mandou publicar e seu artigo do numero pasado d'esta folha, no *Correio da Foz*, de Porto Alegre.

Esse artigo só não seria respondido, no terreno juridico moral para onde foi levada a questão, se elle tivesse sido escripto em alva ao frade ali da esphera...

Resulta que o organ municipal fez escarceu, individualisando as responsabilidades colativas de um jornal, cujo presente é uma sequencia do passado, isto é, que preferiu morrer com honra a viver boocasiamente calado n'um centro, como o nosso, em que se pretende viver á sombra de silencios criminosos...

Vai d'ahi abriram o abundante d'ignos dos seus olhos.

Na revolta das aguas, em remoinhos á Niagara, vemos so destroços.

Relacionemol-os com cuidado.

Aqui é um pedaço dos archivos sajalões do nosso Coruja; ali o cabo do chapéo de sol do venerando Bibiano, mais adiante a aba da casaca do Candido Figueiredo, as luhetas de Aulete, o charuto de Castro Lopes, o lenço de rapé de Abilio, a cartola de Hildefonso Gomes, um requete

emfim de cada grammatico hido e por haver.

Facamos parodia:

Um selim, um selim, um selim

Um selim, um selim com
trabeteo...

Consideremos:
Jornal sem grammatica, é corpo sem alma...

Corpo sem alma é uma coisa que chieira á defunto.

Defunto quando chieira é ruim...

Conclua mos:
Com ruim defunto não gastamos cêra.

A LOGICA DOS ALGARISMOS E O ILLOGISMO OFFICIAL

Discussões serio é a valer: o organ official respondeu com decomposturas á logica dos algarismos, quanto ás finanças do municipio; e para *destruir* tudo quanto disse-mos nada mais fez que dar as novas proposições o cunho do officialismo.

Assim avancou elle que casto ornamentadas taes a taes verbas para melhoramentos.

E' isso mesmo, casto ornamentadas, entram no *complet* das despezas e os melhoramentos n' o saem, nem os servicos publicos apparecem.

Então a verba para a limpeza publica é impudencia o organ consignar.

Tarifas, na sua epocha, fez dessas...

O organ está agora vivendo pelas claras, mas sem dizer quem como as gemmas...

A periferia do tal jornalissimo vem do facto de termos commentado o que consta na estatistica do Estado, quando

Detalhe da capa da edição de 27 de janeiro de 1915 do jornal O Popular. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH-UPF).

Para o pó... pular e etc. É simplesmente insolente a maneira como o jornaleco 'O Popular' vem se referindo às coisas administrativas e políticas do nosso município. Arvorou-se agora esse pulha em censor dos legítimos representantes desses magnos interesses. E como o faz? Com censuras e até desaforos, que não podem passar sem a necessária punição. Pois, com referência à última eleição procedida, diz ele o seguinte: 'Apesar de sua importância, correu friamente neste município, sendo opinião geral de que não concorreram às urnas, em todo o município, 500 eleitores, não obstante ser o eleitorado de cerca de 3 mil. Explica-se tamanho indiferentismo pela falta de pleito.' É flagrante, pois, a intenção deste bobo em atacar os fatos locais, como se algo regulasse na ordem das coisas. Pois *O Gaúcho*, que é o órgão político local, de responsabilidades definidas e conceito inatacável, publicou o resultado geral da eleição e parcialmente de cada distrito do nosso município, dando um total de 1.273 votos; e vem agora o jornaleco pretendendo por em dúvida a sua veracidade, na preocupação única de satisfazer a mesquinhos desejos de indivíduos sem conceito ou classificação política, que ocultos sob a égide do anonimato, não trepidam em forjicar balofas mentiras, no baldado intuito de ferir a situação, a que são sistematicamente infensos. Das as condições especialíssimas do diretor desse jornal, o fazem de *burro cego*, cargueiro de asneiras e desaforos, de que se despoja na tolerância habitual no nosso público. Em nome dos interesses daqueles que possam um dia ser atingidos pelos *pataços* desse animal, desejamos saber se s. exc. já assinou, como é de lei, na Intendência Municipal, o respectivo termo de responsabilidade. Outrossim, precisamos saber que com autoridade se imiscui nas coisas políticas, para bem de reservarmos, sempre, a s. exc. a razão a que fizer jus. Cão que ladra não morde, diz o adágio; porém, como estamos na época da hidrofobia, desejamos conhecer os diversos *espécimes* que por aí andam, a fim de solicitar ao sr. fiscal as medidas necessárias, acauteladoras

dos interesses da humanidade, pois que, nas malhas do cesto que s. exc. carrega, só encontramos a baba, o pêlo e o rastro desses animais que por aí ladram... Seria conveniente e até mesmo necessário que cada um *arreganho* dos seus rabiscadores, viessem por estes assinado. Fala em frieza na eleição! É bem possível que dos seus escrevinhadores, nenhum concorresse à mesma. Diz que o sr. Intendente Municipal, vive no afã de cobrar impostos, somente, e lhe ordena providenciar a aquisição de um carro fúnebre, que seria uma fonte de renda, etc. Onde, pois, sua coerência? Falam em frieza na eleição e não concorrem à urna; condenam a arrecadação de impostos e *ordenam* a criação de novos impostos. Edificante...²

ÚLTIMA VEZ. Com a linguagem tacanha e achamboada que lhe é peculiar, o órgão federalista, mal denominado 'O Popular', vem como sempre, em seu último número, atacando gregos, troianos, tudo e todos. Outrora, quando as páginas de tal jornal deixavam transparecer a responsabilidade moral de homens de classificação social, como o Dr. Antonio de Bittencourt Azambuja e Capitão José Lucas Dias, homens que têm o estrito dever de zelar das suas prerrogativas sociais, por diversas vezes, impelidos pelo direito que assistia à nossa folha, sentimo-nos na obrigação de rebater muitas de suas afirmativas, a despeito de preferirmos, algumas vezes, o silêncio como resposta. Agora, porém, que não temos cabais motivos para atribuímos àqueles cidadãos a responsabilidade das asserções inseridas nesta folha, por estar a sua direção à mercê de indivíduos desclassificados e até suspeitos, como Maximo Alves Filho, Alcides de Oliveira e Nicacio Campos, perdoem-nos a vaidade, mas não podemos absolutamente baixarmos ao nível das suas classificações para a discussão, como pretendem. Daí a nossa atitude terminante e positiva em não lhes respondermos uma só

² *O Gaúcho*. Passo Fundo, n. 9, 29 mar. 1914. Acervo AHR (PPGH/UPF).

linha. Quando amanhã, não estes, um outro, alguém, cuja responsabilidade moral nos mereça consideração, pedir conta da forma do nosso procedimento, aqui estaremos prontos para dá-la de modo claro e cabal. Terminando, não podemos deixar de lamentar que alguém se conserve iludido com a atitude repulsiva de tal jornal, deveras perniciosa aos interesses da sociedade.³

Quando publicamos o nosso livro *Páginas da Belle Époque Passo-fundense*, em 2008, havíamos descoberto apenas um exemplar do jornal *O Popular*. Trata-se do n. 19, de 14 de maio de 1914, já no ano II. Caracterizava-se da seguinte forma: quatro páginas em papel cor-de-rosa e tamanho 28 x 37,5. O “Órgão dos Interesses Públicos” tinha como proprietário Maximino Alves Filho e “colaboradores diversos”. Hebdomadário, saía às quintas-feiras. Esse jornal terminou seus dias, ao que parece, em 1916. José Lucas Dias e Antonio Bittencourt Azambuja, citados no texto anteriormente transcrito, eram republicanos incompatibilizados com a chefia do partido local.

Nesse contexto, já com a saúde debilitada, o coronel Gervasio Lucas Annes deixou a direção do partido local nas mãos de uma Comissão Executiva formada por Pedro Lopes de Oliveira, Nicolau Araujo Vergueiro e Gabriel Bastos. O político, chefe republicano local, falecera em 4 de abril de 1917. Ambos os acontecimentos, comissão e morte, ganharam destaque nas páginas de *O Gaúcho*.

AO ELEITORADO REPUBLICANO DE PASSO FUNDO. Dominados pelo fundo pesar que nos causou o passamento de nosso prezado chefe e amigo, nos apresentamos ao eleitorado republicano deste município, para historiar o nosso aparecimento como guias do partido e expor a orientação que o momento atual comporta, para que o partido prossiga a estrada

³ *O Gaúcho*. Passo Fundo, n. 11, 13 mar. 1915. Acervo AHR (PPGH/UPF).

até aqui trilhada, e as coisas públicas auferiram resultados benéficos de nosso agir. Isso dito, historiemos a origem da Comissão que constituímos. Achava-se gravemente enfermo o extinto amigo e chefe do partido republicano deste município – Cel. Gervasio Lucas Annes. Assim doente, na impossibilidade de orientar o partido que há longos anos dirigia, resolveu constituir uma Comissão executiva que, com o concurso de sua acatada experiência, tomasse o encargo da direção política de Passo Fundo. Então, propôs ao preclaro chefe do partido, Exmo. Sr. Dr. Antonio Augusto Borges de Medeiros, os nomes dos abaixo-assinados que receberam a aprovação do chefe supremo que nos comunicou ter acatado a indicação do saudoso amigo, e entregava-nos a direção do partido, neste município, certo de que, a nossa orientação seguiria, sem solução de continuidade, a vereda até agora trilhada. Não nos era lícito recusar a honrosa, conquanto árdua tarefa, não só porque o ato originário de nossa atual posição política foi uma previsão do extinto amigo, como pelo acatamento que o ilustre chefe do partido deu a essa indicação. Estamos, pois, incumbidos de orientar o coeso partido republicano do município de Passo Fundo, em cuja honrosa incumbência, estamos certos não nos faltarão os esforços, a lealdade e a dedicação de todos os bons republicanos, cujo concurso, indispensável, nos dará encorajamentos para o afanoso trabalho que pesa sobre nossos ombros. Devemos dizer, não só a nossos correligionários, não só a todo eleitorado do município, como ao povo em geral que, a exemplo da orientação da política geral do Estado, manteremos uma ação política de benéfica cordura, para que a JUSTIÇA nos mantenha debaixo de seu augusto cetro, prosseguindo, deste modo, o município sempre bafejado pelas auras da paz e do progresso. Acataremos os elementos bons que conosco queiram colaborar para a ordem e constante progredir deste belo e grande pedaço do Rio Grande do Sul, e procuraremos afastar os elementos perniciosos que tentem desorientar a sociedade e infil-

trar em seu seio os germens da anarquia e do mal. Em absoluto, os sentimentos pessoais jamais terão acesso em nossa conduta política, pois, faremos inteira exclusão de paixões individuais quando, em quaisquer assuntos que caíam sob nossa ação política, surjam casos suscetíveis de manifestações desta ordem. Deste modo, pois, e com os intuitos expostos, iniciamos a nossa missão e esperamos que, por todos os cantos deste vasto município, o nosso agir se manifestará profícuo e bem-intencionado, recebendo o apoio e a cooperação de todos os bons cidadãos que amem a grande Pátria Brasileira e queiram vê-la próspera e culta, em todos os recantos de seu vasto território. Passo Fundo, 25 de abril de 1917. Dr. Nicolau Araújo Vergueiro – Pedro Lopes de Oliveira – Gabriel Bastos.⁴

Outrossim, segundo a versão oficial, Brasilico Lima renunciou espontaneamente à direção do jornal, assumindo no seu lugar Renato Sá Brito. A historiadora Delma Rosendo Ghem, no seu livro *Passo Fundo Através do Tempo*, de 1978, traz uma explicação mais abrangente sobre o assunto, qual seja: a executiva, leia-se Vergueiro e Bastos, pretendia vender *O Gaúcho* a Antonio Bittencourt Azambuja, a fim de que este o dirigisse. Sem acordo com Brasilico Lima, diretor do jornal, pretendeu-se exonerá-lo do partido, com o que não concordou Pedro Lopes de Oliveira. A Comissão Executiva então criou um jornal chamado *O Regimen*, destinado a “reforçar” o trabalho d’*O Gaúcho* (lançado em 24 de junho de 1917), mas que na realidade era “cisão



Cel. Pedro Lopes de Oliveira.
Fonte: COSTA, 1922, p. 238.

⁴ *O Gaúcho*. Passo Fundo, n. 15, 29 abr. 1917. Acervo AHR (PPGH/UPF).

declarada”. Renato Sá Britto, redator d’*O Regimen*, se manteve ao lado dos “Lolicistas”, inviabilizando a sobrevivência do incipiente jornal. Dividida a comissão, Vergueiro e Bastos iniciaram uma intensa campanha de oposição ao intendente Pedro Lopes de Oliveira, no jornal *A Voz da Serra*. Brasílico Lima, por sua vez, anunciou em setembro do mesmo ano o retorno próximo d’*O Gaúcho*, sob sua direção, em publicação bissetimanal. Nessa nova fase, alterou o subtítulo para “Órgão Republicano” e estampou no cabeçalho a data da fundação: 11 de março de 1899.



Nicolau Araújo Vergueiro.
Fonte: COSTA, 1922, p. 238.

Pedro Lopes de Oliveira e Nicolau Vergueiro/Gabriel Bastos se digladiaram diuturnamente na imprensa até 1920, ano das eleições municipais.

RIDÍCULO... RIDÍCULO. A bela “VOZ” curio-nicolau, em dueto, continua a arrebatar o povo desta terra, conquistando... arrepios, náuseas e cólicas, com a sua sinfonia xarope, composta de guinchos, orneios, berros e uivos! Os excêntricos artistas xifópagos – ligados pela língua e pelo coração, por melhor que cantem sua ode-pasquína, não conseguem entoar de modo que confundam; parece que a choldra não foi bem combinada e daí as notas pífiás, os falsetes, os guinchos e relinchos que soltam ferindo os ouvidos e revoltando os intestinos de quem os assiste. Interessantes ou ridículos?!.. Há pouco tempo blasonavam ELES: ‘logo, amanhã, tiraremos pelas orelhas Pedro Lopes de Oliveira do cargo de intendente’ plurrsr, plurrsr. O povo sensato bem notava que não estava certa e afinada essa toada da ‘coisa’; que o nosso chefe supremo não toleraria que essa azoadá no-jenta continuasse a ser cantada como música de verdade.

E tinha razão o povo. Agora na 155 repetição da ‘coisa’, já cantam ELES: ‘A data de 15 de novembro de 1920 (!!! 1920 !!!) será para nós também um novo 14 de julho: a queda dessa bastilha, o desmoronar dessa prepotência, o ruir dessa oligarquia, o esfacelar desse trono’ *sic*. Já dão prazo até 15 de novembro de 1920?!.. Quer isso dizer que esperam o prestigioso coronel Pedro Lopes de Oliveira, honrado e operoso intendente municipal, terminar o seu quadriênio! Como são gentis esses caraduras. Ah! E que remédio. ELES agora conhecem a lei e confessam que são uns patifes, potoqueiros, ridículos e descarados, que ninguém os deve levar a sério. Sim. Em 15 de novembro de 1920 (é pena estar tão longe) vamos ver quem será o intendente, quem será o chefe.⁵

Em 6 de maio de 1919, Borges de Medeiros nomeou Nicolau Araujo Vergueiro como chefe local do Partido Republicano, extinguindo definitivamente a Comissão Executiva criada em razão da morte de Gervasio Lucas Annes. À vista disso, em 16 de setembro de 1920, Nicolau Vergueiro, candidato oficial do Partido Republicano, venceu a eleição para intendente, quadriênio 1920-1924, contabilizando 4.004 votos. Assumiu o mandato em 15 de novembro.

Os últimos baluartes do grupo de Pedro Lopes de Oliveira eram o Clube Pinheiro Machado e o jornal *O Gaúcho*. Como o clube não tinha personalidade jurídica, Gabriel Bastos e mais alguns “Vergueiristas” criaram estatutos sociais para ele, inscrevendo-os no respectivo registro em 29 de outubro de 1920. Feito isso, arrogaram-se no direito de tomar posse do edifício. Brasilico Lima, que na ocasião estava ausente, ao retornar à cidade, expulsou-os de lá. Essa atitude provocou uma ação judicial de reintegração de posse, ganha pelos novos donos do poder. Depois desse mês de outubro não há mais notícias acerca da existência d’*O Gaúcho*.

⁵ *O Gaúcho*. Passo Fundo, fragmento, fev. 1919.

A VOZ DA SERRA

Em 1º de janeiro de 1916, o capitão Jovino da Silva Freitas, proprietário da oficina e da Livraria Minerva, lançou o jornal *A Voz da Serra*, folha independente, com circulação aos sábados. A direção foi entregue a João Baptista de Oliveira Mello e a redação, a Antonio Bittencourt Azambuja. Este último foi substituído por Francisco Antonino Xavier e Oliveira em setembro de 1916.

Em 1917, o jornal *A Voz da Serra*, que funcionava na Avenida General Neto, n. 7, foi transferido para a Rua Morom, n. 31. Também nesse ano, a folha foi adquirida pelo tenente João Baptista Cúrio de Carvalho. Caracteristicamente, estampava no cabeçalho, além do subtítulo “Folha Republicana”, as legendas “O solo é a Pátria, cultivá-lo é engrandecê-la” e “Habilitai-vos nas linhas de tiro, para bem servir à Pátria”.

Em 7 de março de 1917, Cúrio de Carvalho proclamou Nicolau Araújo Vergueiro “o *primus inter pares* no seio do Partido Republicano local”. À vista disso, liderou na imprensa a campanha de Vergueiro à Intendência, com ataques sistemáticos à administração e à pessoa do intendente Pedro Lopes de Oliveira, o que era rebatido por Brasilico Lima, no jornal *O Gaúcho*.

TROVAS

Foi em noventa e quatro,
Na era da revolução,
Que fizeram uma factura,
Lá na casa do Barão...

De lá sahio um mocito,
De poncho novo, em viagem;
Eu não lhes digo o nome,
Era um coronel de bobagem... *Cabo Chico*.⁶

⁶ *A Voz da Serra*. Passo Fundo, n. 130, 03 jul. 1918. Acervo AHR (PPGH/UFP).

RUÍNAS... É somente o que se conhece nos frutos desta amaldiçoada administração municipal: ruínas, e mais ruínas... Ruínas morais, do caráter que eles solapam, pela intriga, pela calúnia, pela perfídia e pelo suborno, para conseguirem um miserável número de prosélitos e capangas que os acompanham nesse cortejo fúnebre e tenebroso que vem rolando a longos anos pelo nosso município, digno por certo de melhor sorte, e que o povo o estigmatiza com o epíteto de – *Lolicistas*. Ruínas materiais, são todos os departamentos de trabalhos entregues a esta caterva cevada pelo erário municipal. A Rua Moron, no trecho da Avenida General Netto para o sul, tem cômodos de pedras inteiriças e escavações de solo pelas águas fluviais, que torna o trânsito ali impossível para qualquer veículo, principalmente à noite; e, a Rua Moron é uma das nossas principais vias. Há poucos dias um automóvel, não pôde passar a ponte sobre o rio Passo Fundo pelo iminente perigo que existe naquela via pública com enormes buracos, e oscilando com qualquer peso. Esta ponte que está ao sair da cidade, dá trânsito para todo o 1º, 2º e 3º distritos e Lagoa Vermelha. Do lado oposto da cidade, na estrada que vai para Soledade, ao sair do Boqueirão, existe um enorme valo, que pela sua profundidade e desmoronamento está constituindo um grande perigo para o trânsito, pois já está evadindo o leito da estrada. O seu Lolico aproveita este valo para mandar despejar o lixo que retira das casas, fazendo ali um poço de imundície para mais agravar a situação. São constantes as queixas e reclamações que vimos recebendo de todos os distritos pelo mau estado em que jazem as pontes, pontilhões e estradas, entregues às incúrias da administração municipal. Aos amigos que nos reclamam aconselhamos que esperem, pois, não há mal que sempre dure... Essas ruínas servirão de vala comum aonde o povo de Passo Fundo em DE PROFUNDI, com sua misericordiosa pá de cal, entregará ao esquecimento, com significativo epitáfio, o cadáver putrefato desta administração municipal.⁷

⁷ *A Voz da Serra*. Passo Fundo, n. 137, 28 ago. 1918. Acervo AHR (PPGH/UPF).

UMA VOZ DA SERRA

O solo é a Pátria, cultural e engrandecida

FOLHA REPUBLICANA
João Baptista Cúrio de Carvalho
DIRETOR - PROPRIETÁRIO.

Habitáreis nas lidas de tiro, para bem servir a Pátria

ANNO 111
Jun. 126

Estado do Rio Grande do Sul - Passo Fundo, - Quarta-feira, 5 de Junho de 1918 -

Situação política de Passo Fundo

O que nos disse o sr. coronel Gabriel Bastos

«Tivemos ocasião de palestrar ante-votantes, com o sr. cel Gabriel Bastos, presidente do conselho municipal de Passo Fundo e presidente da comissão executiva do partido republicano deste município.

«S. s. falamos sobre a situação política de Passo Fundo, que não acha estar melhorando, pois que os cargos caudillescos continuam prevalecendo e tem sido por pessoas que se interessam pelo desenvolvimento do município.

«Sobre a política administrativa de Passo Fundo, o sr. coronel Gabriel Bastos foi de uma franqueza sincera e concisa.

«Porque o governo daquella municipalidade ainda não mudou de rumo, a administração não pode ser as que todos desejam.

«O presidente não age, por si, por ser incapaz de proceder do modo a que approvarem suas resoluções as municipalidades submetendo-se antes, aos interesses subalternos dos compadres e interesses de família.

«Temos esperança de melhorar esse estado de coisas.

«A grande maioria dos passenses de responsabilidade e consciência, a comminação coronel Lúcio no governo de F. Fundo.

«Quem é o chefe da política passense?

«A comissão executiva em o sr. Vergueiro furmou a maioria. Não ha chefe único.

«Muito grande a administração Lúcio não põe nem esforços, porém pelos elementos summaes que conta, o que tem trazido o desenvolvimento ao commercio, a industria e em todos os demais ramos de actividade.

«Então está quando o governo passar das mãos dos especuladores políticos as mãos daquelles que pagam pelos interesses da povo, empregando a renda municipal, não em benefício de uma família, que já pagam de tudo, não em proveito da cidade e do progresso.

«E assim concluiu o sr. coronel Gabriel Bastos a palestra com o nosso compatriota».

(Do Correio da Serra de S. Maria)

Revoltaes perseguições

Não nos basta aturar a administração municipal do sr. Lúcio, que em 14 longos annos de interregno não deu a municipalidade caracteres a sua passagem por esta cidade, mas ha em Passo Fundo, para calçada, a nossa municipalidade entre os excentricistas e os inimigos dos cidadãos mais innocentes do Estado e confronto a para nós desolado.

Nas estradas gemos e em patios e em centros não tem a palavra para os concenistas, parte mil e tantos annos que arrastado por quatrio.

Não ha uma unica escola subvencionada pelo município?

A este ponto de necessarios que o sr. Lúcio, assumindo a sua passagem pela administração pública, fazendo uma torpe politica, para mostrar pelo terror em preséio que absolutamente não possui.

Vim de interior as colonas e homens moradores dos districtos ordens as seus cabos electores, que são os interessados e os commissarios, que exercem contra os nossos amigos e compatriotas da cruzada, toda a serie e perseguições as suas pessoas e bens.

Dalhi as constantes e repetidas queixas que as autoridades judicias tem recebido de interior do município contra as violências, crimes e auctades praticadas pelos comissarios, expressadas pelos moradores do bairro, com o commettimento de um crime de homicidio, que ha retido de um colono proprietario, que ha retido de districto em 24 horas, sob pena de confiscação de bens.

O direito de propriedade, para o colono, não existe, violam com a mais descarada sem cerimonia.

E não ha a fé e o romantismo com o apoio do intendente Pedro Lopes de Oliveira, que não toma as suas medidas quando não são esperanças pelos libertos.

O nosso fim, moralidade, e o direito de justiça como deviam proceder quando a victimas dos arbitrariedades e violencias subvencionadas e commissarios.

«Pela lei, as attribuições das autoridades são simplesmente administrativas; ellas não são competentes para condemnar a liberdade politica e muito menos de julgar, como costumam fazer.

Assim, pois, qualquer inador quando soffrer violências por algum subintendente ou commissario, recorra ás autoridades judicias post-alegadas em delegação de policia que se encarregue com sollicitude, conselhos e amparos para os seus direitos.

Convença-se o povo de que com a miséria nas passas de fiscal administrativo municipal, não se intimidem pelas suas barbaridades, e recorra a justiça.

Continue o povo independente e ativo e nos auxillar a dar consistência a esta gasta administração local, que então veremos, muito em breve, cair em nosso Passo Fundo, uma nova aurora que nos arrua todas as passas de precario, de ridículo e de respeito a que fazemos jus, pelo trabalho e progresso.

Juizo districtal

Assimila a maior, as funções de cargo de juiz districtal o nosso cidadão amigo sr. Bento Rodrigues da Rosa.

Registrarmos com prazer esse facto, para nos significar, pois, o sr. Bento Rosa que é um antigo republicano de tra sempre, de uma linha quebrentabilidade de caracter a toda a prova, foi retirado de sua responsabilidade politica pela maioria da commissão executiva, com o escopo para o exercicio desse honroso cargo, e qual accedendo a vem prestar a sua justiça local o consorcio da sua intelligencia de socialidade a uma longa pratica forense.

São de honras deza excentricistas, que vem lançando mão os nossos chefes Gabriel Bastos e sr. Vergueiro para a execução dos cargos publicos.

CORONEL GÊNES BENTO

F com prazer que nos uma vez conhecemos a estrada entre nós do sr. coronel Gênes Bentu. Bento, digno cidadão de policia da 1.ª região. Ao illustre hospede apresentamos os nossos affectuosos cumprimentos.

Visitaram a nós, entre outros pessoas, os sr. Eduardo Manoel de Arruda, sr. Nivaldo Araújo Vergueiro, Gabriel Bastos, Angelo Prota, Antonio da Silva Lemos, Angelo Marinho, Djalma Lemos, policiaes Tyrre, Arnaldo Luz Hoffmann, dr. Ney de Lacerda Costa, dr. Antonio Bittencourt, Arnaldo, Jovino da Silva Freixas, Francisco, Antonio Xavier, sr. Oliveira, José Lucas Dias, Laurino Xavier da Castro, Benedito Estivallet, coronel Hodoroo Branco, sr. Baptista Curie de Carvalho,

Meus votos

O Deus piedoso que estaes no céo, fazei ditoso este livimim.

Enviái no novios a benção vossa para alegria dos dimes novios.

Dee-lhes constancia no casamento que os enleia neste momento.

O Deus piedoso, que estaes no céo, fazei ditoso este livimim.

A bella poesia acima é da lavra do nosso amigo Antonio Xavier, que nos honrou de juiz, ao realizar um casamento, invocando a Muzza, a conceber guardando em sua patria, donde a subtrahimos para publicação.

Procissão de Corpus Christi

Ficetissimo domingo passado, como noticiamos, a procissão de Corpus Christi, sendo uma concurrença e revesitudo de tal habilitação, que a todos edificaram mago, fazezmo.

As ruas por onde passou estavam belamente enfeitadas com arcos triumphaes, e de onde a cada havia um altar, ao que parava o prelo, para ser dada obsequio aos fiéis.

Desde do aspecto factosamente mystico do traslado, salientava-se de direcção que Christo alimim e ve, que Christo ainda vivia, que Christo ainda impera uma occasião dos homens.

Tomaram parte, nessa manifestação publica da fé catholica para o dia de 2 mil pessoas.

PÉ QUEBRADO

O ancipio mandara. Dando o vento, elle cêo. Esperem que o coronel Não dorma—ELLE...

S. FERRETO

Detalhe da capa da edição de 5 de junho de 1918 do jornal A Voz da Serra. Acervo Instituto Histórico de Passo Fundo (IHPF).

LERIAS...

Passeavam dois burguezes:

- Que edifício é este?

- O Club Pinheiro Machado.

- O Club Pinheiro Machado?!

- Sim, porque te admiras?

- Porque, hontem, convidaram-me para ir ao café e trouxeram-se aqui...

- Ó! (Idem.)

LEIAM... LEIAM. (...) as mazelas dessa carunchada e oca, inócua e triste, antiga e má administração de Pedro Lopes de Oliveira, que cercado de uma penca de sanguessugas, envolvido pelos tentáculos desse polvo enorme, que é aqui o funcionalismo municipal, deixa-se ficar nesse *dolce far niente*, numa apatia incomensurável, embolsando os seus adorados cobrinhos no fim do mês. Um homem que tivesse certa altivez, um bípede que enxergasse apenas um palmo adiante do nariz, depois de haver auscultado o pensamento do povo, que o tem atravessado na garganta, que mal o suporta, que dificilmente o tolera, já teria num lance digno repellido, abandonado essa posição. Hoje, para que bem alto e bem longe se possa comentar, vamos transcrever para aqui duas notícias de outros jornais, um de feição independente e outro de caráter essencialmente político adversário. E não se diga que isso é politicagem do vergueirismo rasteiro, mesquinho, indigno, cínico, miserável e mais quejandos adjetivos dessas almas sem norte e sem luz, verdadeiros bolinhas de lama. CORREIO DO POVO, sábado, 1º de fevereiro de 1919; quarta página, segunda coluna: 'Construção de uma ponte. O sr. Santo Meneghetti, negociante desta praça, e que possui uma serraria no 3º distrito do município de Passo Fundo, mandou construir, à sua custa, uma ponte sobre o rio do Peixe. A ponte, que é toda de madeira de lei, tem 180 palmos de comprimento e 25 de largura. Esse melhoramento veio prestar bons serviços aos mo-

radores do referido distrito, pois em épocas de cheias, não podiam eles demandar à estação Coxilha, a fim de embarcar ali as suas mercadorias. A ponte, cuja construção custou alguns contos de réis, já foi franqueada ao público, tendo sido construída sob a direção do sr. Pedro Zambato.' CORREIO DO SUL. Bagé, 1º de fevereiro de 1919; terceira página, primeira coluna: 'O negociante Santo Meneghetti mandou construir uma ponte sobre o rio do Peixe, 3º distrito do município de Passo Fundo.' Para um administrador, antes de tudo digno de si mesmo, zeloso do seu nome, essas duas locais bastariam para fazer corar as faces, embora sofresse ele de anemia perniciososa. E a coisa é assim... *toujours la même chanson...* e enquanto os industrialistas constroem pontes nos rios Colorado, Peixe e outros à custa de seus próprios dinheiros, o nosso intendente Pedro Lopes de Oliveira, administrador dos dinheiros públicos aperfeiçoa-se (...) de pessegada e dança... dança com seu pé de pato e seu bigode a mandarim. Venham agora as descomposturas em calão de vinhaça de bordel, em estilo de sarjeta, mas desmintam, se forem capazes, aquelas notícias.⁸

AVISANDO... A sociedade de Passo Fundo, a quem muito acatamos, por sermos dela um de seus membros, e o público em geral, são testemunhas de que A VOZ DA SERRA, apesar da veemência com que tem dado combate à nefasta e maldita ação do Cel. Pedro Lopes de Oliveira e a sua camarilha, nesta terra, profligando sem dó nem piedade as suas bandalheiras, pondo à calva as suas mazelas como administrador, patenteando as suas burrices públicas, jamais, em um simples deslize que fosse, fomos levados a imiscuirmos na vida privada de qualquer desses patifes; nunca a nossa pena entrou em um lar, embora dos nossos mais rancorosos inimigos, para trazer a público qualquer fato. Da mesma maneira não procede o Cel. Pedro Lopes que pelo seu

⁸ *A Voz da Serra*. Passo Fundo, n. 156, 8 fev. 1919. Acervo AHR (PPGH/UPF).

nojento jornal, por mais de uma vez tem procurado ele atassalhar de uma maneira injusta e virulenta a vida privada de nossos amigos, dignas todas, de muito respeito e acatamento, como membros componentes de nossa sociedade. Esse pasquim imoral é escrito em linguagem tão pornográfica que de forma alguma pode ser lido e ter entrada em uma casa de família. Muito nos repugna que em – LEGÍTIMA DEFESA – sejamos arrastados a usarmos da pena de Talião: ‘Dente por dente, olho por olho’. Ai do Cel. Pedro Lopes de Oliveira e de sua comandita, no dia em que resolvermos trazer à público a história de suas libidinagens, então, nada nos deterrá, poremos trégua à luta política, para matar de vez a hidra que nos vem mordendo no que temos de mais sagrado – o lar! Preferimos, porém, que o Cel. Pedro Lopes de Oliveira evite que sejamos obrigados a mexer em roupa suja... Não se arrependam depois... Aí fica o aviso!⁹

João Baptista Cúrio de Carvalho suspendeu a publicação do jornal *A Voz da Serra* em junho de 1921. E o tenente só voltou a atuar na imprensa como correspondente especial do jornal *O Nacional* na Revolução de 1930.

Entretanto, *A Voz da Serra* ressurgiu em 28 de fevereiro de 1924, dirigida pelo novo proprietário, Antonio Bittencourt Azambuja, sendo seu redator João Junqueira Rocha. É possível descrever o jornal como: publicação semanal, com redação e gerência na Rua Bento Gonçalves, formato 38 x 56, quatro páginas, e que voltou a estampar o subtítulo “Órgão Republicano”. No corpo de colaboradores estavam Lacerda de Almeida Júnior e Antonio Villanova. Ainda, destaca-se que em agosto de 1924 a redação estava a cargo de “redatores diversos” e a gerência estava sendo exercida por Luiz Pinto Vieira de Mattos.

Após permanecer um mês e pouco com a circulação suspensa por

⁹ *A Voz da Serra*. Passo Fundo, n. 174, 28 jun. 1919. Acervo AHR (PPGH/UFP).

falta de papel, *A Voz da Serra* retornou em 7 de maio de 1925 sob o subtítulo “Órgão Independente”. Antonio Bittencourt Azambuja fechou o jornal em julho de 1925. No dia 24 daquele mês e ano vendeu as oficinas a Theophilo Guimarães, proprietário da Livraria Nacional.

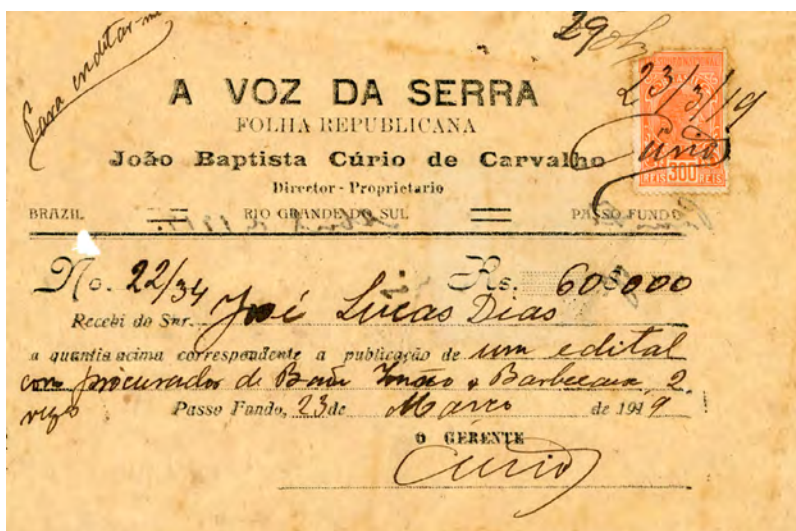
A ÉPOCA

O jornal *A Época* iniciou sua trajetória em 5 de fevereiro de 1921. Pertencia à Livraria Minerva, de Gervasio Araújo Annes, e foi fundado por Ney de Lima Costa, o primeiro diretor, e João Baptista de Oliveira Mello. Entre os colaboradores estavam Herculano Araújo Annes e Walter Gastão Büttel. O chefe das oficinas era José Rodrigues da Costa. Tinha por características ser folha semanal, com formato 38 x 55, e com circulação às quintas-feiras.

Quando *A Época* completou o seu primeiro aniversário, Gervasio Araújo Annes vendeu a Livraria Minerva a Antão Chagas, proprietário da Livraria ABC. O então diretor, Herculano Araújo Annes, foi mantido no cargo. Entretanto, o escritório da redação e da gerência, que funcionava na Avenida General Neto, n. 7, foi transferido para a Rua Jacuí, n. 64.

Herculano e seu primo, Pindaro Annes, adquiriram *A Época* em 1º de julho de 1923. O primeiro permaneceu na direção e o segundo assumiu a gerência do jornal. A partir daí, a publicação adotou o subtítulo “Jornal Independente”.

Vale ressaltar que devido a um “desarranjo” em sua impressora, *A Época* diminuiu, a partir do n. 94, de 1º de dezembro de 1922, o formato para 33 x 48, e assim permaneceu até agosto ou setembro de 1923. Nesse período, circulou às quintas-feiras, aos sábados e aos domingos. Encerrou as atividades em 21 de fevereiro de 1924, em razão da venda da tipografia a Antonio Bittencourt Azambuja, que substituiu *A Época* pelo *A Voz da Serra*.



Recibo do jornal *A Voz da Serra* para o sr. José Lucas Dias. 23 mar. 1919. Acervo Instituto Histórico de Passo Fundo (IHPF).

Sublinha-se que com o jornal *A Época*, a imprensa local ganhou novos ares, sendo tratada com mais profissionalismo. Era bem impresso, possuía variados assuntos e cobriu dois grandes eventos: o centenário da independência, em 1922; e a Revolução de 1923. Entre seus colaboradores, destacava-se o irreverente “Zelio”, cronista digno de antologias.

Comentários... Depois de um intenso movimento sedicioso, cujos fins são por demais conhecidos dos nossos leitores; depois de um grande susto causado a muita gente boa; depois de uma pequena interrupção desta crônica, voltamos hoje a ocupar o nosso posto. Com o movimento revolucionário que desgraçadamente surgiu neste município, apreciamos tantas coisas engraçadas que difícil é narrá-las. Assim que ele foi aparecendo e que à boca pequena iam os boatos pelas ruas, muita gente foi tratando de realizar seus *negócios* em outros pontos. Conforme iam embarcando, da Estação vinham novidades cheias de hilaridades... Os boateiros glosavam as ocorrências das

ASSINATURAS:
Cidade, anno... 155000; semestros... 85000
Forn... 108000; ... 58000
Número avulso do dia... 5800

A ÉPOCA
Publicação Semanal

Director: Dr. Herculano A. Annes Proprietario: Antão A. Chagas Redactores: DIVERSOS

ANNO III R. G. do Sul - Passo Fundo, 22 de Junho de 1923 NUM. 115

Dr. Dino Caneva

Comunica a seus clientes e amigos, dos quaes se despede, que, de viagem á S. Paulo e Rio, acompanhado de sua esposa, está-rá ausente desta cidade durante um mez. Passo Fundo, 14 de Junho de 1923.

ANTONIO ANACLETO BARROSO e ALCYRIA RODRIGUES ADAMES

PARTICIPAM NOS PRESENTES E PESSOAS AMIGAS, DO SEU CONTRATO DE CASAMENTO

Poncho, Maio de 1923.

Casa Meyer

podê fornecer a seus favorecedores as seguintes artigos.

- Seda para homens - Seda para senhoras
Chapins para linhas e rapazes
Camisas para sras. e crianças
Cartões e pyjamas
Artigos para viagem
Colchonetes
Meias
Artigos para foot-ball
Gravatas
Guarda-chuvas
Roupas feitas
Armarinho

Reforma de qualquer chapéo para homens, senhoras e crianças
Avenida General Netto n. 35 - junto á Agência Ford

CASA WILLIG

Recebo um liado sortido de artigos finos, como sejas e casias de seda para homens e senhoras, longidui e etamine de lã, mantas, lençós, folhas de lã para cobertores de senhoras, veludo azul marinho, como no cou de largo, etc.

Além dos artigos de lã quero adotar referidos, e rebebo esta fazenda de elegantes e modernos sobretudos para homens, casis para homens e meninas s, etc.

Emprego de grande quantidade de tecidos, cordões, botões, e um grande sortimento de chapins para inverno, sapatos graciosos de lã, etc.

Extraordinario sortimento de perfoirarias, maldades, fustões, lençós e calças, que é impossível descrever.

Recebo a maxima de outros fornecido - lãoz, assucar, farinha, sal, sabão e diversos outros artigos, quanto botões, vitelhas, costuras, etc.

A CASA WILLIG está sempre a preferida porque tem grande stock e vende aos melhores resultados para regular clientela.

João C. Willig
PRAÇA DA REPUBLICA

Soledade

Do relatório municipal de 1922, apresentado pelo operário intendente sr. S. Soleimer Junior, tiramos os seguintes dados sobre o viúvos e exproprios municipal:

Instrução - A instrução publica de Soledade é provida por 49 alunos, com a matrícula de 1.219 alumnos.

Dessas salas, são 6 estabelecimentos, 30 subvencionadas pelo Estado e 13 pelo município. Na villa sobre-habem o collegio nº7 de Setembro, da congregação metodista e o 'São José', dos padres franciscanos. O primeiro tem a matrícula de 74 alumnos e o segundo de 44 alumnos.

Seguranca publica - É feita pela Guarda Municipal constante de 21 commandantes, 2 albos e 5 praças.

Saude publica - Esta é feita pelo Dr. Manoel de Aguiar, na localidade Villa Villanova.

As enfermidades que reclamam assistência medica foizram a gripe, a angina, a varicella e a catarral, sendo, porém, excellente o estado sanitario em geral. Como medio hygienico inadivavel apontou o medico municipal a fixação das fossas fegicas e a fiscalização da carne de consumo.

Iluminação - É feita por 36 combustores a kerozene. Trabalha porém a municipalidade em adaptar a villa com uma urtica electrica.

Melhoramentos materiaes - Despendeu a intendencia com essa verba, 14.138 \$250.

Além dos melhoramentos na villa, dirigiram-se os trabalhos na melhoria e construção de estradas e pontes.

Dívida Passiva - Montada apenas a quantia de 3.000\$000.

Hepitação - A população do município, conforme o recenseamento federal de 1920 é de 38.927 habitantes.

Funcionarios - O quadro municipal é composto de 14 funcionarios, 7 de Interinos e 7 extintos.

Locomoveis

De 8, 15, 20 e 32 Cavallos effectivos, novos e usados. Informa-se nesta redacção quem tem para vender.

DE CLAMACÕES

estavam nas paragens sobre o augmento continuo da greve da carne. Ha de se lembrar, quanto a isso, que esta terra é a maior exportadora de carne para a cidade de Porto Alegre, e que a maior parte da carne que se consome na cidade de Porto Alegre é produzida aqui.

No que se refere ao valor da carne pela beneficencia publica, convém lembrar que esta terra é a maior exportadora de carne para a cidade de Porto Alegre, e que a maior parte da carne que se consome na cidade de Porto Alegre é produzida aqui.

Como este negocio é muito lucrativo, convém lembrar que esta terra é a maior exportadora de carne para a cidade de Porto Alegre, e que a maior parte da carne que se consome na cidade de Porto Alegre é produzida aqui.

A administração municipal que tanto empenha suas energias na melhoria da villa, convém lembrar que esta terra é a maior exportadora de carne para a cidade de Porto Alegre, e que a maior parte da carne que se consome na cidade de Porto Alegre é produzida aqui.

SADA DE ILUSTRÃO

o melhor definitivo é a que se encontra no presente. O melhor definitivo é a que se encontra no presente. O melhor definitivo é a que se encontra no presente.

Alcoolismo

É innegavel que o mundo inteiro desperta do pesado sono no lethargico do atrazo que consentia em seu gremio desde ha muitos dias mais sonolento e mais torpe, o alcool e o jogo.

Venem todos os dias as noticias estimulantes e bem-feitas da reacção sã em todo o mundo.

No Estado do Pará entrou em vigor uma lei, que bem observada, absolvia quasi uma prohibição alcohólica. No município de São Francisco de Paula, da Gama da Serra, a municipalidade levantou consideráveis impostos sobre as bebidas alcoholicas, visando ao saneamento e ao crescimento do municipio publico, mas tambem em primeira linha, o bem-estar do povo, protegendo tanto quanto o permite a autoridade municipal, contra o vicio maior inimigo actual, o alcool.

ao qual se entrega municipalmente pela ignorancia e pela indolencia. Os resultados apparecem pelo calculo de galões e de litros que tantas vezes faldam na pratica, porque as coisas alcoholicas da theoria soffrem sempre o acurcio da applicação, e, finalmente para a familia brasileira não se descan esperar.

Pedram no dito municipio caspas de bebidas, que não podiam contar com o peso do imposto.

No Estado do Paraná o proprio governo criou e está criando um Instituto para a medicina e cura dos alcoolistas.

No Chile os nobres, athenicos, nobres colligaram-se com a classe operaria e movem uma corrala campuina ao capital alcohólico.

A Fuzquia, até a Turquia, a ilha Alcega, o Chile, o Estado de Michigan, vendendo estes se atavam das sabias leis da Prohibita, lançou, como a America do Norte, a 'Prohibicão do uso e fabricação das bebidas alcoholicas'.

Na Alemanha, conforme circulares do 'Deutscher Verein gegen den Alkoholismus', reafirmam a campanha anti-alcohólica, já sustentada ha tantos annos. No proprio Munich, o curato da igreja, os funcionarios de liquido alcoolizado, os hospitales e os sanitarios da cidade de Munique, solham-se negarem a sentir o peso da campanha anti-alcohólica.

No Austria, eminentemente psiquiatria vienesse, está a frente do movimento libertador da escravatura alcohólica.

No Brazil, a Liga Nacionalista, é o sustentáculo da sublime campanha redemptora que, ha de levar o povo brasileiro, pela educação e pela lei a um futuro mais pujante, mais digno, mais amplo de vistas e de accção. Está a frente do movimento os nossos grandes escriptores prof. Dr. Belizario Penna, uma gloria brasileira, bem como quem tem feito pela sua patria no terreno revolucionario da reforma hygienica e social applicada, e o eminente prof. Dr. Miguel Costo a quem a ciencia medica veura no mundo destal levantado da saber. O Sul, em nova vez analisado, tudo o grido de alarma foi dado pela Liga Anti Alcoolica do Rio Grande do Sul, e o Sr. Leopoldo, cujo exemplo foi seguido em Porto Alegre pelo Sr. Unio Portogalves de Estuadas, hoje simplesmente o primeiro anti alcohólico. Por to a imprensa, porque se tornou popular, e porque se tornou a conversar com a primeira actividade das duas novas instituições sub-riograndenses, e no conhecimento de Uruguaiana, na eschola municipal de Algrete, e finalmente em nosso tempo necessarios ao alcoolismo.

Em Londres a Camara dos

Em Londres a Camara dos

Em Londres a Camara dos

Em Londres a Camara dos

Em Londres a Camara dos

Em Londres a Camara dos

Em Londres a Camara dos

Em Londres a Camara dos

Em Londres a Camara dos

Em Londres a Camara dos

Em Londres a Camara dos

Em Londres a Camara dos

Em Londres a Camara dos

Em Londres a Camara dos

Detalhe da capa da edição de 22 de junho de 1923 do jornal A Época. Acervo Instituto Histórico de Passo Fundo (IHFP).

despedidas de uma forma tristonha, cômica e teatral!.. E assim passavam os dias, até que veio o sítio da cidade pelas forças revolucionárias. A situação era bastante séria. Todos a encaravam com algum pessimismo... Quando o sítio apertou e que a situação piorou, que todos estavam contristados, porque o momento era de apreensão e de dúvida... em certo palacete se ouvia o som mavioso de uma orquestra! Tal fato causou estranheza e serviu para severos comentários!.. Veio depois o tiroteio pela madrugada; o momento continuava o mesmo. E assim passou mais alguns dias, a cidade sitiada e uma chuva impertinente a cair. Dia e noite se ouvia o apito continuado dos trens *misteriosos* que foram o pavor dos sitiantes. Tantos dias decorreram assim que por fim o povo já estava acostumado com os tiros e boatos. Finalmente, eis que chega o general Firmino, como o anjo da paz e restabelece, com a sua presença, a tranqüilidade e a confiança ao povo de nossa terra. Passaram mais dias, e chegou também o garboso 7º Regimento. Voltamos à completa calma. Tudo está funcionando normalmente, a não ser alguns revoltosos que vão chegando um tanto desapontados do fracasso!.. Com a chegada do bravo 7º Regimento, a nossa cidade muito tem lucrado. Todas as quintas-feiras e domingos, a excelente banda dessa gloriosa unidade do Exército, tem dado retreta na praça Marechal Floriano. Este aprazível centro que outrora era abandonado pelo nosso mundo elegante tem sido pequeno para conter a numerosa assistência que ali vai gozar sorrindo as delícias da banda musical. E nós como um pobre diabo que também muito gosta do que é bom, lá ficamos até a sua retirada. E sentado em nosso banco, sorvendo um copo de chopp gelado fabricado pelo Bade, vamos observando o que vai de novo entre os passeadores. Os demais bancos estão todos tomados e os seus ocupantes vão também tomando os seus gelados. Eis que passa um grupo de senhorinhas um tanto pintadas em demasia; mais atrás outro de umas jovens acompanhadas de seus namorados; em seguida algumas velhas também demasiadamente pintadas; vem após alguns rapazes falando nas futuras pejeas futebolescas; e finalmente, dois fo-

rasteiros que palestravam sobre a necessidade do embelezamento de tão lindo recanto da cidade. Outras coisinhas engraçadas que ali presenciámos só contaremos a quem não for indiscreto (...).¹⁰

GAZETA

Em 25 de janeiro de 1925 surgiu o jornal *Gazeta*, “Órgão independente, noticioso e dos interesses locais”. Fundado por Ney de Lima Costa, proprietário e diretor, estava sob a gerência de José Rodrigues da Costa. De periodicidade irregular, com formato 38 x 56, e totalizando quatro páginas, a *Gazeta* passou a ser semanário domingueiro a partir do n. 7, de 5 de abril de 1925. Era impresso na Tipografia da Gazeta, e logo depois a casa editora passou



*Ney de Lima Costa. Sem data.
Coleção Firmino da Costa.
Acervo IHPF.*

a ser a Livraria Minerva, adquirida por Ney de Lima Costa e instalada na Avenida General Neto, n. 20. A opinião do diretor vinha inserida nas colunas “Pela Cidade” e “Seção de ... Reparos”, sob o pseudônimo “Pélicos”. Em junho do mesmo ano, devido ao falecimento do gerente, assumiu o cargo o diretor das oficinas, Waldomiro Soares, ex-funcionário do jornal *Última Hora*, de Porto Alegre, e que havia dirigido as oficinas dos jornais locais *O Periscópio*, *O Regimen* e *A Época*.

Exemplares de julho de 1926 indicam que o jornal voltara a ser semanário e dominical. O formato diminuiu para 28 x 38 e o número de páginas aumentou para oito. Nesse ínterim, Waldomiro Soares figurava como gerente, já o redator Oliveira Mesquita apresentava suas despedidas, comunicando transferência para São Luiz das Missões.

¹⁰ *A Época*. Passo Fundo, n. 102, 1 mar. 1923. Acervo Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

O último exemplar da *Gazeta* editado na cidade, em sua primeira fase, foi o n. 88, de 1º de agosto de 1926. Vendido para João Carlos Araujo e Silva, a *Gazeta* foi lançada na cidade de Carazinho, em 12 de setembro de 1926, onde circulou até meados de 1928, quando retornou a Passo Fundo, sob a direção do mesmo proprietário. Já na segunda fase, ostentava o subtítulo “Órgão Republicano” e dispunha das seguintes características: semanário com quatro páginas, formato 38 x 56, com circulação aos sábados.

Em dezembro de 1928, Frederico Cúrio de Carvalho assumiu a redação do jornal. Tulio Fontoura permanecia na gerência e Celso da Cunha Fiori, Victor Graeff e Legendre Chagas figuravam no corpo de colaboradores. Já a equipe de oficiais gráficos da oficina era composta por Euclides Moreira, Chrispim Costa, José Gomide e Santanna Silveira. O impressor era Vicente Mendes e o encarregado do expediente, inclusive dos serviços de cobrança e agência de praça, Olegario Pedrozo.

Entretanto, Frederico Cúrio de Carvalho demitiu-se em abril de 1929. No mês seguinte, foi Tulio Fontoura quem deixou definitivamente a gerência do jornal. Em novembro de 1929, a redação e administração da *Gazeta* passaram a funcionar na Avenida Brasil, n. 135, e as oficinas na Rua Silva Jardim, n. 19. Já em maio de 1930, a redação estava na Avenida Brasil, n. 1.244, e as oficinas na Rua Morom, n. 1.826.

No início de 1929, a *Gazeta* passou a rebater as críticas do jornal *O Nacional* à política implementada pelo intendente Nicolau Araujo Vergueiro, eleito no ano anterior em substituição a Armando Araújo Annes. Essa celeuma se diluiu em meados do mesmo ano com a formação da Aliança Liberal, pacto político em favor da candidatura de Getúlio Vargas à presidência da República. Em 1930, João Carlos Araujo e Silva noticiou a retirada do seu apoio a Getúlio Vargas. Consequentemente, o jornal, como outros na mesma situação, não sobreviveu à revolução de outubro.



SECÇÃO LIVRE

FAZENDA -- JUGCA -- TRANSACÇÃO IMPORTANTE

Tentativas de grupos armados para impedirem a entrega do gado

Providencias tomadas -- Como se conta a historia...

Beaot fazendeiro, que com... (text continues)

Interessado sempre gado... (text continues)

Arrovaçada da empre... (text continues)

Tribuna de São, porém... (text continues)

Abandonada, na tempe... (text continues)

Amã, a comecar de h... (text continues)

Meo de expressa Es... (text continues)

Uma vez que a empre... (text continues)

Uma vez que a empre... (text continues)

Uma vez que a empre... (text continues)

Uma vez que a empre... (text continues)

Uma vez que a empre... (text continues)

Uma vez que a empre... (text continues)

Uma vez que a empre... (text continues)

Uma vez que a empre... (text continues)

Uma vez que a empre... (text continues)

Uma vez que a empre... (text continues)

Uma vez que a empre... (text continues)

Uma vez que a empre... (text continues)

Uma vez que a empre... (text continues)

Uma vez que a empre... (text continues)

Uma vez que a empre... (text continues)

Uma vez que a empre... (text continues)

Uma vez que a empre... (text continues)

Uma vez que a empre... (text continues)

Uma vez que a empre... (text continues)

Uma vez que a empre... (text continues)

Uma vez que a empre... (text continues)

Uma vez que a empre... (text continues)

Uma vez que a empre... (text continues)

Uma vez que a empre... (text continues)

Uma vez que a empre... (text continues)

Uma vez que a empre... (text continues)

Uma vez que a empre... (text continues)

Uma vez que a empre... (text continues)

O NACIONAL

Lançado em 19 de junho de 1925, numa sexta-feira, o bissemanário *O Nacional* pertencia a Theophilo Guimarães, proprietário da Livraria Nacional. Sob a designação de “Jornal Independente”, circulava às quartas-feiras e aos sábados, com formato 30,5 x 43, tinha como diretor Herculano Araújo Annes e gerentes Hyran Araujo Bastos e Americano Araujo Bastos. O famoso cabeçalho do jornal foi desenhado por Geolar Caminha e gravado em Porto Alegre, na clichéria da Editora Globo.

O NACIONAL. Editado em oficinas de vida comercial independente, gozando de mão de obra farta e material em boas condições, O Nacional aparece hoje, com esperanças de longa vida no seio da população passo-fundense. Fundado em tais intenções, mister é que digamos algo sobre o seu feitio moral: é preciso saber com quem se vive. Todo o nosso programa se resume nas duas palavras do cabeço: jornal independente. Independente é aquele que vive por si e se dirige por seu próprio arbítrio sem sugestões estranhas; independente é quem não se acha preso em liames de partidarismo, é quem não está chumbado aos elos de uma fé nem coagido pelas necessidades da vida, ao amém eterno da subalternidade. Ser independente é ser livre. O primeiro dever de quem é livre é respeitar a liberdade alheia. Quem quer ser livre deve ser honrado, deve ser justo, deve por-se acima dos pequeninos interesses que pululam no seio das coletividades em formação, mas também deve ser enérgico e irredutível no culto da verdade. Nem abusar nem temer. Nós queremos ser livres. Não significa isso que afastemos de nós assuntos escabrosos como o são geralmente os políticos, os administrativos e os religiosos. Não; de todos falaremos si mister e nisso está a principal vantagem de quem tem os movimentos soltos. O que significa é que em nenhum assunto interesses secundários nos irão desviar

da reta que traçamos. Não pregaremos crenças porque não somos religiosos; não empreenderemos propagandas políticas porque não somos políticos; mas chegaremos à política e chegaremos a qualquer idéia ou fato quando ele interessar de perto a vida comum. Liberdade máxima dentro da máxima responsabilidade. Eis o nosso lema.¹¹

Em 1928, sucedendo a Armando Annes, assumiu pela segunda vez a administração do município o médico Nicolau Araujo Vergueiro. O novo intendente ocupava, concomitantemente, a cadeira de Passo Fundo na Assembleia dos Representantes e permanecia na chefia do PRR local. Então, a fim de concorrer a uma vaga na esfera federal, abdicou da tradicional cadeira, mantida desde a Assembleia Constituinte do Estado pelo coronel Gervasio Lucas Annes, a um candidato de outra cidade. Não obstante, tecia críticas à administração anterior, suspendendo, entre outros atos, as obras da usina do Rio Taquari, para a construção de uma nova, no Rio Jacuí, distante 40 quilômetros da cidade e que não saía do papel.

O Nacional, através de seu diretor, Herculano Annes, rompeu relações com Araújo Vergueiro. Em consonância, em 5 de março de 1929, anunciou campanha contra o “egoísmo político” do último. Assim, Herculano, que era advogado e irmão do intendente anterior, renunciou às diversas procurações que possuía da municipalidade.

Em 10 de abril de 1929, Gervasio Araújo Annes adquiriu de Theophilo Guimarães a tipografia d’*O Nacional*. Os gerentes do jornal, Hyran e Americano Araujo Bastos foram substituídos pelo próprio Gervasio. O novo prédio, construído para abrigar a redação, a gerência e as oficinas, localizava-se na Rua Sete de Setembro, próximo ao Café Esmeralda. O jornal lá permaneceu até abril de 1932, quando se transferiu para o endereço da Avenida Brasil, n. 662.

¹¹ *O Nacional*. Passo Fundo, ano 1, n. 1, 19 jul. 1925. Acervo AHR (PPGH/UPF).

O NACIONAL

JORNAL INDEPENDENTE

DIRECTOR:

DR. HERCULANO A. ANTES

GERENTES:

HYRAN DE ARAUJO BASTOS
AMERICANO DE ARAUJO BASTOS

ANNO I

(Brasil — Rio Grande do Sul) — Passo Fundo — Sexta-feira, 19 de Junho de 1925

NUM. 1

O Nacional

Editado em oficinas de vida e pensamento independente, gozando de mão de obra fértil e material em boas condições, O Nacional aparece hoje, com as perspectivas de longa vida no seio da população passo fundense.

Fundados em tais interesses, mister é que digamos algo sobre o seu teor moral e preciso saber com quem se vive. Todo o nosso programa se resume nas duas palavras do cabeçalho: Jornal independente e livre. E aquele que vive por si e se dirige por seu próprio arbítrio sem suas atitudes estranhas; independente é quem não se acha preso em linhas de partidarias, a quem não está chumbado ao lado de uma fé nem coagido pelas necessidades da vida, a amenidade da salutaridade.

Ser independente é ter o primeiro dever de quem é livre e respirar a liberdade aberta.

Quem quer ser livre deve ser honesto, deve ser justo, deve pôr-se acima dos pequenos interesses que pulsam no seio das colectividades em formação, mas também deve ser energico e irredutível no culto da verdade. Nem abdicar nem temer.

Não queremos ser livres. Não significa isso que asfamos de nós os santos e os lobros como os a geralmente os políticos, os administrativos e os religiosos. Não; de todos sabemos o mister e nisso está a principal vantagem de quem tem os movimentos soltos. O que significa é que não tenhamos outros interesses secundarios nos fôrmo desviar da recta que traçamos. Não pragmatismos crenças porque não somos religiosos; não empreendimentos propagandísticos porque não somos políticos; não elegarismos a politica e chegarismos a qualquer coisa no tanto que seja interessado por a si mesmo.

Liberdade é a vida dentro da natureza, a sua liberdade.

Em o nosso lema.

Seção medica

A triste lei da herança

A natureza physica tem as suas monstruosidades, como a natureza moral.

Um individuo pode ser incompleto sob o ponto de vista de sua organisação physica, como o outro também o pode ser moralmente.

O corpo tem as suas anomalias no desenvolvimento dos seus orgãos e do cerebro as suas fendas no desenvolvimento das suas faculdades.

Assim como se nasce com predisposição organica para certas enfermidades organicas, se nasce igualmente com predisposição para determinadas enfermidades mentaes.

Na diathese physica, e a diathese moral, porque o espirito não pode sottrair-se a certas leis que determinam padecimentos que, nem ainda são do corpo.

A herança pathologica que transmite de geração em geração a inmensa maioria para os soffrimentos do corpo, segue fatalmente suas máximas e pecoreia as mesmas leis que a que transmittie a herança psychologica para os padecimentos do cerebro.

Na herança de certas enfermidades, como a tuberculose, por exemplo, a frequente que a criança, nascida de paes tuberculosos, não traga tuberculose em sua corrente, vem com a malicia da predisposição em desenvolvimento para que não são tuberculosos, mas que trahem soffrido de excitação diathese cancerica ou alcoolica, pedem o ser com a diathese tuberculosa, porque a afeccão soffre ao transmittir-se uma verdadeira transformação.

O mesmo não se dá porém, com a epilepsia, filioz de para epileptico, nascem ja com esse terrivel mal que os estudos sobre a "epilepsia" e a applicação de methodos sciéntificos e se tendizam a descobrir que nascem os referidos com caracter obscuro, sob a transmissão continua através de varias gerações, com traços notaveis (como epilepsia) manifestos dos Bourbons) e do nobilissimo nazé dos Bourbonz).

Portanto, os progressos positivos desde que seio do século XIX, demonstram um pouco notaveis se os estudos de todo os estudos de biologia da fecundação, que permitiam encontrar melhor o problema da transmissão hereditaria na reprodução sexual e que permitiam a phantasia do famoso eucariotico dos germes.

Hoje é um facto de observação vulgar que os filios se parecem com seus paes, porém sem ser

iguais a elles, pois não existe no mundo dos actos viventes perfeitamente iguaes entre si.

As semelhanças provém da herança; a differença constitue a variação.

Se a herança fosse tão exacta que a variação pudesse depreciar-se, as espécies seriam fixas e immutaveis.

Se ao contrario as variações pudessem accumular-se e incorporar-se ao causal hereditario, modificariam por completo os caracteres das gerações successivas.

De qualquer forma se comprehende a importancia que adquire o problema da herança a partir da publicação da "Origin das Espécies" de Darwin.

A transmissão hereditaria não é sempre directa, e não é sempre immediata de paes a filios; pode, porém, passar a herança por varias gerações sem manifestar-se em descendentes proximos para apparecer depois de muitos annos com todos seus caracteristicos.

Portanto, uma anomalia não deve ser procurada immediatamente nos paes, sendo, também, em uma das duas gerações accedentes.

A tendéncia que as vezes se observa em certos criminosos, e a simples questão de physiologia ou de psychologia morbida.

Alguns desses delictuosos que se caracterizam por furtos, roubos ou a matric, como assassinos violentos, são mais propriamente em termos criminosos.

Nesses casos e onde melhor se observa a herança, a influencia morbida dolectera da organisação dos paes ou do ascendente e a transmissão dos neuropathicos de suas ou monstruosidades mentaes de outros.

Na generalidade dos casos, a educação não cura essas glandulas do espirito, como a cirurgia não cura a glandula e seus indesejaveis vicios de conformação.

A educação adquire a sua potencia e calca as suas monstruosidades estabelecendo um equilibrio instavel, da mesma forma que a therapéutica calca as exacteções da estrutura por meio do fôrmo que ajuda a natureza na sua luta eterna contra a diathese.

A criminalidade sobste, ainda que delimitada, porém, interpenetra-se e sob a influencia de uma causa qualquer, muitas vezes in significante, recorre o seu tipo primitivo e a sua mão de chumbo renega essas organisações corporeas.

Isso acontece frequentemente com as perverções energeticas hereditarias com degenerações que declinam o ser moral para os tipos mais ou menos em todas as therapeuticas do mundo, e a "triste lei da herança".

J. F. Castellini

O NACIONAL apparecendo duas vezes por semana, consulte uma novidade em P. Paulo, Assim é que muitas vezes nos tem manifestado esta duvida bastante comprehensiva: Baste-se a um bi-semanario nesta cidade?

Cremos que sim. Boa vontade de nossa parte não falta; honzabilidade por parte da população não faltará. Com esses dois elementos não resta duvida que se possar tirar um jornal duas vezes por semana.

O desenvolvimento da cidade ja comporta perfeitamente esse progresso. Cruz Alta o tem; porque não, como o nosso notavel movimento social e commercial, não o poderemos ter?

Naturalmente, nos primeiros tempos, haverá de lutar com difficuldades e se ha de notar muitos senões em nossa folha, tudo porra, corrigese com o tempo. Auxiliemos nos os que estão em conflitos disso e tentos arruam com facilidade e provio para o amilante em que vivemos.

Naturalmente, nos primeiros tempos, haverá de lutar com difficuldades e se ha de notar muitos senões em nossa folha, tudo porra, corrigese com o tempo. Auxiliemos nos os que estão em conflitos disso e tentos arruam com facilidade e provio para o amilante em que vivemos.

Naturalmente, nos primeiros tempos, haverá de lutar com difficuldades e se ha de notar muitos senões em nossa folha, tudo porra, corrigese com o tempo. Auxiliemos nos os que estão em conflitos disso e tentos arruam com facilidade e provio para o amilante em que vivemos.

Naturalmente, nos primeiros tempos, haverá de lutar com difficuldades e se ha de notar muitos senões em nossa folha, tudo porra, corrigese com o tempo. Auxiliemos nos os que estão em conflitos disso e tentos arruam com facilidade e provio para o amilante em que vivemos.

Naturalmente, nos primeiros tempos, haverá de lutar com difficuldades e se ha de notar muitos senões em nossa folha, tudo porra, corrigese com o tempo. Auxiliemos nos os que estão em conflitos disso e tentos arruam com facilidade e provio para o amilante em que vivemos.

Naturalmente, nos primeiros tempos, haverá de lutar com difficuldades e se ha de notar muitos senões em nossa folha, tudo porra, corrigese com o tempo. Auxiliemos nos os que estão em conflitos disso e tentos arruam com facilidade e provio para o amilante em que vivemos.

Naturalmente, nos primeiros tempos, haverá de lutar com difficuldades e se ha de notar muitos senões em nossa folha, tudo porra, corrigese com o tempo. Auxiliemos nos os que estão em conflitos disso e tentos arruam com facilidade e provio para o amilante em que vivemos.

Naturalmente, nos primeiros tempos, haverá de lutar com difficuldades e se ha de notar muitos senões em nossa folha, tudo porra, corrigese com o tempo. Auxiliemos nos os que estão em conflitos disso e tentos arruam com facilidade e provio para o amilante em que vivemos.

Naturalmente, nos primeiros tempos, haverá de lutar com difficuldades e se ha de notar muitos senões em nossa folha, tudo porra, corrigese com o tempo. Auxiliemos nos os que estão em conflitos disso e tentos arruam com facilidade e provio para o amilante em que vivemos.

Naturalmente, nos primeiros tempos, haverá de lutar com difficuldades e se ha de notar muitos senões em nossa folha, tudo porra, corrigese com o tempo. Auxiliemos nos os que estão em conflitos disso e tentos arruam com facilidade e provio para o amilante em que vivemos.

Naturalmente, nos primeiros tempos, haverá de lutar com difficuldades e se ha de notar muitos senões em nossa folha, tudo porra, corrigese com o tempo. Auxiliemos nos os que estão em conflitos disso e tentos arruam com facilidade e provio para o amilante em que vivemos.

Naturalmente, nos primeiros tempos, haverá de lutar com difficuldades e se ha de notar muitos senões em nossa folha, tudo porra, corrigese com o tempo. Auxiliemos nos os que estão em conflitos disso e tentos arruam com facilidade e provio para o amilante em que vivemos.

Naturalmente, nos primeiros tempos, haverá de lutar com difficuldades e se ha de notar muitos senões em nossa folha, tudo porra, corrigese com o tempo. Auxiliemos nos os que estão em conflitos disso e tentos arruam com facilidade e provio para o amilante em que vivemos.

Naturalmente, nos primeiros tempos, haverá de lutar com difficuldades e se ha de notar muitos senões em nossa folha, tudo porra, corrigese com o tempo. Auxiliemos nos os que estão em conflitos disso e tentos arruam com facilidade e provio para o amilante em que vivemos.

Naturalmente, nos primeiros tempos, haverá de lutar com difficuldades e se ha de notar muitos senões em nossa folha, tudo porra, corrigese com o tempo. Auxiliemos nos os que estão em conflitos disso e tentos arruam com facilidade e provio para o amilante em que vivemos.

Naturalmente, nos primeiros tempos, haverá de lutar com difficuldades e se ha de notar muitos senões em nossa folha, tudo porra, corrigese com o tempo. Auxiliemos nos os que estão em conflitos disso e tentos arruam com facilidade e provio para o amilante em que vivemos.

Naturalmente, nos primeiros tempos, haverá de lutar com difficuldades e se ha de notar muitos senões em nossa folha, tudo porra, corrigese com o tempo. Auxiliemos nos os que estão em conflitos disso e tentos arruam com facilidade e provio para o amilante em que vivemos.

COLLABORAÇÃO

Para satisfação das exigências da lei de imprensa e mesmo para moralidade d'esta folha, avisamos que nenhum artigo de collaboração será publicado sem que venha assignado pelo autor, no menos, para uso da Redacção.

Outrossim, tratando-se de um jornal independente, não publicamos a título de collaboração, artigos de propaganda politica partidaria e religiosa. Tais publicações serão accitias em secção livre, devidamente autenticadas e constituirão materia paga.

Por certo, estas medidas, antes de tollar a liberdade de nossos collaboradores, ha de servir-lhes como ingresso natural de acatamento publicos. Não nos esqueceremos anonymo nem parcialidade.

Por certo, estas medidas, antes de tollar a liberdade de nossos collaboradores, ha de servir-lhes como ingresso natural de acatamento publicos. Não nos esqueceremos anonymo nem parcialidade.

Por certo, estas medidas, antes de tollar a liberdade de nossos collaboradores, ha de servir-lhes como ingresso natural de acatamento publicos. Não nos esqueceremos anonymo nem parcialidade.

Por certo, estas medidas, antes de tollar a liberdade de nossos collaboradores, ha de servir-lhes como ingresso natural de acatamento publicos. Não nos esqueceremos anonymo nem parcialidade.

Por certo, estas medidas, antes de tollar a liberdade de nossos collaboradores, ha de servir-lhes como ingresso natural de acatamento publicos. Não nos esqueceremos anonymo nem parcialidade.

Por certo, estas medidas, antes de tollar a liberdade de nossos collaboradores, ha de servir-lhes como ingresso natural de acatamento publicos. Não nos esqueceremos anonymo nem parcialidade.

Por certo, estas medidas, antes de tollar a liberdade de nossos collaboradores, ha de servir-lhes como ingresso natural de acatamento publicos. Não nos esqueceremos anonymo nem parcialidade.

Por certo, estas medidas, antes de tollar a liberdade de nossos collaboradores, ha de servir-lhes como ingresso natural de acatamento publicos. Não nos esqueceremos anonymo nem parcialidade.

Por certo, estas medidas, antes de tollar a liberdade de nossos collaboradores, ha de servir-lhes como ingresso natural de acatamento publicos. Não nos esqueceremos anonymo nem parcialidade.

Por certo, estas medidas, antes de tollar a liberdade de nossos collaboradores, ha de servir-lhes como ingresso natural de acatamento publicos. Não nos esqueceremos anonymo nem parcialidade.

Por certo, estas medidas, antes de tollar a liberdade de nossos collaboradores, ha de servir-lhes como ingresso natural de acatamento publicos. Não nos esqueceremos anonymo nem parcialidade.

Por certo, estas medidas, antes de tollar a liberdade de nossos collaboradores, ha de servir-lhes como ingresso natural de acatamento publicos. Não nos esqueceremos anonymo nem parcialidade.

Por certo, estas medidas, antes de tollar a liberdade de nossos collaboradores, ha de servir-lhes como ingresso natural de acatamento publicos. Não nos esqueceremos anonymo nem parcialidade.

Por certo, estas medidas, antes de tollar a liberdade de nossos collaboradores, ha de servir-lhes como ingresso natural de acatamento publicos. Não nos esqueceremos anonymo nem parcialidade.

Por certo, estas medidas, antes de tollar a liberdade de nossos collaboradores, ha de servir-lhes como ingresso natural de acatamento publicos. Não nos esqueceremos anonymo nem parcialidade.

Por certo, estas medidas, antes de tollar a liberdade de nossos collaboradores, ha de servir-lhes como ingresso natural de acatamento publicos. Não nos esqueceremos anonymo nem parcialidade.

Por certo, estas medidas, antes de tollar a liberdade de nossos collaboradores, ha de servir-lhes como ingresso natural de acatamento publicos. Não nos esqueceremos anonymo nem parcialidade.

Por certo, estas medidas, antes de tollar a liberdade de nossos collaboradores, ha de servir-lhes como ingresso natural de acatamento publicos. Não nos esqueceremos anonymo nem parcialidade.

PELO FÓRO

Pery G. Oliveira - A sede do Governo do Estado que lhe offerece transierencia para a sede de Itaquy, seguiu sabido ultimo para P. Alegre, o Sr. Pery G. Oliveira, juiz districtal desta cidade. Grande sob a perda para o fóro local S. S. accentou a transierencia que lhe foi offerecida, o que aliás julgamos certo porque por varias vezes se offereceu a S. S. nissos. Juiz competente independente, energico e activo para de soffrer influencia no cargo que occupa, sua remoção virá, naturalmente deixar uma lacuna no nosso serviço judiciario.

A patria não é a terra, não é o solo, não é o conjunto dos apparelhos economicos e politicos e é a alma resada no herda da pelo povo. Um povo só consegue a perder a sua independencia, a sua dignidade, a sua existéncia economica, quando succumbem o poder e a alma do idioma natal.

A morte de uma nação começa sempre pelo apodrecimento da sua lingua.

(Olive Bilac, conferéncia literaria)

Atenção!

Faltes de ciza, memorandums, notas, cartas, commercios e de vista, os melhores preços e o mais perfeito acabamento na LIVRARIA NACIONAL.

Capa da primeira edição do jornal O Nacional, de 19 de junho de 1925. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PGH-UPF).

Gervasio Araújo Annes permaneceu na gerência até a edição de n. 482, de 26 de outubro de 1929. A partir do número seguinte, é José Sá Britto quem assume o cargo. Com essa mudança, o ativo e passivo do jornal ficaram a cargo de Herculano Annes. Mais adiante, em 2 de janeiro de 1930, o jornal anunciou a carreira de diário, e em 24 de janeiro, foi feita a seguinte averbação no Registro Especial: “1) que a propriedade das oficinas e demais móveis passou ao Dr. Herculano A. Annes, que já figura na mesma folha como seu diretor; 2) que a gerência do referido jornal passou ao Sr. José Sá Britto; 3) que a tiragem de tri-semanário passou a diário; Passo Fundo, 22/01/1930”.



*Herculano Araújo Annes,
diretor do jornal O Nacional.
Fonte: FONTOURA, 1931, p. 117.*

José Sá Britto pediu exoneração em 30 de novembro de 1930. Em substituição, assumiu interinamente a gerência Severino Ronchi, efetivado no cargo a partir do n. 949, de 19 de junho de 1931. Já no início de 1932, aparece como gerente interino Carlos Alfredo Oliveira. Em julho de 1932, rebentou a Revolução Paulista e imediatamente estabeleceu-se a censura da imprensa. *O Nacional* passou a ser impresso em duas páginas e não tardou para que suspendesse a publicação por 16 dias.

Em 1933, ocorreu uma nova averbação no Registro:

1) A propriedade das oficinas d'O Nacional e demais pertences passou do infraescrito à Sociedade Comercial H. Annes & Cia, legalmente constituída, composta dos sócios Herculano Araujo Annes e Armando Araujo Annes, o primeiro com 32:750\$000 de capital e o segundo com 11:250\$000, sendo, portanto, o capital social de 42:000\$000; 2) a gerência passou a ser exercida pela senhorinha Antonina Xavier e Oliveira. Passo Fundo, 17/05/1933.

Antes de ser efetivada como gerente, em maio de 1933, Antonina Xavier e Oliveira era a substituta eventual de Herculano na redação do jornal.

Posteriormente, na edição n. 3.579, de 2 de maio de 1940, Herculano Annes comunicou a entrega da direção e, em seguida, a propriedade da folha a Múcio de Castro, que há tempos vinha se incumbindo das funções de redator e gerente. Em 1940, na edição do aniversário, Múcio de Castro aparece como diretor e proprietário do jornal.

No período pesquisado, chama a atenção o engajamento do jornal na campanha da Aliança Liberal, o apoio incondicional à revolução exitosa e a imediata decepção com os rumos que o Governo Provisório estava tomando na direção do país. Com relação a isso, basta ler o editorial “Ano Novo”, publicado na edição n. 809, de 31 de dezembro 1930.

A TRIBUNA GAÚCHA

A Tribuna Gaúcha foi lançada no final de 1928. À vista disso, *O Nacional*, n. 356, de 1º de dezembro de 1928, acusou a “visita” do novo jornal, sob a direção de Jefferson de Carvalho Dantas e José de Souza Barros. O primeiro apresentava-se como diretor-chefe e o segundo, como diretor-gerente. Os exemplares que localizamos indicam que se tratava de semanário com circulação aos domingos, formato 33 x 48, com um total de quatro páginas e um suplemento. Quanto à tiragem, contabilizava-se 1.460 exemplares. “Órgão dos interesses Sociais e Comerciais”, o jornal pertencia à empresa J. C. Dantas & Barros. A redação, a administração e a gerência estavam localizadas na Rua Fagundes dos Reis, n. 27. E o lema do jornal era “Com todos – por todos – para todos. Tudo por Passo Fundo! Por Passo Fundo tudo!”

No início de 1929, assumiu a redação d’*A Tribuna Gaúcha* o escritor e poeta Waldemiro Portugal, que colaborava nas demais folhas

da cidade. Essa parceria durou pouco. Portugal despediu-se de Passo Fundo em 17 de maio de 1929, seguindo para o Rio de Janeiro. Também, o jornal mantinha como correspondentes especiais, na Vila Vera Cruz, Francisco Leite Araujo e Silva; e, na Vila Rodrigues, Gomercindo dos Reis.

Em 31 de janeiro de 1930, o gerente José de Souza Barros publicou uma declaração exonerando-se do cargo. A seu turno, Jefferson de Carvalho Dantas abandonou a cidade e desde Porto União, Santa Catarina, remeteu um telegrama ao Correio Paulistano, de São Paulo, datado de 10 de fevereiro, denunciando perseguição aos “não adeptos” de Getúlio Vargas, conforme notícia *O Nacional*, n. 550, de 19 de fevereiro de 1930.

É mister ressaltar que, em 28 de agosto de 1928, Jefferson de Carvalho Dantas havia lançado com João da Costa um jornal social e humorístico chamado *Aurora*, logo substituído pelo semanário *A Tribuna Gaúcha*. José de Souza Barros, por sua vez, lançou, em agosto de 1930, a revista *Serra Gaúcha*, que não deve ter passado dos primeiros números. *A Tribuna Gaúcha* não resistiu à campanha da Aliança Liberal, que ganhou aspectos de verdadeira Cruzada no Rio Grande do Sul.

JORNAL DA SERRA

Fundado em 14 de maio 1930, o *Jornal da Serra* foi de propriedade de Asterio Canuto de Souza, que também atuava como diretor. Bissemanário, com publicação às quartas-feiras e aos domingos, formato 33 x 48, mantinha como gerente Gustavo Gonzaga. A redação e as oficinas funcionavam na Avenida Capitão Jovino, n. 42. No seu primeiro editorial, o diretor deixou explícito que o jornal não pretendia “deslocar o eixo da política nacional”, mas desejava apenas contribuir para o engrandecimento material e espiritual de Passo Fundo.

A TRIBUNA GAUCHA

Director-Geral: J. Herson Carmalho Danias

ORGÃO DOS INTERESSES SOCIAIS E ECONOMICOS PROPRIEDADE DE J. C. DANIAS & FILHOS

Director-Geral: José de Sousa Barros

O Banquete oferecido ao Dr. Nicolau Araujo Vergueiro pela COLONIA ITALIANA

OS DISCURSOS PRONUNCIADOS

Reunidos em um grande salão...

Dr. Vergueiro...

Dr. Vergueiro...

Dr. Vergueiro...

Dr. Vergueiro...

Dr. Vergueiro...



Dr. Nicolau Araujo Vergueiro - Intendente Municipal

Excmo. Sr. Dr. Nicolau...

Dr. Vergueiro...

Dr. Vergueiro...

Dr. Vergueiro...

Dr. Vergueiro...

este dia, o caráter da...

este momento, em...

Detalhe da capa da edição de 25 de agosto de 1929 do jornal A Tribuna Gaucha. Acervo Paulo Trevisan.

JORNAL DA SERRA

Directores-Proprietarios: A. CANUTO DE SOUZA

ANO 1

Estado do Rio Grande do Sul — Passo Fundo, 10 de Agosto de 1930

N. 26

Dr. João Pessoa

Missa

A's 9 1/2 horas de quinta-feira realizou-se, com toda solenidade, a missa que o Corpo Docente do Colejio Elemental mandou rezar na matriz, em sufrágio da alma do nobre presidente da Parahiba, Dr. João Pessoa, traiçoeiramente abatido pelo mão de um assassino.

Passo Fundo, pelo que tem de mais representativo em suas diferentes classes sociais, esteve presente a essa homenagem de saudade e veneração à memória do excelso brasileiro.

Assistiram-na também autoridades civis e militares.

A banda do S.^o R. L. deu início à cerimonia executando uma marcha fúnebre.

O coro foi ocupado pelos professores e alunos do Colejio N. S. da Conceição, que vocalizaram com a coreografia habitual os cantos sacros daquela solenidade relijiosa.

Ao ser consagrada a hostia, algumas professoras e alunas do Elemental cantaram com muito sentimento o himno nacional, cujos sons encheram a nave como a mais grandioza proce que elevava a Deus pela alma do grande morto.

Conferencia Civica

O Instituto Gimnasial pretendia comemorar festivamente a data do aniversario da municipalização do Passo Fundo, mas atendendo ao convite da Excm. Sra. Directora do Colejio Elemental, resolveu fazer na vespera uma sessão civica referente ao não para permitir que os professores e alunos, que quizessem, assistissem à missa que o Colejio Elemental mandou rezar em sufrágio da alma do extinto presidente da Parahiba.

Falou na sessão civica do Instituto o sr. Antonio Xavier e Oliveira, que, em entusiastico discurso, prendeu a atenção de quantos o ouviram.

Vota horrore, papel qumico na Livraria do Jornal da Serra

Feriado municipal

A 7 do mez fluente este municipio comemorou o 73.^o aniversario de sua installação. Passo Fundo recebeu seus primeiros habitantes da raça branca em 1857, pois, até então, era habitado por indigenas.

Em 1854 foi incorporado ao municipio de Sto Berjo, passando, no ano immediato, a fazer parte de Cruz Alta, com um de seus districtos, para ser em 1857 elevado à municipio.

A 10 de Abril de 1891 foi elevado à categoria de cidade.

Por motivo da passagem do aniversario de sua elevação a municipio, o comercio, estabelecimentos bancarios e repartições publicas não funcionaram, por ser esse dia feriado municipal.

Concurso de oratoria

No proximo mez de Setembro deverá realizar-se nesta cidade, no Instituto Gimnasial, um interessante concurso de oratoria, entre alunos de diversos collegios que se farão representar.

Alm de serem escolhidos os delegados do Instituto Gimnasial ao dito concurso, na noite de sexta feira passada houve um torceio eliminatório entre os alunos daquele estabelecimento de ensino.

A comissão julgadora com puzo-se des. sr. de Felio Pacheco, digno Promotor Publico, Fudador Area, Professor Lindau e o diretor desta escola.

Foram classificados effeitos: senhora Melania Romchi, 1.^o lugar, Waldy Bojes, 2.^o lugar, e Lucia Schelero, 3.^o lugar, sendo indicadas para 1.^o, 2.^o e 3.^o suplentes, respectivamente, Lidia Deldique, Heriberto Otto e Julio Emmert.

Ao terminas esta liçção noticiosa, formulamos votos para que, no proximo concurso, os representantes de Passo Fundo se salientem, como é de esperar de tão promissoras intelligencias.

CARTORIO de NOTAS

RUY VERGUEIRO

1. Notario

Honorario Malheiros

2. Notario

Av. Brasil n. 306

DIRECTORIA DE AGRICULTURA, INDUSTRIA E COMMERCIO

Agricultores !

Cuide de vosso arvoredo

realizando, durante o inverno, os seguintes serviços :

- 1.) — Cortar os galhos secos e todas as partes mortas da arvore;
- 2.) — Limpar a casca com luvax ou escovas de aço;
- 3.) — Pincelar o tronco e os ramos com: sulfato de ferro 0,500 grms. sulfato de cobre 1,000 „ cal 2,000 „ agua 10 litros.
- 4.) — Pulverizar toda a parte aerea da planta com calda bordaleza de 2%; (sulfato de cobre 2 kgs. cal 4 kgs. e agua 100 litros).
- 5.) — Adubar;
- 6.) — Capinar, ao menos em roda pé;
- 7.) — Por restos de fumo em contacto com as razes das madeiras;
- 8.) — Adquirir arseniato de chumbo ou de cal para pulverizar as plantas durante o periodo vegetativo.

Olha Juca, não sentiste um sabor agradavel de fumaca de cigarro, que aquelle camarada largou quando passou por nós? Sim, conheci logo que era do cigarro RIO SUL.

Ophelia Pelajo Emer, parteira formada, communique a sua distincta classe, pela que já regressou do Quatro Irmãos e pôde ser procurada em sua residencia à rua Independencia n.º 332.

TELEPHONE n.º 167

Irmos escolagos consultam a venda na Livraria do Jornal da Serra.

Accessorios - Peças em geral. Rebobinados para qualquer marca de automovel. Só encontrareis na

ACADEMIA RUGBY

Rua Bento Gonçalves

Irmos um lesson para meninos e meninas na Livraria do Jornal da Serra.

SAL MOSSORÓ SEM RIVAL

GENUINO

— 30 KILOS GARANTIDOS —

E' O MAIS PURO SAL NACIONAL. SAL PARA TUDO E PARA TODOS



DESTESAL E' QUE O VOS- SO GADO PRECISA PARA ENGORDAR

Dozem garantida das salta- tocias alimenticias necessarias ao gado em geral.

LIVRE DE CONCHAS E MATERIAS ESTRANHAS PREJU- DICIAES

E' a marca mais antiga do Estado. Peso e qualidade garantidos. Trinta e seis annos

de preferencia.

SAL com impureza é sempre nocivo. SAL mal preparado, mal escolhido, mal peneirado, contém corpos estranhos, alguns indigeríveis (conchas), prejudiciaes à alimentação e aos usos da industria. SAL humido contém maguesta em excesso, causa desarranjos intestinaes às pessoas e aos animaes que delle fazem uso na alimentação, não se presta à salga—nem ao preparo e à conservação dos productos da industria lacteica.

SALAZIR Beneficioo extraordinario para o preparo de xarope e salga de couros. — As analyses revelam ser melhor que o de Cadix.

VENDE-SE EM TODA PARTE

Depositarios: AZEVEDO, BENTO & CIA.

Porto Alegre — Pelotas — Rio Grande.

11 — Pve.

HOTEL SAVOIA

— DE —

Cauduro, Marin & Cia.

Rua Voluntarios da Patria n. 253 e 255

PORTO ALEGRE

Completamente remodelado, dispõe de 55 quartos para solteiros e familias. Espectaculoos asseio e pontualidade no servico.

Ultima cozinha sistema italiano e brasileiro

EZEQUIEL PRIETO

ENGENHEIRO CIVIL

Encargado de medição e divisão de terras ou qualquer servico concorrente à sua profissão.

Venda de terras e campos

Tem à venda boas terras de cultura, em poquera e grandes glebas proprias para colonização, cortadas por optimas estradas de rodagem, e manguieiras pluchas, com cercadas proprias para installação de engenhos de serra, proximos à Estação de Ferro S. Paulo—Rio Grande, nos Estados de Parahiba e Santa Catharina.

Para qualquer informacão em sua residencia à Avenida Brasil N. 475

PASSO FUNDO

Vendem-se Jornacs velhos

Imediatamente, o dono da *Gazeta* denunciou que o material tipográfico do novo jornal era de propriedade dele, trazido de forma ilícita para a cidade. Ingressou com queixa-crime contra Astério de Souza, que respondeu noticiando ser a *Gazeta* um jornal de publicação clandestina, que permanecia registrado em nome do antigo proprietário, Ney de Lima Costa. Ambas as ações foram arquivadas, em junho e agosto do mesmo ano, respectivamente.

Cabe dizer que Canuto de Souza já havia trabalhado na redação da *Gazeta*, em Passo Fundo. Contudo, transferiu domicílio para Carazinho, onde passou a publicar o *Jornal da Serra*. O último exemplar da fase local foi o n. 43, em 5 de outubro de 1930.

A LUTA

Tulio Fontoura fundou o seu primeiro jornal, intitulado *A Luta*, em 7 de maio de 1931. Exercia a função de diretor e tinha como gerente Marcelino Rodrigues Braga. O bissemanário independente era publicado às quartas-feiras e aos sábados, continha quatro páginas e seu formato era de 33 x 48. A casa editora situava-se na Avenida General Netto, n. 583. Quando o registro do jornal foi efetuado, em 10 de agosto de 1931, a gerência estava a cargo de Sady Silva.

A partir do n. 26, de 26 de agosto de 1931, a redação passou para João Silveira de Camargo. O chefe das oficinas era Anatalício R. Castilhos. Ainda, atuava como colaborador, desde junho de 1931, o advogado Mauro P. Machado, que fora redator d'*O Nacional* de novembro de 1928 a junho de 1929.

Em fevereiro de 1932, *A Luta* se transformou em “Órgão Republicano” e adotou o lema “Pela fraternidade, o direito, a justiça, o patriotismo e a liberdade, conservar melhorando, sob as garantias gerais de ordem e progresso”. Nesse período, a redação foi assumida por Rosauro Tavares e a gerência, por Ivo T. Porto.

Em julho de 1932, Tulio Fontoura e Rosauro Tavares foram presos e recolhidos nas dependências do quartel do 8º R.I., onde permaneceram alguns dias. Rosauro Tavares deixou a direção redatorial no mesmo mês. Tulio Fontoura então a entregou a Conrado Schütz. Em novembro de 1932, passou a figurar no expediente do jornal, como gerente, Luiz Dorneles Pinto. Em 23 de dezembro de 1932, Tulio Fontoura foi novamente preso, seguiu para Porto Alegre e de lá para o Rio de Janeiro, onde ficou recolhido na Casa de Detenção. O jornal permaneceu circulando sob a direção interina de Marcelino Rodrigues Braga, e Luiz Dorneles Pinto continuou na gerência. De órgão republicano passou para “Órgão da Frente Única da Serra”.

Armando Annes, o prefeito nomeado pelo interventor Flores da Cunha, era alvo das críticas do jornal:

REGISTRO. O sr. Prefeito municipal tem feito muitos ‘cortes’ nas despesas exigidas pela administração deste município. Quase que diariamente, encontramos nas colunas do órgão acreditado junto ao palácio municipal notas e despachos do sr. prefeito-interventor diminuindo ordenados; extinguindo cargos; substituindo caminhões pelas velhas carroças puxadas por um animal; retirando ‘bombas’ de gasolina dos fundos da prefeitura etc. Outras medidas de economias para o município, certamente virão com o ‘futuro’, como por exemplo: a diminuição dos vencimentos a que tem direito um prefeito econômico e zeloso, a exemplo do que fez o nosso amigo sr. Henrique Scarpellini, diminuindo em 9 contos e tantos anuais os seus ordenados em benefício dos cofres públicos. Estranhemos não ter o Prefeito atual diminuído, por espírito de economia e conseqüente bem-estar do equilíbrio orçamentário, os seus vencimentos para depois ‘cortar’ os



*Tulio Fontoura, fundador dos jornais A Luta e Diário da Manhã.
Fonte: FONTOURA, 1931, p. 148.*

Redação - Gerência - Oficinas
 Av. Gal. Neto n.º 583
 End. Tel. Luta - Fone 138
PASSO FUNDO
 Órgão Independente

A Luta

ASSINATURA
 Ano 2 15.000
 Semestral 8.000
 Trimestre 4.500
 Número avulso 2.000
 Colaboradores Diversos

Director: Tullo Fontoura — Gerente: M. R. Braga

ANO I PASSO FUNDO, 15 DE JUNHO DE 1931 — RIO GRANDE DO SUL — BRAZIL No. 7

Problema da Luz

Aberto o parentese com o topico da magnifica entrevista do senhor Henrique Scarpallini Ghezzi, publicada no «Correio do Povo», de Porto Alegre, fechamo-lo para proseguirmos na nossa analise do «Problema da Luz», em Passo Fundo.

Nosso oeil foi claro e positivo, sem anafilogia de especie alguma, com palavras simples, explicando tudo à luz da verdade.

Passamos para estas columnas, transcritas do Relatório do dr. Arajujo Vergueiro, de 2.º de Novembro de 1929, ao Conselho Municipal, a opiniao integral do sr. Engenheiro das Obras Publicas, o illustre senhor dr. João Pianca. E' realmente longo o parecer do dr. Pianca, mas, pelo seu valor scientifico, merece ser transcrito, para melhor e mais desenvolvido esclarecimento aos que estão acompanhando o assunto, com interesse.

Parecer do dr. João Pianca

«Porto Alegre, 20 de Março de 1929.

Ilmo. sr. dr. Theophilus Borges de Barros-D.D. Director da Directoria de Obras Publicas.

Comprido vossas ordens estive em Passo Fundo a fim de estudar o problema de abastecimento de energia electrica aquella cidade e imittir parecer a respeito.

T'zina actual

Passo Fundo é servido actualmente por uma uzina hydro electrica situada na margem esquerda do rio Taquary, a 2,7 km. da cidade. Existem duas quedas afluadas de 90 mts. uma da direita, a primeira com 18 m. e a segunda com 29 m. de altura. Actualmente é aproveitada somente a pequena queda de 18 m. Estão installados dois grupos, um de 150 HP e o outro de 400 HP.

O grupo de 450 HP, comprehende uma turbina de 760 1/seg. accoplada a um gerador triphasico de 110 KVA. — 5250 volts e o grupo de 400 HP comprehende uma turbina de 2.000 1/seg. accoplada a um gerador de 3.000 KVA — volts A voltagem é elevado para 10.000 volts e transmitida para a cidade onde é reduzido para 210 volts com que é feita a distribuiçao. A linha de transmissao é de 2 km.

Escritorio de Advocacia

em S. Angelo — Tucuceraem — Santa Rosa — São Lutz — S. Maria — Fátima em Porto Alegre — Rua Ladouzeiro junto ao Cartorio de Henrique A. Bento.

A chamado trabalha em todas as comarcas do Estado

Dr. Nicolau Cristaldi
 Bacharel em Direito
 Residência S. Angelo Avenida V. Ayres 85
 Caixa Postal 23

Liga Pro abertura, delzoza e conservaçao da Praça Brazil

Foi organizada, por suggesto do Sr. Armando Villanova, uma comissao constituída dos srs. Aurelio Rodrigues, Francisco Gerfú, Victorio Susán, Ovidio Neves, Americo Japi, Armando Villanova, Goncalves dos Reis, José Vasconcelos, para preloherem perante o poder competente, a conservaçao da Praça Brazil situada à Vila Rodrigues, subúrbio desta cidade.

Segundo fomos informado, a

comissao acima conferenciou longamente com o sr. Dr. Nicolau Arajujo Vergueiro e Henrique Scarpallini, com reflecto aos direitos da Prefeitura na Praça Brazil. A Liga Pro conservaçao da Praça Brazil constituiu-se, adogando o sr. A. Binonatti de Aramitima, que apresentará por toda a provincia, uma longa e bem fundamenteado parecer a Prefeitura, sob o aspecto juridico do caso da Praça em questao.

«A LUTA» vendê-se nas casas Salsgado e Siriano, promovido.

A Revista-Piquirino «Moda e Bordado»

Está mais encantadora, variada, elegante e bem cuidada que sempre, e edição de Junho da revista «Moda e Bordado», n.º 72.

A capa, em cores, são dois lindos modelos de crupes e pelles. No texto mais de cem modelos de ultima moda, effeitos dos maiores costureiros de Paris, Londres, New York, etc., para passos' bules, casamentos, esportes e innumerados modelos de chapéos, boleros, pyjamas, roupas infantis, capões, blusas, etc.

A coiza «Moda e Bordado» que vier, publica seis lindos modelos, os casacos, ao idealizavamos o preço por que é vendido essa revista.

Em supplemento vem a seccao de bordado para «crochets» e as novidades de artigos de bordado. Cronica de Paris, Armaçao ao Lar, Segredos do Amor e de Belezas, Citações de Madame e outras, otimas.

«Moda e Bordado» é a primeira revista-gratuita editada no Brasil, pela belesa de apresentaçao, e considerada como a por verdadeiros profissionais.

Agente: nesta cidade Arajujo Barros & Cia, Avenida Brasil, 1535.

O Pic-nic do dr. Vergueiro

Devido as chuvas dos ultimos dias, foi adiado para proximo proximo, o grande «pic-nic» que o Partido Republicano de Passo Fundo vai oferecer ao seu eminente chefe Dr. Nicolau Arajujo Vergueiro.

Esteve ontem reunida na residencia do sr. Orbe Marques, membros da comissao de convites, tendo sido desliberado que se efficasse aos srs. Antonio Augusto Graefi, de Noeme-toque; Alberto Graefi, de Carazinho; Ivalino Brum, de Carazinho; Agenor Chazi, de Soledade e Aminthias Maciel, de Boa Vista do Erichim, para tomarem parte no grande «pic-nic» a realizar-se dominado proximo.

Gremio Literario «Castro Alves»

«Recebemos do Gremio Literario «Castro Alves» o seguinte officio: Ilmo. Sr. Director d'A Luta—P. Fundo.

Tendo a honra de communicar-vos que em sessao realizada a 27 de Maio ultimo, foi eleito a nova directoria desta agrupaçao, que ficou constituída da seguinte maneira:

Presidente, Affemar Petracz; vicepresidente, Eduardo Brenning; secretario, Oscar Kauppiz; 2.º secretario, Ivo L. Pacheco; thesoureiro, Erico Linari fiscal, Julio Boninetti; criticos, professor João Camargo e o sr. Manoel de Gallegos, Cesar Pereira e Ivoiro Pacheco.

Comtudo e com o valioso apoio de vossos bem cuidada jornal, fomos vultos de Saúde e Fraternidade — Irena L. Paschoa — 2.º Secretario.

A Lei de imprensa

A lei de de imprensa, é uma das aberraçoes de nossa democracia e nos desenvolve, ao papel saliente que tomou a imprensa brasileira, em todas as campanhas liberas que se feiraram no paiz, desde que se tornaram intoleráveis os governos passados da Republica velha.

A Constituçao de 91, verdadeira monumento juridico, que nos legaram as maiores capacidades intellectuales da Republica, foi tocada varias vezes por nossos delinquentes, ate que, esses esboços, impedito por alguns governos de estados, e por politicos de prestigio na vida nacional, levou a termo a grande luta de outubro de 30, a qual tinha por lema, restabelecer os principios constitucionales da Republica, e afastar do poder, os miús elementos que infelicitavam a naçao.

Era de suppor-se que, visto triumphante a causa nacional, uma das primeiras medidas do governo provisório da Republica, fosse a revogaçao das denominadas leis sceleradas, entretanto, ate agora, somente esboços de projetos de lei de revogaçao da lei de imprensa, tendo-se, que, esses esboços, ainda vão ser submettidos à apreciaçao dos interessados, que são todos os liberais do Brasil, para depois de recibidas as suggestões a respeito, ser o tal projecto de lei de revogaçao, convertido sem verdadeira lei, não sabemos se a titulo de emergencia, ou se a titulo definitivo.

Outras medidas do governo provisório da Republica nova, que vierem provocar contendas entre os brasileiros, e crear casos novos na vida da Republica, foram decretadas sem se attender as suggestões do povo, nem aos protestos de milhares e milhares de liberais do paiz, mas, em se tratando de medida, que consulta de facto os interesses da collectividade democratica do paiz, então assim, miste-se faz, uma consulta precisa aos interessados, a fim de, com tal pretexto, se demorar ainda mais, na effectivaçao de uma coisa que constitue, por excellencia, a grande aspiraçao da maioria da naçao.

Depois vêm apellar para a imprensa, a fim de que esta os deixe governar com calma, — que irrisão, — se é esta mesma imprensa irrequieta do paiz, que se deve, em grande parte, a mudançã de governo do Brasil . . .

Nos, que nos batemos em todos os tempos em que se registrarim as ultimas campanhas civicas na Republica, não podemos ficar alheios, neste momento, à falta de consideraçao para com um dos pontos capitales que levaram a nacão a varias revoluções, ate a qual culminou com a queda das oligarchias cívicas e com o estabelecimento de um governo de excepção no paiz.

Entendemos que não é fazer opposiçao ao governo provisório, exigir delle o cumprimento de um dever incontestavel, como se o de revogar leis sceleradas, contra cuja existencia sempre protestaram os palladinos da liberdade, aquelles proprios, que foram de armas nas mãos, lutar pela imposiçao do direito das gentes, em nossa patria.

M. P. MACHADO

Grúzeiro Fute Bol Clube

Da secretaria do «Grúzeiro Fute Bol Clube», recebemos o seguinte officio:

Ilmo. Sr. Redactor da «A Luta» Nesta Cidade.

Tendo a subido honra de communicar-vos que, nesta data, foi fundado na Vila Rodrigues o «Sport Club Grúzeiro», tendo por objectivo o cultivo do Fute Ball, fundado a sua primeira directoria, pelo sr. Manoel de Gallegos, Cesar Pereira e Ivoiro Pacheco.

fundado — 1.º Secretario, 1.º Sgo. Desidério Pavia Bueno — 2.º Secretario, 1.º Sgo. Basilio de Oliveira Bica — 1.º Thesoureiro, Sgo. sr. Octaviano Lira Lopes — 2.º Thesoureiro, 2.º Sgo. Ovidio Ferreira Coelho — Guarda Sport, sgo. Borival Astumegui Pradon — Porta-Estandarte 2.º Sgo. Arturino Rosa — Conselho Fiscal, Sgo. Nilo Martins, Publico de Contas, Sgo. Manoel de Gallegos, Altes.

Valendo-se da oportunidade, apresentamos a vossa nobre escriptura e elevada consideraçao.

Passo Fundo, 8 de Junho de 1931
 Desidério Pavia Bueno,
 1.º Secretario

Detalhe da capa da edição de 13 de junho de 1931 do jornal A Luta. Acervo Paulo Trevisan.

magros mil réis ganhos por um pobre funcionário, deixando outros na 'rôxa', tirando assim o pão de cada dia que garante a subsistência da família, muitas das vezes numerosa. Corte os seus vencimentos sr. Prefeito, e assim poderá justificar os 'cortes econômicos' feitos aos demais auxiliares da administração. A justiça para ser bem aplicada, deve sempre começar por casa... T.¹²

Pelo teor do editorial, o último número do jornal pode ter sido o 133. Infelizmente a data vem estampada no cabeçalho da seguinte forma: "sábado, de janeiro de 1932", mas o ano é 1933 e a data, provavelmente, é 7 de janeiro:

Força maior. Nem sempre basta a boa vontade para vencer obstáculos; há circunstâncias que se impõe, perante os quais devemos ceder, embora com a maior relutância e até com tristeza. E este momento doloroso chegou para 'A Luta', que, por motivo da prisão prolongada do seu diretor proprietário, se vê constringida de suspender temporariamente sua publicidade. 'A Luta', assim esperamos confiadamente, não será este o seu último número, senão apenas o descanso de uma máquina, da qual falta a sua peça principal. Essa peça importante que falta, é a ausência forçada do seu diretor que, por causa da política, se acha preso, na capital da República. Destarte, 'A Luta' se vê na dura contingência de suspender hoje por um ou dois meses a sua publicidade, o que aliás será levado a crédito de nossos dignos assinantes.¹³

É imperativo ressaltar que Tulio Fontoura defendia os ideais da Revolução Constitucionalista, razão pela qual foi perseguido pelo autoritarismo vigente.

¹² *A Luta*. Passo Fundo, n. 117, 09 nov. 1932. Acervo AHR (PPGH/UPF).

¹³ *A Luta*. Passo Fundo, n. 133, jan. 1933. Acervo AHR (PPGH/UPF).

VANGUARDA

Ney de Lima Costa ainda fundou mais um jornal, chamado *Vanguarda*, lançado em 24 de junho de 1933. Órgão político filiado ao Partido Republicano Liberal (criado pelo general Flores da Cunha em 1932), era dirigido pelo proprietário e fundador, e gerenciado por Marcelino Rodrigues Braga. Caracterizava-se por ser um semanário com circulação aos sábados, com formato 33 x 48, quatro páginas e mais um suplemento. A redação e as oficinas localizavam-se na Avenida General Osório, n. 924.

Ney de Lima Costa tentava se reerguer politicamente após sua desastrosa candidatura a Deputado Federal pelo PRP, de Júlio Prestes, quando veio a falecer prematuramente aos 49 anos de idade. Com a morte de Lima Costa, em 21 de julho de 1933, a direção passou a ser exercida interinamente por Braga. Contudo, o jornal não sobreviveu muito tempo sem seu criador.

A DEFESA

Lançado em 25 de agosto de 1935, o jornal semanal *A Defesa* era dirigido por Mansur Sfair e gerenciado interinamente por Hugo Lima. Quando matriculado no Registro Especial, em 31 de agosto de 1935, a empresa jornalística *A Defesa* registrou como diretor Mansur Sfair e gerente Lodovico Della Méa. Os demais sócios solidários eram Dom Antonio Reis (bispo de Santa Maria), Octacilio Ribas Vieira, Guilherme Gandenzi, Ernesto Busato, Emilio Stigler, João A. Miotto, Lourenço Laner e Hugo Loureiro Lima.

Em 26 de dezembro de 1935, Mansur Sfair foi substituído por Attilio Della Mea. “Órgão da Defesa Social” e filiado à Associação dos Jornalistas Católicos, o formato era 33 x 48 e imprimia-se nas oficinas da Tipografia A Independência. Em 1937, publicava-se aos sábados.

Dr. Ney de L. Costa
Coordenador
Marcelino R. Braga

VANGUARDA

Publicada quinzenalmente em Curitiba
Rua G. Orlando, 924
Telefone, 128

ORGÃO POLITICO

ANO I Passo Fundo, 24 de Junho de 1933 — Sua Redação de Sul — Brasil NUM. 1

VANGUARDA

Não é de estranhar que surja, hoje, em Passo Fundo, um novo órgão de publicidade, periódico, até que possamos torná-lo diário.

O ritmo a que nos tratamos justifica o nosso aparecimento: defezas dos interesses locais sobre-nos os interesses pessoais, religiosos e políticos, não obstante a nossa bandeira parodiaria adhar-se claramente desvelada no apice de nossa consciência pública, por isto que, não continue segredo, não poderemos abstrair as ideias que nos norteiam o espírito, neste momento, principalmente dentro do Rio Grande, sob a orientação do eminente guia das destinações políticas e sociais de nossa terra, o valeroso e indiano General Flores da Cunha.

Tanto quanto possível nos bateremos pelos magnos problemas sociais e econômicos da nossa comuna.

Todos sabemos, e ninguém duvidará, atento ao nosso passado, que fomos desde que aqui moramos, descurodos dos maximos interesses desta terra, a quem já demos e daremos, com boa vontade, e até despreendimento, sem medirmos esforços, o sacrificio de que somos capazes e de que sobeja a nossa honra dada, sem sentirmos sublevar-nos. Tolos sabemos, também, da caráter ativo e independente que têm sido o nosso apogeu em nossa vida publica, tão cheia de lutas e espinhos os mais agudos, calculada nas aguras do *simplex facite*, mas com aquela dedicação e coragem civica que pouco sabem ter e podem manter, sem desfalcatamentos morais.

Temos até onde nos for possível recorrer, sem quebra da nossa dignidade, que colocamos acima de tudo.

Agora, dentro do ambiente local, só não teriam a limitação quando estivermos pleiteando interesses coletivos. Assim sendo, os nossos, também, da caráter ativo e independente que têm sido o nosso apogeu em nossa vida publica, tão cheia de lutas e espinhos os mais agudos, calculada nas aguras do *simplex facite*, mas com aquela dedicação e coragem civica que pouco sabem ter e podem manter, sem desfalcatamentos morais.

Tanto quanto possível nos bateremos pelos magnos problemas sociais e econômicos da nossa comuna.

Todos sabemos, e ninguém duvidará, atento ao nosso passado, que fomos desde que aqui moramos, descurodos dos maximos interesses desta terra, a quem já demos e daremos, com boa vontade, e até despreendimento, sem medirmos esforços, o sacrificio de que somos capazes e de que sobeja a nossa honra dada, sem sentirmos sublevar-nos. Tolos sabemos, também, da caráter ativo e independente que têm sido o nosso apogeu em nossa vida publica, tão cheia de lutas e espinhos os mais agudos, calculada nas aguras do *simplex facite*, mas com aquela dedicação e coragem civica que pouco sabem ter e podem manter, sem desfalcatamentos morais.

Tanto quanto possível nos bateremos pelos magnos problemas sociais e econômicos da nossa comuna.

Todos sabemos, e ninguém duvidará, atento ao nosso passado, que fomos desde que aqui moramos, descurodos dos maximos interesses desta terra, a quem já demos e daremos, com boa vontade, e até despreendimento, sem medirmos esforços, o sacrificio de que somos capazes e de que sobeja a nossa honra dada, sem sentirmos sublevar-nos. Tolos sabemos, também, da caráter ativo e independente que têm sido o nosso apogeu em nossa vida publica, tão cheia de lutas e espinhos os mais agudos, calculada nas aguras do *simplex facite*, mas com aquela dedicação e coragem civica que pouco sabem ter e podem manter, sem desfalcatamentos morais.

Tanto quanto possível nos bateremos pelos magnos problemas sociais e econômicos da nossa comuna.

Todos sabemos, e ninguém duvidará, atento ao nosso passado, que fomos desde que aqui moramos, descurodos dos maximos interesses desta terra, a quem já demos e daremos, com boa vontade, e até despreendimento, sem medirmos esforços, o sacrificio de que somos capazes e de que sobeja a nossa honra dada, sem sentirmos sublevar-nos. Tolos sabemos, também, da caráter ativo e independente que têm sido o nosso apogeu em nossa vida publica, tão cheia de lutas e espinhos os mais agudos, calculada nas aguras do *simplex facite*, mas com aquela dedicação e coragem civica que pouco sabem ter e podem manter, sem desfalcatamentos morais.

Tanto quanto possível nos bateremos pelos magnos problemas sociais e econômicos da nossa comuna.

Todos sabemos, e ninguém duvidará, atento ao nosso passado, que fomos desde que aqui moramos, descurodos dos maximos interesses desta terra, a quem já demos e daremos, com boa vontade, e até despreendimento, sem medirmos esforços, o sacrificio de que somos capazes e de que sobeja a nossa honra dada, sem sentirmos sublevar-nos. Tolos sabemos, também, da caráter ativo e independente que têm sido o nosso apogeu em nossa vida publica, tão cheia de lutas e espinhos os mais agudos, calculada nas aguras do *simplex facite*, mas com aquela dedicação e coragem civica que pouco sabem ter e podem manter, sem desfalcatamentos morais.

Tanto quanto possível nos bateremos pelos magnos problemas sociais e econômicos da nossa comuna.

Todos sabemos, e ninguém duvidará, atento ao nosso passado, que fomos desde que aqui moramos, descurodos dos maximos interesses desta terra, a quem já demos e daremos, com boa vontade, e até despreendimento, sem medirmos esforços, o sacrificio de que somos capazes e de que sobeja a nossa honra dada, sem sentirmos sublevar-nos. Tolos sabemos, também, da caráter ativo e independente que têm sido o nosso apogeu em nossa vida publica, tão cheia de lutas e espinhos os mais agudos, calculada nas aguras do *simplex facite*, mas com aquela dedicação e coragem civica que pouco sabem ter e podem manter, sem desfalcatamentos morais.

Tanto quanto possível nos bateremos pelos magnos problemas sociais e econômicos da nossa comuna.

Todos sabemos, e ninguém duvidará, atento ao nosso passado, que fomos desde que aqui moramos, descurodos dos maximos interesses desta terra, a quem já demos e daremos, com boa vontade, e até despreendimento, sem medirmos esforços, o sacrificio de que somos capazes e de que sobeja a nossa honra dada, sem sentirmos sublevar-nos. Tolos sabemos, também, da caráter ativo e independente que têm sido o nosso apogeu em nossa vida publica, tão cheia de lutas e espinhos os mais agudos, calculada nas aguras do *simplex facite*, mas com aquela dedicação e coragem civica que pouco sabem ter e podem manter, sem desfalcatamentos morais.

Tanto quanto possível nos bateremos pelos magnos problemas sociais e econômicos da nossa comuna.

Todos sabemos, e ninguém duvidará, atento ao nosso passado, que fomos desde que aqui moramos, descurodos dos maximos interesses desta terra, a quem já demos e daremos, com boa vontade, e até despreendimento, sem medirmos esforços, o sacrificio de que somos capazes e de que sobeja a nossa honra dada, sem sentirmos sublevar-nos. Tolos sabemos, também, da caráter ativo e independente que têm sido o nosso apogeu em nossa vida publica, tão cheia de lutas e espinhos os mais agudos, calculada nas aguras do *simplex facite*, mas com aquela dedicação e coragem civica que pouco sabem ter e podem manter, sem desfalcatamentos morais.

Tanto quanto possível nos bateremos pelos magnos problemas sociais e econômicos da nossa comuna.

Cel. Vazulmir Dultra

Vanguarda, anestesias e sua publicação, sendo o Cel. Vazulmir Dultra, antigo Sub-Chefe de polícia da Prefeitura, com sede nesta cidade e em sua mais brilhante e marcante personalidade de P. R. Ivoel Rodrigues.

Se, que as qualidades de um caráter, energia, liderança e valeroso, ainda predicados motas e dadas de espírito do mais alto nível, nunca foi uma surpresa para a laborosa e pacata gente desta terra.

Entretanto em suas nobres potestades discricionarias e dispensando de sua formalidade costumeira de fôrças militares por ocasião dos imprevistos que por aqui passaram, S. S. elegemos para esta cidade uma tranquilidade benéfica e confiante.

Assim, subseqüentemente a uma vez que já não atua, em seu círculo de atividades que se pliega a quem já não atua, em seu círculo interno, fluído e casualístico. O seu espírito reto e imparcial, mas desinteressado, mas, mais o mais, combinado com a sua atuação sempre criteriosa e atenta, o seu exato caráter de honesto franco e leal.

Filho de São Paulo, portanto, intencionalmente da honra, o Cel. Dultra o levou sua figura excepcional e de relevo na política da Região Serrana.

A sociedade de Passo Fundo, ao reconhecer o nobre Cel. Dultra por intermédio da Vanguarda, que com isto se orgulha e se orgulha e o alto grau de que o Cel. S. S. hoje tão justamente considerará cidadão de Passo Fundo.

Inauguração da nova uzina

Dualde longo tempo que o problema da esta cidade, ergida em sua prática. Não foi, portanto, surpresa para a população de esta cidade, que se realizou de mais este serviço em equidade e a inauguração, com tanto esplendor.

Na administração Assano Vazulmir, que se realizou de mais este serviço em equidade e a inauguração, com tanto esplendor.

Na administração Assano Vazulmir, que se realizou de mais este serviço em equidade e a inauguração, com tanto esplendor.

Na administração Assano Vazulmir, que se realizou de mais este serviço em equidade e a inauguração, com tanto esplendor.

Na administração Assano Vazulmir, que se realizou de mais este serviço em equidade e a inauguração, com tanto esplendor.

Na administração Assano Vazulmir, que se realizou de mais este serviço em equidade e a inauguração, com tanto esplendor.

Na administração Assano Vazulmir, que se realizou de mais este serviço em equidade e a inauguração, com tanto esplendor.

Na administração Assano Vazulmir, que se realizou de mais este serviço em equidade e a inauguração, com tanto esplendor.

Na administração Assano Vazulmir, que se realizou de mais este serviço em equidade e a inauguração, com tanto esplendor.

Na administração Assano Vazulmir, que se realizou de mais este serviço em equidade e a inauguração, com tanto esplendor.

Na administração Assano Vazulmir, que se realizou de mais este serviço em equidade e a inauguração, com tanto esplendor.

Na administração Assano Vazulmir, que se realizou de mais este serviço em equidade e a inauguração, com tanto esplendor.

Neerologia

Publicada esta vez a respeito da doença de Alzheimer, que se trata de um tipo de demência que se caracteriza por uma perda progressiva da memória.

A primeira pessoa a descrever esta doença foi o médico alemão Alois Alzheimer, em 1907.

Atualmente, sabe-se que a doença de Alzheimer é causada por uma alteração na estrutura química do cérebro.

Esta alteração resulta na formação de placas e emaranhados de proteínas no cérebro, o que interfere na comunicação entre as células nervosas.

Atualmente, sabe-se que a doença de Alzheimer é causada por uma alteração na estrutura química do cérebro.

Esta alteração resulta na formação de placas e emaranhados de proteínas no cérebro, o que interfere na comunicação entre as células nervosas.

Atualmente, sabe-se que a doença de Alzheimer é causada por uma alteração na estrutura química do cérebro.

Esta alteração resulta na formação de placas e emaranhados de proteínas no cérebro, o que interfere na comunicação entre as células nervosas.

Atualmente, sabe-se que a doença de Alzheimer é causada por uma alteração na estrutura química do cérebro.

Esta alteração resulta na formação de placas e emaranhados de proteínas no cérebro, o que interfere na comunicação entre as células nervosas.

Atualmente, sabe-se que a doença de Alzheimer é causada por uma alteração na estrutura química do cérebro.

Esta alteração resulta na formação de placas e emaranhados de proteínas no cérebro, o que interfere na comunicação entre as células nervosas.

Atualmente, sabe-se que a doença de Alzheimer é causada por uma alteração na estrutura química do cérebro.

Esta alteração resulta na formação de placas e emaranhados de proteínas no cérebro, o que interfere na comunicação entre as células nervosas.

Atualmente, sabe-se que a doença de Alzheimer é causada por uma alteração na estrutura química do cérebro.

Esta alteração resulta na formação de placas e emaranhados de proteínas no cérebro, o que interfere na comunicação entre as células nervosas.

Atualmente, sabe-se que a doença de Alzheimer é causada por uma alteração na estrutura química do cérebro.

Esta alteração resulta na formação de placas e emaranhados de proteínas no cérebro, o que interfere na comunicação entre as células nervosas.

Atualmente, sabe-se que a doença de Alzheimer é causada por uma alteração na estrutura química do cérebro.

Esta alteração resulta na formação de placas e emaranhados de proteínas no cérebro, o que interfere na comunicação entre as células nervosas.

Atualmente, sabe-se que a doença de Alzheimer é causada por uma alteração na estrutura química do cérebro.

Esta alteração resulta na formação de placas e emaranhados de proteínas no cérebro, o que interfere na comunicação entre as células nervosas.

Atualmente, sabe-se que a doença de Alzheimer é causada por uma alteração na estrutura química do cérebro.

Esta alteração resulta na formação de placas e emaranhados de proteínas no cérebro, o que interfere na comunicação entre as células nervosas.

?

Dentro em breve, por intermédio da "VANGUARDA", vamos demonstrar a sociedade e ao empresário honesto e decente desta cidade e município, o CISCOS e os DEFRITOS que enfeitam esta cidade turvada passivamente por elementos que mal se podem chamar de cidadãos, que se embriam em uma capa negra de uma honestidade hipocrita e maliciosa.

Agos, dentro do ambiente local, só não teriam a limitação quando estivermos pleiteando interesses coletivos, sociais, políticos e, principalmente, econômicos.

TUDO POR PASSO FUNDO, será a nossa direção, o que custar, acontecerá o que acontecerá.

PEDRO SILVEIRA AVANCINI
Advogado

A. Ribeiro Weinmann
ADVOGADO
Inclusive uma seção especial de crianças
Rua Bento Gonçalves, 271 — Passo Fundo

AGENCIA de LEILÃO
de J. C. BITTENCOURT

Devidamente autorizado por seus comitentes, serão vendidos, hoje, ao correr do martelo: móveis, fogões, máquinas de escrever, de costura e muitas outras miudezas que fazem parte do leilão.

— Início às 20 horas (8 da noite) —
Praça Marechal Floriano

MATHEUS CHEVALLEZ, o Inequivocável Interpretre de Tenente Sedutor e
ANDRÉ MAC DONALD, o querido erudito de opereta Monte Carlo
aparecerão juntos, em

Uma hora contigo

direção de LUBISTCH musicas de STRAUSS

Direção belíssima — Músicas deliciosas — Coques esplendidas — Invo mahabessus

Um grande film da Paramount

Proxima semana no COLISEU

Primeiro notariado

Grande importância por parte do elemento notarial da Prefeitura de R. Liberal em respeito ao cargo de Primeiro Notário, desta cidade, o Sr. Rui Vergueiro.

Nesse intuito muito se temido para tanto, embora esta medida seja de suma importância.

Nesse intuito muito se temido para tanto, embora esta medida seja de suma importância.

Nesse intuito muito se temido para tanto, embora esta medida seja de suma importância.

Nesse intuito muito se temido para tanto, embora esta medida seja de suma importância.

Nesse intuito muito se temido para tanto, embora esta medida seja de suma importância.

Nesse intuito muito se temido para tanto, embora esta medida seja de suma importância.

Nesse intuito muito se temido para tanto, embora esta medida seja de suma importância.

Nesse intuito muito se temido para tanto, embora esta medida seja de suma importância.

Nesse intuito muito se temido para tanto, embora esta medida seja de suma importância.

Nesse intuito muito se temido para tanto, embora esta medida seja de suma importância.

Nesse intuito muito se temido para tanto, embora esta medida seja de suma importância.

Nesse intuito muito se temido para tanto, embora esta medida seja de suma importância.

Nesse intuito muito se temido para tanto, embora esta medida seja de suma importância.

Nesse intuito muito se temido para tanto, embora esta medida seja de suma importância.

Nesse intuito muito se temido para tanto, embora esta medida seja de suma importância.

Nesse intuito muito se temido para tanto, embora esta medida seja de suma importância.

Nesse intuito muito se temido para tanto, embora esta medida seja de suma importância.

Nesse intuito muito se temido para tanto, embora esta medida seja de suma importância.

Nesse intuito muito se temido para tanto, embora esta medida seja de suma importância.

Detalhe da capa da edição de 24 de junho de 1938 do jornal Vanguarda.
Acervo Paulo Trevisan.

Tomé Francisco de Aguiar
1935
M. de S. Paulo

Quando uma patria entra em franca decomposiçao, as forças sociais espontaneamente se congregam e cream a nova fórmula de governo que impede a anarchia. Se esse phenomeno não se processar, o corpo social estará morto.

A DEFESA

Orgão de Defesa Social

ANNO I Passo Fundo (R. O. Sul) Domingo, 25 de Agosto de 1935 NUMERO 1

A DEFESA

Apresentando pela primeira vez a luz da publicidade, esperamos de certo uma surpresa, q'usta nos parece, aos leitores de *Hum* da sociedade paulistana, a quem esse se dirige despretensivamente.

Apresenta-se por si, sem deit'as-se anunciar por ninguém, porque conhece que na sua humildade não pode, sem deus doador que fallesse de si antes de se mover, logo que ella vir a luz, anunciar seu programma e descrever sua bandeira, movida pelo nobre e alto ideal de preencher uma lacuna entre nós no vasto e vasto campo de exploração da defesa dos pilares da vida e da norma da vida social e do mundo christão.

De que a recobremto lesão o direito de acreditar-se ou devotado a, angustia ou desorganiza-se, segundo lhes parecer melhor... antes não!

O que a Defesa tem a declarar é o seguinte: Elle quer defender a vida social dos brasileiros pelas seguintes condições: *Neutralidade, Independencia, Democracia* ("Retomamos" de Loko XIII, e "Quadragesima Nona" de Pop XI), principios que garantem unicamente a ordem social actual, contra as convulsões subversivas, e não a única bandeira contra a invasão e traição do Materialismo na nossa sociedade.

Ao lado dos trabalhos de fãmo social, A Defesa oferecerá estimo campo para tratar de assumptos de interesse social.

Este é o seu Programa, a sua Candeia e o lema: Com Deus, pela Família e pela Patria!

Será accorrido este programma? ... E se argumentar com Amor esta bandeira, será patrocinada a sua obra despretensiva e humilde? ... E o que espera da bandeira de governo do povo christão de Passo Fundo e dos Municípios circunvizinhos... E com tal esperança, esta promette proseguir seu caminho sem interrupção e com forças cada vez mais crescentes e novas!

São estas as intenções, as promessas, os votos da "A Defesa", para o queos pede a proteção daqueles que a trouberem de volta sempre.

Avante então!

CASA SCHMIDT
FERRAGEM, TINTAS, LOUÇAS,
MACHINAS.

CARLOS G. SCHMIDT
Avenida Brasil, 302 — PASSO FUNDO — R. O. do Sul

Varejo Rheingantz

O maior sortimento da PRAÇA,
pelos menores preços

Av. General Netto e Esquina Gloria Hotel
PASSO FUNDO

Razão porque surgimos

Surgimos para det'as do realismo. Combatemos o Materialismo e a Desorganização, invulso pela Comunidade e seus aliados, não deservindo a qualquer respeito, porque defendemos quatamos ideias e não crevas!

Não somos "Indiferentes", "Neutros" ou "Independentes", porque antes de tudo, pretendemos ser sinceros comos nos mesmos e com o publico que nos lê, e não vamos sem l'umbrar que conseguiremos atravessar uma rua embarazada sem nos esbarrar, ou vir traidor de volta, através de um vilão espionagem, ou de um vilão, que se dá factos que se desvelam ao redor de nós, sem a menor reserva, e de cada um, proclama "Neutralidade" ou "Independencia", desde o primeiro momento, pedira ser uma boa intenção... dilucidare te sustinível... mas nunca uma verdade.

Se assim não fora, não haveria razão de surgirmos a publico — pois uma verdade seria interpretada de um unico modo, e não l'ermos por certo a quem doalhar.

A nossa independencia poderá não chegar a este ridiculo.

Carretilha, a quanto pudermos. Hezzer ao bom caminho ao caminho da luz e da verdade. Não a todos, porque no campo opposto ao nosso, onde se agrupam heterogeneos, elementares, a maioria merece a nossa atencção, porque é constituída de pobres illudidos; uma maioria podem é constituída de mal intencionados, suscitados com jarados meritos por falta educação ou hereditariamente. Eavos merecem a nossa educação, embora não podemos fazer por eles. A medicina ainda não descobriu a cura, e os que escapam com vida e sem mago, quando não mata, deita a vida.

Traçamos para nosso governo um plano elevado, e dentro de suas possibilidades, procuramos cumprir.

Surgimos porque, acompanhados a marcha do progresso, queremos como um farol que indica o caminho, iluminar a vida no mar co-

mpellido da questao social, que hoje estranço os altivos de antigas repúblicas e de doutrinas que viziam ha longos annos sendo desvirtuadas.

Nestas occasões a humanidade finda através momentos de angustia; a agua toda, limpida, quando está parada, torna-se, com o movimento, e é logo a vez de facilar muito fãmo e pedrido. Toda essa l'umbrão, todas essas confusões, toda essa revolta, toda essa crise, todo esse desespero, em ultima analyse, tem, uma unica, causa commum: A DESCRISTIANISACAO DA HUMANIDADE, pelo materialismo (na sua vez crescente das coisas espirituales, pelo individualismo mal interpretado, e pelo materialismo invulso por fãmos sabios e esperanças, que visam prevendo, estravizando multitudes de incertos possuidores de alguma boa fé, e de pouquissima instrucção.

CONJURAE A CATASTROPHE!

— Não acredita no COMMUNISMO!

Na Praxis, tambem, não acreditamos. E elle vivo, emunato os partidos se desorganizam estiermente.

— Achas que o communismo não está organizado no Brasil, para um golpe?

Tambem na Hungria pensavam assim. E o communismo dominou 3 vezes, furtando grandes massas de burguezes, de sacrotoras, de indiatras e commerciantes.

Tambem no Chile pensavam assim. E o communismo deu o golpe, dominou 23 dias, assistindo a l'uma es que, como tu, não acreditavam nelle.

— Jigat que a Policia e o Exercito podem garantir e a tua familia?

— P'os sabes que ha mais de 4 annos no Brasil vem sendo cumprida a rãsa a ordem da III internacional, que é a infiltração nas classes armadas.

— Imaginas, que os communistas, si vierem 2 ou 3 dias de confusão, pouparão as propriedades e a tua familia?

— P'os então já não te recordas da revolução de 24 (quando não havia ainda propaganda bolchevistica organizada) e dos assassinatos e saques que então se deram em São Paulo?

— É villogioso e pensas que o communismo responde a religião?

— Na Praxis e no Mexico foram furtados dezenas de milhares de homens e mulheres de todas as idades.

— Contreces uma pagina de Orszobóvsky, descrevendo o que foram as primeiras 24 horas da revolução vermelha em Moscov?

— Procura, Sr., porque aquelles scenas de'fem ser conhecidas por todos.

— Si teus coração para amar a Deus, a Patria e a Família; si és um filho, capaz de se commover diante da bondade de uma que amamos e tem-l'ar, faze alguma coisa para combater o communismo.

De "La Esfera", 28 de Maio de 1931

Detalhe da capa da primeira edição do jornal A Defesa, de 25 de agosto de 1935. Acervo Paulo Trevisan.

DIÁRIO DA MANHÃ

O segundo jornal fundado por Tulio Fontoura, o *Diário da Manhã*, deu origem à atual Empresa Jornalística Diário da Manhã Ltda. Foi lançado festivamente na manhã de 28 de novembro de 1935 e, à época, Armando de Souza Kanters respondia pela redação e Marcelino Rodrigues Braga era o responsável pela gerência. Com redação, administração e oficinas na Avenida Brasil, n. 374, esquina com a Avenida General Neto, o jornal foi registrado em 9 de agosto de 1937, dispunha de formato 36,5 x 53,4 e totalizava quatro páginas.

DIÁRIO DA MANHÃ. Surge hoje, à luz da publicidade, sob os felizes augúrios dos que ansiavam pelo seu aparecimento, o 'Diário da Manhã'. Órgão de severa independência, equidistante dos partidos em luta, alheio a contendas religiosas, infenso a extremismos, qualquer que seja sua forma e modalidade, procurará, invariavelmente, auscultar os desejos e anseios da coletividade, ser intérprete fiel de suas aspirações, defensor extremo de seus direitos. E nisso, precisamente, reside o melhor da tarefa a que, voluntariamente, se impuseram seus dirigentes. De seu leal cumprimento será testemunha o povo, que ora os assiste, com o conforto de sua solidariedade e aplauso. Dentro da missão árdua, mas de inegável e fascinante beleza, que o jornal desempenha, colaborando de maneira decisiva, para o desenvolvimento econômico, moral e cultural do povo, 'Diário da Manhã', ocupará, certamente, posto de relevo, no jornalismo riograndense, sendo porta-voz sincero e severo das múltiplas necessidades desta região do nordeste e guia modesto mas seguro da opinião de seu povo. As classes produtoras e laboriosas, como todas que cooperam com a tenacidade de seu trabalho, para a grandeza comum, encontrarão nele o amigo devotado e o eco de suas lídimas reivindicações. Esta, em resumo, a linha de conduta pretraçada. Desta orientação, em absoluto, não se desviará – sejam quais forem as solicitações em contrário

– o ‘Diário da Manhã’. A iniciativa da fundação deste órgão – cujo aparecimento se deve a esforço e tenacidade invulgar – será, por certo, fadada a êxito brilhante. E, assim como dividiram o tédio de um fracasso impossível, repartem os diretores, como o povo desta terra, a vitória esplendente que sorri ao DIÁRIO DA MANHÃ.¹⁴

Em 12 de abril de 1945, Tulio Fontoura registrou mais um jornal, o *Diário da Tarde*, impresso nas mesmas oficinas do *Diário da Manhã*, na Rua Coronel Chicuta, esquina com a Rua Independência, e com sede na Rua Bento Gonçalves. O diretor era Adão Rodrigues Barcellos e o gerente Carlos De Danilo Quadros.

Tulio Fontoura transferiu a propriedade desse jornal a Carlos De Danilo Quadros, conforme averbação de 23 de novembro de 1947, no Registro Especial. Mais adiante, Quadros acumulou as funções de diretor pelo falecimento de Adão Rodrigues Barcellos, passando a gerência a José R. Algarve. No exemplar n. 626, ano II, de 18 de setembro de 1947, Carlos De Danilo Quadros e José R. Algarve aparecem como diretor e gerente, respectivamente. Na sexta e última página estão consignados como proprietários Carlos De Danilo Quadros & Cia.

Posteriormente, Carlos de Danilo Quadros efetuou a venda do jornal a Antônio Augusto Sampaio Correa, também gerente, conforme averbação de 26 de agosto de 1948. Na averbação n. 23, de 3 de fevereiro de 1949, Tulio Fontoura adquiriu o jornal, e Mario Sperry Cezar assumiu a direção. Em dezembro de 1949, o *Diário da Tarde* estava no ano V., Tancredo Fontoura respondia pela direção e Erci Rodrigues pela redação. Carlos De Danilo Quadros é citado como o fundador do jornal. Estabelecido na Rua Independência, n. 799, tinha o formato 38 x 56 e quatro páginas.

Em 1962, Carlos De Danilo Quadros doou a coleção do jornal à Biblioteca Pública Municipal.

¹⁴ *Diário da Manhã*. Passo Fundo, n. 1, 28 nov. 1935.

O Governo Federal concedeu 2 mil contos para a construção da rodovia S. Leopoldo-Vacaria

Frete a frente, um milhão de russos e meio milhão de japonezes!

Um vapor em chamas na Baía

Rio, 3 (D) — Comunicações telegráficas procedentes da Baía informam que irrompeu hoje um violento incêndio a bordo do cargueiro Grego Líanes, que se achava atracado no porto da capital com um grande carregamento de carvão, procedente de Cardiff com destino ao Rio.
Todo o corpo de bombeiros foi mobilizado para combater os chamas, que se alastraram amesandramente.

Escola Remington
Curso rápido e perfeito de datilografia
Aceitam os trabalhos
Av. Almeida, 501

A odiosa campanha anti-semita na Alemanha e na Itália

Berlim, 3 (D) — O chanceler alemão apresentou ao Reichstag hoje um relatório sobre a situação política no mundo, em que se destacou a campanha anti-semita que se está desenvolvendo na Alemanha e na Itália. De acordo com o relatório, os judeus são considerados inimigos da raça e da civilização.

Roma, 3 (D) — Príncipe de Salaparuta denunciou a campanha anti-semita em um discurso no Parlamento.

Convite

Convite às autoridades civis, militares e religiosas, sociedades, profissionais, imprensa e o povo em geral, para assistirem à solenidade que terá lugar no dia 7 do corrente, às 11 horas, no Cine-Teatro Coliseu, em comemoração à passagem do 81.º aniversário da criação deste município.

Passo Fundo, 3 de Agosto de 1938.

Arthur Ferreira Filho
Presidente

Convite

Convite aos membros do Governo Provincial de Lencina, para assistirem à sessão cívica que terá lugar no dia 7 do corrente, às 10 horas, no Cine-Teatro Coliseu, em comemoração à passagem do 81.º aniversário da criação deste município.

Passo Fundo, 3 de Agosto de 1938.

Arthur Ferreira Filho
Presidente

Farmacia Casagrande
(ANTIGA BOSS)
AVENIDA BRASIL, 242
Grande assortment de produtos farmacêuticos e Parafarmacia: N.º 10.000 e Extremozinas.
MANIPULAÇÃO DE PREZALDO
SERVIÇO NOTURNO
Laboratório de Análises Clínicas

DIÁRIO DA MANHÃ

Diário TULIO FONToura
Ano III - Passo Fundo, Quinta-feira 4 de Agosto de 1938 - Rua Grande do Sul - Brasil - N.º 802

Aviões checos violaram a fronteira da Alemanha

Praga, 3 (D) — Uma agência telegráfica alemã informou hoje que foi avistada violada a fronteira da Alemanha.

Dois aviões checos passaram sobre a fronteira alemã, vindo do norte, sendo também tiradas fotos aéreas da região.

Embarque de um cientista

Porto Alegre, 3 (D) — Embarcou hoje para Buenos Aires o primeiro representante alemão para a comissão científica alemã, vindo do Rio de Janeiro, sendo também tiradas fotos aéreas da região.

Lampeão será cruelmente vingado!

Controlo iniciado ferrelmente a vindicta sangrenta

Rio, 3 (D) — Telegrafamos procedentes de Araguari informam que o terrorista Lampião, conhecido como o Rei do Cangaço, chegou hoje ao Rio de Janeiro, vindo do norte, sendo também tiradas fotos aéreas da região.

Amargos os males — Mito

O Bêr AUGUIA é o melhor

SABONETE DIÁRIO Abacatol!

ALERTA CARASINHO!
O INSTITUTO DA SAÚDE comunica a iminente epidemia de Carasinho que dentro de breves dias será inaugurada a Academia Olímpica de Datilografia.
A iminente epidemia de Carasinho, desde já, no escritório do Instituto.
No curso de datilografia está incluída a instrução de prevenção de Carasinho.
Carasinho — R. G. do Sul — Brasil

CLUBE CAIXEIRAL

CONVITE

De ordem do Sr. Presidente, todos os prazos de cobrança de cotas, mensal e anual, para a sociedade de futebol de campo do CLUBE CAIXEIRAL, são devidos até o dia 12 do corrente, às 12 horas.
Passo Fundo, 3 de Agosto de 1938.

Raymundo Nazari,
2.º Secretário

TRAJE 2 — Preto, todo branco no recepção

NOTA — Pode ser encaminhado aos locais onde se fazem recepções de grande extensão ao quadro social, sem custo de aluguel.

Liquidação definitiva
Coupes e artigos de adorno
Por peça de custo — no
LOJA EDEN
R. ENDA GAL. NETO

Rodovia São Leopoldo-Vacaria

O Governo Federal concedeu dois mil contos para a construção

Rio, 3 (D) — Telegrafamos procedentes do Rio informam que o Governo Federal concedeu um crédito de dois milhões de contos para a construção da rodovia São Leopoldo-Vacaria, que passará por São Sebastião do Gal e Antônio Prado, ligando Porto Alegre ao Rio.

Chegou ao Rio o Gal. Rondon

Rio, 3 (D) — Chegou ao Rio o general Rondon, vindo de Brasília, onde esteve em missão oficial.

BANHO COMPLETO Sabonete Abacatol!

Três, 3 (D) — O Conselho Administrativo de Lencina, em sessão hoje, decidiu sobre a criação de um Conselho Municipal de Lencina, tendo o Sr. Presidente do Conselho Municipal de Lencina, Sr. João de Deus, sido eleito presidente do Conselho Municipal de Lencina.

ANUNCIO DO DIÁRIO DA MANHÃ

A luta russo-japonesa

Três, 3 (D) — O Conselho Administrativo de Lencina, em sessão hoje, decidiu sobre a criação de um Conselho Municipal de Lencina, tendo o Sr. Presidente do Conselho Municipal de Lencina, Sr. João de Deus, sido eleito presidente do Conselho Municipal de Lencina.

Convite

Três, 3 (D) — O Conselho Administrativo de Lencina, em sessão hoje, decidiu sobre a criação de um Conselho Municipal de Lencina, tendo o Sr. Presidente do Conselho Municipal de Lencina, Sr. João de Deus, sido eleito presidente do Conselho Municipal de Lencina.

Convite

O Instituto Histórico de Passo Fundo convoca a todos os membros do colégio e do povo de Passo Fundo para o encontro do antigo e zeloso funcionário do Instituto, Sr.

EDUARDO BORBA
em sessão hoje, às 11 horas.
O encontro terá lugar na residência da família estelada, nos arredores do colégio, de 13 horas de hoje, dia 4 de Agosto.
WILLIAM B. HINSLER
Relator

A Palestina será tripartida

Londres, 3 (D) — O Governo Britânico e a Liga das Nações aprovaram hoje o plano de divisão da Palestina em três Estados.

Écos da integralista

Clubes para apresentarem debates dentro de 24 horas

Rio, 3 (D) — Pelo Tribunal de Segurança Nacional foram estabelecidas hoje para apresentar seus respectivos discursos dentro de 24 horas, o Sr. Roberto Valverde e mais 51 integralistas, suspensos da faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

O Interventor

Visionário a Chelera do Pólio

D. Alegre, 3 (D) — Promulgando hoje suas ordens em relação ao plano de divisão da Palestina, o interventor federal, reconhecendo no Sr. Roberto Valverde, chefe do movimento integralista, um chefe do partido, Sr. Roberto Valverde, chefe do movimento integralista, reconhecendo no Sr. Roberto Valverde, chefe do movimento integralista, um chefe do partido.

O Bêr AUGUIA é o melhor

Três, 3 (D) — O Conselho Administrativo de Lencina, em sessão hoje, decidiu sobre a criação de um Conselho Municipal de Lencina, tendo o Sr. Presidente do Conselho Municipal de Lencina, Sr. João de Deus, sido eleito presidente do Conselho Municipal de Lencina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imprensa local nasceu e se desenvolveu sob a tutela do chefe político republicano Gervasio Lucas Annes. Na década de 1910, contra todas as probabilidades, surgiu na cidade um jornal de oposição chamado *O Popular*. Embora tenha tido uma duração razoável, provavelmente de 1913 a 1916, o jornal andava sumido da memória coletiva até lançarmos a nossa obra, *Páginas da Belle Époque Passo-fundense*, em 2008.

Salientamos que o coronel honorário Gervasio Lucas Annes e seu lugar-tenente Pedro Lopes de Oliveira se revezaram na administração do município até a morte do primeiro, em 1917. Mas não o fizeram sem alguns percalços. Na imprensa, as primeiras vozes discordantes foram a dos republicanos José Lucas Dias e Antonio Bittencourt Azambuja, através d'*O Popular*.

A Comissão Executiva criada pelo coronel a fim de reger os destinos da nossa política, constituída por Pedro Lopes de Oliveira, Nicolau Araujo Vergueiro e Gabriel Bastos, logo se dividiu e promoveu um racha definitivo no partido. *O Gaúcho* ficou nas mãos dos “Lolicistas”, enquanto *A Voz da Serra* deu voz aos “Vergueiristas”, apoiados por Gabriel Bastos. Esses jornais trocaram vitupérios até 1920, ano eleitoral. Contudo, os esforços do primeiro de nada adiantaram em razão da opção do presidente Borges de Medeiros pelo segundo.

Passada essa fase, a imprensa local ficou mais leve com o aparecimento do jornal *A Época*, no começo de 1921, a primeira experiência séria de Herculano Annes nos meios jornalísticos. Antes, ainda garoto, fora um dos idealizadores do jornal humorístico *O Periscópio*. No início de 1924, os Annes venderam a tipografia do jornal a Antonio Bittencourt Azambuja, que fez ressurgir, por pouco tempo, *A Voz da Serra*.

Ney de Lima Costa, por sua vez, no início de 1925, fundou o jor-

nal *Gazeta*, órgão dos interesses locais. Nessa época, Ney também era dono do cinema Coliseu, oportunidade em que trouxe a Passo Fundo, entre outras atrações, a companhia de Vicente Celestino e a cantora lírica pelotense Zola Amaro.

O pacto de Pedras Altas, que pôs fim a revolução de 1923, recolocou os Annes de volta à testa da administração pública. O financista Armando Araújo Annes se tornou o nome de consenso para o quadriênio 1924-1928. E foi sucedido pelo médico Nicolau Araujo Vergueiro, então no seu segundo mandato.

O Nacional, fundado em junho de 1925, de propriedade da livraria homônima e dirigido por Herculano Araújo Annes, apoiou a candidatura de Vergueiro. Este, porém, preocupado com sua carreira no Partido Republicano, abdicou da cadeira de Passo Fundo na Assembleia dos Representantes. Além disso, tecia críticas à administração anterior. Essas atitudes mexeram com os brios dos Annes, principalmente pelo que simbolizava a cadeira ocupada pelo coronel Gervasio na Constituinte de 1891.

A posteriori, um revival da briga entre *O Gaúcho* e *A Voz da Serra* ocorreu entre *O Nacional* e a *Gazeta*. Então propriedade de João Carlos Araujo e Silva, a *Gazeta* adotou um posicionamento nitidamente “Vergueirista” em sua segunda fase. A contenda arrefeceu somente com a campanha da Aliança Liberal, em meados de 1929.

Na oportunidade, surgiu na *Gazeta* o jornalista santanense Tulio Fontoura, que exercia a função de gerente. Tulio lançou, em maio de 1931, seu primeiro jornal, chamado *A Luta*. No ano seguinte, apoiou incondicionalmente a Revolução Constitucionalista, pegando em armas, o que lhe acarretou prisões e a perda do jornal. Voltou às lides jornalísticas em novembro 1935, quando fundou o *Diário da Manhã*, empresa em plena atividade.

A seu turno, Herculano Annes vendeu *O Nacional*, em meados de 1940, ao jornalista Múcio de Castro, o qual praticamente se criou

nas dependências do periódico. Convém dizer que a família Múcio de Castro até hoje integra o Grupo ON de Comunicação.

Por fim, é preciso mencionar que na obra por nós publicada, para além do exposto neste estudo, elencamos vários jornais literários, humorísticos, boletins, etc. que hoje fazem parte da história. Os literários surgiam nas companhias de teatro amador e principalmente nos grêmios estudantis. Essa prática ainda existia nos anos 1970, quando frequentávamos o ensino médio. O jornal humorístico mais bem elaborado que descobrimos foi *O Periscópio*, dos primos Herculano e Pindaro Annes, que surgiu em 1917 e teve boa duração se comparado aos demais.

REFERÊNCIAS

COSTA, Alfredo R. da. *O Rio Grande do Sul: Obra Histórica, Descritiva, Ilustrada*. Porto Alegre: Livraria d'O Globo, 1922. vol. 2.

DAMIAN, Heleno Alberto; DAMIAN, Marco Antonio. *Páginas da Belle Époque Passo-fundense*. Passo Fundo: Editora Passografic, 2008.

FONTOURA, Túlio (Org.). *Álbum do Município de Passo Fundo*. Passo Fundo: Oficinas d'A Luta, 1931. vol. 1.



**O INTERVENTOR FLORES DA CUNHA E A RELAÇÃO
COM PASSO FUNDO E REGIÃO (1930-1937)**

Alexandre Aguirre

“A história, como as outras formas de conhecimento da realidade, está sempre se constituindo: o conhecimento que ela produz nunca é perfeito ou acabado.”

Vavy Pacheco Borges

O presente artigo abordará o período em que José Antônio Flores da Cunha¹ fora interventor federal pelo estado do Rio Grande do Sul (1930-1934), nomeado por Getúlio Vargas, chefe do Governo Provisório, e, posteriormente, assumira como governador eleito pela Assembleia Constituinte (1934-1937). Ainda, o artigo tem por objetivo principal analisar a relação político-administrativa de Flores da Cunha com o município de Passo Fundo e a região Norte do Rio Grande do Sul.

Convém destacar que no momento em que Getúlio Vargas surgia como o mais novo protagonista na política nacional, em virtude da vitória do movimento armado de 1930, que destituiu do poder as oligarquias paulista e mineira que há anos se revezavam no poder do Governo Federal, Flores da Cunha assumia o comando do Governo do Rio Grande do Sul, tornando-se o porta-voz do Governo Provisório. Flores da Cunha seria o grande articulador político do estado e teria como principal missão unir “gregos e troianos” em torno do governo de Getúlio Vargas.

¹ Nasceu no município de Santana do Livramento, no estado do Rio Grande do Sul, em 5 de março de 1880. Formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade Nacional de Direito do Rio de Janeiro. Foi nomeado, em 1903, delegado de polícia no Rio de Janeiro; em 1909, filiou-se aos quadros políticos; fora eleito deputado estadual pelo Partido Republicano Rio-grandense (PRR); em 1912, eleito deputado federal pelo Ceará, para a oitava legislatura, passando a fazer parte da Comissão de Diplomacia e Tratados da Câmara dos Deputados. AITA, Carmen; AXT, Gunter. *Parlamentares gaúchos José Antônio Flores da Cunha: discursos (1909-1930)*. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 1998. p. 75-76.

No contexto local, o confronto político dar-se-ia entre Flores da Cunha e Nicolau Araújo Vergueiro, ocorrido em virtude de aquele ter criado o Partido Republicano Liberal (PRL), em 1932, e também de ter sido o propulsor da emancipação do 4º distrito de Passo Fundo, Carazinho, em 1931, medidas que iam contra os interesses de Nicolau Vergueiro. Para além, abordaremos a luta da administração municipal de Passo Fundo para receber voos da empresa Viação Aérea Rio-Grandense, a Varig. Dessa



José Antonio Flores da Cunha no Grande Hotel de Porto Alegre, 1923.

relação conflitante surgiram outros embates, principalmente na arena política regional e local. Para realização deste estudo, utilizamos como fonte básica a imprensa local, dando destaque para as páginas do jornal *O Nacional* de Passo Fundo, onde pesquisamos o período de 1930 a 1937.

PASSO FUNDO: A LUTA PARA RECEBER VOOS DA VARIG

Veremos, neste artigo, a relação do governo de Flores da Cunha com o município de Passo Fundo e a região do Planalto Médio. Esse vínculo político e administrativo teve início durante a Revolução de 1930, quando partiram para frente de combate três tropas, chefiadas pelos coronéis Antônio Quim César e Edmundo Dalmácio de Oliveira e pelo general João Rodrigues Menna Barreto. Engajaram-se nessa labuta os correligionários do PRR de Passo Fundo, Nicolau Araújo

Vergueiro, recém-eleito deputado federal na eleição de 1930 e Henrique Scarpellini Ghezzi, recém-empossado intendente municipal de Passo Fundo.

O apoio oferecido pelo governo municipal de Passo Fundo para o movimento armado de 30 seria lembrado e cobrado do governo do estado, como contrapartida, por meio de melhorias para o município. A primeira reivindicação da classe dominante passo-fundense ao governo de Flores da Cunha foi a solicitação de uma linha aérea ligando Passo Fundo a Porto Alegre, que seria atendida pela [Varig²]. Portanto, deu-se início à luta do governo municipal em viabilizar a presença da companhia Varig em solo passo-fundense, conforme constata-se em um artigo publicado³ em *O Nacional*:

Ha dias o nosso serviço telegraphico noticiou que a empresa 'Varig' (Viação Aérea Rio Grandense) cogitara estabelecer algumas linhas de aviação para o interior do Estado sendo, provavel que, no plano, estivesse compreendido a cidade de Passo Fundo. Hoje, devidamente informados, podemos positivar a noticia de que, effectivamente, a 'Varig' deseja ter em Passo Fundo um dos campos de aterrisagem de seus aparelhos, dependendo-o caso, entretanto, de estudo sobre as possibilidades economicas de sua manutenção. Ainda nesta semana, talvez, amanha ou depois, voará sobre a nossa cidade um dos aviões da empresa riograndense, segundo comunicação recebida pela firma Busato Irmãos & Cia. Desta praça a que foram remetidas pela <Standard Oil>, diversas caixas de gasolina aviação XX para abastecimento, aqui, do aparelho. Ao que

² A linha aérea ligando Passo Fundo a Porto Alegre foi criada em 5 de maio de 1942, com voos às terças e sextas-feiras.

³ Quanto às citações deste trabalho, mantivemos literalmente as transcrições sem alterar em nada a linguagem da época, conforme pesquisa realizada no jornal *O Nacional* de Passo Fundo, no período de 1930-1937. Sobre o uso da linguagem, ver: CARBONI, Florence; MAESTRI, Mário. *A Linguagem escravizada: língua, poder e luta de classes*. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

nos informam, o vôo a ser realizado foi promovido a título de experiência.⁴

Havia, portanto, certo interesse da Varig em ter um campo de aterrissagem em Passo Fundo, o que dependia, porém, de um estudo técnico para avaliar as condições da área para receber os voos. Sendo assim, o mais importante era ter o aval do governo de Flores da Cunha, sem o qual se inviabilizaria a linha que conectaria o município à capital do estado.

Nesse contexto, Passo Fundo despontava como um polo econômico e comercial de toda a região do Planalto Médio. Todavia, em termos de logística para ligar-se com a capital do estado a situação ainda era muito precária, por isso a mobilização para cobrar do governo melhores estradas e o desejo pelo estabelecimento da Varig no município, o qual impulsionou uma boa parte dos produtores passo-fundenses, bem como da administração municipal, que buscavam maior progresso para o município através da viabilização da linha aérea. Podemos analisar em um artigo publicado no jornal *O Nacional* a luta do município em ter um serviço aéreo da Varig:

Passo Fundo pela sua localização, e pela morosidade de comunicação com Porto Alegre, estaria certamente indicada a ser servida pelo serviço aerio da Varig, na sua nova faze auxiliada, pelo governo do Estado. É, nesse intento que devemos encaminhar esforços afim de obter o mais breve possivel a realidade dessa aspiração local, cujos resultados praticos á comuna passofundense, e a toda a região proxima será superfluo salientar. A clausula VI, do Decreto n.*4.880 de 23 de Outubro de 1931, diz : <O Estado empregará tambem os bons officios junto ás municipalidades, que forem indicadas pela Empreza de Viação Aerea Rio Grandense (Varig),

⁴ *O Nacional*, Passo Fundo, 16 abr. 1930, p. 4. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

conforme a necessidade da rêde aerea estadual, no sentido de lhe serem concedidos campos de pouso municipais>. O caso do campo de aterrisagem local, está plenamente resolvido, com a doação feita á Varig, pelo Cel. Maximiliano de Almeida, de uma area de terras necessaria a tal finalidade, na qual foi feito o necessario movimento de terraplenagem.

Por outro lado a Prefeitura já prometeu ao representante da Varig, nesta cidade, sr. Lauro Loureiro Lima, auxiliar a conservação do campo. O serviço de aviação para Passo Fundo é, como para todo o Rio Grande, uma utilidade das maiores, o que bem demonstrou o ato do Governo Estadual auxiliando-o. O Estado ao reformar o contrato com a Varig, cogitou apenas da manutenção das linhas á Pelotas, Rio Grande e Santa Maria, entretanto, P.Fundo, que se acha a menor distancia diréta da Capital, gasta maior tempo a comunicar-se a ela, quando a aviação tornaria rapidissimo esse intercambio. Agora, que está em organização a Liga pró Engrandecimento de Passo Fundo, essa nova entidade por acaso terá também essa tarefa a realizar: propugnar pelo estabelecimento das comunicações aérias com Porto Alegre, porque essa aproximação trar-nos-á grandes prógressos.

E, nunca como hoje, o momento de pleitear ante a Varig e o Governo, o estabelecimento da linha Porto Alegre-Passo Fundo, foi mais oportuno; pois, ao se reorganizar, a Varig poderá e deverá por em equação a solução desse teorema que tanto nos interessa-la em sua vida de empreza comercial. Esperamos uma congregação de esforços de todos os bons passofundenses em pról dessa magnífica realização progressista.⁵

Fica claro o verdadeiro esforço do governo municipal e da classe dominante em ter a linha aérea da Varig. Entretanto, nota-se uma falta

⁵ *O Nacional*, Passo Fundo, 4 nov. 1931, p. 6. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

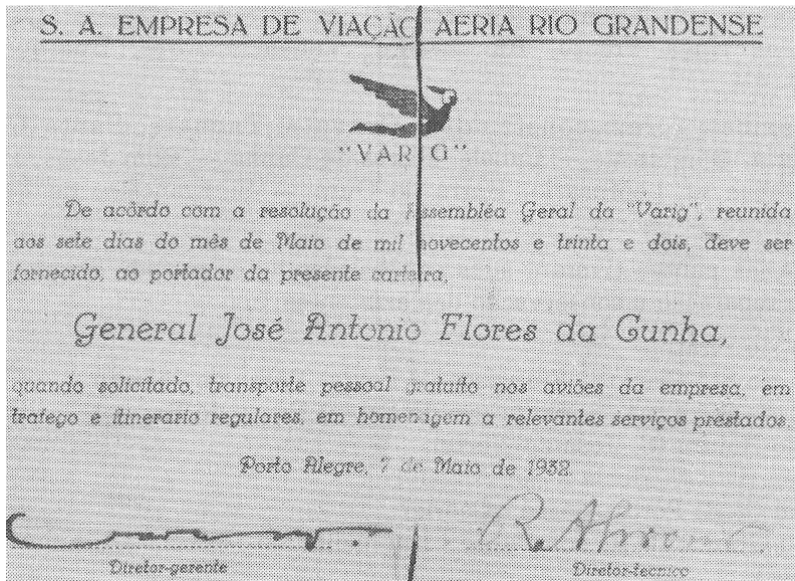
de comprometimento do governo do estado em atender ao pedido de Passo Fundo. Convém lembrar que, em 1932, Flores da Cunha socorreu a Varig, quando a companhia se encontrava à beira da falência. Nesse sentido, Lauro Schirmer afirma que:

Em 1932, quando a gaúcha Varig começava sua afirmação como pioneira da aviação comercial brasileira e passou a viver ameaçadora crise, foi Flores da Cunha quem salvou. A Varig contava com a parceria do Sindicato Condor e da alemã Lufthansa, os aviões usados nos primeiros cinco anos eram aeronaves cedidas pelo sindicato Condor. Mas em 1932 surgiram problemas no relacionamento entre as duas direções, e o Sindicato Condor decidiu cancelar o acordo e pedir de volta os aparelhos, no prazo de 90 dias. Era um prazo exíguo e a Varig não teria como superar o desafio. Mas o governador Flores da Cunha era muito ligado à Varig, desde que o primeiro vôo da companhia para o interior foi pousar em Livramento, na Estância São Miguel, de sua família. (Onde até hoje continua a placa com os dizeres: “Aqui pousou pela primeira vez o mensageiro do ar, o avião da Varig pilotado pelo comandante Harald Stumpf.”) Comprando ações e emprestando dinheiro através do Banco do Rio Grande do Sul, Flores da Cunha assegurou recursos para a Varig comprar e alugar aviões, sem parar um dia em suas operações. (2007, p. 127-128).

O governo de Flores da Cunha atendeu ao apelo da empresa e, por fim, tirou a Varig da situação na qual se encontrava, ou seja, não fora a primeira e nem a última vez que empresas, oligarquias pecuaristas e demais classes dominantes recorreram ao governo do estado para saldar suas dívidas ou pedir auxílio financeiro. Portanto, a Varig se manteve no mercado graças à iniciativa do governo de Flores da Cunha em lhe destinar recursos para que não deixasse suas atividades.

O governo estadual concedeu, em 1932 e 1933, auxílios de 366

contos à empresa de aviação, que gozava, em 1934, de subvenção anual de 200 contos.⁶ Nesse sentido, em Assembleia Geral da Varig, realizada em 7 de maio de 1932, foi fornecida ao governador do estado do Rio Grande do Sul uma carteira de livre acesso aos voos, em homenagem aos relevantes serviços prestados à empresa.



*Homenagem da empresa Varig ao General Flores da Cunha em 1932.
Fonte: SCHNEIDER, 1981. p. 81.*

Para o contexto da época pareceu “normal” Flores da Cunha ter recebido tal honraria da Varig. *O Nacional* veiculava que:

Depois de uma lucta sem, treguas, em que chegou quasi a completo exgotamento, a Companhia de Viação Aerea Rio Grandense, auxiliada pelo patriotico governo do Estado, vae renovar com novos aparelhos, a sua utilissima actividade no interior do Estado. O governo,

⁶ Arquivo da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. *Relatório do governo Flores da Cunha*. Palácio do Governo, Porto Alegre, 15 abril de 1935. p. 9.

apezar das aperturas financeiras, não trepidou em um sacrifício pecuniário, para não deixar morrer a Varig, companhia puramente rio-grandense, que representa, verdadeiramente, o futuro do transporte aéreo entre nós. Doutra parte os directores dessa companhia também nem um momento desfalleceram no desigual combate que travaram com a época difficil que atravessaram. Todos esses esforços foram coroados de bom exito e dentro em muito breve, veremos outra vez, os ceus de nosso Estado sulcados por aviões commerciaes que lhe pertencem.⁷

Graças ao apoio do governo, a Varig não deixou de operar seus voos no estado, porém as promessas feitas – uma linha ligando Passo Fundo a Porto Alegre e outra, Passo Fundo a Caxias do Sul –, segundo podemos analisar no editorial publicado em *O Nacional*, intitulado “A Varig e Passo Fundo”, não se concretizaram:

Houve tempos em que a Varig, em precarissima situação financeira, ficou dependendo exclusivamente do auxilio do Estado, para a manutenção de seus serviços. O governo estadual, no seu empenho de concorrer sem medida, para o progresso do Rio Grande, comprometteu-se a tudo, mas as difficuldades que elle proprio sentia, forçaram-no protelar a realisação das promessas. A Varig, exhausta, sentiu a necessidade de exercer pressão para o cumprimento dessas promessas. Os seus propios pedidos, entretanto, de parte, interessada, valiam pouco. Mister é que a propria collectividade riograndense clamasse pelos seus serviços. Ella diria então ao Estado manietado pela crise: é o povo que clama. Nesse sentido, desenvolveu campanha formidavel; com o unico e pequeno avião que lhe sobrava, inaugurou linhas para diversos pontos, utilizou-se da imprensa em larga escala prometteu tudo, para quando o governo reali-

⁷ *O Nacional*, Passo Fundo, 11 abr. 1932, p. 1. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

sasse as suas promessas. Nada porem, se faria antes do Estado cumprir seus compromissos. Era preciso gritar. A linha de P. Fundo, via Caxias, estava prompta. Para iludir melhor, conseguiu-se gratuitamente um campo de aterrisagem que sofreu reparos urgentes. Duas vezes foi a linha inaugurada, a primeira que se estabeleceria no interior. Não eram só promessas, eram actos de execução. Quem de boa fé não se illudiria? Destas columnas publicamos entrevistas e appelloos ao governo, subscrevemos telegrammas, como os subscreveram a Associação Commercial, o sr. prefeito municipal, o dr. Araujo Vergueiro e outras pessoas de destaque politico e social.

O trabalho da Varig foi bem feito. O governo, por fim, attendendo ao clamor que, como daqui, de toda a parte se levantava marcê da Varig e porque melhor se achasse então apparelhado financeiramente, entrou com o auxilio pedido. A Varig adquiriu novos aparelhos e as novas linhas vão ser inauguradas este mez. Uma virá de P. Alegre a C. Alta, via Santa Maria. Da de P. Fundo nem se fallou.⁸

A primeira parte do editorial mostra a pressão da Varig contra o governo do estado, para que ele garantisse os recursos solicitados. Mas, ao mesmo tempo em que a Varig queria mostrar ao governo a importância da empresa para o povo sul-rio-grandense, não atendia ao pedido de Passo Fundo para instalar uma linha aérea até a capital, conforme mostra a parte final do artigo:

Estavam muito vivas em nossa memoria as promessas recebidas. Por isso procuramos o sr. agente dessa companhia, nesta cidade, sr. Lauro Lima, pedindo-lhe que nos explicasse tão grande esquecimento depois de tanto prometter.

⁸ *O Nacional*, Passo Fundo, 11 abr. 1932, p. 1. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

Elle mostrou-nos, apenas, um trecho de uma carta recente que acaba de receber dessa companhia. Ali se lê: Campo de pouso – Em vista de não ser possível encetar o serviço para P. Fundo no inverno, temos de aguardar o proximo verão para a installação da linha. O amigo, da experiencia de 1930 bem conhece as difficuldades meteorologicas que surgem no inverno. Desde porem, que a linha se encontre installada, com pilotos já habituados ao trajecto, estamos convictos que o trafego sera viavel na estação hibernal. A desculpa é muito falha para que nós, que ouvimos do proprio piloto Muelle, o relato de sua ultima viagem a esta cidade; acreditemos nella. Porque razão só poderá viajar para Cruz Alta e não para P. Fundo? O que não resta duvida é que a Varig, com dois aviões apenas, não tem material para muitas linhas. E a sua promessa de que a nossa seria a primeira, era méra forma de conseguir sympathias, num momento de aperto. Fomos simplesmente ludibriados. Eis tudo. Tomemos nota disso para o futuro.⁹

Ora, as explicações do Sr. Lauro Lima, representante da Varig em Passo Fundo, expondo os motivos pelo qual a empresa não cumpriu a promessa em instalar uma linha ligando o município até a capital, são descabidas. Primeiro, dizer que a companhia aérea só poderia operar seus voos no verão não condiz com o relato do próprio piloto da Varig, que atestou a viabilidade de voos para o município. Por último, afirmava que a Varig poderia viajar somente para o município de Cruz Alta, ou seja, Passo Fundo ficava a “ver navios” e não aviões.

A direção central da Varig não concordou com as críticas recebidas no editorial de *O Nacional*. Assim, prontamente, enviou um telegrama ao jornal rebatendo as críticas, o qual transcrevemos na íntegra:

Com referencia ao editorial do dia 11 d’abril <O NA-

⁹ *O Nacional*, Passo Fundo, 11 abr. 1932, p. 1. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

ACIONAL>, temos a informar que a Varig cumpre o que promete, salvo quando forças fõra de seu controle, tal não permite. O artigo é profundamente injusto nos conceitos que emite. Não é opportuno tolher dessa forma a boa vontade e iniciativa da empreza, hoje ainda sobrecarregada com compromissos e impossibilidades desconhecidas ahi. É preciso deixar o tempo para que a empreza recupere forças encetando linhas tecnicamente mais vantajosas.

A situação topographica da rota de Cruz Alta é muito diferente da de Passo Fundo. Sera um simples prolongamento da linha de Santa Maria. Mesmo assim o serviço regular de inverno para C. Alta depende de experiencias a serem feitas. A opinião do piloto Muelle foi baseada num vôo feito num tempo esplendido; de outro modo seu parecer seria differente. É preciso aguardar a acção de empreza sem precipitações prejudiciaes a todos. Pedimos esclarecer o assumpto.¹⁰

A resposta a esse telegrama foi a seguinte:

Confessamos sinceramente que os argumentos acima de nenhuma forma nos induzem a mudar a opinião que manifestamos no editorial em referencia. Entretanto, não desejamos proseguir, nessa materia. Si a Varig foi injusta com Passo Fundo, por outro lado, irá prestar beneficios inclusiveis ao Rio Grande e não lhe desejamos crear difficuldades, por menores que sejam. Conformamo-nos pois, com a esperanza de melhores dias em que a situação da Empreza permita, ao menos em parte, o cumprimento de suas promessas conosco.¹¹

Percebe-se que, embora havendo um descaso da Varig com o

¹⁰ *O Nacional*, Passo Fundo, 18 abr. 1932, p. 1. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

¹¹ *O Nacional*, Passo Fundo, 18 abr. 1932, p. 1. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

município, Passo Fundo não desistiu de lutar para que as promessas feitas pela empresa fossem cumpridas. A Associação Comercial de Passo Fundo solicitou ao governador do estado o prolongamento da linha aérea da Varig até o município de Passo Fundo, ao que Flores da Cunha respondeu:

Acuso recebimento telegramma solicitae meu apoio sentido Varig prolongar até Passo Fundo linha aerea, em resposta apraz-me declarar-ves que podeis contar com minha interferencia favor tão justa aspiração classes conservadoras esse prospero município. Saudações cordeaes. Flores da Cunha¹²

A resposta do general foi positiva no sentido de prolongar a linha aérea até Passo Fundo. No entanto, o apoio do interventor não se materializou concretamente, ou seja, a linha da Varig ainda não se tornaria realidade.

Nesse contexto, um fato curioso chamou a atenção da população passo-fundense, em 10 de outubro de 1933, conforme registrou *O Nacional*:

Um avião da Varig sulcou hoje inesperadamente, os ares da cidade.
O povo saiu á rua:
Que foi? Que não foi?
Pra que o avião?
E um sujeito sabido explicou:
– E a Varig que vem inaugurar pela quarta vez a linha aérea entre Passo Fundo e P. Alegre, creada em 1930.
Em verdade, por falta de inauguração não é porque ainda não vamos á capital pelos ares.¹³

¹² *O Nacional*, Passo Fundo, 18 abr. 1932, p. 1. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

¹³ *O Nacional*, Passo Fundo, 10 out. 1933, p. 1. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

Viação Aérea Riograndense

Chegou hoje a esta cidade um avião de experiência da Varig

O que disseram a O NACIONAL os seus tripulantes

Hoje, pela manhã, o sr. Lauro Loureiro Lima, agente da Varig, neste município, comunicou-nos que saíra de Porto Alegre, com destino a esta cidade, às 6 horas da manhã, um avião da Varig, devendo o mesmo chegar a seu destino pelas 8 horas.

Afirmamos a notícia imediatamente em nosso placard e quasi a seguir apontou no horizonte, rumo sul, voando a grande altura, o lindo avião esperado.

O aeroplano baixou logo, fazendo evoluções sobre a cidade, atterrando no campo próximo à serraria Camargo, o que causou estranheza, pois o campo da Varig fica muito alem, na estrada dos Vallinhos.

Apesar disso a aterrissagem se fez em boas condições, nada havendo de anormal.

Correspondencia

Pouco depois da chegada do avião, a agencia da Varig enviou-nos exemplares de hoje do "Correio do Povo" e do "jornal da Manhã", de Porto Alegre.

Uma visita a O Nacional

Pelas dez e meia tivemos o prazer de receber em nossa Redacção os srs. dr. Walter Peschel, director tecnico da Varig e do sr. Francisco Nuelle, piloto da mesma companhia, os quaes vinham acompanhados pelo sr. Lauro Lima, agente da mesma, nesta localidade.

Eram os dois primeiros os tripulantes do avião recém-chegado e, ás nossas perguntas, deram-nos as interessantes informações que consignamos adiante.

Perguntamos primeiramente sobre o aparelho. Responderam-nos que se tratava de pequeno avião de experiencia, de dois lugares, marca Junkers-Junior, com 80 H. P. apenas, de motor. O fim da viagem foi sómente de estudos, principalmente para a escolha do campo de aterrissagem. Pelo dr. Peschel foi escolhido o campo oferecido pelo cel. Maximiliano de Almeida que está em boas condições sendo mais proximo da cidade do que os demais postos á disposição da companhia.

Indagamos a seguir da viagem. Fôra excellent. Partiram de Porto Alegre ás 6 horas da manhã. Ás 6,15 passaram por Montenegro, seguindo sempre em recta para esta cidade. Ás 6,50 avistavam Estrella e

ás 7,31 viam de muito, longe Soledade, chegando a esta cidade precisamente ás 8 e 5 minutos. Todo o valle da serra estava cheio de serração, pelo que não lhes foi possível observar as localidades sobre as quaes passavam.

Ao chegar a Passo Fundo o avião vinha numa altura de 2.000 metros.

A futura linha—Indagamos quando a Varig pretendia definitivamente estabelecer a linha para P. Fundo. Responderam nossos visitantes que logo que o governo do Estado forneça os aviões a que está comprometido, estando tudo prompto para o serviço. Declarou que o itinerario será em recta de P. Alegre a esta cidade e na volta, passar-se-á sobre Caixias, quando não houver cerração.

Aceresentaram que os aparelhos escolhidos para esse serviço terão motores de 230 H. P. tendo acomodações para 4 passageiros e dois tripulantes. Acredita o piloto que, com esses aviões, de maior potencia, a viagem de Porto Alegre a Passo Fundo durará apenas 1 hora e 15 minutos.

Disse-nos ainda que a linha de Passo Fundo será, provavelmente, a primeira a entrar em tráfego.

A aterrissagem—Indagamos ainda a razão por que haviam desido fóra do campo já preparado, informando-nos o piloto Nuelle que não conhecia o referido campo o qual não estava assignalado, motivo por que desceu onde julgou melhor.

E sorrindo, acrescentou: —Por aqui desce-se em toda a parte, sem peigo algum. As macegas não prejudicam nada, antes servem de freio...

A segurança da viagem —Dissemos ao dr. Peschel que falava-se aqui que a linha era bastante perigosa porque teria de atravessar longo trecho de serra, sem pontos de aterrissagem.

—E' uma illusão, responderam, ha campos em toda a parte e, durante a viagem, sómente meia hora se vóa sobre serra. Não ha perigo nenhum.

Mas os tripulantes do Junkers-Junior estavam apressados pois deveriam partir daqui logo depois do almoço e tinham muito a fazer. Vieram apenas trazer a sua visita a O NACIONAL e, por meio d'elle, a sua saudação a Passo Fundo.

Por ver tantas vezes frustrada a vinda da Varig para Passo Fundo, o assunto virou motivo de chacota da população, já que eram tantas promessas não cumpridas.

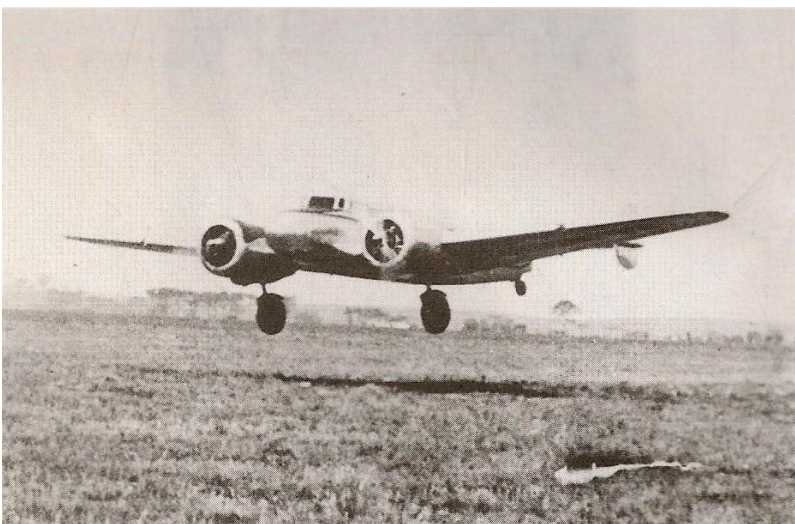
Na obra *Passo Fundo Através do Tempo*, a escritora Delma Rosendo Gehm afirma que:

Somente em 29 de outubro de 1940 era inaugurado em Passo Fundo um campo de aviação mandado construir pelo Governo Federal, a oeste da cidade, passando a funcionar regularmente, pela Cia. Varig, em maio de 1942 (dia 5), com vôos às terças e sextas-feiras, tendo sido o 1.º avião usado o "Livramento" de matrícula PP-VAF, monomotor de 350 HP, com capacidade para 5 passageiros, pilotado pelo comandante Carlos Ruhl e mecânico de bordo Frederico Hochwart. O preço da passagem era de cr\$ 206,60. O 1.º agente foi o sr. Jaime Laus e encarregado dos serviços da mesma agência o sr. Waldemar Abrahão. Em abril de 1947, a Cia Varig, passou a atuar em Passo Fundo, com vôos três vezes por semana (GEHM, 1982 p. 90).

Manchete na capa do jornal O Nacional, 20 de janeiro de 1931. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH-UPF).



Solenidade de Inauguração da pista de pouso do Aero clube de Passo Fundo na localidade de São Miguel, distrito de Pulador, no dia 29 de outubro de 1940. Acervo Aero clube de Passo Fundo - Instituto Histórico de Passo Fundo (IHPF).



Linha comercial Passo Fundo – Cruz Alta – Porto Alegre, decolagem do “campo de viação” de São Miguel. Empresa VARIG – Cruzeiro do Sul, 1944. Fonte: LECH, Osvandré. et tal Passo Fundo: memória e fotografia. Passo Fundo: Pe. Berthier, 1999. p. 81.

Enfim, essa conquista não era somente de Passo Fundo, mas de toda região do Planalto Médio, que diariamente necessitava de transporte rápido para a realização de negócios na capital do estado e no centro do país.

EMANCIPAÇÃO DE CARAZINHO:

FLORES DA CUNHA *VERSUS* NICOLAU ARAÚJO VERGUEIRO

A emancipação de Carazinho, em 1931 (PRATES, 2001, p. 87), foi uma conquista, sobretudo, do povo carazinhense, o qual buscou apoio político no governo de Borges de Medeiros. A seu turno, Flores da Cunha, ao assumir a interventoria do estado do Rio Grande do Sul, em 1930, também se tornou um aliado importante, comprometendo-se em somar forças para atender à reivindicação da população carazinhense, que buscava tornar o 4º distrito independente de Passo Fundo. O maior opositor dessa emancipação fora Nicolau Araújo Vergueiro, que defendeu a continuidade de Carazinho como distrito passo-fundense, o que causou um confronto direto com Flores da Cunha, que comungava da ideia emancipacionista.

Nesse sentido, uma nota em *O Nacional* mostra a posição clara de Nicolau Vergueiro referente à emancipação do 4º distrito:

[...] esteve o governo do Estado muito pronto a conceder a emancipação de Carazinho tendo se a isso oposto o dr. Nicolau de Araújo Vergueiro, intendente municipal.

A divulgação dessa notícia matou completamente a questão e os carazinhenses ficaram quietos daquela data em diante a respeito de seus pruridos de autonomia.

Agora levantam novamente a sua voz, como sendo a emancipação uma coisa certa. Ouvimos até que Carazinho só prestigiará uma candidatura municipal, no caso

da ida do Dr. Vergueiro para a Câmara, se o candidato se comprometer a não pôr oposição à sua independência. Parece que os carazinhenses estão dispostos a pôr de parte os meios pacíficos e utilizar-se de imposições (PRATES, 2001, p. 83).

Ou seja, Nicolau Vergueiro colocara-se na posição de confronto com o principal desejo dos carazinhenses: tornar o 4º distrito autônomo política e economicamente. Porém, observa-se, a partir desse momento, que os carazinhenses também se colocariam na linha de confronto, caso Vergueiro não mudasse de posição.

Ora, devemos interpretar nas entrelinhas a posição contrária de Nicolau Vergueiro em não querer que o 4º distrito fosse emancipado, pois não era nada vantajoso para Passo Fundo desfazer-se de seu distrito que crescia vertiginosamente. Além disso, o município de Passo Fundo perderia geográfica, territorial, econômica e politicamente, também, perderia uma parte considerável do seu eleitorado e, principalmente, enfraqueceria o poder e o domínio de Nicolau Vergueiro sobre aquela região. Afinal, a emancipação requerida pelo distrito de Carazinho também levaria consigo os distritos de Não-Me-Toque, Tapera, Selbach, Boa Esperança e Tamandaré. Portanto, a perda do coeficiente eleitoral para a época era muito expressiva, haja vista o número pequeno de habitantes por município. Para corroborar a isso, mostraremos o resultado da



O Intendente Nicolau Vergueiro na Avenida Brasil, em frente a calçada alta, em 1930. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH-UPF).

eleição para intendência de Passo Fundo, em 16 de setembro de 1928, quando fora eleito Nicolau Vergueiro (PRR), já que não podemos tomar por base o registro eleitoral, por ser demasiado falho. O resultado do pleito para a intendência nos distritos que se desligaram de Passo Fundo foi o seguinte: votação do Partido Republicano Rio-grandense (PRR) – Carazinho, 278; Não-Me-Toque, 451; Tapera, 216; Selbach, 180; Boa Esperança, 257; e Tamandaré, 105. A votação do Partido Libertador (PL)¹⁴, por sua vez, foi a seguinte: Carazinho, 98; Não-Me-Toque, 59; Tapera, 11; Selbach, 2; Boa Esperança, 4; e Tamandaré 43. O total dos eleitores republicanos fora de 1.487 e dos libertadores, 217. E o resultado geral da eleição no município fora de 3.316 votos republicanos contra 606 libertadores.¹⁵

À vista disso, percebemos que o município de Passo Fundo perderia uma parte significativa de seu eleitorado, ou seja, com o desligamento de Carazinho, seriam 1.487 votos republicanos a menos contra os 217 votos dos libertadores. E o número ainda seria maior, levando-se em conta que naquela eleição o resultado da votação colonial foi muito resumido devido às grandes enchentes existentes, o que impossibilitou muitos eleitores de chegarem até o local de votação.

Embora alguns passo-fundenses não vissem essa perda como algo significativo, esse não era, entretanto, o pensamento da maioria da população local e, principalmente, de Nicolau Vergueiro, contrário à emancipação do 4º distrito.

Outrossim, além da perda no campo político, o município de

¹⁴ O Partido Libertador foi fundado em 3 de março de 1928, durante congresso realizado na cidade de Bagé (RS). Seus principais líderes eram: Assis Brasil, Raul Pilla e Batista Luzardo. O partido, em seu programa político, defendia a instauração de um processo de alistamento eleitoral que incluísse todos os cidadãos maiores de idade, a instituição do voto secreto e a representação proporcional, a realização de apurações escrupulosas, e a autonomia para o Poder Judiciário, tornando-se a investidura dos juízes, a composição dos tribunais e o acesso à magistratura independentes de qualquer poder político.

¹⁵ *O Nacional*, Passo Fundo, 21 jan. 1931, p. 2. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

Passo Fundo sofreria um enorme prejuízo em sua economia, conforme nos mostra Cavalheiro:

Carazinho era, na época, o 4º distrito de Passo Fundo, maior pólo exportador, no estado do Rio Grande do Sul, de madeira, farinha de mandioca, banha e couros suínos, com atividades ligadas à indústria, ao comércio, à pecuária e à agricultura. [...] Quando da emancipação desse município em 1931, houve um aumento significativo de serrarias, chegando em torno de 150 em funcionamento (CAVALHEIRO, 2003, p. 35).

Percebe-se a importância econômica que o 4º distrito tinha na economia regional, ou seja, sua perda significaria privar-se de recolhimento de impostos, assim como diminuiria a receita para a Intendência de Passo Fundo. Por esse motivo, a população de Carazinho pressionaria o governo de Flores da Cunha para que ele se empenhasse em prol da emancipação política e administrativa carazinhense.

Nessa campanha, engajar-se-ia também o major Marcelino Rodrigues da Silva, chefe da comissão da Brigada Militar sul-rio-grandense. Ele encaminhou um telegrama ao interventor do estado para que abraçasse a causa de Carazinho, neste teor:

Lembro vossa promessa, que nunca falhou feita ao povo carazinhense por ocasião de vossa passagem aqui, qual foi o de elevar Carazinho a categoria de vila, porque só assim recompensamos esse digno povo que com tanto carinho tratou soldados que por aqui passaram direção campo de honra. Por isso peço vossa valiosa interferência junto governo do Estado para que essa dívida seja paga com a máxima brevidade (PRATES, 2001, p. 95).

A promessa a qual o major se referia dizia respeito da passagem de Flores da Cunha por Carazinho rumo ao *front* durante a Revolução

de 1930, ocasião em que, segundo consta, ele havia se comprometido em emancipar o 4º distrito, o que mais tarde se confirmou.

No dia 16 de dezembro de 1930, a comissão formada por Alberto Graeff, Guilherme Sudbrack, Homero Guerra, Salustiano de Pádua, Paulo Coutinho, Eurico Araújo e Alberto Azevedo comunicava, da capital, que havia conferenciado com Flores da Cunha e ficara assentada a criação do novo município. Em 18 de janeiro de 1931, novamente a comissão retornou a Porto Alegre onde recebeu a notícia de que o interventor resolvera sobre a criação do município com as divisas pleiteadas, inclusive Não-Me-Toque (PRATES, 2001, p. 96).

A pressão e a mobilização carazinhense sobre o governador surtiram efeito, pois o sonho da emancipação materializava-se através do Decreto Estadual n. 1.707.177, de 24 de janeiro de 1931 (PRATES, 2001, p. 96). Não obstante a isso, como Nicolau Vergueiro mantinha-se contrário à emancipação, no momento crucial para os carazinhenses, novamente se posicionou contra e, de maneira igual, manifestou-se o intendente municipal de Passo Fundo, Henrique Scarpelini Ghezzi. Ambos travariam uma nova luta para que não fosse anexado o distrito de Não-Me-Toque ao novo município que acabara de ser instalado. No entanto, convém lembrar que para se chegar ao acordo, foram necessárias várias viagens a Porto Alegre para conferenciar com Flores da Cunha para que a situação chegasse a uma solução. Nesse contexto turbulento, Nicolau Vergueiro chegou até a fazer um desafo: “o caso de Não-Me-Toque lhe estava dando demasiado trabalho e aborrecimento.”¹⁶

Porém, na conferência final entre Nicolau Vergueiro e Flores da Cunha, ambos chegaram a um acordo, segundo noticiou *O Nacional*:

¹⁶ *O Nacional*, Passo Fundo, 19 jan. 1931, p. 1. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

Devido á resistencia opposta pelo dr. Araujo Vergueiro e sr. Scarpelini Ghezzi á inclusão de Nãometoque no municipio de Carasinho, sómente hontem ficou resolvido esse assumpto, numa ultima conferencia com o general Flores da Cunha. Nessa conferencia ficou decidido o villamento, cabendo Nãometoque e Tapera para o novo municipio que, assim obteve brilhante victoria, sendo a sua comissão, nesta cidade, muito felicitada, pela forma energica com que encaminhou o assumpto. P. Fundo, como compensação receberá uma porção de territorio do municipio de Palmeira. Resolveu-se ainda a questão da divida activa, de somenos importancia.¹⁷

Nesse mesmo dia, a comissão pró-emancipacionista do 4º distrito encontrava-se na capital do estado. Ao saber do resultado da conferência entre Flores da Cunha e Nicolau Vergueiro, de imediato, enviou telegrama informando à população carazinhense, conforme publicou *O Nacional*:

Telegramma recebido hontem da comissão que se encontra em Porto Alegre noticiou a effectivação do villamento de Carasinho, incluindo-se não só Tapera, mas tambem Nãometoque no seu territorio. Esse resultado que é uma brilhante victoria da comissão sobre os obstaculos oppostos, causou immenso rigosijo nesta localidade, queimando-se innumerous foguetes. Reina geral entusiasmo. A comissão do villamento deve embarcar hoje de regresso, devendo receber aqui vibrante manifestação.¹⁸

Entretanto, para as pretensões políticas de Nicolau Vergueiro, a anexação do distrito de Não-Me-Toque ao novo município era des-

¹⁷ *O Nacional*, Passo Fundo, 20 jan. 1931, p. 1. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

¹⁸ *O Nacional*, Passo Fundo, 20 jan. 1931, p. 1. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

vantajosa, pois tratava-se de uma base eleitoral sua. Embora já mencionamos, cabe frisar que na eleição intencional, de 16 de setembro de 1928, Nicolau Vergueiro obteve, em Carazinho, 278 votos e, em Não-Me-Toque, 451 votos. Em síntese, a perda desse distrito significou a perda de uma grande gama de eleitores.

Assim sendo, a efetivação da emancipação do 4º distrito ocasionou o rompimento da relação política entre Nicolau Vergueiro e seus correligionários do PRR, Borges de Medeiros e Flores da Cunha, pois segundo Vergueiro, o principal culpado de o município de Passo Fundo ter perdido Carazinho, fora Flores da Cunha. Referente ao rompimento, *O Nacional* veiculou uma nota sob o título “Uma situação esquisita”, a qual dizia o seguinte:

A chefia politica local, e não se faz mysterio disso nem possivel seria faze-lo, se deshouve com o sr. interventor federal, no caso de Carasinho. Mesmo os portmenores do incidente são conhecidos, denunciadores de um rompimento talvez até pessoal. O dr. Araujo Vergueiro não se dirige, politicamente, ao dr. Flores da Cunha; isto parece completamente certo. Falou-se até pela cidade num manifesto de renuncia que estaria escripto. Simples boatos talvez... Pelo contrario, Irapuá e P. Fundo, segundo indicam os factos, agiram na defeza de interesse contrarios. Venceu o mais forte, o que consultava as conveniencias não de uma parcella, mas da generalidade do partido. Não podia ser de outra forma. As relações entre a chefia politica local e Irapuá não são de tanta notoriedade, mas os acontecimentos politicos occorridos durante o mesmo caso carasinhense, demostram sobejamente, que não são das mais intimas. Tudo se desenrolou, resolvendo-se importantes assumptos sem que houvesse a menor troca de idéas entre a chefia geral e a local do partido. Não é necessario ter muita visão para encherger-se que algo de nublado existe nessas relações que deveriam ser intimas e de absoluta confiança.¹⁹

¹⁹ *O Nacional*, Passo Fundo, 23 fev. 1931. p. 1. Acervo do AHR (PPGH/UPF).

Nessa queda de braços entre Nicolau Vergueiro e Flores da Cunha, venceu o mais forte, ou seja, Flores da Cunha saiu desse confronto vitorioso, já que teve o aval do velho chefe do PRR, Borges de Medeiros. Contudo, percebemos que os interesses de Nicolau Vergueiro não eram os mesmos do partido, isto é, ele agiu sozinho, sem ao menos ter consultado o seu partido, ou melhor, Borges de Medeiros.

Após esse período conturbado que antecedeu a emancipação de Carazinho, em 24 de fevereiro de 1931, aconteceu o momento mais esperado pela população carazinhense, que pôde assistir com grande entusiasmo a instalação da Intendência do novo município, tendo comparecido ao ato inúmeras pessoas, destacando-se: os representantes das autoridades do estado e dos municípios, os políticos do novo município, representantes da imprensa, principais comerciantes e industriais nele radicados, autoridades e funcionários públicos estaduais e federais.

Assinala-se a já esperada ausência de Nicolau Vergueiro ao ato de instalação da Intendência do novo município, por ser ferrenhamente contra a emancipação do distrito de Carazinho. Vale ressaltar que toda essa situação resultou em enorme desgaste político e de poder para ele, pois as críticas eram veiculadas em *O Nacional*, com o intuito de mostrar para os leitores e para a população que a emancipação de Carazinho fora ocasionada, acima de tudo, pelo desleixo e descaso da administração municipal de Passo Fundo com aquele novo município. Nesse sentido, assim se manifestou o editor:

A administração de Passo Fundo podia, ainda, por algum tempo, manter a integridade do territorio que lhe pertencia, mas, ineptia, má vontade, ou o que quer que seja, concorreu para a insistencia das pretensões carazinhenses. Populosa a povoação de Carazinho, com intenso commercio de madeiras, cereaes, banha etc., devia merecer da administração municipal mais carinhoso cuidado, sempre reclamado pelos habitan-

tes daquela circumscripção. Attendido em seus justos reclamos o Carasinho não teria necessidade de municipalizar-se, e não tentaria mesmo, uma vez que seu desenvolvimento economico tivesse correspondencia na actividade administrativa, no sentido de melhorar suas povoações e seus territorios, com concerto de ruas, estradas etc. Mas Carasinho, com rendosa Estação Ferrea, população numerosa e patriótica a ponto de possuir um vasto e bello edificio para seu Club Commercial, não tinha uma rua digna de seu progresso social e economico.

Carasinho, pois, rebellou-se, agio dentro da justiça, municipalizou-se.

A culpa de perder, o grande e rico municipio de Passo Fundo, os seus mais adeantados districtos, foi exclusivamente de sua administração, que tem exclusivamente cuidado de politica, pondo á margem os vites interesses publicos. A' incapaz gestão do municipio deve, Passo Fundo, a estar reduzido á cidade que é prospera e populosa, e a trez ou quatro districtos em relativa prosperidade, mas inferiores a qualquer dos componentes do novo municipio de Carasinho. Administração de tal medida tem sua continuidade no actual prefeito que vinha exercendo improfiquamente, a direcção municipal, para a qual está incompatibilizado, pois, tem com a Viação Ferrea que é do governo, vultuoso contracto de fornecimento. Passo Fundo é digno de administração que se interesse mais por seu progresso, por seu desenvolvimento social e economico, para que, amanhã, não soffra nova desagregação.²⁰

Ora, não podemos creditar a emancipação de Carazinho somente ao fato de não ser atendido pelo governo de Passo Fundo, uma vez que existem outras nuances a serem interpretadas. Nessa arena política estavam em jogo diversos interesses, em que pese a questão econômi-

²⁰ *O Nacional*, Passo Fundo, 26 jan. 1931. p. 2. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

Apezar do mau tempo reinante, consideravel multidão, do qual faziam parte os collegios locais e o tiro de guerra, assistiu as solenidades do ato. Precisamente ás 15 ½ horas, o sr. Ivalino Brum, prefeito municipal, abriu a sessão, junto ao obelisco em que foram fixadas as placas. Em rapidas e eloquentes palavras, mostrou como a idéa da comissão promotora da homenagem que era prestada ao ilustre interventor federal do Estado, viera de encontro aos desejos da prefeitura de Carasinho que muito devia ao homenageado, cuja personalidade salientou.

Descobriu, a seguir, as placas sobre as quais estavam bandeiras rio-grandenses, ato que foi saudado por entusiastica salva de palmas dos presentes.

Leu, em seguida, o sr. secretario da prefeitura os telegramas recebidos. Entre esses, notamos os seguintes do general Flores da Cunha:

Prefeito Ivalino Brum
Carasinho

Ciente da comunicação constante de vosso telegrama de hoje, expresso o meu vivo reconhecimento pela homenagem que me desejam prestar, no dia 15 do corrente a prefeitura e generosos e dignos republicanos e libertadores desse municipio. Saudações cordeais.

(a) Flores da Cunha

Tambem aos srs. Paulo Coutinho, dr. José de Campos Borges e dr. Eurico Araujo, o gal. Flores da Cunha telegrafou nos seguintes termos:

“Muito grato pela gentileza dos dignos patricios, a quem envio cordeais saudações.

(a) Flores da Cunha

Foram as seguintes as representações enviadas:

Municipio de P.Fundo, pelo sr. Carlos Baptista Druck ; municipio de Soledade, pelo sr. Gastão Marques ; municipio de Cruz Alta pelo sr. Ivalino Brum ; municipio de Erechim pelo sr. Francisco Borges Maciel ; cel. Victor Dumoncel, pelo sr. Ivalino Brum ; dr. J.Solon M.

Soares, pelo dr. José Campos Borges ; dr. Pedro Pacheco, pelo mesmo ; dr. Nicolau Vergueiro, pelo sr. Ivalino Brum ; dr. Homero Guerra, pelo sr. Paulo Coutinho. Após a leitura desses documentos, o sr. prefeito municipal deu a palavra ao dr. Herculano A. Annes, diretor desta folha, especialmente convidado pelo comissão promotora das solenidades, para fazer a oração oficial. Assumindo á tribuna que havia sido levantada em plena via publica, o dr. Herculano A. Annes estudou a personalidade do gal. Flores da Cunha, como homem publico, historiando a sua ação no cenario da politica nacional desde o movimento de 1923.²¹

Dessa maneira, a prefeitura municipal de Carazinho prestava uma grande homenagem a Flores da Cunha, colocando o seu nome na principal avenida do novo município, o que permanece até hoje. Nesse contexto, ao mesmo tempo em que Flores da Cunha se fortalecia regionalmente ao apoiar as lideranças políticas locais, por outro lado, anulava politicamente Nicolau Vergueiro, a quem mais tarde mandaria para o exílio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso artigo analisou o vínculo político e administrativo do governo de Flores da Cunha com o município de Passo Fundo e a região Norte do Rio Grande do Sul, através do qual foi possível observar que a relação de Flores da Cunha com a administração municipal de Passo Fundo nunca fora das melhores. Através de artigos veiculados no jornal *O Nacional*, algumas manifestações davam conta de que o governador Flores da Cunha tratava o município de Passo Fundo como terra inimiga.

²¹ *O Nacional*, Passo Fundo, 7 mar. 1932. p. 4. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).



No primeiro plano, da esquerda para a direita, vê-se o Gal. José Antônio Flores da Cunha, ladeado pelo aliado político Armando Araujo Ames, durante a campanha para o governo estadual, em Passo Fundo, 1934. Acervo FGV-CPDOC.

Entretanto, é fundamental lembrar que a relação política e administrativa do município de Passo Fundo com o governo de Flores da Cunha teve início ainda durante a Revolução de 1930. Tal apoio, fornecido pelo governo municipal de Passo Fundo para o movimento armado de 30, mais tarde seria lembrado e cobrado do governo do estado, como contrapartida, para melhorias para o município de Passo Fundo. A primeira reivindicação do município ao governo de Flores da Cunha foi a solicitação de uma linha aérea ligando Passo Fundo-Porto Alegre, voo esse que deveria ser realizado pela Viação Aérea Rio-Grandense (Varig). Tal petição não fora atendida, ou seja, o sonho dos passo-fundenses em ter uma linha aérea da Varig ligando o município de Passo Fundo a Porto Alegre só se concretizou a partir de 1942, quando, de fato, a empresa começou a sobrevoar os ares do município. Além disso, outra perda sofrida pelo município de Passo Fun-

do, em virtude da ação direta de Flores da Cunha, foi o desligamento de Carazinho, em 1931, pela emancipação política e administrativa. Observa-se, nesse contexto, mais uma queda de braço entre Nicolau Vergueiro e Flores da Cunha, cujo vitorioso fora o governador, pois atendeu uma exigência há muito cobrada pela população carazinhense. Estranha-se essa relação hostil de Flores da Cunha com o município de Passo Fundo, haja vista que o PRR local foi aliado de primeira hora dos governos federal e estadual. Também fora criado em Passo Fundo o PRL o Grêmio Nacionalista Flores da Cunha, órgão ligado ao Partido Republicano Liberal, estando sob o comando do intendente municipal de Passo Fundo à época, Armando Annes, fiel admirador de Flores da Cunha por toda vida.

Enfim, buscamos através deste artigo analisar um dos períodos mais conturbados de nossa história política regional e nacional, no qual Flores da Cunha teve papel de protagonista no cenário político nacional e do Rio Grande do Sul e, sobretudo, em sua relação com Passo Fundo e região.

REFERÊNCIAS

AGUIRRE, Alexandre. *FLORES DA CUNHA: Relação Política Administrativa com Passo Fundo e Região Norte do RS, nas Páginas de O Nacional (1930-1937)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2012.

Arquivo da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul. *Relatório do governo Flores da Cunha*. Palácio do Governo, Porto Alegre, 15 de abril de 1935.

CARBONI, Florence; MAESTRI, Mário. *A Linguagem escravizada: língua, poder e luta de classes*. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

CAVALHEIRO, Maria Eloísa. *Relações de poder no Estado Novo: uma permanência sui generis o caso Albino Hillebrand em Carazinho – RS*. Dis-

sertação (mestrado) – Universidade de Passo Fundo, 2003.

GEHM, Delma Rosendo. *Passo Fundo Através do Tempo*. v. 2. Passo Fundo: Diário da Manhã, Gráfica e Editora, 1982.

PRATES, Ana Maria da Rosa. *A trajetória de Nicolau de Araújo Vergueiro na história política de Passo Fundo (RS)*. 2001. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2001.

SCHIRMER, Lauro. *Flores da Cunha de corpo inteiro*. Porto Alegre: RBS Publicações, 2007.

SCHNEIDER, Regina Portella. *Flores da Cunha: o último gaúcho legendário*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1981.

FONTE

Mapa do Município de Carazinho, 1934. Fonte: XAVIER E OLIVEIRA, Francisco Antonino. *Dicionário Histórico e Geográfico de Carazinho*. Passo Fundo: UPF Editora, 1992.

O NACIONAL

BI-SEMANARIO INDEPENDENTE

DIRECTOR:

DR. HERCULANO A. ANNES

Redacção e Gerencia na LIVRARIA NACIONAL

GERENTES:

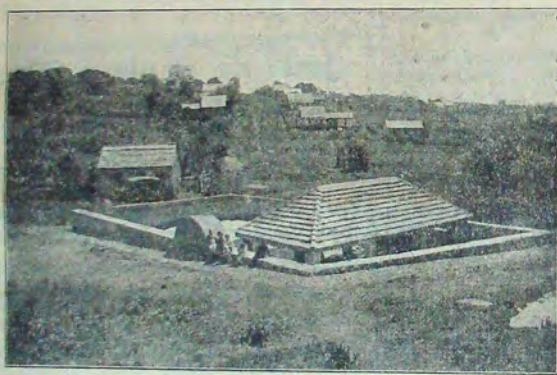
HYRAN DE ARAUJO BASSO
AMERICANO DE ARAUJO BASSO

ANNO I (Brasil — Rio Grande do Sul) — Passo Fundo — quarta-feira, 6 de janeiro de 1926

NUM.

Vistas municipaes

Estampamos abaixo duas photographias do "Chafariz", a nossa tradicional fonte publica, a qual foi, no anno passado, completamente reconstruida pela municipalidade, contendo fonte de agua potavel para a população, bebedouro para animaes e lugar para lavagem de roupas.



A náu do meu ideal...

Um nobre coração do meu precioso amigo Major Theophilo Guimarães

Pobre resto de náu no Atlantico da vida,
Impellida ao clamor dos furacões bravios!
Em pleno oceano ao vento, em pleno mar perdida,
Entregue aos temporaes, aos grandes desvarios!

Fragil resto de náu! Lembras-te da partida?
Havia festa e riso e da brisa aos cícios
O mastro desfaldado, o barco a toda brida
Rompeu triumphalmente os vagalhões sombrios...

Que accumulo de dôr nos restos de uma náu!
Quanta gloria desfeita e quanto sonho morto
Que são fructos fataes do desengano mau.

Temos dentro de nós a cauza do pezar
E nunca a náu quebrada hade alcançar o porto
E não ha que deter os vagalhões do mar!

OLIVEIRA MESQUITA

SECÇÃO LIVRE

Declaração ao publico

Para tornar publico declaro que a questão relativa a cusa de entrega de um automovel "FORD", sorteado em 17 de Julho do corrente anno para a Villa de Soledade, se entende com a "UNIÃO DE SORTEIOS" de Israel Gus, com carta patente n. 7, estabelecida a Praça Barão Branco n. 2 B, em Porto Alegre.

A referida questão entende-se com a sua congenita estabelecida a Praça dos Correios e Telegraphos n. 25A, propriedade da firma BARCELLOS & CIA., com carta patente n. 10, estabelecida a Praça da Confiança n. 10, em Porto Alegre, para os possiveis engagements.

Passo Fundo, 15 de Janeiro de 1926
ISRAEL GUS

(A firma estava reconhecida)

(Transcripto do Correio do Povo por ordem do autor)

Fabiana Beltrami da Silva

O primeiro premio da UNIÃO DE SORTEIOS de Israel Gus, realizado em 11 de dezembro passado, coube ao n. 11.705 do qual

possuidor o sr. Daniel Henkin aqui residente

São agentes nesta localidade, os senhores

Centeno & Cia

FITAS PARA MACHINAS DE ESCREVER

BI-COLORES — Preto e vermelho, azul e vermelho e roxo e vermelho; fixos e copiativos.

Unicolor — Preto, azul e roxo; fixos e copiativos

QUALIDADES GARANTIDAS — Uma 7\$000 — Duzia 70\$000!!!

SOMENTE NA LIVRARIA NACIONAL -- Caixa Postal, 85 -- PASSO FUNDO

Ao adentrar os acervos de imprensa do Instituto Histórico de Passo Fundo (IHPF) e do Arquivo Histórico Regional (AHR/PP-GH-UPF), vemos letras e imagens que representam, mediante leitura destas fontes, uma sociedade e seu período histórico. Encontra-se, ali, o cenário social, político, econômico e cultural, como também a trajetória e a evolução das técnicas da escrita noticiosa, das abordagens opinativas, dos formatos de impressão e do uso das imagens. Durante o percurso dos 130 anos da imprensa passo-fundense, completados em 2020, é possível perceber quais eram as pautas que circulavam na comunidade, bem como as imagens que eram apresentadas aos olhos dos leitores, ou seja, a narrativa jornalística textual e visual.

No cenário mundial, o jornal impresso é o espaço onde, além da informação, pode-se promover a crítica e reflexão de assuntos e questões elementares na sociedade. Seu registro tem a força de atuar sobre líderes e formadores de opinião, auxiliar a comunidade a compreender questões de saúde, de segurança, de educação, desencadeando ações e sendo um intermediário na ação e organização social dos grupos¹. Nessa perspectiva, o ocorrido na cidade de Londres em 1888, no bairro de *Whitechapel*, durante o período em que o famoso assassino Jack Estuprador aterrorizava a cidade com seus crimes, elucida o poder do registro jornalístico. À época, a maioria da população londrina era analfabeta e a forma que os jornais encontraram para explicar a todos os que não sabiam ler sobre a gravidade da situação foi transformar a notícia em desenhos, numa espécie de história em quadrinhos. Por-

¹ Vale lembrar que o leitor deve estar ciente que o jornalismo, assim como toda narrativa, é uma construção/representação feita por um indivíduo, portanto interpretado por ele.

tanto, este exemplo ilustra que a imagem também conta, narra e tem sua importância enquanto promotora de informação nas páginas dos jornais. Mas com que intensidade/frequência ela se fazia presente nas páginas iniciais da imprensa de Passo Fundo? Quais eram os objetos escolhidos para mostrar aos leitores? E como era o uso das fotografias em nível local em relação aos grandes centros? Seguimos nas páginas destes jornais que imprimiam notícias em outro tempo.

Perceber e compreender o contexto das imagens veiculadas na imprensa é fundamental no desenvolvimento cultural, pessoal e social, pois trata-se de uma janela temporal para o passado histórico de um local, uma região que foi narrada, não apenas pela escrita, mas pela iconografia. Ressalta-se que a prática do fotógrafo é uma constante escolha entre o que incluir no enquadramento fotográfico e o que excluir, entre qual imagem escolhe para levar à público e qual não. Ainda, há de se considerar que os redatores e editores dos jornais também delimitam as pautas e os textos, bem como as imagens que serão ou não publicadas. O olhar aqui é de observação sobre o aparecimento das imagens – sua tecnologia, quais eram as temáticas deslindadas a partir delas, se complementavam o texto ou não. Contudo, para observar é preciso compreender alguns aspectos teóricos e históricos do jornalismo e da imagem fotográfica até chegarmos a Passo Fundo no final do século XIX.

O *CLICK*

Os registros iniciais da história da fotografia nos revelam um estilo provindo da arte, dos artistas retratistas e figurativos, organizando um padrão à produção fotográfica no que se refere ao tema, ao enquadramento, à iluminação, à estrutura das linhas e curvas numa imagem; ingredientes que resultam na fotografia, seja ela com fim artístico, documental, ilustrativo, jornalístico.

As fotografias carregam consigo o estigma de serem um “espelho do real”, cujo sentido de realidade pode parecer mais aparente nas fotografias de cunho jornalístico. Afinal, a situação, o objeto e/ou as pessoas retratadas atestam sua existência através da imagem capturada: um espectro que existiu (DUBOIS, 1994).

Nesse sentido, é necessário compreender o que é o “real” da imagem fotográfica, no viés da fotografia jornalística. Para tal, Dubois descreve três teorias que discutem sobre o realismo e o valor documental da fotografia: 1) a foto é o espelho do real e para qual significativamente o espelho do mundo; 2) as imagens são analisadas como uma segunda imagem, uma *interpretação-transformação do real*, um conjunto de códigos representando mais que a própria imagem; e 3) “[...] a imagem foto torna-se inseparável de sua experiência referencial, do ato que a funda”.

Kossoy refere-se ao *real fotográfico* na perspectiva que ao clicar a foto ela interrompe o tempo e a vida, conseqüentemente, o instante fixado na imagem fotográfica foi selecionado a partir de um fragmento do acontecimento, permanecendo “interrompido e isolado” na bidimensão da fotografia, ou seja, “um fotograma apenas, sem antes, nem depois” (KOSSOY, 2009, p. 44). Assim, a fotografia, em seu processo inicial de produção – como forma de documento, registro dos acontecimentos –, já é a fragmentação da história, do que aconteceu, e que foi criada/capturada por alguém (fotógrafo) e por uma escolha. O fotógrafo delimita um fato, uma parte do acontecimento, e vela o seu entorno. Portanto, o fato ocorrido não será de todo explicado e uma parte apenas terá a chance de ser compreendida ou ilustrada. O ato do clique, do fotógrafo fixar a imagem no negativo ou no papel, já demonstra que o resultado – a imagem fixada no suporte – sempre é escolha e passado.

A fotografia como registro do fato e, conseqüentemente, pertencente à história das histórias (descrição dos fatos acontecidos com a

humanidade e seu universo), vive também com o jornalismo – narrativa onde a história vai sendo contada dia a dia. A introdução da fotografia na imprensa abre a primeira janela visual midiática para um mundo que se torna mais pequeno, caminhando para a “familiaridade” da “aldeia global” (SOUZA, 2000, p. 49), fazendo com que as pessoas se informassem também pela imagem e construíssem uma narrativa imagética dos acontecimentos.

A finalidade da fotografia, ao longo de sua história, foi fatiada em vários formatos (muitos advindos da pintura), sempre de acordo com o que se pretende mostrar para um determinado público, e com o conteúdo ao qual a fotografia vai se referir. Para tanto, os estilos das imagens podem ser vários: fotografia de paisagem; de retrato individual e de família; de arquitetura; de arte; de publicidade; científica; e jornalística – nesta se dá a construção da fotografia e sua representação na imprensa.

A IMPRESSÃO

A fotografia jornalística provavelmente começou quando alguém apontou a câmera para um acontecimento e colocou tal imagem visível ao público como um testemunho (SOUZA, 2000). Antes disso, os jornais eram ilustrados com desenhos ou gravuras feitos em vários métodos, como a Zincogravura no final do século XIX. Em 1842, o Daguerreótipo foi utilizado para registrar as consequências de um incêndio acontecido em um bairro de Hamburgo, sublinha-se que essa imagem é cogitada como uma das primeiras fotografias jornalísticas da história. No entanto, como ainda havia problemas em fixar no papel a imagem, ela foi reproduzida em desenho para ser publicada na revista *The Illustrated London News*. Vale ressaltar que os primeiros fotógrafos de imprensa advinham da arte de pintar e desenhar, fato que teve

importância inicial no uso da imagem/fotografia nos tabloides no início do século XX. Além disso, devido ao tipo de enquadramento e das molduras que eram colocadas na fotografia, as mesmas utilizadas pela pintura, os jornais não viam como positivo a imagem vir junto ao texto, pois acreditavam que, em razão da proximidade e/ou associação com a pintura, poderia desvalorizar a seriedade do conteúdo textual (BUITONI, 2011).

Caminhando sucessivamente, a fotografia jornalística começa a aparecer em outros pontos do mundo: em 1844, nos EUA, registrando um motim na Filadélfia; na Guerra Americano-Mexicana, em 1846-1848; em 1849, em Roma, entre outros. Também, nesse ínterim, surgem duas revistas ilustradas por imagens: em 1842, em Londres, e em 1843, em Paris, dando uma visibilidade maior ao campo da imagem junto à notícia.

Todavia, as imagens ainda eram publicadas a partir do desenho e da reprodução por xilogravura e litogravura. É a partir da metade do século XIX que a reprodução fotomecânica vai sendo desenvolvida, assim, técnicas como a fotogravura² e fotolitografia³ inauguram a fixação das imagens nas páginas dos jornais. Em consonância, inicia-se uma evolução tecnológica nos equipamentos fotográficos e na revelação, com a diminuição do tempo de exposição, facilitando a captura das imagens em ação e não apenas as cenas posadas, estáticas. As lentes mais nítidas podiam receber mais luz, o que trouxe a possibilidade de fotografar ambientes internos sem a utilização de iluminação artificial em todas as situações. Em suma, ocorreram melhorias que contribuíram para que os fotógrafos capturassem com menos interferência cada cena. Em contrapartida, as câmeras ainda eram grandes e dependiam do uso do tripé. Vale dizer que nesse período as dificuldades em colocar as fotografias com qualidade nas páginas dos jornais ainda eram

² Patenteado por William Talbot, em 1952.

³ Primeiras experiências feitas por Louis-Alphonse Poitevin, em 1856-1857.

um desafio, por isso muitas fotografias contribuíam como referência para os ilustradores desenharem o fato ocorrido (BUIIONI, 2011).

Foi na publicação do dia 4 de março de 1880, do *Daily Graphic*, jornal americano da cidade de Nova Iorque, que acontece a primeira impressão de fotografia nas páginas de um jornal. A fotografia trouxe a imagem da cidade de Shantytown, nos Estados Unidos.⁴ Mas, mesmo com a primeira publicação feita, ainda levaria tempo para o uso periódico da fotografia nas páginas dos jornais.



Primeira fotografia impressa em jornal, na edição de 4 de março de 1880 do jornal norte-americano Daily Graphic. Acervo History of Information. Disponível em <https://www.historyofinformation.com/image.php?id=1699>.

Na sequência, em 1882, surge o *cliché*, criado pelo alemão Georg Meisenbach, a partir do processo de Autotipia. Era feito de vidro com pequenas partículas em alto relevo que identificavam o claro e escuro da imagem, quase como um carimbo, que podia ser montado junto com os tipos, ou seja, possibilitavam que texto e imagem fossem im-

⁴ Almanaque Português de Fotografia (1966).



pressos juntos. O *cliché* foi uma técnica para reprodução de imagens usada por muito tempo, e possibilitou que as fotografias ganhassem as páginas dos jornais e a visão dos leitores.

Clichê utilizado pelo jornal O Orientador, folha espírita passofundense. Acervo da Sociedade de Caridade Dias da Cruz.

Até então as imagens fotográficas, sendo elas publicadas pelo *cliché* ou imagens criadas a partir da fotografia, ilustravam os textos e as notícias, demonstrando o seu papel secundário junto à informação. Isso muda quando, em 1886, no *Le Journal Illustré* de Paris, publica-se a entrevista do fotógrafo Félix Nadar com o famoso químico Chevrel de forma totalmente ilustrada pelas fotografias de Paul Nadar. As fotos foram legendadas a partir das falas da entrevista, sendo uma das primeiras fotorreportagens consideradas na história. Em 1889, inicia-se o uso de fotografias coloridas a partir do negativo de vidro e féculas de batata tingidas com três cores⁵. Em seguida, em 1890, nos Estados Unidos, surge a primeira revista pensada e publicada para o uso específico da fotografia.

O século XX viu o fotojornalismo surgir a partir da guerra, uma das temáticas mais privilegiadas neste formato fotográfico desde a época citada até os dias atuais. Aliás, foram os conflitos bélicos que proporcionaram muitos avanços tecnológicos no fazer fotográfico, como no desenvolvimento da velocidade na fotografia: 1) com a

captura da cena em movimento, as fotografias (ou seja, as câmeras) podiam capturar a ação da batalha sem os rastros; e 2) a evolução adicionou agilidade à revelação, o que levou a fotografia a ser publicada mais rápido, tanto pelas revistas fotográficas, que começam a aparecer no cenário de publicações, quanto pelos jornais noticiosos. Após a Primeira Guerra Mundial, a Alemanha torna-se detentora do maior número de revistas ilustradas no mundo e, devido à demanda, o berço das primeiras agências independentes de fotografia.

É nessa época que o fotojornalista alemão Eric Solomon converte-se no progenitor do fotojornalismo atual, através do chamado estilo *Candid Camera* – um modelo de fotografia em que se busca a naturalidade na retratação do cotidiano social: “*a fotografia não posada, não protocolar, em que o fotografado não consegue se preparar para o ser.*” (SOUZA, 2000, p. 76). A partir daí surgem os fotojornalistas e, em 1922, uma equipe destes profissionais é constituída no jornal americano *The New York Times*.

Em consonância, o uso de conjuntos de fotografias para representar uma mesma informação é estampado nas revistas europeias através da foto-ensaio, onde o agrupamento das imagens aprofundava o conteúdo do texto. Nesse período, os jornalistas percebem que o público não quer apenas imagens e conteúdos sobre a vida pública, mas também deseja “ver” a representação de suas próprias vidas, surgindo assim grandes reportagens sobre o cotidiano nas cidades.

Vale ressaltar que enquanto na Europa das décadas de 1920 a 1940 o fotojornalismo e seus fotógrafos “autores”, como Solomon, Capa e Cartier-Bresson, estavam presentes nas revistas, ajudando a estabelecer uma parte da linguagem fotojornalística que é usada até hoje, nos EUA, as imagens das notícias estavam próximas dos jornais diários e, portanto, o *platô* do fotojornalismo americano procurava, além do estilo europeu, o seu próprio fazer, o seu próprio “negócio” jornalístico.

A partir daqui, nas décadas que se seguem, a fotografia de im-

prensa começa a ganhar um espaço ainda maior nos grandes centros, nas grandes cidades.

A FOTOGRAFIA NA IMPRENSA BRASILEIRA

No Brasil, embora a fotografia tenha chegado cedo⁶, sua apropriação foi lenta. A sociedade brasileira não era como a europeia, por aqui ainda se mantinha o modelo escravocrata e agrário. O jornalismo brasileiro inicia-se com publicações que noticiavam a Corte de Portugal à frente do ano de 1800. Como as informações eram providas da própria Corte e sobre a Corte, não eram de grande interesse da população aqui radicada, pois não diziam respeito a informações locais e a maioria da população era de analfabetos.

Somente em 1821 que surge o *Diário do Rio de Janeiro*, primeiro jornal impresso publicado em terras brasileiras, com informações de furtos, assassinatos, divertimentos e meteorologia. A partir de 1822, folhetins de cunho político, separados em esquerda e direita, começam a participar do cenário jornalístico.

Chegamos ao Rio Grande do Sul. Aqui, o primeiro jornal – que dará o impulso para outros tantos diários – surge em 1827. O *Diário de Porto Alegre* chega para dar voz aos que intencionavam liberar seus pensamentos políticos (BERTOL; FROSI, 2007). De maneira consoante, a Revolução Farroupilha (1835-1845) auxilia no desenvolvimento jornalístico no sul do país. Entretanto, com os acordos de paz que viriam pós-guerra, muitos jornais fecharam por não ter mais propósito.

⁶ A fixação da imagem em um suporte tem como um dos seus marcos a criação do Daguerreótipo, apresentado em Paris em 7 de janeiro de 1839, sendo noticiado no Brasil em 1º de maio de 1839, no *Jornal do Commercio do Rio de Janeiro*. Em 1840 é feito o primeiro registro por Daguerreótipia no Brasil. Antes do Daguerreótipo ser apresentado em Paris, no Brasil, um francês radicado em terras brasileiras, Hercule da Florence, já realizava testes com fixação de imagens no papel a partir da luz solar e de sais de prata e, de acordo com o historiador Boris Kossoy (1980), é o primeiro a usar a palavra Photographie.

Outrossim, a *Semana Illustrada* trouxe as primeiras imagens de guerra, com a Guerra do Paraguai (1864 – 1870), publicadas como ilustrações feitas a partir de fotografias. Até o início do século XX muito se usou na imprensa brasileira da litogravura, xilogravura, ilustrações e outras técnicas que utilizavam a fotografia como base. A primeira legenda que identificava esta prática aparece em 1880, no *Echo do Globo*, e indicava “gravura de fotografia, clichê impresso a partir de fotografia” (BULTONI, 2011). Já em 1900, a fotografia retocada aparecia na capa do primeiro número da *Revista da Semana*, que trazia uma fotografia em comemoração ao quarto centenário do descobrimento do Brasil.

Nesse período, no Brasil, privilegia-se as fotografias de ação única e não as da foto-ensaio, como na Europa. Tais “narrativas” das fotografias resumiam-se em imagens voltadas a bustos, prédios, paisagens e eram desenhos ou fotografias retocadas, muitas com as margens ovadas. Ademais, como os equipamentos ainda eram pesados, as “ações” eram posadas, tirando o instante fotográfico do acontecimento. Ou seja, a maioria das fotografias era encenada, não registrada durante o acontecimento em si. Também, no início do aparecimento das ima-



Capa da primeira edição da *Revista da Semana*, de 20 de maio de 1900, em comemoração ao quarto centenário do descobrimento. Acervo do Repositório Digital da Biblioteca Nacional.

gens nas páginas dos jornais, as fotografias serviam para ilustrar as publicações, não necessariamente acompanhavam a temática do texto escrito à qual estava colocada.

A publicação de fotografias nos jornais diários do Rio de Janeiro se dá a partir do *Correio da Manhã*, em 1902; do *Jornal do Brasil*, em 1905; e do *Gazeta de Notícias*, em 1907. O *Gazeta de Notícias* também é o primeiro jornal a imprimir fotografias colorizadas, depois de modernizar seu parque gráfico. Entre 1920 e 1930, as fotografias de outros países chegavam ao Brasil. Nessa época, o telégrafo⁷ era utilizado para a transmissão de informações e um sistema de igual velocidade se fazia necessário para as imagens.

Aos poucos várias publicações, como a *Folha de São Paulo* (1921) e o *Globo* (1925), surgem e dão um crescimento técnico e de formato ao jornalismo brasileiro. Outra criação importante para a fotografia jornalística, surgida das revistas *Manchete* e *Cruzeiro*, é a dupla de trabalho: repórter e fotógrafo, ambos ativaram a fotografia como elemento importante junto à escrita.

É nessa mesma década, em 1929, que a fotorreportagem se inicia, com várias temáticas no Brasil, mas é com as reportagens de guerra que a fotografia se estabiliza, pois as imagens dos soldados e dos campos de batalha ganham importância diante do texto, deixando de ser uma foto-legenda ou meramente ilustrativa (MAUAD, 2004).

A FOTOGRAFIA NA IMPRENSA PASSO-FUNDENSE DE 1890 A 1940

Chegamos a Passo Fundo. O primeiro jornal da cidade foi *Echo da Verdade*, criado em 1890, sua periodicidade era semanal e, sendo do Partido Republicano, tratava de notícias de cunho político do gover-

⁷ Aparelho de comunicação que usa a eletricidade para enviar códigos, mensagens, através de fios.

no municipal⁸. O jornal durou apenas dois anos e a mesma equipe de colaboradores criou um outro periódico, que seguiu a linha do *Echo*, mas extinguiu-se logo depois.

Assim, sucede-se a abertura e fechamento de alguns jornais na cidade ao mesmo tempo em que acontecia a Revolução Federalista (1893-1895). A curta duração dos jornais impressos locais era corriqueira. Nos anos seguintes, também seriam fundados outros jornais republicanos e alguns que abordariam as temáticas da literatura, das artes e do teatro, como o jornal *O Palco*. Órgão do Grêmio Dramático Passo-Fundense, *O Palco* foi fundado em 1º de julho de 1899, tendo como diretor-presidente Francisco Antônio Xavier e Oliveira.

No início da década de 1920, no Brasil, os jornais já se colocavam com estruturas organizadas e um caráter empresarial. É em 19 de junho de 1925 que Theófilo Guimarães, Americano Araújo Bastos e Hyran Bastos, fundam o jornal *O Nacional* (ON). Os idealizadores foram proprietários até a década de 1940, quando Múcio de Castro torna-se o dono do periódico⁹.

Dez anos depois, em 1935, nasce outro jornal, o *Diário da Manhã* (DM), instaurado pelo político e jornalista Túlio Fontoura. O diferencial era que, com sede em Passo Fundo, já surgia com duas sucursais, uma em Pelotas e a outra em Marau. Vale destacar que as primeiras imagens que aparecem nas páginas dos jornais não são fotografias, e sim desenhos ilustrativos publicitários.

As primeiras décadas do jornal *Diário da Manhã* é de difícil acesso nos acervos do Instituto Histórico de Passo Fundo (IHPF) e do Arquivo Histórico Regional (AHR/PPGH-UPF). No AHR existem os exemplares a partir de 1968, ano em que a Fundação Universidade de Passo Fundo passa a ser assinante do periódico. O acervo completo do jornal pode ser encontrado nas dependências da empresa Diário da

⁸ D'OUTRORA, 1925.

⁹ D'OUTRORA, 1925.

Escritorio no

Theatro

A assinatura começa em
qualquer tempo.

O PALCO

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Anno 6:000
Semestre 4:000

Pagamento adiantado

Organ do Gremio Dramatico Passo-Fundense

Director—F. Antonino

FOLHA QUINZENAL

Serente A. Annes

Correspondencia

Gremio dos Estudantes (Porto Alegre)—Gratos pela comunicação. Com todo o prazer satisfazemos hoje o pedido.

G. Bastos (C. Alta) Com os nossos agradecimentos enviamos hoje o n.º 1 do «O Palco.»

Noticias

Recebemos.

A *Noticia*, da capital do Estado; o *Combatente*, de S. Maria; o *Martinhense*, de S. Martinho; A *Farpas*, de Porto Alegre; O *Taquaryense*, da cidade de Taquary; e O *Gaucho*, desta cidade.

Os nossos agradecimentos, a asseguramos aos illustrados collegas assidua remessa.

Pelo Gremio

«O máo tempo que reinou durante quasi todo o mez hontem findo occasionou a paralisação das obras emprendidas pelo Gremio, que por esse motivo transferiu para fins de outubro o espectáculo que devia levar a 7 do corrente.

Por outro lado a pessoa encarregado da de coração e montagem de scena teve de interromper os trabalhos respectivos, obrigado por motivo de ordem superior, de maneira que antes do referido tempo não pôde ef-

fectuar-se o espectáculo de estreira da nossa associação.

Tantos obstaculos levam-nos a crer que tudo conspira-se contra a realisação de nossos desejos, inclusive esse endemoninhado tempo; mas em compensação, temos felizmente todo o animo preciso para efrentar não só essas, como mai sérias difficuldades que porventura apparecerem e portaro triumphar.

que se nos oppuzero.

Collaboração

BELLES

O nosso presidente é de uma logica invencivel. Na ante-vespera de sua partida para a Soledade, estava elle no cartorio do Affonso Lima quando apparece o Gury e apresenta-lhe uma espada.

—Esta espada é para você levar, diz-lhe este.

—O que, homem! deixe-se de taes cousas, não dou para essas violencias. A minha arma é o revolver. Si eu levava e alguém me provoear, serei obrigado a fazer um fiasco arrancando do revolver para não apanhar, e deitando-a em paz na banha.

—Pois brigue de espada.

—Não, não gosto disso.

Ao passo que se eu levar somente o revolver e alguém me sahir de *indigestão perturbada* ahí pelos caminhos, eu lhe direi: A sua sorte é não ter o Gury consentido que eu trouxesse a minha espada, senão eu lhe deixaria as costas em retalhos...

Que tempo medonho, seu compadre! E' a chover como quando houve o tal diluvio...

—Pois ôie, compadre, no meu paio a chuva foi tanta que amô de que o céu se despregava lá de cima como pinhão maduro! Pucha chuvinha!

—Aqui foi tal e qual, seu compadre...

—Imagie o cumpadre que o Jéquinha seu afiado prantô uma semente de melancia na herada do paio e...

—O que aconteceu?

—Ora, ora...No fim de uns par de dias era um melanciação tão grande, que o paio ficou *secado* debaixo delle! Bem na porta do paio sahiu uma melanciação tão grande, que foi preciso nós hi buscê uma junta de boi pra elles arrastá a melanciação, senão nós ficava trancado lá dentro sem podê sahi.

—Mas...e os bois? o compadre não disse que foi buscar os bois?

Manhã, que disponibiliza aos pesquisadores os exemplares a partir de 1935. Isso posto, ao folhear as páginas na sua primeira década, perceberemos a escassez de ilustrações e/ou imagens fotográficas diante do texto. As imagens que apareciam eram de publicidade e com o mesmo estilo daquelas publicadas na primeira década d'*O Nacional*¹⁰.

Os formatos dos antigos jornais da cidade e seus vínculos políticos traçaram, nesse período, o contexto jornalístico de Passo Fundo. Em suas primeiras décadas, o jornal *O Nacional* continha informações, como pedidos aos políticos, notas de falecimento, despedidas das famílias quando iam embora da cidade, a narração de assassinatos, anúncios de serviços profissionais. Com o passar dos anos, essas pequenas informações começam a perder espaço na publicação, dando lugar às notícias sobre economia, polícia e sobre as cidades da região, bem como focando o progresso e o desenvolvimento (ON, 2010). O jornal apresentava-se em formato *Standard* (55 cm de comprimento), sua diagramação era simples, muitas vezes sem manchetes, e estava distribuído em quatro folhas na maior parte dos primeiros 20 anos. As matérias e fotografias não eram assinadas. No periódico aparecia apenas o nome dos diretores e fundadores do jornal (FRIDERICHS, 2010).

AS PRIMEIRAS FOTOGRAFIAS E A PRIMEIRA DÉCADA DELAS NO JORNAL *O NACIONAL*

Em 19 de junho de 1925, o jornal *O Nacional* inicia suas atividades com o objetivo de trazer informações da cidade e da região para a população de Passo Fundo, em formato *Standard*. Fundado por Theófilo Guimarães, Americano Araújo Bastos e Hyran Bastos, proprietá-

¹⁰ Devido às raras aparições das fotografias no *Diário da Manhã*, e por estarem nas mesmas temáticas visuais d'*O Nacional*, aprofundamos os primeiros 15 anos do ON, na busca pelas imagens fotográficas.

rio da Livraria Nacional, e, na década de 1940, adquirido por Múcio de Castro, o jornal entabula o seu primeiro editorial:

Todo nosso programa se resume às duas palavras do cabeço: Jornal Independente. Independente é aquele que vive por si e se dirige por seu próprio arbítrio sem sugestões estranhas, independente é quem não se acha preso em liames de partidarismo, é quem não está chumbado aos apelos da fé, nem coagido pelas necessidades da vida, ao amém eterno da subalternidade. Quem quer ser livre deve ser honrado, deve ser justo, deve se por à cima de pequeninos interesses que pululam no seio das coletividades em formação, mas também ser enérgico e irredutível no culto da verdade.¹¹

A primeira imagem a ser publicada no jornal foi em uma publicidade de um automóvel. No entanto, ainda não se trata de uma fotografia, mas de um desenho do veículo. Demorar-se-ia aproximadamente três meses para que encontrássemos uma fotografia impressa no periódico, e mais seis meses para que ela estivesse relacionada diretamente ao fotojornalismo, como veremos adiante.

Já a primeira imagem a ser publicada com intuito informativo não é uma fotografia, mas sim um desenho da fachada de um edifício que se pretendia construir na cidade: o Clube Comercial. Não há, no periódico em questão, um texto verbal e noticioso sobre o tema, apenas uma legenda indicativa relativa à imagem. Talvez possamos afirmar que esta é a primeira evidência no jornal *O Nacional* acerca das chamadas foto-legendas. Além disso, a imagem referida, possivelmente pelo ineditismo (ser uma das primeiras imagens na publicação), ocupa lugar central na capa do jornal e vem acompanhada de uma moldura, com dois desenhos nas laterais verticais. Conforme nossa revisão teórica

¹¹ *O Nacional*. Passo Fundo, 1925, p. 1. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

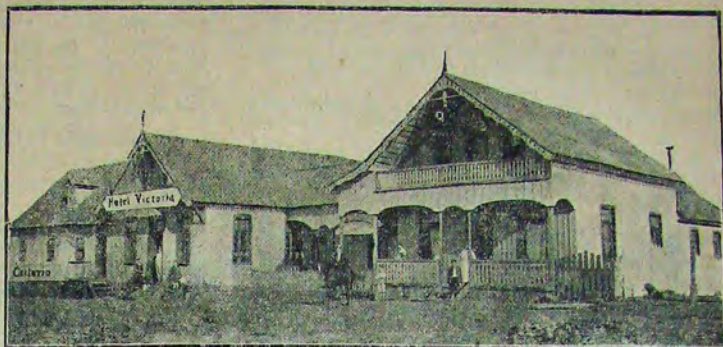
sobre a fotografia, no início de sua utilização, ela possuía uma ligação tênue com a arte, principalmente através do desenho e do retoque que muitos fotógrafos se utilizaram para proporcionar nitidez à imagem.



*Capa e detalhe com foto. O Nacional, Passo Fundo, nº 42, 11 nov. 1925.
Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH-UPF).*

Aproximadamente um mês depois da publicação anteriormente citada, encontramos a primeira fotografia que fora publicada no jornal *O Nacional*. Ela refere-se a um anúncio de um hotel na cidade e ocorre já no primeiro ano do periódico. A imagem foi realizada num enquadramento de plano conjunto, isto é, mostrando o hotel e a casa ao lado. Porém, ainda não se trata de uma fotografia que complementa uma notícia, mas um anúncio publicitário.

Hotel Victoria — Estação Barro



PROXIMO A' ESTAÇÃO DA ESTRADA DE FERRO

Construção nova; quartos bons e bem arejados; mobiliario moderno; excellente cozinha; bebidas de toda a qualidade e banhos frios e quentes.

PREÇOS MODICOS

Automoveis e animais de montaria sempre á disposição dos senhores hospedes. Além disso o hotel possui uma grande garage e estrebaria.

R. P. Maier

291-60

*Página inteira e detalhe com foto. O Nacional, Passo Fundo, nº 53, 19 dez. 1925.
Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH-UPF).*

No início do ano seguinte, as primeiras fotografias aparecem como foto-legendas, preservando o padrão indicado no ano anterior, quando a ilustração do Clube Comercial, postada na capa do jornal, tinha a função de informar. No dia 6 de janeiro de 1926, publica-se duas fotografias de paisagem mostrando uma construção da cidade: o “Chafariz”. Na foto, na metade superior da página, o enquadramento é aberto e mostra, centralizadamente, todo o objeto, em que percebemos algumas pessoas sentadas em frente da estrutura. Já na fotografia de baixo, a construção é mostrada detalhadamente num plano mais fechado, registrando apenas a construção, onde também se percebe uma pessoa sentada na parte interna. A presença das pessoas parece um registro espontâneo, nem combinado, nem posado, porém não

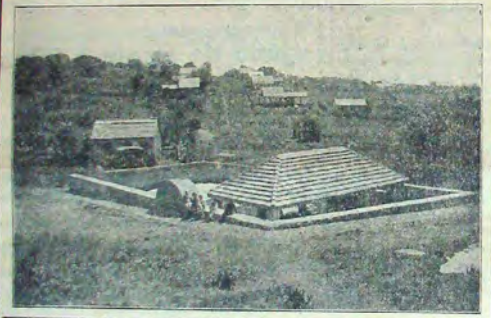
há nenhuma ação. Junto à fotografia tampouco há algum tipo de indicação de quem a registrou.

A *Vistas Municipaes* torna-se uma seção que repetir-se-ia, aqui, apresentase a a fotografia do charfariz, mantendo o mesmo estilo de enquadramento e objeto referendado ao longo de vários anos. Só em 1926, quando da publicação da primeira ocorrência, a ela seguiram-se outras sete. As imagens apareciam na capa dos jornais e utilizava-se de legendas, com uma pequena frase ou um texto de duas a três linhas. No entanto, há nas suas ocorrências aspectos que devem ser destacados: o registro da ação – na edição n. 63, na sexta foto publicada nesta série, aparecem trabalhadores carregando pedras.

A edição n. 63 nos mostra um estilo mais fotojornalístico, apesar de ser uma foto com uma frase de apoio, devido à ação mostrada no ato, e dos trabalhadores não estarem posando para a foto e sim continuando o seu trabalho normalmente. Também, salienta-se que o fotógrafo não interfere na ação da cena, apenas a registra. É um enquadramento aberto, mas do conjunto da ação. Apesar de a fotografia representar a informação quase que por si só, apenas com uma frase de

Vistas municipaes

Estampamos abaixo duas photographias do "Charfariz", a nossa tradicional fonte publica, a qual foi, no anno passado, completamente reconstruida pela municipalidade, contendo fonte de agua potavel para a população, bebedouro para animaes e lugar para lavagem de roupas.



Página inteira e detalhe com foto. O Nacional, Passo Fundo, nº 58, 06 jan. 1926. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH-UPF).

Vistas municipais

A pedreira recentemente aberta para o fornecimento de pedras aos trabalhos urbanos.



*Capa e detalhe com foto. O Nacional, Passo Fundo, nº 63, 23 jan. 1926.
Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH-UPF).*

apoio noticioso podemos perceber a estrutura da imagem jornalística noticiosa. A foto não possui identificação de quem a registrou.

Os retratos também surgem em 1926 em *O Nacional*. O primeiro refere-se a uma divulgação de uma apresentação cultural, onde aparece o busto de uma mulher (n. 80). A imagem pode ser classificada como um tipo de propaganda e/ou publicidade, e não se encontra na capa do periódico. Aqui se nota que a fotografia está retocada quase como uma pintura. Depois dela, demorou três meses para que houvesse outras ocorrências de retratos. No entanto, estas têm relevância peculiar para o nosso estudo, pois são duas fotos que ilustram uma notícia. Apesar de as duas fotos serem posadas.

Quando o hespanhol Franco chegou a America em aeroplano, houve imediatamente muita gente que pensou ir ca da America para a Europa com os mesmos meios. Entre estes appareceu um cavalheiro nascido neste Brasil e portanto nosso patricio.

A imprensa, em sua generalidade, tomou conta da idea e declarou ser indispensavel que algum fosse atravessar o oceano, pelo ar. Disseram mesmo que o sr. Arthur Bernardes adoptara o plano com ardor e que o negocio era questao de preparativos.

Enquanto isto se escrevia, nos aqui destas obscuras columnas, fomos dizendo que a idea era francamente absurda por diversas razoes que expuzemos e terminavamos declarando que enquanto o homem não partisse, não acreditariamos que o Presidente da Republica fosse adepto da empresa, visto que sempre nos



Cine Theatro Coliseu

P. FUNDO, 2 DE ABRIL DE 1926, A'S 21 HORAS

HORA DE ARTE

OLGA S. PEREIRA

PROGRAMMA

PRIMEIRA PARTE

- a) Trovas — A. Nepomuceno.
Versos de Osorio Duque Estrada.
- b) A Fiandeira — David de Sousa
Poesia de João Saraiva.
- c) Mignon — Ambroise Thomas.
- d) Andria Chenier — Giordano.
La mamma morta.

SEGUNDA PARTE

- e) Lo Schiavo — A: Carlos Gomez
Come serenamente il mar.
- f) Pur dieci — (1700) Antonio Lotti.
- g) Amleto — Ambroise Thomas.
Aria d'Ofelia.

Os acompanhamentos serão feitos gentilmente pela orchestra do Coliseu, com o valioso auxilio do dr. Arnaldo Speró 413-80

A secca — São consideraveis os prejuizos causados pela secca aqui. A plantação de milho *na tarde* está toda perdida, não menos acontecendo com a segunda plantação de batata inglesa, pois esta devido a escassez de chuvas não nascerá talvez nem 20 %.

Futebol — Por iniciativa de alguns esportistas daqui, está em andamento a organização de uma agremiação desportiva que cultivará o desporto bretão. Sabemos que dentro em breve haverá uma reunião sendo por essa occasião fundada a sociedade e eleita a respectiva directoria.

O Correspondente

Chauffeur

WALDOMIRO RIBEIRO, chauffeur habilitado, dando de si boas referencias,

Na notícia “Um audacioso reide de pedestre”, o jornal noticia a vinda de dois esportistas chilenos que estão percorrendo o trajeto Chile-Rio de Janeiro a pé. Eles estiveram na cidade de Passo Fundo, vindos de Carazinho, e contaram algumas situações que passaram durante o trajeto feito até então. Na notícia não há nada referente ao registro das fotografias, apenas uma legenda indicando o nome de cada um. Estas indicações foram publicadas logo abaixo das respectivas fotos. Supõe-se que tenham tirado a foto aqui em Passo Fundo mesmo, mas como não temos referência de cenário, também não podemos afirmar. Essa suposição advém do fato de que a informação parece ser demasiadamente atual, pois o jornal cita: “Visitaram-nos esta manhã”. Entretanto, se eles chegaram no dia anterior, a matéria deve ter sido produzida antes para haver tempo de publicá-la. Mesmo não tendo uma foto que atenda às características ideais do registro fotojornalístico, tal qual observamos na revisão teórica, podemos entender que esta, que é a primeira fotografia do jornal após um ano depois do seu lançamento, acompanha o texto como complemento da matéria.

Detalhe de página interna. O Nacional, Passo Fundo, nº 80, 20 mar. 1926. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH-UPF).

Um audacioso reide pedestre



JORGE ROJAS



GUILHERME ROJAS

Visitaram nos esta manhã, Jorge Rojas e Guilherme Rojas, os audaciosos desportistas chilenos que estão realizando um reide pedestre de Santiago do Chile—Rio de Janeiro, retribuindo assim, de maneira carinhosa, a visita que ao seu país levou o escoteiro brasileiro, Alvaro Silva.

Chegados hontem, às 20 horas a esta cidade, procedentes de Carazinho, seguem amanhã, pelas primeiras horas, para Marcellino Ramos.

Os valerosos «riduten» iniciaram sua audaciosa empreza a 20 de Janeiro do corrente anno, tendo esperanças de levála a cabo, com bom exito, em principios do proximo mez de julho, data em que pretendem chegar ao Rio de Janeiro.

No trajecto já vencido tem os desportistas chilenos passado por toda a sorte de peripecias, dentre as quaes mencionamos a aggressão de que foi victima Jorge Rojas, nas proximidades de Espinillo, e que fez-o recolher-se ao Hospital Militar em Cruz Alta, onde foi carinhosamente tratado.

Jorge Rojas e Guilherme Rojas mostram-se agradecidos pelo acolhimento que lhe têm dispensado as autoridades brasileiras e o povo em geral.

Página interna e detalhe da notícia com foto. O Nacional, Passo Fundo, nº 103, 12 jun. 1926.

Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH-UPF).

grafias e fixando um estilo fotográfico próprio (de autor), o ON não creditava as fotografias, fato que não permite a asserção sobre quem fez a fotografia.

Até aqui registramos as fotografias significativas no primeiro ano do jornal *O Nacional*. Nos dois anos seguintes, em 1927 e 1928, a incidência de imagens fotográficas é inferior ao primeiro ano, permanecendo ainda algumas fotografias das *Vistas Minicipaes* e alguma foto-retrato que continua a ilustrar o jornal, principalmente nas edições

Nesse ponto é relevante mencionar que *O Nacional* estava atrasado no uso das imagens. Os estilos e formatos usados nas imagens publicadas, bem como o desenho e o uso do retoque nas fotografias eram utilizados por volta do ano de 1900 nas principais capitais do país. Nessa mesma época surgem revistas ilustrativas, demonstrando que a periodicidade de fotos durante um ano do jornal era baixa. E pensando no fotojornalismo europeu e americano, em que os fotógrafos estavam começando a participarem ativamente como profissionais, assinando suas fotos

comemorativas no mês de junho, mostrando imagens como veremos mais adiante.

Não é objetivo deste trabalho aprofundar-se nas imagens publicitárias, mas não poderíamos deixar de referendar um anúncio comercial, em 1928, dos irmãos Busato. A foto chamou a atenção por ser uma posada, na qual é possível vislumbrar várias pessoas olhando para a câmera num plano conjunto, onde todas aparecem nitidamente, porém ela não está mostrando nenhum produto, e sim o grupo, num estilo fotográfico mais familiar, como nos registros de um evento, não de uma publicidade (quase como informe publicitário nos dias atuais). Este tipo de fotografia continuou aparecendo no decorrer das páginas do jornal como divulgação de encontros sociais ou estudantis, juntamente com o texto informando o acontecido.

A publicação do ON de junho de 1930, edição n. 648, é comemorativa aos cinco anos do jornal, nela encontramos 36 páginas com muitas notícias da cidade. Os principais temas eram os feitos do governo municipal e da organização social com seus grupos e encontros.

Anúncio Busato Irmãos & Cia. O Nacional, Passo Fundo, nº 310, 19 jun. 1929. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH-UPF).

A primeira fotografia aérea de Passo Fundo, publicada no caderno comemorativo de aniversário do jornal *O Nacional*, em 1934, ocupa quase metade da página inferior e mostra, claramente, as delimitações da cidade, com suas ruas e quadras. Já na parte superior, várias informações sobre a cidade são citadas: o número de moradores (população), sobre o transporte público e ferroviário, qual a renda do município, a divisão administrativa, etc. A fotografia, em seu tamanho, foi a maior já publicada até o período estudado. Além disso, juntamente com as informações e algumas outras incidências vistas neste estudo, a publicação em questão demonstra que o uso do fotojornalismo – o texto como parte da foto e vice-versa – tenta seu espaço no jornalismo municipal.

Por último, ressaltamos a maior incidência de publicação de fotografias nas páginas dos jornais nas edições comemorativas de *O Nacional*, que por muitas décadas teve em suas edições dos dias 19 de junho com mais números de páginas publicadas com fotografias, como a capa da edição de 19 de junho de 1940, com impressão colorida, com retratos e fotografias de paisagem. Na sequência, algumas das fotografias de paisagem que aparecem em grande número nesta edição de 1940.

PÁTRIA REDIMIDA



Uma das cenas do film *Pátria Redimida* que será, exibida hoje no Coliseu

Deverá ser focado hoje, na tela do cinema Coliseu, o film *Pátria Redimida* em 5 longas partes. Trata-se de uma sensacional película cópia fiel dos mais emocionantes episódios desenvolvidos no «front» da revolução de 3 de Outubro.

Podese dizer mesmo, que esse trabalho que a plateia passofundense vai ter occasião de ver, hoje, é um verdadeiro arrojado da cinematographia, pois muitas partes foram focadas nos momentos de combate. Veremos portanto, as rajadas das metralhas, a artilharia de montanha em acção, os lançadores de granadas e etc.

Pátria Redimida, é, em suma, um grande historico da revolução redemptora, pois nella assistiremos a marcha gloriosa do exercito revolucionario desde o Rio G. do Sul até a Capital da Republica, com todas as suas phases cruentas e gloriosas. É empresario Jesuete film com exclusividade para o Rio G. do Sul o Sr. Nicolau Petrelli, que se encontra nesta cidade. Este film está sendo passado simultaneamente no nosso Estado, no Rio, São Paulo, Paraná e Santa Catharina.

Detalhe da capa com foto. O Nacional, Passo Fundo, 04 mar. 1931. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH-UPF).

PASSO FUNDO

O MUNICIPIO E A CIDADE

O que é e o que valem através de algumas cifras

Edição especial de "O NACIONAL"

O município, condições físicas

Situação—O município de Passo Fundo fica situado no planoalto que ocupa a parte ocidental do Estado do R. G. do Sul.

Altitude — A sua altitude média pode ser calculada em 500 metros acima do nível do mar.

Clima — Situado na zona temperada, esta altitude dá-lhe um insuavel clima, sem tempestades de qualquer ordem e cidade brasileira.

Temperatura—A temperatura, no município, varia ocasionalmente raro, ou seja, grandes abalos de zero, no inverno, e 33 graus no verão. Tais extremos são exceções.

Em geral, garante a temperatura baixa de zero, no inverno e passa de 32 no verão. Não se pode, portanto, considerar uma média de 15 graus.

Superfície — A superfície do município é de 7.256 quilômetros quadrados, constituída, em parte, de campos, extensões de capões, onde se desenvolve a indústria pastoril e outra parte de matas, onde prospera a agricultura.

Em geral o solo, quer no campo ou no matão, é quebrado em colinas suaves.

Hydrografia—O município é cortado por uma verdadeira teia de pequenas rios e riachos, reunidos em toda a parte a água, em grande fartura, pouco atingida nos períodos secos.

Os principais rios do município, são o *Jornal* e o *Tupany*, que correm para o sul e o *Rio do Pass, Leque e Pass*, de Passo Fundo que correm para o norte.

População e divisão administrativa

População — A população da cidade é calculada em 15.000 habitantes, aproximadamente, e do município é de 107.000 habitantes.

Divisão administrativa — O município é dividido em 11 distritos que são as seções: (1) Cidade; (2) Campo do Meio; (3) Cruzília; (4) Serrão; (5) Maria; (6) Serrão; (7) São Teodoro; (8) Cochoa; (9) Fátima; (10) Taperia; (11) São João.

Vias de comunicação

O município é servido pela Viação Férrea do R. G. do Sul, que põe a cidade a um dia e uma noite de P. Alegre, capital do Estado e a dois dias e meio e três noites de São Paulo.

As estradas de rodagem, porém, boas pelas condições do terreno, apesar de pouco conservadas, permitem viagens de automóvel para todas as partes. Basta dizer que se vai de P. Fundo a P. Alegre, de auto, em cerca de duas horas. Em geral, pode-se dizer que são las melhores do Estado no ano de 1933.

VALOR

Herma mata — 87.912 kls. 625.850\$000

Madeira apilada para caixas — 2.650.000 lbs. 510.000\$000

Fino lenho — 18.240.000 lbs. 328.800\$000

Cerveja — 3.300 caixas 300.000\$000

Cavaco — 1.077 15.000\$000

Banha bruta — 416.540 lbs. 377.547\$000

Banha refinada — 286.534 lbs. 1.083.700\$000

Tijolo cozido — 113.140 kls. 30.000\$000

Milho — 11.000 kls. 48.600\$000

Total 5.136.775\$000

Produção das indústrias Rurais — A produção das indústrias rurais do município, no mesmo período de 1933, foi a seguinte:

Fariela de matiarica 25.000 sacos

Fariela de trigo 140.000 sacos

Fariela de milho 10.000 sacos

Vinhos 1.000.000 litros

Salmes 20.000 Mt.



Sr. Armando Arango Amos
Prefeito municipal

As atividades do município

Produção Agrícola

A produção agrícola do município, elevou-se as seguintes cifras:

Milho 18.000.000 kls

Trigo 14.000.000 "

Alfafa 1.500.000 "

Mandioca 320.000 "

Batata doce 220.000 "

Folha para 100.000 "

Arroz 100.000 "

Folha branca 25.000 "

Folha de cores 10.000 "

Fava 5.000 "

Pecuária — Além da Agricultura, e intensa no município, a indústria pastoril. Existem 778 estabelecimentos de criação pecuária, grandes e pequenos criadores. Estes se dividem em: 501 criadores, 50.117 cabeças vacuno, 10.000 cavalos e 3.000 milhas, calculando-se os vinhos e 50.000 cabeças. Tais números representam aproximadamente 3.000.000\$000 de capital.

Estatística demográfica

Nascimentos, casamentos e óbitos—O movimento de nascimentos, casamentos e óbitos, em 1933, foi o seguinte, por distrito:

Distrito	Nasc.	Cas.	Mort.
1.º	855	199	275
2.º	597	81	75
3.º	182	54	41
4.º	52	25	6
5.º	288	28	52
6.º	484	59	44
7.º	410	25	41
8.º	214	37	47

Instituição pública

A instrução pública do município, apesar de ainda deficiente, está lentamente melhorando, em consequência com o desmembramento dos antigos municípios do Estado. E sta administrada por diversos estabelecimentos de ensino público e particular, assim como pelas seguintes instituições:

Instituição	Alunos
Instituição Geral (Senhorita Nossa Senhora da Conceição)	126
Colégio Nossa Senhora da Conceição	554
Colégio Complementar	100
Colégio Elementar	1.000
Dois grupos Escolares	311
Outros grupos escolares	422
Dois jardins infantis	111
Sessenta salas municipais	82.168
20 salas subventionadas pelo Estado	628
TOTAL	83.822

Entre dados são de 1933

Rendas municipais e outras

Apesar de em 1933, ter o decréscimo do município, o rico terreno que hoje forma o município de Carvelhos as rendas municipais, mesmo ao atual sistema, não foram, como se vê abaixo:

1930	1.048.572\$500
1931	89.445.815\$00
1932	97.400\$800
1933	925.022\$950

A arrecadação Estadual no município, em 1933, foi de 1.000.000\$000 anuais, e a federal em mais ou menos 3 milhões de cruzeiros.

A população de P. Fundo constitui, pois, para os cálculos públicos com a zona aproximada de 1.000.000\$000 por ano.

Veículos

Existem no município 250

Autômetro de passageiros, 157 autômetro de carga e 750 camião de 2 e 3 rodas.

Luz elétrica

Além a cidade, quatro povoados do município são servidos de luz elétrica. São eles: Vencedor, Maria, Fátima e Segunda Seção de Serrão.

A CIDADE

A cidade de P. Fundo, cuja configuração se vê do edifício posto, fundado em 17 de maio de 1764, a 2.000 metros de altura, possui as suas ruas principais calculadas, com pedre irregular, em duas grandes e diversas arborizadas.

Dispostas de quatro grandes avenidas simétricas: arborizadas e arborizadas, como se vê do mesmo edifício.

(Continúa na pag. 14)



PASSO FUNDO, VISTA DE UM AVIÃO A DOIS MIL METROS DE ALTURA

Foto aérea da cidade. O Nacional, Passo Fundo, 19 jun. 1934. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH-UPF).

A CIDADE DE PASSO FUNDO



Magestoso aspéto da Avenida Gal. Neto e parte da praça Marechal Floriano, vendo-se á direita o edificio do Cins-Teatro Coliseu



Outra magnifica vista da Praça Marechal Floriano e trecho da Avenida Gal. Neto

Estas imagens são as que consideramos representativas ao longo dos primeiros 15 anos de existência do jornal *O Nacional*. Sua utilização pode, de certa forma, caracterizar-se como ilustração do jornalismo local, evidenciando a emergência de formatos e gêneros de produção noticiosa em diferentes planos de expressão, que também estavam desenvolvendo-se em todo o mundo, em especial no período entre guerras, como vimos anteriormente.

Diante do material coletado, entendemos que, por um lado, ainda não é possível afirmar a existência de uma prática fotográfica exclusiva e produzida para a informação publicada nos periódicos passo-fundenses nos primeiros 50 anos aqui apresentados. Contudo, o jornal *O Nacional* foi o que mais fez uso da fotografia em suas páginas, usada como ilustração e em ocasiões especiais, como o aniversário do jornal, por exemplo. Por outro lado, identificar as primeiras fotos ligadas ao texto e a necessidade de mostrar lugares e fatos do cotidiano passo-fundense configura-se como o indício dos primeiros contornos desta práxis na produção local, assim como um pensar a fotografia junto ao texto, mesmo que em pequenas publicações.

Fotografias de Passo Fundo na edição comemorativa do jornal. O Nacional, Passo Fundo, 19 jun. 1940. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH-UPF).

A fotografia conta a história do mundo através das imagens produzidas pelos sujeitos sociais. Talvez por isso tenhamos observado, mesmo que empiricamente, a necessidade do homem de alimentar-se dessas imagens, de acompanhar essa história, de construí-la.

Aqui, fez-se conhecer as imagens nas páginas dos jornais de Passo Fundo através do aparecimento da imprensa escrita local nos seus primeiros 50 anos. Os semanários e diários, assim como a vontade das pessoas de ver e rever o que faz parte da sua vida e da sociedade através da fotografia, trouxeram-na para ilustrar a informação. Algumas delas representando os locais de vivência na cidade e suas pessoas proeminentes, e outras mostrando o estilo fotojornalista presente na Europa e nos EUA. Mas, ao mesmo tempo, apresentando uma parte da história da fotografia num pequeno município do Rio Grande do Sul, delineando os primórdios de uma possível trajetória da fotografia junto à informação e, quiçá, da fotografia de imprensa local – o fotojornalismo.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Lisboa, Portugal: Edições 70 Ltda, 2009.

BUITONI, Dulcília Schroeder. *Fotografia e jornalismo: a informação pela imagem*. São Paulo: Saraiva, 2011.

DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios fotográficos*. São Paulo: Papyrus, 1994.

FABRIS, Annateresa (Org.). *Fotografia: Usos e funções no século XIX*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

FRIDERICHS, Bibiana de Paula. *Título*. Dissertação de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social – FAMECOS. 2010.

MAUAD, Ana Maria. *O olho da história: fotojornalismo e história con-*

temporânea. Online. Acesso em 06/08/2010. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/memoria/12.shtml>.

ITAÚ CULTURAL. Fotografia no Brasil. Acesso em 11/10/2010. Disponível em: http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=3787

KOSSOY, Boris. Hercule Florence, a descoberta isolada da fotografia no Brasil. São Paulo: EDUSP 3ª ed. revista e ampliada.

KOSSOY, Boris. Origens e Expansão da Fotografia no Brasil - século XIX. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1980.

KOSSOY, Boris. Realidades e ficção na trama fotográfica. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

KUBRUSLY, Cláudio A. O que é fotografia. São Paulo: Brasiliense, 2003. 4ª edição.

MIBELBECK, Reinhold (Coord), THIELEMANN, Marianne Bieger. A Fotografia do Século XX. Köln/Alemanha: TASCHEM, GmbH, 2008.

REVISTA DE HISTÓRIA DA BIBLIOTECA NACIONAL: Ano 05. nº52 Janeiro 2010.

SANTAELLA, Lucia. Matrizes da linguagem e do pensamento. SP: Iluminuras, 2001.

SODRÉ, N.W. A história da imprensa no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Mauá, 1999.

SOUZA, Jorge Pedro. Uma história crítica do fotojornalismo ocidental. Chapecó: Grifos. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.

SUSSEKIND, Flora. O Brasil não é Longe daqui. SP: Companhia das Letras, 1987.

TRIGO, Thales e M. Lepíscopo. CD-rom história da fotografia 1840-1960. Senac, São Paulo, 1998.

A VOZ DA SERRA

149

FOLHA REPUBLICANA

Director-proprietario: JOÃO BAPTISTA CÚRIO DE CARVALHO

Passo Fundo, 19 de Novembro de 1918

HOMENAGEM DO PARTIDO REPUBLICANO DE PASSO FUNDO



HONRA

DEVER

“LAGRIMAS E PRANTOS”:

O MORRER EM PASSO FUNDO
PELAS PÁGINAS DOS JORNAIS

Aléxia Lang Monteiro

Raíssa Gehring Ulrich

ao Capitão Jovino da Silva Freitas

no

1. de Março de 1877

30.º dia de seu passamento

19 de Novembro de 1918

Elogio fúnebre, declaração de valores caros àquela sociedade, notícia de morte, lista de falecimentos, biografia contendo informações e análises sobre a vida e obra da pessoa falecida, coluna específica de periódico (em geral, jornais). Todos constituem características e/ou definições para aquilo que chamamos de necrológios e/ou obituários. A morte é retratada na imprensa principalmente por meio dessas duas seções, mas não se restringe a elas, afinal, existem ainda os convites à missa de sétimo dia, as notas de falecimento, as ocorrências policiais e as comunicações de falecimento de maneira geral.

Dessa forma, abarcando abundante material ainda a ser explorado por aqueles que se dedicam a estudar as sociedades pretéritas, propomos abordar a história local a partir dos necrológios e obituários da imprensa passo-fundense, mais especificamente jornais, apresentando o potencial dessas seções como fonte de pesquisa histórica. Também, pretendemos explorar a representação da morte pelos jornais como objeto de pesquisa, apontando algumas possibilidades que partem da maneira como, por meio dos periódicos, as mortes são representadas e apresentadas.

Entretanto, ao analisarmos essas seções, nos deparamos com algumas divergências em se tratando de suas definições. Alguns autores apontam o necrológio como sendo sinônimo de obituário: notícia sobre o falecimento de uma pessoa (MARTINEZ, 2014). Já outros, categoricamente, afirmam a diferença entre os dois: a necrologia faz um comentário acerca da vida da pessoa, seus feitos, relações pessoais e de trabalho, ao passo que o obituário apenas traz informações sobre o falecimento, sendo mais raso e direto (MUÑOZ, 2020). Para a escrita

deste capítulo, optamos pela definição que mais corresponde com o que encontramos nos jornais utilizados – a definição que diferencia necrológios de obituários.

Isso estabelecido, optamos por analisar os periódicos locais que tiveram uma duração considerável e que possuem uma série significativa de exemplares preservados. O primeiro jornal a surgir em Passo Fundo foi o *Echo da Verdade*, fundado em 1890 por republicanos locais e dirigido pelo líder do Partido Republicano, Gervasio Lucas Annes (BERTOL; FROSI, 2007, p. 147). Porém, há apenas dois exemplares remanescentes desse jornal¹, assim, optamos por não o utilizar na presente análise. Os republicanos voltaram a publicar um jornal em 11 de março de 1899, sob o nome de *O Gaúcho*². Esse periódico foi o mais duradouro veículo do Partido Republicano a circular em Passo Fundo, perdurando até o ano de 1920. A partir de meados da década de 1920, a imprensa passo-fundense passou a assumir um tom mais empresarial e jornalístico, pelo menos no papel, deixando de lado o caráter partidário que prevalecia até então. Pode-se considerar como marco dessa mudança a criação do periódico *O Nacional*, jornal dito independente, que começou a circular em 19 de junho de 1925, tendo como proprietários Hyran Araújo Bastos, Americano Araújo Bastos e Teophilo Guimarães, sendo dirigido por Herculano Annes. Em 1940, o jornal foi vendido para Múcio de Castro, antigo funcionário da empresa, sendo o jornal mais antigo ainda em circulação em Passo Fundo, e ainda de propriedade de seus descendentes (BERTOL; FROSI, 2007, p. 151-152).

Sendo assim, analisamos *o morrer em Passo Fundo* principal-

¹ Um destes exemplares se encontra no Acervo Digital da Biblioteca Nacional. *Echo da Verdade*, ano III, n. 10, 01 jan. 1893. Disponível em <<http://bndigital.bn.br/acervo-digital/echo-da-verdade/825212>>. Acesso em 13 jun. 2020.

² Além desses, circularam em Passo Fundo os seguintes jornais: *A Violeta*, de orientação castilhesa; *17 de Junho*, Órgão do Partido Republicano; e *O Palco*, jornal literário, publicado pelo Órgão do Grêmio Dramático Passo-Fundense.

mente a partir dos periódicos *O Gaúcho* (1899-1920), *A Voz da Serra* (1915-1920), *A Época* (1921-1924), *O Nacional* (1925-atualmente) e *Diário da Manhã* (1935-atualmente), além de utilizarmos de outros de menor vulto. Por meio do acervo desses jornais, salvaguardados pelo Arquivo Histórico Regional (AHR) e pelo Instituto Histórico de Passo Fundo (IHPF), pôde-se ter acesso às mortes aqui retratadas. Atentamos para o fato de que essas seções também estão presentes em outros periódicos locais. Todavia, nossa intenção aqui não é esgotar o assunto, mas apresentar possibilidades de pesquisa que possam ser aplicadas também em outros contextos, utilizando outros periódicos.

Enquanto o obituário nos apresenta uma informação mais sóbria, com poucas características que denotem contexto e valores intrínsecos à memória social da época, ao olharmos para um necrológio, muitas vezes, nos deparamos com uma imagem romantizada e idealizada da pessoa, ou seja, retrata-se o morto conforme a família, amigos e instituições gostariam que os outros o lembrassem, ignorando as contradições e as negações do ente falecido. É nesse sentido que se deve atentar ao estabelecer essas seções como fonte/objeto de pesquisa. De acordo com Anjos (2017), os necrológios representam uma construção de memória sobre a vida do indivíduo e não correspondem ao que ele foi de fato na experiência da história. Outra propriedade do *elogio fúnebre*, segundo o autor, é a seguinte:

De fato, ao mesmo tempo em que os necrológios expressam nos seus elogios valores que teriam sido vividos pelos mortos (reportando-nos, assim, à dimensão de ilusão biográfica neles contida), nos falam dos valores caros aos vivos e que o são a tal ponto que acabam selecionados por estes para construir a imagem do pai, do esposo e do cidadão ideal, erigindo-os, dessa forma e somente por carregar tais aspectos, em documento-monumento (ANJOS, 2017, p. 86).

Assim, de maneira que possamos visualizar esses aspectos e estarmos atentos às nuances desses tipos de textos, transcrevemos e trazemos como exemplos alguns deles para que sejam devidamente analisados como fonte e objeto de pesquisa em potencial.

1. NECROLÓGIOS COMO FONTE: BIOGRAFIA, TRAJETÓRIA, PROSOPOGRAFIA E HISTÓRIA SOCIAL DAS ELITES

A morte é representada de diversas formas nos periódicos, podendo aparecer em seções de obituários, notas de falecimento, avisos de missa, notas de agradecimento, além de registros de ocorrência policial. Os necrológios são um tipo específico de anúncio de morte, já que se constituem como um registro biográfico *post-mortem*, de modo a abranger personalidades de um recorte econômico, político e social bem definido. Os necrológios não precisam necessariamente ser publicados nos jornais, porém, quando aparecem, geralmente possuem uma seção específica denominada *Necrologia*.

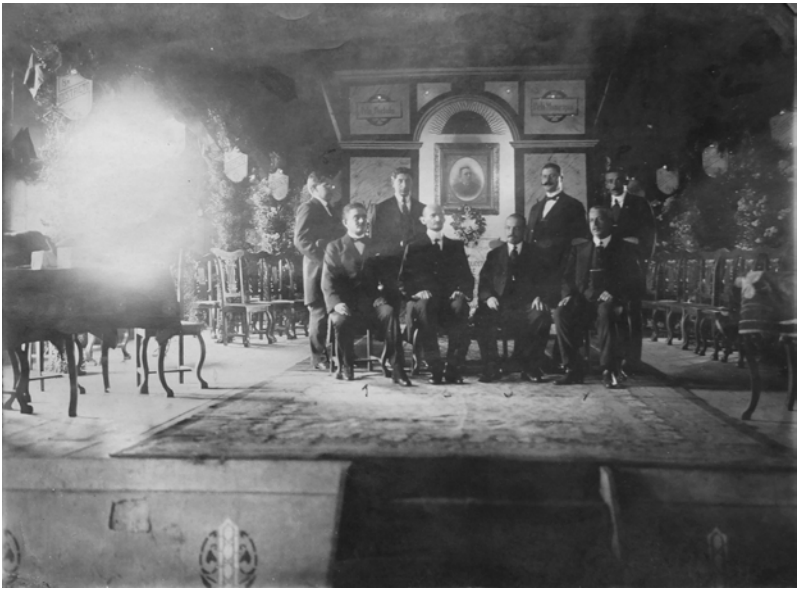
Para mais, os necrológios, por seu registro biográfico, podem servir como rica fonte de pesquisa no que tange à busca por informações sobre a trajetória em vida de diferentes personalidades. Também podem ser uma importante fonte para os estudos prosopográficos, que se constituem em uma análise, essencialmente quantitativa, a partir do levantamento biográfico de diversas personalidades e sua comparação, a fim de identificar similaridades e particularidades do grupo investigado (MONTEIRO, 2009, p. 30). Conforme Monteiro, “a análise de biografias coletivas possibilita desvendar aspectos sociológicos de determinados grupos, como os perfis sociais, o recrutamento e a reprodução social, num dado contexto histórico determinado” (2009, p. 29). Contudo, a autora também aponta as limitações dessa análise, já que “apenas aqueles indivíduos pertencentes às posições sociais, culturais e políticas mais altas estão bem documentados” (2009, p. 30),

o que possibilita uma análise mais aprofundada das trajetórias tão somente dos grupos sociais que compõe as elites.

Tratando especificamente do uso dos necrológios para a construção de uma história social das elites, Noronha aponta que “não devemos esgotar a análise das biografias em necrológios, pois esses textos além de omitir várias informações individuais são carregados de um discurso narrativo de estilo romantizado” (2012, p. 73). Portanto, é importante cruzar as informações obtidas nos necrológios com outras fontes históricas, realizando uma análise crítica deste texto que é, essencialmente, elogioso.

Na imprensa local, os necrológios passam a ser mais constantes a partir da diversificação da comunicação, em meados da década de 1920. No período anterior, caracterizado por uma imprensa predominantemente partidária, com jornais de publicação semanal, os necrológios aparecem, em geral, associados a pessoas extremamente importantes naquele contexto, como os coronéis. As pessoas comuns, mesmo que da elite, apareciam somente em notas de falecimento ou obituários que, via de regra, não destacavam sua trajetória de vida, apenas informavam sobre a morte. O que, por si só, já mostra traços da sociedade da época.

O Gaúcho começou a ser publicado em 11 de março de 1899, foi interrompido em 1901 e retomado em 1905, perdurando até 1920, tornando-se o mais duradouro veículo do Partido Republicano em Passo Fundo (MIGLIORANZA, 2008, p. 72). Seu redator político era o coronel Gervasio Lucas Annes. Convém dizer que não havia no jornal uma seção específica que noticiasse as mortes, porém elas aparecem, esporadicamente, nas edições remanescentes que pudemos consultar. Ademais, são raras as referências à morte que respeitam a estrutura de um necrológio em si, ou seja, fornecendo traços biográficos do morto. Por isso difere gritantemente da atenção dada ao redator, o próprio coronel Gervasio Lucas Annes, quando de sua morte.



Reunião da Executiva Republicana no Clube Pinheiro Machado em 1918. O ambiente está decorado para uma homenagem ao líder republicano Gervasio Lucas Annes, falecido em 1917. Cada um dos oito distritos municipais está representado por uma placa e uma coroa de flores, estando, ao fundo, o quadro de Annes. Da esquerda para a direita: Nicolau Araújo Vêrgueiro, Júlio Edolo de Carvalho, Gabriel Bastos, Pedro Lopes de Oliveira, Renato Sá Britto, Mário de Lemos Braga e Brasilico Lima. Acervo Gomercindo dos Reis, cópia digital Instituto Histórico de Passo Fundo (IHPF).

Gervasio Lucas Annes foi líder do Partido Republicano em Passo Fundo e ficou à frente da Intendência Municipal por longo período, revezando-se no poder com o coronel Pedro Lopes de Oliveira. Faleceu no dia 4 de abril de 1917, porém sua morte foi anunciada somente em uma edição especial de *O Gaúcho*, no dia 10 de abril, quando seria seu aniversário. A edição foi inteiramente dedicada a prestar homenagens, com textos sobre a trajetória de vida escritos por seus correligionários políticos. Os textos em sua homenagem foram compostos por Renato Sá de Britto, José Dario Vasconcellos, Silveira Martins, Francisco Antonino Xavier e Oliveira, Fernando de Carvalho, A. F. Salgado, Brasilico Lima, Oscar Cesar, Gregório Mendes e Borges de Medeiros.



Capa de edição especial em homenagem ao falecimento de Gervasio Lucas Annes. *O Gaúcho*. Passo Fundo, 10 abr. 1917. Acervo Arquivo Histórico Regional (PPGH-UPF).

As instituições também lhe renderam homenagens, a saber: Tiro Brasileiro 225, Club União Commercial, Sociedade Operária Beneficente, Loja Maçônica Concórdia Sul, Hospital de Caridade, Sociedade Alemã Deutscher Verein, Clube Pinheiro Machado. Ainda, há uma vasta lista de pessoas que compareceram ao enterro, que enviaram coroas, representações e telegramas. É interessante observar, por meio dos nomes que prestaram homenagens ao falecido, as relações sociais imbricadas nesses atos.

A morte de Annes impactou também na trajetória de outro jornal passo-fundense. Em 1917, Basílico Gabriel de Oliveira Lima, colaborador de *O Gaúcho* e também secretário da Intendência, não aceitou a venda do jornal, sendo exonerado do Partido Republicano pela comissão executiva que assumiu o partido após a morte de Annes. O Intendente à época, Pedro Lopes de Oliveira, não concordou com a atitude de seus correligionários, resultando em uma cisão no Partido Republicano local (BERTOL; FROSI, 2007, p. 149). Por conta disso, a comissão executiva, na figura de Nicolau Araújo Vergueiro, passou a usar o jornal *A Voz da Serra*, já com a inscrição *Folha Republicana* em seu subtítulo, como porta-voz. O jornal *A Voz da Serra* foi fundado em 30 de dezembro de 1915, como periódico independente, tendo

como proprietário o capitão Jovino da Silva Freitas. Antonio Bittencourt Azambuja foi seu redator até setembro de 1916, a partir de então Antonino Xavier assumiu o cargo.

Sob o título *Obituário*, a seção no jornal *A Voz da Serra* estava localizada, geralmente, na parte inferior da segunda página, na segunda ou terceira coluna, pelo menos em seus dois primeiros anos de publicação. Depois, o título torna-se *Falecimento*, mantendo-se na segunda ou terceira página do periódico, variando de posição. Assinala-se que a seção poderia ou não aparecer nas edições. Para mais, eram comuns os avisos de missas e notas de agradecimentos, provavelmente, como já destacado anteriormente, por se tratar de um periódico de publicação semanal, que não conseguiria dar conta de publicar informações com antecedência sobre sepultamentos e enterros daqueles que haviam falecido.

Seguindo a lógica do outro jornal da mesma época aqui apresentado, *A Voz da Serra* também destacava o falecimento de uma pessoa fortemente vinculada ao jornal, seu proprietário, o capitão Jovino da Silva Freitas. Haja vista que seu retrato estampou a capa da edição especial de 19 de novembro de 1918.

Jovino da Silva Freitas foi vítima da pandemia conhecida como “gripe espanhola”, que dizimou dezenas ou centenas de milhões de pessoas ao redor do mundo. O povo de Passo Fundo e o Partido Republicano, nesse dia de luto, prestaram-lhe significativas homenagens. A beira de seu túmulo, no cemitério municipal, foi orador oficial Ney de Lima Costa, que o classificou como “gigante da política republicana local”. Antonino Xavier e Oliveira, em seus elogios fúnebres ao capitão Jovino, complementou: “Eu direi ainda, além desse conceito justo, que ele não somente era um gigante da política a que pertencia, mas também um gigante do progresso de Passo Fundo, aliando em sua compleição estes dois aspectos preciosos: energia superior, bondade imensa”.

No trigésimo dia de seu falecimento, o jornal *A Voz da Serra* publicou uma edição especial para homenagear o amigo que havia alçado

às verticalidades da alma. O comércio, nesse dia, cerrou suas portas à tarde, e uma concentração pública, partindo da praça Marechal Floriano, às 16 horas, dirigiu-se à necrópole a fim de mais uma vez reverenciar a memória daquele que jamais seria esquecido pelos seus contemporâneos. Nessa edição especial de *A Voz da Serra*, vários amigos descreveram o seu perfil. Entre eles, João Baptista Cúrio de Carvalho, que registrou suas impressões acerca do morto:

Era ele um lutador impecável, um ardente polemista, com seus argumentos irrespondíveis, que aos lábios afloravam naturalmente; substituía com vantagem pelo falar espontâneo de seu talento a deficiência de uma ilustração cultivada. Era de admirar ouvir a lógica de seus argumentos em qualquer assunto e com qualquer pessoa, na defesa de ideais; não havia como resistir, pois a retórica de suas palavras traduziam a imaculabilidade de suas atenções honestas e puras, de seu acurado amor a Passo Fundo e de seu carinho à causa pública. [...] Os seus conselhos profícuos, as suas previsões justas e videntes, eram ouvidas sempre com atenção e acato pelos seus amigos e companheiros de causa na propagação do Evangelho da nova encruzilhada, que há de fazer muito em breve a madrugada redentora às trevas que nos oprime na nostalgia do tédio. No fundo do seu coração, ninho de ouro, havia sempre lugar para os atos nobres e generosos, para o culto do bem e prática da caridade. Deixassem passar os momentos bruscos de seu temperamento nervoso, que trazia o crepúsculo do bem, ele mesmo, num gesto nobre e espontâneo na plenitude da posse de seus bons sentimentos, reparava o mal que por hipótese houvesse causado. [...] O ódio jamais teve guarida naquela alma nobre de gaúcho, sabia ser adversário forte e leal, audaz e temerário, nunca, porém capaz de uma traição, de uma felonía, de uma covardia.

O capitão Jovino da Silva Freitas nasceu em Cruz Alta, Rio Grande do Sul, no dia 1º de março de 1877, sendo filho de Hygino da Silva Freitas e Lindolpha Pereira de Mello³. Em 30 de janeiro de 1897, casou-se, em Júlio de Castilhos, com Juliana de Mello Freitas, nascida em 15 de março de 1879, filha de Antonio de Mello Rego e de Maria José de Oliveira Mello⁴.



*Jovino da Silva Freitas. Sem data.
Fonte: Cemitério Municipal Vera Cruz.*

A família Freitas transferiu-se para Passo Fundo na primeira década do século XX, enfileirando-se ao Partido Republicano Rio-Grandense ao lado de Gervasio Lucas Annes, Nicolau Araújo Vergueiro, Antonino Xavier e Oliveira, Gabriel Bastos, Ney de Lima Costa e João Baptista Cúrio Carvalho. Jovino Freitas constituiu-se profissionalmente como militar e empresário, ocupando ainda o cargo de delegado de polícia durante o mandato do intendente – cargo equivalente ao de prefeito, na atualidade – Pedro Lopes de Oliveira, conhecido como coronel Lolico.

Além disso, Jovino foi proprietário da empresa de comunicações que prestou serviço telefônico para o município em 1912. Foi membro do Clube Pinheiro Machado, de cunho republicano, sendo seu presidente e participando da comissão para a construção da sede, em 1911. Também foi colaborador e proprietário de jornais locais, como *O Gaúcho* e *A Voz da Serra*, bem como gozou o cargo de vice-presidente do União Sport Clube, fundado em 27 de abril de 1913.

³ BRASIL. Registro Civil. Rio Grande do Sul. Passo Fundo. Óbito do Capitão Jovino da Silva Freitas, 19 nov. 1918. Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul.

⁴ BRASIL. Registro Civil. Rio Grande do Sul. Júlio de Castilhos. Casamento de Jovino da Silva Freitas e Juliana de Mello, 30 jan. 1897. Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul.

Lágrimas e prantos

Ha poucos dias falleceu na Serra do Ligeiro, 2º. districto deste municipio, onde ha 15 annos residia, com a avançada idade de 94 annos, o sr. João de Góes Leite, pae de numerosa familia. O extinto era veterano da Guerra do Paraguay.

Ferido em combate na tomada de Humaitá, por tres projectis, foi considerado perdido, taes eram seus ferimentos, no entretanto, 60 dias depois, em vespersas de outro grande combate, ainda convascente, solicitou com tanta insistencia a alta do hospital, que lhe foi concedida, e terminou sua cura de baixo das balas inimigas, nunca mais tendo baixado ao hospital. Foi um defensor valeroso de sua Patria, tendo batido-se em todos os combates nos campos paraguayos, com heroismo não vulgar.

E lá nesse recanto ignorado, morre mais este valeroso soldado voluntario do amado solo brasileiro.

Esta folha apresenta sentimentos perames á familia do extinto.

Seção Lágrimas e Prantos, falecimento de João de Góes Leite. A Época. Passo Fundo, nº 44, 12 jan. 1921, p. 3. Acervo AHR (PPGH-UPF).

Empreendedor, Jovino Freitas foi quem estimulou e colaborou diretamente ao embelezamento da Praça Marechal Floriano, construindo, além de sua residência (ao lado da atual Catedral), várias casas de alvenaria que marcaram o início da zona central da cidade. Construiu um ringue de patinação ao ar livre, por volta de 1916. Foi também responsável pela edificação do quiosque que, por algumas décadas, ornamentou o centro da Praça Marechal Floriano, tendo-o explorado juntamente com Claro Pereira Gomes. No comércio teve atuação destacada, mantendo fábricas de cerveja, massas, ferrarias, livraria e, por último, como sócio capitalista da conceituada firma Meira e Cia.

A partir da década de 1920 surgiram outros periódicos em Passo Fundo, como o semanário *A Época*, criado em 5 de janeiro de 1921, inicialmente de propriedade da Livraria Minerva, passando para Antão Abade Chagas e Pindaro Annes. Seu diretor era Ney de Lima Costa e, posteriormente, Herculano Araújo Annes. O jornal existiu até 21 de fevereiro de 1924 (BERTOL; FROSI, 2007, p. 151-152), sua publicação era semanal, e sua seção dedicada aos falecimentos – denominada, na maior parte das edições às quais tivemos acesso, como *Lágrimas e Prantos* – já estava consolidada. À vista disso, dava-se mais destaque às informações sobre o falecimento, mas já começaram a apa-

recer textos que adentiam à estrutura de um necrológio, apresentando informações importantes sobre a trajetória em vida daquele que faleceu. Como o caso da morte de João de Góes Leite, veterano da Guerra do Paraguai e que, por esse motivo, teve a sua trajetória em guerra destacada, como vê-se na página anterior. Também é o caso da morte de Eduardo Manoel de Araújo, filho do capitão Manoel José de Araújo e Emilia Schell, que recebeu duas colunas ressaltando, além da sua filiação, que aparentou ser de elevada importância para quem escreveu a homenagem, sua carreira como comerciante e industrialista, bem como sua trajetória política, casamento e filhos.

Uma das primeiras vezes que o termo *Necrologia* apareceu intitulado a seção de falecimentos em um jornal local foi no periódico *O Nacional*, na edição de janeiro de 1931, n. 822, página 2, que apresentou em suas páginas o falecimento de Theophila da Silva Carvalho e o desaparecimento de Renato Sá Britto.



*Eduardo Manoel de Araújo.
Acervo do Museu Histórico
Regional (PMPF-UPF).*

*Lágrimas e Prantos,
Eduardo Manoel
de Araújo. A Época.
Passo Fundo, nº 24,
09 fev. 1922, p. 3.
Acervo AHR
(PPGH-UPF).*

Lágrimas e prantos

Eduardo Manoel de Araújo

Com funda tristeza para o vasto círculo das suas relações neste meio, foi recebida, hontem de manhã, pelo telegrapho, a infausta noticia do trespasse, em Porto Alegre, do distinctissimo passo-fundense a cuja memoria consagramos estas linhas.

Filho do capitão Manoel José de Araújo, que no passado foi um dos vultos mais respeitaveis do nosso municipio, Eduardo Manoel de Araújo devia naturalmente fazer a sua carreira terrena influenciado pelo exemplo formoso em cujo ambiente nascera e fôra educado, maxime tendo por genitora uma senhora de excelsas virtudes, como era d. Emilia Schell Araújo, ha annos fallecida nesta cidade.

Não admira pois que passasse pela vida, como passou, reflectindo a austeridade daquelle varão de estirpe antiga, e a bondade exemplar dessa veneranda senhora, sempre recordada com o mais alto respeito pela nossa sociedade.

Commerciante e depois industrialista, o extinto foi neste ultimo caracter um dos grandes impulsionadores do nosso desenvolvimento economico, erguendo o importante estabelecimento madeireiro situado no Desvio Araújo, pertencente á firma Araújo & Filhos, de que era chefe.

Membro proeminente do Partido Republicano, o seu valor pessoal elevou-o ao alto posto de vice-intendente do municipio em dois quadriennios, sendo que no primeiro, de 1896 a 1900, constantemente esteve á testa da administração, como substituto do saudoso coronel Gervasio Annes, de cuja acção politica foi sempre auxiliar devotadissimo.

Além desse cargo, foi tambem conselheiro municipal, delegado de policia durante muitos annos, e supplente do juiz federal substituto.

Era um grande coração, cuja lembrança ha de perdurar cercada de benções e aureola

NECROLOGIA

Renato Sá Britto

A exma. sra. Maria Sá Britto recebeu ainda as seguintes manifestações de simpatia:

Exma. Sra. D. Maria Sá Britto — N/Cidade.

Exma. Sra.

Cumprimos o doloroso dever de, em nome do Clube Commercial, vir testemunhar sinceramente os nossos peza-mes pelo infanso fallecimento de vosso dignissimo esposo e nosso prestimoso consocio, sr. Renato Sá Britto.

Juntaudo aos do Clube Commercial os nossos sentimentos, pela perda de tão esforçado consocio, apresentamos-vos os protestos da mais alta consideração Respeitosamente.

Pela Directoria do Clube Commercial.

(AA) Orbes Marques, presidente Peiro Vargas, secretario.

— Família Sá Britto — Sinceramente comovido fallecimento presado amigo Renato, apresento meus sentidos peza-mes.

(s) Max Avila.

— Maria Elena Latorre Rodrigues e filha apresentam a senhora Maria de Sá Britto os seus peza-mes.

— Antonio Dellaglio e familia, apresentam os seus peza-mes.

— P. Alegre. Nossas condolencias. Laura Garcia.

— P. Alegre. Sentidos peza-mes. Atlantic Refininh Company.

Pela imprensa

Renato de Sá Britto

Repercutiu dolorosamente nesta localidade a infausa noticia do prematuro e inesperado desaparecimento do sr. Renato de Sá Britto, occorrido na tarde de ante-hontem, na cidade de Passo Fundo.

O extinto exercia com proficiencia, a profissao de advogado, mas o u d e evidenciou com mais fulgor o brilho de sua intelligencia e seu feito combativo, foi no jornalismo, a que ultimamente se dedica-va quasi exclusivamente.

Por occasio da luta prezidencal que ultimamente ajitou o pais, Renato de Sá Britto foi dos combatentes da primeira linha, dardejando as cintilacoes da sua pena adestrada contra o despotismo imperante, pelas columnas d' "O Nacional", de cuja redacao fazia parte.

Ha pouco atendendo convite de autoridades catarinenses, ali foi no desempenho de

vada missao, da qual se de-zezembiu de maneira impe-cavel.

A familia enlutada apre-ntamos a expressao de nosso sinsero pesar.

(Do "Jornal da Serra")

D. Theophila da Silva Carvalho

Levaram suas condolencias á familia Curio de Carvalho, pelo fallecimento de d. Theophila da Silva Carvalho, sepultada hontem, as seguintes pessoas, constantes do livro de visitas:

Mauro Prestes, Wenceslau Silveira, Eloah Leindecher, Francisco Bastos, Milton Ros, José Rocha Caetano, Ben-Hor C. d'Avila, Araby Porto, Mario Braga Junior, Fortunato Xavier de Castro, Juvenal Xavier, Pedro de Castro, Ary Porto, Theodoroo Dellaméa, José Maria Lima, Murilo F. da Silva, Erigido Miranda, Armando Loureiro Lima, Arthur Langaro, Pedro Vargas, Francisco Morsch, Honorio Porto, João Azevedo Lopes, José Oliveira Carrão, Perval Silveira, Affonso R. Penna, Adão Gama, José Moura e familia, dr. Pedro dos Santos Pacheco, Marcio Cornelio, Gil Barbosa, Oscar Cesar, Fausto Caminha por Antonio Caminha e familia, Bernardo G. Fróes, José Nunes, Nelson Sampaio, A. Raphael Fasini, Alipio Teixeira, João Manoel dos Santos, Luiz B. Castro, dr. Emilio Stigler, Arthur Pretto, Arthur Schell Issler, Armando Lima, Antonio Cornelio, Eduardo Belmonte, dr. Celso Fiori, Almirante Ilha, Lourenço Salgado, Orminio de Freitas Ubaldo, Belisario Saldanha, Cyro Schell, Luiz Meira, dr. Homero Martins Baptista, Frederico C. Daudt, Musio Lopes da Silveira, Julio Rocha Caetano, dr. Leopoldo Villanova, de Armando Gamatte, cel. João Fagundes de Souza, Oribe Marques, Benjamin Rosado, Guilherme Sperry, José Luiz de Carvalho Nobre, Ernesto Formighieri, Josino Marques, Jeronimo Marques, Pedro Marques, Octaviano Lima, Bonaparte de Lima Costa, Pery Zimmermann, Eduardo Koca, dr. Otacilio Ribas, Bruno Wolner, Olinto Oliveira, Ivo José Ferreira, Lindolpho En-

Os necrológicos no periódico local *O Nacional* já foram objeto de estudo de Jenny González Muñoz, em artigo intitulado *Necrologia en la prensa local: biografía de la muerte* (Muñoz, 2020).

A autora busca, a partir da análise de diversos necrológicos publicados naquele periódico, destacar que os cemitérios são locais de múltiplas memórias e os jornais, como espaço das letras, podem ser considerados “recuerdos de la ciudad”. Além disso, as ruas do cemitério, os túmulos e a sua estrutura retratam a comunidade onde ele está localizado, ao passo que os jornais e, consequentemente, as necrologias, refletem a sociedade os escrevem.

Conforme destaca Jenny González Muñoz (2020, p. 65), os necrológicos são documentos memoriais que narram parte da história local e, portanto, não podem ser lidos desprendidos de seu tempo e espaço. Ainda, são uma importante fonte de informação

Necrologia, Renato Sá Britto e D. Theophila da Silva Carvalho. O Nacional. Passo Fundo, nº 822, 16 jan. 1931, p. 2. Acervo AHR (PPGH-UPF).

sobre a trajetória de personalidades, porém, por se tratar de um texto elogioso, é necessário atentar-se para empreender uma análise crítica. Além disso, o necrológio não aceita qualquer trajetória em suas linhas: é delimitado por um recorte social, de classe, religioso, de gênero, recortes pelos quais até mesmo a elite está sujeita. É o que buscaremos retratar nas próximas seções do presente capítulo.

2. A REPRESENTAÇÃO DA MORTE NOS JORNAIS COMO OBJETO DE PESQUISA: CLASSES E RELAÇÕES DE PODER

As comunicações de falecimento não são feitas de forma padrão para todas as pessoas, afinal morrer não é a mesma coisa para todos. Segundo Bellomo (2008, p. 44), o discurso religioso da igualdade humana perante a morte não condiz com a realidade. Assim como no mundo dos vivos, o mundo dos mortos também é categorizado por classe, religião e outras divisões de ordem social. Em síntese, morrer acontece de forma diferente para o influente e para aquele cujo sobrenome nem conhecemos, pois em uma sociedade de classes, não há como ter mortes igualitárias.

Sobre os jornais analisados, sempre encontramos uma justificativa para o relato da morte da pessoa ser publicado no periódico. Essas publicações são fundamentadas, sobretudo, pelo vulto social do morto ou de seus familiares, destacando-se, ainda, o seu local de trabalho, ou, em último caso, por ser uma morte envolta em situação curiosa ou trágica, como suicídio, briga e/ou assassinato. Ademais, a localização do necrológio/obituário/comunicação também é de suma importância para entender o destaque do falecido na sociedade à qual pertencia, de maneira que quanto mais próximo da capa e/ou da parte superior da página, mais destaque destinava-se àquela pessoa. A título de exemplo, mencionamos os casos do coronel Gervasio Annes e do capitão Jovino Freitas, apresentados anteriormente.

2.1. RELAÇÕES DE PODER: GÊNERO

Abordar gênero, independentemente de como e a partir do que o façamos, sempre será tarefa árdua. Como estamos tratando de necrológios e obituários, não iremos nos concentrar nas divergências de teorias dentro da categoria de análise dos estudos de gênero, apenas nos apoiaremos em uma definição que dentre todas é a que mais contempla aquilo observado na imprensa local. Segundo Scott (1995) “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”.

Definido gênero como uma construção social do sexo biológico e entendendo que essa diferenciação social entre os sexos permite compreender as relações de poder da forma como são postas, podemos perceber como e porque durante muito tempo as mulheres foram definidas, enquadradas e tiveram suas trajetórias contadas a partir da visão masculina, ou mesmo a partir daquilo que se entende como o espaço da mulher na sociedade, baseado nas relações que permitiram ao masculino ser a ordem, o padrão.

Ao pensarmos em necrológios, obituários e comunicações de falecimento como possíveis fontes e objetos para estudos de gênero, ficam explícitas as características do consenso social sobre o feminino. Independente do ano do obituário/necrológio, esses aspectos estarão presentes, porém quanto mais ao passado retrocedermos, mais essas mulheres serão retratadas de acordo com a visão estereotipada do papel da mulher, ou seja, mãe, esposa, dona de casa, cuidadora.

Algo que nos chama a atenção em uma análise inicial dessas fontes é: todas as mulheres estão necessariamente vinculadas a um homem, se não como esposas, como cunhadas, filhas ou sogras de *fulano de tal*. Em nenhum momento as falecidas são ressaltadas como indivíduos, independente de terem conquistado algo ou não, e seus feitos

estão sempre ligados ao que fazem dentro do papel que lhes cabe. Um exemplo que simboliza esses discursos é o abaixo:

Após largo padecer, ante a qual a sciencia medica foi impotente, finou-se às duas horas de hontem, sendo á tarde o cadaver dado á sepultura, com grande acompanhamento, a e.ªm. senhorinha Graciosa Pretto, filha do sr. Angelo Pretto, capitalista da praça.

A mallograda joven era noiva: gelaram-se-lhez nos labios as aspirações de moça e a sua morte foi o termo de um sonho docemente azul.

A' atalçada familia Pretto, tão funda e doridamente fevida nos seus mais cáros affeitos, a expressão do nosso pezar.

NECROLOGIA

A sociedade passofundense teve um dos seus bellos ornamentos colhido pela porta inexoravel.



Necrologia, Graciosa Pretto. O Popular. Passo Fundo, 20 jan. 1915. Acervo AHR (PPGH-UPF).

Graciosa Pretto. Sem data. Fonte: Cemitério Municipal Vera Cruz.

Vemos algumas posições cabíveis para uma mulher na sociedade passo-fundense em 1915. O trecho foi retirado da necrologia do jornal *O Popular*, de 20 de janeiro de 1915. Graciosa Pretto, filha do Sr. Angelo Pretto, proprietário de terras e membro do Conselho Municipal em 1891, faleceu e a cidade perdeu um dos seus belos “ornamentos”. A perda, além de ser para o pai e para o embelezamento da cidade, também fora para o noivo, que não contará mais com seus lábios quentes.

Outro exemplo ilustrativo é o do necrológio de Anna Theodora de Oliveira Rocha, a Inharica, como se pode ver a seguir:

Necrologia

VVA. ANA TEODORA DA ROCHA

Verificou-se na manhã de hoje, às 10,30 horas, no Hospital São Vicente de Paulo o passamento da veneranda senhora, viúva Ana Teodora da Rocha, vulgarmente conhecida por D. Inharica.

Deixa além de oito filhos, todos maiores, elevado número de parentes não sómente neste município como em outras comunas.

Contava a idade de 83 anos e gosava de largo prestígio em Passo Fundo a cujas entidades de natureza filantrópica sempre emprestou consideráveis auxílios materiais além de expressivas orientações morais no que precisou a sua carinhosa atuação.

A família pobre jamais poupou qualquer benefício, auxiliando ainda, como dissemos, a todas as instituições piás e de caridade do Município.

Além desses, contam-se ainda o Circulo Operario de Passo Fundo, Hospitais, Templo religioso, Asilos, etc. os quais tiveram sempre o seu mais integral apoio, registrando-se repetidamente valiosos benefícios materiais prestados pela veneranda matrona.

Seus filhos são os seguintes: d. Lucinda Rocha Morsch, esposa do sr. Ernesto Morsch, d. Ubaldina Rocha Schleder, esposa do sr. Antonio Garbis Schleder, d. Julieta Rocha Duarte, esposa do sr. Napoleão Duarte, d. Amanda Rocha Camate, esposa do dr. Armando Camate, d. Alaide Rocha Camate, esposa do sr. Francisco Camate, d. Etelvina Rocha Duro, esposa do sr. Juvenio Rocha Duro, srs. Benedito da Silva Rocha e Avelino da Silva Rocha, estando pois ligada por laços de parentesco com destacadas famílias passofundenses.

O sepultamento de D. Ana Teodora da Rocha terão lugar amanhã, às 10 horas, devendo o feretro ter saimento da casa mortuaria, à Avenida Brasil, 213.

Verificamos, nesse exemplo, embora afastado temporalmente do primeiro, que a associação à figura masculina já se dá antes mesmo do nome da falecida - sendo "vva.", abreviação para viúva. Anna Theodora, também conhecida como Inharica, foi proprietária de terras e a primeira mulher líder política em Passo Fundo, membra da comissão do Centro Republicano Liberal e presidenta honorária do Grêmio Feminino Liberal (MIRANDA; VANIN; CARVALHO, 2018). Inharica faleceu em 12 de setembro de 1941 e tem seu necrológio estampado num dos jornais de maior importância na cidade, *O Nacional*. Aquele que não conhece a atuação política de Anna e lê seu necrológio, continua a desconhecê-la, pois os aspectos ressaltados são justamente o de que ela era viúva de alguém, mãe de vários filhos, uma alma caridosa e uma mulher que cumpria seu papel de cuidadora, através de seu trabalho filantrópico. É imperativo mencionar que se trata de 1941, nesse ínterim, o sufrágio feminino no Brasil estava consolidado há pelo menos sete anos com a Constituição de 1934, mas isso de longe passa a significar igualdade em todos os termos, visto que a atuação política de mulheres ainda é permeada por silencia-

Necrologia, Ana Teodora da Rocha. O Nacional. Passo Fundo, 12 set. 1941. AHR (PPGH/UPF)

mentos e, em muitas vezes, é invisibilizada. A maneira como o necrológico é escrito, os aspectos que são ressaltados e escolhidos nos dizem muito acerca da memória social da Passo Fundo de 1941, e de qualquer outra época, entretanto, os silêncios também devem ser interpretados – e esses podem nos dizer ainda mais.



*Anna Theodora da Rocha. Sem data.
Fonte: Cemitério Municipal Vera Cruz.*

3. A REPRESENTAÇÃO DA MORTE COMO OBJETO DE PESQUISA: OUTRAS POSSIBILIDADES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cabe ressaltar que há uma infinidade de perspectivas a serem exploradas a partir dos necrológicos e obituários. Algumas possibilidades serão apontadas a partir do que foi analisado e observado nos jornais passo-fundenses.

A saber, é possível esmiuçar acerca dos suicídios e a maneira como eles são retratados e, por vezes, descritos nos jornais passo-fundenses. Resta evidente que em 1890, por exemplo, não teríamos uma larga preocupação com a questão de os suicídios serem veiculados na imprensa, principalmente pela importância do jornal como meio de informação no início do século XX. A preocupação com a maneira como os suicídios são veiculados na mídia, e a probabilidade de essas informações servirem como incentivo a pessoas com ideias suicidas é algo muito recente. Entretanto, alguns casos são realmente curiosos, como é o exemplo a seguir:

SUICIDIO

abitantes da rua Moron e immediações, foram despertados por 2 estampidos. Conhecendo que se tratava de deflagrações de arma de fogo, accudiram todos, verificando terem sido disparados os tiros no interior do prédio n. 295, onde immediatamente providenciaram penetrar, para o que foi necessario forçar a porta que estava fechada por dentro.

Mal a porta cedeu aos impulsos violentos que a arrebataram, a multidão que então estacionava defronte o prédio penetrou no mesmo, encontrando agonisante e banhado em sangue, no seu quarto de dormir, o joven Bibiano Polycarpo dos Anjos, que havia disparado em pleno peito dois tiros de pistola Brown.

Interrogado pelos populares do motivo que o havia levado a tão tragica decisão, o desditoso joven que já se movimentava a custo, começou contando sua narrativa: Recebi hontem meu ordenado e empreguei-o todo em objectos de que necessitava. Hoje, porem verifiquei qual tolo fui, deixando de fazer minhas compras na casa Pêgas, a unica casa que vende realmente barato.

Minha magua foi tamanha, a ponto de inspirar-me esta tragedia, cujo epilogo será fatalmente minha morte!

O joven ao pronunciar suas ultimas palavras, que mal se ouviam, foi accommettido da derradeira crise.

Certamente esse anúncio não se refere a um suicídio propriamente dito, mas o fato de a propaganda da Casa Pêgas utilizar-se de uma história envolvendo um suicídio para a promoção de seu comércio torna a situação um tanto excêntrica. Ademais, convém dizer que foram encontrados mais anúncios de outras lojas envolvendo histórias de suicídio.

Além dessa possibilidade, destacamos as redes de relacionamento que podem ser trabalhadas a partir dos necrológios e notas de pesar. Por exemplo, a exposição do pêsame por meio do jornal pode representar muito mais que meras condolências. Afinal, um jornal, uma instituição ou mesmo uma pessoa civil pode estar interessado/a, ao demonstrar publicamente seu pesar com a morte de um “figurão” da sociedade (ou com seus parentes), nos negócios potencialmente bons e oportunos que logrará estabelecer com a família do morto.

Anúncio Suicídio. A Época. Passo Fundo, nº 44, 12 jan. 1921, p. 3. Acervo Instituto Histórico de Passo Fundo (IHPF).

A maneira de encararmos a morte também representa importante possibilidade de pesquisa, com o passar do tempo vemos nossa sociedade cada vez mais distanciada daquilo que nos remete à finitude, um exemplo bem claro são os velórios que não são mais realizados nas casas, mas em ambientes específicos, de preferência bem longe do ambiente residencial.

Por fim, ressaltamos que nossa intenção com este capítulo não é esgotar o tema. Ao apontarmos possibilidades de pesquisas, entendemos que explorar os necrológicos e obituários como fontes e objetos em potencial torna-se necessário pela escassa quantidade de estudos acerca da temática e pela riqueza de informações e material ainda por se descobrir nesse universo.

REFERÊNCIAS

ABUD, Cristiane de C. Ramos. *Até que a morte nos separe: relações de gênero em anúncios de Obituários do Jornal Diário Catarinense de 2014*. in: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, XXVIII, 2015, Florianópolis. Anais. Disponível em http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1423942399_ARQUIVO_Cris.pdf. Acesso em 08 nov. 2020.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. Os necrológicos e a educação da criança pela família na província do Paraná (1853-1889). *Pro-Posições*, Campinas, v. 28, n. 1, p. 81-102, Apr. 2017.

BELLOMO, Harry R. (Org.). *Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

BERTOL, Sônia; FROSI, Fabíola. O surgimento da mídia impressa no município de Passo Fundo: os primeiros 50 anos. In: BATISTELLA, Alessandro (Org.). *Passo Fundo, sua história*. Passo Fundo: Méritos, 2007. vol. 1. p. 135-154.

MARTINEZ, Monica. A vida em 20 Linhas: a representação da morte nas páginas da Folha de S.Paulo. *Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Co-*

mun. [online]. 2014, vol.37, n.2 [citado 2020-10-31], pp.71-90. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-58442014000200071&lng=pt&nrm=iso.

MIGLIORANZA, Cristiane Indiará Vernes. *O coronel e os prelos: relações entre imprensa e poder em Passo Fundo*. 2008. 128 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade de Passo Fundo, 2008.

MIRANDA, Fernando; CARVALHO, Djiovan; VANIN, Alex. Ad Sumus: a cidade dos mortos dentro da cidade dos vivos. In: MIRANDA, Fernando; ZANOTTO, Gizele (orgs.). *A morte não é o fim: culturas e identidades no Cemitério Vera Cruz*. Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2018.

MONTEIRO, Lorena. Estudos de elites políticas e sociais: as contribuições da Sociologia e da História. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 12, n. 1, p. 25-32, jan./jun. 2009. DOI: <https://doi.org/10.5216/sec.v12i1.4864>.

MUÑOZ, Jenny González. Necrologia en la prensa local: biografía de la muerte. *MOUSEION*, Canoas, n. 35, p. 57-70, abr. 2020. ISSN 1981-7207. Disponível em <https://svr-net15.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/view/6489/pdf>. Acesso em 17 out. 2020.

NORONHA, Andrius Estevam. *'Dados biográficos do extinto': análise das fontes para o estudo prosopográfico de elites locais (os necrológicos)*. In: XI Encontro Estadual de História, 2012, Rio Grande. *História de famílias nos confins meridionais: pesquisas, fontes e métodos (1600-1900)*. Porto Alegre: Pluscom editora, 2012. v. 1. p. 151-151.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação & Realidade. Gênero e Educação*. Porto Alegre: UFRGS, 1995.

EXCÉLSIOR

Orgão mensal do Grêmio Literário "Castro Alves" do Instituto Ginásial de Passo Fundo

LEMA: "SUMUS, VOLUMUS, POSSUMUS".

Diretor - Responsável: SABINO SANTOS

ANO VI

Passo Fundo -- R. G. do Sul, Abril de 1938

Número 1

Aqui estou novamente

Depois de três meses de profundo silêncio, de vida latente, volto, abrindo minhas páginas a todos que se abrigam de baixo d'êste teto amiguo e protetor.

Como a árvore que após a letargia, esdende seus ramos em busca de luz, de vida, eu aqui estou, embora humilde, mas cheio de esperança, pronto para ser o porta-vóz desta Instituição.

Vendo a ordem, o enfuciasmo, a exuberância de vida, que dimanam todos os recantos desta casa, mais do que nunca senti a necessidade de abrir minhas páginas para abrigar aqueles que queiram dár lume á palavra, ao pensamento.

Serei o amigo inseparavel de todos, porque todos nós somos acalentados pelo mesmo ideal, partilhamos dos mesmos interesses e havemos de elevar mais alto ainda a bandeira de nosso lema:

"Sumus, volumus, possumus"

O ano de 1938 promete ser um dos mais promissores para nós. Na medida que estuda, está a esdender-se a nossa estremecida Pátria.

Trabalhemos, pois, pelo engrandecimento do Instituto Ginásial, pela nossa própria felicidade e pela supremacia do Brasil.

Eu, como arauto, pronto estou para compartilhar nos trabalhos desta grande oficina, que tem por fim preparar homens para o futuro e labutar ainda mais pela glória d'êste educandário, sendo como sempre fui o amigo de todos.

EXCÉLSIOR

Palavras do Diretor

O presente ano começou o presente. Foi, na verdade, o ano de trabalhos escolares.

Para o cumprimento de um educandário, é necessária a observação de três princípios gerais:

PRIMEIRO—Esforço inteligente, consciente e penoso de todo o corpo discente para aquisição dos ensinamentos ministrados nas aulas. Pela seleção feita entre os alunos do ano passado, pelo cuidado na recepção de novos elementos neste ano, esperamos que êste princípio seja observado satisfatoriamente.

SEGUNDO—"Idoneidade, intelectual e moral do corpo docente para educação ética e mental da mocidade."

Temos evitado os esforços para conseguir um quadro de professores que exercem as nobres funções de educadores mais por "vocação" que por profissão.

TERCEIRO—"Trabalho sério e constante do educandário." É o Instituto sobre o qual se fizeram modificações importantes e várias no sentido de melhorar o ensino e a vida dos alunos de cada ano.

Dijo-me, pois, aos senhores professores e alunos dos cursos de ensino fundamental e Comercial, que o meu trabalho foi leal e persistente durante o ano letivo de 1938. E, assim, êste será o período de maior atividade e maiores resultados em toda a História do Instituto Ginásial de Passo Fundo.

W. R. SCHISLER

JORNAL COMUNITÁRIO EM
PASSO FUNDO

Otavio José Klein

Em Passo Fundo, os jornais são destaque na Comunicação Comunitária. O presente texto discute e apresenta esta realidade comunicacional, buscando compreender o contexto dos jornais comunitários, bem como seus processos e práticas comunicacionais. Com isso, busca-se contribuir com a produção de conhecimento em Comunicação Comunitária Regional, ainda tímida no universo dos estudos comunicacionais. O texto¹ considera comunicação como sendo muito mais do que transmissão de informações como pretendido pela indústria cultural e do entretenimento.

Este estudo originou-se de um processo de reflexão no ensino e na extensão em Comunicação Comunitária, nos cursos de Comunicação Social, da Universidade de Passo Fundo (UPF) (KLEIN, 2013). Vários momentos podem ser destacados neste processo. O primeiro deles ocorreu na disciplina de Comunicação Comunitária, que figurava no currículo acadêmico dos cursos de Comunicação como matéria obrigatória e passou a ser opcional. O segundo diz respeito à realização de Fóruns de Comunicação Comunitária, que oportunizaram o encontro entre a academia e a sociedade civil para refletir suas práticas comunicacionais e o ensino em Comunicação Comunitária. O terceiro momento transcorreu na extensão, caminho através do qual foi oportunizada formação alternativa para lideranças comunitárias com vistas ao aperfeiçoamento de sua prática comunicacional na radiodifusão comunitária.

¹ Uma versão anterior do texto foi construída para ser apresentada no XIII Congresso Internacional do Ibercom, nos dias 29 a 31 de maio de 2013, realizado em Santiago de Compostela, na Espanha. O texto foi publicado nos anais do evento.

CONTEXTO SOCIOCULTURAL REGIONAL

A utilização de veículos impressos na Comunicação Comunitária no Sul do Brasil está intimamente ligada às características socioculturais que marcam a formação populacional na região. A primeira delas é a sua diversidade étnico-cultural. Além dos povos de tradição indígena, ocuparam estas plagas ibéricos, sendo sucedidos por grupos de imigrantes europeus de diversas etnias. Além destes, povos africanos foram trazidos para serem escravizados. Todos estes grupos ainda mantêm presença significativa em determinadas regiões e contribuem para a constituição do atual quadro populacional no Sul do Brasil e são protagonistas em suas comunidades, característica cultural destas etnias.

A principal característica sociocultural e comum destes povos é o comunitarismo dos grupos que aqui se fixaram, deixando uma marca nas sociedades rurais, mas também nos centros urbanos, na medida em que ocorreu o êxodo rural e a consequente urbanização. Isso leva à hipótese de que o Rio Grande do Sul seja, como todo o Sul do Brasil, uma das regiões brasileiras com destacada característica sociocomunitária, ora expresso no idioma, ora na economia através do associativismo, na política através dos movimentos e partidos, na religião ou em celebrações culturais.

Historicamente, esses grupos étnico-culturais mantiveram, além da sua vida comunitária de proximidade, também meios impressos para viabilizar a sua comunicação nas e entre as comunidades de uma mesma etnia. Dois são os exemplos de mídia comunitária vinculadas étnica e culturalmente no Rio Grande do Sul, que ainda hoje circulam e já ultrapassam os cem anos de existência: o Jornal semanário *Correio Riograndense*, denominação atual do que foi o *La Libertá* (1909) nas colônias italianas, editado no idioma italiano, em Caxias do Sul, nas primeiras décadas de sua existência; e a *Revista Sankt Paulusblatt*, de 1912, criada entre os indivíduos de descendência germânica e editada

até os dias atuais em língua alemã, em Nova Petrópolis. Estes dois impressos comunitários foram e ainda são ferramentas importantes para a divulgação de atividades ligadas a cada etnia e à formação cristã católica. Diversos veículos surgiram com esta mesma finalidade, mas muitos sucumbiram em suas dificuldades. Outros continuam surgindo, alguns deles com pretensões menores, e os demais visando abranger amplas regiões e diversas comunidades com seus objetivos.

A comunicação impressa, especialmente aquela com características comunitárias, marcou a vida e a história sul-rio-grandense. Na cidade de Passo Fundo também teve/tem uma presença marcante. Um estudo de Bertol e Frosi (2013) inventariou os jornais de Passo Fundo que existiram antes do surgimento das empresas que passaram a atuar no jornalismo impresso local. A maior parte dos jornais inventariados era de organizações sociocomunitárias.

A VIDA COMUNITÁRIA

Nos últimos tempos, a vida comunitária encontra-se envolta em um fenômeno cultural que a atinge com muita força: a crescente estetização da vida comunitária, ou seja, a superficialização ou a artificialização daquilo que é definido como comunidade ou organização sociocomunitária. Nesse sentido, as comunidades passam a ter uma característica estética (BAUMANN, 2003), articulando-se a partir de gostos e aparências, possuindo uma fluidez que faz com que hoje existam e amanhã deixem de existir.

Algumas caracterizações de comunidades já foram anteriormente destacadas: o primeiro tipo é aquele que se refere à comunidade como algo negativo, isto é, a comunidade que tira a liberdade e a autonomia do sujeito; o segundo é a comunidade vista na perspectiva positiva, em outros termos, a comunidade como o lugar de segurança; o terceiro aspecto é o da estetização da vida e, em consequência, também das

comunidades, onde o pertencimento ocorre por motivos de gostos e aparências; a quarta caracterização do que seja a comunidade vem de Hall, o historiador afirma que a questão étnico-cultural é marca importante para o pertencimento comunitário diante de variadas identidades impostas de fora para dentro; a última característica é a das comunidades cidadãs ou jurídicas propostas por Habermas, ou seja, aquelas que buscam a ampliação do espaço público (KLEIN, 2013).

ALGUNS FUNDAMENTOS DA COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA

O sentido de comunicação que interessa neste trabalho é o que tem relação com a comunicação no sentido amplo da palavra, inclusive no sentido original. Interessa, porque é este o sentido que é importante para o que se entende por Comunicação Comunitária, linha de estudos basilar para este texto. Portanto, **não** importa aqui o significado de comunicação que apenas contempla a transmissão de informação ou de mensagens, mesmo este sendo um estudo de jornais comunitários.

Várias compreensões do que seja comunicação a vinculam com comunidade e destacam os aspectos que têm relação com o “comum”. Entre elas temos a de Muniz Sodré (2014, p. 9), o autor define a comunicação a partir da origem do termo, onde comunicar significa “agir em comum ou deixar agir o comum”. “Oriundo do latim *communicatio/comunicare* com sentido principal de ‘partilha’, ‘participar de algo’ ou ‘pôr-se em comum’” (SODRÉ, 2014, p. 10)².

De acordo com Sodré, há uma relação profunda entre a organização social e a comunicação. Portanto, ele afirma que é “a comunicação que torna possível a organização social, [...] ao mesmo tempo, o fazer

² “Comunicação tem sua origem etimológica no substantivo latino *communicationem* (século XV), que significa ‘ação de tornar comum’. Sua raiz é o adjetivo *communis*, comum, que significa ‘pertencente a todos ou a muitos’. E o verbo é *communicare*, comunicar, que significa ‘tornar comum, fazer saber’” (LIMA, 2004, p. 22).

comunicativo é possibilitado por um nível de organização” (SODRÉ, 2014, p. 266).

Assim, nos interessa aqui a comunicação com o sentido “agir comum” ou “deixar agir o comum”. Segundo Sodré (2014, p. 9), a comunicação consiste em “vincular, relacionar, concatenar, organizar ou deixar-se organizar pela dimensão constituinte, intensiva e pré-subjetiva do ordenamento simbólico do mundo”. Somente mais tarde, conforme a corrente funcionalista norte-americana, a comunicação passou a ser vista prioritariamente como “transmissão de mensagens ou de informações” (SODRÉ, 2014, p. 10). Sodré diz que, embora a comunicação não tenha nada a ver com transmissão de informações, foi este o significado que passou a dominar os dicionários ocidentais. Outro problema é que nesta visão da comunicação enquanto mídia e seus efeitos, foi sendo destacada a financeirização no processo de transmissão das informações por meio dela. Assim, “capitalismo financeiro e comunicação constituem hoje, no mundo globalizado, um par indissolúvel. O capitalismo contemporâneo é ao mesmo tempo financeiro e midiático” (SODRÉ, 2014, p. 55).

Essa compreensão é também compartilhada por Dardot e Laval (2017), em sua obra *Comum*. Nela, os autores citam que o comum e a comunicação divergem dos fundamentos liberais capitalistas, onde a subjetividade é substituída por produtos mercantilizados e a comunicação passa simplesmente a ser transmissão de informação e mensagens.

PESQUISA EM COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA

A Comunicação Comunitária, nos últimos tempos, tem tido uma presença maior nos estudos comunicacionais. Em linhas gerais, destacam-se três centros de estudo e difusão de conhecimento em Comunicação Comunitária no Brasil. Um deles na Universidade Metro-

dista de São Bernardo do Campo (Umesp); outro no Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária (LECC), na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); e o último é o grupo de pesquisa de Mídia, Cultura e Cidadania, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul.

São quatro os estudos brasileiros referenciais em meios comunitários de comunicação. O primeiro deles foi realizado a partir de uma pesquisa em jornais católicos no Brasil, coordenado por Gomes (1994) na Unisinos, em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. O segundo é de Peruzzo (1998), que investigou a comunicação nos movimentos populares que destaca a variedade de meios utilizados no Brasil e na América Latina, especialmente a partir da democratização do continente. O terceiro estudo é de Cogo (1998), que analisou os veículos comunitários radiofônicos no ano da criação da legislação específica no Brasil. Tanto o segundo como o terceiro estudos não destacam os meios impressos de instituições sociocomunitárias. O último trabalho é de Dorneles (2004), o qual analisa o jornalismo comunitário no interior do Rio Grande do Sul, mas voltado para as empresas jornalísticas.

Peruzzo (1998, p. 148-158) apontou as limitações da prática comunicacional dos movimentos sociais populares: a abrangência limitada dos veículos que alcançam somente uma parte da população pretendida; a inadequação dos meios para determinadas populações; o uso restrito dos veículos, especialmente os que exigem menos esforço e recursos; a pouca variedade de veículos utilizados para a comunicação; a falta de competência técnica; o conteúdo mal explorado; a instrumentalização dos veículos em favor de um objetivo fixo e negando espaço para os demais; a carência de recursos financeiros; o uso emergencial, por exemplo, em necessidades específicas; e a participação desigual dos membros da comunidade. Por outro lado, ela também percebeu os seguintes aspectos positivos: a diversificação dos instru-

mentos; a apropriação de meios e técnicas; a conquista de espaços; o conteúdo crítico; a autonomia institucional; a articulação da cultura; a reelaboração de valores; a formação de identidades; a mentalidade de serviço; a preservação da memória; a democratização dos meios; e a conquista da cidadania.

A PESQUISA

Quem faz e como é feita a comunicação impressa em comunidades na cidade de Passo Fundo? Esta pergunta orientou a coleta dos dados realizada através do preenchimento de um questionário fechado, aplicado a cada uma das instituições mantenedoras dos veículos. O trabalho com o questionário foi executado por acadêmicos dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda, entre março de 2011 e junho de 2012, na ocasião foi coletado também um exemplar de cada um dos veículos impressos. A coleta das informações reuniu dados objetivos de jornais comunitários, mas está carregada de subjetividade, pois trata-se de um encontro de sujeitos sociais em diálogo. Em várias instituições não existem registros sobre o planejamento da comunicação realizada, o que faz com que as informações colhidas sejam originadas do diálogo propriamente dito entre informante e acadêmico. Sobre isso, Vizer (2003) diz que os observadores que vão observar os atores, também são observados por eles. Portanto, se o observado também observa, o observador não é visto como simples observador, mas também como ator. Consequentemente, segundo Vizer, no processo de investigação é difícil não intervir naquilo que observamos.

O município de Passo Fundo, assim como o Sul do Brasil, foi historicamente constituído por populações de diferentes etnias. Além dos indígenas, inicialmente, fixaram residência nestas terras os tropeiros vindos do extremo sul e do centro do país e, em seguida, um

grupo de alemães fixou-se no século XIX. O município foi crescendo com a chegada de descendentes de italianos e de muitas outras etnias, principalmente de origem europeia. Atualmente, a população é multicultural e constituída por uma população de aproximadamente 200 mil habitantes. À vista disso, existem diferentes organizações sociais, como associações étnicas de origem e tradição italiana, alemã, negra, gaúcha, nordestinas, mas também outros tipos de organizações, tais como associações de moradores, instituições religiosas, movimentos populares, clubes de lazer, além das agremiações político-partidárias. Algumas delas possuem um jornal impresso.

As comunidades localizadas pela pesquisa constituem um conjunto muito diversificado de instituições da sociedade civil (terceiro setor), que vão muito além dos movimentos sociais populares anteriormente estudados (PERUZZO, 1998). São diversas organizações sociais com visões de mundo e finalidades diferentes, mas que têm em comum a prática comunicacional impressa. As instituições de Passo Fundo que têm no jornal impresso o caminho preferido para fazer a sua comunicação são associações de moradores, clubes sociais, Igrejas, sindicatos, associações culturais e movimentos sociais.

INSTITUIÇÃO MANTENEDORA DOS JORNAIS COMUNITÁRIOS	NOME DO VEÍCULO IMPRESSO
ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO BAIRRO VERA CRUZ	<i>NOSSO BAIRRO VERA CRUZ</i>
ASSOCIAÇÃO DE MORADORES SÃO LUIZ GONZAGA	<i>INFORMATIVO SÃO LUIZ GONZAGA</i>
ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES E AMIGOS DO CENTRO – AMAC	<i>INFORMATIVO AMAC</i>
CÂMARA DE DIRIGENTES LOJISTAS	<i>O LOJISTA</i>
CLUBE CAIXERAL	<i>CAIXERAL CAMPESTRE</i>
CLUBE COMERCIAL	<i>CLUBE COMERCIAL</i>
CLUBE JUVENIL	<i>INFORMATIVO CLUBE JUVENIL</i>

INSTITUIÇÃO MANTENEDORA DOS JORNAIS COMUNITÁRIOS	NOME DO VEÍCULO IMPRESSO
COMITATO PIAZZA ITÁLIA E CENTRO ITALIANO DE BENEFICIÊNCIA	<i>LA GAZZETTA ITALO-GAÚCHA</i>
EMPRESA PARA A IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS	<i>JORNAL VISÃO</i>
EMPRESA PARA UM GRUPO DE IGREJAS EVANGÉLICAS	<i>VERACIDADE</i>
MITRA ARQUIDIOCESANA DE PASSO FUNDO	<i>PRESENÇA DIOCESANA</i>
MOVIMENTO DAS MULHERES CAMPONESAS DO RIO GRANDE DO SUL	<i>DESPERTA MULHER</i>
PARÓQUIA NOSSA SENHORA APARECIDA – CATEDRAL	<i>O PEREGRINO</i>
PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO	<i>MATRIZ CONCEIÇÃO</i>
PARÓQUIA SANTA TERESINHA	<i>PARÓQUILA SANTA TERESINHA</i>
PARÓQUIA SANTO ANTÔNIO	<i>FÉ E VIDA</i>
PARÓQUIA SANTUÁRIO NOSSA SENHORA APARECIDA	<i>EIS ME AQUI!</i>
PARÓQUIA SÃO CRISTÓVÃO	<i>ESTAMOS AÍ...</i>
PARÓQUIA SÃO JOSÉ OPERÁRIO	<i>MENSAGEIRO PAROQUIAL</i>
PARÓQUIA SÃO JUDAS TADEU	<i>VIDA E MISSÃO</i>
SIMPASSO (SINDICATO DOS SERVIDORES MUNICIPAIS DE PASSO FUNDO)	<i>JORNAL SIMPASSO</i>
SINCOMÉRCIO (SINDICATO DO COMÉRCIO VAREJISTA DE PASSO FUNDO)	<i>INFORMATIVO SINCOMÉRCIO</i>
SINDICATO DOS BANCÁRIOS	<i>CURTAS E NOVAS</i>

A maior parte das instituições não tem seus objetivos formalizados para a produção e circulação dos veículos impressos. Porém, pelas informações reunidas através do questionário, em palavras-chave, nas respostas dos responsáveis, pode-se afirmar que as instituições possuem como principal objetivo informar o seu público. Nas associações de moradores um complemento é des-

Quadro 1. Relação das 23 instituições comunitárias e seus veículos impressos. Fonte: Elaboração do autor.

taque ao objetivo principal: contribuir com a solução dos problemas enfrentados pelas comunidades. Já nos 11 veículos das Igrejas, além do objetivo principal, deseja-se formar os seus membros e divulgar os seus acontecimentos. Ainda, nos objetivos das Igrejas aparecem as seguintes palavras-chave: integrar, evangelizar, orientar, formar e comunicar. As instituições pretendem, portanto, principalmente informar os membros associados com os veículos impressos, porém, algumas delas têm como segundo objetivo a formação, o que ocorre principalmente nos impressos católicos, mas também no único impresso vinculado aos movimentos sociais. Essas instituições, tradicionalmente, desenvolvem programas de formação de liderança para as tarefas internas das organizações, mas também para o engajamento em outras instituições da sociedade civil. O que chama a atenção é que nem as associações de moradores nem os sindicatos possuem este objetivo com os seus veículos impressos, o que não quer dizer que não estejam realizando a sua missão neste sentido.

As instituições que mais utilizam os veículos impressos são as mais tradicionais, especialmente os clubes, as Igrejas e os sindicatos. A maior parte das instituições participantes da pesquisa, ou seja, 48% delas, é ligada à Igreja Católica, que é uma instituição mais abrangente do que o município. Os sindicatos que possuem veículos impressos em Passo Fundo têm 17% dos jornais que integram a pesquisa. Estas instituições também ultrapassam, com suas organizações, o nível municipal. As associações de bairros constituem 13% dos impressos e articulam-se somente no nível municipal. Dentre as instituições que mais se articulam estão as Igrejas, os sindicatos e o movimento social. As associações possuem rede de abrangência municipal, enquanto os clubes funcionam sem compor redes.

Em contrapartida, a diversidade étnico-cultural presente na formação da população de Passo Fundo é pouco expressa nos jornais comunitários. Apenas um deles está voltado para assuntos que envolvem

a cultura e a etnia italiana. Dois tradicionais clubes, cujas publicações fazem parte deste estudo, tiveram suas origens ligadas à etnia italiana e alemã, porém pouco resta nos clubes desta marca histórica³. Em um dos exemplares do informativo do clube de tradição italiana há quatro referências a esta relação: torneio e jantar de bocha; entrevista com um casal de bochófilos; Noite Italiana na comemoração do 109º aniversário de sua fundação por imigrantes italianos; e uma receita culinária de filé à parmegiana. Todavia, no informativo do clube de origem germânica não há nenhuma referência à sua histórica relação com a etnia alemã.

As instituições que têm jornais impressos no município de Passo Fundo privilegiam o comunitário próximo, também definido como comunicação de proximidade. Quase a metade, 48% dos impressos, circula no seu bairro, e somente 22% circulam no território urbano de Passo Fundo. Contudo, o que chama a atenção é que 26% dos impressos pesquisados possuem circulação regional. Os impressos das associações de moradores têm o seu público no bairro, onde circulam, enquanto os clubes fazem circular os seus impressos principalmente na cidade. As Igrejas fazem e distribuem os seus impressos nos bairros (73%), na região (18%) e na cidade (9%).

Vale dizer que, ao todo, as instituições pesquisadas possuem 598.316 membros filiados, sem contar os seus dependentes. Esse dado é surpreendente se comparado ao número de habitantes da cidade. O que leva a crer que existe uma influência muito grande destas instituições no seu entorno, especialmente por algumas instituições religiosas que mantêm o seu jornal para a região, atingindo vários municípios.

Os jornais das comunidades de Passo Fundo são caracterizados aqui como comunitários, mas alguns deles podem ser considerados também como cidadãos, porém são pouco ou quase nada alternativos.

³ No Clube Juvenil, que nasceu a partir da articulação de descendentes alemães há mais de um século, houve, nos últimos anos, uma dissidência de um grupo que se desligou e fundou a Associação Sociocultural Alemã de Passo Fundo.

Segundo Martin-Barbero (2009), os meios alternativos são aqueles pequenos e que significam uma alternativa aos grandes meios comprometidos e entregues ao imperialismo. Dito isso, em nenhum deles e em nenhuma das instituições mantenedoras percebeu-se manifestação de que os veículos são uma alternativa ao que faz a mídia hegemônica privada. Já os comunitários, segundo o autor, são aqueles que favorecem a democratização interna dos meios com a participação do povo. Enquanto os meios cidadãos, para ele, são os que falam da vida do bairro, do município, olham para o país, têm coisas a dizer ao país. Em outros termos, trata-se de expressão da vida cotidiana das pessoas, de um bairro, de um município, de uma região, interpelando-a à vida do país.

Outrossim, Cicília Peruzzo (2010) diz que a prática de comunicação nas instituições pode ser classificada como comunitária quando se dá num “processo comunicativo que requer o envolvimento das pessoas de uma comunidade, não apenas como receptoras de mensagens, mas como protagonistas dos conteúdos e da gestão dos meios de comunicação”.

Isso posto, quais são as características dos jornais impressos comunitários de Passo Fundo? Eles revelam uma realidade multicultural? São representativos de uma realidade comunitária ou já expressam um processo de estetização? Buscamos responder a estas perguntas ao analisar as características dos 23 jornais comunitários de Passo Fundo.

O jornal é, certamente, o meio mais utilizado para a comunicação das instituições sociocomunitárias em Passo Fundo⁴ e o número de veículos comunitários existentes é bem superior ao número de jornais diários ou semanários de empresas jornalísticas existentes no município.

A principal razão do uso dos veículos impressos tem relação com a sua menor complexidade, tanto na produção e na sustentação quanto na distribuição da informação, em relação a outros veículos, tais como

⁴ Não estamos considerando a comunicação interpessoal que também ocorre de forma muito intensa na convivência comunitária.

o rádio e a televisão⁵. Possibilita também maior autonomia e liberdade, ao mesmo tempo que acompanha o ritmo da informação comunitária propriamente dita. Além disso, o jornal independe de concessão pública e de maiores investimentos de infraestrutura, como é o caso do rádio e da televisão. Em Passo Fundo, constatou-se que quando o rádio e a televisão são buscados como veículos para comunicação comunitária, isso ocorre principalmente por movimentos sociais, ou seja, aqueles denominados de populares ou sindicais, que têm como objetivos também o aumento do espaço público e a transformação social.

Em relação ao número de exemplares por edição, observou-se que 30% deles possuem uma tiragem de até 1.000 exemplares, 26% têm entre 1.001 e 2.000 exemplares. Outro grupo de impressos (22%) possui entre 2.001 e 3.000 exemplares por edição. Os demais estão distribuídos com percentual menor, porém com número maior de exemplares, tais como: 13% têm entre 3.001 e 4.000 e 9% possuem tiragem acima de 4.000 exemplares por edição. Os dados demonstram que a maioria dos impressos, mais da metade, possui até 2.000 exemplares, entre os quais se situam os jornais das associações de moradores e de algumas Igrejas. Os dois veículos com maior número de exemplares são de instituições católicas, com 4.500 e 5.000 exemplares, respectivamente.

Quanto ao número de páginas por edição, os impressos podem ser considerados pequenos. Destacam-se os impressos comunitários de quatro páginas (39%), os de oito páginas (26%) e os de 12 páginas (18%). Os menores impressos são os das associações de moradores, visto que todos eles possuem até oito páginas. Os impressos das Igrejas, majoritariamente, também possuem até oito páginas, porém quatro deles têm 12 ou mais páginas. Os maiores impressos, em relação ao número de páginas são os dos clubes sociais: um deles tem 12, outro, 16 e outro, 64 páginas.

⁵ A internet ainda não despontava como lugar de comunicação das instituições.

A existência da periodicidade regular foi utilizada como critério de inclusão dos jornais na pesquisa. Os dados mostram que ela é diversa, ou seja, vai de mensal a semestral. A maior parte deles, 48%, tem a sua edição mensal, 31% bimestral e 13% trimestral. Os impressos dos clubes têm a periodicidade maior (trimestral e semestral), os impressos das associações de moradores são bimestrais, enquanto a maioria dos impressos das Igrejas circula mensalmente.

Através da pesquisa procurou-se saber também a longevidade dos impressos comunitários existentes na cidade. A maioria teve sua criação recentemente: 61% têm menos de 10 anos e somente um deles tem mais de 30 anos de existência. Seis deles (27%) surgiram nos últimos 30 meses, ou seja, praticamente durante o período da realização da pesquisa. Esses dados demonstram, possivelmente, as dificuldades de sua manutenção e sustentação. Assim, muito embora surjam novos, outros deixam de existir.

A maior parte dos jornais, 78% deles, é produzida por uma equipe, constituída principalmente por voluntários. Outra parte, 22%, é produzida por uma única pessoa responsável pela comunicação. Todos os clubes possuem equipe para produzir o impresso, enquanto 82% dos veículos das Igrejas e 66% dos jornais das associações de moradores e dos sindicatos têm esta prática. A presença de profissionais da comunicação na produção dos jornais ocorre em 43% dos veículos, predominantemente nos clubes (66%) e nas Igrejas (36%).

Em primeiro lugar, como modalidade de distribuição dos impressos mais utilizada, está a do ponto de distribuição, aparecendo em 57% dos jornais. Algumas comunidades utilizam somente o ponto e outras mesclam com outras modalidades de distribuição, tais como o correio e a entrega em domicílio. Em segundo lugar, em 44% das entidades, destaca-se a entrega em domicílio. Cabe ressaltar que o ponto de distribuição é a modalidade principal utilizada para a circulação dos impressos nas Igrejas, com 73%, já a distribuição em domicílio aparece

em 64% dos seus impressos. Nas associações de moradores predomina a entrega em domicílio (66%), enquanto nos clubes o ponto de distribuição é a modalidade preponderante (66%). A maioria dos veículos impressos é distribuída entre os participantes ou filiados das organizações sociais no município, porém, alguns deles contemplam também pessoas das organizações fora do território municipal. Exemplo disso são, especialmente, dois jornais: um católico que é distribuído para uma população regional (aproximadamente 50 municípios), e o outro de movimento social de mulheres camponesas que possui abrangência estadual.

Quanto às dificuldades encontradas com a produção e a circulação dos jornais, a maior parte das instituições teve dificuldades na formulação de uma resposta para esta questão. Algumas não responderam e outras disseram que não existiam dificuldades, entre eles estão dois sindicatos, dois clubes e duas Igrejas. Três instituições apontaram como principal dificuldade a produção do impresso; destaca-se que uma delas possui profissional para produzir o jornal, e outras duas não. Quatro paróquias da Igreja Católica têm dificuldades na distribuição, ou seja, o ponto de entrega ou a entrega em domicílio, adotados para fazer o jornal chegar aos receptores, não são suficientes. Uma instituição apontou a dificuldade para manter a sua periodicidade regular, mesmo tendo a presença de profissional na produção. Já a outra apontou a falta de apoio da comunidade. Entretanto, a principal dificuldade apontada foi a da sustentabilidade do veículo, sendo referida por sete instituições. Dentre elas, seis instituições têm a publicidade como forma de sua sustentação.

Nesse viés, quanto à questão da sustentação dos veículos, foram constatadas, principalmente, duas formas adotadas. A primeira delas é a venda de espaço publicitário, praticada por 70% dos veículos. Uma parte significativa desta venda é de publicidade comercial, com 58%, e a outra de publicidade de serviços, com 42%. Mas o que mais in-

teressa é a localização dos anunciantes em relação à abrangência do jornal. Nesse sentido, destacam-se dois tipos de anunciantes, ou seja, aqueles que se localizam na área de abrangência do jornal e aqueles que não têm vínculo geográfico com a instituição mantenedora. O primeiro tipo de anunciante é o que aparece com maior percentual, dado que 70% dos anúncios dos jornais pesquisados são originários de anunciantes que não têm proximidade geográfica com a instituição e o veículo, enquanto 30% dos anunciantes têm relação de proximidade, ou mais do que isso, são membros das instituições patrocinadas.

A segunda forma de sustentação é aquela em que a instituição, por planejamento orçamentário, inclui a comunicação em suas contas ordinárias, ou seja, tem a comunicação impressa como parte de suas despesas ordinárias. Nesse formato encontram-se 13% dos veículos pesquisados. Ainda, foram constatadas outras três formas de sustentação de menor incidência: a sustentação mista entre recursos da entidade e da venda de espaço publicitário, onde se encaixam dois veículos (9%); através da contribuição de doadores; e pela contribuição de assinantes.

Nota-se que as instituições, para resolver as dificuldades de sustentação de sua comunicação, buscam financiamento para além de seus membros, o que por um lado fragiliza a comunicação, que fica refém dos investimentos externos, e por outro descompromete a comunidade, que não participa do processo de sustentação da comunicação comunitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os jornais das instituições sociocomunitárias são o reflexo da intensidade da vida comunitária que ocorre em seu interior. Apesar das dificuldades enfrentadas pelas comunidades, a comunicação im-

pressa que elas produzem e distribuem impressiona, principalmente pelo número de impressos e de páginas publicadas e distribuídas por elas. Portanto, nesse momento, é seguro afirmar que o número de páginas impressas nos jornais comunitários de Passo Fundo supera o número de páginas dos jornais diários das empresas jornalísticas no município. Além disso, é imperativo dizer que os jornais comunitários são diferentes dos veículos impressos pelas empresas de comunicação que circulam a quase cem anos na cidade de Passo Fundo. São diferentes nos objetivos, no conteúdo, na produção, na forma de financiamento, no formato e na distribuição, etc.

Entretanto, as principais dificuldades para a manutenção e o desenvolvimento da comunicação comunitária impressa têm relação direta com as dificuldades da vivência comunitária. A maior parte das instituições que mantêm os periódicos impressos é tradicional, o que aponta para um problema em vista de sua manutenção ou ampliação desse tipo de comunicação futuramente. Posto que esse futuro aponta para uma significativa transformação na comunicação comunitária com a popularização de ferramentas comunicacionais na internet.

Para além disso, percebe-se uma erosão da identidade das instituições comunitárias, pois a maior parte delas não tem mais vida comunitária, mas sim apenas atividades, eventos ou comemorações para os quais os associados são convidados por alguns remanescentes que lutam para não deixar morrer o que no passado era uma comunidade, ou seja, tinham mais em comum do que morar na mesma região da cidade ou professar as mesmas crenças. Para evitar o seu desaparecimento, é comum as organizações se adaptarem às novas realidades, especialmente, a uma estetização e superficialização, que de longe constitui característica importante da vida comunitária.

Ao concluir, podemos afirmar que além das dificuldades da vida comunitária, os seus jornais, conforme Peruzzo (1998), têm como dificuldades o uso restrito e a pouca variedade dos meios, a falta de com-

petência técnica e, ligado a isso, a carência de recursos financeiros. A questão da participação da comunidade na produção e na gestão da sua comunicação também é destaque entre as dificuldades, pois são raras as comunidades que conseguem fazer do canal impresso um veículo da comunidade, restringindo-se a ser um veículo para a comunidade.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade – a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar. 2003

BERTOL, Sônia, FROSI, Fabíola. *O Surgimento da mídia impressa no município de Passo Fundo/RS - os primeiros 50 anos*. In: Revista Acadêmica do Grupo Comunicacional de São Bernardo. Ano 1. n° 1. Janeiro/Junho 2004.

COGO, Denise. *No ar... uma rádio comunitária*. São Paulo: Paulinas. 1998

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *Comum – Ensaio sobre a Revolução no Século XXI*. São Paulo: Boitempo, 1917.

DORNELLES, Beatriz. *Jornalismo “comunitário” em cidades do interior – uma radiografia das empresas jornalísticas: administração, comercialização, edição e opinião dos leitores*. Porto Alegre: Sagra/Luzatto. 2004.

GOMES, Pedro Gilberto e KASTER, Irene. *A situação da imprensa católica no Brasil: carências e necessidades*. In: Revista Verso e Reverso. Unisinos. Ano VIII. n 14, 1994.

KLEIN, Otavio José. *O processo acadêmico no surgimento de uma pesquisa em Comunicação Comunitária*. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2664-1.pdf>. Acessado em: 09 de janeiro de 2013.

LIMA, Venício Artur de. *Mídia: teoria e política*. 2.ed. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

MARTIN-BARBERO, Jesús. *Uma aventura epistemológica*. In: Matrizes,

ano 2, n. 2, São Paulo: USP, 2009.

PAIVA, Raquel. *O espírito comum* – Comunidade, mídia e globalismo. 2 ed. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda. 2003.

PERUZZO, Cícilia Maria K. *Comunicação nos movimentos populares* – A participação na construção da cidadania. Petrópolis: Vozes. 1998.

PERUZZO, Cícilia. *Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária*. Disponível em: www.unifra.br/professores/rosana;Cicilia+Peruzzo. Acessado em: 28 de março de 2010.

SODRÉ, Muniz. *A Ciência do Comum* – Notas para o Método Comunicacional. Petrópolis: Vozes, 2014.

SODRÉ, Muniz. *Prefácio à 1ª edição*. In: PAIVA, Raquel. *O espírito comum* – Comunidade, mídia e globalismo. 2 ed. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda. 2003.

VIZER, Eduardo. *La trama (in)visible de la vida social* – comunicación, sentido y realidad. Buenos Aires: La Crujía. 2003.

DERROTA DO EIXO A LESTE DE EL-GUETAR

Circulos Autorizados Yankees Anunciam Tremenda Ofensiva Aérea Contra O Reich

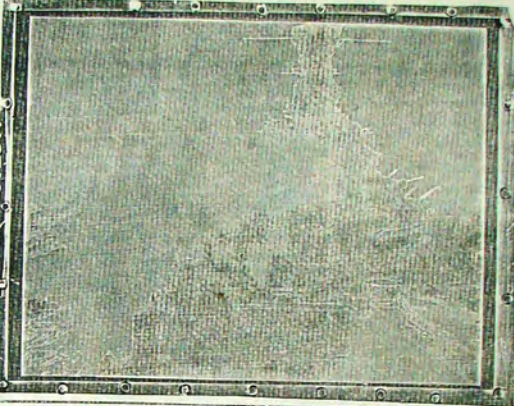
Reduzido para 17 anos o limite minimo de idade

Para os candidatos ao curso de pilotagem -- Dispensa de condição de ser reservista

RIO, 8 (Agência Nacional) — Em aviso ao Chefe do Estado Maior, o Ministro da Aeronáutica, sr. Salgado Filho, declarou ter resolvido reduzir para 17 anos o limite mínimo da idade para os candidatos ao curso de pilotagem e dispensar a condição de ser reservista de qualquer das corporações armadas, desde que o candidato esteja em situação regular em face da Lei do Serviço Militar.

Departamento de Presídios do Estado de São Paulo

SÃO PAULO, 8 (Agência Nacional) — O sr. Fernando Costa, interventor federal, assinou um decreto-lei, ontem, criando o Departamento de Presídios do Estado, nova repartição administrativa que reúne em um só organismo todas as prisões, nos termos do projeto da autoria do sr. Acácio Nogueira, secretário da Segurança Pública, há dias falecido. Para diretor do Departamento de Presídios foi nomeado o professor Flaminio Favero, cientista dos mais conhecidos no país, com larga folha de serviços prestados ao Brasil. Para diretor administrativo da Penitenciária do Estado, por decreto da mesma data, foi nomeado o dr. Henrique Souza Queiroz, na vaga aberta com o falecimento do sr. Acácio Nogueira, que era diretor efetivo desse estabelecimento presidiário.



Dominando OS mares

Impressionante detalhe de um couraçado norte-americano, em pleno oceano, em demarcação da sua base, depois de haver participado de uma batalha naval contra as forças japonesas, que tiveram de bater em retirada, após sofrer pesadas baixas. FOTO DA INTER-AMERICANA, para O N. 1214.

Mais de 400 casas destruídas ou avariadas

Quando do ataque às Fabricas Renault — Revelou ontem a comissão de peritos da Prefeitura do Departamento de Senas informaram que foram destruídas ou ficaram gravemente avariadas, mais de 400 casas, dada a ação dos aviões norte-americanos, quando do ataque empreendido contra as fabricas Renault, instaladas nas proximidades de Paris.

Chegou ao Rio o Cel. Valério Braga

RIO, 8 (Agência Nacional) — Viajando em avião da VASP chegou ontem a esta capital, proveniente de São Paulo, o cel. Valério Braga, que, a convite do ministro João Alberto, veio ao Rio a fim de tratar de assuntos relacionados com a saída de algodoão do Brasil.

de Moraes, comandante do 2.º Regio Militar, assumiu um ato designando o capitão Geraldo Lemos do Amaral para representante daquele comando junto à Intervenitoria Federal, nas questões concernentes à defesa passiva anti-aérea.

Noticias desportivas

S. PAULO, 8 (Agência Nacional) — O centro-médio Spinalis, só reaparecerá no Spitznag no jogo do dia 15.

Uma visita à Associação Brasileira de Imprensa

Felto pelo ministro paraguaio Delmas — O Ministro da Justiça do Paraguai, sr. Anibal Delmas, que era se encontrando nesta capital, visitou ontem, em companhia do embaixador daquele país amigo, gal. Juan Batista Ayala, a Associação Brasileira de Imprensa.

NOVO, VARIADO E FINISSIMO SORTIMENTO

DE TAPETES
Receber a CASA GIGIHA
AV. BRASIL, 662
DESLUMBRANTES MOBILIÁRIOS PARA QUARTO E ARANDEIA !!

Foi arrasador o ataque a Messina

CARLO, 8 (Agência Nacional) — O ataque aéreo realizado a noite de ontem contra Messina, na Itália, foi arrasador, com a destruição de muitas casas e a morte de muitas pessoas.

A incursão dos alemães em Inglaterra

LONDRES, 8 (Agência Nacional) — Anunciaram que os alemães, que atacaram hoje Londres da costa meridional da Inglaterra, foram destruídos.

OFENSIVA AEREA ALIADA QUE DURARÁ 60 DIAS E 60 NOITES

E devastará o território do Reich, obrigando os nazis a renderem-se incondicionalmente

LONDRES, 8 (Agência Nacional) — Os círculos autorizados americanos declaram que, posteriormente a uma operação aérea, de acordo com os estudos dos peritos aeronáuticos, lançará sobre a Alemanha uma média de 1000 toneladas de bombas por dia. Essa ofensiva, que terá a duração de 60 dias e 60 noites, devastará de tal modo o território do Reich, que os nazistas não terão outro recurso senão render-se incondicionalmente. Ainda em virtude desse ataque, os aliados poderão iniciar a invasão da Europa e estabelecer a frente ocidental — declaram os mesmos comentaristas.

“PERIGO IMINENTE”:

UMA LEITURA DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL NAS PÁGINAS DA IMPRENSA PASSO-FUNDENSE

Preparação para junções

S. PAULO, 8 (Agência Nacional) — Segundo o que se sabe, contratado pelo Sr. Paulo F. C. deverá chegar hoje a esta capital, vindo de avião. Na 2.ª Região Militar Designação S. PAULO, 8 (Agência Nacional) — O gal. Miscareuilas

Benhur Jungbeck

do Brasil S. PAULO, 8 (Agência Nacional) — Fundou-se ontem nesta capital, a Associação das Rádio-Emissoras do Intelector do Brasil, com a presença de representantes de 45 estações de rádio de vários setores do País.

Da mesma forma que a sociedade, a imprensa transforma-se a cada dia e deixa de ser, como fora por séculos, apenas “imprensa impressa”, ou seja, já há algum tempo a acessamos por meio de telas e *touches* (toques). O suporte papel já não tem mais o senhorio da informação midiaticizada. Os diversos tipos de leitores ainda buscam diária e avidamente por informações, no entanto, agora, majoritariamente em suportes que já não são mais o papel jornal dos periódicos diários em geral ou o papel *couché* de suas seções especializadas.

Podemos ler o mundo nas páginas dos periódicos. Conforme o historiador Robert Darnton (1996, p. 18), a leitura é uma busca de significados e pode ser feita em textos, mas também em imagens, ou mesmo em patrimônios materiais ou imateriais. Assim, os jornais de uma época possibilitam a leitura e o entendimento de espaço e de tempo: do espaço regional e internacional que era lido e entendido pela população de Passo Fundo e região na década de 1940; e, também, a leitura do tempo. Para o pesquisador que se dedica a essa atividade há uma leitura em busca dos símbolos e seus significados em torno da vida das pessoas daquela época.

A GUERRA QUE SE APROXIMAVA

Observaremos um período relativamente curto e que, em razão dos conflitos levados a cabo, se destacou dentre os outros anos do século XX: a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Faremos uma delimitação temporal entre os anos de 1941 e 1945, em que tentare-

mos demonstrar uma das facetas deste conflito, qual seja, a sua inserção em uma delimitação regional, enfatizando a questão da veiculação de notícias a respeito da guerra na imprensa escrita, isto é, o tipo de informações a que a população tinha acesso àquela época. Nossa delimitação espacial estará situada na região circundada pela cidade de Passo Fundo (RS), que nas décadas de 1930 e 1940 já vinha se firmando como polo regional, portanto também emanador de ideias para as comunidades menores que a circundavam. O intuito será demonstrar que aquele conflito, em toda sua amplitude internacional, em que se envolveram os cinco continentes e no qual a vida de milhões de pessoas foi afetada, também comporta uma análise com recorte espacial mais específico e, nesse sentido, tentaremos verificar as informações veiculadas pelos jornais *O Nacional* e *Diário da Manhã*. Cabe destacar que a imprensa, em determinados casos – os momentos de crise podem ser propícios, já que as expectativas são maiores do que em outros momentos – pode colaborar para transformar as expectativas ou os pontos de vista das pessoas¹.

A situação do Brasil do início da década de 1940, após o período mais grave da depressão econômica da década de 1930, era de instabilidade². No campo mais preciso da política, a década anterior também havia legado o “estado de compromisso”, onde os diversos grupos sociais buscavam estabelecer seu terreno e tirar seu quinhão. O país tentava industrializar-se e urbanizava-se. No âmbito internacional,

¹ Trabalhamos com a perspectiva da recepção da imprensa jornalística com base em dois grupos. O primeiro, de forma mais direta, obtém as informações a partir da leitura dos jornais. Já o segundo, de forma indireta, é formado por pessoas que, não tendo acesso ao jornal, passam a saber o que é veiculado na imprensa escrita a partir do primeiro grupo.

² Nome com que é tradicionalmente designado na historiografia brasileira o período ditatorial que, sob a égide de Getúlio Vargas, teve início com o golpe de estado de 10 de novembro de 1937 e se estendeu até a deposição de Vargas, em 29 de outubro de 1945. Duas linhas básicas de interpretação têm prevalecido na maneira de situar essa fase abertamente ditatorial no curso do processo político inaugurado pela Revolução de 1930. Uma primeira interpretação tende a situar o Estado Novo como um parêntese ditatorial, provocado por causas conjunturais internas e externas, no processo de democratização das instituições políticas brasileiras iniciado em 1930 e retomado em 1945.

segundo o historiador Gerson Moura (1991, p. 17), era o momento de vigência de uma “política pendular”, onde a política do Presidente Getúlio Vargas barganhava entre os favores dos Estados Unidos e da Alemanha: externamente, não havia um sistema de poder claro e definido; e internamente, a discussão, que ia das instâncias mais centrais às mais inferiores, não definia qual seria a melhor opção de aliança para o Brasil (MOURA, 1991, p. 3-6).

No entanto, com o início da Segunda Grande Guerra (1939), o Brasil perde parte de seu poder de negociação. Nesse sentido, o conflito mundial trouxe ao país problemas econômicos e políticos. De qualquer maneira, no início de 1942, o Brasil rompeu relações com o Eixo³, por pressões de ordem externa, no caso a norte-americana, e também interna, de “correntes de opinião pró-americanas, organizações nacionalistas como a Liga Nacional de Defesa e o Clube Militar e organizações de esquerda, como o Partido Comunista e os remanescentes da ANL” (MOURA, 1991, p. 27).

As notícias veiculadas em Passo Fundo pelos dois maiores jornais locais davam conta, nos últimos meses que antecederam ao ataque japonês à base norte-americana de *Pearl Harbor*, no Pacífico, de questões relativas à campanha de nacionalização levadas a cabo pelo Governo Federal. A saber, escolas eram fechadas no interior do estado do Rio Grande do Sul e professores perderam seus cargos por estarem envolvidos com atividades consideradas em desacordo com tal política. Podemos observar, em notícia do dia 28 de outubro de 1941, que “por ordem superior foi fechada a escola Fagundes Varela do município de José Bonifácio (atual município de Erechim), por flagrante desrespeito às leis de nacionalização”⁴.

³ O Eixo era composto pela Alemanha (nazista), Itália (fascista) e Japão.

⁴ NA 7A. DELEGACIA REGIONAL .. . *O Nacional*. Passo Fundo, 28 out. 1941. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

Ainda, iniciavam-se os debates em torno do que foi chamado de “trabalhos aviatórios”, ou seja, acerca das possibilidades de desenvolvimento da aviação regional, por exemplo, dos recém-criados Aeroclube de Carazinho e de Passo Fundo. Também já se cogitava a possibilidade de treinamento de pilotos em aeroclubes locais para a defesa aérea interna, e a sociedade era chamada a associar-se ao aeroclube e auxiliar em eventos como o “baile do alumínio”, festividade que tinha o intuito de angariar fundos para essas atividades.

Nessa perspectiva, os primeiros dias de dezembro de 1941 foram conturbados para a situação internacional, pois a Segunda Guerra Mundial entrava em uma nova fase. O tabuleiro de operações movimentava-se novamente, agora mais decisivamente e em direção ao continente americano. Algumas peças do jogo moviam-se, perseguindo objetivos declarados, já outras, no momento, ainda se deparavam somente com a possibilidade do conflito. À vista disso, a sociedade passo-fundense cogitava o perigo de uma guerra e reagia à situação, com as agressões que seriam sofridas ao Eixo, com a possibilidade de uma futura declaração de guerra pelo Brasil. Sentia-se a crescente exaltação. Seriam, em breve, realizados na cidade, em 1942, os chamados “comícios-monstro”, que reuniam grandes multidões.

Quando confirmado o ataque japonês, em 7 de dezembro de 1941, à base naval norte-americana de *Pearl Harbor*, o Brasil declarou-se, por intermédio de Getúlio Vargas, solidário aos Estados Unidos. Foi um dos primeiros movimentos para a participação brasileira direta no Segundo Conflito Mundial ao lado da causa Aliada. Nos jornais, encontramos menção à palavra “guerra” em relação ao Brasil apenas no final de janeiro de 1942 e, mesmo assim, de forma indireta, pois aparece numa alusão à Marinha de guerra brasileira, declinando-lhe, naquele momento, o orgulho e a potência em que se enquadrava essa instituição.

Comumente, diz-se que a participação brasileira no conflito se

restringe às avarias sofridas pela Marinha, sobretudo a mercante, e, conseqüentemente, à declaração de guerra ao Eixo e envio de tropas à Europa em colaboração com a causa Aliada, em julho de 1944. Nessa perspectiva, reduz-se a capacidade de análise do conflito. No entanto, podemos ampliá-la incorporando à observação dos movimentos da guerra e das reações da população um elemento que não poderia passar despercebido como uma das peças que compõem o tabuleiro de operações dos personagens envolvidos, quais sejam, os conflitos que envolveram o que chamamos de o *front interno* do conflito mundial, isto é, as ações realizadas por indivíduos ligados ao pacto tripartite ou seus simpatizantes no território nacional – chamados de “quinta-colunas”⁵ (FLORES, 1996, p. 430-431) –, como também as conseqüentes reações da sociedade brasileira.

Naquele momento, os periódicos já levantavam a possibilidade de infiltração estrangeira por súditos dos países do Eixo e as notícias demonstravam as dúvidas e os perigos que esses núcleos poderiam trazer ao país por sua atuação no *front interno*, ou seja, a colaboração para com seus países. Nos jornais há também a referência de que a implantação de muitos núcleos estrangeiros estaria seguindo a orientação de seus países de origem.

Na região de Passo Fundo constatamos que foi desenvolvido o trabalho, por parte da polícia municipal, de repressão ao movimento de estrangeiros ou brasileiros ligados aos interesses do Eixo. Como exemplo, foi noticiada a prisão de um passo-fundense que guardaria em sua casa, no interior do município, armas de guerra, na verdade, dois mosquetões. O fato é que as armas foram apreendidas e o inquê-

⁵ A expressão “quinta-coluna” foi usada originalmente pelo gal. Francisco Mora por ocasião da conquista de Madrid por Franco, em 1939. Sendo a cidade sitiada por quatro colunas, referia-se aos colaboradores que se achavam na cidade como a “quinta-coluna”. Durante a Segunda Guerra Mundial, a expressão “quinta-coluna” ou “quinta-colunista” designou agentes inimigos que, disfarçados entre o povo, praticavam sabotagem, faziam propaganda colaboracionista e divulgavam notícias falsas. FLORES, Moacyr. **Dicionário de história do Brasil**. Porto Alegre: Edipucrs, 1996. p. 430 – 431.

rito policial foi enviado ao Tribunal de Segurança Nacional para ser julgado conforme veiculou *O Nacional*:

Em diligência efetuada ontem, às 9 horas, as autoridades apreenderam, no lugar denominado Estiva, neste município, 2 mosquetões. Essas armas de guerra foram encontradas na residência do sr. Acir Lima e se achavam guardadas em um armário.⁶

Não são comuns menções nos jornais a respeito desse tipo de atividade policial em que os visados eram brasileiros. Todavia, as diligências policiais ocorriam, geralmente, por indicações da própria população, como na denúncia de posse de armas. As notícias não relatavam somente que haviam sido apreendidas armas, mas também citavam o local e o nome dos envolvidos, complementando que, de acordo com a legislação em vigor, elas deveriam ser apreendidas e o inquérito, enviado ao Tribunal de Segurança Nacional. Nessas ações, a polícia podia estar somente se valendo da legislação, sem analisar outras possibilidades, como o fato de tais armas serem muito antigas, de não estarem em condições de uso, ou de que era hábito de moradores de áreas rurais terem armas em casa. Lembramos que o Rio Grande do Sul, no período anterior ao estudado, havia tido envolvimento em revoluções, logo, tais armas poderiam ser resquícios daqueles momentos.

Convém salientar que em meados de dezembro de 1941 já se começava a sentir as pressões que a situação de conflito passou a ocasionar ao Brasil e à região de Passo Fundo. Por um lado, notava-se o agravamento dos riscos; por outro, intensificavam-se as manifestações públicas, o trabalho da polícia em buscas e apreensões de norte a sul do país. Este era o clima que permeava o Brasil no início de 1942.

Duelo de artilharia!

ESTÁ TRAVADO ENTRE INGLESES E JAPONESES, EM DISPUTA DA PRACA DE HONG KONG

Ardua luta na península da Malaca, ao norte — «Difícil dominação de Singapura» — Desembarque nipônico em Sarawak

Continuou em toda a frente a grande ofensiva soviética na Rússia - Os britânicos levaram a diante o novo ataque na Líbia, estando tropas do Eixo ameaçadas de cerco

Desembarcaram os japoneses em Sarawak

SINGAPURA, 18 (N) — Tropas japonesas desembarcaram na ilha de Borabó, na cidade de Sarawak, dando as primeiras notícias de desembarque nipônico, destruído as relações locais de petróleo, bom como depósitos de carvão e outras substâncias.

Naveios de guerra afundados

ROMA, 18 (N) — Um destróier inglês afundado no Mediterrâneo um submarino italiano de 1.000 toneladas, parecendo uma general que regressava da África. Os tripulantes em número de 54, foram salvos.

LONDRES, 18 (N) — O admitido somaliês a porta de cruzador «Danangam» de 4.500 toneladas, afundado no Atlântico por um submarino inimigo. Tinha 400 tripulantes.

LISBOA, 18 (N) — Um submarino alemão no Atlântico, um barco cargueiro português de 7.500 toneladas.

Sem maiores novidades a guerra nas Filipinas

WASHINGTON, 18 (N) — Os acontecimentos nas Filipinas, nesta semana 21 horas, não se revestiram de importância, continuando a luta entre japoneses e americanos. Também a aviação americana continuou a atacar os navios japoneses. Foram abatidos 20 aviões inimigos.

Submarinos americanos efetuaram tres operações, das quais duas tiveram sucesso e uma fracassou. Não se divulga quais sejam essas operações.

Deuses de Barro! O lançamento de **IMPERIAL**, em homenagem ao Sr. **JOHN HOWARD - AKIM TAMIROFF e DOMOTHI LAMOUR**, a frente de elenco mais selecionado da história cinematográfica.

Duelo de artilharia entre japoneses e ingleses

Prossegue a luta em Hong Kong, tendo o comandante da praça recusado novo ultimato

HONG KONG, 18 (N) — Durante todo o dia continuou o duelo de artilharia entre ingleses e japoneses, neste cidade, mostrando-se a artilharia britânica superior à japonesa.

TOGIUO, 18 (N) — Um comunicado informou que o comandante da praça de Hong Kong recusou aceitar novo ultimato japonês, para entregar a praça. Pedia que não se renovassem as hostilidades.

Prossegue a forte ofensiva soviética na frente de Moscou

Os alemães em vasta retirada no setor central

Preparativos para novo ataque, após o inverno

MOSCÚ, 18 (N) — Continua o avanço russo em toda a frente, especialmente no setor desta cidade, sendo de capitulados muitos alemães. Os comunicados de guerra soviéticos são poucos grandes. Não se notou.

BERLIM, 18 (N) — A agência oficial D.N.B. notifica que as tropas russas continuaram no movimento alémbre da frente, com o fim de estabelecer posições convenientes para a transformação da luta de movimento em luta de posições de inverno. Aparenta, que os soldados terão que lutar durante o inverno. Mas que as condições de tempo permitirão, passado o inverno.

MOSCÚ, 18 (N) — O último comunicado informa que os alemães recusaram 70 quilômetros sem danos do lado desta capital, tendo esta a primeira grande vitória russa.

Macau não foi ocupada

LISBOA, 18 (N) — Desmentiu-se erroneamente a notícia de fozte Inglês segundo a qual os japoneses teriam ocupado a concessão portuguesa de Macau, na China.

SUBSTITUÍDOS OS COMANDANTES DE HAWAII

WASHINGTON, 18 (N) — O governador e os comandantes militar, naval e aéreo de Hawaii foram substituídos, acusados de negligência por se deixarem tomar de surpresa pelos japoneses. São um almirante e tres generais.

Dr. JOVINO
Especialista em **Oftalmologia, Otorrinolaringologia e Ginecologia**
Consultório **ILIAS DA FAMILIA CENTRAL - Rua de São João, 111 - Tel. 41 41 41 41**

Farmácia de plantão
Hoje à noite, das 19 às 24 horas, permanecerá de plantão a **FARMACIA INDIANA**.

Ação de submarinos americanos nas águas nipônicas

Uma guerra naval no Pacífico

N. YORK, 18 (N) — Um porta-aviões com uma esquadra de seis navios destruiu a frota de guerra do Eixo no norte do Pacífico. A ação de submarinos americanos nas águas do Japão. Diz que 20 dessas unidades estão em operação, destinadas a atacar as operações, destinadas a atacar as operações, destinadas a atacar as operações.

Os britânicos investem contra Barbia, Solum e Gazala

A guerra no Norte da África

WASHINGTON, 18 (N) — Notícias da Roma que os ingleses atacaram Barbia, Solum e Gazala. Notícias ainda que 800 ingleses foram mortos e capturados material de guerra.

CAIRO, 18 (N) — Prossegue a nova ofensiva britânica na Líbia, havendo grandes perspectivas de serem rotadas as tropas do Eixo.

Os japoneses atribuem-se vantagens aéreas

TOGIUO, 18 (N) — Comunicou-se que desde o início das operações os japoneses destruíram 500 aviões inimigos, incluindo-se nesse numero os aparelhos destruídos em Hawaii. Desses 500 foram abatidos em combates aéreos e os demais no solo. Perderam-se 40 aviões nipônicos, segundo a mesma informação.

Intensa, continua a luta ao norte de Malaca

«Difícil a dominação de Singapura» — declara o «stempler» japonês

SINGAPURA, 18 (N) — O comandante aliado informou que a dominação de Singapura é muito difícil, exigindo muito tempo, não só devido às suas grandes fortificações, como também pela sua posição geográfica. Acrescenta que as forças japonesas, porém, estão mobilizando as tropas para a captura de Singapura.

N. YORK, 18 (N) — Notícias de Londres admitem que os japoneses continuaram a progredir em Malaca, estando a 40 quilômetros da cidade de Penang.

Crimes de Adultos Indigados
HEMATOGRAFIA DE HEMMEL

Dr. Engelsing
MÉDICO
DIGNIDADE DE SEMBRAR A CRIANÇA - PARTO - CIRCUNCIÇÃO - CONSILIO - JANE e FARMACIA VENEZOLANAS
Consultas - das 10 às 11:30 e das 12:30 às 18 no hospital
Residência à Av. Cap. Juvina, 233

Pratizam hoje e sempre... as Massas Alimentícias "ZIMMERMANN" o verdadeiro café "Ouro Preto"
Produtos de alta qualidade da FÁBRICA ZIMMERMANN
Irmãos Zimmermann
Telefone 76 - P. Paulo

Capa da edição de 18 de dezembro de 1941 do jornal O Nacional, com diversas manchetes sobre a guerra em curso. Acervo Arquivo Histórico Regional (PPGH-UPF).

Diariamente, os jornais locais faziam de suas páginas os interlocutores dos acontecimentos locais e internacionais, apresentando, a

cada seção, os fatos e suas visões do mundo em notícias e reportagens (LAGES, 1982, 47). Assim, quando o jornal está selecionando e narrando um acontecimento, está transmitindo um conjunto de ideias que auxiliam a definir o grupo receptor dessas informações. A imprensa pode auxiliar a fundamentar e a reforçar opiniões e comportamentos. Portanto, as notícias, notas e reportagens quase diárias faziam alusão ao perigo que se acercava da região e, naquele ínterim, já apareciam notas sobre a possibilidade da inscrição de civis como voluntários para prestação de serviço militar no Exército⁷.

No jornal *Diário da Manhã* vemos o acirramento das atividades policiais em relação à repressão aos estrangeiros e o trabalho da polícia. Pedia-se à população cuidado em relação ao elemento estrangeiro, considerado potencialmente um quinta-coluna. É interessante a notícia veiculada na região no dia 23 de janeiro de 1942, na qual há informações sobre dez maneiras de se identificar um quinta-colunista:

Se alguém lhe disser: não desejo combater pelos Estados Unidos [...] esse indivíduo é um “quinta-colunista” [...] Quando alguém lhe disser: “É um absurdo a supressão da imprensa em língua estrangeira no Brasil, pois a cultura repele tal coisa [...] esse indivíduo é um quinta-colunista [...] Se lhe disserem que “o Brasil está sendo arrastado a esta guerra pelos Estados Unidos”, eis aí um quinta-colunista [...] Se alguém lhe disser que no Brasil não existe “quinta-coluna”... olho nesse sujeito que ele não passa de um “quinta-colunista” disfarçado.⁸

Havia algumas normas que deveriam ser seguidas pelas polícias locais para impedir qualquer ação nociva à segurança nacional por parte dos estrangeiros, como também da manutenção da ordem por

⁷ VOLUNTARIADO. *O Nacional*. Passo Fundo, 7 jan. 1942. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

⁸ “S.P.C.Q.C.” COMO IDENTIFICAR OS “QUINTA-COLUNISTAS”. *Diário da Manhã*. Passo Fundo, 23 jan. 1942.

parte de todos os brasileiros. Notamos, portanto, o acirramento da postura oficial do governo. E, ainda, se vê que

tendo o governo brasileiro rompido relações diplomáticas e comerciais com o Japão, Alemanha e Itália, o governo do Estado recomenda a população manter o mesmo espírito de ordem e perfeita disciplina com que vem até agora acompanhando o desenvolvimento da situação... Ainda que surjam situações mais graves a população não deverá adotar uma atitude agressiva para com os súditos das nações referidas.⁹

Ao final, a nota acrescentava que o poder público municipal confiava no comportamento ordeiro da população passo-fundense. Para além, conseguimos observar a primeira consequência direta para a região de Passo Fundo do rompimento da relação Brasil-Eixo em notícia publicada em *O Nacional* de 30 de janeiro de 1942, onde se revela que “teve a maior repercussão na cidade a notícia da ruptura de relações”¹⁰.

Assim, podemos dizer que a participação do Brasil também pode ser entendida pelas suas reações internas à situação internacional, que chamamos de o *front* interno do conflito, o qual abarca as referências à espionagem e às reações da polícia. Quanto a esse aspecto, o momento subsequente ao do rompimento das relações com o Eixo passa a ser mais evidente, visto que com as agressões sofridas pelo Brasil, o “embate” entre os nacionalistas e os “quinta-colunistas” torna-se mais perceptível. Temos a impressão de que a ação da polícia passa a ser mais meticulosa nas capitais e no interior do país. Esse era o sentimento nos mais diversos âmbitos. A Igreja Católica, por exemplo, recomendava a seu clero a suspensão dos sermões nas línguas estrangeiras dos países do Eixo¹¹.

⁹ PREFEITURA MUNICIPAL DE PASSO FUNDO: PALAVRA DE ORDEM. *O Nacional*. Passo Fundo, 31 jan. 1942. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

¹⁰ CONSEQUÊNCIAS DA NOVA SITUAÇÃO... *O Nacional*. Passo Fundo, 30 jan. 1942. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

¹¹ ORDEM PARA SUSPENDER OS SERMÕES EM LÍNGUAS ESTRANGEIRAS. *O*

Em âmbito internacional, o Brasil rompia relações diplomáticas com os países do Eixo e passava a sentir a guerra de forma mais direta e efetiva. Há, em Passo Fundo, um caso que deve ser destacado pela cobertura realizada no *Diário da Manhã* do dia 8 de fevereiro. A manchete, em grandes letras, era a seguinte:

Está na Cadeia o "Quisling"¹² de Passo Fundo!¹³

A reportagem refere-se ao brasileiro descendente de alemães Willibaldo Neuhaus, chamado de "impenitente e perigoso conspirador", pois, segundo o jornal, suas atividades políticas haviam começado ainda com o Ação Integralista Brasileiro (AIB), do qual era líder local. Ademais, já havia sido preso por duas vezes. Em diligência policial a sua casa, a polícia descobriu documentos, panfle-

Consequências da nova situação de fato entre o Brasil e os países do Eixo totalitário

As autoridades policiais passofundenses iniciaram a repressão da "quinta coluna" - Transcrição das Instruções da Chefia de Polícia do Estado - Outras notas

Teve a maior repercussão, ante-ontem, na cidade a notícia da ruptura das relações diplomáticas do Brasil com os países do Eixo totalitário—Alemanha, Japão e Itália.

A atitude era de expectativa geral, do vez que se sabe que Passo Fundo abriga numerosos estrangeiros originários das duas nações europeias com as quais o Brasil agora cortou suas relações diplomáticas, solidarizando-se com a América do Norte que, agredida, se acha em guerra contra as mesmas e principalmente contra o Japão.

Já eram tardias horas da noite quando o Sr. Oscar Alfredo Klein, delegado de polícia deste Município, recebeu da Chefia de Polícia do Estado, pela Fomografia, as seguintes instruções especiais:

«Em virtude da ruptura das relações diplomáticas entre o Brasil e as nações do Eixo (Alemanha, Itália e Japão), devem ser rigorosamente observadas as seguintes instruções:

A) COM RELAÇÃO AOS REPRESENTANTES DIPLOMÁTICOS E CONSULES DOS PAÍSES DO EIXO:

Tendo cessado o exercício das funções dos consulares e agentes consulares de carreira ou honorários como consequência da ruptura de relações diplomáticas:

1.º—os consulares e agentes consulares devem ser detidos em sua residência sob vigilância da polícia, até que o governo decida sobre seu destino;

2.º—a autoridade policial deve garantir, de forma absoluta, a integridade física e moral dos consulares e agentes consulares;

3.º—é absolutamente proibido aos consulares e agentes consulares: a) manter qualquer contato com subditos de seu país; b) utilizar meios particulares de telegrafia, radiotelegrafia e navegação (fluvial ou aérea); c) mudar de domicílio ou residência sem previa aprovação do Governo Federal.

Para mudar de residência ou domicílio os consulares terão que solicitar à Delegacia de Polícia do Município de sua residência atual, e esta à Chefia de Polícia, afim de que essa por sua vez peça a necessária autorização ao Governo Federal.

B) COM RELAÇÃO AOS ESTRANGEIROS NACIONAIS (ALEMÃES, ITALIANOS E JAPONÊSES):

1.º—Os estrangeiros nacionais referidos, devem comunicar à autoridade policial sua residência, dentro de quinze (15) dias, a contar da publicação no *Journal do Estado*, do edital anexo às presentes instruções;

2.º—aos estrangeiros referidos no item anterior não é permitido: a) viajar de uma para outra localidade, sem licença policial (salvo conduto); b) reunirem-se ainda que em casas particulares e a título de comemorações de caráter privado (aniversários, banquetes, bailes etc.); c) discutirem ou trocarem idéias em lugares públicos sobre a situação internacional; d) mudarem de residência sem a previa comunicação à autoridade policial (na capital à Delegacia de Estrangeiros e no interior à Delegacia de Polícia); e) viajar, via aérea, sem licença especial policial; f) obterem licença para andarem armados, ficando nestas datas, cassadas todas as autorizações concedidas anteriormente para o porte de armas (inclusive transito com ar-

ma de caça); g) obterem licença para negociarem com armas, munições, material explosivo ou que possam ser utilizados para fabricar explosivos, ficando cassadas igualmente nesta data, todas as licenças anteriormente concedidas para esse fim.

A. D. O. P. S. e as Delegacias de Polícia, cada uma dentro de sua jurisdição, providenciarão o imediato cumprimento do disposto nas letras f e g, bem como sejam arrecadadas dentro de 15 dias a contar desta data as armas de qualquer espécie que pertenciam à estrangeiros nacionais (alemães, italianos e japoneses).

C) MEDIDAS DE ORDEM GERAL:

Em virtude ainda da atitude assumida pelo Brasil em face dos acontecimentos internacionais, o delegado de Polícia ou quem lhe fizer às vezes, providenciarão para que sejam integralmente observadas as disposições que seguem:

1.º—é distribuído de escritórios em idiomas das potências com as quais o Brasil rompeu relações; b) cantar ou tocar hinos das referidas potências; c) fazer estudos populistas a essas potências; d) usar idiomas das mesmas potências em qualquer lugar público (café, bar, restaurante, hotéis, cinemas etc.);

2.º—Devem ser detidos aqueles que, ostentativamente, em lugar público, manifestarem simpatia pela causa das referidas potências;

3.º—Devem ser arrecadados todos os livros, materiais de propaganda política, favoráveis às referidas potências, existentes em livrarias, especialmente estrangeiras ou casas particulares;

4.º—é ainda proibido exibir em lugar acessível ou exposto ao público, retratos de membros do governo dasquelas potências;

5.º—devem ser interditas as estações de rádio-amadores e apreendidas as que pertencerem a estrangeiros;

6.º—devem ser interditos os atividades pertencentes à subditos das potências com que o Brasil rompeu relações diplomáticas, às pessoas, bem como aos subditos das potências do eixo e não permitir que sua honra seja ultrajada. Outrossim, a população nacional brasileira deve manter-se no mesmo espírito de ordem e perfeita disciplina com que vem assistindo até agora o desenvolvimento dos acontecimentos internacionais, não sendo permitida atitude agressiva para com os subditos das nações adversárias residentes no território brasileiro.

(A) Ten. Cel. Aurelio da Silva Py
Chefe de Polícia do Estado do Rio Grande do Sul

NOTA: Estas instruções entram em vigor ostensiva e automaticamente ao ser publicado o ato de ruptura das relações entre o

Brasil e as nações do Eixo. —Dando cumprimento imediato às ordens recebidas do chefe de polícia do Estado, as autoridades locais levaram a efeito diversas diligências em casas de residências de alemães e italianos desta cidade e do interior do município, apreendendo armas de uso, livros, etc.

Manchete da edição de 30 de janeiro de 1942 do jornal *O Nacional*. Acervo Arquivo Histórico Regional (PPGH-UPF).

Nacional. Passo Fundo, 2 fev. 1942. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

¹² Faz referência ao líder político norueguês Vidkun Quisling, o qual exerceu um governo colaboracionista com a Alemanha nazista a partir de 1942.

¹³ ESTÁ NA CADEIA O "QUISLING" DE PASSO FUNDO! *O Nacional*. Passo Fundo, 08 fev 1942. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

tos e grande quantidade de propaganda nazista remetida pelo cônsul alemão para Neuhaus. Ele foi preso e encaminhado a Porto Alegre, juntamente com as provas, para a abertura de processo. Destacamos uma parte do texto na qual é feita uma descrição da conduta do acusado e do seu comportamento:

Willibaldo Neuhaus era dos tais que não acreditava na existência de uma 5ª. coluna no Brasil, e quando exteriorizava seus pontos de vista humorizava os comentários [...] ridicularizando as suposições exageradas de seus companheiros de palestra. Dizia-se brasileiro extremado e compenetrado de seus deveres. [...] vivia em nosso meio acobertado pelo respeito de sua posição social e pelos direitos extensivos a todos os bons brasileiros.¹⁴

Passo Fundo também viveu o recrudescimento da ação policial repressiva brasileira pela qual se segmentaram as relações sociais, possibilitando, assim, a caracterização do adversário ou do inimigo em potencial.

ATAQUES AO BRASIL E A INDIGNAÇÃO DA POPULAÇÃO

O previsto, embora não esperado, deu-se em 15 de fevereiro de 1942: a primeira agressão desfechada pelo Eixo, com perdas materiais no afundamento da embarcação brasileira “Buarque de Macedo”. O acontecimento chegou aos jornais apenas no dia 19. Segundo *O Nacional*, a embarcação teria sido atacada por um submarino japonês, já o *Diário da Manhã* atribuiu o ataque a um submarino alemão, informação que viria a confirmar-se mais tarde. Mais ataques seguiram-se: três dias depois do primeiro, levaria a pique os navios “Olinda” e, em seguida, o “Arabutan”, o “Cairú” e o “Cabedelo”. Num período de pou-

¹⁴ ESTÁ NA CADEIA O “QUISLING” DE PASSO FUNDO! *O Nacional*. Passo Fundo, 08 fev. 1942. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

co mais de 20 dias houve cinco agressões, com cinco afundamentos de embarcações brasileiras, com que, além das vidas de tripulantes e passageiros, também se contabilizaram as perdas materiais¹⁵. Cada movimento nazifascista em relação ao Brasil era noticiado pelos jornais que davam, gradualmente, mais espaços para a escalada totalitária.

Os crescentes ataques levaram o governo brasileiro a preparar-se para a defesa de seu território com base no treinamento com armamentos e sistemas de defesa antiaérea – ativa e passiva –, criados sobretudo na costa brasileira, mas também no interior do país; além dos exercícios de defesa com a população, também característica desse momento pelo qual passava o país, isto é, na escalada de temor pela guerra. As atribuições da defesa passiva antiaérea em cada município, em linhas gerais, estipuladas a brasileiros e estrangeiros acima dos dezesseis anos de idade, eram ligadas à segurança em caso de ataques aéreos inimigos, como o uso correto de máscaras, o recolhimento a abrigos, a extinção de luzes, a vigilância do ar, entre outras.

¹⁵ Citamos, a seguir, alguns exemplos de manchetes veiculadas em *O Nacional* e no *Diário da Manhã* que se referem a esta sequência de afundamentos de navios brasileiros. Afora raras exceções, são todas notícias de capa e com espaço destacado: Em *O Nacional*: Afundado mais um navio brasileiro ao largo das costas norte-americanas! O “Olinda”. 20 fev. 1942; Novos informes sobre o afundamento do navio “Olinda”, do Brasil, os ataques contra a navegação na América. 21 fev. 1942; O Governo do Brasil estuda a situação oriunda do afundamento do “Buarque” e do “Olinda”. 23 fev. 1942; mais um navio brasileiro afundado pelos submarinos do Eixo. Trata-se do “Arabutan” havendo, em consequência, um morto e dois feridos. 10 mar. 1942; torpedeado e afundado mais um navio brasileiro! Notícias de Buenos Aires informam que o “Cairú” foi torpedeado ao largo da costa norte-americana. 11 mar. 1942; O afundamento da terceira nave brasileira, por submarinos do Eixo. [...] Providências do Governo sobre o afundamento do “Arabutan”. 11 mar. 1942; O afundamento do navio brasileiro nas costas do Estado da Virgínia. 12 mar. 1942; ainda o afundamento do navio brasileiro “Cairú”. 13 mar. 1942. No *Diário da Manhã*: Novos detalhes sobre o afundamento do “Buarque de Macedo”. 20 fev. 1942; outro navio brasileiro afundado por submarino na costa norte-americana. O “Olinda” foi torpedeado e posto a pique no mesmo local em que afundou o “Buarque de Macedo”. A segunda agressão do Eixo ao Brasil no curto espaço de uma semana. 21 fev. 1942; teria sido afundado mais um navio brasileiro? O que informa uma estação de rádio de Nova York. 22 fev. 1942; O Brasil Perde o 3º Navio. Desta vez foi afundado por um submarino inimigo o navio “Arabutan”, salvando-se 54 passageiros. 10 mar. 1942; O “Arabutan” teria sido afundado por um submarino italiano. 11 mar. 1942; O afundamento do Arabutan. 11 mar. 1942; mais um navio brasileiro vítima da pirataria nazista. O quarto atentado contra a soberania e dignidade da nossa pátria recaiu sobre o navio do Loide Brasileiro “Cairú”. 12 mar. 1942.

Nesse momento, em âmbito nacional, começava a ser discutida a ocupação pelos Estados Unidos das bases do Nordeste brasileiro – no triângulo Pará, Natal e Recife. As bases militares seriam utilizadas pelos norte-americanos e ajudariam material e tecnicamente na proteção ao continente americano e em possíveis investidas militares contra alvos do Eixo no Atlântico.

Na região de Passo Fundo também havia ações no momento, basicamente de protesto, e que começavam a agitar a população. Houve um aumento indubitável de demonstração, por parte dos diários, das reações aos afundamentos de embarcações brasileiras. Já se evidenciavam alguns movimentos em razão do sentimento de indignação dos brasileiros e dos sul-rio-grandenses do Norte do estado do Rio Grande do Sul, motivados pelas agressões sofridas aos nazifascistas¹⁶. A exaltação de ânimos levava a população a sair às ruas numa mistura de sentimentos cívico-patrióticos e nacionalistas, a fim de protestar, realizar comícios reunindo milhares de pessoas dos mais diversos grupos sociais, e reverenciar em solenidades e cultos religiosos a alma dos concidadãos que morriam vítimas dos ataques, na maioria das vezes, alemães, mas também italianos. Universalizava-se, dessa forma, o sentido em torno de uma questão nacional, creditando-se a todos os cidadãos sentimentos que, segundo texto do *Diário da Manhã*, seriam unânimes: “A alma brasileira vibrou nas ruas de Carazinho: Os operários da vizinha cidade realizaram uma manifestação de protesto, ontem, pelo afundamento dos navios brasileiros”¹⁷.

Assim, os protestos começavam a mobilizar a região. Em 3 de março, em Passo Fundo, conforme notícia do *Diário da Manhã*, aconteceu

¹⁶ Em nível internacional, as notícias eram fornecidas por agências que, a rigor, tinham o mesmo teor e passavam pela Agência Nacional. As agências internacionais citadas nos periódicos são a British News Service, a Inter-Americana e a United Press.

¹⁷ A ALMA BRASILEIRA VIBROU NAS RUAS DE CARAZINHO. *Diário da Manhã*. Passo Fundo, 22 fev. 1942.

*o Grande Comício Popular de Domingo de protesto ao “5º-colunismo” no Brasil. Uma grande massa popular, vibrando de entusiasmo, percorreu as ruas da cidade, carregando o Pavilhão Nacional*¹⁸

O conteúdo da notícia fornece uma ideia da movimentação ocorrida, com a população sendo chamada pelos “autofalantes da Casa Rádio”, tanto que, “a partir da 19:30hs, milhares de pessoas, vindas de todos os recantos da cidade”, encontravam-se presentes na praça Marechal Floriano.

Verificamos, também, registros inusitados de ocorrências de exaltação de ânimos. Foram vários casos em que a população se exacerbava pela chamada causa patriótica, manifestando-se pela defesa da democracia diante de indivíduos considerados quinta-colunistas. Entretanto, uma situação nos chama a atenção dada a sua singularidade, sendo noticiada pelos dois periódicos:

A petizada ontem, à noite, desforrou-se de um filhote da Quinta coluna que há muito vinha faltando com respeito ao brio dos brasileiros¹⁹

A “piasada” surrou um “alemãozinho” quinta-coluna²⁰

Convém dizer que a intenção jornalística pode ser a de mostrar a exaltação patriótica em todas as áreas, em todos os grupos. Afinal, o texto refere-se aos meninos “contendores”.

Os guris também trocam ideias e discutem os problemas internacionais, [...] falando uma linguagem que

¹⁸ O GRANDE COMÍCIO POPULAR DE DOMINGO DE PROTESTO AO “5º-COLONISMO” NO BRASIL. *Diário da Manhã*. Passo Fundo, 3 mar. 1942.

¹⁹ A petizada ontem, à noite, desforrou-se de um filhote da Quinta coluna que há muito vinha faltando com respeito ao brio dos brasileiros. *Diário da Manhã*. Passo Fundo, 14 mar. 1942.

²⁰ A “piasada” surrou um “alemãozinho” quinta-coluna *O Nacional*. Passo Fundo, 14 mar. 1942. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

não deixa margem para sofismas ou interpretações dúbias. Nessa idade os homens dizem o que sentem [...] incidente bem revela o espírito combativo de nossa nacionalidade.²¹

O periódico parece querer ressaltar, através do texto, a condição de acirramento do nacionalismo em que se encontrava a população, até mesmo em uma situação corriqueira de desentendimento entre meninos. Em contrapartida, a população, perante a situação e com o passar das semanas, comportou-se dentro de certo clima de normalidade, em que os jornais repetiam os assuntos referentes ao conflito mundial.

A primeira ação governamental em nível nacional, que tivemos conhecimento, para passar informações à população em geral ocorre no final do mês de março de 1942, quando é expedida pelo governo e aprovada pelo Estado Maior do Exército a publicação de um folheto informativo destinado aos cidadãos e intitulado “Instruções Para a Defesa Antiaérea da Cidade – Como se deverá conduzir a população no caso de ataques da Aviação Inimiga”²², o qual, no interior do Rio Grande do Sul, foi distribuído após a declaração de guerra do Brasil ao Eixo no final de agosto de 1942. Essas instruções também seriam publicadas pelos jornais. A transmissão das informações consideradas importantes para a defesa nacional também foi feita através de panfletos, que eram distribuídos à população em cada município²³.

Vemos que conjuntamente com as iniciativas governamentais, também havia as da sociedade como um todo, pois motivados em seus intuitos patrióticos, tanto em comícios pela nacionalidade como em

²¹ A petizada ontem, à noite, desforrou-se de um filhote da Quinta coluna que há muito vinha faltando com respeito ao brio dos brasileiros. *Diário da Manhã*. Passo Fundo, 14 mar. 1942.

²² Documento constante no acervo da Prefeitura Municipal de Lagoa Vermelha. Documentos de Gestão [1942]. Lagoa Vermelha. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

²³ A primeira normatização referente à defesa passiva antiaérea foi o Decreto-lei n. 4.098, de 6 de fevereiro de 1942, que “define, como encargos necessários à defesa da Pátria, os serviços de defesa passiva antiaérea”.

protestos de indignação aos países totalitários, ou na coleta de fundos ou de metais²⁴ para a defesa do país em cidades como Porto Alegre, Passo Fundo e Sarandi, a população mostrava-se ligada à causa da defesa do conflito que parecia, naquele momento, aproximar-se do país, já que os afundamentos de navios brasileiros continuavam. Os periódicos registraram os protestos nas ruas de Pelotas, Passo Fundo, Carazinho, Ijuí, Sarandi, Cruz Alta e Palmeira das Missões. Nesse contexto, ao final do mês de maio, manchetes de capa, grandes letras e páginas inteiras relatavam com orgulho as ações militares brasileiras contra submarinos do Eixo:

Os nossos aviões patrulham as nossas costas sobrevoando grandes distâncias e, por duas, vezes, foi aberto fogo contra os submarinos do Eixo. Domingo passado entre a ilha de Fernando de Noronha e a costa nordeste houve verdadeiro tiroteio entre um submarino do Eixo e os nossos aviões.²⁵

A sociedade regional movimentava-se de acordo com o que estava acontecendo no restante do país e realizou um comício – denominado na imprensa como “comício-monstro” – organizado pela Liga de Defesa Nacional. Eram momentos, segundo os noticiários, de alto valor cívico e patriótico, em que se coroavam o ataque brasileiro aos submarinos e as atitudes do governo, bem como se protestava contra o nazifascismo. Essas reuniões cívicas eram realizadas na área central da cidade, geralmente junto à Praça Marechal Floriano, e tinham a participação de milhares de pessoas de todos os grupos sociais²⁶. A so-

²⁴ São exemplos: campanha do alumínio, campanha do ferro, campanha do ouro.

²⁵ Atacados pelas Forças aéreas do Brasil, os submarinos do Eixo que operavam em nossas águas!! Um submersível inimigo afundado e outro gravemente avariado – Presa a tripulação. *O Nacional*. Passo Fundo, 28 maio 1942. Capa. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

²⁶ Assumirá grandes proporções e será da mais alta expressão cívica o comício popular de hoje à noite, promovido pela Liga de Defesa Nacional. *O Nacional*. Passo Fundo, 2 jun. 1942.

Atacados

pelas Forças Aéreas do Brasil os submarinos do Eixo que operavam em nossas águas !!

Um submarível inimigo afundado e outro gravemente avariado — Presa a tripulação !

Sensacionais declarações prestadas à imprensa de P. Alegre, pelo sr. Batistia Luzardo

P. ALEGRE, 28 (Agência Nacional) — Urgente — Os jornais dão grande destaque às sensacionais declarações feitas pelo sr. Batistia Luzardo, embaixador do Brasil no Uruguai, por ocasião de sua chegada, à noite, a Porto Alegre.

Segundo essas declarações, o embaixador Luzardo recebeu detalhes do heroico fato das Forças Aéreas Brasileiras contra os submarinos de pirataria do Eixo que operavam nas águas nacionais do norte.

Salienta o embaixador do Brasil no Uruguai que é com verdadeira satisfação que podemos assinalar com orgulho e para nosso conforto que a Força Aérea Brasileira já entrou em ação.

Continuando, disse: «Os nossos aviões patrulham as nossas costas sobrevoando grandes dis-



O embaixador sr. Batistia Luzardo, que prestou sensacionais declarações em Porto Alegre.

marino do Eixo e os nossos aviões.»

Esse grave episódio pode ser assim reconstituído:

Uma patrulha aérea brasileira, em serviço, nas proximidades da ilha Fernando de Noronha, verificou a presença de submarinos do Eixo, naquelas águas, dando aviso imediato à base aérea do Rio Grande do Norte, donde partiu sem tardança uma esquadilha da FAB, incluindo logo a sua caça aos submaríveis do Eixo, de vez que os mesmos operavam em águas brasileiras.

Pouco depois, os submaríveis foram localizados e atacados.

Um deles afundou, e outro ficou gravemente avariado, sendo forçado a aportar à costa brasileira, onde foram aprisionados os seus tripulantes.

Manchete da edição de 28 de maio de 1942 do jornal O Nacional. Acervo Arquivo Histórico Regional (PPGH-UPF).

ria uma ação com o fim de mobilizar os espíritos de todas as classes jovens para a defesa do Brasil²⁸.

A leitura dos jornais — tanto àquela época quanto agora — nos dá a possibilidade de vislumbrar as grandes movimentações internacionais, como também as iniciativas locais, perpassando pela trama das realidades do dia a dia. No caso em análise, podemos recuperar parte da movimentação pela qual passava a população passo-fundense em

cidade se organizava e a movimentação da juventude passo-fundense não passou despercebida, assim, “rapazes e senhoritas” de diversas escolas da cidade estudaram os primeiros pontos de um “plano de ataque contra esses elementos” que procuravam “desintegrar o nosso organismo nacional”. Os jovens mostraram-se dispostos a realizar uma campanha que primasse pelo ardor e o patriotismo. Nas matérias referentes ao assunto também eram ci-

tados os nomes daqueles que haviam iniciado o movimento, denominado Liga Nacionalista da Juventude Brasileira²⁷. O movimento recebeu franco apoio “de toda a região serrana”, já que seria

Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

²⁷ A Comissão organizadora da Campanha da Juventude Contra o Quinta Colonismo. Reuniu-se ontem na redação do DIÁRIO DA MANHÃ. *Diário da Manhã*. Passo Fundo, 14 jul 1942.

²⁸ Vitorioso o movimento da mocidade passo-fundense. *O Nacional*. Passo Fundo, 25 jul. 1942. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

meados do ano de 1942. As notícias influenciavam as pessoas que, a partir disso, tomavam iniciativas, como no caso da juventude estudante, demonstrando a capacidade de reação da população às agressões. Coadunava-se o movimento da juventude passo-fundense com a sociedade regional, mas também com ações realizadas em âmbito nacional em relação à postura entendida como a mais adequada no país diante da situação de conflito armado. As notícias expõem-nos que o Brasil estaria envolto numa onda de protestos em todas as regiões. O interior do país dava sua contribuição a essa configuração, por exemplo, em grandes eventos, como os denominados “comícios-monstro” em Passo Fundo, dos quais teriam participado cerca de oito mil pessoas²⁹. O jornal explora, ainda, o momento em benefício próprio, citando que estariam “procuradíssimas” as edições de *O Nacional* nesses dias, inclusive com o esgotamento das edições. Isso demonstrava que o jornal, veículo noticioso, tinha grande repercussão na vida da cidade.

A indignação da população era generalizada e, pressionado pelos acontecimentos e pela opinião pública, o governo de Getúlio Vargas tomou posição. Vargas publica, em 22 de agosto de 1942, a declaração de estado de guerra contra a Alemanha e a Itália. Desse modo, a imprensa passo-fundense, que vinha noticiando o conflito, passou a relatar as ações e reações da sociedade regional em relação à situação internacional. Além das notícias, eram veiculadas campanhas desenvolvidas pelos próprios órgãos de imprensa para angariar fundos para a compra de armas e aviões, como “Mais Armas para o Brasil” ou “Asas para o Brasil”. E, mantinha-se, ainda, a movimentação das campanhas do ouro e do alumínio.

²⁹ Segundo dados do IBGE, o município de Passo Fundo tinha 80.726 habitantes em 1940, considerando-se as áreas urbana e rural.

A SEGUNDA GUERRA “CHEGA” A PASSO FUNDO PELAS PÁGINAS DOS JORNAIS

Podemos ler sobre as “agitações patrióticas” em eventos realizados tanto em Passo Fundo como em várias cidades da região, os quais gravitavam em torno de bailes, saraus e comícios, e que, segundo as notícias, reuniam centenas e, por vezes, milhares de pessoas para falar e ouvir sobre a indignação da guerra. Todos esses acontecimentos eram expostos pelos periódicos locais em seus *placards*³⁰. Salienta-se que a sociedade, nesses momentos de ânimos exaltados, se valia dos *placards* para tomar conhecimento das últimas notícias.

Os primeiros dias que se sucederam ao 22 de agosto de 1942 foram recheados de notícias sobre o fervor nacionalista brasileiro em relação à situação de declaração aberta de conflito. Foi o momento em que se concentrou a maior parte das notícias sobre a Segunda Grande Guerra na imprensa passo-fundense. Há demonstrações de ânimo para participar de atividades que evidenciam o patriotismo e a colaboração nacional, conseqüentemente, nota-se a mobilização de alguns indivíduos e empresas locais que estavam dando início a campanhas para a compra de armas ou de aviões para o Brasil. Exemplo disso é o que registra o *Diário da Manhã*: “gesto de admirável patriotismo o que acabaram de tomar os funcionários da Justiça de P. Fundo cooperando para a compra de um avião de bombardeio para o Brasil”.³¹ Em todas as publicações podemos acompanhar as campanhas e os eventos promovidos para a compra de equipamentos militares para o país, os protestos da população, os exercícios de alarmes antiaéreos, as campanhas para a construção de abrigos antiaéreos, trabalhos voluntários e

³⁰ Os *Placards* eram estruturas confeccionadas em madeira em formato de uma tabela e colocadas numa janela – na fachada interna da redação do jornal onde eram afixadas as notícias – ou vitrine na frente das redações dos jornais. Sua função era de levar a notícia aos leitores mesmo antes que fosse publicada pelo periódico.

³¹ Gesto de Admirável Patriotismo. *Diário da Manhã*. Passo Fundo, 26 ago. 1942.

os *black-outs*. O periódico, além de publicar a notícia, disponibilizou sua sede para o depósito do dinheiro e de donativos para a campanha, relatando que “a população Passo-fundense está empolgada pela campanha pró-compra de um avião de bombardeio para a FAB”.

No campo da política, as autoridades passavam a tomar certas medidas. Em 26 de agosto de 1942, a Prefeitura Municipal de Lagoa Vermelha recebeu telegrama assinado pelo responsável pela Secretaria do Interior do Rio Grande do Sul, Herophilo Azambuja, que manifestava preocupação: “Solicito divulgar mais amplamente possível nesse município instruções governamentais relativas defesa passiva antiaérea”.³² Seis dias depois houve nova comunicação: “Recomendo vossas providências sentido pronta constituição Comissão Defesa Passiva Anti-Aérea”.³³

Em Passo Fundo, o jornal *Diário da Manhã* do dia 28 de agosto³⁴ publica o texto de um fonograma enviado por Heróphilo Azambuja a Passo Fundo. O conteúdo do texto é o mesmo recebido pelo Executivo Municipal de Lagoa Vermelha. Logo após, em 29 de agosto, o vemos no jornal:

Instruções para a Defesa Passiva Antiaérea
O Brasil está em guerra. E, já agora, devem ser mobilizadas, sem perda de um só instante, todas as forças nacionais, quer de natureza militar, quer não.

³² Documento constante no acervo da Prefeitura Municipal de Lagoa Vermelha. Telegramas recebidos em 26 de agosto de 1942. Lagoa Vermelha. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF). É interessante ressaltar o fato de que as condições de efetivação da defesa passiva antiaérea, no Brasil, foram estabelecidas pelo Decreto-lei n. 4.098, de 6 de fevereiro de 1942, e regulamentado pelo Decreto-lei n. 12.628, de 17 de junho de 1943. No Decreto-lei n. 4.098 as instruções competiam ao Ministério da Aeronáutica; isso foi alterado a 26 de agosto de 1942 com o Decreto-lei n. 4.624, em que a administração das medidas relativas à defesa passiva antiaérea passa para os Ministérios da Justiça e do Interior.

³³ Documento constante no acervo da Prefeitura Municipal de Lagoa Vermelha. Telegramas recebidos em 1º de setembro de 1942. Lagoa Vermelha. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

³⁴ Defesa passiva antiaérea. Um telegrama ao Dr. Victor Graeff – Instruções à população. *Diário da Manhã*. Passo Fundo, 28 ago. 1942.

A nação exige, nesta hora grave, a cooperação imediata de todos, indistintamente.

Cada brasileiro está obrigado a colaborar, enérgica e decididamente, com os Poderes Públicos e com as classes armadas, na defesa do solo pátrio.

Ninguém tem o direito de esperar que as autoridades venham ao seu encontro.³⁵

Alguns setores passaram a interessar-se pelo tema da defesa, como os funcionários da agência do Banco do Brasil, de Passo Fundo, que haviam sido presenteados pelo gerente do estabelecimento com o livro *A defesa passiva no Brasil* para, segundo o jornal, saberem defender-se “quando o inimigo ousar atacar os pontos vitais da nação”.³⁶

No princípio de setembro de 1942 encetou-se uma preparação da população para a defesa. A decisão que regularizou essa matéria no Rio Grande do Sul foi o decreto estadual de 27 de agosto de 1942, que assim introduz seu texto: “fica criada na sede de cada município do Estado uma Comissão de Defesa Passiva Anti-Aérea”.³⁷ A partir de 29 de agosto do mesmo ano deu-se início à publicação de “Instruções para a Defesa Passiva Anti-Aérea” por partes em sucessivas edições dos periódicos. Já em seu cabeçalho, lê-se:

Instruções
Para a Defesa Anti-Aérea da Cidade
Como se deverá conduzir a população no caso de ataques da Aviação Inimiga.³⁸

A responsável pela publicação é a Comissão de Defesa Passiva Antiaérea de Lagoa Vermelha, Rio Grande do Sul. Há no conteúdo

³⁵ Defesa passiva antiaérea. Um telegrama ao Dr. Victor Graeff – Instruções à população. *Diário da Manhã*. Passo Fundo, 29 ago. 1942.

³⁶ Instruem-se os funcionários do Banco do Brasil. *O Nacional*. Passo Fundo, 31 ago. 1942.

³⁷ DIÁRIO Oficial: Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 27 de agosto de 1942.

³⁸ Documento constante no acervo da Prefeitura Municipal de Lagoa Vermelha. Documentos de Gestão [1942]. Arquivo Histórico Regional – UPE.

da matéria a preocupação com bombardeios aéreos, pânico, bombas incendiárias e explosivas, combate ao fogo, abrigos, construções coletivas e públicas, cuidado com os motoristas. E em seu fechamento declara: “Guarde estas instruções e divulgue-as entre os seus companheiros, que elas são de vivo interesse para a segurança coletiva”.³⁹

Portanto, provavelmente, tanto os Governos Estadual e Municipal como os meios de comunicação locais estavam repassando o que era transmitido pelo Governo Federal. Lembramos que, para tanto, o Decreto 12.628/43 organiza hierarquicamente o trabalho e que, a partir da criação da Direção Nacional do Serviço de Defesa Passiva Antiaérea (DNSPAAE), no Rio de Janeiro, havia a possibilidade de instalação de diretorias regionais, delegacias distritais e comissariados municipais⁴⁰. Assim sendo, o trabalho relativo às comissões de defesa continuava. No dia 29 de setembro, o *Diário da Manhã* publicava:

Esteve reunida a Comissão de defesa Passiva Anti-Aérea deste município

NOTÍCIA: Com a presença dos srs. dr. Victor Graeff, prefeito municipal, major Ruy Santiago, comandante do III/8° R.I., dr. Darcy Berbigier, Delegado de Polícia, Jaime Laus e Geolar Caminha, esteve reunida Domingo a Comissão de Defesa Passiva Anti-Aérea deste município. Iniciando a sessão foi apresentado pelo major Ruy Santiago um esboço do plano geral da Defesa Passiva Anti-Aérea da cidade (...) Em seguida foram estudadas as providencias praticáveis para o estabelecimento parcial e experimental da cidade.

Após, o sr. Presidente, dr. Victor Graeff, propôs a criação de uma comissão diretora do serviço de escurcimento (...)

Por fim, a comissão resolveu adotar as instruções so-

³⁹ Documento constante no acervo da Prefeitura Municipal de Lagoa Vermelha. [1942]. Arquivo Histórico Regional – UPF.

⁴⁰ Decreto-lei n. 12.628, de 17 de junho de 1943.

bre o escurecimento contidas nas instruções da Secretaria do Interior.⁴¹

Podemos inferir, pelas reportagens, que a sociedade regional teve acesso a um conjunto de informações a respeito da guerra e de suas consequências, o que a levou a preparar-se para um ataque que, segundo os periódicos analisados, poderia ser iminente.

A leitura do texto de jornal pode ser realizada de uma perspectiva direta ou indireta, a primeira efetivada pelo leitor diretamente nas páginas dos periódicos, e a segunda, quando a informação é repassada por um primeiro leitor a terceiros. Além da busca pelos acontecimentos do dia a dia e da curiosidade nata de cada indivíduo, também há em cada notícia contida na imprensa o que Mitchell Stephens chama de “valor para conversação” (STEPHENS, 1993, p. 44), visto que as notícias são concebidas para ressoar através da sociedade, repassadas de indivíduo a indivíduo. É possível que isso seja verificado na própria reação da população, por meio da realização das passeatas, dos comícios ou das festividades relacionadas às diversas conjunturas pelas quais passou a Segunda Guerra Mundial. Dessa forma, há maneiras indiretas de se chegar à informação por quem não tem acesso aos jornais ou, ainda, à leitura.

A POPULAÇÃO ENGAJADA COM A DEFESA

A movimentação regional reagia à situação internacional e às atividades de segurança e defesa propostas pelos Governos Federal e Estadual, sendo, naquele momento, várias as frentes de atenção e trabalho. Outro tema que também passou a ter destaque foi o da construção de abrigos antiaéreos. Não encontramos menções diretas à efetivação

⁴¹ Esteve reunida a Comissão de Defesa Passiva Anti-Aérea deste município. *Diário da Manhã*, Passo Fundo, 29 set. 1942.

da construção de abrigos no Rio Grande do Sul, mas são muitas as referências às crescentes campanhas para isso. Vemos, em 31 de agosto de 1942, em *O Nacional*, e em 1º de setembro, no *Diário da Manhã*, a publicação de um telegrama enviado pelo presidente do Sindicato dos Ônibus de Carga ao prefeito municipal:

Solicitamos vossa excelência cientificar empresas transporte esse município imperativo patriótico movimento venda de passagens e fretes carga dia primeiro de setembro seja invertido construção abrigos antiaéreos todo Estado, devendo importância respectiva ser enviada esta capital, dirigida Sindicato Ônibus Carga, com sede à Galeria Municipal, nesta capital.⁴²

Na cidade de Passo Fundo o assunto movimentou a população:

Conduzindo a Bandeira da Vitória, desfilarão pelas ruas da cidade grupos de alunas e professores do Ginásio Notre Dame, com o fim de angariarem donativos para a construção de abrigos antiaéreos no nosso Estado.⁴³

Em *O Nacional* aparecem, em 10 e 11 de setembro, respectivamente, as seguintes informações:

Rendeu 1:335\$600 a venda de distintivos do trigo. Importância que se destinará à construção de abrigos antiaéreos⁴⁴

A construção de abrigos antiaéreos e a defesa da po-

⁴² A construção de abrigos anti-aéreos. Um telegrama à respeito da iniciativa das empresas de transporte *Diário da Manhã*. Passo Fundo, 01 set. 1942.

⁴³ Para a construção de Abrigos Antiaéreos. *Diário da Manhã*. Passo Fundo, 11 set. 1942.

⁴⁴ Rendeu 1:335\$600 a venda de distintivos do trigo. Importância que se destinará à construção de abrigos anti-aéreos. *O Nacional*. Passo Fundo, 10 set. 1942. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

pulação brasileira. A “Previdência Nacional Ltda.”, por intermédio de “O Nacional”, organiza um grande sorteio, cuja renda destinar-se-á à construção de abrigos⁴⁵

Vale destacar que eram realizadas campanhas para angariar fundos para várias finalidades, pois encontramos muitas menções a outros aspectos do cotidiano perpassados pela guerra. Como exemplo, na cidade de Passo Fundo, nos primeiros dias após a declaração de guerra pelo Brasil, realizou-se a campanha intitulada “Mais Armas para o Brasil”, para a qual, além de doações em dinheiro, a comunidade contribuiu com objetos oferecidos por casas de comércio locais. Estes eram depositados na redação do jornal que estava apoiando a causa para, posteriormente, serem leiloados ou rifados. No final de agosto, a Casa Elétrica doou para essa campanha um rádio para ser rifado. A respeito, o *Diário da Manhã* estampou em sua contracapa a seguinte notícia:

Mal conhecida a nova situação do Brasil e já seus filhos, de norte a sul, bradam em uma só voz. E esse grito do povo brasileiro também ecoou em Passo Fundo. [...] a Casa Elétrica, vem de oferecer um rádio para ser rifado em benefício dessa grande campanha de brasilidade, que recebeu o apoio integral do DIÁRIO DA MANHÃ.⁴⁶

Os textos trazem casos de indivíduos, tanto dos grupos mais abastados quanto das camadas mais humildes da população, a fim de demonstrar a participação efetiva da sociedade. A saber, temos a manchete em que aparece a história sobre um mendigo patriota⁴⁷. Esse

⁴⁵ A construção de abrigos anti-aéreos e a defesa da população brasileira. *O Nacional*. Passo Fundo, 11 set. 1942. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

⁴⁶ Mais armas para o Brasil! A Casas Elétrica ofereceu um rádio para ser rifado em benefício dessa campanha. *Diário da Manhã*. Passo Fundo, 26 ago. 1942.

⁴⁷ As numerosas contribuições trazidas a “O Nacional”, por grandes e crianças – Um mendigo patriota. *O Nacional*. Passo Fundo, 05 set. 1942. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

indivíduo teria ido até a redação do jornal, “caminhando com dificuldade e se apoiando em um tosco bastão”, para entregar alguns pedaços de alumínio velho recolhidos “em sua desventurada peregrinação de todos os dias”. São textos carregados de apelo emocional para mostrar que independentemente da situação em que se encontrava o empresário, a criança ou, neste caso, um mendigo, cada pessoa poderia dar sua contribuição.

A periodicidade das citações de nomes de pessoas físicas e empresas públicas e privadas era quase diária, além de, geralmente, ser enfatizado o valor doado. Das pessoas físicas encontramos menções a doações em dinheiro como também de objetos de valor para serem vendidos ou leiloados, como um “cofrezinho contendo diversas moedas do Império” ou luxuosos álbuns de fotografia.

A essas notícias ainda podemos somar as que relatam os eventos sociais realizados na cidade, como bailes, festas, quermesses e feiras⁴⁸, promovidos por vários segmentos sociais, desde grupos de senhoras, estudantes normalistas de escolas públicas e privadas ou mesmo militares do exército⁴⁹. Tudo leva a crer que pode ter se criado, ou mesmo ampliado, um sentimento patriótico e nacionalista mais exacerbado do que em outros períodos. Se levarmos em conta as páginas dos jornais, constataremos que havia grande movimentação na sociedade local e regional no sentido de preparar-se para a iminente guerra que se aproximava, colaborando financeiramente e instruindo-se para melhor agir, ou, até mesmo, aprendendo a manejar armas.

As medidas necessárias à efetivação da posição tomada pelo Brasil em 22 de agosto foram sucedendo, a princípio, com a declaração do estado de guerra⁵⁰ em 31 de agosto de 1942. O próximo passo ocor-

⁴⁸ Em benefício da pátria as professorandas levarão a efeito um “guaraná-dançante”. *Diário da Manhã*. Passo Fundo, 30 set. 1942.

⁴⁹ Transferida para o dia 19 a grande quermesse organizada pelo comando do III – 8° R.I. *Diário da Manhã*. Passo Fundo, 04 set. 1942.

⁵⁰ A declaração do estado de guerra foi feita através do Decreto n. 18.358, de 31 de agosto de 1942.

reu em 16 de setembro, quando foi decretada a mobilização geral e os periódicos apresentaram notícias de capa. O *Diário da Manhã* deu ênfase maior ao acontecimento, pois o colocou em posição destacada, com grandes letras: “Mobilização Geral dos Brasileiros. O importante decreto assinado, ontem, pelo sr. Presidente da República”.⁵¹ Em Passo Fundo essa notícia repercutiu em toda a sociedade, causando, segundo o *Diário da Manhã*, grande sensação e entusiasmo, tendo sido comentada em todos os lugares e por pessoas das mais diversas idades, pois era considerado um passo importante na preparação do país para a guerra.

Não poderia passar despercebido no trabalho de veiculação das notícias da guerra pelas empresas jornalísticas na década de 1940 que havia, comumente, uma defasagem temporal entre o fato e a publicação da notícia, de modo geral de dois dias, mas que por vezes chegava a uma semana. Com o intuito de abreviar esse tempo, empregava-se o já citado recurso do chamado *placard*. Os diários utilizavam-se de outras formas de veiculação, além do papel impresso, para as notícias que entendiam ser de maior repercussão, diminuindo, assim, até certo ponto, a defasagem. As notícias chegavam a Passo Fundo via telégrafo ou mesmo via recepção de rádio de São Paulo, Rio de Janeiro ou Porto Alegre; assim, antes que fosse publicada no dia seguinte, ia para o *placard* à frente da redação, onde os leitores poderiam inteirar-se de uma notícia – de um “furo” de reportagem – em menor tempo do que lê-la na edição do dia seguinte.

Os jornais utilizavam-se sobremaneira desse formato de veiculação, sobretudo nos momentos em que era exaltada a situação de conflito, quando os passo-fundenses se encontravam numa espera ansiosa para saber o que estaria acontecendo no restante do país em sua preparação para a guerra, como também em relação às ações realizadas pelo inimigo. Segundo os jornais, logo que as notícias eram colocadas na

⁵¹ Mobilização Geral dos Brasileiros! O importante decreto assinado, ontem, pelo sr. Presidente da República. *Diário da Manhã*. Passo Fundo, 17 set. 1942.

vitrine, especialmente nos momentos em que os acontecimentos eram mais decisivos, muitas pessoas acorriam à redação para tomar ciência dos fatos.

As citações à situação e à participação da população brasileira continuavam e podemos encontrar nos jornais termos que se referem, por exemplo, aos trabalhadores que iam à Amazônia para a extração da borracha como sendo os “soldados da borracha” (NECES, 2004, p. 76); aos “legionários”⁵² que levavam suas contribuições às campanhas efetuadas pelos jornais locais para angariar fundos, que dentro do contexto, também eram considerados soldados, já que participavam do esforço de guerra. Em meados de setembro há um caso que exemplifica isso, envolvendo uma família do interior de Passo Fundo, na colônia Ciríaco. Um agricultor deixou na redação de *O Nacional* a quantia de 10\$000 réis em moedas de ouro do Império, que estaria entregando em nome de seus dois filhos, com 8 e 11 anos de idade. Além da doação, foi entregue uma carta que teria sido escrita pelos meninos e que o jornal publicou na íntegra:

Em vista de ter apenas 8 e 11 anos e nossas forças sendo fracas, não podendo agora lançar mãos de armas para a defesa da Pátria querida, enviamos-vos a pequena quantia de 10\$000 em moedas do Império, para a fabricação do “Avião da Vingança” [...]

Aqui ficamos, com nosso querido pai e irmãos, cultivando a terra e plantando cereais para o sustento da nossa armada brasileira. Tudo pelo Brasil!⁵³

O jornal selecionava, mas também reconstituía em suas páginas

⁵² Como prossegue a grande campanha dos metais para o Brasil, nesta cidade. Até objetos de valor têm sido doados – Um contra-baixo de metal amarelo oferecido pelo sr. Henrique Helbling – Um capacete de aço – Os nomes dos *legionários* dos metais velhos para o Brasil. *O Nacional*. Passo Fundo, 22 set. 1942.

⁵³ Para a compra do “Avião da Vingança” 10\$000 em moedas do Império entregues a *O Nacional*. *O Nacional*. Passo Fundo, 12 set. 1942.

os acontecimentos, já que as notícias são uma imagem análoga, pois, já não sendo mais o próprio fato, são outra dimensão desse fato; conservam muitos traços do acontecimento e projetam “um objeto do mundo físico num outro” espaço (BOUGNOUX, 2004, p. 60) – o papel – que chegará às mãos dos leitores que esperam pela informação não obtida a partir de seus próprios meios ou círculo de relacionamentos locais.

Ou seja, às mãos dos cidadãos civis que passavam a ser, conforme o discurso da imprensa, “soldados” e “legionários” de uma guerra que ainda não chegara à região. Poderiam, assim, sentir-se no *front* de batalha e agir de acordo com a conduta esperada de um soldado ou àquela preconizada pelo Governo Federal quando conclamava a população a fazer a sua parte para auxiliar o Brasil no conflito.

OS “EXERCÍCIOS DE GUERRA”

Em outubro de 1942 encontramos as primeiras referências ao envolvimento direto do Brasil nas ações do conflito na Europa quando das declarações feitas pelo almirante Álvaro de Vasconcelos, o qual diz que “os Estados Unidos podem contar com as forças armadas do Brasil, se dela necessitarem para a vitória”⁵⁴. Em Passo Fundo, a preparação foi efetuada pelo Governo Municipal com a participação da comunidade. Um dos mais ativos grupos foi o da Comissão de Defesa Passiva Antiaérea, que publicava periodicamente suas instruções à população regional através da imprensa escrita e por meio de boletins e cartazes fixados em locais de fácil acesso. Nesses chamados havia frases como: “tu que és parcela digna de um povo que sabe agir [...] defende-te aqui mesmo, auxiliando, da melhor forma possível, o Serviço de Defesa Passiva Anti-Aérea”⁵⁵. Em *O Nacional*, nesse sentido, há uma

⁵⁴ Os Estados Unidos podem contar com a força armada do Brasil. *Diário da Manhã*. Passo Fundo, 01 out. 1942.

⁵⁵ Serviço de Defesa Passiva Antiaérea. *Diário da Manhã*. Passo Fundo, 02 out. 1942.

invocação ao “soldado” passo-fundense: se não pode “voar pelos nossos céus, alinhando-te nas esquadilhas da reação ativa – defende-te, aqui mesmo, auxiliando, da forma que fores capaz”⁵⁶.

A cidade viveu momentos intensos ao final de 1942, quando ocorreu a realização de exercícios de defesa passiva com o escurecimento da cidade: primeiramente, de algumas zonas urbanas e, após, seu escurecimento total. Houve um planejamento com antecedência para a realização dos exercícios, feitos pela comissão de defesa passiva municipal, a qual divulgou na imprensa várias notas de aviso e instruções e entregou cartazes nas ruas. Esses exercícios de defesa começaram a ser realizados no centro da cidade, dentro do chamado “anel ferroviário” e, em seguida, estenderam-se às demais áreas urbana.⁵⁷ Exigindo comprometimento da população, a comissão chegou, inclusive, a intimar algumas pessoas que foram consideradas faltosas para com as regras estabelecidas para o exercício, publicando seus nomes no *Diário da Manhã*, por haverem prejudicado a atividade. A princípio, esses cidadãos seriam multados, contudo, após algumas reuniões, chegou-se à conclusão de que uma advertência verbal seria suficiente, dado que o trabalho realizado era tão só um exercício⁵⁸. Esse tipo de atividade foi realizada, a exemplo das grandes cidades do litoral brasileiro, em várias cidades do interior, como Passo Fundo, Carazinho⁵⁹, Lagoa Vermelha e Ijuí⁶⁰. Sobre situações como essa, onde os periódicos são utilizados para mobilizar a população, Maria Helena Capelato diz

⁵⁶ Instruções mandadas publicar pela Comissão de Defesa Passiva desta cidade. *O Nacional*. Passo Fundo, 05 out. 1942. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

⁵⁷ Correspondeu plenamente à expectativa o primeiro exercício de escurecimento realizado ontem nesta cidade. *O Nacional*. Passo Fundo, 31 out. 1942. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

⁵⁸ Estiveram reunidas em conjunto a Comissão de Defesa Passiva e Sub-Comissão de Escurecimento. *Diário da Manhã*. Passo Fundo, 05 nov. 1942.

⁵⁹ Carazinho efetuou o seu 1º exercício de escurecimento. *O Nacional*. Passo Fundo, 02 dez. 1942. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

⁶⁰ Notícias de Ijuí: Romaria dos viajantes – Exercício de escurecimento total. *Diário da Manhã*. Passo Fundo, 30 out. 1942.

que “a intensificação das emoções ocorre através dos meios de comunicação, responsáveis pelo aquecimento das sensibilidades” (CAPELATO, 1998, p. 206).

Aparentemente, em Passo Fundo, como em outros locais, também não houve mobilização geral da sociedade para os exercícios propostos pelas comissões. Todavia, segundo os dados disponíveis analisados, houve intenso trabalho e consequente participação social de grupos de estudantes, de operários, de técnicos, que fizeram publicidade das atividades, participaram de reuniões e estiveram na efetivação do trabalho nos momentos-chave em que se realizaram os treinamentos.

No princípio de 1943, a mesma ordem de assuntos e as mesmas preocupações foram mantidas. Entretanto, podemos notar que as notícias locais relacionadas à guerra diminuíram um pouco, pois a ênfase maior passou a ser dada aos acontecimentos em nível nacional e internacional, sendo menor no âmbito regional. Isso pode denotar uma calma pela qual passava a leitura da guerra nos jornais, após a declaração de guerra e do primeiro e mais efusivo entusiasmo em relação à defesa nacional. Ser brasileiro, a partir do envolvimento efetivo e declarado do Brasil na guerra significava, de um lado, exaltar publicamente um nacionalismo a toda prova e, de outro, demonstrar, também publicamente, um repúdio ostensivo às ações praticadas pelos nazifascistas.

Essa era a fase em que o Brasil e sua população estavam. Se não podemos notar entre a população a manutenção de um forte nacionalismo, percebido ao final de agosto de 1942, pelo menos observamos que, pela parte do governo, ainda havia a intenção de fazer a mesma ligação entre o esforço de guerra e a motivação nacional para o trabalho de todos em prol do país em razão do momento pelo qual se passava. Era a possibilidade de destacar, com base num elemento externo suficientemente forte, questões como o trabalho, o progresso e a

DERROTA DO EIXO A LESTE DE EL-GUETAR

Circulos Autorizados Yankees Anunciam Tremenda Ofensiva Aérea Contra O Reich

*Manchete de capa da edição de 08 de abril de 1943 do jornal O Nacional.
Acervo Arquivo Histórico Regional (PPGH-UPF).*

união nacional. Quanto a Rio Grande do Sul, a imprensa mostrava-o pronto para ir à guerra, pois, segundo as matérias, os gaúchos teriam “o desejo de serem os primeiros a entrar em choque contra o inimigo comum”⁶¹. Motivadas por esse sentimento, as manifestações da imprensa poderiam estar repercutindo no Rio Grande do Sul, onde se estaria despertando um forte sentimento patriótico.

Notícias e reportagens aliavam-se ao esforço de guerra, visto que se trabalhava ideologicamente a questão para levar à população a compreensão de que, ao desempenhar uma função, qualquer que fosse, estar-se-ia contribuindo para a vitória brasileira e, conseqüentemente, da liberdade e da democracia, termos que podem ser vistos geralmente próximos de “guerra”, “esforço” e “trabalho”. Como trouxe o *Diário da Manhã*: “Precisamos de uma outra lei, pela qual se possa convocar homens válidos para as fileiras da produção, porque nesta hora a Pátria precisa do sacrifício e da ajuda de todos os seus filhos.”⁶²

Ainda dentro desse esforço de todos pela causa da segurança nacional, podemos citar a campanha realizada em todo Brasil e, em particular, na região de Passo Fundo, que teve início no ano de 1943,

⁶¹ O povo do Rio Grande está confiante no seu chefe e a gente gaúcha está pronta para entrar em choque com o inimigo comum. *O Nacional*. Passo Fundo, 13 fev. 1943. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

⁶² A pátria exige o sacrifício de todos. *Diário da Manhã*. Passo Fundo, 21 abr. 1943.

no tocante à aquisição de obrigações de guerra⁶³, ou também chamada “campanha pró-bônus de guerra”. Essa foi apresentada como a oportunidade de todos darem sua colaboração e auxiliarem o país, porque, independentemente da condição social, poder-se-ia adquirir algum título dos bônus de guerra.

Assim, houve um trabalho mais direcionado por parte da Agência Nacional aos organismos de imprensa do país para que apoiassem incondicionalmente a proposta e divulgassem em suas regiões notícias referentes aos títulos. No Rio Grande do Sul, segundo o *Diário da Manhã*, “o apelo foi ouvido e toda a imprensa gaúcha trabalha em prol de um mesmo ideal”⁶⁴, pois seria uma campanha feita para todos aqueles que queriam a vitória das nações unidas. Portanto, podiam ser industrialistas, barbeiros ou copeiros, como o caso de uma entrevista realizada pelo periódico, em que o entrevistado afirmou que “adquirindo bônus de guerra, estamos contribuindo para o melhor aparelhamento bélico do Brasil”.⁶⁵ Tais matérias reforçavam o espírito da campanha por relatarem que pessoas dos mais diversos grupos sociais estavam dispostas a contribuir, desde o industrial às pessoas mais simples do povo, como os garçons. Os bônus eram, segundo as páginas dos diários, esperados ansiosamente pela população das cidades do interior, que chegavam a fazer listas de espera⁶⁶ para a sua compra.⁶⁷

Grupos de estudantes também emprestaram seu apoio a essa campanha ao promover desfiles pelas ruas da cidade como incentivo à compra. Também havia os jovens que andavam pelo centro urbano e

⁶³ As obrigações ou bônus de guerra eram títulos expedidos pelo Governo Federal que poderiam ser comprados por pessoas físicas e jurídicas e que posteriormente poderiam ser novamente convertidas em dinheiro. Os títulos eram adquiridos em bancos e alguns órgãos oficiais.

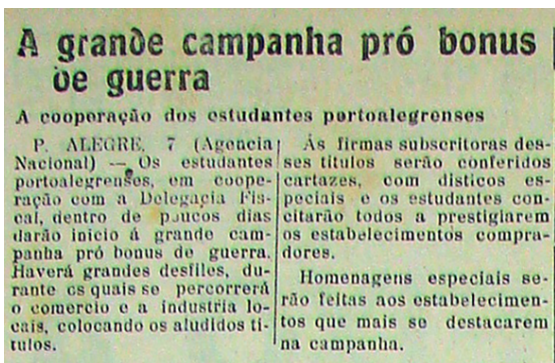
⁶⁴ “Chegou a hora dos operários contribuírem para a defesa da pátria”. *Diário da Manhã*. Passo Fundo, 08 jun. 1943.

⁶⁵ Idem.

⁶⁶ Ainda não chegaram aqui os “Bônus de Guerra” mas os passofundenses os aguardam patrioticamente interessados em adquiri-los. *O Nacional*. Passo Fundo, 25 maio 1943. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

⁶⁷ Os bônus de guerra em São Gabriel. *Diário da Manhã*. Passo Fundo, 25 jun. 1943.

percorriam casas comerciais e indústrias a fim de vender os bônus⁶⁸. A proposta governamental apoiada pela “mocidade estudantil” era ainda mais incisiva, porque para cada quantia de bônus comprada receber-se-ia “cartazes com dísticos especiais”⁶⁹; assim, o próprio grupo estudantil passaria a incentivar as pessoas em geral para que fizessem negócios, preferencialmente, naqueles determinados estabelecimentos que haviam comprado os títulos. No final da campanha havia a oportunidade para as pessoas e as empresas compradoras que mais se destacassem de receberem homenagens públicas pelo apoio dado ao país. Essa campanha manteve-se pelo menos até o início de 1944 e foi um meio incisivo de, ao mesmo tempo, angariar fundos para a manutenção e o reaparelhamento bélico nacional e, ainda, propiciar momentos de entusiasmo pela causa em torno dos mesmos objetivos: o fortalecimento do sentimento de unidade nacional e dos meios materiais necessários à defesa do país.



Manchete A grande campanha pró bônus de guerra na edição de 08 de abril de 1943 do jornal O Nacional. Acervo Arquivo Histórico Regional (PPGH-UPF).

O EMBARQUE DOS SOLDADOS BRASILEIROS

A defesa nacional também era compreendida de forma abrangente o suficiente para que se reivindicasse uma participação brasileira mais efetiva e mais direta no conflito mundial, ou seja, a exemplo

⁶⁸ A grande campanha pró-bônus de guerra. *O Nacional*. Passo Fundo, 08 abr. 1943. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

⁶⁹ Idem.

de outros países envolvidos, o envio de tropas às frentes de batalha na Europa ou na África. Passo Fundo e a região não passaram, como em todos os outros momentos, incólumes à discussão: fazendo seu debate e colocando sua opinião, a cidade também ganhou seu espaço nos diários locais.

Nesse íterim, as comemorações cívicas do dia 7 de setembro de 1943 testemunharam o engajamento da cidade nesse entusiasmo nacional. Houve uma das maiores demonstrações públicas nas comemorações do dia da Independência. Foi grande a movimentação popular durante todo o dia, tendo como ponto alto os desfiles públicos com os estudantes de todas as escolas públicas e particulares da cidade⁷⁰. Segundo o *Diário da Manhã*, “cerca de dez mil pessoas assistiram ao desfile da juventude estudantil e esportiva de Passo Fundo”⁷¹. O operariado também se fez representar efusivamente num desfile que percorrerá várias ruas da cidade, sobre tal ato o periódico assim escreveu:

Eram três mil homens de tez bronzeada pelo sol e de mãos calejadas no trabalho duro de cada dia, que vinham de público, demonstrar sentimentos que sempre estiveram vivos em suas almas. E o povo de Passo Fundo soube compreender aquele belo espetáculo de civismo.⁷²

É imperativo destacar que utilizavam algumas expressões para mostrar que todos participavam, mesmo homens de “mãos calejadas no trabalho duro” desfilavam demonstrando “os sentimentos que sempre estiveram vivos em suas almas”. Portanto, isso não seria algo passageiro, mas sentido durante toda sua vida.

Notícias vindas do centro do país davam conta de manifestações

⁷⁰ A Grande Parada da Juventude. *Diário da Manhã*. Passo Fundo, 07 set. 1943.

⁷¹ Idem.

⁷² O Operariado Passo-fundense. *Diário da Manhã*. Passo Fundo, 07 set. 1943.

de altas autoridades militares de apoio ao envio de tropas brasileiras na região⁷³. Em entrevista, o general Eurico Gaspar Dutra, ministro da Guerra, declarou que “a organização da Força Expedicionária Brasileira ainda está em sua fase preliminar”⁷⁴, mas que, de qualquer maneira, “cerca de 100 mil soldados brasileiros estão prontos para embarcar com destino a qualquer *front* e a qualquer momento”⁷⁵. Esse era o ânimo que queriam passar as autoridades militares brasileiras, ou seja, de um país que não fugiria se as determinações o lançassem à guerra⁷⁶.

A primeira referência que temos em relação ao envio de tropas à Europa ligadas a Passo Fundo data do final de outubro de 1943, quando o primeiro trem militar, que levava soldados para o Rio de Janeiro e saía de Uruguaiana, passou pela cidade. Seria uma ocasião que, a princípio, não chamaria a atenção, não fosse o relato dos jornais sobre os preparativos feitos para a espera do grupo de soldados que foram organizados pelos núcleos municipais da Liga de Defesa Nacional, da Cruz Vermelha Brasileira e da Legião Brasileira de Assistência, com o apoio das autoridades locais. Inicialmente, houve uma solicitação por via telegráfica da chefia de polícia do estado⁷⁷ para que fosse feita uma recepção festiva ao trem militar e, a partir disso, a imprensa e entidades passo-fundenses organizaram homenagens aos militares que passariam pela cidade. Além da população em geral, também o comércio e a indústria foram convocados para a recepção:

⁷³ No *Diário da Manhã*: Um ano de guerra. 22 ago. 1943; Grande comício em Ijuí, comemorando a entrada do Brasil na guerra. 27 ago. 1943; Comício em Marau. 10 set. 1943; Grande comício em Carazinho. 10 set. 1943.

⁷⁴ A organização da força expedicionária brasileira. *O Nacional*. Passo Fundo, 14 set. 1943.

⁷⁵ “100 mil soldados brasileiros prontos a embarcar para qualquer front, a qualquer momento”. *O Nacional*. Passo Fundo, 24 set. 1943.

⁷⁶ Entretanto, a realidade da preparação tornava-se mais complicada que o discurso. Além das dificuldades de uma empreitada de tal envergadura, havia a necessidade de adequar-se ao modelo norte-americano. Para isso, o alto escalão militar passou a fazer viagens de estudos aos Estados Unidos.

⁷⁷ Passará, hoje por Passo Fundo, a primeira composição especial conduzindo soldados que serão incluídos nas fileiras do exército expedicionário. *Diário da Manhã*. Passo Fundo, 23 out. 1943.

O apelo feito ontem ao comércio e às indústrias locais pela Prefeitura por intermédio de *O Nacional* teve ampla repercussão e simpática acolhida, tendo sido enviados hoje à sub-prefeitura, pelo comércio e indústrias locais, grande quantidade de cigarros, tubos de pasta para dentes e outros brindes que serão oferecidos aos soldados itinerantes.⁷⁸

O *Diário da Manhã* deu mais destaque à informação, transcrevendo o texto do telegrama enviado pelo chefe de polícia do estado e fazendo alusões aos soldados e sua participação na guerra ao lado dos Aliados e contra a pirataria nazista; anunciou que, além dos oradores oficiais, ainda estaria presente a banda da Brigada Militar, que tocaria “várias marchas e dobrados”⁷⁹. Foi o governo que convocou a sociedade a apoiar sua iniciativa de envio de tropas à Europa, assim, um fato que seria corriqueiro, como a passagem de um trem, transformou-se numa solenidade com a presença de autoridades civis e militares.

A sociedade, quando convocada, comparecia, demonstrando seu ardor patriótico e seu apoio à participação brasileira no *front* de batalha, como o próprio jornal diz: são “nossos soldados que em breve defenderão, nos campos de batalha da Europa, o nome e a honra do Brasil”⁸⁰. Os jornais não relatavam sobre os problemas que a guerra poderia trazer ao país, mas sobre as festividades que o momento trazia, dizia-se que “era indescritível o entusiasmo do povo que se encontrava ali e dos soldados itinerantes que acabavam de chegar”⁸¹, pois “pode-se mesmo dizer que toda a cidade encontrava-se na gare da Viação Férrea.

⁷⁸ Esperada hoje, nesta cidade, a passagem do primeiro trem militar que sairá do Rio Grande do Sul. *O Nacional*. Passo Fundo, 23 out. 1943. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

⁷⁹ Passará, hoje por Passo Fundo, a primeira composição especial conduzindo soldados que serão incluídos nas fileiras do exercito expedicionário. *Diário da Manhã*. Passo Fundo, 23 out. 1943.

⁸⁰ Idem.

⁸¹ Passou Sábado por esta cidade o primeiro trem de soldados rio-grandenses para a guerra. *O Nacional*. Passo Fundo, 25 out. 1943. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

A Cruz Vermelha Brasileira foi criada em 5 de dezembro de 1908, nos termos da Convenção de Genebra, tendo como primeiro presidente Oswaldo Cruz. Em tempos de guerra, atuava no socorro aos feridos nos campos de batalha e na libertação de prisioneiros de guerra. O Núcleo de Voluntários da Cruz Vermelha Brasileira de Passo Fundo (CVBPF) foi instalado no dia 9 de maio de 1942, mas seus trabalhos iniciaram de fato com o envio à Itália de 25 mil militares da Força Expedicionária Brasileira (FEB) em 1943. Neste

contexto, foram constituídos os cursos de atendente e auxiliar de enfermagem e campanhas de arrecadação de agasalhos para a FEB, além do amparo prestado aos militares passo-fundenses. Em 24 de dezembro de 1944, o primeiro grupo de expedicionários passo-fundenses partiu para o Rio de Janeiro, com destino aos fronts italianos. Naquela noite, foi realizado pela CVBPF uma festa natalina, na qual jovens passo-fundenses escolheram um soldado com afilhado, fixando, nas lapelas de seus uniformes cor de oliva, fitas verdes e amarelas com uma medalha de Nossa Senhora Aparecida.



Djanira Lângaro, presidente do Núcleo de Voluntários da Cruz Vermelha Brasileira de Passo Fundo; Morena B. Almeida, vice-presidente; e Olga Pelegrini, tesoureira. Fotógrafo: Foto Moderna.

Italia

1: - 4 - 1945

Estimada Madrinha
Saude recebi ontem a tua
presada cartinha fiquei
muito satisfeito de ter
noticias tuas aqui graça
a o bon Deus vou hem
de saude. E espero que
esta cartinha te encontre
na mesma forma

Estimada Madrinha eu
estou na terra italiana
e neste conto desses.
Paizes maravilhosos e estou
aqui comprindo com meu
dever de um soldado
Brasileiro pela defesa da
minha querida Patricia e do
meu amado Brasil e pela
defesa da nossas familias
Presada Madrinha a
fotografi que te envio
meu vou te mandar
na outra carta que
vou te mandar



1944
Delma Rosendo Gehm
Passo Fundo

Carta enviada da Itália
pelo soldado José Falso
em 1º abril 1945, para
a sua madrinha da
Cruz Vermelha de Passo
Fundo.

Pracinha de Passo Fundo
com a sua madrinha,
Delma Rosendo Gehm,
em sua partida, em
1944. Foto Moderna.

Acervo Arquivo
Histórico Regional
(PPGH-UPF).

Portanto lhe dou as
noticias de minha
viagem do Brasil
a Italia foi muito
falta e foi uma viagem
ótima que não foi pes-
sima mel. hor
e rogo a Deus que espera
que breve estado de saúde
e passar umas oras quanto
eu aqui estou gostando
do lugar e tambem tem
muitos gorotos horruta
e elas so querem sair
comigo
presada madrinha vou
terminar esta cartinha
dando te muita lembrança
e felicidade e te desejo
uma boa noite
Este é o meu endereço

José Falso

Soldado
José Falso

402.FEB

Jamais presenciamos tamanha multidão e tão grande entusiasmo”. Assim, conseguia-se novamente unir a população em torno de questões sobre as quais não havia discussão, ou seja, o envio de tropas e a defesa nacional.

No entanto, a sociedade local não vivia somente o ânimo patriótico. Enquanto no princípio de 1944 as mobilizações em decorrência da guerra na região arrefeciam os ânimos, podemos encontrar outros aspectos, ou outros “sentidos”, para a Segunda Guerra Mundial em Passo Fundo. A guerra foi utilizada pelos que apoiavam as atividades da administração da Prefeitura Municipal para se desculpar diante da reportagem do *Diário da Manhã* pelos problemas que a cidade vinha enfrentando, pois, segundo um dos entrevistados, “a guerra é a única culpada por tudo isso que está ocorrendo em Passo Fundo. Se não fosse esse maldito Hitler, o sr. Prefeito estaria realizando notável obra administrativa”. Em seu texto, o jornalista pergunta-se se a guerra seria a culpada por todos os problemas pelos quais passava a cidade, da sujeira das ruas à falta de água, perpassando pelo abandono das praças. O jornalista terminava a reportagem satirizando a relação que seu entrevistado tentava fazer entre a guerra e os problemas da cidade, pois com tudo o que se havia para fazer “ficamos pensando na guerra”⁸².

Este é um período no qual os jornais demonstraram certa inércia em relação à temática da guerra em suas repercussões na região de Passo Fundo, destacando-se mais o conflito na Europa, na África e na Ásia. De outra parte, notamos uma ascensão de outros temas que anteriormente passavam despercebidos, ou recebiam menor destaque, como os esportes, os jogos intercolegiais, as viagens de ministros de Estado e dos interventores. Outro assunto que começou a aparecer nos diários eram as novas possibilidades que surgiam para o país com o conflito: economicamente, o Brasil poderia abastecer os países que ti-

⁸² Passo Fundo e a Guerra. *Diário da Manhã*. Passo Fundo, 27 fev 1944.

nam estado em guerra durante anos e, politicamente, poderia ocorrer sua inserção na política internacional ao lado das grandes potências.

Em meados de 1944, a cidade vivia uma “calmaria” patriótica e os jornais faziam os relatos da movimentação pelo país, pois de várias regiões eram enviados contingentes de praças militares para o Rio de Janeiro, onde se concentravam os esforços, os materiais e as estratégias. Os soldados expedicionários em viagem eram saudados nas estações ferroviárias pelas quais passavam, demonstrando o trabalho governamental que havia em suas diversas instâncias para que não fosse descuidada a elevação do moral dos militares⁸³.

Seguiu-se, no primeiro semestre de 1944, uma sequência de chamadas de corpos de voluntários inscritos anteriormente e de avaliações dos candidatos. Eram grandes contingentes à espera de serem chamados para a guerra e que se dispunham a tudo pelo país, inclusive a dar a vida em “batalhões suicidas” criados por eles próprios e inscritos nas unidades militares municipais espalhadas pelo país⁸⁴. Mas nem todos os grupos sociais compreendiam a necessidade da participação da mesma forma, nesse sentido, os articulistas conclamavam os cidadãos a pensar na guerra. Para Clarimundo Flores, que aparece como articulista no *Diário da Manhã*, escrevendo de Santa Maria, ainda havia muitas pessoas apáticas em relação à guerra e suas consequências e “infelizmente, ainda são poucos os brasileiros que reconhecem esse perigo e tudo fazem para conjura-lo”.⁸⁵ Em 1944, apesar de as manifestações populares contra os chamados “eixistas” ou “quinta-colunistas” quase desaparecerem dos jornais, as preocupações quanto a esses grupos continuavam de outras formas.

No início de junho, quando do ataque das forças Aliadas à Euro-

⁸³ Mais tropas embarcaram para se incorporarem à Força Expedicionária do Brasil. *O Nacional*. Passo Fundo, 03 abr. 1944. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

⁸⁴ Dispostos a participar do Corpo Expedicionário Brasileiro. *O Nacional*. Passo Fundo, 28 abr. 1944. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

⁸⁵ É preciso pensar na guerra. *Diário da Manhã*. Passo Fundo, 10 maio 1944.

pa, os dois periódicos passo-fundenses publicaram em edições extras a “novidade urgente” sobre os últimos acontecimentos na frente de batalha. *O Nacional* preferiu fazer comentários sobre as vitórias das armas Aliadas e o *Diário a Manhã*, por sua vez, citou a utilização, para a divulgação das notícias, de seus *placards* à frente de suas vitrines. E relatou que, após as notícias serem afixadas, o espocar de foguetes “foi o que bastou para que uma verdadeira multidão estacionasse a frente do edifício deste jornal”⁸⁶ para saber dos acontecimentos. Também narrou: “É o fim da guerra, cruel e bárbara que se aproxima rapidamente. É o nazismo que está exalando o seu último suspiro”⁸⁷. Mesmo trabalhando com abordagens diferentes, os dois periódicos repassavam as informações transmitidas pela Agência Nacional, legitimando os preparativos militares brasileiros para o envio de tropas à Europa.

Para marcar o evento de maneira patriótica, ao tomar conhecimento, o prefeito municipal solicitou ao comércio, à indústria e às repartições públicas da cidade que hasteassem a bandeira nacional em comemoração ao “Dia da Invasão da Europa” e informou que já se preparava um comício em homenagem ao feito Aliado. Os diários faziam alusão à preparação de um comício-monstro – que seria realizado na esquina da Av. General Netto e rua Moron, em frente ao Restaurante e Café Elite – em homenagem ao acontecimento, a exemplo das grandes cidades e capitais do país. As cidades⁸⁸ do interior voltavam a expressar publicamente seu entusiasmo e seu orgulho patrióticos para com o país e a participação na guerra. Tantas foram as demonstrações fortes e efusivas dos ouvintes durante o comício que os oradores, por várias vezes, tiveram de interromper seu discurso pelas manifestações

⁸⁶ Como repercutiram nesta cidade as primeiras informações telegráficas sobre a invasão da Europa. *Diário da Manhã*. Passo Fundo, 07 jun. 1944.

⁸⁷ *Idem*.

⁸⁸ Notícias também de comícios na cidade Carazinho: Carazinho festejou a data da invasão Aliada. *O Nacional*. Passo Fundo, 12 jun. 1944. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

de aprovação da população aglomerada, que ovacionou os líderes nacionais e a participação brasileira na guerra.

Não há notícias na imprensa local a respeito do embarque da força Expedicionária, já que o governo, após o término de sua preparação, fixou sua data⁸⁹, mas manteve-a em sigilo, pois ainda se temiam possíveis ataques de submarinos do Eixo. Contudo, a chegada dos soldados na volta da Europa foi muito comemorada em todo o país⁹⁰. Os passo-fundenses, desta vez, não organizaram manifestações públicas em conjunto, no entanto, o *Diário da Manhã* relatou que a cidade amanheceu toda embandeirada e, seguindo o exemplo de outras cidades brasileiras, “a notícia do desembarque foi assunto obrigatório” em todas as conversas.⁹¹

Assim, o entusiasmo e os sentimentos relativos à guerra espalhavam-se pelos diversos grupos sociais locais e nas mais diversas situações, cuja principal fonte de informações, a imprensa local escrita, continuava alimentando diariamente com novos acontecimentos. A população, então, lia suas notícias nas páginas dos jornais ou, se a urgência requisesse, a informação seria exposta nos *placards* em frente das redações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tivemos a oportunidade de observar, neste artigo, alguns anos da década de 1940 e a Segunda Guerra Mundial em dois *fronts* de batalha – externa e interna – em relação ao Brasil e aos diversos grupos sociais que se movimentaram e participaram das ações empreendidas pelos órgãos governamentais, sendo também motivadas pelos aconte-

⁸⁹ O embarque deu-se em quatro grupos, em datas distintas, sendo: 2 de julho, 22 de setembro e 23 de novembro de 1944; e a última em 8 de fevereiro de 1945.

⁹⁰ A participação dos brasileiros na batalha do Velho Mundo. *O Nacional*. Passo Fundo, 20 jul. 1944. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

⁹¹ Como repercutiu na cidade. *Diário da Manhã*. Passo Fundo, 20 jul. 1944.

cimentos que se sucediam e que eram noticiados nas páginas dos periódicos locais. Os jornais, normalmente, podem influenciar opiniões e em tempos de ânimos exaltados, como foram os da Segunda Grande Guerra, com convicções mais acaloradas, podem até mesmo inspirar comportamentos, pois o leitor pode ser, com base em seus interesses e prioridades, envolvido pelo discurso do jornal e, conseqüentemente, motivado a desenvolver determinadas opiniões. Nesse sentido, inferimos que também havia uma motivação por parte da própria população para um sentimento de pertença, isto é, no intuito de ser parte da nação, do grupo que lutava pelo Brasil. Se levarmos em conta as páginas dos jornais, constataremos que havia grande movimentação na sociedade local e regional no sentido de preparar-se para a iminente guerra que parecia se aproximar, colaborando financeiramente, instruindo-se para melhor agir ou aprendendo a manejar armas.

O sentido militar que passou a dominar os discursos é especialmente forte a partir do final de agosto de 1942, quando os temas da guerra e da segurança nacional se tornaram prioritários. Encontramos citações em muitas situações que envolviam a população civil, o governo e os soldados. São utilizados termos militares para referir-se a áreas que até então não faziam parte diretamente do campo militar, mas que a partir da entrada do Brasil no conflito passaram a ser tratados como, de certa forma, parte integrante das forças armadas. A população era convocada a “lutar” pela pátria, cada um em seu lugar, em sua profissão, pois todas as áreas – sobretudo as da produção – eram reconhecidas como importantes para a preparação do país para a luta. Ainda, cada um deveria dar sua contribuição ao esforço de guerra, unindo-se em torno desses temas.

Relatando o conflito mundial em suas ocorrências no interior do estado do Rio Grande do Sul, é possível observar a importante influência, nas mais diversas áreas da sociedade, de uma guerra que ocorreu principalmente em outros continentes e que, materialmente, afora os

a fundamentos das embarcações nacionais, não chegou às vias de fato em território brasileiro, mas permeou o país como um todo. É notável a presença da imprensa neste “tabuleiro de operações” dentro do país, por meio de um jogo de informações que abasteceu a opinião pública da população. A imprensa local, tendo seu leitor como ponta final desse processo de veiculação, foi, por meio de variadas estratégias de apreensão e transmissão da realidade, legitimando-se na região como o meio privilegiado da informação, pelo qual a sociedade pôde perceber, mesmo distante do cenário europeu, a intensidade do perigo que representou a Segunda Guerra Mundial.

REFERÊNCIAS

BOUGNOUX, Daniel. *Introdução às ciências da comunicação*. Bauru: Edusc, 1999.

CAPELATO, Maria Helena. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. São Paulo: Papyrus, 1998. p. 206. (Coleção Textos do Tempo).

DARNTON, Robert. *O Grande Massacre de Gatos - e Outros Episódios da História Cultural Francesa*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 1996, p. 18.

FLORES, Moacyr. *Dicionário de história do Brasil*. Porto Alegre: Edipucrs, 1996. p. 430 – 431.

LAGE, Nilson. *Ideologia e técnica da notícia*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1982. P. 47.

MOURA. *Sucessões e Ilusões: relações internacionais do Brasil durante e após a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991. p. 17.

NECES, Marcus Vinicius. A heroica e desprezada Batalha da Borracha. *Revista História Viva*. São Paulo: s.e. n. 08, jun. 2004. P. 76.

STEPHENS, Mitchell. *Uma História das comunicações: dos tantãs aos satélites*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993. p. 44.

Da crise do regime ditatorial do Estado Novo, comandado pelo presidente Getúlio Vargas, emergiu o sistema democrático pluripartidário brasileiro que vigorou entre 1945 e 1964. A chamada “Lei Agamenon” ditou as regras para o estabelecimento dos novos partidos no país, as quais determinavam que as agremiações a serem formadas deveriam ter caráter nacional, com presença em pelo menos cinco estados e serem subscritos por dez mil eleitores (DELGADO, 2016, p. 134).

Formam-se, então, as novas agremiações, dentre as quais se colocam o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), o Partido Social Democrático (PSD) e União Democrática Nacional (UDN). Os dois primeiros tinham importante ligação com a figura do ex-presidente Getúlio Vargas, que continuou com grande protagonismo político mesmo após a sua deposição em 1945. Nacionalmente, PSD e PTB compunham aliança em torno das disputas ao Governo Federal, o que não se repetiu no Rio Grande do Sul¹. No estado, os grandes embates políticos do período democrático foram protagonizados pelos dois partidos em oposição. Em Passo Fundo, as disputas partidárias ao longo do período democrático acompanharam a dinâmica estadual.

O texto tem como objetivo fazer uma breve análise das propostas, dos programas e das estratégias de campanha na disputa pela prefeitura municipal de Passo Fundo em 1947, quando ocorreu a primeira eleição para prefeito após a ditadura do Estado Novo. Considerando que, conforme Rémond (2003, p. 49),

¹ Ver: CÂNEPA, Mercedes Maria Loguercio. *Partidos e representação política: a articulação dos níveis estadual e nacional no Rio Grande do Sul (1945-1965)*. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

a campanha é parte integrante de uma eleição, é seu primeiro ato. Não apenas a manifestação dos eleitores ou a explicação dos programas dos candidatos e dos temas dos partidos, é a entrada em operação de estratégias, a interação entre cálculos dos políticos e os movimentos de opinião. Sobretudo, ela modifica a cada dia as intenções e talvez a relação de forças.

É durante a campanha que os partidos e candidatos buscam conquistar o eleitorado. Conforme Angeli (2018, p. 335),

a experiência democrática no Brasil, marcada pela incorporação das camadas populares às práticas eleitorais, acabou por condenar um modo de fazer política até então vigente: embora as práticas clientelistas perdurassem, a necessidade de conquista do voto dos trabalhadores – cada vez mais presentes no eleitorado – exigiu das elites políticas a adoção de práticas de mobilização não baseadas na coerção.

Desse modo, busca-se compreender de que forma as forças políticas de Passo Fundo buscavam atrair os eleitores para que depositassem sua confiança nos projetos apresentados.

Como fontes, são utilizados os periódicos de circulação local *O Nacional* e *Diário da Manhã*. Segundo Benvegnú (2006, p. 19), o primeiro foi fundado em 1925 por Theophilo Guimarães e passou ao comando de Múcio de Castro, que adquiriu o jornal na década de 1940. O periódico mantinha forte ligação com o trabalhismo até seu proprietário romper com o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e migrar ao Movimento Trabalhista Renovador (MTR), no início da década de 1960. O segundo teve suas atividades iniciadas em 1935, era de propriedade de Túlio Fontoura e, igualmente, possuía posições políticas marcantes devido à ligação de Fontoura com o Partido Social Democrático (PSD). Ainda, “convém salientar que o posicionamento

de Múcio de Castro se mostrava de forma um tanto mais branda em relação àquele expresso por Túlio Fontoura, marcadamente mais enfático, mais direto, mais defendido” (BENVEGNÚ, 2006, p. 19).

A riqueza da utilização da imprensa como fonte para a pesquisa em História Política se traduz na ampla produção de conteúdo proporcionada pelos veículos de comunicação, conforme aponta Angeli (2018a, p. 341):

interesse do meio político em publicar na imprensa, necessidade da imprensa de produzir conteúdo sobre a política, vínculos mais ou menos estabelecidos entre os periódicos com os diferentes grupos políticos, variados posicionamentos e vínculos partidários de jornalistas, colunistas, articulistas, venda de espaços para propaganda política de diversas tendências, tudo isso transformava as páginas dos grandes periódicos, especialmente nos períodos de campanha eleitoral em campos minados onde o sentido do presente era politicamente disputado em cada página e a cada edição diária.

De acordo com Karawejczyk (2010, p. 43), “não se deve esquecer da ilusão de transparência, verdade e objetividade que a linguagem jornalística impõe ao nosso imaginário e, assim, deve-se ficar atento a esse ponto, ao incorporar qualquer matéria de um periódico no corpus documental de uma pesquisa”. Também, há a necessidade de o historiador estabelecer com o jornal certa qualidade de interpretação do documento, para que se possa perceber a significância do que está sendo lido. Desse modo, para a correta interpretação do jornal como fonte, a ideia transmitida pelo periódico deve ser constante, vista por diversas vezes nas páginas do documento, sendo possível, assim, qualificar a informação como útil ou descartável (ELMIR, 1995, p. 23).

Portanto, para o exame das fontes, será adotado o método da análise de conteúdo. Dado que, segundo Moraes (1999, p. 2),

constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum.

O autor ainda observa que na análise de conteúdo, apesar de os dados estarem colocados no texto, cabe ao pesquisador reconstruir o contexto em que foram ditos. Nesse sentido, é preciso considerar que “a mensagem da comunicação é simbólica”, e por esse motivo é necessário levar em conta “o autor, o destinatário, e as formas de codificação e transmissão da mensagem” (MORAES, 1999, p. 3).

A CAMPANHA ELEITORAL: DISCURSOS, PROPOSTAS E ACUSAÇÕES

A primeira eleição para a prefeitura municipal foi disputada por três candidatos: Armando Araújo Annes, Carlos Galves e Dionísio Lângaro. O primeiro disputou o pleito pela aliança entre PTB e UDN, o segundo, pela Coligação Democrática Cristã, composta pelo Partido de Representação Popular (PRP) e pelo Partido Libertador (PL), e o último, pelo PSD.

Segundo Benvegnú (2006, p. 52), a escolha do PTB pelo nome de Armando Araújo Annes se deu pela ausência, nas fileiras do ainda jovem partido, de lideranças capazes de fazer frente aos tradicionais políticos da cidade. Armando Annes, acompanhado do jovem trabalhista Daniel Dipp que concorreu a vice-prefeito, seria capaz de agregar as diferentes forças políticas de Passo Fundo em torno de sua candidatura por ser um político respeitado. Annes já havia sido intendente municipal em 1924 e prefeito em 1932, porém isso não aconteceu, tendo

em vista a homologação dos outros dois candidatos. Cabe lembrar, também, que o candidato não pertencia à grei trabalhista. Annes era mais próximo à UDN.

Armando Araújo Annes, baseou sua campanha na tentativa de desvincular-se dos partidos políticos, tentou mostrar-se alheio aos interesses partidários, dedicando-se apenas à resolução dos problemas da comuna: “deixarei a parte política do governo aos partidos políticos. Lançar-me-ei energicamente aos problemas administrativos, para não deixá-los para amanhã, na costureira protelação burocrática, mas para resolvê-los com decisão”².

Em outra oportunidade, em discurso proferido na vila Tapejara, o líder da coligação PTB-UDN ratifica seu posicionamento:

Atualmente sou um dos candidatos à Prefeitura do Município, e na minha campanha eleitoral procuro sempre esclarecer aos eleitores que não tenho compromissos quaisquer com os partidos que apresentam ao sufrágio a minha candidatura, o PTB e a UDN, conservo toda a liberdade administrativa no caso de ser alçado ao cargo preferencial.³



Propaganda eleitoral de Armando Araújo Annes no jornal O Nacional, 20 set. 1947, p. 03. Acervo AHR (PPGH-UPF).

² *O Nacional*. Passo Fundo, 09 jun. 1947, p. 3-4. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

A intenção da candidatura de Annes de afastar-se da imagem de político era ainda mais clara no seu material de campanha veiculado nas páginas d'*O Nacional*, como visto na página anterior.

É notória a tentativa de mostrar ao eleitorado do município que Annes seria o único candidato apolítico e capaz de libertar o povo de Passo Fundo dos interesses partidários na administração do município, fazendo referência ao dia 13 de maio de 1888, dia da abolição da escravatura. Ratifica o seu posicionamento quando ressalta, no seu ponto de vista, as diferenças entre a administração pública e a política partidária:

Enquanto a política influenciar uma administração, a preferência pelos correligionários, em detrimento dos que não o são, imperará fatalmente. E deve terminar. A política partidária deve seguir seu caminho, mais amplo, de caráter doutrinário e educativo, no sentido de harmonizar as energias e as vontades dispersas para benefício de um determinado programa de ação. E a administração municipal, em um ambiente mais restrito, deve também seguir o seu caminho, que é o de reunir a todos, quaisquer que sejam os partidos, numa só vontade de trabalho pelo progresso material e moral da comuna.⁴

Para o candidato, a prefeitura deveria ser o espaço onde os sujeitos capazes deveriam estar à frente dos cargos da administração pública. Transparece que a intenção de Annes era, de certa forma, profissionalizar a ocupação dos cargos em benefício dos interesses do município, contrapondo-se às indicações políticas e às trocas de favores. Isso se percebe em um de seus discursos:

Não mais devemos escolher os cargos para os homens, como recompensa, como pagamento de serviços, mas sim escolher os homens para os cargos, aqueles que são

efetivamente capazes de desempenha-los. Não mais devemos ter o prefeito e seus auxiliares como mandatários da comuna que dela dispõe ao seu sabor e interesse; devemos encara-los como os servidores do povo que os paga para isso. Não mais devemos permitir empregados ociosos que fazem da administração pública, o mesmo que faz o parasita de uma arvore; hão de devolver em trabalho e em maior escala, aquilo que recebem do povo em dinheiro.⁵

A postura adotada por Annes e seus apoiadores durante a campanha eleitoral recebeu severas críticas dos seus adversários, sobretudo dos pedessistas, que afirmaram ser o PTB, principal partido apoiador da candidatura Annes, que era avesso à política partidária.

O PTB é contra os partidos políticos e contra a política partidária. Partidário do Estado Novo, com seus “tubarões” e com os seus contrabandistas, esse partido alimenta ainda a esperança de reimplantar o regime de 10 de novembro de 1937, matando a Democracia, anulando as Liberdades Públicas e extinguindo a Liberdade do ser humano, de se manifestar livremente na escolha dos dirigentes da administração. O PTB vem de há muito fazendo uma campanha contra os “políticos” que descobriu ser profissionais. Em todos os seus panfletos de propaganda, nos anúncios e nas irradiações, apresenta-se com seu slogan: “Quando os políticos profissionais virem pedir teu voto, pergunta-lhes o que já fizeram por tua terra”. Isso diziam Hitler e Mussolini, os maiores inimigos da Democracia e da Liberdade.⁶

Já na sua primeira manifestação pública como candidato, Annes

⁵ *O Nacional*. Passo Fundo, 01 nov. 1947, p. 6. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

⁶ *Diário da Manhã*. Passo Fundo, 25 set. 1947, p. 3. Acervo Diário da Manhã.

baseou sua proposta em três pilares: saúde pública, educação e estradas. Em discurso, na localidade de Ametista, o candidato pronunciou:

Terei por lema na minha administração estes três pontos principais: - SAÚDE PÚBLICA - INSTRUÇÃO – ESTRADAS.

– Reputo a saúde pública a base fundamental do desenvolvimento do Povo, e assim nesse setor prestarei toda a minha atenção com maior interesse.

– A instrução pública é a força que impulsiona o Progresso, e com ela teremos mais facilidade de vencer as dificuldades da nossa vida no trabalho. Procurarei dotar o município do maior número de escola possíveis.

- As estradas são tão necessárias como as veias do nosso corpo. Pelas estradas é que circula a riqueza do nosso trabalho, estabelecendo a facilidade do comércio, aumentando o ganho dos trabalhadores. Para melhorá-las empregarei todos os meus esforços.⁷

O candidato da aliança PTB-UDN também proferiu suas promessas às localidades do interior do município. Para os distritos, Armando Araújo Annes reservou três pontos fundamentais, defendidos durante comício realizado na vila Sertão, o primeiro relacionado com a escolha das autoridades administrativas, que “não mais poderiam ser nomeadas a revelia do povo que irão presidir, ao simples sabor de relações pessoais ou de conveniências meramente políticas”⁸, mas sim deveriam ser representantes legítimos do povo do distrito. O segundo ponto relativo à realização de um estudo dos problemas das localidades a fim de resolvê-los para proporcionar o progresso local. E, assim, aplicar o terceiro ponto defendido, que “se baseia na ideia de despende o município com cada distrito, deduzidas as despesas necessárias,

⁷ *O Nacional*. Passo Fundo, 09 jun. 1947, p. 4. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

⁸ *O Nacional*. Passo Fundo, 04 ago. 1947, p. 1. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

a renda de cada um” e, dessa maneira, “evitando injustiças que redundam, às vezes, em verdadeiras extorsões”.⁹

Por sua vez, a candidatura da Coligação Democrática Cristã (PL-PRP) estava representada pelo jovem advogado Carlos Galves como candidato a prefeito, tendo Francisco Foresti ao seu lado na disputa. O deputado Antônio Bittencourt Azambuja, da dissidência do PSD, sustentou a candidatura do jurista, tendo inclusive tentado que o PSD local apoiasse a candidatura de Galves, após uma consulta prévia que seria realizada entre os membros do partido, que escolheriam entre Dionísio Lângaro e Carlos Galves (LOTTERMANN, 2020, p. 42).

Por ser jovem, Carlos Galves despertou esperanças de renovação na política municipal. No espaço “A pedido” de *O Nacional*, a justificativa de um apoiador para crer que sua candidatura poria fim à espera pelas soluções dos problemas de Passo Fundo:

A gente moça, até aqui relegada dos poderes administrativos, tem ouvido tranquilamente as arengas das classes conservadoras – atinentes mais às sutilezas políticas que a um programa de realizações – na esperança de que os males seriam, enfim, debelados, e removidas as suas causas elementares. Vã tem sido, entretanto, sua longa espera... As cataplasmas políticas acabaram, como sempre, em descrédito. Hoje a mocidade está acerta e impõe soluções imediatas, imprescindíveis.¹⁰

Carlos Galves teve sua candidatura definida por um correligionário como “um candidato que assume o compromisso de governar à margem e acima dos partidos, emancipando a administração das atividades político-partidárias [...]”.¹¹ Galves tinha também estreita ligação

⁹ *O Nacional*. Passo Fundo, 04 ago. 1947, p. 4. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

¹⁰ *O Nacional*. Passo Fundo, 23 ago. 1947, p. 4. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

¹¹ *O Nacional*. Passo Fundo, 12 abr. 1947, p. 1. Acervo do Arquivo Histórico Regional

com os setores da Igreja Católica do município, tendo recebido a aprovação das autoridades eclesíásticas de Passo Fundo¹². Por essa ligação, em entrevista ao *O Nacional*, Galves comentou que, caso fosse eleito, seu governo seria constituído por “elementos compatibilizados com os altos interesses e ideais cristãos vitalizadores de nossa formação histórica e social”¹³.



Propaganda eleitoral de Carlos Galves no jornal O Nacional, 16 ago. 1947, p. 06. Acervo AHR (PPGH-UPF).

Porém, a dita proximidade da candidatura Galves com a Igreja Católica e suas autoridades foi veementemente contestada pelos apoiadores do candidato pessedista, Dionísio Lângaro, acusando o PL e PRP de tentar enganar a população, conforme declarado no espaço “A Pedido” do *Diário da Manhã*:

Sob o repto de “Coligação Democrática Cristã”, as direções do Partido Libertador e do Partido de Representação Popular estão permitindo a distribuição, no interior do município, de boletins de propaganda da candidatura Carlos de Lima Galves à governança do município. Nesses boletins afirmam seus autores que o dr. Carlos de Lima Galves é o único candidato apoiado pelo clero

(PPGH/UPF).

¹² *O Nacional*. Passo Fundo, 11 abr. 1947, p. 1. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

¹³ *O Nacional*. Passo Fundo, 14 abr. 1947, p. 1. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

passofundense. Isso é embuste, é falsidade é mentira! Trata-se de propaganda tendenciosa, destinada a ludibriar a boa fé do eleitor católico menos avisado.¹⁴

Em outra oportunidade, os apoiadores do candidato situacionista declararam que

a igreja não tem candidatos, e cabe aos católicos escolherem o que melhor lhes convier, face à religião. E não resta dúvida que o escolhido pela família católica passo-fundense será Dionísio Lângaro, que pelo seu passado, sua conduta, pela retidão e carinho com que sempre praticou a religião católica, é o que maior garantia oferece de uma administração baseada nos sagrados princípios da Igreja de Cristo.¹⁵

Em comício, Carlos Galves apresentou à população seu plano de governo. Contava essencialmente com o princípio de “um poder legitimamente popular, uma administração absorvida pelo serviço social: tal é, fundamentalmente, a divisa com que o candidato da Coligação Democrática Cristã se apresenta à aprovação dos passo-fundenses”.¹⁶ Na mesma oportunidade, o candidato proferiu suas principais propostas para o caso de ser escolhido como prefeito municipal. Para a educação pública, Galves propunha “multiplicar o número de escolas primárias”, bem como a “instalação de uma escola de artes e ofícios que habilite aos novos passo-fundenses ocupar posições úteis e proveitosas no meio social”.¹⁷

O candidato também elencou suas propostas para os distritos e localidades do interior do município:

¹⁴ *Diário da Manhã*. Passo Fundo, 23 out. 1947, p. 2. Acervo Diário da Manhã.

¹⁵ *Diário da Manhã*. Passo Fundo, 02 nov. 1947, p. 6. Acervo Diário da Manhã.

¹⁶ *O Nacional*. Passo Fundo, 11 nov. 1947, p. 1. Acervo do AHR (PPGH/UPF).

¹⁷ *O Nacional*. Passo Fundo, 11 nov. 1947, p. 1. Acervo AHR (PPGH-UPF).

Pretendemos, em relação aos distritos, estender a democracia até eles, permitindo que façam por si mesmos a indicação dos subprefeitos e demais agentes do poder executivo municipal, através de consulta das autoridades políticas, eclesiásticas, associações de classe e povo em geral. Importa, igualmente, destinar ao próprio distrito de origem, sob a forma de obras públicas, o imposto e taxas arrecadadas no distrito. Urge, da mesma forma, aumentar o número de escolas publicas distritais, não esquecendo, sob esse aspecto, uma remuneração digna ao professorado municipal. Há que cuidar do progressivo melhoramento das vias de comunicação dos distritos com a cidade, bem como da criação e aperfeiçoamento das estradas inter-distritais.¹⁸

A seu turno, o PSD, partido que já comandava a prefeitura, lançou o industrial Dionísio Lângaro como candidato ao posto maior do Executivo Municipal, após tentativas de acordo com o PTB, com o PL e o PRP. Lângaro teve ao seu lado, na disputa pela vice-prefeitura, Ivo Pio Brum, que até às vésperas do pleito de 15 de novembro estava ocupando o cargo de prefeito, por indicação de Walter Jobim, recém-eleito governador do Rio Grande do Sul (LOTTERMANN, 2020, p. 42).

Exaltando o início do novo tempo de democracia, Lângaro apontou suas expectativas com porvir, que possibilitaria uma maior proximidade entre o prefeito e a população:

Agora que os municípios vão entrar em uma nova fase de vida constitucional, com a Câmara de Vereadores, poderá o prefeito eleito verificar, mais de perto, as necessidades dos nossos homens da colônia, do campo, das vilas e da cidade, é mais conhecedor dos seus problemas, encará-los de frente, procurando resolvê-los em conjunto, visando o bem estar de todos¹⁹.

¹⁸ *O Nacional*. Passo Fundo, 11 nov. 1947, p. 1. Acervo AHR (PPGH-UPF).

¹⁹ *Diário da Manhã*. Passo Fundo, 15 jul. 1947, p. 1. Acervo Diário da Manhã.

Ainda, o candidato pessedista apontou a questão das estradas do município como um entrave para o desenvolvimento local ao afirmar:

O nosso município necessita de estradas e mais estradas. Precisamos chegar a um desenvolvimento rodoviário capaz de dar maior e mais eficiente escoamento à nossa produção. Somente com boas estradas, e isso não me refiro somente às estradas principais, mas aquelas que vão até à casa do colono, fonte primeira da produção da produção, poderemos cumprir as nossas obrigações, compensando melhor o trabalho do produtor e fazendo com que os mercados consumidores sejam supridos em tempo útil. Para atingir esse objetivo não mediremos sacrifícios²⁰.

Com relação aos distritos e localidades do interior, com o objetivo de aproximar a prefeitura dos distritos, proclamou: “não serei o prefeito apenas da cidade, mas farei questão de ser o Prefeito dos distritos também!”. Também, destacou que as “sedes dos distritos precisam ser melhoradas, dotadas de mais conforto, mais ampla assistência médica, melhores estabelecimentos de ensino, com professores bem preparados, treinados e eficientes”²¹

Para mais, preocupou-se em mostrar a necessidade da construção de escolas. No entendimento do candidato, a instrução era ponto fundamental para a constituição do futuro de Passo Fundo e, do mesmo modo, indicou que era preciso mais apoio ao magistério municipal:

Em benefício do município de Passo Fundo, procurando, dentro das possibilidades, aumentar o número de escolas, para que os filhos dos colonos possam, no futuro, ser homens capazes de cumprir com seu dever para com a família, a sociedade e a pátria, com eficiên-

²⁰ *Diário da Manhã*. Passo Fundo, 15 jul. 1947, p. 1. Acervo Diário da Manhã.

²¹ *Diário da Manhã*. Passo Fundo, 09 nov. 1947, p. 1. Acervo Diário da Manhã.

cia cada vez maior. O nosso professorado municipal, composto de uma série de heroínas e heróis anônimos da nossa grandeza, necessita ter maior amparo, o que procuraremos fazer dentro das nossas possibilidades²².

Ademais, Lângaro aventou como questão fundamental para o desenvolvimento do município o “amparo e estímulo às indústrias, ao comércio, ao ensino e ao trabalhador em geral”.²³

Por fim, convém observar que, diferentemente de Annes, o candidato do PSD não tentou desvencilhar-se de suas ligações partidárias. Pelo contrário, deixou bem claro em seu material que seguia o programa de seu partido, conforme conteúdo de campanha veiculado no *Diário da Manhã*.

Além de reforçar seu compromisso com o PSD, o material aproveitava para atacar os adversários declarados apartidários. Na visão do candidato e de seus correligionários, os que não assumem os programas de seus respectivos partidos não teriam compromisso com seus apoiadores e eleitores.

O PSD - O Teu Partido
Dionisio Lângaro -- O Teu Candidato

PASSOFUNDENSE — De todos os Partidos políticos do Brasil, o unico que vem combatendo o Comunismo, por atos positivos, é o **PARTIDO SOCIAL DEMOCRATICO**, cujo candidato à Prefeitura de Passo Fundo é **DIONISIO LANGARO**.

Arregimenta-te para o combate ao Comunismo, votando a 15 de novembro em **DIONISIO LANGARO**.

CONFIANÇA merece o candidato que publicamente assume o compromisso de governar com o programa de um partido. Aquele que não assume, reserva-se o direito de adotar o que bem entender, embora contrarie as aspirações do eleitorado que o elegeu. Vota, eleitor, em **DIONISIO LANGARO**, que votaras com conhecimento de causa.

(Mandado publicar pelo **PARTIDO SOCIAL DEMOCRATICO**)

Propaganda eleitoral de Dionisio Lângaro no jornal Diário da Manhã, 03 set. 1947, p. 02. Acervo Diário da Manhã.

²² *Diário da Manhã*. Passo Fundo, 15 jul. 1947, p. 1. Acervo Diário da Manhã.

²³ *Diário da Manhã*. Passo Fundo, 09 nov. 1947, p. 1. Acervo Diário da Manhã.

O ANTICOMUNISMO COMO ESTRATÉGIA

O anticomunismo foi um fator sempre presente durante a campanha eleitoral de 1947. Em especial, as duas candidaturas de maior envergadura, a do PSD e a da aliança entre PTB e UDN, buscaram rechaçar relações de seus candidatos à doutrina comunista e suas lideranças. São recorrentes nas páginas d'*O Nacional* e do *Diário da Manhã* as tentativas dos partidos e apoiadores de associar as candidaturas e os partidos políticos adversários ao comunismo.

Já nos primeiros materiais de campanha de Dionísio Lângaro aparecem referências de combate ao comunismo. Os dizeres “arregimenta-te para o combate ao comunismo votando a 15 de novembro em Dionísio Lângaro”²⁴, constavam em sua propaganda veiculada ainda no início do mês de setembro. Inclusive, no espaço “A pedido”, os apoiadores pessedistas exclamavam:

O Partido Social Democrático ficou lutando sozinho contra o comunismo. Os demais partidos aliaram-se ao inimigo vermelho, quando negaram seu voto para a cassação do mandato dos comunistas. Na batalha que trava o Partido Social Democrático, ou vence a cruz, ou vencem a foice e o martelo²⁵.

Porém, conforme aponta Benvegnú (2006, p. 56), as declarações dadas pelo líder comunista local, Eduardo Barreiro, no sentido de prestar apoio à candidatura de Lângaro, iniciaram os ataques por parte dos partidos coligados ao candidato situacionista.

De todas as formas, o PSD buscou se defender das suas supostas ligações com o comunismo. De maneira sistemática, utilizou-se do espaço “A pedido” do *Diário da Manhã* para esclarecer a seu eleitorado que não marchava ao lado dos comunistas. Do mesmo modo, tentava

²⁴ *Diário da Manhã*. Passo Fundo, 03 set. 1947, p. 2. Acervo Diário da Manhã.

²⁵ *Diário da Manhã*. Passo Fundo, 17 set. 1947, p. 2. Acervo Diário da Manhã.

sempre associar seus adversários ao fantasma comunista. Em uma das manifestações de seus apoiadores, constava que

o Micróbio não contaminou, jamais contaminará o candidato Dionísio Lângaro, moço de retilínea conduta espiritual e que, fiel à sua religião, sempre soube, publicamente fazer o “sinal da cruz”. O micróbio do comunismo não vingou no corpo são do Partido Social Democrático. O micróbio do comunismo continua, cada vez mais, encarcerado nas paletas do PTB.²⁶

Os partidários da candidatura de Annes também faziam a defesa de sua liderança. No espaço “A Pedido”, do jornal *O Nacional*, os apoiadores do ex-prefeito e ex-intendente ressaltavam que o candidato era “cidadão de formação espiritual profundamente cristã e por isso mesmo, visceralmente contrário à ideologia comunista.”²⁷

Repetidas vezes aparece nas páginas do periódico comandado pelo pessedista Túlio Fontoura os dizeres “a luta está travada: de um lado o Partido Social Democrático, com Dionísio Lângaro, contra o comunismo; de outro, os demais partidos, com os comunistas, contra Dionísio Lângaro e o Partido Social Democrático”.²⁸ Em *O Nacional*, os correligionários de Armando Araújo Annes diziam exatamente o contrário: “PASSOFUNDENSES! A luta está travada: de um lado o PSD e o Partido Comunista contra o Povo, e, de outro, os demais partidos e o Povo contra o comunismo e o PSD”.²⁹

²⁶ *Diário da Manhã*. Passo Fundo, 01 nov. 1947, p. 2. Acervo Diário da Manhã.

²⁷ *O Nacional*. Passo Fundo, 08 nov. 1947, p. 3. Acervo do AHR (PPGH/UPF).

²⁸ *Diário da Manhã*. Passo Fundo, 02 nov. 1947, p. 6. Acervo Diário da Manhã.

²⁹ *O Nacional*. Passo Fundo, 08 nov. 1947, p. 3. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível constatar três estratégias distintas na tentativa de convencimento do eleitorado passo-fundense. A primeira, da candidatura da coligação PTB-UDN, em que Armando Araújo Annes buscou de todas as formas afastar-se das questões partidárias, dizendo reiteradas vezes que seu compromisso era com a administração pública, não com os partidos. Esse posicionamento foi, inclusive, defendido pelos próprios partidos políticos que sustentaram a candidatura de Annes. A segunda, adotada pelo pessedista Dionísio Lângaro, vai de encontro à estratégia do candidato vencedor. Lângaro ressaltou durante sua campanha o seu compromisso com o programa partidário. Por fim, destaca-se a tentativa da Coligação Democrática Cristã de colocar-se como a terceira via, no sentido de ser Carlos Galves o “candidato das oposições”³⁰.

As propostas apresentadas pelas três forças políticas durante a campanha eleitoral convergem para os mesmos temas. Ora instrução pública, ora estradas e valorização dos distritos são assuntos constantes nas manifestações realizadas pelos candidatos ao governo municipal e seus apoiadores. Vale salientar toda a atenção dada pelos candidatos às questões relacionadas aos distritos e localidades do interior. Afinal, o interior do município dotava de grande importância política, em especial nas eleições de 1947 e 1951, destacada em trabalho recentemente publicado (LOTTERMANN, 2019). No pleito de 1947, dos 15 vereadores eleitos, nove representavam distritos do interior do município.

O anticomunismo aparece também como um ponto comum na disputa. Em especial, o PSD e a coligação PTB-UDN, polarizados, trocavam acusações e tentativas de associação de seus adversários ao comunismo, com sucessivas publicações nos periódicos locais con-

³⁰ *O Nacional*. Passo Fundo, 26 mai. 1947, p. 1. Acervo do Arquivo Histórico Regional (PPGH/UPF).

clamando seus eleitores e correligionários a combaterem a força adversária que representava o perigo vermelho. O comunismo, conforme aponta Rodeghero (1988, p. 104), “assustava alguns e servia de arma demagógica para outros”.

Em 15 de novembro de 1947, em uma disputa acirradíssima nas urnas, os eleitores do município escolheram Armando Annes, com 5.560 votos, para prefeito. Annes foi seguido de perto pelo candidato situacionista Dionísio Lângaro, que recebeu a confiança de 5.395 eleitores. Por sua vez, Carlos Galves recebeu 1.479. Na disputa pela vice-prefeitura, Daniel Dipp, com 5.448 votos, foi o escolhido pela população, também com margem curta em relação ao seu principal oponente, Ivo Pio Brum, que obteve 5.309 sufrágios. O candidato Francisco Foresti, da Coligação Democrática Cristã, obteve 1.427 (DAMIAN, 2010, p. 38).

Ademais, esse trabalho se constitui apenas de breves considerações sobre as eleições municipais de Passo Fundo em 1947. Cabe ainda, além de aprofundar o que foi discutido neste texto, realizar um estudo que compare as questões discutidas nas demais eleições do período democrático. Possibilitando, assim, compreender as questões que permearam as discussões e as plataformas eleitorais dos partidos e candidatos.



Retrato do prefeito eleito em 1947, Armando Araújo Annes produzido pela Foto Moderna, da família Czamanski. Sem data, acervo original da Prefeitura Municipal de Passo Fundo. Acervo Museu Histórico Regional (PMPF/MHR).

REFERÊNCIAS

ANGELI, Douglas Souza. Santinhos, comícios e apertos de mão: sobre o estudo da mobilização eleitoral na experiência democrática. In: DOMINGOS, Charles Sidarta Machado; BATISTELLA, Alessandro; ANGELI, Douglas Souza. *Capítulos de História Política: fontes, objetos e abordagens*. São Leopoldo: Oikos, 2018a, p. 335-354.

BENVEGNÚ, Sandra Mara. Décadas de poder. O PTB e a ação política de César Santos na metrópole da Serra. 1945-1967. Dissertação de mestrado defendida em Passo Fundo: 2006.

CÁNEPA, Mercedes Maria Loguercio. Partidos e representação política: a articulação dos níveis estadual e nacional no Rio Grande do Sul (1945-1965). Porto Alegre: UFRGS, 2005.

DAMIAN, Marco Antônio. *Eleições em Passo Fundo: dados históricos*. Passo Fundo: Berthier, 2010.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. Partidos políticos e frentes parlamentares: projetos, desafios e conflitos na democracia. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Orgs.). *O Brasil republicano: o tempo da experiência democrática (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, v. 3, p. 127-154.

ELMIR, Cláudio Pereira. Armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. *Cadernos do PPG em História da UFRGS*. Porto Alegre, n. 13, dez. 1995.

KARAWEJCZYCK, Mônica. O jornal como documento histórico – breves considerações. *Historiae*, Rio Grande, v. 1, n. 3, p. 131-147, 2010.

LOTTERMANN, Luiz Alfredo Fernandes. *Quem é quem? A elite política passo-fundense (1945-1964)* [Mestrado em História]. Passo Fundo: UPE, 2020.

LOTTERMANN, Luiz Alfredo Fernandes. *A força do interior passofundense: as eleições de 1947 e 1951*. In: I Encontro de pesquisadores da História de Passo Fundo. Anais do I Encontro de pesquisadores da História de Passo Fundo. Passo Fundo, 2019, p. 68-74.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. *Revista Educação*, Porto Alegre,

v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

RÉMOND, René. As Eleições. In: _____, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003c. p. 37-56.

RODEGHERO, Carla Simone. *O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)*. Passo Fundo: Ediupf, 1988, p. 104.

O SALAME

(Semnario Funcado em 31-5-1947)

Impresso nas oficinas gráficas da **Livraria Soleta**

Mortandade - MARAU

A coxilha de mato em que esta cidade, com o surto das villas Luiza e Carmen, que lhe são contiguas, vem distendendo para o sul a sua área, tinham ido um dia, em remoto passado, com o fim de comerem jaboticabas, dois moradores da aldeia que então era Passo Fundo de Missões.

Sem refletir no perigo que o logar oferecia por ser situado na Serra Geral e, portanto, sujeito a execuções dos índios Coroados, bravios ainda e que não perdiam ensejo de assaltar e matar a gente civilizada, trataram os dois homens referidos de saborear a fruta que os atraíra, para isso trepando ambos ou um deles em arvore da mesma, situação em que os servículas tendo-os presentido, inopinadamente os atacaram, trucidando-os.

Revoltados com isso, outros moradores da aldeia se reuniram for-

ha pequeno nucleo de colonos, bem como um arriete com o mesmo nome e que corre para aquele rio.

Continuando a perseguição, alcançou a escola o restante do grupo malleitor, ai perecendo o chefe do mesmo, que era o indio Marau, fato pelo qual assim ficou sendo chamado o rio em cuja bacia, na margem direita, muito depois, já neste seculo, vieram a surgir a colonia e o povoado que assim se denominam tambem.

Com o citado nome de Mortandade, tem ainda o Municipio, no 1º distrito, o capão, a lagôa e o pontão de serra proximos á Cidade, e outro arroio, afluente do Tombador, no 2º distrito.

Quanto aos tres primeiros, que são proximos entre si, a origem do referido batismo está em que, nas imediações da lagôa entre 1843 e 1850, mais ou menos, os

dados a longa e sangrenta etapa que os aludidos selvícolas tiveram no Municipio nos velhos tempos ora relembrados devo concluir que tambem com eles se relacione a funebre denominação de tal arroio.

(Das Apostilas Geograficas de Francisco Antônimo Xavier e Oliveira)

Edição de
aniversario
10 paginas.

ILZE e MARIZE

Com grande alegria participam aos parentes e pessoas das relações de seus pais Poggi Pio Pontes e Celia Pontes o nascimento de sua irmãzinha **MARIA SAETE**, ocorrido em 26-5-48.



O prezzito do dia

PROTEJA OS RINS

O sal de cozinha, além de ser indispensavel ao bom funcionamento do orgão, torna mais saborosos os alimentos. Mas nem por isso se deve abusar das iguarias salgadas. O sal é eliminado em grande parte, pelo

A METRÓPOLE E A VILA:

DOIS OLHARES SOBRE A

EMANCIPAÇÃO DE MARAU

Andersson Catani

Visite-a sem compromisso -- preço e qualidade

Avenida Julio Borella nº 67
1.ª frente Estação Rodoviária

CASA PAULINA

Marau

O ex-presidente dos Estados Unidos da América, Barack Obama, em entrevista ao apresentador David Letterman, descreveu sucintamente o que chamou de “um dos maiores desafios da nossa democracia”: nós não compartilhamos mais uma base comum de fatos. “Funcionamos em universos de informação completamente distintos. Se você assiste à Fox News, vive em um planeta diferente de quem acompanha a NPR”.¹ Ele falava, é claro, para os americanos e sobre os americanos, mas podemos transportar esta análise para qualquer sociedade sem medo de errar. Dependendo dos paradigmas sociais e da ideologia com que determinada pessoa se identifica, os algoritmos de redes sociais “aprendem” o conteúdo que ela considera relevante e passam a abastecê-la com informações que apenas reforçam pensamentos pré-estabelecidos. Invariavelmente, esta pessoa acaba em uma bolha que permite tão somente a passagem de informações amigáveis às suas idiossincrasias.

A profusão de redes sociais e a criação exponencial de conteúdo por absolutamente qualquer um – seja capacitado ou não – é uma das marcas do século XXI e nos faz imaginar que este fenômeno seja algo recente. Entretanto, a criação de universos de informação diferentes e sua seleção de acordo com o contexto e a opinião política de quem escreve existem desde os primórdios da imprensa, com seu alcance limitado à tecnologia de cada época. “Ler um jornal pela primeira vez é como entrar no cinema e encontrar o filme já com uma hora de exibi-

¹ Exemplos usados por Barack Obama na época, a Fox News era vinculada às bases conservadoras do Partido Republicano, enquanto a National Public Radio (NPR) apresentava um viés liberal ligado à esquerda daquele país e ao Partido Democrata.

ção. Os jornais são como novelas. Para entendê-los, é preciso conhecê-los”, escreveu o romancista britânico V. S. Naipaul, em 1987. Isto é, o ato de ler uma notícia não se bastaria. Seria preciso, então, saber quem a escreveu e quais são seus posicionamentos. Para que tipo de público ela foi escrita? Ela é o complemento de informações anteriores? E, principalmente, quais informações o escritor optou por não incluir no texto? A análise da informação, como se vê, nem sempre é fácil, seja hoje em dia, seja nos anos 1940, seja na Roma Antiga e em qualquer ambiente ou tempo em que informações tenham sido transmitidas de forma massificada.

O jornal impresso, particularmente, cumpre uma função muito maior do que o serviço de noticiar o cotidiano. Desde a gênese, o jornal forma opiniões e serve de bandeira e estandarte para quem queira defendê-las. A construção do “senso comum”, muitas vezes, é a disseminação da opinião daquele que primeiro enxergou e teve êxito em traduzi-la em linguagem atraente, que se soma à viabilidade de produzir cópias impressas desta opinião, para que ela circule em mais ambientes e esteja à disposição por mais tempo, a um número maior de interessados. Seria impossível aglutinar gente suficiente em torno de uma ideia sem que houvesse um competente meio de comunicação para transformá-la em “opinião pública”. Como trataremos posteriormente, a emancipação política de Marau em relação ao município-mãe Passo Fundo é uma amostra regionalizada da importância do jornalismo impresso e do poder que a imprensa exerce sobre o senso comum. Vamos nos concentrar nessa pequena parcela do Nordeste do Rio Grande do Sul para observar, então, um fenômeno que poderia ser encontrado em qualquer lugar do mundo: dois meios de comunicação escrevendo sobre o mesmo fato, mas usando de linguagem e motivações diferentes em suas publicações.

É possível vislumbrar e iniciar a compreensão – desde que haja alguma contextualização prévia de boa parte da turbulência política

no Brasil dos anos 40 e 50 – somente analisando os fatos relacionados ao processo de emancipação de Marau e sua repercussão na imprensa da época, mais precisamente nos jornais *O Salame*, que circulava no então 5º distrito de Passo Fundo, e *O Nacional*, diário de tamanho e abrangência muito maiores, que informava a sociedade passo-fundense. Que fatores poderiam levar as coberturas do mesmo fato para lados tão distintos? Ainda, como esse conflito de informações pode ter influenciado e até alterado os acontecimentos daqueles anos? Antes de tentarmos responder a estes questionamentos, faz-se necessária uma reflexão sobre as origens do jornalismo, sua disseminação no Brasil e no Rio Grande do Sul, além da devida contextualização histórica do que foi a década de 1940 para as pessoas envolvidas no processo que este artigo se dispõe a esmiuçar².

O JORNALISMO NÃO NASCEU IMPARCIAL

É preciso, então, diferenciar “imprensa” de “jornalismo”, que com o passar do tempo tiveram seus significados misturados e hoje são tratados praticamente como sinônimos. Imprensa, segundo os autores Carlos Alberto Rabaça e Gustavo Guimarães Barbosa, é o conjunto dos processos de impressão, ou “o conjunto dos processos de difusão de informações jornalísticas por veículos impressos” (BARBOSA; RABAÇA, 1978, p. 379). É claro que se referem apenas à imprensa escrita devido ao contexto de sua obra, mas o conceito é plenamente aplicável à imprensa televisionada, falada ou digital.

Já o jornalismo não é o processo de difusão da informação, mas a criação da informação em si. Ainda pela definição de Barbosa e Rabaça (1978, p. 380), o jornalismo é a atividade profissional que tem

² Baseado em “A Emancipação Política de Marau Através dos Jornais ‘O Salame’ e ‘O Nacional’”, apresentado como trabalho de conclusão do curso de Jornalismo pela Universidade de Passo Fundo, em 2013.

por objetivo a apuração e a transmissão periódica de informações. Os conceitos que os autores nos fornecem permitem visualizar o fato de que “imprensa” e “jornalismo”, embora intimamente ligados, não são a mesma coisa, sendo inclusive dissociáveis e tendo origens não simultâneas, posicionando o jornalismo como uma consequência comercial³ da evolução da imprensa.

A arte de imprimir existe desde datas imemoriais, mas apenas com prensa desenvolvida por Guttemberg, em 1452, introduziu-se os tipos móveis que tornaram a imprensa uma atividade economicamente atraente, pois o material impresso passou a ser o grande fio condutor de ideias. Como pondera Patrícia Bandeira de Mello, em seu artigo intitulado “Um Passeio pela História da Imprensa”, a escrita à mão não permitia que a informação fosse reproduzida em grande escala num curto espaço de tempo. Não havia interesse em dispendir tamanha energia para escrever sobre o cotidiano. Mas a prensa de tipos móveis alterou este panorama, dando espaço, finalmente, para os primeiros materiais impressos sobre assuntos mundanos e corriqueiros, como política, por exemplo.

Nesse sentido, surgiram três tipos clássicos de impressos: o libelo – texto opinativo sobre um tema específico; a gazeta – um compilado de informações úteis sobre o cotidiano; e o pasquim – com informações de cunho pessoal e relatos de desgraças alheias, geralmente de forma jocosa. Foi da combinação das características destes três impressos que surgiu o jornalismo, no século XVII⁴.

Deve-se ter em mente, portanto, que se a imprensa é uma ativi-

³ Conclusão que se torna evidente ao lembrarmos que o jornalismo é, como dizem os autores, uma atividade profissional. E que “profissão” é algo que se exerce em troca de dinheiro ou bens, para fins de sustento.

⁴ “Os primeiros jornais modernos foram produto de países da Europa Ocidental [...]. Estes jornais raramente cobriam matérias nacionais. Os jornais ingleses preferiam relatar derrotas militares sofridas pela França, enquanto os jornais franceses cobriam os mais recentes escândalos da família real inglesa”. A frase é do artigo “Jornais: breve história”, da Associação Nacional de Jornais.

dade milenar, o jornalismo é relativamente recente na história da civilização. E conceitos como ética, isenção, sensacionalismo, fraude, autenticidade, embora existam desde antes de o jornalismo se consolidar como profissão, foram há pouco tempo, de fato, vinculados à atividade como princípios norteadores. O próprio Código Internacional de Ética Jornalística foi redigido apenas em 1983. Principalmente nos centros menores, como era o caso de Passo Fundo e, sobretudo, Marau, os jornais das décadas de 40 e 50 ainda eram repletos de doutrina, crítica, opinião e colunismo, conforme a velha receita francesa. Apenas na década de 70 é que um jornalismo informativo passou a ser largamente adotado no Rio Grande do Sul, substituindo a herança europeia pelo modelo americano, que conforme Alzira Alves de Abreu, em seu livro *A Imprensa em Transição*, privilegia a informação e a notícia e separa o comentário pessoal da transmissão objetiva e impessoal da informação.

No interior do estado, ainda hoje, em pleno século XXI, é possível encontrar jornais de cunho doutrinário ou político-partidário, se não abertamente, pelo menos de maneira pouco disfarçada. Não há razões para imaginar que esta seria uma preocupação maior nos anos 40 do que é atualmente. Beatriz Dornelles, em sua obra *Jornalismo “Comunitário” em cidades do interior*, defende que o jornalismo tido como “comunitário” é “muito mais comportamental do que estrutural. Estabelece-se de acordo com a política de vizinhança, a solidariedade, o coletivismo, os valores, a moral, a fé religiosa, o respeito humano e a cultura de pequenas populações” (2004, p.11). O jornalismo do interior molda-se, portanto, à comunidade onde está inserido.

Com base nessas informações, podemos considerar inevitável que *O Nacional*, em Passo Fundo, e *O Salame*, em Marau, descrevessem em suas páginas fatos e dados que nem de longe se parecem, embora estivessem ambos tratando do mesmo assunto. Em Passo Fundo, por ser centro maior, com acesso mais facilitado às novidades vindas das capitais, o jornalismo evoluiu mais rapidamente. Mesmo assim, em

ambas as localidades, as complexidades éticas e morais, que hoje são amplamente discutidas e que permeiam e doutrinam o âmbito jornalístico, não eram regra.

A POLÍTICA DOS ANOS 40

A quarta década do século 20 pode ser considerada uma das mais turbulentas da história, no mundo todo. Isso muito se deve à Segunda Guerra Mundial, que alterou o equilíbrio global como um todo e causou efeitos diversos em praticamente todos os países e governos. No Brasil não foi diferente. Até a menor localidade foi afetada pelos acontecimentos políticos e sociais que se desenrolaram no decorrer da década pelos efeitos do conflito.

Em nível nacional, o colapso do Estado Novo e a possibilidade da criação de novas siglas partidárias adicionou ingredientes a um cenário político já bastante acirrado. Depois de 15 anos sendo governado por Getúlio Vargas, o Brasil não possuía figura de igual envergadura política à do ex-ditador. Assim sendo, as duas principais agremiações políticas de então continuavam orbitando sua influência. Eram elas o Partido Social Democrático (PSD) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), este último nascido de dissidências do primeiro. Para contrapor o Getulismo, havia a União Democrática Nacional (UDN)⁵. PSD e PTB, fiéis a Vargas, alinhavam-se em diversas capitais e grandes centros, mas no interior e nas pequenas cidades protagonizavam rivalidades que moldaram grande parte dos municípios como os conhecemos hoje.

As disputas pelo poder em Passo Fundo e região, polarizadas por estes dois partidos, iniciaram já em 1947, nas eleições municipais. Em

⁵ A UDN inclusive lançou concorrente à Presidência da República em 1945, o brigadeiro Eduardo Gomes. Porém, como era de se esperar, este foi derrotado pelo candidato getulista, Eurico Gaspar Dutra.

Marau, a rivalidade entre PSD e PTB era ainda mais evidente. Eliane Aguirre, em sua publicação “Sim ou Não: a luta política pela emancipação do município de Marau e as disputas pelo poder”, ressalta que “um dos aspectos mais visíveis e interessantes da polarização esquerda/direita [...] foi a dicotomia nas instituições sociais, jamais afirmadas oficialmente, mas ditas pelo povo” (AGUIRRE, 2009, p. 12). Desse modo, verificava-se em Marau dois times de futebol, dois CTGs, dois hospitais, e assim por diante. Onde havia a presença política do PSD, imediatamente o PTB abria concorrência, e vice-versa. Cabe dizer que, atualmente, algumas dessas instituições ainda existem e seguem, veladamente, sendo atreladas a um lado do espectro político local.

Desde que as duas siglas foram criadas, em 1945, Marau tornou-se um forte reduto do PSD. Em Passo Fundo, pelo contrário, o PTB arrebanhou adeptos a ponto de vencer as eleições municipais de 1947, o que acirrou ainda mais os ânimos entre a sede e o distrito. Apesar de ser patrocinado pelo homem, possivelmente, mais rico de Marau à época, o industrial Alberto Borella, a sigla nunca vingou. Em grande parte por ação dos padres capuchinhos, abertamente ligados ao PSD. Nesse sentido, “a participação da igreja católica era muito marcante nas regiões colonizadas por imigrantes, para quem os partidos trabalhistas e socialistas representavam o perigo do comunismo que devia ser combatido a qualquer custo” (AGUIRRE, 2009, p. 37).

Os anos seguintes viram o PTB continuar crescendo em Passo Fundo, elegendo representantes à Câmara Federal, à Assembleia Legislativa e novamente à Prefeitura. No distrito de Marau, entretanto, as derrotas se sucediam, com a eleição para vereador de Elpídio Fialho em 1947⁶ e Lauro Ricieri Bortolon em 1951, ambos do PSD, enquanto os trabalhistas não conseguiam eleger seus candidatos à Câmara de Passo Fundo.

⁶ Fialho foi o vereador mais votado em Passo Fundo nas eleições de 1947, tornando-se presidente da Câmara de Passo Fundo.

A rivalidade cada vez mais acirrada entre PTB e PSD em Marau, ao que tudo indicava, faria seus líderes tomarem opiniões distintas ao processo emancipacionista. Afinal, por que o PTB apoiaria a desvinculação de Passo Fundo num momento histórico em que não possuía relevância local para fazer frente ao PSD e estaria fadado ao fracasso eleitoral se disputasse apenas dentro das fronteiras de um novo município? Por este motivo, principalmente, a união dos dois partidos causou espanto na comunidade. A incipiente imprensa marauense tem participação nesta trégua momentânea, como exemplo de apaziguamento em prol de um plano maior, como veremos adiante, e como incentivadora da união comunitária.

O HOMEM POR TRÁS DA IDEIA

Entender quem é Elpídio Fialho e qual sua relevância é fundamental para a compreensão deste artigo. São escassas as fontes que dissertam sobre o político marauense, embora ele tenha em seu currículo ações relevantes, como presidir a Câmara Municipal de Passo Fundo na primeira legislatura após a reabertura política que sucedeu o Estado Novo. Francisco Bernardi, em seu livro *Ruas e Praças de Marau*, traz um breve histórico do homem que liderou a comunidade local rumo a sua emancipação:

Elpídio Fialho nasceu no município de Guaporé em 24 de julho de 1909. Naquela cidade permaneceu até os nove anos quando se transferiu para São Leopoldo, onde fez seus estudos primários. O ginásio foi cursado em Porto Alegre, onde também se formou em medicina no ano de 1934. Foi o primeiro médico a fixar residência no então 5º distrito de Passo Fundo. De passagem em busca de um local para clinicar, com a intenção de seguir viagem até Santa Catarina, foi convencido a ficar pelo Vigário, Frei Gentil Capuchinho. Marau foi, assim, a primeira e única comunidade que ele atendeu como médico.

Em determinada ocasião, enquanto pernoitava no hotel do distrito, foi chamado para socorrer uma criança enferma. Essa criança era filha do também médico e político passo-fundense Nicolau de Araújo Vergueiro, que tinha sido Intendente Municipal e seria, posteriormente, deputado federal. Este primeiro contato foi fundamental para as futuras escolhas políticas de Elpídio Fialho.

Embora tenha sido médico competente e diretor do Hospital Providência por mais de 20 anos, foi através da atuação política que Fialho escreveu seu nome na história de Marau. Em 1945, quando da reabertura política, filiou-se à legenda do Partido Social Democrático, vindo a concorrer, em 1947, ao cargo de vereador em Passo Fundo. Em sua primeira eleição, obteve 1.294 votos, tornando-se não somente o candidato mais votado do 5º Distrito, como de todo o município de Passo Fundo. A expressiva votação deu ao médico marauense o cargo de presidente da Câmara de Vereadores do município. O historiador Marco Antonio Damiani, no endereço virtual “Projeto Passo Fundo”, destaca que “nesta qualidade, participou da criação como um dos fundadores da sociedade pró-Universidade de Passo Fundo em 1950”. Nas eleições municipais de 1951, já como uma das grandes lideranças do PSD de Passo Fundo, concorreu à vice-prefeitura na chapa derrotada de Dionísio Lângaro. Em 1954, concorreu a deputado estadual, garantindo vaga de suplente com 4.163 votos. Entre os anos de 1955 e 1958, assumiu o cargo na vaga de Liberato Salzano, afastado da Assembleia Legislativa para exercer a função de Secretário de Educação até 1957, ano de sua morte num acidente aéreo.

O fato de ser deputado estadual em exercício, muito provavelmente privou Fialho de ser o primeiro prefeito da história de Marau. Foi o segundo, eleito em 1959, quatro anos após a instalação do município. Mesmo depois de afastado das atividades públicas, foi o grande conselheiro político do PSD e das siglas que o sucederam na política local, até sua morte, em 11 de junho de 1992. Depois de sua passagem,

a praça central da cidade recebeu seu nome. Em reforma recente, em 2006, um busto de bronze foi instalado em homenagem ao emancipacionista. Em frente à porta da prefeitura, ele permanece em pose vigilante, com os olhos atentos ao governo do município que ajudou a criar.

O PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO DE MARAU

As primeiras conversas sobre emancipação ocorreram numa reunião do PSD realizada em junho de 1948 e convocada por Elpídio Fialho. Segundo Alberto Disarz, em sua obra *Marau Ontem e Hoje*, foi decidido que dois cidadãos iriam a Porto Alegre com objetivo de tratarem, junto às autoridades estaduais, do caso da emancipação. O próprio Fialho, então presidente da Câmara de Vereadores de Passo Fundo, e Lydio Thomás Antônio Bergonsi, outro militante do PSD na vila de Marau, foram designados para tal função. De acordo com Disarz (1972, p. 26), “a população empolgou-se com plano emancipacionista, e em seguida foi criada a primeira diretoria para tratar do assunto”. A Comissão Pró-emancipação, como ficou conhecida, mesclava lideranças de todas as siglas, demonstrando claramente que as paixões políticas seriam momentaneamente postas de lado em nome de uma causa maior.

A isso seguiu-se uma fervorosa campanha de propaganda, além da realização de estudos de delimitação do possível município, que abrangeria ainda as povoações de Maria e Camargo, respectivamente distritos de Guaporé e de Soledade. Em Marau e Maria a ideia de emancipação era amplamente aprovada, já em Camargo o pensamento dividia a população, como é possível perceber na realização, em setembro de 1949, do primeiro plebiscito. Embora a votação tenha sido de 2.243 votos a favor e 666 votos contrários à emancipação, no distrito

de Camargo venceu o Não. Segundo a legislação vigente na época, em todas as localidades consultadas deveria prevalecer o Sim. Logo, o processo viu-se fracassado na sua primeira tentativa.

O ideal de emancipação, no entanto, não seria deixado de lado. Os anos que se seguiram mostraram uma comunidade amplamente dedicada ao pleito, reservando à irrelevância todo assunto que não fosse a criação do novo município. As energias eram guardadas para primeiro, ver o distrito se emancipar, e somente depois lutar pelo poder dentro dele.

Já no ano de 1953, duas novas leis fixaram novos limites para o futuro município, que seria formado por nacos do território de Guaporé e Passo Fundo, num total de 1.055 km², desta vez excluindo o distrito de Camargo e os territórios de Soledade, diminuindo, assim, a possibilidade de um novo plebiscito fracassado⁷. Em 20 de dezembro de 1953, a emancipação obteve 1.763 votos favoráveis e 461 votos contrários, obedecendo a todos os pré-requisitos legais. Portanto, em 18 de dezembro de 1954, o governador Ernesto Dornelles decretou Marau como município. A instalação ocorreu em 28 de fevereiro de 1955.

O SALAME E O APOIO INUSITADO

O primeiro órgão de imprensa escrita do município de Marau nasceu, curiosamente, antes do próprio município. Quando a vila ainda era distrito de Passo Fundo, em 31 de maio de 1947, circulava na comunidade a primeira edição de *O Salame*, periódico artesanal produzido sob a chancela de Alberto Borella, dentro do frigorífico de sua família – daí o nome do jornal.

⁷ Somente em 1959, quatro anos depois da emancipação de Marau, é que o distrito de Camargo foi anexado, através de plebiscito popular. Camargo também se tornaria município, em 1988.

O SALAME

(Semanao Funcado em 31-5-1947)

Impresso nas oficinas gráficas da **Livraria Soleta**

Mortandade - MARAU

A coxilha de mata em que esta cidade, com o surto das villas Luiza e Carmen, que lhe são contiguas, vem distendendo para o sul a sua área, tinham ido um dia, em remoto passado, com o fim de comerem jaboticabas, dois moradores da aldeia que então era Passo Fundo de Missões.

Sem refletir no perigo que o lugar oferecia por ser situado na Serra Geral e, portanto, sujeito a execuções dos índios Coroados, bravos ainda e que não perdiam ensejo de assaltar e matar a gente civilizada, trataram os dois homens referidos de saborear a fruta que os atraira, para isso trepando ambos ou um deles em arvore da mesma situação em que os servilculas tendo-os presentido, inopinadamente os atacaram, trucidando-os.

Revoltados com isso, outros moradores da aldeia se reuniram formando escolta que em brechou-se na Serra no encalço dos assassinos, indo batel-os do outro lado do Taquary, em ponto que devido a isso, ficou sendo chamado Mortandade e no qual, hoje,

ha pequeno nucleo de colonos, bem como um arroteio com o mesmo nome e que corre para aquele rio.

Continuando a perseguição, alcançou a escolta o restante do grupo malleitor, ai perecendo o chefe do mesmo, que era o índio Marau, fato pelo qual assim ficou sendo chamado o rio em cuja bacia, na margem direita, muito depois, já neste seculo, vieram a surgir a colonia e o povoado que assim se denominam tambem.

Com o citado nome de Mortandade, tem ainda o Municipio, no 1º distrito, o capão, a lagôa e o pontão de serra proximos á Cidade, e outro arroio, afluente do Tombador no 2º distrito.

Quanto aos tres primeiros, que são proximos entre si, a origem do referido batismo esta em que, nas imediações da lagôa entre 1843 e 1850, mais ou menos, os referidos índios assaltaram uns viajantes que lá estavam de sostenda, matando varios deles.

Relativamente ao arroio do 2º distrito, ignoro qual tenha sido a origem do seu nome; entretanto

sendo dada a longa e sangrenta etapa que os aludidos selvícolas tiveram no Municipio nos velhos tempos ora relembrados devo concluir que tambem com eles se relacione a funebre denominação de tal arroio.

(Das Apostilas Geográficas de Francisco Antônimo Xavier e Oliveira)

Edição de
aniversario
10 paginas.

ILZE e MARIZE

Com grande alegria participam aos parentes e pessoas das relações de seus pais

Poggi Pio Pontes e Celso Pontes

o nascimento de sua irmãinha **MARIA SALETE**, ocorrido em 26-5-48.



Prestamos, estampando sua foto, uma homenagem ao nosso amigo e colaborador Gomercindo Reis, quem devemos o original soneto «O Salame» publicado na pag. 6.

O preceito do dia

PROTEJA OS RINS

C saí de cozinha, além de ser indispensavel ao bom funcionamento dos órgãos, torna mais saborosos os alimentos. Mas nem por isso se deve abusar das iguarias salgadas. O sal é eliminado em grande parte, pelos rins e quando em excesso, pode "tritar" os causados varias desordens no organismo.

Proteja os rins, evitando o abuso de sal na alimentação. — SNES.

Casa Paulina

A Casa Paulina, tem o prazer de comunicar aos seus distintos freguezes que, renovando completamente estyques de Têxidos, Riscados, Calcados - Sobretudos - Gabarlines - Capas Hespahola e colegial - Perfumns - Chapéus Curly - Luvas - Artigos finos para Senhoras, Cavalheiros e Crianças e outros artigos, está vendendo por preço mais barato da Zona do Municipio de Passo Fundo.

Visite-a sem compromisso — preço e qualidade

Avenida Julio Borella nº 67

In. frente Estação Rodoviária

CASA PAULINA

Marau

Exemplar do jornal O Salame, editado então distrito passo-fundense de Marau. Sem data. Acervo de Clelia Bortolini, via Facebook.

Por ter sido criado e mantido por funcionários da empresa, *O Salame* nasceu com profunda identificação com o PTB, exercendo óbvia oposição a Elpidio Fialho. Tanto o era, que citaria pela primeira vez o nome do principal líder emancipacionista somente em 1953, mais de cinco anos após sua fundação e quatro anos depois das primeiras tratativas emancipacionistas.

Nas páginas de *O Salame* nota-se facilmente o tom jocoso e irreverente, bastante típico de publicações de cunho político naquele período, a começar pela capa, que anunciava uma tiragem de cem mil cópias e agências em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Recife, além de um correspondente na Rússia. A verdadeira tiragem das primeiras impressões era de apenas cem cópias, e o “correspondente russo”, friamente adicionado, era uma forma de ironizar os freis Capuchinhos, sempre aguerridos no combate à ameaça comunista.

Porém, com o passar do tempo e as discussões sobre a emancipação cada vez mais presentes na comunidade, *O Salame* passa de uma publicação artesanal a um jornal de tom sóbrio e informativo. A mudança de postura ocorre paulatinamente, conforme mais lideranças do PTB se envolvem no processo e vão deixando, momentaneamente, as brigas políticas de lado. Em 1949, o jornal passa a se chamar *A Cidade de Marau*. Todavia, o vínculo com o PTB ainda seguia forte.

Para além, o veículo era financeiramente apoiado pelo jornal pas-fundense *O Nacional*⁸, como comprovam os diversos anúncios publicitários veiculados no periódico da vila. Mais do que somente apoio financeiro através de publicidades estampadas nas páginas do jornal marauense, a ligação política entre os dois veículos de imprensa era muito forte. Gustavo Silveira Ferret, então redator do periódico marauense, era também o distribuidor de *O Nacional* no 5º distrito. Supõe-se, então, que ambos haveriam de manter um discurso coerente e

⁸ Empresa jornalística de Múcio de Castro, também arraigado militante do PTB.

aproximado em relação às movimentações políticas pró-emancipação. Mas o que se viu foi o jornal de Ferret saindo em defesa da causa emancipacionista e, conseqüentemente, de líderes do PSD, contrapondo-se ao que era publicado em *O Nacional*.

Embora um órgão nunca tenha sido e nem pretendido ser oposição ao outro, a comunidade onde estavam inseridos passou a moldar seus discursos e publicações. O alinhamento político e até comercial seguiu existindo, mas um distanciamento de discurso se tornou evidente na medida em que *O Salame* abraçava a ideia de emancipação e cerrava fileiras ao lado dos grandes adversários do PTB em Passo Fundo.

O NACIONAL E A PIADA DA EMANCIPAÇÃO

O diário passo-fundense, quando se trata da emancipação do então mais rico distrito daquele município, também não se comportou como era esperado que o fizesse. Sendo um veículo do discurso trabalhista, fortemente vinculado ao PTB e sendo seu proprietário um proeminente político local, era esperado que *O Nacional* não distribuisse elogios ao movimento político liderado pelo PSD de Elpídio Fialho. Porém, era sabido que a criação de outro município, sendo ele amplamente dominado pelo PSD, enfraqueceria a sigla nas futuras eleições municipais de Passo Fundo, conseqüentemente beneficiando o PTB. Em outras palavras, garantir que Elpídio Fialho e seus eleitores se distanciassem da política passo-fundense deveria ser atrativo suficiente para que *O Nacional* se mostrasse, ao menos, simpático à causa.

O que se viu, no entanto, foram críticas, desprezo e deboche, enquanto o movimento ganhava força. Em agosto de 1948, na primeira vez que o periódico publica algo relacionado ao processo de emancipação, estampa uma ilustração de duas pessoas conversando, ao que uma diz para a outra:

- *Quando conquistarmos a emancipação de nossa terra, mandaremos construir o Arco do Triunfo.*

E a outra responde:

- *E levantaremos um monumento à nossa Joana d'Arc, representada pela figura do mais votado em Fialhópolis.*

Embora pareça um chiste leve, a publicação é cheia de significado. Pinta o marauense emancipacionista como alguém que se considera superior, que acredita estar travando uma cruzada em nome da liberdade. E ao chamar – pejorativamente – o futuro município de Fialhópolis⁹, o jornal explicita o exato alvo de seu humor ácido. Parece evidente que até então os passo-fundenses consideravam a ideia de emancipação de Marau como um disparate nascido da cabeça de um único homem, com claras motivações pessoais. E que Elpídio Fialho, tal qual Joana d'Arc, buscava convencer seu “exército” sobre a necessidade da batalha.

Outro exemplo da postura agressiva que *O Nacional* assume em relação à luta do 5º distrito pela emancipação foi publicado em 1950:

O senhor Alberto Borella, adiantado Industrial marauense, acaba de receber o seguinte fonograma: “Lei criação município foi promulgada hoje Diário Oficial 142. Tribunal Eleitoral nos próximos dias marcará as eleições. Confiamos no futuro como até aqui. Haveremos de derrotar uma por uma as barreiras colocadas na nossa frente até a instalação final da nova comuna, porque a nossa causa é a do Rio Grande. Minha alegria não é maior do que a do povo de Marau. Abraços. Leonel Brizola”.

Seria apenas uma nota corriqueira sobre um comunicado protocolar, se não tivesse sido publicada no dia 1º de abril. Basta uma breve

⁹ Na primeira referência que faz ao processo de emancipação, *O Nacional* faz questão de lembrar o fato de que Fialho fora o mais votado nas eleições de 1947. Haveria uma mágoa intrínseca pela derrota do PTB no 5º distrito e por ter um político de fora da sede como o candidato mais votado em todo o município?

análise aos arquivos do Diário Oficial para constatar que tal comunicação jamais existiu e que o texto, a despeito do rigor jornalístico com que foi escrito, não passa de mais uma provocação jocosa. Ao contrário do que foi escrito, *O Nacional* e os diretores do PTB de Passo Fundo esperavam que Brizola, no período líder estadual do partido, fosse criar toda e qualquer dificuldade necessária para impedir a criação de um município que já nasceria nas mãos de seus adversários políticos.

Ao publicar um texto como esse, de maneira tão satírica, deixa claro que a comunidade passo-fundense, representada por seu principal órgão de imprensa escrita à época, não considerava seriamente a separação das duas localidades, pelo menos até aquele ano de 1950, quando um plebiscito já havia sido realizado sem obter sucesso.

Finalmente, já em 1953 e na eminência do sucesso marauense em se emancipar, *O Nacional* adota uma postura mais solene e magnânima, publicando um texto que dá a entender que Marau em breve viraria município somente porque Passo Fundo assim o quis:

Marau pode seguir seu destino, com altivez e pujança, com o consentimento do povo passo-fundense, que se pronunciou através de seus representantes legalmente instituídos na Câmara de Vereadores. [...] A totalidade da representação legislativa teve a oportunidade de pronunciar-se favoravelmente à emancipação de Marau, tecendo judiciosos comentários a respeito das possibilidades econômicas do campeão dos distritos passo-fundenses, e fazendo votos de progresso e felicidade ao povo marauense em sua nova vida independente.

O gesto dos vereadores de Passo Fundo foi muito elevado, merecendo destaque especial de vez que constitui um caso inédito nos processos emancipacionistas que se registram em nosso estado. Dessas colunas, transmitimos ao povo marauense que sempre foi brioso e altaneiro, nossos melhores votos de grandeza e prosperidade. Trata-se de um grande povo, trabalhador e imbuído de nobres ideais. Marau, filho de Passo Fundo, será sem

dúvida alguma um dos grandes municípios rio-grandenses que Passo Fundo sempre se orgulhará, como tem se orgulhado de seus outros filhos: Erechim, Carazinho, Getúlio Vargas, Marcelino Ramos, Sarandi e Soledade.

O periódico tenta incutir um papel de soberania à comunidade passo-fundense, dando a entender que a emancipação marauense seria um favor concedido pelas autoridades da sede, benevolentes a ponto de constituir “um caso inédito”, conforme o próprio texto ressalta. Está implícito em todo o texto, assim como em toda a cobertura jornalística que *O Nacional* prestou ao processo emancipacionista, que a comunidade da sede, se não estava de fato incomodada com o pleito marauense, pelo menos o julgava sem importância.

É exatamente o inverso do que ocorre em *O Salame*. Mesmo com toda a carga política desfavorável às principais lideranças do movimento emancipacionista – principalmente a Elpidio Fialho – o jornal, desde as primeiras publicações, trata com seriedade a questão. Nessa perspectiva, numa de suas primeiras notas a respeito, lança um questionamento sobre a viabilidade do pleito, para logo em seguida respondê-lo, com argumentos que tornam possível sonhar com a independência:

Emancipação? Em vista de seu desenvolvimento cada vez mais crescente, muitos marauenses pensam em se constituírem em município independente, contanto que o governo do estado esteja disposto a homologar o justo anseio do marauenses. Marau é de fato um bom centro populoso, com mais de 400 casas, sendo uma cidadezinha regular e continua se desenvolvendo assombrosamente, contando com grandes indústrias.¹⁰

Vale a ressalva de que, apesar da dúvida expressa na própria nota – lançando a ideia de emancipação como um questionamento a ser

¹⁰ *O Salame*. Marau, 20 nov. 1948.

respondido pela própria comunidade –, o texto toma o caminho oposto ao das publicações do diário passo-fundense, demonstrando certo ufanismo ao salientar que Marau, apesar de “cidadezinha regular”, contava com “grandes indústrias”. Estas seriam o Frigorífico Borella¹¹, um ou dois moinhos, algumas serrarias e algumas dezenas de casas de comércio.

Na edição seguinte, todas as dúvidas pareciam ter se dissipado. Já não havia ponto de interrogação ao lado da palavra “emancipação”: “Por forças de contingência ou por mero sinal do acaso, teremos Marau emancipado. É convicção fundada que mais dia, menos dia, isso será um fato consumado”.¹²

Por maior que fosse o ranço nutrido pelos diretores de *O Salame* a respeito das lideranças do PSD que encabeçavam os planos separatistas¹³, o jornal marauense passou a destacar em praticamente todas as suas edições os trâmites do pleito. É raro encontrar uma edição do ano de 1948 que não citasse a ideia de emancipação. No periódico passo-fundense, entretanto, é possível verificar hiatos de muitos meses entre uma citação e outra do que vinha ocorrendo no então 5º distrito. O que não significa que *O Nacional* estivesse deliberadamente ignorando o desenrolar dos fatos. Muito mais evidente é imaginar que a emancipação marauense era muito mais importante para aquela comunidade do que para a grossa maioria dos leitores do jornal de Múcio de Castro. Assim, a cobertura inconstante seria uma escolha jornalística plausível.

Mas a falta de cobertura não é único ponto a ser avaliado, e sim o modo como a cobertura se dá quando ela ocorre. O leitor que pro-

¹¹ O Frigorífico, fundado em 1917 pelo imigrante italiano Julio Borella, foi desde o início o grande motor de desenvolvimento da localidade. Tendo sido adquirido nos anos 80 pela Perdigão Agroindustrial, e posteriormente integrando a BRF Brasil Foods S.A., é, ainda hoje, a principal empregadora do município.

¹² *O Salame*. Marau, 04 dez. 1948.

¹³ A própria frase retirada da publicação retrata o afastamento político. Ao tratar a emancipação de maneira fatalista, como algo que iria ocorrer de qualquer jeito, serve para diminuir a importância dos rivais políticos no desenrolar dos acontecimentos.

curasse se informar sobre a emancipação do 5º distrito somente pelas páginas de *O Nacional*, consideraria que o pleito da comunidade marauense estaria não apenas longe de acontecer, como não passava de uma ideia ufanista de um punhado de políticos da vila. Já o leitor que se informasse apenas pelas páginas de *O Salame*, vislumbraria uma comunidade convicta, unida e que concentrava todas as suas energias na futura emancipação. Mais do que isso, teria a impressão de que a “luta” pela separação de Passo Fundo tinha um caráter beligerante e uma importância muito maior do que de fato teve. Estes dois leitores, um de *O Nacional* e outro de *O Salame*, viveriam por anos em mundos completamente diferentes – para usar a expressão de Barack Obama citada no início deste artigo. O primeiro, numa realidade onde Marau não tem nenhuma chance real de se separar de Passo Fundo e, por conta disso, o furor emancipacionista não deve ser considerado mais do que mania de grandeza de Elpídio Fialho e sua turma. O segundo, num mundo onde a separação dos dois municípios são favas contadas, em que a união da comunidade marauense e a luta incansável pela independência faria a vila se livrar das amarras que a prendiam a um município que pouco ou nada se interessava por seu desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível, para não dizer provável, que uma leitura semiótica das notícias divulgadas nos dois jornais citados neste artigo causasse surpresa até mesmo em quem as escreveu, já que a escolha de palavras e a decisão de como pautar determinado assunto não é completamente consciente e nem imediata. É uma construção paulatina. Repórteres, editores e diretores não apenas formam a opinião pública, mas também são influenciados por ela. Difícil dizer se a decisão de menosprezar o processo emancipatório de Marau foi de Múcio de Castro ou se

ele apenas transportou para as páginas de seu jornal aquilo que ouvia nas ruas, nas reuniões de seu partido, na opinião majoritária das pessoas com quem convivia. Mais fácil imaginar que ele provavelmente ouviu muito dos dois lados, mas seu filtro político natural o levou a optar pela cobertura discreta e irônica de um movimento liderado por seus rivais políticos mais salientes.

Os editores de *O Salame*, Gustavo Silveira Ferret e Pedro Piran, por sua vez, estavam expostos a um ambiente inverso. Mesmo sendo adversários políticos de Fialho, conviviam rotineiramente com a comunidade que ansiava por se tornar município. Uma sociedade que dificilmente apoiaria – quando muito toleraria – um órgão de imprensa boicotando ou fazendo campanha contrária ao processo emancipacionista. É provável que ambos devam, prematuramente, ter percebido que encampar a ideia municipalista seria ajudar a criar um vulto político que seria virtualmente imbatível dos pleitos locais¹⁴. O próprio Alberto Borella fez este cálculo, em algum momento. Mas a relevância da situação não deixava alternativa a não ser defender a mesma bandeira que o adversário levantava.

Este distanciamento entre as duas comunidades e, por consequência, dos membros da imprensa em cada localidade, fez dois meios de comunicação, que estiveram alinhados desde a gênese do periódico marauense, tomarem caminho antagônicos e criarem, para seus leitores, panoramas completamente diferentes sobre o mesmo fato.

O eco de um acontecimento de relevância regional, ocorrido na primeira metade do século passado, nos traz mais uma vez a importante lição da consulta de múltiplas fontes e de como um meio de comunicação pode não somente influenciar a comunidade onde circula, mas ser igualmente influenciado por ela. No século XXI, muitas décadas depois da emancipação de Marau, é possível estabelecer paralelos

¹⁴ De fato, o PSD e as siglas que o sucederam (ARENA, PDS e PPB) dominaram o cenário político municipal e demorariam 38 anos para serem derrotados nas eleições para a Prefeitura.

incontáveis de como um mesmo fato é narrado de maneira diferente, dependendo da ótica de quem está atrás da caneta, do teclado, da câmera. Ora somente por paixão, ora por interesses escusos.

Por via das dúvidas, de tempos em tempos, convém estourar a bolha.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de. *A Imprensa em Transição: O Jornalismo Brasileiro nos Anos 50*. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas, 1996.

AGUIRRE, Eliane. *Sim ou Não: a luta política pela emancipação do município de Marau e as disputas pelo poder*. Marau: Faculdade da Associação Brasileira de Educação, 2009.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. *Jornais: uma breve História*. Disponível em: <http://www.anj.orf.br/a-industria-jornalistica/historianomundo/historiadojornal.pdf>

BATISTELLA, Alessandro. *Passo Fundo, sua história*. 1. ed. Passo Fundo: Méritos, 2007.

BERNARDI, Francisco. *Ruas e Praças de Marau*. Passo Fundo: Berthier, 2007.

BORTOLINI, Clélia. *Notas sobre Elpídio Fialho*. Disponível em <https://facebook.com/clelia.bortolini?fref=ts>

DISARZ, Alberto. *Marau ontem e hoje*. Caxias do Sul: Editora São Miguel, 1972.

DORNELLES, Beatriz. *Jornalismo “Comunitário” em cidades do Interior: uma radiografia das empresas jornalísticas: administração, comercialização, edição e opinião dos leitores*. Editora Sagra Luzzatto, 2004.

MELLO, Patricia Bandeira de. *Um passeio pela história da Imprensa: o espaço público dos grunhidos ao ciberespaço*, 2005. Artigo disponível em http://www.fundaj.gov.br/geral/artigo_passeio_historia_imprensa.pdf

PROJETO PASSO FUNDO. Disponível em www.projetoportunidade.com.br

RABAÇA, Carlos Alberto. BARBOSA, Gustavo Guimarães. *Dicionário de Comunicação*. 4. ed. Rio de Janeiro: Codecri, 1978.



Esportes
Nas mãos
de Clemer

ON Tendências: Religiões
Espaço Esperança,
a Igreja do abraço
12 e 13

Jovem escritor
surpreende
em romance
de estréia

2º



O NACIONAL

PASSO FUNDO, QUARTA-FEIRA, 16 DE AGOSTO DE 2006 ♦ ANO 82 ♦ Nº 23.259 ♦ WWW.ONACIONAL.COM.BR ♦ R\$ 1,30

Brasil

Mesada de luxo
Patrimônio de
mensaleiro do PT
sobe 1.153% 19

Economia

Sem fronteiras
Petrobras quer
refinaria na
Colômbia 18

■ Sentença

21 anos e 5 meses

Depois de quase 16 horas de julgamento, Adriano da Silva foi condenado, por unanimidade, a 21 anos e cinco meses de reclusão em regime inicial fechado pelos crimes de homicídio duplamente qualificado e ocultação de cadáver contra o menino Alessandro Silveira



- As estratégias
- A reviravolta
- Os personagens
- Os bastidores
- Momentos críticos
- A reação dos familiares
- O julgamento passo a passo

5 a 9

Cidade

■ **Pão**
Quanto é o
quilo? 10

■ **Ilustres desconhecidos**
De dia, hippie
À noite,
dona-de-casa

Dora Kram

“Fórmula falida

Bastidores 3



PODER E FAIT DIVERS:
O IRRECUPERÁVEL NO
JORNALISMO PASSO-FUNDENSE

Bibiana de Paula Friderichs

00h35 de hoje

Francisco da
Rosa Marinho,
anuncia a
decisão dos
jurados

patente e cores masculinas
Terapia por Ondas de Choque
Dr. Carlos R. V. Leal
www.crf.med.br
Membro - SBMT
Palmeira, 928
Fone: (54) 3313-4333

“Nã existe sujeito fora da linguagem”. A pequena frase, embora inequívoca, abriga a extraordinária esfinge em torno da qual nos debatemos em inúmeras ciências. Sua brevidade também indicia a energia do signo, que a partir de uma relação dialética entre forma e conteúdo hospeda, mesmo em acanhadas porções de linguagem, sentidos imprevisíveis, fugidios e múltiplos. Citado por Roland Barthes (1988, p. 106), o trecho referido aciona no ensaio *A paz cultural* essa trama de perspectivas inquietantes acerca dos descaminhos do discurso na construção da realidade com a qual está reincidentemente conectado, menos como um sumidouro e mais como um mapa sem mina, sem “xis”, uma rota abalada, onde a significação pode se dispersar. Não há uma imposição que determine o fim do sentido, seu fechamento, um significado único e acabado para determinado signo, por menor que seja o espaço que ocupa no texto – evidência peremptória diante da complexidade do papel que os falares ocupam na configuração do real.

Para o autor, o homem só se realiza na linguagem, a partir do atravessamento dos signos que estão por todos os lados e cujo “poder é infinito” (BARTHES, 1971, p. 270). Ela é a disparadora das dinâmicas instaladas no cotidiano e, mais do que isso, fonte de transformação do real palpável. A linguagem é a forma de organizar e compreender o mundo que nos rodeia, e os discursos através dela estruturados expressam as ideias de determinados sujeitos ou grupos sobre a realidade – na medida em que tentam defini-la ou explicá-la –, a consciência que esses indivíduos possuem de si, do outro e sobre o ambiente em que vivem. Essa é a matéria-prima para as nossas¹ reflexões.

¹ Utilizamos a primeira pessoa do plural neste projeto considerando os aspectos evidenciados

Desde o início da sua história, o homem existe numa relação de alteridade e de troca com o outro. Por isso, não nos parece equivocado dizer que a discursividade está revestida de um caráter público. Aliás, caráter esse particularizado na contemporaneidade, em que as relações possíveis entre a realidade, a linguagem e o sentido parecem ter se tornado alvo de uma dinâmica de comunicação midiaticizada. Na sociedade da informação e talvez, também, do conhecimento, os media multiplicaram-se como os principais canais de produção e distribuição de bens culturais, dominando os espaços de alteridade e de troca.

A mídia tornou-se, assim, um lugar privilegiado do discurso em suas diferentes manifestações, e a notícia, conseqüentemente, uma forma de fala, um texto público, que circula pelo ambiente social e, portanto, provoca certo movimento. Através dela o homem pode construir novos sentidos sobre a realidade, conhecer sua própria imagem, se localizar como sujeito histórico e transformar as condições do cenário social com o qual está comprometido. Isso porque ler é também escrever, uma vez que, diante dos significantes oferecidos à fruição durante a leitura, é o leitor quem produz em si, concomitantemente, outro texto, no qual pode ressignificar o mundo ao seu redor e relacionar-se, de outros e inusitados modos, com ele.

Entretanto, para alguns autores, esta mesma mídia, cujo potencial discursivo revela possibilidades de intervenção dos sujeitos diante da realidade, é sensacionalista. Ou seja, é um agente de interpelação que expõe os conflitos do cotidiano social, reduzidos e esvaziados de historicidade, ao mesmo tempo em que apresenta soluções e/ou respostas pré-fabricadas e instantâneas para eles.

Dentre os autores que se debruçam sobre essa questão está Roland Barthes (1971) com seus apontamentos sobre o *Fait Divers*. Uma

pela DHE, que nos permitem compreender o real, como algo histórico e socialmente constituído. Vivemos em permanente relação com o outro e acreditamos que parte do fazer científico liga-se a um questionamento acerca do lugar de onde falamos, pois não é possível separar a objetividade da ciência da subjetividade do pesquisador.

das principais preocupações do autor refere-se ao papel da fala na constituição das relações sociais, mais especificamente, da língua. Não de modo restrito, ou seja, relacionado à língua escrita, mas às estruturas linguísticas às quais devemos submeter nosso pensamento para expressá-lo, e além delas, à dimensão translinguística que incide sobre essa dinâmica. De acordo com suas reflexões, de certa forma, somos aprisionados por determinadas estruturas, algumas delas naturalizadas pela mídia, e nem sempre conseguimos fazer rupturas em favor da polissemia do texto.

Nesse sentido, o que é o *Fait Divers*, senão um tipo particular e estruturado de fala? Ele existe desde a Idade Média, como forma narrativa das tragédias do cotidiano e, portanto, faz parte do universo da informação e do discurso. Mas com a chegada da grande imprensa, há dois séculos, transmutou-se no anúncio de existência de outra realidade, aparentemente inexplicável, na qual a noção de fatalidade, por exemplo, supera a do acaso e a da coincidência, fornecendo ao público uma aparente explicação², satisfatória, para aquelas questões que às vezes escapam à sua compreensão. E o público, abastecido com esse significante mítico, cerca as possibilidades de sentido que o texto pode guardar, limitando seu entendimento e intervenção no palco social. Daí a relevância de nos debruçarmos sobre ele.

Considerando tal contexto, o jornal *O Nacional*, mais antigo periódico em circulação no município de Passo Fundo, aparece como um recorte do objeto que é a produção de sentido. Já havíamos nos deparado com seus discursos jornalísticos em outro momento; entre-

² Embora o conceito seja resgatado por inúmeros autores, Roland Barthes se interessou em arranjar-lhe uma tipologia básica, debruçando-se sobre o problema da estrutura desta forma narrativa. Segundo o autor, no livro *Ensaio crítico* (1971), é uma estrutura fechada, compreendendo dois termos, causalidade e coincidência, os quais se mantêm em relação. “É a problemática desta relação que vai constituir o *Fait Divers*” (BARTHES, 1971, p. 190). Considerando que a categoria se caracteriza pelo relato surpreendente, Barthes (1971) criou para cada tipo dois subtipos. Assim, o *Fait Divers* de Causalidade subdivide-se em Causa Perturbada e Causa Esperada e o de Coincidência, desdobra-se em Repetição e Antítese.

tanto, nas pesquisas anteriores, nosso *corpus* estava relacionado à construção noticiosa na atualidade e preocupado em observar o diálogo entre dois Socioletos: o do sujeito noticiado e o sujeito que noticia (FRIDERICHS, 2006).

Durante essa caminhada, observamos diferentes aspectos da história do próprio jornal e da contribuição, associada aqui à evidência de intervenção, de certas personagens para o seu desenvolvimento. Mas mais do que isso, ao acompanhar sua história, como expressão de um tempo e do Socioleto³ de um grupo cultural, nos inquietamos diante da percepção do quão relevantes podem ser os discursos que circulam pelo espaço midiático e a dimensão a que correspondem, lugar de sentidos, no modo como os sujeitos sociais entendem e explicam a vida cotidiana e suas transcendências.

Um episódio, em particular, parece significativo nessa caminhada. Trata-se do caso Adriano da Silva, autor confesso da morte de 12 meninos (somente oito comprovadas pela Justiça) com idades entre 7 e 13 anos. Os crimes aconteceram principalmente na cidade de Passo Fundo, entre agosto de 2002 e janeiro de 2004. Segundo a perícia, a ação do assassino envolvia abuso sexual e estrangulamento. Adriano foi capturado em 5 de janeiro de 2004, no município de Maximiliano de Almeida, na divisa dos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, e foi condenado pela justiça a 158 anos e quatro meses de reclusão, em regime de isolamento. O caso resultou numa extensa cobertura jornalística da imprensa local, que envolveu a revelação dos assassinatos, a elucidação da autoria, a reconstituição das cenas criminosas, a captura de Adriano da Silva e, por fim, o seu julgamento. Especialmente para *O Nacional*, este evento foi um marco: primeiro, porque

³ Conforme Barthes (1973), os Socioletos são formas particulares de fala utilizadas pelos diferentes grupos que compõem o ambiente social, são chamadas de “linguagens sociais”. Elas podem constituir-se na perspectiva de legitimar aqueles que já estão no poder (discurso Encrático), ou para conquistá-lo (discurso Acrático).

resgatou o jornalismo investigativo⁴ no cenário do jornalismo local⁵; segundo, porque aconteceu durante uma reforma gráfica e editorial que o jornal havia iniciado sob a orientação do sobrinho de Tarso de Castro, Fernando de Castro.

Portanto, trata-se de um discurso sobre o qual depositamos um olhar mais cuidadoso, identificando três aspectos pertinentes à realização desta pesquisa e seu objeto: 1) todos os dias os jornais têm reservado espaços, com maior ou menor destaque, para informações como essas; 2) as significações produzidas pelos textos publicados, assim como a estrutura da própria notícia, revelam a produção jornalística da época e transportam seus elementos variantes e invariantes até os dias atuais; e 3) não existe, ainda, uma bibliografia que dê conta do desenvolvimento do jornalismo em Passo Fundo, com exceção de pequenos artigos, publicados em jornais antigos, e as edições de *O Nacional*, encontradas no Arquivo Histórico Regional do município.

Considerando esse universo contextual, propomos na presente investigação o estudo da discursividade em uma notícia publicada no jornal *O Nacional* (Passo Fundo/RS), referente ao caso Adriano da Silva, contemplando a produção de sentido em nível verbal e não verbal. A sustentação teórica será construída com base nos pressupostos de Roland Barthes, por intermédio de cinco categorias *a priori*⁶: Discurso (Pirâmides Normal, Invertida e Mista); *Fait Divers*; Estereóti-

⁴ Parece-nos que todo o jornalismo, sua práxis, é por definição investigativa. No entanto, existem formatos de narrativa que favorecem mais a investigação do que outros, como é o caso da reportagem e do relato das coberturas (ou seja, série de Notícias que acompanham o desenrolar de um caso particular e, à medida que novos fatos são descobertos, publica-os no periódico, como uma sequência).

⁵ Empiricamente, podemos observar inúmeros motivos para o <<desaparecimento>> desses formatos dos periódicos locais: equipes enxutas, estrutura precária, cultura de redação, formação profissional (a primeira turma de jornalistas na cidade, graduada pela Universidade de Passo Fundo, só se formou em 2000 e naquele momento, assim como nos anos seguintes, notamos certa resistência dos veículos em contratar jornalistas formados, em tempo essa resistência está sendo superada). Essa relação de mercado, em outro momento, poderia motivar uma pesquisa.

⁶ Poderíamos acrescentar aqui ainda outras duas categorias: Mito e Fotografia. No entanto, em consequência do espaço destinado ao artigo, deixaremos estes recortes para abordá-los em outra oportunidade.

po; Poder; e Socioleto (Encrático e Acrático). Elas estão organizadas numa disposição que contempla a discursividade, transitando desde seus aspectos mais concretos aos mais abstratos, com a finalidade de facilitar a leitura do nosso objeto.

Desse modo, partimos da categoria Discurso, lugar onde se inscrevem os Estereótipos, o Poder e seus interditos. Para Barthes (1978, p. 32), “todo o lençol do discurso é fixado por uma rede de regras, de constrangimentos, de opressões, de repressões, maciças ou tênues [...], sutis e agudas”, onde o linguístico e o translinguístico perseveram. Nele existimos como sujeitos da enunciação, apesar dos contornos plásticos que assumam. A subcategoria Pirâmide, segundo Adelmo Genro Filho (1988), soma-se a essa preocupação no sentido de contemplar os diferentes planos de expressão deste tipo de narrativa.

Fundamentados nesses mesmos pressupostos, além da categoria *Fait Divers* já referida, estão os Estereótipos. Para a Semiologia, o primeiro pode ser aquele significado segundo cristalizado, seu grão, a ponta do *iceberg* mitológico. Seu princípio ativo está em transformar a História em natureza, como se a imagem evocasse naturalmente o conceito, dizendo-o sob a estrutura do que é óbvio. Superar esta “necrose da linguagem” exige um abalo do sentido.

Além disso, as reflexões propostas estarão ancoradas pelo Método Dialético Histórico-Estrutural (DHE) e na técnica metodológica da Semiologia. Escolhemos a DHE porque o método não tem o objetivo de fornecer respostas prontas para tudo, mas nos permite compreender o real como algo histórico e socialmente constituído. Para isso, observa as condições objetivas e subjetivas da realidade, de forma que podemos delinear o cenário onde nos encontramos imersos ao mesmo tempo em que procuramos perceber as nossas possibilidades de intervenção na sua estrutura.

A DHE combina a noção de movimento da Dialética marxista com a noção de estrutura social do Estruturalismo, de modo que apli-

caremos as categorias selecionadas a partir da contextualização do nosso objeto de análise, identificando seus personagens e o palco sócio-histórico com o qual os textos produzidos por eles estão envolvidos. Mais do que isso, este método, combinado com a técnica semiológica, possibilita que observemos as singularidades das relações experimentadas neste lugar e as marcas que deixam no tecido social.

A problemática que nos mobiliza ao longo desta investigação se desdobra em inúmeras questões, particularmente ligadas às categorias de análise: como a discursividade se manifesta através do relato jornalístico de *O Nacional* sobre os acontecimentos em torno de Adriano? Como o *Fait Divers* pode se singularizar nas notícias? Como esses Discursos trabalham ou não trabalham os Estereótipos nos textos que os constituem? Como o Poder se particulariza no trabalho de significação disparado pela narrativa noticiosa de *O Nacional*? E, conectado a tal questão, de que maneira os Socioletos se revelam ou se escondem nesses Discursos?

Propondo tal investigação, não intencionamos imitar o leitor – o outro leitor, os muitos leitores que derivam no tempo e no espaço – nem mesmo encontrar o sentido final do discurso passado no tempo presente (porque não há um sentido oculto e/ou verdadeiro); mas sim nos desprendermos da história como contingência, da ideia de acaso, e, a partir do jornalismo, significar (leitura como espaço de subjetividade) e/ou ressignificar (leitura como memória coletiva) a imagem das relações que o homem matinha (mantém) em sociedade.

A MANCHETE DIZ “21 ANOS E 5 MESES”

A compreensão da dialética que mobiliza a linguagem no jornalismo poderia ser construída a partir da leitura de inúmeros textos, sobre esse ou sobre outros assuntos. No entanto, os relatos jornalísticos ligados ao caso Adriano da Silva foram escolhidos dentre as pau-

tas recentes, porque evidenciam uma ruptura na rotineira abordagem adotada pelos periódicos locais no que diz respeito a certas temáticas (violência, morte, assassinatos) e, a partir de uma percepção empírica, consequentemente, desacomodam as dinâmicas de leitura dos sujeitos que a eles tem acesso.

Nesse sentido, é relevante resgatar que o caso circula pela mídia desde 2002, quando a polícia passou a receber a denúncia do desaparecimento de meninos entre 8 e 13 anos e, em seguida, seus corpos eram encontrados. Entretanto, até dezembro de 2003, quando a ossada de Leonardo Dornelles dos Santos (8 anos de idade) foi descoberta numa lavoura de soja, ainda não havia um suspeito em potencial para os crimes, apenas a suposição de que estavam relacionados uns com os outros. Segundo as informações publicadas pelo próprio *O Nacional* (2006), foi o avô de Leonardo, Gedeon Dorneles, quem indicou Adriano como o responsável pelo assassinato de seu neto, mas, na ocasião, o acusado apresentou nome falso e foi liberado pela Polícia Civil.

Ao longo desse período, embora os assassinatos fossem de conhecimento público, poucos deles viraram capa de jornal (não no *O Nacional*, por exemplo) e seus relatos estavam dispersos e reservados a notas e pequenas notícias nas páginas policiais. O caso ganhou um pouco mais de repercussão quando os eventos em torno da morte dos inúmeros meninos e a figura de um *serial killer* foram associados, desencadeando a captura de Adriano, preso na divisa entre os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Só nessa oportunidade é que as notícias pertinentes ao tema viraram capa de jornal, embora permanecessem na editoria Polícia.

Com isso, escolhemos os relatos jornalísticos de agosto de 2006 porque foi nessa época que as notícias migraram da editoria específica <<polícia⁷>> para a editoria <<geral>> ou <<cidade>> – como era

⁷ Essa subdivisão do jornal em editorias ainda não era utilizada pelo *O Nacional* em 1979; por isso, não a levamos em consideração nas análises.

chamada no projeto gráfico de *O Nacional* – aproximando-se ainda mais das características do *Fait Divers*, tal qual foram pontuadas por Roland Barthes (1971). Segundo o autor, é justamente quando os fatos, mesmo guardando em si algo de familiar, distanciam-se num maior ou menor grau do mundo conhecido e já classificado – desequilibrando a balança da racionalidade – que se constituem em “casos do dia”.

Os textos sobre os quais nos debruçamos foram publicados, com chamada de capa, no dia 16 de agosto, e se desdobram ao longo da publicação em outras seis páginas. A heterogeneidade dos planos de expressão nos sugere uma prática investigativa: a descrição. Ela antecede a análise propriamente dita, embora também possa ser considerada parte dela, com o objetivo de observar como esses diferentes textos estão distribuídos pelas páginas do jornal e que lugares ocupam. Barthes (1984) lembra que é a descrição que nos possibilita organizar e escolher algumas unidades de leitura diante da complexidade discursiva, debruçando-nos sobre cada uma delas e, ainda, integralizando-as num mesmo discurso.

A primeira aparição da pauta em questão está na capa do jornal, organizada em três momentos: a) no topo constam as chamadas referentes às editorias de “Esporte”, “ON tendências” e “Cultura”; b) logo abaixo delas, separado por uma retícula e ocupando uma porção pequena da folha, consta o cabeçalho do periódico; c) por fim, na parte inferior se concentra o maior número de manchetes, representando dois terços do total da página.

No centro da página, espalhando-se por três das cinco colunas da folha, está a chamada sobre o caso Adriano. Sua disposição evidencia o destaque que ocupa dentre as pautas publicadas no periódico daquele dia, marcando o prenúncio de um Discurso que iria se estender por mais cinco páginas. Esta chamada conta com textos verbais e não verbais representados por uma fotografia, uma legenda e um *lead* de poucas linhas. Sob a cartola “Sentença”, em letras pequenas e destaca-

das pelo escurecimento do contorno da fonte (negrito), a manchete registra “21 anos e 5 meses”⁸.

Esportes
Nas mãos de Clemer

ON Tendências: Religiões
Espaço Esperança, a Igreja do abraço
12 e 13

Jovem escritor surpreende em romance de estréia **2º**

O NACIONAL

Passo Fundo, quinta-feira, 16 de agosto de 2006 • Ano 82 • nº 21.259 • www.onacional.com.br • R\$ 1,30

Brasil

- **Mesada de luxo**
Patrimônio de mensaleiro do PT sobe 1.153% **19**
- **Sem fronteiras**
Petrobras quer refinaria na Colômbia **18**

Economia

21 anos e 5 meses

Depois de quase 16 horas de julgamento, Adriano da Silva foi condenado, por unanimidade, a 21 anos e cinco meses de reclusão em regime inicial fechado pelos crimes de homicídio duplamente qualificado e ocultação de cadáver contra o menino Alessandro Silveira

- **As estratégias**
- **A reviravolta**
- **Os personagens**
- **Os bastidores**
- **Momentos críticos**
- **A reação dos familiares**
- **O julgamento passo a passo**

5 a 9

Cidade

- **Pão**
Quanto é o quilô? **10**
- **Ilustres desconhecidos**
De dia, hippie. À noite, dona-de-casa **11**

Dora Kramer
"Fórmula falida"
Bastidores **3**

Nesta edição

DORES CRÔNICAS
Espinha de espinho, enchete no ombro, epicondrite de coxeteo, síndrome de Aquiles, tendinite patelar e dorso musculares.
Templa por Ortes de Choque
Dr. Carlos R. V. Leal
www.drleal.br
Maringá, 1980
Fone: (81) 3212-4232

00h35 de hoje:
O juiz Sebastião Francisco da Rosa Marinho, anuncia a decisão dos jurados

Comunicador Springer
Agora 135% mais barato

vidalar
100% natural
(54) 3312-9509

sesi
100% natural
Ligue **SESIfarmácia**
0800 647 0 647

Av. Eucl. 116 - Fone: 3214-4000
Atendimento até as 23h
Até terça e sexta de madrugada
Rua Rios, 1901 - Fone: 3212-7000
SAC: 0800-51-8050

Capa do jornal *O Nacional* em 16 de agosto de 2006.
Acervo Arquivo Histórico Regional (PPGH-UPF).

No que se refere à imagem em questão, podemos observar que está ajustada ao centro da página e a atravessa de alto a baixo. Trata-se de uma fotografia em plano conjunto, onde se revelam duas figuras. A primeira é a de Adriano da Silva⁹, posicionado de costas para a leitor, em plano americano, com as mãos algemadas. Ele está com o corpo e o rosto virados de frente para a segunda personagem, que visualizamos por ser menor que Adriano e surgir acima de sua cabeça, trata-se do juiz Sebastião Francisco da Rosa Marinho.

Recortada de seu contexto original, a composição remete ao ato da leitura da sentença do acusado. Isso fica evidente uma vez que o cenário está limitado a um fundo branco e, além da imagem dos dois homens, já mencionada, não há outra referência qualquer a tempo e espaço em que estas duas personagens pudessem estar naquele momento; entretanto, o juiz segura um papel para o qual dirige o olhar. Ao lado dessa cena, na coluna da esquerda, está o *lead*; na da direita, encontramos algumas palavras-chave (as estratégias, a reviravolta, os personagens, os bastidores, etc.) supostamente referidas ao conteúdo que será contemplado no interior do jornal, e abaixo delas, no pé da página, a legenda: “00h35 de hoje: o juiz Sebastião Francisco da Rosa Marinho anuncia a decisão dos jurados”.

O segundo texto em questão, maior e de formato noticioso, ocupa quase todo o espaço da página, em cinco colunas, cedendo alguns centímetros do rodapé para propaganda eleitoral paga. A manchete diz “Irrecuperável” e está centralizada em quatro colunas. Ao lado dela, na coluna que resta, há um novo *lead*, justificado à esquerda, de sete linhas, cuja fonte é maior que o restante do corpo do texto.

A decisão unânime dos jurados levou em consideração o laudo do IPF. Segundo o documento, o transtorno anti-social de personalidade com traços de necrofilia e pedofilia tornam o réu irrecuperável

Irrecuperável

Depois de quase 16 horas de julgamento, o titular da 1ª Vara Criminal da Comarca de Passo Fundo, juiz Sebastião Francisco da Rosa Marinho,

anunciou a sentença. Adriano da Silva (28 anos) foi condenado a 21 anos e cinco meses de reclusão em regime inicial fechado pelos crimes de homicídio duplamente qualificado e ocultação de cadáver contra o merino Alessandro Silveira (13 anos).

Os jurados foram unânimes, acatando a tese do Ministério Público por 7 votos a zero. A sentença considerou o laudo elaborado pelo Instituto Psiquiátrico Forense, indicando que Adriano da Silva sofre de transtorno anti-social de personalidade, com traços de necrofilia e pedofilia. O documento também aponta que o condenado é irrecuperável.

O crime julgado aconteceu em março de 2003, mas a osada de Alessandro Silveira foi encontrada somente em 20 de setembro daquele ano, sob uma lona num matão existente nas proximidades dos trilhos da viação férrea, no bairro Petrópolis. A confissão do réu e um exame de DNA confirmaram a identidade da vítima.



ANTONIO DANIEL BERTHOZZI

É possível **MUDAR.**
Vem comigo!

Deputado Federal

Dr. Diógenes **Basegio**
1244

PDT

Conselheiro Benedito 12 Valério Barreto 123 Álvaro Colares 12

DEPUTADO ESTADUAL

Mauro **SPARTA**
45444

COMPETÊNCIA E SERIEDADE A FAVOR DO BOM GOVERNO

teste casual! **Próbios** **ALCKMIN**

Vice: Paulo Feijó Sen: Mário Bernd -234

MP considera resultado positivo

O promotor Fabiano Dallan comentou a decisão dos jurados. Na sua avaliação, o resultado foi positivo porque o Conselho de Sentenças acatou na íntegra a tese do Ministério Público. Dallan também ressaltou que pretende recorrer do apêrito regime inicial fechado. "A periculosidade do réu Adriano da Silva aponta que a pena fixada pelo juiz deve ser cumprida em regime fechado integralmente", declarou.

Capa do caderno Cidade do jornal O Nacional, em 16 de agosto de 2006.
Acervo Arquivo Histórico Regional (PPGH-UPF).

Ainda, alinhado à esquerda, abaixo do lead, ocupando quatro colunas, há um *big close* de um par de mãos algemadas. O texto noticioso está disposto ao redor desta imagem, preenchendo os espaços vazios da página e distribuindo-se em quatro colunas. No mesmo marco des-

te último parágrafo da notícia encontra-se um *box*, caracterizado por retículas finas e com fundo de cor cinza, onde vemos a foto 3x4 do promotor público Fabiano Dallazen e, logo abaixo, um texto de 400 caracteres.

Considerando que a descrição tem a finalidade de gerar um conjunto de dados que simplifiquem a complexidade da estrutura narrativa através da qual se organiza o texto (que, ao invés de estar restrito a códigos verbais, é entendido aqui de modo amplo), podemos dizer que este conjunto de elementos compõe o **Discurso** noticioso. Dado que ele se constitui de significantes variáveis – cujos planos de expressão vão desde palavras, passando pelas imagens e seus recortes para, enfim, converter-se em marcas gráficas –, mas que têm a invariabilidade de sentidos objetivada pela retórica de alguns significados. Essa reiteração constante se dá na medida em que tais significados, ora ou outra, são acordados pelo jogo dialético dos signos, que explicitamente indicam possíveis trajetos de leitura.

Sobre tais trajetos, aliás, é pertinente comentar o esforço discursivo para fragmentar a narrativa noticiosa – do mesmo modo que observamos nas análises anteriores –, a começar pelas informações disponíveis na capa do jornal. Embora a chamada para os desdobramentos da pauta esteja no centro da capa, desde já ela pontua o recorte de unidades estruturais, nominando cada trecho de leitura que o sujeito encontrará e, por conseguinte, antecipando a interpretação de sua totalidade. Como nas páginas que seguem essas unidades, convertidas no mais das vezes em palavras, não se repetem da mesma forma (mas adotando indícios semelhantes), é possível um esforço para conectá-las: será que o Discurso contou tudo que prometeu?

Por um lado, de acordo com Barthes (1988), esse desejo de conhecer o fim da história motivado pelo anúncio da capa, essa excitação de saber o que há depois do prefácio, dentro de cada termo do índice, é um dos fatores responsáveis por arrastar o leitor pela narrativa. Por

outro, essa fragmentação que transcende o anúncio inicial e se estende pelas páginas da cobertura constrói fendas entre as inúmeras informações que estão espalhadas, isoladas umas das outras por subtítulos ou retículas, complicando a percepção de sua totalidade.

Além disso, esses itens sumarizados, associados ao *lead*, caracterizam-se como uma espécie de abertura performativa do relato, instituindo, conforme Barthes (1988, p. 148), algo de sagrado na narrativa que segue. Sua finalidade é “*descronologizar* o fio histórico, e o reconstituir, mesmo a título de uma mera reminiscência”, ou seja, convertê-lo em representação, dando-lhe um tempo próprio de existência, como se não houvesse nada antes, nem depois: o tempo do fato é o tempo da enunciação e o tempo da enunciação é o tempo presente. Para quem o acessou, enquanto o acessava, existiu.

A repetição em si é mais um aspecto que já percebemos vivificado na narrativa e que pode ser apanhado via observação de alguns conjuntos significantes. Ela merece, aqui, atenção especial, pois evidencia certo cerceamento do código: formas diferentes que, ao serem submetidas à mesma estrutura, produzem igual sentido. Na manchete e no texto da capa, por exemplo, observamos o destaque dado ao tempo da pena: “21 anos e 5 meses”; depois, a descrição dos crimes: “homicídio duplamente qualificado e ocultação de cadáver”; a caracterização da vítima: “o menino Alessandro Silveira”; a caracterização do réu: “irrecuperável”; e, finalmente, a fotografia que mostra Adriano recebendo a sentença, proferida por alguém que está acima dele (este acima deve ser entendido em toda sua ambiguidade). Os dados repetem-se no interior da publicação e, ao serem associados a outras expressões, como “necrofilia” e “pedofilia”, acabam deformando as causas e efeitos do acontecimento, assim como impondo sua significação.

Ademais, tanto na capa quanto no interior do jornal, temos uma fotografia e um recorte que se sobrepõem: a imagem de Adriano algemado, em uma, e o plano detalhe das algemas superampliado, na

Réu nega assassinatos, mas admite necrofilia

Adriano surpreendeu os jurados ao negar as versões apresentadas anteriormente. Depoimento teve início por volta das 9h30 e durou cerca de duas horas

O promotor negou a acusação de Alexandre Brito, no prazo de 15 dias. A sessão de julgamento aconteceu em 26 de setembro de 2005, sob a presidência de Paulo Sérgio de Castro. O réu foi acusado de matar os dois irmãos de seu irmão, Adriano da Silva, em 1992. O depoimento durou cerca de duas horas e foi interrompido por problemas de saúde de Adriano da Silva. Ele se recusou a prestar o depoimento em nome de sua própria defesa, alegando que não queria ser julgado por um crime que não cometeu.

Réu admite necrofilia
Adriano da Silva chegou ao presépio da Sala de Audiência do Juri em um estado de saúde precário, mantendo relações sexuais

com a cadáver de sua esposa. Vários jurados da Sala de Audiência ficaram de cabeça baixa durante o depoimento. Adriano da Silva afirmou que havia se casado com a assassina. O promotor alegou que encontrou o cadáver da vítima em um local que não era o endereço de Adriano da Silva, mas sim o endereço de sua esposa. Adriano da Silva afirmou que não sabia quem matou sua esposa e que não queria ser julgado por um crime que não cometeu.

O promotor declarou que Adriano da Silva não sabia quem matou sua esposa. Adriano da Silva afirmou que não sabia quem matou sua esposa e que não queria ser julgado por um crime que não cometeu. O promotor alegou que encontrou o cadáver da vítima em um local que não era o endereço de Adriano da Silva, mas sim o endereço de sua esposa.

Laurelício na Prata
No depoimento, Adriano afirmou que não sabia quem matou sua esposa. Adriano da Silva afirmou que não sabia quem matou sua esposa e que não queria ser julgado por um crime que não cometeu. O promotor alegou que encontrou o cadáver da vítima em um local que não era o endereço de Adriano da Silva, mas sim o endereço de sua esposa.

Avô sustenta que Adriano não matou seu neto



"Não foi ele"

O advogado responsável pela defesa de Adriano da Silva afirmou que não sabia quem matou sua esposa. Adriano da Silva afirmou que não sabia quem matou sua esposa e que não queria ser julgado por um crime que não cometeu. O promotor alegou que encontrou o cadáver da vítima em um local que não era o endereço de Adriano da Silva, mas sim o endereço de sua esposa.



"A Justiça foi feita"

A mãe de Adriano da Silva afirmou que não sabia quem matou sua esposa. Adriano da Silva afirmou que não sabia quem matou sua esposa e que não queria ser julgado por um crime que não cometeu. O promotor alegou que encontrou o cadáver da vítima em um local que não era o endereço de Adriano da Silva, mas sim o endereço de sua esposa.



Personagem

Karine Thurmann, 21 anos
Acusada de 2006

"É um jogo para conquistar os jurados"

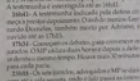
Quem tentou de tudo para impressionar e enganar os jurados de Curitiba, Adriano da Silva chegou ao presépio da Sala de Audiência do Juri em um estado de saúde precário, mantendo relações sexuais com a cadáver de sua esposa.

Passo a passo do julgamento

1981 - A mãe de Adriano da Silva afirmou que não sabia quem matou sua esposa. Adriano da Silva afirmou que não sabia quem matou sua esposa e que não queria ser julgado por um crime que não cometeu. O promotor alegou que encontrou o cadáver da vítima em um local que não era o endereço de Adriano da Silva, mas sim o endereço de sua esposa.

Passo a passo do julgamento

1981 - A mãe de Adriano da Silva afirmou que não sabia quem matou sua esposa. Adriano da Silva afirmou que não sabia quem matou sua esposa e que não queria ser julgado por um crime que não cometeu. O promotor alegou que encontrou o cadáver da vítima em um local que não era o endereço de Adriano da Silva, mas sim o endereço de sua esposa.



Reportagem no interior do caderno Cidade do jornal O Nacional, páginas 6 e 7, em 16 de agosto de 2006. Acervo Arquivo Histórico Regional (PPGH-UPF).

outra; a expressão grave no rosto do juiz sobre a sua cabeça, em uma, e o ar de desdém e reprovação do promotor, na outra. Nessa mesma perspectiva, também merece acuidade a organização gráfica da página 5, onde a foto predomina no espaço diante do texto verbal e acaba por impor seu sentido sobre ele. Por contiguidade podemos associá-la ao sentido do relato.

O amostramento do sentido de determinados signos pode ser dado de modo menos elaborado, mas não menos violento, por meio da escolha desta ou daquela palavra, que ao arrastar consigo uma bagagem translinguística nos pressiona a determinada interpretação. Este é o caso, na notícia, do uso da expressão <<acatar>>: "os jurados foram unânicos, acatando a tese do Ministério Público", ou ainda "o resultado foi positivo porque o Conselho de Sentença acatou na íntegra a tese

Ânimos acirrados



Uma reunião com vários participantes. Alguns seguram placas de protesto com o nome de Adriano de Sá. Outros conversam entre si.

Defesa pede absolvição por falta de provas




Defensor público Adriano Costa, que pediu absolvição a Adriano de Sá, pediu a absolvição do réu. Ele alega falta de provas para sustentar a acusação.

Técnica para ocultar cadáveres

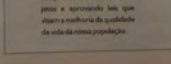
Um depoimento prestado ainda em 2004, pelo detento de julgamento Adriano de Sá, revela a técnica utilizada para ocultar cadáveres. Ele descreve como os corpos eram escondidos em locais secretos.

Educação



Um aluno em uma sala de aula, focado em seus estudos.

Desenvolvimento



Um indivíduo em um ambiente de trabalho, envolvido em suas atividades.

Polícia



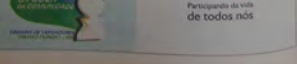
Um momento de tensão ou investigação durante o processo judicial.

Segurança



Um sinal de segurança utilizado em locais de risco.

Participando de nós de todos nós




Um momento de solidariedade e apoio mútuo entre os participantes.

Personagem

Jean Bassos, 29 anos

Crise de ansiedade




Um retrato de Jean Bassos, 29 anos, lidando com uma crise de ansiedade.

"Em se tratando de Adriano, temos alguns cuidados especiais"

Um relato sobre a situação de Adriano de Sá e os cuidados necessários.

Julgamento/bastidores

Deslocamento



Um momento de deslocamento durante o julgamento.

Adriano de Sá foi levado ao Fórum Foz de Iguaçu para o julgamento. Ele está acompanhado por advogados e familiares.

Nacional - Essa é a primeira vez que acontece o deslocamento de Adriano?

Jean Bassos: Não. Já aconteceu em outros casos antes. Tem que ser Foz de Iguaçu e não em outros locais.

Quanto ao seu comparecimento à audiência?

Adriano: Não vou comparecer. Não quero ir lá. Não quero ser visto lá. Não quero ser fotografado lá. Não quero ser filmado lá. Não quero ser gravado lá. Não quero ser entrevistado lá. Não quero ser questionado lá. Não quero ser acusado lá. Não quero ser condenado lá. Não quero ser preso lá. Não quero ser levado lá. Não quero ser transportado lá. Não quero ser deslocado lá. Não quero ser movido lá. Não quero ser transferido lá. Não quero ser deslocado lá. Não quero ser movido lá. Não quero ser transferido lá.

Deixa-se até impressionado com o julgamento?

Adriano: Não. Não estou impressionado. Não estou surpreso. Não estou chocado. Não estou decepcionado. Não estou entediado. Não estou aborrecido. Não estou irritado. Não estou frustrado. Não estou desiludido. Não estou desapontado. Não estou desapertado. Não estou desanimado. Não estou desalentado. Não estou desolado. Não estou desesperado. Não estou desolado. Não estou desesperado. Não estou desolado. Não estou desesperado.

Em algum momento de modo de transportar em um veículo?

Adriano: Não. Não fui transportado em um veículo. Não fui levado em um veículo. Não fui transportado em um veículo. Não fui levado em um veículo. Não fui transportado em um veículo. Não fui levado em um veículo.

Só uma mãe



Um retrato de uma mãe, possivelmente a mãe de Adriano de Sá.

Adriano de Sá é filho de uma mãe solteira. Ela luta para cuidar dele e garantir seu futuro.

Polícia

Um momento de interação com a polícia durante o processo.

Júri machista

Um relato sobre a atuação do júri no julgamento.

Senhas para garantir lugar



Um momento de espera e organização durante o julgamento.

Reportagem no interior do caderno Cidade do jornal O Nacional, páginas 8 e 9, em 16 de agosto de 2006. Acervo Arquivo Histórico Regional (PPGH-UPF).

do Ministério". Embora ela possa ser entendida como <<respeitar>>, seu uso consensual (estereotipado) aproxima-se mais de <<obedecer>>, fortalecendo, assim, o Ministério Público, em detrimento do Conselho de Sentença (sociedade civil). Isso mostra como as escolhas que fazemos ao construir determinado Discurso revelam uma **Ideologia**, possivelmente, à qual estamos submetidos. O signo <<acatar>> aqui funciona, então, como um elemento de opressão do significado.

São esses elementos referendados até o momento que apontam para uma estrutura típica dos textos jornalísticos, mas não são os únicos. Há uma divisão clássica, e reiterada pelos pesquisadores da área, dessas narrativas, que ora são informativas, ora opinativas. Este último era o formato mais utilizado no início da história da imprensa brasileira, mas gradualmente foi perdendo espaço para a descrição, em forma de relato, de acontecimentos factuais. Esse novo tipo de texto,

à medida que passou a preponderar nas páginas dos veículos diários, adquiriu certas características que marcam não apenas verbalmente, mas visualmente, sua presença.

É possível observar na notícia em questão indicadores que lhe emprestam um caráter informativo: a chamada de capa (tradicionalmente utilizada para destacar notícias de relevância pública ou reportagens especiais); o *lead* (resumo dos principais dados pertinentes ao fato), como já dissemos, que se repete também na página 5 – oferecendo outros significantes, mas constringendo aos mesmos significados; a fotografia (indício de um referente real); a cartola (um ponteiro para os diferentes assuntos tratados dentro de uma mesma editoria); e o uso da terceira pessoa do singular, registrando certa impessoalidade na narrativa, assim como certo distanciamento entre o jornalista, autor do texto, e o leitor, espectador do acontecimento.

Todavia, nas notícias do caso Adriano essa aparente objetividade pode se perder diante da sentença do título interno – “Irrecuperável” –, particularizando a emissão de um juízo de valor (além de se caracterizar como rótulo), cuja origem e explicação só acessaremos mais tarde, de forma incompleta, ao ler o texto na íntegra. Além disso, graficamente, a referida palavra não veio acompanhada das aspas, *shifter* que designaria o testemunho ou a fonte.

Sobre a ausência do enunciador também podemos destacar a frase: “Segundo o documento, o transtorno anti-social de personalidade com traços de necrofilia e pedofilia torna o réu irrecuperável”. Repetida na mesma notícia duas vezes, indicia um tipo de coisificação do sujeito, já que a inscrição não se refere a ninguém em particular (uma pessoa), mas a uma coisa, um objeto (o documento): ele é o responsável pela caracterização do estado psicológico de Adriano. Assim, camuflado pela opção fraseológica, o sujeito da enunciação assujeita-se, submete-se à linguagem, anula-se em detrimento do sentido denotado/conotado, aquilo que pretensamente precisa ser dito. Porém, também podemos

ponderar, diante desse cenário em que ele se descompromete propositalmente e descompromete o outro, <<quem>> é um documento?

Os fatos estão, assim, organizados em ordem cronológica decrescente, o que equivale a dizer em ordem crescente de importância, contemplando o Socioleto de um grupo cultural, o dos jornalistas. É este profissional – tendo como pressuposto seu conhecimento técnico, mas também, e essencialmente, sua bagagem de leitura e compreensão da realidade – quem determina, quando produz o texto, os aspectos que parecem mais relevantes sobre determinado acontecimento, caracterizando o relato como uma **Pirâmide Invertida**. Embora sua dinâmica não se revele em todas as páginas do jornal, predomina entre elas: sua estrutura dá a impressão de que o parágrafo introdutório é um imenso *lead* que abraça todo o conteúdo sobre o tema em questão publicado naquela edição.

A escolha recaiu sobre o “o quê”: “Adriano da Silva foi condenado”; para, em seguida, contemplar o “como”: “por unanimidade”; e, por fim, as informações adicionais, com ênfase no “porquê”: “pelos crimes de homicídio duplamente qualificado e ocultação de cadáver contra o menino Alessandro Silveira”. É uma estrutura que revela – assim como a imposição de normalidade percebida nas entrevistas – o **Fait Divers**, do tipo **Causalidade**, em que os motivos não são desconhecidos, mas deformados pela ilogicidade – “é um menino” –, esvaziados de sua historicidade (as outras dezenas de assassinatos de Adriano que não são citados e os que são estão contextualizados) e, com isso, tornando-se inexplicável aos recursos da racionalidade: “O documento também aponta que o condenado é irrecuperável”.

Elemento que corrobora tal aspecto é o apelo à emoção. Ele fortalece o <<Oráculo da Tragédia>> ao desviar a atenção do sujeito dos dados do acontecimento para o impacto que ele causou ou causará: “mantinha relações sexuais com cadáveres”; “relação sexual com o menino antes de ocultar o cadáver”; “21 anos e 5 meses”; “tenho certeza

que enquanto Adriano estiver preso nenhuma criança morrerá nas mãos desse maníaco” (apelo de mãe); “o paranense assustou a acusação”; sem mencionar o uso insistente da palavra “menino”.

Conforme Barthes (1971), trata-se, então, de uma informação sensacionalista, pois introduz a noção de conflito a partir da facticidade (do fato, acontecimento, que neste caso é o assassinato) para compreender o excepcional (a pedofilia, a necrofilia, a morte de uma criança em circunstâncias inexplicáveis). Nessa perspectiva, a Causalidade manifesta-se através de seus dois subtipos: **Causa Perturbada** e **Causa Esperada**. Isso é possível porque, segundo Barthes (1971), tipos e subtipos de *Fait Divers* não aparecem isoladamente, numa dinâmica de exclusão, mas podem se combinar formando uma trama discursiva.

Nesse caso, o primeiro subtipo, de Causa Perturbada, revela-se através da observação da abordagem dada ao motivo do conflito: <<por que o menino foi morto?>> ou “dizendo que matou o menino porque estava sendo acusado injustamente pelas mortes ocorridas em Lagoa Vermelha”, em que o absurdo prevalece como explicação. Aliás, é um problema que está traduzido simplificada no texto pela seguinte questão: <<por que Adriano foi condenado?>> ou “tenho certeza que enquanto Adriano estiver preso nenhuma criança morrerá nas mãos desse maníaco”. A resposta revela-se solidificada pela ideia de morte e de condenação, como se uma fosse a motivação da outra, encerrando a explicação do sensacional.

Contudo, se fizermos uma leitura mais atenta, é possível observar que esse *jogo-de-mão* instalado na dinâmica dos signos descontextualiza a narrativa, de modo que o determinante (a causa) é abstrato e deixa apenas vestígios de seu domínio. No segundo parágrafo da página 5 encontramos: “Adriano da Silva sofre de transtorno anti-social de personalidade com traços de necrofilia e pedofilia”, e, mais adiante, na última e derradeira frase da notícia: “A confissão do réu e um exame de DNA confirma a identidade da vítima”.

Outras figuras de linguagem dessa situação conflituosa revelam-se por meio das marcas na forma de interpelação. O Discurso obtém reconhecimento do sujeito leitor não apenas por aquilo que diz, mas pela forma de dizer, também espetacular. No caso desta notícia, há uma apropriação dos códigos jurídicos, apresentando um vocabulário incomum, distante do cotidiano dos leitores, ilegível até, e diante do qual os interpelados não têm argumentos: “julgamento”, “sentença”, “reclusão em regime fechado”, “homicídio e ocultação de cadáver”, “tese”, “necrofilia”, “réu”, “condenado”, “transtorno”, além da própria imagem do homem algemado e sentenciado pelo semblante grave e punidor do juiz e do promotor. Diante de tais figuras parece não haver outra saída senão se submeter aos sentidos estereotipados a que correspondem.

Além disso, o texto caracteriza-se pela abordagem enfática dos efeitos, uma vez que a manchete (recurso que dá destaque à principal informação apresentada pela notícia), o *lead* (resumo dos fatos) e a fotografia (registro de um homem algemado e repreendido) referem-se a ele. Os significantes articulados sugerem a mesma direção: matou e “foi condenado a 21 anos e 5 meses de prisão em regime inicial fechado”, escamoteando sua história, as outras mortes, as outras penas, os outros protagonistas, e assujeitando o acontecimento às figuras do tempo presente e efêmero, perdido na aparente irrelevância do contexto.

Já a Causa Esperada, embora com pouca ênfase, revela-se na medida em que a história é protagonizada por uma criança morta (ou muitas) e, portanto, já sem chances de ser protegida por qualquer tipo de poder. Diz o texto: “condenado por homicídio duplo e ocultação de cadáver contra o menino Alessandro Silveira (13 anos)”. Há aqui uma projeção por parte do leitor, considerando que a criança representa um dos ciclos da vida (já fomos filhos e talvez sejamos pais). Ao reconhecer-se na trama, o sujeito interpelado projeta-se nela, vivendo através do outro os conflitos da essência humana, representação de si-

tuações reais, mas com as quais não precisa se comprometer seriamente, uma vez que a sentença já foi anunciada.

Há, por fim, evidências de um *Fait Divers* de **Coincidência**, sub-tipo **Repetição**, onde a morte, tantas vezes recorrente, reproduzida em lugares distintos e com diferentes protagonistas, é explicada através da irrecuperabilidade do réu. Todavia, essa repetição não está explícita no texto, como consequência da descontextualização, mas povoa o imaginário da audiência e provoca identificação por analogia.

O esvaziamento da história (contexto) pode ser percebido de modo peculiar no tipo de imagem proposta pelo relato. Em sua maioria, tem o fundo vazado, que contorna o corpo da personagem com a folha branca do jornal e o cerca pelos signos verbais. Diante delas precisamos deduzir um suposto cenário que as abrace, mas não há garantias de que esse exercício imaginário compactue com o referente real; por outro lado, trata-se de um esforço que causa a polissemia os sentidos, característica própria da imagem.

Aliás, ao propormos uma análise da narrativa jornalística, não pretendemos com ela apontar o que é certo ou errado no que tangue ao processo julgado ou ao conteúdo apresentado, nem encontrar qual seria o sentido de cada texto e da totalidade do discurso, porque, como insistimos até agora, não há um sentido final e absoluto. O texto é constituído por signos rolantes, em permanente movimento, com combinações infinitas, o que faz de sua estrutura algo dinâmico, podendo ser ressignificado pelo sujeito que o acessa.

No mais das vezes, a análise que propomos se configura pelo esforço em transbordar o texto, identificando e abalando a pressão dos **Esteréotipos**, os resíduos da cultura, que teimam em etiquetar os signos em favor de uma linguagem dominante e, por conseguinte, ideológica. Se não o percebemos e deixamos a energia da obviedade efetivar-se pela etiquetagem, demitimo-nos de nós mesmos, como diz Drummond (1984) no poema “Eu etiqueta”, para sucumbir a essas

“mensagens, letras falantes, gritos visuais, ordens de uso, abuso, reincidências. Costume, hábito, permanência, indispensabilidade, que fazem de mim homem-anúncio itinerante”. E presos pela cristalização do sentido, senão consumidores de objetos, mas de significados, transformamo-nos em reprodutores de um discurso de interditos. Assim como carregamos marcas e conceitos pendurados às roupas, calçados e acessórios que compramos, sem dar-mo-nos conta do que significam, também carregamos e reincidimos os sentidos a cada texto encontrado.

Etiquetados também estão na estrutura da notícia as ideias de julgamento, sentença e condenação. A sequência desses procedimentos aparece como a única solução possível para Adriano, embora não o seja para as perdas que causou: “Eliane Silveira lamenta que a condenação não trará seu filho de volta. ‘Valeu a pena esperar 16 horas. Tenho certeza que enquanto Adriano estiver preso nenhuma criança morrerá nas mãos desse maníaco’, concluiu”. Aliás, a palavra criança aqui evidencia outro Estereótipo, o da infância, que, associado ao rótulo de periculosidade, fortalece a *ideia* de desproteção. Diante desses sentidos, o Discurso articula-se em torno de uma consequência: a revolta, estruturando sua exagerada valorização, como observamos na entrevista feita ao agente penitenciário. A pressão sobre o sentido só cessou à sua resposta: “Sempre há revolta. [...] Nas primeiras vezes que viemos para cá era muito complicado. Chegavam a tentar atirar objetos nele”.

Há até, no relato noticioso, o rótulo sob a perspectiva do **Poder**, revelado pelas fotos de capa e da página 5, em especial referendando o poder institucional. No primeiro caso, ele aparece diante da suposta superioridade do juiz, cuja imagem está acima de Adriano, algemado diante dele. E, no segundo momento, o Estereótipo revela-se pelo olhar de desdém do promotor na foto 3x4. Dizemos tratar-se de um Estereótipo porque, para Barthes (1978), o Poder não se resume a algo político; é mais uma energia que está em todos os lugares e que mobiliza o sujeito, tal qual o prazer. Segundo o autor, Poder é prazer.

Ainda, encontramos outras ocorrências de rotulação nestes textos: 1) a nomeação do subtítulo “Júri machista”, como se qualquer grupo formado por homens representasse certo conservadorismo, o translinguístico que se arrasta com a palavra; 2) a utilização da palavra *cadáver*, repetida inúmeras vezes ao longo das notícias e que esvazia a relação do corpo morto com a corpo vivo, transformando-o em objeto; e 3) a abordagem que aponta para a relação sexual como transgressão, uma vez que se efetiva diante do corpo sem vida uma violação da outra, que, como no caso Clodoaldo, depois de morto não tem direito ao seu próprio corpo.

Por fim, mas não menos relevante, encontramos um deslocamento da linguagem, que, ao contrário dos Estereótipos, deixa-nos em desequilíbrio diante do relato, pois, ao longo do trabalho da significação, nos leva de um termo a outro infinitamente, polissemizando a produção de sentido. Trata-se da metáfora presente na fala do promotor público: “a Sessão do Júri não pode ser transformada numa missa de corpo presente”. Ela não se organiza sob uma estrutura carcerária, pois não há relação imediata dos sentidos denotados com o significado conotado. Como leitores, é preciso que preenchamos as fissuras do Discurso com uma bagagem muito subjetiva, advinda dos acúmulos da cultura e sua reinterpretação. No entanto, tudo indica que há certa opressão nesse processo, já que muitas vezes as metáforas se solidificam por meio da narrativa mitológica contemporânea e, portanto, distribuída pelos meios de comunicação.

Toda a dinâmica observada ao longo do Discurso revela sua submissão a determinado Poder, uma vez que as figuras identificadas, os resíduos da objetividade falseada e os estereótipos abalados trabalham reprisando em diferentes textos os mesmos sentidos, os quais operam para preservar sua energia, impor certa Ideologia, numa relação significativa que se apropria do mundo compartilhado para provocar sua ordem inalterável. Por isso dizemos que se trata de um **Discurso En-**

crático. Fundamentado, ora pela obviedade, ora pelo desconhecido, pelo misterioso, seu construto valoriza a anormalidade, o extraordinário, como fonte de imobilidade. <<Não devemos forçar as margens do texto, transbordar o sentido, pois qualquer passo pode nos levar ao abismo>>, e essa fabulação nos aprisiona, ou nos oprime até, a uma limitação linguageira, que traduz o mundo num número restrito de significados. Mas como seria estar em queda livre diante do texto? O desequilíbrio, a oscilação, é o que nos coloca em movimento, que permite não apenas significar, mas ressignificar. Esta última parece ser a maior das aventuras.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond. *Corpo*. Rio de Janeiro: Record, 1984.
- BARTHES, R. *A aventura semiológica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001(b).
- BARTHES, R. *A câmara clara: notas sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BARTHES, R. *Elementos de semiologia*. São Paulo: Cultrix, 2001 c.
- BARTHES, R. *Ensaio Críticos*. Lisboa: Edições 70, 1971.
- BARTHES, R. *O grão da voz*. Lisboa: Edições 70, 1981.
- BARTHES, R. *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- DEMO, P. *A dialética hoje*. 2ª ed. Petrópolis: Cultrix, 1990.
- DEMO, P. *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1985.
- O NACIONAL. *21 anos e 5 meses*. Ano 82. Nº 23.259. 16 de ago. de 2006. Passo Fundo – RS.
- GENRO FILHO, A. *O segredo da pirâmide*. Brasília: Ortiz, 1988.

O TURNO

Câmara rejeita maioria penal para crimes graves

Após mais de quatro horas de discussão, o plenário da Câmara dos Deputados rejeitou, na madrugada desta quinta-feira, a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 171 que reduz a maioria penal para crimes graves para 16 anos. Foram 303 votos a favor, 167 contrários e três abstenções. Para ser aprovada, a PEC precisava de, no mínimo, 308 votos. A votação, considerada decisiva, começou pouco depois das 22h de quarta-feira. A PEC rejeitada era um substitutivo, o qual previa a redução da maioria penal para a prática de crimes como estupro, latrocínio, homicídio corporal grave, lesão corporal grave e roubo agravado (quando houver participação de dois ou mais autores e outras circunstâncias).

A proposta de emenda à Constituição (PEC) 171, que reduz a maioria penal para crimes graves para 16 anos, foi rejeitada pelo plenário da Câmara dos Deputados nesta quinta-feira (2). A votação ocorreu após mais de quatro horas de discussão. Foram 303 votos a favor, 167 contrários e três abstenções. Para ser aprovada, a PEC precisava de, no mínimo, 308 votos. A votação, considerada decisiva, começou pouco depois das 22h de quarta-feira. A PEC rejeitada era um substitutivo, o qual previa a redução da maioria penal para a prática de crimes como estupro, latrocínio, homicídio corporal grave, lesão corporal grave e roubo agravado (quando houver participação de dois ou mais autores e outras circunstâncias). A proposta de emenda à Constituição (PEC) 171, que reduz a maioria penal para crimes graves para 16 anos, foi rejeitada pelo plenário da Câmara dos Deputados nesta quinta-feira (2). A votação ocorreu após mais de quatro horas de discussão. Foram 303 votos a favor, 167 contrários e três abstenções. Para ser aprovada, a PEC precisava de, no mínimo, 308 votos. A votação, considerada decisiva, começou pouco depois das 22h de quarta-feira. A PEC rejeitada era um substitutivo, o qual previa a redução da maioria penal para a prática de crimes como estupro, latrocínio, homicídio corporal grave, lesão corporal grave e roubo agravado (quando houver participação de dois ou mais autores e outras circunstâncias).

MAIORIDADE PENAL

Entenda a polêmica proposta

O QUE MUDARIA

Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 171/1993 reduz a responsabilização legal dos atuais 18 para 16 anos

A CONSTITUIÇÃO

Pelo artigo 228 da Constituição Federal, "são penalmente imputáveis os menores de dezoito anos, sujeitos às normas da legislação especial"

A PEC

Sugere que o artigo seja substituído por: "São penalmente imputáveis os menores de dezesseis anos, sujeitos às normas da legislação especial" (neste caso, o ECA)

O QUE DIZ O ECA

Adolescente menor de 18 anos que pratica ato infracional pode ter, como medida socioeducativa, desde advertência e prestação de serviços à comunidade até a internação em estabelecimento

PEC DA MAIORIDADE PENAL:

UMA ANÁLISE DA COBERTURA JORNALÍSTICA PELOS JORNAIS

PASSO-FUNDENSES *DIÁRIO DA MANHÃ* E *O NACIONAL*

Fernanda Letícia R. Algayer
Maria Joana Chiodelli Chaise

23,1 mil
jovens privados de
liberdade em 2013

66%

deles vivem em famílias
consideradas extremamente
pobres

O debate sobre a redução da maioridade penal no Brasil é recorrente há anos. Um dos argumentos dos indivíduos contrários a ela defende que a redução fere uma das cláusulas pétreas (aquelas que não podem ser modificadas por congressistas) da Constituição de 1988, que em seu artigo 228 diz: “São penalmente inimputáveis os menores de 18 anos”. Ainda, questionam a inclusão de jovens a partir de 16 anos no sistema prisional brasileiro, afirmando que isso não iria contribuir para a sua reinserção na sociedade. Também, defendem que a pressão para a redução da maioridade penal está baseada em casos isolados, e não em dados estatísticos. A seu turno, quem conclama favoravelmente afirma que a mudança do artigo 228 da Constituição de 1988 não seria inconstitucional, acrescentando que a impunidade gera mais violência e que a redução da maioridade penal iria proteger os jovens do aliciamento feito pelo crime organizado.

Em 2015, a discussão acerca da redução ganhou novos contornos. No mês de julho, a Câmara dos Deputados aprovou, em primeiro turno, a Proposta de Emenda à Constituição de redução de 18 para 16 anos a maioridade penal para crimes hediondos, homicídio doloso e lesão corporal seguida de morte, sem demora, deu-se a aprovação em segundo turno, no mês de agosto. O texto foi encaminhado à votação no Senado Federal, o que não ocorreu até agora. Como todos os assuntos da atualidade, a imprensa contribui para a discussão do tema, pois além da cobertura dos assuntos que envolvem a discussão, pode dar espaço para formadores de opinião e auxiliar na elucidação de todos os aspectos do tema.

Este trabalho tem proveniência do projeto de extensão Obser-

vatório de Meios, organizado pelo curso de Jornalismo, da Universidade de Passo Fundo, e coordenado pela professora Me. Maria Joana Chaise, cujo propósito é analisar o tratamento concedido à criança e ao adolescente nos jornais impressos *Diário da Manhã* e *O Nacional*, ambos produzidos em Passo Fundo, e, posteriormente, discutir a produção com alunos e profissionais da cidade. Para este artigo, buscamos analisar a cobertura jornalística da PEC (Proposta de Emenda à Constituição) da maioria penal pelos jornais impressos *Diário da Manhã* e *O Nacional*. Sobretudo, percebemos como um dos objetivos fundamentais da análise descobrir como os referidos veículos abordaram o tema, driblando a limitação plasmada na distância geográfica do local do acontecimento, neste caso, das votações e embates políticos concernentes à PEC 171/93, em Brasília, Distrito Federal. Para tanto, utilizamos como metodologia o protocolo de análise de cobertura jornalística proposto por Silva e Maia (2011), que nos oferece categorias analíticas focalizadas no contexto produtivo, em diálogo com as teorias construcionistas da comunicação. A partir de breve explanação acerca dos jornais analisados e contextualização da tramitação da PEC da redução da maioria penal, apresentaremos nossas âncoras teórico-metodológicas e os resultados obtidos. Nosso *corpus* de análise abrange 14 matérias, ora relativas aos desdobramentos, ora referentes ao tratamento de temas correlacionados; enquanto o período desta análise concerne aos meses de junho, julho e agosto de 2015. A metodologia empregada para este estudo é o protocolo para análise de cobertura jornalística, a partir da proposta de Silva e Maia (2011).

CONTEXTUALIZAÇÃO DA PEC 171/93

O texto da PEC (Proposta de Emenda à Constituição) da redução da maioria penal foi apresentado pela primeira vez em 1993, pelo deputado federal Benedito Domingos (PR-DF). Na época, o

Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) estava iniciando suas atividades, uma vez que havia entrado em vigor em 1990. Depois de mais de 20 anos engavetada, a PEC que reduz a maioria penal de 18 para 16 anos volta a ser pauta no âmbito político, na mídia e na sociedade civil após a eleição de Eduardo Cunha (PMDB-RJ) para a Presidência da Câmara dos Deputados, em 1º de fevereiro de 2015, e posterior apoio do deputado à tramitação da proposta. Em 31 de março, a Comissão de Constituição e Justiça aprova a constitucionalidade para a continuação da tramitação. No dia 8 de abril, a Câmara cria uma comissão especial para analisar particularmente a PEC da maioria penal e escolhe o ex-delegado da Polícia Civil do Distrito Federal, Laerte Bessa (PR-DF), como relator. Cabe dizer que os membros que integram os cargos de comando desta comissão têm como marca pertencer à “bancada da bala”, conhecida pelo conservadorismo assumido dos parlamentares. Em 10 de junho, após a apresentação do relatório de Bessa, que reduz a maioria penal para todos os tipos de crimes, políticos, associações, sindicatos e movimentos sociais passam a fazer oposição à redução da maioria penal, considerando-a um retrocesso para o Brasil. Algumas semanas mais tarde, em 17 de junho, Bessa expõe novo relatório na comissão especial da PEC, no intuito de a proposta ser aprovada por apresentar uma reescrita mais branda: desta vez o documento prevê a redução somente em casos de crimes hediondos, assim como crimes de lesão corporal grave seguida de morte. Contudo, em 1º de julho, o Plenário da Câmara realiza votação resultante em rejeição da PEC 171/93 por 184 votos contra 303 favoráveis e 3 abstenções. O relatório de Bessa, na condição de emenda constitucional, necessitava de 308 votos para que fosse aprovado. Tal votação foi tumultuada pelo embate político de ambos os lados – contrários e favoráveis à redução. O texto da PEC volta ao Plenário da Câmara em 2 de julho, após a manobra de Cunha de colocar em votação novo relatório que exclui a redução para casos de tráfico de drogas, terroris-

mo, tortura e roubo agravado. Essa versão “mais branda” é aprovada sob protestos e acusações de inconstitucionalidade, posto que uma vez que a PEC havia sido rejeitada em uma primeira votação, torna-se arbitrário fazer alterações no texto para nova votação.

Por fim, em 19 de agosto de 2015, a PEC 171/93 é aprovada pela comissão especial da Câmara dos Deputados e vai para o Senado Federal. Segundo o texto aprovado, o local de cumprimento de pena para jovens de 16 a 17 anos em conflito com a lei será separado do estabelecimento onde adolescentes cumprem medidas socioeducativas, assim como do lugar em que estão inseridas pessoas maiores de 18 anos de idade. E As medidas socioeducativas previstas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente passam a ser válidas somente para o adolescente com idade inferior aos 16 anos¹.

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE E OS MEDIA NOTICIOSOS

Compreendemos o processo de produção jornalística como um emaranhado de complexidades sintonizadas a partir do qual a notícia é resultante. Em outras palavras, antes de o acontecimento ser finalmente reportado e ganhar existência simbólica no designativo de notícia, a transformação do fato em conteúdo noticioso passa por um processo – ou melhor, processos – de construção desencadeado pela interação entre fatores subjetivos, culturais (próprios da comunidade jornalística/convenções sociais) e organizacionais (empresa), os quais influenciam na percepção, na seletividade e na potencial transformação do fato em mercadoria, isto é, em notícia (TRAQUINA, 2012).

¹ Informações disponíveis em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2015/07/02/relembre-a-cronologia-da-pec-da-maioridade-penal.htm> e <http://camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=14493>. Acesso em: 11 ago. 2020.

Traquina (2012) situa esse olhar construcionista das notícias partindo de três fatores que se contrapõem à teoria do espelho e às teorias instrumentalistas: (1) impossibilidade na distinção entre a realidade e os jornalistas – designados a “refletir” esta realidade –, já que a notícia é uma construção; (2) limitação da linguagem na transmissão do significado inerente aos fatos, a partir do pressuposto de que a linguagem neutral é uma utopia; e, finalmente, (3) a sustentação da notícia como recorte subjetivo dos media noticiosos, sob a influência de fatores organizacionais, limitações de recursos e imprevisibilidade dos acontecimentos (TRAQUINA, 2012, p. 170).

Hall (apud TRAQUINA, 2012) enaltece a importância que os jornalistas possuem na construção social da realidade, a partir de uma espécie de exercício de transmutação – quando os media conferem ao acontecimento aleatório uma contextualização harmonizada à realidade cotidianamente vivida e geram identificação social. Segundo o autor, este ofício “constitui o processo fundamental através do qual os media tornam o mundo a que fazem referência inteligível a leitores e espectadores” (idem, p. 172).

Em uma visão dialógica com a de Hall, Alsina (1993) compreende como missão dos jornalistas identificar acontecimentos imbuídos de relevância para dar-lhes sentido por meio da construção. O autor ainda afirma ser o sentido decorrente de um contrato baseado em “atitudes epistêmicas coletivas que vão sendo forjadas pela implantação do uso social dos meios de comunicação como transmissores da realidade social de importância pública” (ALSINA, 1993, p. 21-22).

A abundância de acontecimentos ilumina a necessidade da seleção do que deve ou não ser transformado em notícia. Tal característica, convencionalizada pela estrutura cultural e organizacional da profissão, como observa Wolf (1985), implicou no estabelecimento dos critérios de noticiabilidade, os quais, para o autor, são elementos exigidos dos acontecimentos para ganhar a alcunha de notícia e acompanham

todo o processo de produção jornalística, desde a parte da seleção até a elaboração. Entre esses critérios, podemos encontrar os valores-notícia de seleção e os valores-notícia de construção. Conforme Wolf (apud TRAQUINA, 2012, p. 75), os valores-notícia de seleção dizem respeito aos atributos exigidos do fato para que este seja selecionado como potencial notícia. Ainda, os valores-notícia relacionados à seleção são divididos em duas subcategorias: “a) os critérios substantivos que dizem respeito à avaliação direta do acontecimento em termos da sua importância ou interesse como notícia” e “b) os critérios contextuais que dizem respeito ao contexto de produção da notícia” (idem, p. 75). Ao contrário dos valores-notícia focalizados na seleção dos fatos, os valores-notícia de construção são âncoras no que tange à fase de elaboração do conteúdo jornalístico, “sugerindo o que deve ser realçado, o que deve ser omitido, o que deve ser prioritário na construção do acontecimento como notícia” (idem).

Silva (2005) atenta para a necessidade de separar o conceito de seleção de notícias do conceito de valores-notícia e, assim como Wolf, situa os valores-notícia como atributos do acontecimento. Portanto, por sua vez, a autora sistematiza os critérios de noticiabilidade em três categorias: critérios de noticiabilidade na origem do fato, critérios de noticiabilidade no tratamento dos fatos e critérios de noticiabilidade na visão dos fatos. Com o objetivo de fornecer um instrumento operacional enfocado, particularmente na etapa de seleção, Silva propõe uma tabela de valores-notícia para analisar os atributos que fazem com que este ou aquele veículo selecione determinado acontecimento para transformá-lo em notícia. A tabela em questão é composta por doze valores-notícia de seleção: (1) impacto (número de pessoas envolvidas/número de pessoas afetadas - pelo fato ou no fato - grandes quantias - dinheiro). (2) proeminência (notoriedade, celebridade, posição hierárquica, elite - indivíduo, instituição país -, sucesso/herói); (3) conflito (guerra, rivalidade, disputa, briga, greve, reivindicação); (4)

entretenimento/curiosidade (aventura, divertimento, esporte, comemoração); (5) polêmica (controvérsia, escândalo); (6) conhecimento/cultura (descobertas, invenções, pesquisas, progresso, atividades e valores culturais, religião); (7) raridade (incomum, original, inusitado); (8) proximidade (cultural/geográfica); (9) surpresa (inesperado); (10) governo (interesse nacional, decisões e medidas, inaugurações, eleições, viagens, pronunciamentos); (11) tragédia/drama (catástrofe, acidente, risco de morte/morte, violência/crime, suspense, emoção, interesse humano); e (12) justiça (julgamentos, denúncias, investigações, apreensões, decisões judiciais, crimes).

De acordo com Silva (2005), os valores-notícia não apenas se encontram presentes na origem do fato, como interagem enquanto importantes ferramentas orientativas à caracterização estrutural do texto. Neste trabalho, utilizaremos a referida tabela de valores-notícia para analisar, em nível de seleção primária, o que tornou a PEC da redução da maioria penal um acontecimento com potencialidade de não apenas ser transformado em notícia, mas de ganhar cobertura jornalística.

METODOLOGIA DE PESQUISA

Como instrumento metodológico, o protocolo de análise de cobertura jornalística proposto por Silva e Maia (2011) parece-nos relevante para esta pesquisa. Primeiro, por se tratar de um método aplicado especificamente aos textos do jornalismo impresso, em sintonia com os nossos objetivos. Segundo, porque focaliza a atenção no processo produtivo da informação, penetrando em estratos como apuração e composição do conteúdo noticioso, isto é, nos “ajuda a pensar, a identificar e tipificar as especificidades da atividade jornalística, mapeando tendências e possíveis lacunas na obtenção, averiguação e apresentação das informações” (SILVA; MAIA, 2011, p. 26). Assim, atenta para

as potencialidades de um método restrito à análise de cobertura para detectar indícios do contexto da produção presentes no texto.

Para a finalidade desta pesquisa, o referido método foi estratificado em três níveis: (1) marcas da apuração; (2) marcas da composição do produto; e (3) aspectos do contexto da produção. O primeiro nível abrange características referentes ao processo de apuração, logo “recai exclusivamente sobre a matéria jornalística – tomada de forma isolada –, explorando indícios do método de apuração e da estratégia de cobertura em close-up” (Ibidem, p. 27). Neste nível, procuramos nos textos elementos como: (1) assinatura (local, correspondente, enviado especial, colaborador, agência de notícias, não assinado); (2) local de apuração/acesso do jornalista ao local do acontecimento (interno ou indefinido, quando o jornalista não se desloca, e externo, quando há deslocamento); e (3) origem da informação (informações de primeira mão – fontes do poder público, fontes institucionais, fontes cidadãos, fontes especializadas/comentadores, assessoria de imprensa, fontes não convencionais e recursos alternativos –; e informações de segunda mão – agências de notícias, outros veículos jornalísticos, publicações científicas, documentos impressos e eletrônicos, ciberespaço, reedição e republicação). No segundo nível, potencializamos o nosso olhar para além do texto, visualizando o formato gráfico, as composições visuais e a natureza dos textos analisados: (4) gênero jornalístico/estirpe do texto (nota, notícia, fotonotícia/fotolegenda, entrevista, reportagem, reportagem especial/dossiê); (5) localização do texto no veículo (página par/ímpar, quadrante superior direito/esquerdo, inferior direito/esquerdo, metade superior ou inferior, página inteira, *quantum* de páginas, editoria/caderno ou seção, manchete, chamada de capa ou apenas texto); e (6) recursos visuais/adicionais (gráfico ou tabela, box, infográfico, imagem não fotográfica – ilustrações e montagens – e fotografia). Por fim, o terceiro nível pode ser caracterizado pelo cruzamento contextual entre aspectos internos relativos ao processo

produtivo da informação e o acontecimento antes de ser transformado em conteúdo noticioso: (7) caracterização contextual – contexto interno (caracterização visual, editorial e organizacional do veículo/empresa, como perfil da redação, rotinas produtivas, orientações editoriais, tiragem, área de abrangência, estrutura de produção própria, público-alvo, formato do produto, se produto segmentado/dirigido) e contexto externo (caracterização do tema/acontecimento a partir de uma conjuntura sócio-histórico-cultural envolvente). Como ressalva das autoras, “o último nível é complementar, visto que tem por objetivo contextualizar os dados obtidos nos níveis 1 e 2, além de requerer a combinação com outros métodos” (idem, p. 27). Assim, para o engrandecimento dos resultados, enxergamos a importância de contactar os profissionais envolvidos na produção/reedição do conteúdo referente à PEC da maioria penal. A este respeito, enviamos um roteiro de perguntas focalizadas nos elementos dispostos no protocolo para profissionais que participaram da cobertura nos dois jornais, sendo um profissional de cada veículo e respondente das questões.

Sob o apoio das categorias cedidas pelo protocolo, buscamos responder, a seguir, se as abordagens expandiam o potencial informativo para outras instâncias – como uma espécie de “gancho” a assuntos correlacionados –; se as fontes entrevistadas eram diversificadas ou tão somente do poder público; e se o material foi produzido pelo veículo, assim como identificamos os critérios necessários para que a temática ganhasse menção na capa das edições. É mister lembrar que nosso objetivo é antes compreender a cobertura muito mais em termos de produção do que penetrar em profundidade nos textos encontrados.

Novamente, é imperativo dizer que este trabalho provém do projeto de extensão Observatório de Meios, da Universidade de Passo Fundo, em funcionamento desde 2015, que buscou, no período de 2015 a 2018, analisar o tratamento concedido ao público infanto-juvenil na imprensa passo-fundense para o aperfeiçoamento das abor-

dagens referentes a estes grupos. Posteriormente, para contemplar o caráter extensionista da atividade, os resultados obtidos por meio de pesquisa foram debatidos com alunos dos cursos de Jornalismo da Faculdade de Artes e Comunicação, da Universidade de Passo Fundo (FAC/UPF) e com profissionais que atuam na imprensa local².

Fundado em 28 de fevereiro de 1935 por Túlio Fontoura, o jornal *Diário da Manhã* iniciou suas atividades em Passo Fundo. Em seguida, fora expandido para Carazinho e Erechim a partir da implantação de um jornal diário em cada cidade, o *Diário da Manhã Carazinho* e o *Diário da Manhã Erechim*. Atualmente, o Grupo de Jornais e Rádios Diário da Manhã encontra-se presente na região do Planalto Médio, Alto Jacuí e Alto Uruguai, somando seis veículos, os três jornais mencionados e mais três emissoras de rádio.

A seu turno, o jornal *O Nacional* foi criado em 19 de junho de 1925 por Herculano Annes e adquirido, na década de 1940, pelo jornalista Múcio de Castro. O jornal é produto central do Grupo Editorial O Nacional, circula em Passo Fundo e nos principais municípios da região Norte do Rio Grande do Sul.

No presente trabalho, analisamos as versões impressas dos jornais no período de junho a agosto de 2015, em virtude de serem esses os meses em que a PEC da maioria penal se encontrava, diariamente, em discussão.

RESULTADOS

A matéria intitulada “Votação da maioria penal causa polêmica”³ começa com um breve histórico dos tumultos da sessão plená-

² Apesar de o projeto de extensão desenvolver espaços para discussão dos resultados obtidos, neste trabalho abordamos somente aspectos concernentes às pesquisas que ancoram as oficinas desenvolvidas.

³ *Diário da Manhã*. Passo Fundo, n. 126, 2015.

ria durante a votação da PEC da maioria penal, no dia 30 de junho de 2015. Nos boxes expande o contexto para o posicionamento político do deputado Nelson Junior Marchezan (PSDB-RS) e da Unicef em relação à proposta. Enquanto o deputado representa os favoráveis, a Unicef representa os contrários à aprovação da redução da maioria penal. Neste ponto, nota-se que o equilíbrio entre posicionamentos diferentes foi buscado. A mesma matéria contém uma fala da deputada Maria do Rosário (PT-RS), gaúcha e conterrânea de Marchezan. A característica do gentílico se sintoniza com o objetivo dos jornais analisados, ou seja, o foco regional. Mas por que estas fontes e não outras? Por que ambos os entrevistados são gaúchos? A partir da entrevista com a jornalista que assina a matéria do Caderno Conexão, descobrimos que os critérios para a PEC da maioria penal ganhar capa eram, pelo menos, dois: a matéria deve ser majoritariamente produzida pelo veículo (assinada) e focar, de alguma forma, na região (fontes). Assim, o conteúdo com ênfase em deputados de outros estados, levando em conta este critério e mesmo a proximidade da qual se alimenta os veículos locais, era produzido por agências de notícias – o que se torna evidente a partir da falta de assinatura dos textos. Destacamos, também, que somente cinco matérias – de um *corpus* de 14 analisadas – possuíam assinatura local (redação).

Além dessas descobertas feitas por meio da aplicação de entrevista, questionamos se, apesar de as fontes estarem em sintonia com os critérios, a matéria não teria passado por um processo de reedição, o qual consiste em buscar material produzido por agências, assessorias ou outros veículos e fazer alterações e/ou acréscimos. Concernente a isso, a descrição posterior à fala da deputada chamou atenção, em específico o fato de o texto situá-la não somente na frente do local das votações, mas ao que a circundava:

Também da bancada gaúcha na Câmara, a deputada Maria do Rosário (PT) também é contra a diminuição da maioria penal. ‘Nós estamos salvando a vida na infância e entregando pra morte na adolescência. Esse projeto de lei é uma forma de extermínio também’, disse a deputada enquanto conversava com jovens que acampavam na frente da Câmara.⁴

Nesse sentido, se não houve deslocamento dos veículos e o texto traz uma impressão de alguém que estava no local, podemos concluir que o material não foi produzido majoritariamente pelo jornal, antes, passou por um processo de reedição. Com a aplicação de perguntas, não somente esclarecemos isso, como também elucidamos o fato de a entrevista com o deputado Marchezan ter sido feita por telefone e a fala de Maria do Rosário – por problemas na agenda – ter sido extraída de sua página no Facebook mediante consentimento da assessoria de imprensa da deputada para o *Diário da Manhã*. No que concerne ao box que carrega o posicionamento da Unicef, descobrimos ter sido proveniente de um vídeo da newsletter enviada pela ONU, onde a instituição esclarece o posicionamento contrário à aprovação da PEC 171/93.

Outrossim, a cobertura da PEC da maioria penal nos jornais analisados estava imbuída de tendências. Com o intuito de mostrá-las em suas especificidades, restringimo-nos aos textos com presença de assinatura local, isto é, que tenham sido produzidos, provavelmente, pela redação dos jornais. Em um primeiro momento, visualizamos o apelo às fontes locais para tornar o conteúdo mais sintonizado com o contexto de veículo local. Assim, duas das cinco matérias encontradas com assinatura recorriam a fontes que residiam em Passo Fundo, ora fontes do poder público (juízes, deputados, vereadores), ora fontes especializadas (profissionais com autoridade de argumento/envolvi-

⁴ *Diário da Manhã*. Passo Fundo, n. 126, 2015, p. 3.

dos com o assunto). Como exemplo, temos a reportagem intitulada “Ineficaz para a delinquência”, presente na edição n. 128 do dia 3 de julho de 2015 no jornal *Diário da Manhã*, que trouxe o juiz de direito do Juizado Regional da Infância e Juventude de Passo Fundo, Dalmir Franklin, para discutir a preocupação com os adolescentes em conflito com a lei caso a proposta, que prevê a responsabilização legal de 18 para 16 anos, fosse aprovada. Sob o prisma do foco local, também encontramos a reportagem “Redução da maioria penal é a solução?”⁵, que não apenas carrega fontes próximas, como igualmente constrói a abordagem focalizada na superlotação dos ambientes passo-fundenses de internação aos jovens envolvidos em atos infracionais. Essas reportagens, juntamente com a notícia “Votação da maioria penal causa polêmica”⁶, foram as únicas que ganharam menção na capa. Além disso, o ponto marcante é que as três possuem um aspecto em comum: o foco regional, já que esta notícia trazia o deputado gaúcho Nelson Junior Marchezan (PSDB) como fonte. Vemos, portanto, que o valor-notícia “proximidade geográfica” se entende como um critério caro aos veículos locais, em diálogo com os valores-notícia “polêmica” e “proeminência”, referentes às discussões da PEC da redução da maioria penal.

Outra característica-tendência é a valorização dos artifícios visuais. Nesse ponto, entendemos que como seres visuais interpretamos a realidade externa a partir dos nossos sentidos para reconstruí-la conforme a nossa subjetividade, assim, de dentro para fora, “o cérebro capta do ponto de vista do observador, retendo dela (realidade) imagem reconstruída” (DEMO, 2005, p. 39). Nesse sentido, atribuímos importância às imagens no fazer jornalístico, conferindo a elas potência na representação do fato que, dependendo de fatores como qualidade e/ou disponibilidade da foto, pode ser restringida apenas ao conteúdo verbal.

⁵ *Diário da Manhã*. Passo Fundo, n. 129, 2015.

⁶ *Diário da Manhã*. Passo Fundo, n. 126, 2015.

Ao levar em conta que o deslocamento de ambos os veículos para o lugar das votações não foi possível, a recorrência às fotografias ou infográficos oriundos de agências de notícias ou assessorias de imprensa foi notável. As notícias “Maioridade penal é aprovada na Câmara”⁷ e “Câmara rejeita maioria penal para crimes graves”⁸ enaltecem essa tendência; a primeira, a partir de uma fotografia creditada à Agência Brasil, e a segunda, com um infográfico também creditado à Agência e ao Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Aliás, a Agência Brasil foi uma fonte bastante utilizada, pois, no que concerne ao conteúdo, quatro matérias creditam a ela a autoria das imagens/infográfico. Das matérias analisadas, somente duas fotografias são colocadas como pertencentes aos veículos – estas imagens trazem os profissionais (locais) utilizados como fontes no texto.

Para além das fotografias, encontramos nove boxes distribuídos entre sete matérias analisadas. Como artifício explicativo, sistematizamos a sua função em quatro categorias: (1) dar voz à fonte para argumentar sobre o assunto introduzido pelo jornalista fora do box; (2) visões governamentais ou de associações proeminentes acerca da redução da maioria penal; (3) gancho para assuntos de outra natureza de alguma forma correlacionados com as fontes presentes no texto; e (4) histórico e contextualização da proposta. Importante enaltecer que a utilização de boxes nas matérias faz parte do padrão gráfico do jornal *Diário da Manhã*, essencialmente no que tange à primeira categoria, isto é, trazer o posicionamento da fonte sobre o tema após um texto introdutório. Em contrapartida, o mesmo artifício não é muito utilizado em *O Nacional*, o qual valoriza mais os infográficos, como observado na notícia intitulada “Câmara rejeita maioria penal para crimes graves”⁹, presente na edição n. 26.022 (2 de julho de

⁷ *Diário da Manhã*. Passo Fundo, n. 168, 2015.

⁸ *O Nacional*. Passo Fundo, n. 26.022, 2 jul. 2015.

⁹ *O Nacional*. Passo Fundo, n. 26.022, 2 jul. 2015.

2015) e no infográfico isolado “Grande parte da população aprova”¹⁰ (edição n. 26.015, de 23 de junho de 2015), encontrado na editoria Fontes em off.



SEGUNDO TURNO

Câmara rejeita maioria penal para crimes graves

■ Violação ocorreu na madrugada desta quarta-feira em meio a polemias e protestos

Aprós mais de quatro horas de discussão, o plenário da Câmara dos Deputados rejeitou, na madrugada de ontem, a Proposta de Emenda à Constituição (PEC 171) que reduz a maioridade penal de 18 para 16 anos. Foram 303 votos a favor, 184 contrários e três abstenções. Para ser aprovado, o texto da PEC precisava de, no mínimo, o voto de 308 deputados. A votação, considerada histórica devido à repercussão, começou pouco depois da meia-noite de quarta-feira. A PEC reduz a maioridade penal para a prática de crimes hediondos, como estupro, latrocínio, homicídio qualificado e lesão corporal grave, lesão corporal grave seguida de morte e roubo agravado (quando há seqüestro ou participação de dois ou mais criminosos, entre outras circunstâncias).

Como o texto rejeitado era um substitutivo, o presidente da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), disse que o plenário deverá fazer nova votação para deliberar sobre a proposta original que diminui a maioridade penal para todos os crimes. “Temos deliberar no colégio de líderes a deliberação”, disse. Em uma sessão marcada por um plenário dividido, mais de 20 deputados se revezaram na tribuna para defender e argumentar contra o relatório do deputado Laerte Bessa (PR-DF), aprovado no último dia 17, por 21 votos a 6 no comissão especial destinada a analisar o tema.

O líder do PMDB, Leonardo Piccini (RJ), disse que a maioria da bancada votaria a favor. “Nós somos favoráveis porque é: propõe a redução para os crimes hediondos, graves e subentendidos os crimes contra a vida”. Mesma posição foi tomada pelo deputado Marconi Torgan (DEM-CE) que defendeu a redução sob o argumento de que a me-

MAIORIDADE PENAL Entenda a polémica proposta

O QUE MUDARIA Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 171/1993 reduz a responsabilização legal dos atuais 18 para 16 anos.	A CONSTITUIÇÃO Pelo artigo 228 da Constituição Federal, “só penamente imputáveis os menores de dezoito anos, sujeitos às normas da legislação especial”.
A PEC Sugere que o artigo seja substituído por: “São penamente imputáveis os menores de dezesseis anos, sujeitos às normas da legislação especial” (neste caso, o ECA).	O QUE DIZ O ECA Adolescente menor de 18 anos que pratica ato infracional pode ter, como medida socioeducativa, desde advertência e prestação de serviços à comunidade até a internação em estabelecimento educacional, uma “medida privativa da liberdade”.

- A internação só ocorre em casos de ato infracional considerado violento ou com grave ameaça, quando há reincidência da infração considerada grave ou quando há descumprimento de medida socioeducativa anterior.
- Internação não pode durar mais de três anos e a liberação é obrigatória aos 21 anos de idade.
- A PEC não altera o ECA, mas as punições estabelecidas no estatuto só valem para quem tem até 15 anos.

23,1 mil jovens privados de liberdade em 2013

95% eram do sexo masculino

66% deles viviam em famílias consideradas extremamente pobres.

dia vai acabar com a sensação de impunidade. “Queremos acabar com a impunidade para esses adolescentes que cometem crimes graves e que praticamente não são punidos como se deve.”

Contrário à redução, o líder do PROS, Domingos Neto (CE), argumentou que a maioria quer o fim da impunidade, mas que muitos parlamentares também se colocam a favor para dar uma resposta à opinião pública. “Nossa bancada é contra este modelo de redução que se estende a alguns setores da sociedade, pois é discriminatório. Temos que firmar o compromisso de modernizar o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)”, disse. “A opinião pública condenou Jesus Cristo e absolvia Barrabás”, comentou o vice-líder do governo, Silvio Costa (PSC-PE).

O governo se posicionou contra a redução e defendeu como alternativa a alteração do ECA a fim de assegurar o tempo de internação para os adolescentes que cometerem crimes graves, além de mudanças na legislação para endurecer as penas para quem aliar adolescentes para a prática de crimes. “Não podemos agir emocionalmente, mas também não podemos deixar de dar uma resposta para a sociedade. E o governo está propondo essa mudança”, afirmou o deputado José Guimarães (PT-CE).

Após a divulgação do resultado, os manifestantes contrários à redução comemoraram e cantaram o Hino Nacional. Desde a manhã, eles promoveram atos contra a PEC. Os protestos contra a aprovação da proposta reuniram integrantes de organizações estudantis, centrais sindicais e movimentos sociais contrários à redução da maioridade penal. Em frente ao Congresso Nacional, o gramado foi ocupado por manifestantes com faixas e cartazes em um ato contra a PEC.

Matéria da edição n.º 26.022 do jornal O Nacional, de 2 julho de 2015.

Já as menções ou algum tipo de alusão ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) estiveram presentes em, pelo menos, oito textos analisados. Geralmente, este aspecto aparecia ao ser elencado por fontes contrárias à aprovação da PEC, mas favoráveis a alterações no ECA e à aplicação efetiva das medidas previstas pelo Estatuto, uma

¹⁰ O Nacional, Passo Fundo, n. 26.015, 23 jun. 2015.

vez que nem sempre são empregadas devido à falta de investimentos ou à superlotação dos ambientes de internação. Na reportagem “Redução da maioria penal é a solução?”, as deficiências dos centros de internação para jovens em conflito com a lei são exaltadas a partir da divulgação do “Mapa do Encarceramento: os Jovens do Brasil”, produzido pela Secretaria da Presidência da República, que apresentava dados sobre o aumento da população carcerária do Brasil, sobretudo em função das frequentes prisões de jovens. Observa-se que este é o gancho introdutório para mudar o foco do texto para Passo Fundo e para os ambientes de internação que se encontram com mais pessoas do que a capacidade estabelecida. Novamente, o box é utilizado como artifício para conceder voz à fonte após o texto expor o tema. A fonte, desta vez, menciona um ponto inédito, ausente nos demais textos em que há menção ou alusões ao ECA: o quanto o sujeito (o adolescente, no caso) sofre influência do meio em que está exposto. Em outras palavras, o quanto é simplista definir o adolescente como infrator sem atentar-se para a condição de vulnerabilidade social à qual pode estar inserido. Afinal, encontramos-nos em uma sociedade marcada pelas desigualdades sociais. Diferente da menção direta ao ECA, as alusões não citam o Estatuto, mas enaltecem os pilares sob os quais este está constituído, afirmando a necessidade da ressocialização e do aumento do período de internação. Ainda, os próprios adolescentes internados em centros para cumprimento de pena opinam sobre a redução da maioria penal. Entendemos a divulgação do Estatuto, ora nas menções diretas, ora por meio de alusões, como aspecto fundamental para ampliar as abordagens para além dos desdobramentos da proposta.

Em paralelo, um questionamento irrompido durante o período desta análise de cobertura parece valorativo de ser trazido à tona no presente trabalho: por que a PEC, convencionalmente caracterizada como uma discussão política, ganhou tanta repercussão, inclusive nos jornais locais analisados? A partir da tabela dos valores-notícia de Silva

(2011), podemos atribuir à PEC da maioria penal, pelo menos, três valores-notícia que enaltecem as potencialidades de ganhar a alcunha de notícia: polêmica (controvérsia), proeminência e conflito (rivalidade). Como adendo, percebemos que os acontecimentos transformados em conteúdo noticioso possuem graus diferentes de afetação, isto é, nem todos chamam a atenção a ponto de ocasionar longos debates públicos. Em meio à multiplicidade de informação, há fatos que simplesmente passam sem despertar qualquer olhar de atenção do público. Melhor dito, podemos inferir que da mesma forma que os jornalistas possuem “óculos particulares através dos quais veem certas coisas e não outras, e veem de uma certa maneira as coisas que veem” (BOURDIEU apud TRAQUINA, 2012, p. 75), o público igualmente lança olhares atentos para algumas notícias e ignora ou não nutre tanta atenção para outras. Geralmente, os acontecimentos políticos reportados pela mídia não causam a mesma comoção pública se comparados com a reação ante as grandes tragédias, o que nos faz enaltecer o domínio da experiência e o despertar da nossa emoção, uma vez que a informação carregada de valores-notícia como “tragédia” é imbuída da capacidade de nos afetar por meio da identificação e da alteridade. Conseqüentemente, diante de um mundo individualista, esses episódios trágicos aparecem como um respiro para voltar o olhar ao outro.

Assim, podemos entender a PEC da redução da maioria penal, seja pelos desdobramentos das votações na Câmara ou pela variedade de pontos a serem discutidos a partir da proposta, como um tema ligado profundamente aos valores-notícia “polêmica” e “conflito”. Sobretudo, a dicotomia entre os contrários e os favoráveis à aprovação da PEC e os argumentos utilizados por ambos os lados elevam a desarmonia causada. Dentre as fontes favoráveis à proposta, os argumentos mais utilizados exaltavam que era necessário prezar pelo bem-estar da sociedade e punir todo e qualquer adolescente que tenha cometido algum tipo de crime. Segundo elas, a punição é a chave para o combate

à violência. Do lado contrário, a linha argumentativa evidenciada era que a redução da maioria penal é discriminatória e descontextualizada, pois ignora a condição de vulnerabilidade social de muitos dos jovens que cometem crimes. Em suma, para muitas dessas fontes, o resultado está na alteração e na aplicabilidade efetiva do ECA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta esteira argumentativa, podemos perceber que a discussão da redução da maioria penal está relacionada tanto a aspectos jurídicos quanto emocionais, causando assim grande convulsão resultada em polêmica e conflito. Logo, o tema está tão próximo da nossa realidade quanto qualquer notícia de natureza trágica, que nos choca, nos fere e nos tira da zona de conforto na exigência de um posicionamento dentro do debate social. Na observância de todas essas características atribuídas à PEC da maioria penal, podemos compreender os motivos de os veículos terem disponibilizado espaço ao assunto, considerado um acontecimento toldado por polêmicas, conflitos e agentes proeminentes.

A partir desta pesquisa, percebemos que o material publicado provinha, majoritariamente, de agências de notícia/assessorias de imprensa. Portanto, a reedição surgia como alternativa para incrustar “marcas regionais” ao produto. Com a apreensão desses dados, também atentamos para o fato de o *corpus* de análise sustentar entendimentos múltiplos para serem explorados em futuros estudos. As identificações de tendências nos lançam a um novo desafio, desta vez, para além do contexto de produção, mas uma interpretação profunda das características encontradas e, por conseguinte, a proposição de uma análise particular voltada à representação do adolescente nesses textos: será que a facticidade no jornalismo prejudica tanto a ponto de tornar

o público-alvo da PEC da maioria penal um personagem abstrato?

REFERÊNCIAS

ALSINA, Miquel. *La construcción de la noticia*. Paidós, 1993.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. *PEC 171/1993*. Disponível em <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=14493>> Acesso em 11/04/16.

DEMO, Pedro. *Éticas multiculturais: sobre convivência humana possível*/Pedro Demo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

DIÁRIO DA MANHÃ. *Redução da maioria penal é a solução?* Passo Fundo, n. 109, 2015.

DIÁRIO DA MANHÃ. *PEC da Maioria penal é apresentada com tumulto na Câmara*. Passo Fundo, n. 112, 2015.

DIÁRIO DA MANHÃ. *Maioria penal vai à discussão*. Passo Fundo, n. 125, 2015.

DIÁRIO DA MANHÃ. *Votação da maioria penal causa polêmica*. Passo Fundo, n. 126, 2015.

DIÁRIO DA MANHÃ. *Ineficaz para a delinquência*. Passo Fundo, n. 128, 2015.

DIÁRIO DA MANHÃ. *Parlamentares recorrem à Justiça para anular redução da maioria penal*. Passo Fundo, n. 133, 2015.

DIÁRIO DA MANHÃ. *Maioria penal é aprovada na Câmara*. Passo Fundo, n. 163, 2015.

NOTÍCIAS UOL. Após 22 anos e vaivém, relembre a cronologia da PEC da maioria penal. Disponível em <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2015/07/02/relembre-a-cronologia-da-pec-da-maioria-penal.htm#fotoNav=33>> Acesso em 11/04/16.

O NACIONAL. *Redução da maioria para crimes hediondos*. Passo Fundo: MC – Rede Passo Fundo de Jornalismo Ltda, n. 26.011, 2015.

O NACIONAL. *Grande parte da população aprova*. Passo Fundo: MC – Rede Passo Fundo de Jornalismo Ltda, n. 26.015, 2015.

O NACIONAL. *Início da votação está marcado para terça-feira*. Passo Fundo: MC – Rede Passo Fundo de Jornalismo Ltda, n. 26.019, 2015.

O NACIONAL. *Câmara dos deputados pode votar PEC hoje*. Passo Fundo: MC – Rede Passo Fundo de Jornalismo Ltda, n. 26.020, 2015.

O NACIONAL. *Câmara rejeita maioria penal para crimes graves*. Passo Fundo: MC – Rede Passo Fundo de Jornalismo Ltda, n. 26.022, 2015.

O NACIONAL. *Majoridade penal*. Passo Fundo: MC – Rede Passo Fundo de Jornalismo Ltda, n. 26.029, 2015.

O NACIONAL. *Juiz diz que PEC aprovada é inconstitucional*. Passo Fundo: MC – Rede Passo Fundo de Jornalismo Ltda, n. 26.035, 2015.

SILVA, G. & MAIA, F. D. Análise de cobertura jornalística: um protocolo metodológico. *Revista Rumores*. Edição 10, v.5, jul./dez. 2011.

SILVA, Gislene. Valores-notícia: atributos do acontecimento (Para pensar critérios de noticiabilidade I). IV ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM. Trabalho apresentado ao NP (2005).

TRAQUINA, Nelson. Teorias do jornalismo, porque as notícias são como são/Nelson Traquina. Florianópolis: Insular, 3. ed. rev. 2012.



IDENTIDADE

CADA FALSO

Uma publicação cultural independente



Abuse DESIGN

PASSO FUNDO

RIO GRANDE DO SUL

ANO I

Nº 2

Setembro

2005

Sapateando na Bosta do 20 de Setembro

Por Rodrigo Andrade * Historiador e Mestrando em Estudos Literários

Hoje é dia 20 de setembro e um cheiro de bosta paira sobre o centro da cidade. Como sempre, aproveitamos a data para realizar uma série de festejos vazios, ultrapassados, ridículos e, acima de tudo, inúteis. Dessa forma, é de questionar se as pessoas encontram algum sentido nessas manifestações obtusas.

Em primeiro lugar, veja-se o motivo de tanta algazarra: comemorar a Revolução Farroupilha. Pra início de conversa, nem foi uma revolução, mas sim uma revolta (a "revolução" tem sucesso, ela muda alguma coisa, e não foi o caso). Depois, deve-se lembrar que os gaúchos perderam (e feio). Porra, só um estúpido comemora uma derrota! Alguém faz festa quando seu time perde? Alguém (além de Bin Laden, Stalin e Hitler) fica feliz com a morte de milhares? Quem é insensível o suficiente a ponto de comemorar algo brutal como 10 anos de guerra?

Ainda, outro argumento comumente usado por quem faz parte dos movimentos tradicionalistas é o de resgatar a memória, a cultura e as tradições dos antepassados. Então respondam, antepassados de quem? Sem dúvida, mais de 90% dos frequentadores de CTGs (bem como a maior parte da população do Rio Grande do Sul) é descendente de imigrantes. Os ditos antepassados da maioria nem se encontravam no estado na época de tal revolta (deviam estar passando fome em algum país da Europa) e, principalmente, nunca fizeram parte desse passado de bosta e bombacha celebrado pelos seus descendentes incultos. Então essas pessoas estão revivendo uma cultura com que não possuem nenhuma identidade. A não ser que acreditem que esse pertencimento seja formado por coisas como uma fronteira (no caso, as do estado) e o chão dentro dessa. Assim, estão cultuando algo que não lhes pertence. Algo que, na verdade, faz parte da história de um lugar, de um terreno(!), e não do seu passado.

Outro questionamento que deve ser feito é sobre a sustentabilidade das crenças dos movimentos tradicionalistas, bem como a própria figura do gaúcho. Hoje em dia, estudos sérios

revelam que esse passado mitificado, celebrado pelos embombachados, não passa de mero folclore. Trata-se de algo bem distante de alguma verdade histórica. Todo esse movimento foi criado em grêmios estudantis porto-alegrenses no início do século passado. Desde então, se produz uma visão enganosa do passado, construída para agradar (leia-se domesticar) as populações "gaúchas" do presente. Assim, interpretações apoloéticas são difundidas por pessoas de interesses diversos (como a Rede Globo) contrárias a difusão da real história, produzida por cientistas sociais, sobre o passado do Rio Grande do Sul.

Dessa forma, criou-se uma idolatria por uma figura que, na verdade, precisava ser desprezada: o gaúcho. Bebado, rude, infiel, machista, violento. É incrível que se consiga transformar em herói uma pessoa dessa estirpe. Apela-se para o lado aventureiro para fazer com que estúpidos brigões se passem por nobres e bravos. Na realidade, os gaúchos possuíam todas as características para serem excluídos, esquecidos - pela história. Entre - suas "qualidades", existem mais algumas que, geralmente, não são bem vistas no meio social (ao menos nos mais tradicionais). Eram mestiços, raramente sabiam quem eram seus pais (leia-se filhos da puta) e, mais recentemente, descobriu-se que muitos eram dados a práticas homossexuais. Viviam em galpões, nas estâncias, a quilômetros de distância de muitas mulheres. Em determinadas épocas do ano, o clima no pampá é muito rigoroso... aí, já viu...

Estranha-se também a presença e a participação das mulheres nesses meios gaúderios. Desfilam orgulhosas no 20 de setembro, fantasiadas com peças de vestuário

ultrapassadas e desconfortáveis. Aceitam passivamente a perpetuação de uma visão de mundo machista e opressor. No Rio Grande do Sul do passado, a mulher não possuía voz e nem vontade. Um exemplo disso se mantém até hoje nos CTGs. Na hierarquia dessas instituições, não existe um único cargo para pessoas do sexo feminino. Se tem o Patrão, o Capataz, o Sota-Capataz, o Agregado das Guaicás... se boabar até o cuscão vem antes das prendas. Nos dias de hoje, ser prenda é assumir um papel de grande alienação. É se postar contra todos os direitos anteriormente conquistados pelas feministas nas últimas décadas.

Por fim, resta dizer que é fácil fazer parte de um grupo, seja ele religioso, filosófico, ético, etc. Mas não é por estar inserido nele que não se deva questioná-lo. Aceitar passivamente tudo aquilo que se é empurrado goela abaixo (seja na família, facilidade, sociedade, etc) é o mesmo que assinar um atestado de mediocridade. Todos devem reavaliar seus maiores valores constantemente, mesmo aqueles que parecem ser óbvios, naturais (como o amor à pátria - dádida). Muitas vezes, eles não se sustentam. São ridículos. É nessa hora que se deve rever alguns conceitos, assumir uma outra postura. Vergonha não é reconhecer um erro, mas sim permanecer nele.

Quanto à gauderiada, continuam nos seus CTGs, sapateando na bosta. E em cada feriado e data comemorativa, tiram seus cavalos para boatear na avenida. Só quero saber quem vai limpar essa merda toda. Provavelmente ninguém. Os carros e nós mesmos vamos passar por cima e sair com os tropejados no garra, tirando a sujeira da rua e levando para o carpete de nossas casas.



Da nossa cultura POPular gaúcha

A CONTENDA DOS IMAGINÁRIOS NO JORNAL CADA FALSO:

O CASO DO ARTIGO "SAPATEANDO NA BOSTA DO 20 DE SETEMBRO"

Assessoria de Comunicação Estruturada João Vicente Ribas

Fibra Óptica VOIP

Centrais Telefônicas Wireless

Rua Livramento 475 - Boqueirão Passo Fundo - Tel.: (54) 314.1

Canall Tecnologia em Comunicações www.canall.com.br canall@canall.com.br

Para folhear as suas quatro páginas, era preciso abrir os braços. Formato premeditado. Um fetiche levado a cabo – ora bolas, afinal, se era para criar um jornal para chamar de seu, que fosse logo *standard*, igual aos grandes suplementos de cultura. Coisa de jornalistas recém-formados, plenos de convicção e disposição. Por isso, os custos para imprimir eram arcados com poucos anúncios, terminando por configurá-lo autossustentável e sem fins lucrativos. Idealizações que empacotavam artigos de opinião, reportagens e outros gêneros jornalísticos. Assim circulou o jornal *Cadafalso* em Passo Fundo, entre 2005 e 2007¹. Foram 20 edições levantando debates, tais como a demolição de prédios históricos, a espetacularização da literatura e, principalmente, a representação gauchesca² da cidade.

Mas o jornal não passou incólume. Entre críticas, defesas, paixões e insultos, também foi processado na justiça. Um dos primeiros artigos que marcaram com tinta preta suas páginas amareladas foi um desaforado manifesto, que fazia chacota do orgulho regionalista, publicado na edição n. 2, em setembro de 2005. Intitulado “Sapateando na bosta do 20 de setembro”, o texto causou. O Movimento Tradicionalista

¹ Parte da história do Cadafalso foi registrada por Jaques Hickmann (2006), em trabalho de conclusão de curso na Graduação em Jornalismo da UPF, intitulado “Cadafalso: um jornal alternativo ou cultural?”. Para responder à pergunta, analisou até a 13ª edição e concluiu que “o Cadafalso se caracteriza como um jornal alternativo-cultural [...] oportuniza um espaço livre para opiniões [...] aborda temas que não saem na imprensa local” (HICKMANN, 2006, p. 48).

² Conforme o antropólogo Ruben George Oliven (2006), a manifestação identitária gauchesca é contemporânea, resultante de processos de invenção cultural que enfatizam peculiaridades regionais do Rio Grande do Sul. Refere-se ao tipo social ideal do gaúcho, cuja existência seria marcada “pela vida em vastos campos, a presença do cavalo, a fronteira cisplatina, a virilidade e a bravura do homem ao enfrentar o inimigo ou as forças da natureza, a lealdade, a honra, etc.” (OLIVEN, 2006, p. 66).

Gaúcho, sentinela do conservadorismo, reprovou e não deixou barato. Acionou as leis e levou o jornal ao banco dos réus. O processo chegou a uma audiência no Fórum de Passo Fundo, quando foi feito um acordo que resultou em direito de resposta.

Contar essa história é buscar o momento incerto da comutação tecnológica, quando se viveram os últimos auspícios da importância física na circulação da informação rumo ao salto no abismo sem lastro da pós-verdade³. É revisitar o contexto em que se adubou o campo para brotar o bolsonarismo. Tais relações podem parecer devaneio e até imprudência, que não caberiam em um livro acadêmico. Mas é de reajuste do ponto de vista que se vale a produção do conhecimento histórico.

Aliás, este artigo não visa a isenção. É escrito por um dos fundadores do *Cadafalso*, partícipe e idealizador de suas afrontas ao marasmo da verdade neutra e excludente. Portanto, logo de cara, declara-se seu lugar de fala e objetivos. Bem como revela-se o estilo mais livre de escrita, típico da imprensa alternativa e das teorias do imaginário. Com isso, quer-se, primeiro, relatar a versão dos jornalistas, com apoio em entrevista, documentos e memórias⁴. Depois, esquadrihar os rastros de sua trajetória para reinterpretar as tensões que emergiram com

³ Pós-verdade e *fake news* são dois termos que ganharam notoriedade no final de 2016, associados, principalmente, a dois acontecimentos: o Brexit e a eleição norte-americana. O Dicionário Oxford definiu “pós-verdade” como “adjetivo relacionado a circunstâncias em que fatos objetivos têm menos poder de influência na formação da opinião pública do que apelos por emoções ou crenças pessoais”. De acordo com Silvio Genesini (2018, p. 49), “não há nenhuma novidade na tentativa de falsificação política através da distorção de fatos e informações. O novo é que estamos em uma nova era, turbinada pela internet e pelas redes sociais, em que o crescimento é viral e o efeito, exponencialmente explosivo”.

⁴ Apóia-se metodologicamente na pesquisa autobiográfica. Pois a reconstrutividade da memória do pesquisador que vivenciou a história, enquanto editor do *Cadafalso*, é levada em conta, não sem considerar que há percepções pessoais e ressignificações ao longo da trajetória de vida. Contudo, procura-se fundamentar impressões de sentido no todo dos elementos de que dispomos, pela triangulação do conteúdo de outras fontes: documentos, entrevistas, etc. “A interpretação do investigador não desqualifica a interpretação/reinterpretação do narrador, que será respeitada em seu ‘estabelecimento da verdade’, mas representa uma leitura do material narrativo, tendo em vista uma ‘referência de verdade’ para além das narrativas” (ABRAHÃO, 2003, p. 93).

suas contendas. A pesquisa dos imaginários busca desvelamentos e especulações, ao se debruçar sobre o “incontornável universo das questões que não se deixam capturar pelas abordagens positivas ou pela objetividade relativizada” (SILVA, 2017, p. 119).

Para começar, faz-se oportuna a arqueologia das inspirações que potencializaram a criação de um pasquim na cidade em meados dos anos 2000. Naqueles idos tempos, legitimava-se, de forma sem precedentes, a relevância cultural de Tarso de Castro⁵. Afinal, o editor de *O Pasquim* no Rio de Janeiro era cria de Passo Fundo. Como gatilho desta re colocação do jornalista no imaginário local, foi imperiosa a pesquisa biográfica da professora Sônia Bertol, lançada em livro em 2001, que nutriu os devires dos novos comunicadores que se formavam na Universidade de Passo Fundo (UPF). Mesmo que Tarso de Castro fosse um paradigma controverso⁶, havia um movimento emergente de fascínio e valorização. Relembavam-se episódios protagonizados por ele, a exemplo das provocações à Igreja Católica, no período em que assinava uma coluna n’*O Nacional*, ainda enquanto adolescente⁷.

Ao mesmo tempo, na Faculdade de Artes e Comunicação da UPF havia um grupo de professores que sustentou a primeira década de existência do curso de Jornalismo⁸ com uma vocação para a crítica

⁵ O jornalista Tarso de Castro nasceu em Passo Fundo, Rio Grande do Sul, em 1941. Iniciou a trajetória na empresa do pai, o jornal *O Nacional*. Trabalhou em *Zero Hora* e *Última Hora*, em Porto Alegre. Mudou-se para o Rio de Janeiro, onde participou da fundação em 1969 de *O Pasquim*, veículo impresso alternativo que influenciou a imprensa com seu estilo coloquial. Tarso de Castro foi editor das 80 primeiras edições. “O Pasquim trazia o espírito de rebeldia da *intelligentsia* carioca e, por que não, brasileira, contra o *establishment* e contra o regime militar que se instalara no Brasil em 31 de março de 1964” (BERTOL, 2001, p. 40).

⁶ Esse tema é aprofundado no artigo *Tarso de Castro: o passo-fundense menos passo-fundense do Brasil* (RIBAS; BATISTELLA, 2010). O argumento central é de que Tarso de Castro encarnava a personalidade do aventureiro, boêmio, criativo, beirando a irresponsabilidade. Desse modo, antagonizava com a cultura conservadora e militarista, que teve vazão na figura de Teixeira.

⁷ Na biografia escrita por Tom Cardoso (2005, p. 42-43), é contada com detalhes a história do artigo polêmico que Tarso de Castro publicou denunciando a hipocrisia das mordomias do bispo dom Cláudio Colling.

⁸ O curso de graduação em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo iniciou a primeira turma em 1996.

ca à sociedade. No núcleo estava João Carlos Tiburski, professor de constante alternância entre o peso dos livros de referência e a leveza dos intervalos para o cigarro, entusiasta permanente das empreitadas dos focas⁹. Também o professor Tau Golin, que topava fácil uma ousadia. Historiador reconhecido à época pelas críticas contundentes ao gauchismo, que provocavam um esparrame nos programas de rádio conservadores.

Assim, os temas culturais ganhavam relevo e as repetições na agenda da mídia local passavam a ser contestadas. O debate sobre o regionalismo gaúcho vivia, no estado em geral, uma ressaca dos contundentes e prolíficos anos 1980, auge do Nativismo¹⁰. Enquanto isso, a cidade de Passo Fundo ainda apresentava o rescaldo de suas maiores investidas político-simbólicas revolvendo o gauchismo e elevando-o à potência máxima, numa curva que ascendeu nos anos 1990 e se manteve até os anos 2000, conforme pesquisa que realizamos anteriormente (RIBAS, 2008). Observando esse processo e o protagonismo do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), Tau Golin (2004, p. 16) concluiu que “depois de meio século de organicidade tradicionalista, o movimento, como expressão hegemônica, já inoculou, irremediavelmente, na identidade sulina um *ethos* imaginário estancieiro e conservador”. Enunciados como esse ressoavam nos livros acadêmicos e em esparsas incursões nos cadernos de cultura dos jornais de Porto Alegre. Mas na mídia local, eram tabus.

O gauchismo mantinha-se no rol dos temas intocáveis, daqueles que se deixavam passar nas redações enquanto pauta de variedades, como se não tivessem relevância no campo das ideias, apenas do lazer.

⁹ O foca é o aspirante a jornalista, o estudante, o estagiário nos veículos de imprensa.

¹⁰ De acordo com Nilda Jacks, o auge do movimento Nativista ocorreu com o *boom* de criação de Centros de Tradições Gaúchas, por volta de 1980, e a indústria cultural aproveitou a oportunidade mercadológica e de identificação com um grande segmento do público, contribuindo na edificação de uma certa “cultura gaúcha” (1998, p. 66). Assim, houve a criação de grandes festas, como rodeios e festivais de música. O imaginário gauchesco foi composto neste contexto, ou seja, calcado na mídia.

A cobertura da editoria de Cultura na mídia local era festiva e pouco crítica. Endossava as políticas municipais, voltadas à representação do “Gaúcho de Passo Fundo” (RIBAS, 2013), que mais tarde dividiu espaço com o título de Capital Nacional da Literatura¹¹. O termo patrimônio histórico, por exemplo, só visitava as páginas dos impressos diários, erraticamente, quando se referia à tradição, durante a Semana Farroupilha. Em contrapartida, quando um prédio centenário desabava no centro da cidade para dar lugar a um caixote pré-moldado que acomodaria mais uma farmácia, os jornais limitavam-se a prospectar novos anúncios classificados. Se a edificação fosse propriedade da família do prefeito, então, menos motivos haveria para se mexer naquele vespeiro¹². Assim, os interesses público e cultural eram os últimos a serem considerados na frágil prática pauteira dos veículos.

Diante disso, estava posto o espírito combativo que inspirou e levou o *Cadafalso* às ruas. Por consequência, o desvelamento da construção social da identidade do gaúcho, quando entendido que fora forjado em um passado glorioso idealizado, acabou sendo um dos primeiros destaques. O artigo “Sapateando na bosta do 20 de setembro” enquadrava a pauta de forma eloquente, satírica, desbocada e fundada em argumentos históricos. O texto, assinado pelo historiador Rodrigo de Andrade, compartilhava do entendimento de que a figura do gaúcho sofreu um longo processo de elaboração cultural até ter o atual

¹¹ Passo Fundo recebeu o título de Capital Nacional da Literatura em 2006, quando sancionada a Lei n. 11.264. O mérito foi concedido em função da Jornada Nacional de Literatura, promovida bianualmente (na ocasião, há 28 anos). Esse feito foi tema no jornal *Cadafalso*, desde a sua primeira edição, a exemplo da reportagem de capa “Capital nacional dos tapumes”, publicada em abril de 2006.

¹² Este comentário relaciona-se à reportagem “Passo Fundo Tchê! História pra quê?”, edição n. 11 do *Cadafalso*, de agosto de 2006. Naquele mês, acontecia o Seminário Educação, Museus e Patrimônio, promovido na UPE, a cidade estava completando 150 anos de fundação, e um novo Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado estava prestes a entrar em vigor. Em tal contexto, uma casa antiga na rua Bento Gonçalves, no centro da cidade, que pertenceu à família do então prefeito Airton Langaro Dipp, estava sendo demolida para dar lugar a uma nova obra. Publicou-se um texto editorial que questionava o posicionamento da prefeitura e uma entrevista exclusiva com o prefeito, respondendo às críticas.

significado gentílico de habitante do estado (GOLIN, 2007). É importante observar que o vocábulo tinha conotação pejorativa até meados do século XIX, quando ocorreu a ressemantização do termo, através do qual “um tipo social que era considerado desviante e marginal foi apropriado, reelaborado e adquiriu um novo significado positivo, sendo transformado em símbolo de identidade regional” (OLIVEN, 2006, p. 66). Com isso, Andrade (2005, p. 1) escreveu frases contundentes, tais como “criou-se uma idolatria por uma figura que, na verdade, precisava ser desprezada: o gaúcho. Bêbado, rude, infiel, machista, violento. É incrível que se consiga transformar em herói uma pessoa dessa estirpe”.

Foi o estouro da boiada. Antes de circular de forma impressa na edição n. 2 do *Cadafalso*, o texto já havia rompido o anonimato circulando em listas de e-mail por dois anos, mas teve repercussão limitada, alvoroçando algumas autoridades aqui e ali. Eram anos de tecnologia digital incipiente¹³. Para que um texto circulasse, os recursos não eram efetivamente mais eficientes que o bater perna pela cidade distribuindo duas milhas de jornais em papel. Com a publicação daquele texto no veículo alternativo, o potencial de sua crítica alcançou um público mais amplo, não restrito ao ambiente das faculdades e aos circuitos culturais, onde já se começava a utilizar a internet cotidianamente como fonte de informação.

¹³ Em 2005, quando foi planejado o *Cadafalso* e publicada sua primeira edição, o site de rede social mais popular no Brasil era o Orkut, criado em 2004. No entanto, seu espaço para publicar e consumir conteúdos era restrito a comunidades e a visitas interpessoais a perfis de amigos. Não havia *timeline*. Indício desse contexto está no artigo de Fernando de Castro, publicado na edição n. 3 do *Cadafalso*, em que reclamava que não aguentava mais “receber e-mails” sobre o assunto desarmamento, diante do plebiscito que viria acontecer. O Facebook e o YouTube já existiam (o Twitter surgiria em 2006), mas não eram utilizados no país com o mesmo alcance que obtiveram a partir dos anos 2010 (RÜDIGER, 2013, p. 20).

TECNOLOGIAS DO IMAGINÁRIO GAUCHESCO EM PASSO FUNDO

Pasmem, o gauchismo não possui raízes antropológicas em Passo Fundo. Ainda assim, ele predomina no discurso político-cultural e em seu imaginário, como representação municipal, em um processo análogo ao de âmbito estadual. Essa constatação motivou nossa pesquisa de mestrado (RIBAS, 2008), em que foram estudados projetos de lei, produções literárias e midiáticas. Procurou-se descrever as relações de poder que perpetuaram o gauchismo na cidade, por meio de celebrações e espetáculos, tais como rodeios, desfiles, festivais, filmes e publicações especiais. Entendeu-se, dessa forma, que o gauchismo é uma representação contemporânea. Para isso, valeu-se do conceito de Roger Chartier (1988, p. 18), para quem as representações são “matrizes de discursos e de práticas diferenciadas [...] que têm por objetivo a construção do mundo social, e como tal a definição contraditória das identidades”.

Também se consideraram as formas como o gauchismo se reproduzia e alimentava o imaginário cultural. Para o historiador chileno Miguel Rojas Mix (2006, p. 18, tradução nossa), o termo imaginário alude “a um mundo, uma cultura e uma inteligência visual que se apresentam como um conjunto de ícones físicos ou virtuais, difundem-se através de uma diversidade de meios e interagem com as representações mentais”. De acordo com esse conceito, a imagem é considerada desde o ângulo da produção de sentido, da significação, deixando de lado a beleza e a qualificação estética. Assim, entende-se por imaginário o encadeamento de imagens com vínculo temático ou problemático, recebidas através dos meios audiovisuais.

Avançando nessa questão teórica, pode-se observar que as pesquisas de imaginário abrangem diversas áreas do conhecimento, entre elas a História, a Sociologia e a Comunicação. Na dissertação, buscou-

-se referências do campo histórico que dialogavam com o potencial midiático contemporâneo. Aqui neste artigo, iremos aportar o pensamento de Juremir Machado da Silva (2017) acerca das tecnologias do imaginário e da hipótese do excedente de significação. Trata-se de uma proposta teórica ligada aos estudos de Comunicação.

Primeiro, é pertinente considerar a relação entre os conceitos de representação e imaginário, em particular no campo da Sociologia. Não é tão simples diferenciá-los. Mas, basicamente, entende-se que enquanto a representação seria um mecanismo de comunicação das imagens, o imaginário, indissociável da ideia de imaginação, seria criador delas. Para Legros, Monneyron, Renard e Tacussel (2007, p. 130), a teoria das representações é a teoria do vínculo social: “representações são, inevitavelmente, comuns ao menos a um grupo; caso contrário, elas não permitiriam qualquer possibilidade de comunicação entre os homens”. Dessa forma, circulam nos discursos e nas imagens midiáticas, sendo cristalizadas nas condutas e nos ordenamentos materiais e espaciais. Nesse caso, podem estar associadas às opiniões, tomadas de posição e crenças. Assim, as representações são constantemente associadas à ingenuidade humana (pois não pertencem ao conhecimento científico, à racionalidade) e têm papel predominante sobre as identidades. Por isso são feitas leituras sociais a partir das representações coletivas, buscando seus componentes nas tradições, símbolos, etc.

Através dessas concepções, produziu-se importante cabedal de desconstrução do gauchismo nas últimas décadas. As ideias de representação gauchesca e imaginário cultural calcado no mito do gaúcho já foram desmistificadas em diversas críticas jornalísticas e pesquisas acadêmicas¹⁴. Contudo, para a análise dos artigos aqui tematizados, publicados no jornal *Cadafalso*, edições n. 2 e n. 3, buscou-se uma noção mais ampla de pensar os imaginários, de modo a abarcar a diver-

¹⁴ Ver Dacanal (2004), Golin (1983, 1998, 2004), Gonzaga (1980), Jacks (1998), Oliven (1995, 2002, 2006).

sidade de posicionamentos expressos neste material, que extrapolam a dicotomia “a favor *versus* contra”.

De acordo com Juremir Machado da Silva (2017, p. 12), “as pistas do imaginário são rastros da imaginação que se disseminam na teia do cotidiano”. Assim, produzem-se distorções da percepção, inventam-se mundos, lendas, mitos. E o mito tem por característica ser incontestável. Essa irracionalidade acaba provocando, em contraponto, a sua desconstrução por via racional. No entanto, Silva observa que essa resposta da racionalidade se torna inócua quando nos deparamos com a noção de “real”. Se indagarmos onde termina o real e onde começa o imaginário, teríamos apenas hipóteses indemonstráveis. Assim, como demonstrar, por exemplo, que o gaúcho existiu em Passo Fundo? “Um espírito cartesiano poderá alegar que se trata apenas de uma fantasia, de uma ficção, de uma fábula, de uma irrealidade construída para distração” (SILVA, 2017, p. 18). Mas é preciso considerar que mesmo que uma história seja irreal, a adesão a ela pode ser mais verdadeira do que a verdade da narrativa. Com isso, não se quer voltar ao debate sobre o imaginário gauchesco e suas práticas na vida cotidiana. Quer-se tomar o conceito de imaginário em sua abrangência e articulá-lo em torno das ideias expressas nos artigos publicados no jornal *Cadafalso*, que criticam o gauchismo, mas também revelam outras contendas a respeito da cultura, da cidade e das identidades. A pergunta passa a ser: o que os rastros imaginários deixam revelar sobre os autores, o local e o tempo em que se deram as publicações? O quanto o trivial se transfigura em especial nas defesas apaixonadas dos escritores dos artigos, até se tornarem argumentos irrefutáveis? Segundo Silva (2017, p. 24), “imaginário seria aquilo que move as pessoas e dá-lhes sentido sem que elas saibam como passaram a ser presas de tais configurações”. O rock pode ser entendido assim, enquanto configuração de consumo e identidade jovem, alimentada pela literatura beatnik e a produção de discos do gênero, principalmente nos anos 1960 e 1970, a partir

da Inglaterra e dos Estados Unidos. Da mesma forma a MPB, ou a cultura de classe média intelectual que se formou em torno da música popular brasileira midiaticizada nas mesmas décadas, e em contraponto aos produtos estrangeiros¹⁵.

Juremir Machado da Silva conclui que o imaginário é o excesso, algo que se acrescenta ao real. O encantamento do mundo. Esse processo é produzido por situações potencializadas pelas tecnologias do imaginário. A mais eficaz delas no século XX foi o cinema. Por isso cabe um comentário sobre a construção do imaginário do “Gaúcho de Passo Fundo” a partir da produção musical e cinematográfica de Teixeira¹⁶. Dado que, “assim como o mito pode ser mais relevante do que a verdade, o imaginário – processo de mitificação ou mitologia consumada – tende, por ser encantador (enfeitiçador), a triunfar” (SILVA, 2017, p. 29). O “feitiço” de Teixeira inaugurou uma prática recorrente de aportes financeiros a eventos gauchescos. O artista foi pioneiro ao captar verbas públicas para um empreendimento privado com fins lucrativos, que foi o filme *Gaúcho de Passo Fundo*. No início de 1978, o executivo municipal elaborou projeto de lei para subvencionar sua produtora. Nele, o prefeito Wolmar Salton escreveu que o filme obteria “estrondoso” sucesso de bilheteria e, assim, levaria a imagem de Passo Fundo a todos os rincões do país (RIBAS, 2008, p. 119). Cabe observar que, naqueles anos, não existia nenhum dos eventos gauchescos que dominariam a agenda cultural da cidade e obteriam recursos públicos nos anos 1990 e 2000, como o Rodeio Internacional e o Festival de Folclore.

¹⁵ Luís Augusto Fischer (2016, p. 14) recorda que a canção dos festivais transmitidos pela televisão nos anos 1960 no país tiveram importância central na forma como sua geração interpretava o mundo. Fischer refere-se à tarefa assumida pela canção, em época de ditadura, de informar, fazendo alusões e metáforas, simbolizar e interpretar o contexto social em que se vivia.

¹⁶ Victor Mateus Teixeira nasceu em 1927 na cidade de Rolante (RS). Como cantor e compositor, gravou 69 discos, vendendo mais de 18 milhões de cópias. Como cineasta, produziu e protagonizou 12 filmes – entre eles, *Gaúcho de Passo Fundo* (1978) (RIBAS, 2013, p. 347).

O arsenal discursivo da imagem do gaúcho como identidade se especializou por etapas. Até 1950, o livro foi o lugar de proeminência do gauchismo. A partir de 1960, o rádio começou a ganhar status de grande mídia e, em Passo Fundo, carregando consigo uma vontade de artistas e comunicadores de se representarem como “gaúchos”, o que não ocorria antes (MELO, 1998, p. 25). Já nos anos 1970, inicia-se uma fase de ampliação dos meios de comunicação locais, com protagonismo da Rádio Planalto AM, que na década seguinte fundaria uma emissora FM e, posteriormente, tocaria exclusivamente música gaúcha e cobriria eventos tradicionalistas da região (CANTÚ; AMBROS; SIQUEIRA, 1998, p. 126). As duas rádios são concessões da Fundação Cultural Planalto, que nos anos 1990 também passou a publicar a revista *Somando*, periódico mensal que publicava artigos em favor do ideário tradicionalista. Tanto a revista quanto as duas rádios, na data de 20 de setembro, voltam a programação a celebrar o mito gauchesco, junto a uma ideologia moralista, cívica e crítica à esquerda. Em textos e comentários radiofônicos, eram comuns posições de desvalorização da academia e da historiografia (RIBAS, 2008), comparáveis ao tom dos argumentos que dominam canais bolsonaristas, que se espalharam pelo Brasil nos últimos anos.

O mesmo processo foi notado nos jornais impressos. Na cobertura da Semana Farroupilha de 2006, por exemplo, a capa da edição do dia 12 de setembro do jornal *Diário da Manhã* é emblemática. Traz uma fotografia de um tradicionalista pilchado, montado a cavalo e com o chapéu junto ao peito, em um gesto de reverência cívica. A manchete dizia “Orgulho de ser gaúcho”. O curioso é o automóvel fusca que aparece ao fundo e sugere a pronta troca de locomoção do sujeito da imagem. “Orgulho gaúcho” é uma abstração repetida incessantemente nesta data por tradicionalistas e pela mídia. No mesmo ano, a cobertura do jornal *O Nacional* foi similar à do concorrente, evidenciando atividades de CTGs, a Mostra da Cultura Gaúcha e o desfile de 20 de

setembro. A diferença se deu através de artigos de opinião. Dentre eles, colunistas professores da UPF (Mauro Gaglietti e Mário Maestri), o superintendente da Fundação Cultural Planalto, Daltro Wesp, e os membros da Academia Passo-Fundense de Letras, Meirelles Duarte e Welci Nascimento. Os primeiros procuraram trazer subsídios históricos para refletir e desmistificar a Revolução Farroupilha. Ao contrário deles, Wesp endossou o ideário do MTG, escrevendo que o gaúcho deveria perpetuar “todos os seus valores e conquistas heróicas, conservando a tradição de um povo que lutou para sobreviver nas planícies sul-americanas, demarcando fronteiras para construir pátrias.”¹⁷

A televisão, por sua vez, teria papel preponderante, cobrindo amplamente as festividades gauchescas. Ilustra esta ligação o Campeonato RBS TV de Tiro de Laço, promovido junto ao MTG, nos anos 2000. A emissora também proporcionou espaço para o programete “Momento Gaúcho”, produzido e apresentado por Daniel Busch, aos domingos e em horário nobre, no intervalo do programa Fantástico.

Para concluir esta parte, nota-se que Passo Fundo alcançou um nível de cosmopolitismo no plano material equiparável a outras médias e grandes cidades do mundo. A reboque do processo de globalização, passou a gozar plenamente das tecnologias do imaginário, predominantemente analógicas naquela época. Afinal, sabe-se que a globalização é a cultura da imagem. Segundo Miguel Rojas Mix (2006, p. 25, tradução nossa), ela não se lê nem em inglês, nem em chinês, simplesmente se vê: “civilização da imagem, é aquela da imagem midiática: invasora, onipresente, que inunda nossa vida cotidiana”. Nesse contexto, “o imaginário é uma argumentação e como tal busca um ‘acordo prévio’ com o espectador. Mas o lugar reservado ao gosto, à sedução e à emoção é muito maior que o lugar para a argumentação oral” (ROJAS MIX, 2006, p. 35, tradução nossa). O gauchismo, da

¹⁷ *O Nacional*. Passo Fundo, 20 e 21 set. 2006, p. 15.

mesma forma, teria sido potencializado pelas tecnologias do imaginário, desenvolvendo-se através da imagem, da televisão, da festividade, da mídia.

O CURIOSO DIA EM QUE TRADICIONALISTAS FORAM À JUSTIÇA PARA CONSEGUIR ESPAÇO NA MÍDIA

Os três entrariam no Fórum de Passo Fundo no início da tarde de 25 de julho de 2007. Frente à porta giratória de segurança, passou primeiro o presidente do MTG, Oscar Fernando Gress, vestido a rigor. Logo atrás, o advogado. Então um terceiro homem teria parado e avisado que fumaria um cigarro antes de subir. Tirou um Marlboro vermelho do bolso da bombacha e o isqueiro da guaiaca. Prendeu fogo e ofereceu ao guarda, postado na entrada. – *Não, obrigado, estou de serviço.* Então falaram sobre a possibilidade de chuva naquele dia, sobre o assassinato ocorrido na madrugada e sobre a vontade mútua de largar o fumo. Minutos depois, apagou a bituca na sola da bota e dispensou na lixeira rasa ali no chão. O segurança cumprimentou e abriu a porta lateral. – *Pode entrar por aqui, tchê, tranquilo.* E o homem adentrou sua pilcha completa na casa da justiça.

Esperava o elevador no térreo para subir até a sala de audiência, quando um rapaz franzino, cabeludo, chegou meio apressado, bastante desconfiado. Mas não notou sua presença. Rodrigo de Andrade se esgueirou nas paredes e parou atrás do gauchão para aguardar. Não pôde deixar de notar o facão embainhado na cintura. Mudou os planos e subiu pelas escadas até o terceiro andar. Chegou bem na hora em que as únicas três pessoas vestidas de gaúcho dentro daquele Fórum se apuravam para adentrar a sala do juiz. – *Demorou para subir, hein* – comentou o advogado ao homem que havia fumado o cigarro. Perfilaram-se do lado oposto da mesa, em relação aos réus (os editores do jornal e o autor do texto maroto).

Essa alegoria literária que o leitor acabou de ler é baseada em entrevista realizada com Rodrigo de Andrade, o Garras, em 2014, com objetivo de rememorar os eventos ocorridos em 2005 e 2006, principalmente na tarde em que foi apreciada a ação¹⁸ do MTG contra a publicação do artigo “Sapateando na Bosta do 20 de Setembro”. Sem querer estabelecer um princípio de fidedignidade aos fatos, como se crêssemos em uma verdade objetiva, a reconstituição de pormenores daquela história conflui aos princípios do jornalismo gonzo¹⁹, cujo símbolo Andrade possui tatuado no braço esquerdo.

Tudo começou quando Rodrigo de Andrade recebeu a encomenda de um novo texto sobre a Semana Farroupilha para ser publicado na edição de setembro de 2005 do jornal *Cadafalso*. Mas Garras não cumpriu o *deadline* e os editores tiveram a ideia de publicar o artigo “Sapateando na bosta do 20 de setembro”, já famoso na internet, mas que nunca havia circulado no formato impresso. Rodrigo de Andrade relata que estava cursando a graduação em Jornalismo quando escreveu-o em 2003. Via e-mail, passou a circular e gerou as primeiras polêmicas. O autor recorda que, certa vez, foi lido no ar na Rádio Planalto, feito para criticar. Mas a maior repercussão veio com a publicação no jornal *Cadafalso*. Diz que teve gaudério que recolheu todos os exemplares

¹⁸ A ação MTG x *Cadafalso* tramitou no Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul sob o número de processo 021/1.06.0000447-8, a partir do dia 11 de janeiro de 2006, quando foi proposta. Após intimação dos réus, incluindo o autor do artigo, Rodrigo de Andrade, e os editores do jornal, Daniel Adreani Bittencourt e João Vicente Ribas, o juiz, João Marcelo Barbiero de Vargas, marcou uma audiência no Fórum, no dia 25 de julho de 2007. O MTG foi representado na ocasião por seu presidente, Oscar Fernando Gress, e pelo advogado Paulo R. Espíndola Meirelles (portanto, não há registro de um terceiro homem pilchado presente no dia da audiência). A ação havia sido protocolada pelo escritório da família Gehlen. Andrade foi representado pelos advogados Leandro A. Nedeff e Rodrigo Timm N. Carnacini, enquanto os editores do *Cadafalso* contaram com a representação do Sindicato dos Jornalistas, através do advogado e jornalista Celestino Meneghini.

¹⁹ De acordo com Eduardo Ritter (2018), o jornalismo gonzo é uma vertente mais radical do jornalismo literário. Estilo criado pelo norte-americano Hunter Thompson, que lança mão da prática da *parresía* jornalística, a fala franca. Para fazer uso dela, o jornalista precisa se posicionar, abrindo mão da imparcialidade e da busca pela objetividade, atitudes não tão aceitas no jornalismo cotidiano.

que encontrou e fez fogueira. A Câmara de Vereadores teria dedicado uma sessão quase inteira sobre o assunto, com a maioria dos edis espinafrendo o pasquim. Exceção teria sido Juliano Roso, que disse concordar com maior parte do conteúdo, mas discordar da forma que foi escrito, com palavras de baixo calão.

É importante registrar que de dois a três anos após a publicação impressa, Rodrigo de Andrade recebeu ameaças anônimas via internet e por telefone. Diziam que sabiam onde ele morava: “vou até aí te carnear”, “tua mãe nunca mais vai te ver”. Na época, Garras achava engraçado e até provocava os interlocutores (registre-se que era outro contexto político). O auge das represálias viria pela justiça. O MTG processou o autor do artigo, por injúria aos símbolos do Rio Grande do Sul, principalmente à data do 20 de setembro e ao cavalo crioulo, caricaturado na página do jornal (ver Figura 1). Na peça de abertura da ação, os advogados do escritório Gehlen escreveram que a injúria a esses símbolos ofenderia diretamente a honra de todos os cidadãos do estado: “Se o povo rio-grandense incluiu em suas leis máximas o cultivo à tradição gaúcha, obviamente que o palavreado leviano, ilícito, ofensivo, injuriante adotado pelo demandado há de ser punido na forma da lei”. Escreveram ainda que o autor teria intuito claro de ofender os valores tradicionalistas, consagrados por leis: “As expressões utilizadas pelo demandado, como se vê, vão muito além da simples crítica e da liberdade de pensamento”. O pedido incluía dano moral e publicação da sentença em jornal de grande circulação.

Enquanto tramitou o processo, e mesmo depois do acordo, foram publicadas apenas duas menções na imprensa local, em colunas de advogados. “A imprensa local virou as costas. Fizeram de conta que nada estava acontecendo”, lembra Rodrigo de Andrade. No jornal quinzenal *Rotta*, Júlio César Carvalho Pacheco (2007, p. 4) escreveu sobre o processo, quando estava prestes a ter a primeira audiência, elogiando e defendendo o *Cadafalso*: “Não me parece positivo a tentativa

Pasmem novamente, Rodrigo de Andrade é de família tradicionalista e chegou a frequentar CTG quando criança. Mas começou a se questionar sobre sua identidade enquanto passo-fundense, na adolescência. Depois que cursou História, sempre questionou as práticas tradicionalistas. Ainda, revela que nunca havia sentido medo como experienciara no dia da audiência no Fórum. Entretanto, o medo deu lugar a alguma esperança, pois, antes de começar a deliberar, o juiz afirmou que havia recém-chegado de uma viagem, estava participando de um congresso sobre liberdade de expressão. Garras afirma ter ficado aliviado nesse momento. Sobretudo quando, ao final da audiência, o juiz sugeriu um acordo. Para o réu autor do artigo, esse acordo enter-rava o pedido de dano moral e poderia apaziguar as ameaças que vinha sofrendo. Para os editores do *Cadafalso* também foi positivo, como forma de encerrar a contenda sobre injúria. Por mais que o MTG nunca tenha pedido direito de resposta ao jornal pelas vias óbvias (carta, e-mail, telefonema), na justiça ganhou esse direito, em contrapartida ao descarte da ação. Não deixa de ser irônico, pois o artigo denunciava o fato de que o tradicionalismo gaúcho sempre gozou de amplo espaço nos meios de comunicação regionais. Na Semana Farroupilha, então, a mídia veste bombachas. Não precisaria da capa de um veículo alternativo para defender seu ideal²⁰.

JORNALISMO CULTURAL E APROPRIAÇÃO DE IMAGINÁRIOS

O processo judicial em torno do artigo “Sapateando na bosta do 20 de setembro” faz parecer que o imaginário local na época se organizava somente em duas trincheiras opostas. Que o debate se estanca-

²⁰ O direito de resposta, fruto do acordo judicial, foi publicado na edição n. 19 do *Cadafalso*, em setembro de 2007. Tratou-se de um artigo de enaltecimento do tradicionalismo, intitulado “20 de setembro: o que comemoramos” e assinado pelo presidente do MTG, Oscar Fernando Gress.

ria entre a defesa e a desconstrução do gauchismo. Teoricamente, essa dualidade responde a uma noção negativa das práticas gauchescas. As primeiras teorizações na Sociologia e na História que definem o imaginário como um fenômeno coletivo que alimenta e faz o homem agir, entendem-no como “algo inexistente, falso, mentiroso ou irracional” (LEGROS; MONNEYRON; RENARD; TACUSSEL, 2007, p. 10), que precisa ser desvendado. Com o desenvolvimento das teorias do imaginário em diversos campos do conhecimento, chega-se a outras formas de concebê-lo. A partir da ideia de “imaginário social”, elaboraram-se três significados fundamentais: a dimensão mítica da existência social, a imaginação de outras sociedades e o imaginário cotidiano. Ou seja, o primeiro é o que inspira as mitoações e conduz ao esclarecimento de mitos dominantes de uma determinada época, de uma nação, etc. É esse fundamento que motiva as críticas ao tradicionalismo gaúcho e que estão na base do artigo de Rodrigo de Andrade²¹.

Outro questionamento que deve ser feito é sobre a sustentabilidade das crenças dos movimentos tradicionalistas, bem como a própria figura do gaúcho. Hoje em dia, estudos sérios revelam que esse passado mitificado, celebrado pelos embombachados, não passa de mero folclore. Trata-se de algo bem distante de alguma verdade histórica (ANDRADE, 2005, p. 1).

No entanto, quando chegaram à redação do jornal a réplica e a tréplica (não publicada²²), outros imaginários se revelaram, como o

²¹ Rodrigo de Andrade, conhecido como Garras, nasceu em 1979. É formado em História (2002) e Jornalismo (2009). Tem mestrado em Letras (UPF, 2008). Entre 2006 e 2012, editou o site Os Armênios, dedicado ao jornalismo cultural, que publicava essencialmente resenhas de rock. Em 2013, fundou o 180 Selo Fonográfico, que produz discos em vinil, CD, K7 e músicas em formato digital. Já lançou trabalhos de nomes como Cachorro Grande, Edgard Scandurra e Frank Jorge (COSTA, 2016).

²² Conforme se verá adiante, o primeiro artigo assinado pelo roqueiro recebeu uma réplica emepibista, que por sua vez gerou um retruco da turma do rock. O colecionador de discos Maurício Rigotto escreveu uma tréplica a Raul Boeira, ironizando sua posição de servidor pú-

significado fundamental de imaginação de outra sociedade, ligada às utopias, às ideologias revolucionárias e às esperanças. Consequentemente, o que se tornou alvo de disputa, no debate estabelecido a partir da réplica, não era mais o mito do gaúcho, mas as concepções de sociedade e cultura que se desejavam. A partir delas, acreditamos ser possível chegar à análise de novos imaginários, concatenados conforme o terceiro significado exposto por Legros, Monneyron, Renard e Tacussel (2007, p. 12) ao cotidiano, que reúnem práticas recentes, de todos os dias. São os imaginários da cultura rock e da MPB, apropriados e vividos localmente, que se deixam expressar em artigos de opinião durante uma disputa argumentativa. Logo, combinam com o significado utópico e ideológico dos imaginários.

A réplica ao “Sapateando na bosta do 20 de setembro”²³ foi publicada no mês seguinte, assinada pelo compositor e funcionário público Raul Boeira²⁴. No artigo de capa, intitulado “Revolutions, idólatras e carpetes”, o autor concorda com diversos pontos da crítica de Andrade ao gauchismo, mas ressalva o direito dos tradicionalistas em desfilar na Semana Farroupilha. Para além, refuta veementemente a idolatria do roqueiro aos músicos ingleses, enquanto enaltece compositores de MPB. Ou seja, contesta o lugar de fala, ao mesmo tempo em que revela o seu.

Não sei qual foi a intenção do jovem historiador, estudante de Jornalismo e mestrando em Estudos Literários.

blico, a partir de uma ideologia hippie de liberdade de comportamento. Mas o jornal *Cada-falso* não publicou, pois os editores consideraram o artigo muito pessoal. Ademais, o debate já continha contraponto. O criticado Garras também escreveu outra réplica, mas visando apenas a circulação na internet.

²³ *Cada-falso*. Passo Fundo, n. 3, out. 2005.

²⁴ Raul Boeira nasceu em Porto Alegre em 1956 e se mudou para Passo Fundo em 1974. Aprendeu a tocar violão frequentando as esquinas da Vila Cruzeiro, onde se reuniam jovens músicos que viriam a se tornar instrumentistas destacados internacionalmente, como Alegre Corrêa, Ronaldo Saggiorato e Guinha Ramires. Lançou dois discos de composições próprias de MPB: *Volume Um* (2008) e *Cada qual com seu espanto* (2016). Foi servidor público na Receita Federal entre 1979 e 2013 (O SULEM CIMA, 2017).

Se pretendeu expor sua deselegância e seus preconceitos, teve pleno êxito. História e Folclore são coisas sérias e não vou meter o bico em assuntos que não conheço. Confesso a minha ignorância quanto ao gauchismo/nativismo/regionalismo/tradicionismo e demais ismos do sul e longe de mim querer defender suas bandeiras. Mas penso que respeito é bonito (BOEIRA, 2005, p. 1).

Citando letras de canções da MPB, de Gilberto Gil, Chico Buarque, Belchior, Cazuza e Nei Lisboa, o contraposto questionou a idolatria do autor do texto original ao rock, dando o troco e debochando de ídolos como Eric Clapton, Mick Jagger e Paul McCartney: “Como pode um intelectual, *honoris causa in rock*, acusar os rio-grandenses de idolatrar e cultuar um herói mitificado e inventado, no caso, o gaúcho? [...] Todos sabemos que o rock é o território favorito da idolatria e do fanatismo” (BOEIRA, 2005, p. 1). Seus argumentos sintonizam-se com um imaginário emepebista gestado nos anos 1960 e 1970, que rivaliza com a cultura pop importada e valoriza as expressões brasileiras ditas populares, da música de classe média e de esquerda, que investiram na mobilização e protesto contra a ditadura. Implicitamente, o articulista goza de um suposto privilégio de ser o único revolucionário vencedor, visto que escreve que gaúchos e roqueiros perderam suas batalhas. Os primeiros, na Revolução Farroupilha; os segundos, na pretensa revolução de costumes dos hippies, derrotados pelos yuppies que teriam dominado o rock com suas práticas comerciais. Cabe destacar que Boeira surfava na onda favorável da retomada democrática do país, com a ascensão do primeiro presidente operário, que havia recém-nomeado como ministro da Cultura um dos principais nomes da MPB, Gilberto Gil. Mesmo assim, também relata ter sofrido ameaças anônimas.

A fim de que façamos uma análise do ponto de vista jornalístico, é importante observar que a comunicação é um processo que se

dá no cenário cotidiano do reconhecimento social, da constituição e expressão dos imaginários a partir dos quais as pessoas representam aquilo que temem ou que têm direito de esperar, seus medos e suas esperanças. Jesús Martín-Barbero (2004, p. 63) escreveu que nos meios de comunicação não apenas se reproduz ideologia, mas também “se faz e refaz a cultura das maiorias, não somente se comercializam formatos, mas recriam-se as narrativas nas quais se entrelaça o imaginário mercantil com a memória coletiva”. Assim, questiona-se o purismo cultural, expresso principalmente nas defesas tradicionalista e emepebista, que presumem a autenticidade e a preservação das culturas, evitando as contaminações externas. Segundo Martín-Barbero (2004, p. 68-69), “não é possível ser fiel a uma cultura sem transformá-la, sem assumir os conflitos que toda comunicação profunda envolve. Por conseguinte, questiona-se uma política meramente difusionista da comunicação como simples instrumento de propagação cultural.

Por outro lado, existem modelos de comunicação que convergem para o reconhecimento da competência comunicativa das comunidades e da capacidade de apropriação: “comunicação significará então colocação em comum da experiência criativa, reconhecimento das diferenças e abertura para o outro” (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 68-69). Com isso, percebemos que tanto a cultura gauchesca quanto a ideia de cultura brasileira da MPB e a de contracultura do rock são construções potencializadas pelas tecnologias do imaginário, com suas ressonâncias mais ou menos institucionalizadas na cidade de Passo Fundo. Sem a restrição do purismo cultural, percebe-se que o imaginário gauchesco, conforme já se dissertou neste artigo, é um fenômeno contemporâneo e midiático. O rock, por sua vez, junto às filosofias hippie e da contracultura, não pode ser resumido ao absolutismo da imitação da indústria cultural. É preciso considerar suas alternativas de produção e de consumo, que proporcionam transformação, hibridismo e complexidade (SAGGIORATO, 2012, p. 297). E a MPB,

por fim, é um gênero musical que pode se esconder atrás da ideia de “popular”, desligando-se de sua intrínseca relação com a cultura midiática (JANOTTI JR, 2008, p. 206). A sigla contempla esferas de alta legitimidade nas hierarquias da música brasileira, e no contexto atual “tem sido usada como categoria de classificação de um certo estilo musical praticado por artistas intelectualizados” (TROTTA, 2011, p. 117). Por consequência disso, criou-se uma distinção que confere a ela maior fonte de referência de qualidade, em detrimento de outros gêneros. A noção de “sofisticação” musical, poética e técnica da MPB colaborou “para sedimentar o estilo como núcleo do ‘bom gosto’ na música popular” (TROTTA, 2011, p. 132).

Tal noção de distinção também permeou historicamente o jornalismo cultural brasileiro, que se viu ameaçado, a partir da década de 1980, pela forte tendência de misturar informação com entretenimento, por influência da televisão. Pensava-se a decadência relativa dos jornais como resultado da “redução da informação das massas ao meio televisual” e da “subsunção do jornalismo aos esquemas da indústria cultural”, fenômenos inscritos na racionalidade da sociedade capitalista (RÜDIGER, 1993, p. 80). Vale enfatizar que a ideia de jornalismo cultural se constituiu ao longo das décadas nos suplementos de grandes jornais ou de revistas especializadas como território do texto em profundidade, do ensaio, da entrevista, da crítica e da reflexão (RIVERA, 1995, p. 33). O *Cadafalso*, ao lado da verve contestadora, certamente inspirou-se neste parâmetro cultural elitista para sua linha editorial e por isso publicou diversos artigos enaltecendo a Cultura com C maiúsculo. Mas nossa análise deste debate específico, que envolveu tradicionalistas, roqueiros e emepebistas, acaba evidenciando a presença da configuração de imaginários que extrapolam esse referencial consagrado.

Embora a tendência da distinção paute o jornalismo cultural, nesse gênero/editoria mais frequentemente os valores de empatia po-

dem sobrepor-se aos da racionalidade, sem que isso signifique demérito. Virginia Fonseca afirma que os jornalistas compartilham valores profissionais e uma deontologia, “como são exemplos o dever de verdade e os ideais de objetividade, de isenção e de seleção das notícias a critério do interesse público” (FONSECA, 2016, p. 10). Porém, a subjetividade tende a dominar o campo em que juízos estéticos e culturais compõem as notícias. O lançamento de um disco, por exemplo, não é noticiado apenas como fato em si, mas acompanha análise crítica. Assim, além dos valores deontológicos do jornalismo, profissionais da editoria de Cultura tendem a incorporar em sua ação valores próprios da cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na terra sempre celebrada como “de Teixeira”, em que se reproduziu durante décadas um imaginário hegemônico conservador que repete periodicamente suas bravatas de apelo popular, pode-se notar a ascensão de outros imaginários, baseados na rebeldia e na erudição. O *Cadafalso* fez parte de um processo que vinculou o jornalismo que se incrementava na cidade, via Universidade, aos seus devires alternativos, que têm como personificação o passo-fundense, editor d’*O Pasquim*, Tarso de Castro.

Ao retomarmos a questão de que o fenômeno cultural do “gauchismo” se consagrou como representação hegemônica na cidade de Passo Fundo, notaremos que estes imaginários emergentes do rock e da MPB ascenderam nas páginas do *Cadafalso* espontaneamente. Afinal, o debate proposto a princípio era apenas de refutar a versão dominante da identificação local. Era contrapor o discurso corrente de conservar uma tradição gaúcha, baseando-se nos argumentos de que se trata de práticas inventadas. Porém, é inescapável entendermos que na cultura contemporânea, que alguns autores chamam de pós-moder-

nidade, os elementos contribuintes para a formulação de imaginários são colhidos de referências do espaço e do tempo que servirem melhor ao indivíduo, considerando que se tem acesso a múltiplas referências no mundo, através do desenvolvimento da comunicação. Por isso, a contenda dos imaginários é uma forma de disputa pela hegemonia da representação local e da ideia do que é propriamente cultural e merece destaque em uma publicação com essa adjetivação. E nesta batalha, tradicionalistas saem na frente, municiados dos mais abrangentes aparatos institucionais e de mídia. Já emepistas e roqueiros, no caso de Passo Fundo dos anos 2000, passaram a dar vazão a suas concepções de mundo de forma mais contundente, quando um jornal alternativo começou a circular na cidade.

O imaginário é algo extraordinário, é “uma alternativa ao tédio do real” (SILVA, 2017, p. 35). Não se trata, portanto, de definir o que é real e o que é imaginário. Mas de perceber que o imaginário produz interações, mobiliza, agrega e estabelece contendas que põem em jogo a vivência cotidiana e as aspirações de futuro que se quer para si e para a cidade, colorindo a existência com a canalização do excedente de imaginação. Mesmo quando se imprimiam páginas de papel jornal somente com tinta preta.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. *História da Educação*, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 14, set. 2003. p. 79-95.

ANDRADE, Rodrigo. *Entrevista concedida a João Vicente Ribas*. Passo Fundo, 5 out. 2014.

ANDRADE, Rodrigo. Sapateando na bosta do 20 de setembro. *Cada-falso: uma publicação cultural independente*. Passo Fundo (RS), Ano 1, n. 2, set. 2005.

BATISTELLA, Alessandro (org.). *Passo Fundo: sua história*. Passo Fundo: Méritos, 2007.

BERTOL, Sônia. *Tarso de Castro: editor de “O Pasquim”*. Passo Fundo: UPF Editora, 2001.

BOEIRA, Raul. Revolutions, idólatras e carpetes. *Cadafalso: uma publicação cultural independente*. Passo Fundo (RS), Ano 1, n. 3, out. 2005.

CADAFALSO. *Cadafalso: uma publicação cultural independente*. Passo Fundo (RS), Ano 1, n. 2, set. 2005.

CADAFALSO. *Cadafalso: uma publicação cultural independente*. Passo Fundo (RS), Ano 1, n. 3, set. 2005.

CADAFALSO. *Cadafalso: uma publicação cultural independente*. Passo Fundo (RS), Ano 2, n. 11, set. 2005.

CANTÚ, Jonas; AMBROS, Jussara Rodrigues; SIQUEIRA, Rosimar Serena. Construção política, econômica e cultural: Passo Fundo nos últimos cinquenta anos. In: DIEHL, Astor A. (org.). *Passo Fundo: uma história, várias questões*. Passo Fundo: UPF, 1998. p. 115- 133.

CARDOSO, Tom. *Tarso de Castro: 75 kg de músculos e fúria*. Rio de Janeiro: Planeta, 2005.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

COSTA, Marcelo. *Scream & Yell*. Entrevista: Rodrigo de Andrade (Selo 180). 26 ago. 2016. Disponível em: <http://screamyell.com.br/site/2016/08/26/entrevista-rodrigo-de-andrade-selo-180/>. Acesso em: 8 ago. 2020.

DACANAL, J. H. *RS: modernização x arcaísmo, trinta anos na trincheira*. Porto Alegre: Leitura XXI, EST, 2004.

DIÁRIO DA MANHÃ. *Orgulho de ser gaúcho*. Passo Fundo, 12 set. 2006, p. 1.

FISCHER, Luís Augusto. Como ensinar o que aprendi sem perceber: a canção popular brasileira como um curso universitário. In: FISCHER, Luís A; LEITE, Carlos A B. (org.). *O alcance da canção: estudos sobre música popular*. Porto Alegre: Arquipélago, 2016. p. 10-29.

- FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. Jornalismo, ação racional conforme os fins e os valores. *E-Compós*, Brasília, v. 19, n. 1, jan/abr. 2016.
- GENESINI, Silvio. A pós-verdade é uma notícia falsa. *Revista USP*, São Paulo, n. 116, jan/fev/mar. 2018. p. 45-58.
- GOLIN, Tau. *A ideologia do gauchismo*. 2. ed. Porto Alegre: Tchê, 1983.
- GOLIN, Tau. Identidade gentílica e capital simbólico. In: BATISTELLA, Alessandro (org.). *Passo Fundo: sua história*. Passo Fundo: Méritos, 2007. pp. 451-469.
- GOLIN, Tau. *Identidades: questões sobre as representações socioculturais no gauchismo*. Passo Fundo: Clio, Méritos, 2004.
- HICKMANN, Jaques. *Cadafalso: um jornal alternativo ou cultural?* Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade de Passo Fundo, 2006.
- JACKS, Nilda. *Mídia Nativa: indústria cultural e cultura regional*. 3.ed. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: D. MORAES (org). *Por uma outra comunicação: Mídia, Mundialização Cultural e Poder*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- MELO, Orfelina Vieira. *Resgate da música gaúcha em Passo Fundo*. Passo Fundo: Berthier, 1998.
- OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-Nação*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- OLIVEN, Ruben George. O processo de construção da identidade gaúcha. In: RECKZIEGEL, Ana Luiza G. S; FÉLIX, Loiva Otero (orgs.). *RS: 200 anos definindo espaços na história nacional*. Passo Fundo: UPE, 2002.
- OLIVEN, Ruben George. O renascimento do gauchismo. In: FISCHER, Luís Augusto; GONZAGA, Sergius (org.). *Nós, os gaúchos*. Porto Alegre: UFRGS, 1995.
- O NACIONAL. Passo Fundo, 20 set. 2006.
- O SUL EM CIMA. *O Sul em Cima – Raul Boeira*. Blog do Kleiton

Ramil. 30 mar. 2017. Disponível em: <http://osulemcima.com/blog/2017/03/30/o-sul-em-cima-raul-boeira/>. Acesso em: 8 ago. 2020.

ROJAS MIX, Miguel. *El imaginario: civilización y cultura del siglo XXI*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006.

PACHECO, Júlio César de Carvalho. MTG x Cadafalso. *Jornal Rotta*. Passo Fundo (RS), Ano 8, n. 150, 1 a 15 jul. 2007.

RIBAS, J. V. A representação cultural gauchesca do município de Passo Fundo. *Dissertação* (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo. 2008.

RIBAS, João Vicente. A representação municipal do Gaúcho de Passo Fundo. *Revista Latino-Americana de História*, v. 2, p. 345-361, 2013.

RIBAS, João Vicente; BATISTELLA, Alessandro. Tarso de Castro: o passo-fundense menos passo-fundense do Brasil. In: *Rato de redação: uma homenagem a Tarso de Castro, um jornalista brasileiro*. GAGLIETTI, Mauro; CARMO, Aline; SCHEAFFER, Olmiro Lara. Passo Fundo: IMED, Passografic, 2010. p. 105-114.

RITTER, Eduardo. Jornalismo gonzo e parresía na política: o texto literário de Hunter Thompson como oposição a Richard Nixon. *Revista Científica de Comunicação Social do Centro Universitário de Belo Horizonte (UniBH) e-Com*, Belo Horizonte, v. 11, nº 2, 2º semestre de 2018.

RIVERA, Jorge B. *El Periodismo Cultural*. Buenos Aires: Paidós, 1995.

RÜDIGER, Francisco. *As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores*. Porto Alegre: Sulina, 2013.

RÜDIGER, Francisco Ricardo. *Tendências do Jornalismo*. Porto Alegre: UFRGS, 1993.

SAGGIORATO, Alexandre. Rock brasileiro na década de 1970: contracultura e filosofia hippie. *História: Debates e Tendências*, v. 12, n. 2, jul-dez. 2012. p. 293-302.

SILVA, Juremir Machado da. *Diferença e descobrimento: o que é imaginário?* Porto Alegre: Sulina, 2017.

WESP, Daltro. Assim se fez o gaúcho. In: *O Nacional*. Passo Fundo, 06 e 07 set. 2006, p. 19.

ON ANKARTE

Uma publicação do Jornal O Nacional Ano 11 - Nº 4 - Passo Fundo, 14 de Dezembro de 1965 - CR\$ 3.000

Ivaldino Tasca



**“ELE TEM UMA INFORMAÇÃO
DE FONTE SEGURA”**

ENTREVISTA COM IVALDINO TASCA POR
FABIANA BELTRAMI

*Sempre vou brigar por
milímetros de democracia*

Em 2012 uma fotografia que fiz saiu na capa do jornal Diário da Manhã, no dia seguinte a minha colega de trabalho, Janaína Tasca, veio até mim e disse que o pai dela queria conhecer quem tinha feito aquela foto. Assim, pela capa de um periódico local e pela fotografia, conheci o jornalista Ivaldino Tasca. Nascido em 20 de janeiro de 1947 em Barra Funda no interior de Sarandi/RS, veio para Passo Fundo em 1961 com 14 anos. Começou a fazer jornalismo ainda na escola e entrou para a política muito cedo; descobriu o que era liberdade de imprensa tendo que lutar por ela e escreveu sobre tudo. Foi precursor no jornalismo agropecuário, furou a revista Veja, foi o primeiro jornalista a chegar e noticiar o Movimento Sem Terra em encruzilhada Natalino, escreveu para o Correio do Povo, Folha da Manhã, Folha da Tarde da Cia. Caldas Junior de Porto Alegre, o Indicador Rural do Rio de Janeiro, foi *freelancer* para a Folha de São Paulo, trabalhou no O Nacional, Diário da Manhã, fez rádio, revista e criou sua própria editora Aldeia Sul. Foi vencedor do Prêmio Esso de Jornalismo no interior. Teve cargos políticos e sonhou com um país para todos. No decorrer desta entrevista Tasca comenta sobre o texto, sobre as pautas memoráveis que fez, as mais lidas, sobre o cotidiano da imprensa, sobre a fotografia e o Clichê. Antigamente, para se colocar uma fotografia nas páginas dos jornais, se utilizava o clichê, uma espécie de carimbo para se imprimir as imagens junto ao texto; colocar uma fotografia no jornal era caro e, por isso, o mesmo clichê era usado por anos, fazendo com que os personagens registrados nas páginas dos jornais permanecessem sempre com o mesmo semblante, jovens. Assim é Tasca - um jornalista que viveu as principais mudanças tecnológicas nestes mais de 50 anos

de profissão, um dos jornalistas mais atuantes em Passo Fundo e no estado, que acompanharam, sem perder a essência e a experiência, as mudanças sociais, políticas, econômicas, tecnológicas, culturais e, é claro, sempre escrevendo ou falando sobre. Nesta conversa¹, realizada no dia 11 de agosto de 2020, ele fala seu percurso no jornalismo local, como era publicar notícia no período analógico, sua caminhada como político, fatos marcantes noticiado por ele, suas fontes e como o jornalismo salvou a sua vida.

FABIANA: Ivaldino, antes de tu ser jornalista, qual é a primeira memória que te vem à mente, relacionada à informação, à imprensa, seja ela de qualquer veículo. Tu tem alguma recordação?

TASCA: Acho que de uma certa forma sim, porque uma das coisas que eu sempre estive metido a fazer, tanto no Colégio Conceição, como na universidade, era jornal. Nós do Conceição tínhamos, se não me engano, o “Aliança”, que era um jornal dos colégios católicos e eu andei metido naquilo. Quando eu fui presidente do Diretório Acadêmico do Direito (já na UPF), nós fizemos a única e última edição do jornal chamado “Crise”, em plena ditadura. O “Aliança” foi antes, então não tinha nada ver com censura, mas o “Crise”, sim. Tanto é que o “Crise” acabou sendo quase que apreendido porque a gráfica sentiu que estava muito agressivo e não queria nos entregar o jornal. E nós, meio que entramos por uma janela pra pegar o jornal, depois pagamos direitinho, tudo sem problemas. Mas pra pegar os exemplares e distribuir o jornal “Crise. Outra coisa que eu andava metido era com mural. Não sei se os colégios têm hoje, mas, antigamente, os grandes murais eram parecido com um quadro negro, grande, em que você semanalmente botava coisas. Eu lembro de um dos que chamou muita atenção quan-

¹ A entrevista foi realizada com a colaboração de Camila Pellin, graduanda do Curso de Jornalismo da Universidade de Passo Fundo.

do eu estava no Conceição ainda foi um mural e que nós mostramos recortes de um revista. Se eu não estou enganado era O Cruzeiro, uma das revistas de circulação nacional, que trazia fotos sobre o drama da seca, da fome Nordeste. Então em termos de imprensa, sempre tinha alguma coisa nesse sentido.

FABIANA: O período do Conceição era que ano? E que idade você tinha?

TASCA: O Conceição é antes de 64, então tinha 14 anos (1961), por aí. E depois na Universidade, 17, 18. Porque na Universidade eu não tinha maioria para poder concorrer a presidente de Diretório e eu ganhei a maioria antecipada.

FABIANA: E antes disso, tu tem alguma recordação, da infância? De ouvir rádio, do que tu lia?

TASCA: Sim, a gente em Palmeira, ouvia muito a rádio Belgrano de Buenos Aires. Nós não tínhamos rádio, quando íamos visitar alguém, eles ouviam muito isso. Eu me lembro “rádio Belgrano Buenos Aires”, isso tá na minha memória. E aos domingos nós íamos, em um vizinho. Tô falando de nove, dez anos, final dos anos 50. Mas ia pra ouvir o grande Rodeio Curinga que eu acho era da rádio Guaíba, alguma coisa assim. E uma coisa que sempre chamava atenção, como nós tínhamos o Clube 10 de Julho, o Café Natal em Palmeira, a gente tinha seguidamente revistas e eu abria a última página da revista O Cruzeiro pra ver do Péricles - O Amigo da Onça. Já viu? Algo nesse sentido, que eu me lembre.

FABIANA: A tua trajetória, dá pra se dizer, que ela inicia com um olhar jornalístico, na produção jornalística, ainda incipiente do profissional mas ela inicia então no Colégio, depois na faculdade.

E aí quando que inicia a trajetória profissional, que você começa a trabalhar com o jornalismo?

TASCA: Mas mesmo nesse período eu nunca sonhei em ser jornalista. Eu queria ser, inicialmente, agrônomo, e não sei por que... ah, acho que foi porque fechou a faculdade de agronomia aqui. Depois fui fazer Direito e Filosofia. E aí, por causa da Ditadura, a Universidade acabou achando, literalmente, uma maneira de me defenestrar do Direito. E aí quando chega o fim dos anos de 1969, o papai faliu os negócios aqui e aí foi pra Porto Alegre. Daí nós fomos pra Porto Alegre, e eu lembro que em Porto Alegre eu fiz um teste pra participar dos laboratórios Abbott do Brasil. Eles tinham, como tem hoje o cidadão, a cidadã, que saem fazendo *merchandising* junto aos médicos. E eu passei. Mas antes de ir pra Porto Alegre, aqui eu passei um período, que precisava de dinheiro, fazendo revisão no O Nacional, como *freelancer*. Ganhava uns trocos ali. De noite eu ia lá fazer a revisão antes de rodar o jornal.

FABIANA: Dá pra se dizer que esse período era 1965?

TASCA: Não, esse período é mais tarde. É 68, 69, por aí. E aí que eu fui pra Porto Alegre.

FABIANA: Como é que era o jornal O Nacional nesse período que tu fazia revisão? Eram jornalistas que escreviam as notícias e você só fazia a revisão?

TASCA: Eu só fazia revisão nesse período.

FABIANA: Mas e você fazia isso lá dentro?

TASCA: Lá, lá dentro. Porque eles tiravam uma prova do que ia ser

impresso. A gente dizia “subia” porque estava numa espécie de porão e nós estávamos em cima. E vinha o original, que o jornalista tinha batido a máquinas numa lauda e vinha essa prova. A gente, em dois, ficava lendo, ou às vezes só um ficava lendo, e corrigindo o que o cara que trabalhava ali no “tipo” (Tipos eram as fontes, letras), hoje chama digitado, mas tinha linotipado, pra fazer o jornal. Nós fazíamos essa revisão. Mas aí em Porto Alegre eu estava lá fazendo outras coisas e eu estava com viagem marcada inclusive pra São Paulo, para passar um período de teste no laboratório Abbott, quando Seu Múcio (Múcio de Castro, proprietário do jornal), pai da Mara (posteriormente se torna esposa do Ivaldino), nesse período da revisão eu falava muito com ele, me chamou para nós conversarmos em Porto Alegre e me fez a proposta de vir pra cá. Porque não precisava do curso de Jornalismo na época. Aí como eu já estava namorando a Mara, isso pesou...essa decisão pesou, a paixão pesou. Eu deixei o alto salário (na Abbott) para vir trabalhar por um salário menor. E aí vim, isso já é 71. Eu saí daqui final de 69, início de 70, por aí e fui pra Porto Alegre e aí início de 71 eu voltei pra assumir no O Nacional.

FABIANA: Então foi o teu primeiro emprego como jornalista?

TASCA: Como jornalista sim. Lá (em Porto Alegre) eu trabalhei (também) como secretário executivo do Sindicato das Indústrias, Laticínios e Produtos derivados do Estado do Rio Grande do Sul. Ali também fazia uma espécie de Relações Públicas, ajudava a direção do Sindicato a fazer comunicação para os seus associados.

FABIANA: Uma comunicação que a gente diria hoje interna, endocomunicação...

TASCA: É! Sabe, mandar mensagem, eu escrevia alguns textos. Para a

época, eu era diferenciado, eu tinha ido até o terceiro ano de Direito e dois anos de Filosofia então eu tinha, pra esse tipo de atividade, um grau de informação muito grande. Na época eu não conseguia outros empregos porque eu estava incurso na Lei de Segurança Nacional, aí tu não achava quem te empregasse, era difícil e esse emprego do Sindicato foi uma prima minha que foi conversar com um cara que ela conhecia que me levou pra lá. Então essa área da comunicação, como não precisava ser jornalista, eu tinha informação básica, acho que escrevia melhor naquela época do que agora. E aí comecei a trabalhar.

FABIANA: Tu lembra da tua primeira reportagem?

TASCA: Lembro, eu nunca vou esquecer. Seu Múcio me chamou para cobrir era uma greve de taxistas. Os taxistas iam entrar em greve, eu não lembro os detalhes. Mas Seu Múcio me chamou. Eu peguei as minhas laudinhas e fui fazer. Eu acho que eu devo ter escrito duas, três laudas sobre a matéria.

FABIANA: Lauda naquele período é a mesma coisa que hoje duas, três páginas? Tamanho ofício?

TASCA: Isso. Mas é máquina de escrever...uma Olivetti e eu me deitei a escrever e levei pro Seu Múcio.

FABIANA: Corrigiu tudo...

TASCA: Seu Múcio cortou, cortou o texto e me deu para passar a limpo.

FABIANA: Além das histórias, eu gostaria de entender também um pouco do processo de fazer jornalismo neste período. Tu disse que o Múcio te pediu para fazer a reportagem da greve, mas

quando eles pediam a pauta né, eles só diziam isso? - ‘vai ter uma greve de taxistas, vai lá e te vira’?

TASCA: Ele me disse isso: ‘vai sair uma greve de taxistas’ porque o cara passou na frente da casa dele, o cara do táxi, e disse ‘oh Seu Múcio vai ter uma greve de táxi’ e ele me disse ‘vai fazer’. E essas três, quatro laudas, só pra encerrar essa parte, reduziu a pouco mais que meia (lauda). Foi a primeira e última vez que mexeram nos meus textos.

FABIANA: Foi a única pessoa que mexeu, e a primeira vez?

TASCA: A primeira e última vez que alguém mexeu no meu texto. Com exceção de algum trabalho *freelance* que fazia pra Folha de São Paulo e tal, coisa assim. Muito esporadicamente o Estadão pediu. Mas senão ninguém mexia mais nos meus textos.

FABIANA: Mas por que? Por que não precisou ou por que tu não...

TASCA: Porque eu aprendi a lição rapidamente. De ser objetivo com relação à informação. Caiu nas minhas mãos logo em seguida aquele que, porque, não sei como, o Manual de Redação. Quando eu fui pra Caldas Júnior muitos anos depois, eles me deram um Manual de Redação.

FABIANA: Tu aprendeu então o lide - O quê, quando, onde, como, porquê e quem. A formatação reduzida, digamos assim, das informações.

TASCA: Mais adiante um pouquinho...

FABIANA: E o Seu Múcio entendia bastante de fazer jornalismo?

Era uma pessoa dedicada a entender como é que estava a comunicação impressa no RS, digamos, nacionalmente?

TASCA: Ele aprendeu como eu, na marra. E ele era um cara muito atilado, era um cara de boa leitura, né. E ele entrou no jornal, como ele sempre gostava de contar: descascando bergamota, pedindo um emprego. E começou lá também, fazendo atividades meio de office boy, depois pra revisão e depois pra redação e foi crescendo, crescendo, até se tornar dono do jornal. O que que tu perguntou com relação a pauta?

FABIANA: A questão de como ela era encaminhada pro jornalista. No sentido de que, pelo que eu entendi, alguém deu a pauta pro Múcio disse ‘oh, vai acontecer isso’, ele chegou na redação e falou pra ti ‘fiquei sabendo que vai acontecer isso, vai lá e veja o que é e faça.’

TASCA: Mais ou menos, eu tô me lembrando. Nós tínhamos assim, como redator quando eu comecei tinha o José Adalberto Prates. Nós dois pegava (a pauta) ‘onde é que tu vai?’ ‘hoje eu vou pra polícia.’ A gente ía e, era assim a rotina: ir pro plantão da polícia para ver o que tinha acontecido, ir pra Câmara de Vereadores ver se tinha alguma coisa nova, ir pra prefeitura ver se tinha alguma novidade. Dependendo da época ia lá pra Cooperativa, em época de plantio, a gente tinha mais ou menos na mente onde ir. Aí tinha o João Vieira que fazia publicidade mas tinha uma coluna, ele tinha contato com a superestrutura da comunidade e aí trazia dicas também, ele fazia uma coluna sobre variedades. Tinha o João Freitas que era funcionário da Câmara (de Vereadores) e tinha uma coluna e que nos dava dicas políticas. Então vamos pegar 71, 72, sabe? Vamos pegar isso. Essa realidade, 71, 72, então tinha o Seu Múcio que era muito bem informado sobre a co-

munidade. O João Freitas que tinha uma visão política muito forte. Tinha o João Vieira, o José Adalberto, tinha eu, o Décio Ilha, que era colunista social e um cara de um grau de informação, de leitura e uma inteligência avançadíssimas. E o jornal, naquela época, era uma espécie de ponto de encontro de quem tinha projeção, as pessoas iam lá. Nós estávamos numa ditadura, nós não tínhamos a densidade de informação que se tem hoje. O próprio radialismo recém estava investindo em informação. O rádio era mais música e utilidade pública, fazia um noticiário ao meio dia e à noite e depois desaparecia. E O Nacional junto com o Diário da Manhã eram quem produzia informação para comunidade. Então, o jornal vivia cheio de gente que com o tempo vinha conversar também comigo ou com o João Freitas quando ele ia lá, como o Vieda, o Décio, o Adalberto e com o Seu Múcio, dependendo do viés ideológico de quem entrava. Então, o jornal era um centro de informação da comunidade, estava ali absorvendo as preocupações, aquelas coisas um pouco mais rápidas ‘mataram alguém, vai na polícia, roubaram, assaltaram’. Outra coisa: foi um período de extrema violência os anos 70, foram talvez os anos mais violentos em termos de assalto, de assassinato, roubos. Foi o ano em que nós, inclusive os de sacanagem, falávamos: ‘Passo Fundo, a Chicago dos Pampas’, tal era o índice de violência. Dentro do jornal tinha uma efervescência grande sobre tudo que ocorria na cidade. Chegava em alguns momento que tu não precisava nem sair do jornal pra fazer o jornal do outro dia.

FABIANA: Por que todo mundo chegava ali?

TASCA: Alguém sempre chegava, vinham vindo, trazendo informações, novidades

FABIANA: Mas e como é que era então a apuração da informação? Se a pessoa estava falando a verdade ou não?

TASCA: Mas não tinha problema, na fonte tu podia confiar. Nunca tive um problema de fonte. Na época, ao menos. Podia confiar na fonte. Nunca tivemos que desmentir nada quando era algo local. O que era nacional e internacional alguém gravava isso, não lembro se era a Tupi do Rio, era Globo, era a Voz do Brasil, gravava o noticiário da rádio que tu pegava em ondas curtas. Gravava depois transportava para o papel (era o chamado telegrama), degravava (transcrevia) e aquilo era o noticiário da primeira página. O Nacional, na época, sempre deu muito destaque para fatos internacionais, sabe? Crise dos mísseis em Cuba, por exemplo, foi primeira página no O Nacional várias vezes. A ida do homem à lua também foi muito noticiado.

FABIANA: E isso era o tipo de informação que a população, a comunidade leitora, se interessava?

TASCA: Sim, porque ela não tinha outra fonte. Qual era a fonte de informação? Porque veja bem, a partir de 75, 76 eu não falo mais sobre isso. Aqui tinha a Rádio Municipal e a Rádio Passo Fundo. Elas não davam tanto destaque ao noticiário, aquilo que eu falei, o radialismo era mais entretenimento, música, ‘Tangos dentro da noite’, ‘Hora do recado’, ‘Amanhã não sei o que’, ‘A tarde não sei o que’, ‘Alô, alô Pontão, segue encomenda pra Ernestina’, sabe, o rádio era isso e funcionava. Bah, foi quando começou a funcionar até a meia noite, aí foi um avanço. Então, tu tem que imaginar uma outra realidade pro jornalismo. A legalidade aqui em Passo Fundo. Nós tínhamos/tivemos que fazer um livro com a cobertura que os dois jornais, tanto O Nacional como o Diário da Manhã, deram na primeira página (A Aldeia Sul publicou um livro com as páginas dos jornais mostrando as notícias sobre a Legalidade).

FABIANA: O que que foi a legalidade em curtas palavras?

TASCA: Foi uma reação para que se cumprisse o que determinava a constituição. O presidente Jânio Quadros renuncia, e quem assumiria era o vice Jango Goulart. Foi um movimento liderado pelo governador Leonel Brizola para que se cumprisse a Constituição. Mas isso eu não vivi, a legalidade é bem antes. Eu não convivi muito com isso porque eu era mais pitoco na época. Mas a legalidade tá nas primeiras páginas. A crise da Universidade tá nas primeiras páginas de O Nacional. Mais adiante, nos anos 70, eu abri manchete de crimes. A gente fez uma experiência interessante, não me lembro a época, a gente, durante 30 dias, procurou botar nas oito colunas do jornal standart aquilo que nós chamávamos “notícia positiva”. Tipo, não é isso a notícia, mas vou dar um exemplo, ‘inaugurado o centro de pesquisa de trigo’, ‘hospital compra novo equipamento’, ‘prefeitura faz novo investimento’. Fizemos 30 dias e monitoramos a reação da população com relação ao jornal.

FABIANA: Mas e como é que monitoravam isso?

TASCA: Se alguém procurava um exemplar na redação ou não, nas bancas que vendiam o jornal. Nós tínhamos umas oito, dez bancas, mais ou menos, pois a maior parte era entregue em casa, já que a maioria das tiragens eram para assinantes. Aí invertemos, no mês seguinte a gente dizia ‘é sangue, é muito sangue’, não aperta o jornal que tu te suja as mãos - ‘mata cinco, assalta e rouba’. Aumentou a venda nas bancas. As bancas que vendiam três, quatro, dois (exemplares) vinham buscar mais, querendo mais cinco, mais dez, mais oito (exemplares), enfim. Não saberia dar número mas cresceu (a procura), então sabíamos que a população queria ler era sangue mesmo, como faz até hoje. E era difícil de fazer jornal porque nós entrávamos na redação, no meu caso, mesmo antes de assumir, entrava 14 horas e saía de lá 1, 2, 3 horas

da manhã, porque tudo era muito difícil, tudo era muito complicado. No meu caso, que eu fui assumindo algumas outras responsabilidades, porque eu ajudava na revisão, sabe? Ficava mais, então enquanto o jornal não começasse a rodar a gente não saía da redação. É diferente esse comportamento de hoje. A gente vivia jornalismo 24 horas por dia. Respirava isso, 24 horas por dia. Então quando eu assumi a Caldas Júnior foi...

FABIANA: Quando que tu assume a Caldas Júnior?

TASCA: 1972 eu acho, 73.

FABIANA: Então, em um período de um ano na profissão de jornalista, você já assume como correspondente da Caldas Júnior no interior do Rio Grande do Sul?

TASCA: Montamos a sucursal aqui. A Caldas Júnior até 71. Eu acho que é o marco do jornalismo isso que aconteceu, porque mexeu com tudo. Até 71 a Caldas Júnior tinha nas principais cidades: Passo Fundo, Carazinho, Pelotas, Santa Maria, Caxias, Uruguaiiana, Santana do Livramento, um cara que mandava pra ela de graça a informação. Era o correspondente. Quando o Antônio Britto assumiu na empresa e criou a Central do Interior da Companhia Jornalística Caldas Júnior, ele montou dez sucursais e, em algumas outras cidades, nomeou correspondentes. Na sucursal botou um jornalista chefe, um secretário e autorizou pagar fotógrafos, que nós já havíamos feito isso no O Nacional, coisa que antigamente não se fazia, não davam muita bola pra isso. Mas nós já estávamos mudando a visão com relação a fotografia. E aí eu assumi a chefia da sucursal da Companhia Jornalística Caldas Júnior em Passo Fundo. Aí sim, por dez anos, não fazia outra coisa de manhã, de tarde e de noite. Com a reportagem “Cem anos de des-

matamento no Rio Grande do Sul” que mobilizou todas as sucursais, ganhamos um Prêmio Esso Regional de Jornalismo. Porque eu tinha minha região de cobertura e o que eu fazia a mais? Quando era caso complicado, pesado, eu dava suporte para os correspondentes e ia fazer a reportagem na outra cidade. Eram tempos duros, difíceis e quando um correspondente tinha medo de enfrentar algo da comunidade, eu ia em nome da Secursal de Passo Fundo.

FABIANA: Um exemplo?

TASCA: Vou dar um exemplo. Em Erechim um grupo descobriu que na Cotrel (Cooperativa Tritícola de Erechim Ltda) tinha um agrônomo, um funcionário, plantando maconha num dos dos canteiros experimentais. O cara de lá me ligou ‘faz, que eu não tenho como fazer essa coisa aí’ e eu fui. O Nacional Correio do Povo, Folha da Manhã, Folha da Tarde, estamparam primeira página e a Rádio Guaíba fez um programa especial. O Nacional também abriu manchete. Esse é um exemplo. Aqui mesmo (em Passo Fundo) ocorreu uma crise médica estrondosa na cidade, foi uma loucura. Foi tanta briga entre eles que até pacientes agrediram médicos em consultórios. Foi tão grave a crise que a AMRIGS, acho que a UNIMED junto, convocaram uma reunião com todos os repórteres locais e foi pedido uma espécie de pacto entre imprensa e profissionais para acalmar os ânimos, eles pediram um pacto de não agressão por um período porque ninguém mais aguentava. Carazinho, Santa Bárbara, quando dava crime envolvendo principalmente gente top, era eu que ia porque os caras (os correspondentes) não tinham como fazer. Em Santa Bárbara, uma vez, eu saí escoltado por um delegado por uns 20km, pra poder sair da cidade sem ter risco de alguém vir me agredir.

FABIANA: Tu deu um exemplo de como funcionava quando tinha, por dez anos, a Caldas Júnior em Passo Fundo, certo? É nesse meandro aí que vai acontecendo o jornalismo local pro...

TASCA: ... regional. Eu estive perto de 100 municípios fazendo material jornalístico. Incrível! Era tudo virgem. Crimes em Soledade, revolta indígena em Nonoai, movimentação de sem terras em Ronda Alta, levantamentos no centro de Pesquisa da Fecotrigo em Cruz Alta. Depois a vitória do Gaúcho em Carazinho (com Glória ou Atlético, isso não lembro) o carro de reportagem de O Nacional foi cercado por torcedores e para escapar o Argeu Santarém puxou de um revólver e saiu do veículo afastando a multidão e nós fugindo a toda velocidade. Eu me lembro que Constantina ou Rondinha, não me lembro bem qual dessas cidades, numa eleição deu uma bronca geral, os caras lançaram foguetes nas casas e não sei mais o quê. Aí alguém ligou para Porto Alegre e eu fui pra lá. Cheguei e estava tudo em paz. Ninguém falou, não tinha registro policial, não tinha nada. ‘Mas que droga, eu não vou voltar daqui sem matéria, né?’. E aí fui na polícia e eles ‘aqui tá tudo em paz, não tem nada. Os livros estão aí, os registros’. Fiquei uma hora ali até que descobri o registro de uma ocorrência de um pai que tinha vendido (te contei essa história já uma vez?), um pai que tinha trocado uma filha por um porco e um rádio. Eu fiz o material, deu manchete nacional. Vou fazer o que? Um pai, dos anos 70, vendeu, trocou a filha por um porco e um rádio, tava o registro na polícia. Enfim. Esse tipo de matéria completamente (triste). Fiz cobertura, fui o primeiro a fazer cobertura da invasão da Fazenda Annoni no Natalino, pelos colonos Sem Terra. Acompanhei muito o movimento dos Sem Terra, do início. Até consegui um fato que na época se duvidava. A Folha da Manhã e a Folha da Tarde publicavam e o Correio não publicava. Falei ‘vou fazer uma matéria pro Correio publicar’. Fiz diferente. Segui o Manual... onde, como, por que... aí o Correio publicou. O Correio

tinha uma certa cautela quando você adjetivava. Não a favor do status, contra o status. Mas enfim, era isso.

FABIANA: No caso nesse período ali tu fazia um texto mais narrativo do que objetivo?

TASCA: Não. Mais narrativo era quando ficava o texto, como é que eu vou te dizer...quando era uma reportagem especial. No dia a dia não, mas quando era uma reportagem especial, aí sim. Tu dava muito do entorno, sabe? Eu fui um dos primeiros jornalistas a publicar que o centro oeste seria o celeiro do Brasil - produção do trigo, soja, milho, gado; lá nos anos 70. Então eu fiz uma série, uns 10 textos de 10 páginas pro Correio do Povo. Aí era, tinha que falar do contexto, sabe? O que estava acontecendo. Não-me-toque, por exemplo, trocaram o nome. Sabia disso, né? Era Não-Me-Toque, botaram Campo Real, a população reagiu e um plebiscito botou Não-Me-Toque de novo - foi um mês disso. Então aí tinha quase que fazer poesia porque a Companhia queria um texto por dia. Eu ia e voltava todo dia. Entrevistava um, fazia outro...era sempre alguma coisa, era o município, nesse sentido. A Folha nos permitia algum devaneio.

FABIANA: Qual Folha?

TASCA: A Folha da Manhã, não a da Tarde. A Folha da Manhã. Você fazia algum texto mais opinativo e botava teu nome, sabe? A maioria das matérias eu assinava, botava meu nome. Um que eu me lembro é um cara que veio da África e falou que a África ia ter muitas guerrilhas e tal e então nesse sentido. Caso contrário não era o fato em si. Tem que levar em consideração que a Caldas Júnior era a maior potência jornalística do sul do país na época. Então ela engolia material jornalístico na época, não tinha o que supria ela. Por isso que tudo que mandavam saía.

FABIANA: E ela que encaminhava para os outros jornais? Com as informações do interior?

TASCA: pra Central do interior...

FABIANA: ... sim, mas chegavam as informações para ela e ela distribuía pro país?

TASCA: Eles pro país?

FABIANA: É, como se fosse uma agência de notícias...

TASCA: Não, porque tinha a sucursal dos órgãos de imprensa da época em Porto Alegre. Em Porto Alegre tinha a sucursal da Veja que eu me lembro que tinha, a sucursal da Folha de São Paulo, sucursal do Estadão. Tinham esses jornais.

FABIANA: Mas como que as tuas reportagens iam até esses jornais? Como é que uma Folha, um jornal da manhã, a Folha da Manhã e a Folha da Tarde ...

TASCA: ... os outros jornais divulgavam no dia seguinte. Sempre saía com um dia de atraso ou pegavam da Rádio Guaíba que também usufruía do material produzido pela Central do Interior. Ou eventualmente pediam, como é que chama, suite? Pra tu bater em cima a matéria. Tinha um nome e às vezes eles ligavam para mim 'oh, tu fez a matéria, vê e foca esse aspecto'. Eu fazia e mandava pra eles. Sobre aquela matéria, um enfoque diferente. Ou porque eles quiseram uma informação, acrescentar uma informação.

FABIANA: E aí eles pagavam isso?

TASCA: Sim, mas um troquinho.

FABIANA: Então, na Caldas Júnior essa produção de conteúdo, quando a notícia era mais abrangente, tu fez em um período de dez anos?

TASCA: Mais ou menos.

FABIANA: Como foi o período que tu comentaste antes da fotografia? O que que tu lembra de fotografia, por exemplo: antes de você trabalhar no jornal e a partir de quando você começa a trabalhar? Porque você disse que antes não se pensava a fotografia e depois começou a se pensar.

TASCA: Se pensava mas era diferente. Assim, tu ficava muito tempo repetindo a mesma foto. Conhece clichê? Já sabe o que é o clichê?

FABIANA: Sim.

TASCA: Tá. Tu fazia o clichê, tu tirava a fotografia e tinha que fazer o clichê em Porto Alegre. Então despachava por um ônibus, mandava a foto pra Porto Alegre e o cara lá da clicheria, ia na rodoviária, pegava a foto, voltava lá pra clicheria fazia o clichê e mandava de volta por ônibus. Era um processo caro e demorado. Então não ficavam trocando muito o clichê, ok?

FABIANA: Clichê de pessoas ou de paisagens?

TASCA: De tudo. E ficava repetido o mesmo..

FABIANA: Isso até a década de 1970?

TASCA: Até 1974, por aí. O que que a gente começou a fazer, começou forçar um pouquinho a questão de atualizar as fotos, sabe? Forçava. E aí vem a grande mudança tecnológica no jornal que passa da linotipo, e aí não vou saber se é 75, 76, mas é por aí...ele passa para *offset*. E aí sim começamos a dar destaque para as fotos. Ampliar o tamanho das fotos. Seu Mucio autorizou contratar inclusive dois jornalistas de Porto Alegre, para pra vim trabalhar aqui, um deles era fotógrafo. E aí sim ampliamos as fotos. Nós chamamos os dois pra nos ajudar, fazer a revolução do jornalismo, mas se comportaram como dois garotos e fizeram greve. Estavam aí a três, quatro meses, e fizeram greve para apoiar os colegas que estavam na cidade fazendo greve.

FABIANA: Mas que greve foi essa?

TASCA: Acho que era por salário.

FABIANA: Mas greve de quem? De fotógrafos?

TASCA: Não, greve de todo mundo. Jornalista, radialista, era uma greve. Eu não me lembro desse detalhe, sabe? Mas houve uma greve, durou pouco, inclusive. Mas eles também entraram. Então nesse período da *offset* é que a gente começou a usar mais fotos.

FABIANA: E quem faziam as fotos para o jornal?

TASCA: Principalmente o Rosalino Souza. Mas tu pedia pra qualquer fotógrafo. O Deoclides Czamanski fazia muito foto para nós, o irmão do Rosalino, o...

FABIANA: Rui. Ou o Lino (Oralino Souza)?

TASCA: O Rui também, um pouco, mas o outro, o Lino... E tinha, esse menino que é dono do Gran Palazzo, ele era fotógrafo.

FABIANA: O Adão Sidinei.

TASCA: O Adão Sidinei fazia fotos pra nós. Praticamente quem trabalhava com fotografia fazia fotos para os jornais locais. A Caldas Júnior dava muita importância para a foto. Eu aprendi o valor disso e conheci a telefoto da Caldas Júnior. Os fotógrafos vinham para coberturas especiais e mandavam as telefotos para Porto Alegre. Isso mexeu muito com a cabeça da gente. Então a gente começou a sentir a importância da foto a partir disso. Tem um fato interessante da morte do...

FABIANA: ... Jango? (pergunto, pois o Rosalino fez a cobertura fotográfica do velório de Jango junto com o Santarém, pelo O Nacional)

TASCA: Jango. Que a foto que o Rosalino fez tinha a bandeira da anistia em cima do caixão do Jango, depois tiraram. A Caldas Júnior fez uma reunião e chamou os caras da central do interior 'olha aqui como se faz jornalismo fotográfico', reportagem fotográfica. Foi só O Nacional que publicou porque eles não tinham essa foto. Não fui para lá, quem foi com o Rosalino foi o Argeu Santarém e só fez para nós (O Nacional), eles mandaram o deles. Então, nesse período a foto começa a ganhar destaque e é nesse período também que o noticiário começa a ganhar mais espaço nas emissoras de rádio. Eu acho que é uma revolução que começa no rádio e no jornal no que vira os anos 70. Também a televisão, a cor no final dos anos 60, e aí começa noticiário na tv também. Então, eu diria assim que a década de 70 foi a explosão

do jornalismo. Ao menos na minha visão, nunca fiz um estudo mais detalhado sobre isso.

FABIANA: O jornalismo local também. Num jornalismo mais local tu diz, ou nacional?

TASCA: Em todos os sentidos. Mas todos. Olhando desde o umbigo, porque O Nacional e o Diário da Manhã nunca fizeram só jornalismo local pelas circunstâncias em que estavam atuando, sabe? Alguém precisava dar uma informação sobre o que estava acontecendo no país, sobre o que estava acontecendo no Estado, no mundo. Alguém precisava ler alguma coisa e eles davam isso. Então, eu até acho que começam a dar mais atenção ao local nos anos 70 do que antes. Porque era mais fácil obter a informação pelo telégrafo, gravavam o noticiário e tiravam do que, sabe? Do que mandar alguém. Porque tu tinha que ter alguém pra ir, na câmara, na prefeitura, na Delegacia de Polícia, no posto de saúde, ou alguém te trazendo a informação.

FABIANA: Como é que eram as relações dos jornais? Do Diário e do O Nacional?

TASCA: Desde que eu entrei, horrível. Os dois eram amigos. O Túlio e o Múcio eram amigos. Numa boa trocavam tinta, papel. E eu nunca entendi, até hoje, o que motivou a divergência definitiva entre eles, sabe? O Múcio, que não gostava de falar disso, me disse um dia que o Túlio ficou chateado com ele porque o Diário deu uma manchete sobre determinado fato num sentido e o cara que teria sido acusado pelo Diário, em vez de ir lá no Diário, procurou o Múcio e o Múcio deu espaço para ele no O Nacional. Isso teria ocasionado a divergência. Mas quando comecei a fazer jornalismo, eu costumava brincar assim 'o Diário saía de manhã, a cidade tremia. O Nacional saía de tarde, a

cidade tremia.’ Porque um dizia de um jeito de manhã e o outro de outro jeito à tarde. Eram editoriais virulentos, difíceis. Briga violenta mesmo. E, inclusive por isso, os dois por longo período acabavam influenciando a opinião pública. Os dois, parece mentira, formavam opinião pública na cidade, para um lado ou para outro. E ao longo dos tempos ficou meio que PTB de um lado e daí o DM, PSD pro outro, nesse sentido. Nesse aspecto também é complicado porque se você levar em consideração que a arena de Passo Fundo foi formada por uma dissidência do PTB tu vai rir. Ficou diferente isso. A ditadura em Passo Fundo se dava de uma forma diferente.

FABIANA: E como é que a ditadura entra no jornal, na imprensa? Pelo menos no teu período. Como é que se dá a informação para a população nas páginas do jornal e como que a ditadura também se dá dentro das portas do jornal, no fazer?

TASCA: Quando eu entro no jornal O Nacional tem fatos históricos relacionados a ditadura que foi um pastelamento.

FABIANA: Quando?

TASCA: 64, 66... eu não estava lá mas lembro de contarem a história do João Freitas. Comandante da Unidade local do Exército pediu a demissão dele porque suas colunas eram tidas como subversivas. Para a época...se tu ler hoje, puff...eu tenho uma coluna minha no Terceiro Exército que se tu ler hoje diz ‘piá bobo’. Tava lá como subversivo no Terceiro Exército e eu ameaçando segurança nacional. Então tem os escritos e aí o Comandante pediu pro Múcio despedir o João Freitas. Sabia dessa história? E aí o Seu Múcio chamou o Seu Valter Siliprandri que cuidava da parte financeira e disse ‘pelo que sei João Freitas não é funcionário nosso’. Seu Valter confirmou, ‘não, não é não, nós não

pagamos João Freitas’. Daí o Múcio determina: ‘então faz o seguinte, chame ele, pede a carteira de trabalho e a partir de amanhã ele está oficializado como funcionário do O Nacional’. Esse era o Múcio. Eu acho que a postura do Múcio define isso. Veja bem, quando eu entrei em O Nacional tinha histórico de pressão da unidade do exército sobre o que o jornal ia publicar, não sei porquê cargas d’água. Então quando eu entro, eu sou alertado sobre isso. Várias vezes entrou alguém fardado pra ir conversar com Seu Múcio e aí quando ele saía ele chamava eu, o Adalberto, o Vieira e chamava o Décio e dizia ‘oh sobre aquilo lá, por favor não, faz diferente, abandona’.

FABIANA: Mas isso por que eles liam antes?

TASCA: Não. Ou porque tinha o assunto publicado, ninguém via antes, nós não tínhamos censura prévia dentro, (ou) porque leu no dia seguinte e não queria continuidade ou porque tinha um acontecimento que eles não queriam que fosse abordado. Por exemplo, a morte do presidente Arthur da Costa e Silva. Nós íamos publicar um material que fizemos ouvindo as rádios da Argentina e entrou um cara lá dizendo ‘sobre a morte do presidente, só o que a Voz do Brasil publicar’. Então veja, tinha essa questão. O Múcio falou conosco, eu me lembro que um dia essa questão nós discutimos lá, bebendo whisky - redação a partir das 18 horas tinha whisky com gelo, todo santo dia. Todo o santo dia tinha whisky. Alguns que preferiam vodka, tinha, alguns que preferiam conhaque, tinha. Mas whisky era regra. Sobre essa questão da censura o Seu Múcio me chamou um dia lá assim “olha nós estamos numa ditadura militar, estamos sob censura e nós temos dois caminhos, fizemos uma edição virulenta, eles fecham nós pra sempre, tá bom fechou. Cada um de nós vai pra casa e pronto. Ou a gente vai com uma espécie de guerra de guerrilha, cutuca, recua, cutuca, vem, volta, não avança, incomoda, nós temos que escolher.

Mas tem que ser de uma forma inteligente porque fechar é a coisa mais simples. Fechar uma rádio, um jornal, é a coisa mais simples, difícil é você subsistir com uma certa integridade de padrão jornalístico”. Essa é a visão que eu recebi no O Nacional e que a gente seguia. Avançava, voltava, usava alguns termos sacanas, tipo ‘suicidaram o Herzog em São Paulo’, sabe? Eu falava muito nas minhas colunas sobre a ditadura dos coronéis da Grécia e tudo bem. E aí tinha algumas colunas que tu já viu isso também, chamando atenção. Uma vez nós botamos band-aid num desenho do Congresso Nacional, umas coisas assim, boca fechada, enfim. Era uma guerra de guerrilha, eu te disse. Veja fui incurso na Lei de Segurança Nacional pela (minha) prisão no Congresso de Ibiúna em 68. Recentemente descobri que estou lá fichado, no terceiro exército. Tu vai ler a coluna é uma bobagem. Havia um clima de medo a partir dos anos 64 até o final dos anos 70. A partir do final de meados dos anos 70 nós vivíamos um clima de medo. Tínhamos medo. Por que que tínhamos medo? Porque tínhamos informação de tortura. Tínhamos informação de assassinato. Eram poucas? Eram poucas perto das outras ditaduras. Um dia a Folha de São Paulo usou dita branda e massacraram a Folha. Mas uma coisa é inegável: tínhamos medo sim. Medo de ser preso, medo de ser torturado, medo de desaparecer. Por que que (a gente) tinha? A minha experiência: tive um colega, com vivência estudantil que foi torturado. Só foi salvo porque os parentes da namorada dele tinham prestígio político e conseguiram socorrer-lo. Teve um companheiro de movimento estudantil, que teve que abandonar tudo, universidade e emprego público, e ir embora daqui porque ia desaparecer. A mim, eles simplesmente me mandaram a puta que pariu dentro da faculdade de Direito e não me disseram nada. Eu vou reclamar pra quem? Essa é uma realidade. Então sim, desculpe, havia MEDO no ar, ok? Hoje quando eu vejo algumas coisas, eu lembro do que me disse o comandante daqui, tava desanuviando a ditadura, ‘ah, nós não precisávamos ter feito isso com vocês, são uns

jornalecos que ninguém, que meia dúzia lê, uma radiozinha que meia dúzia houve? O próprio Comandante já reconheceu que foi bobagem quando eles chamaram o Guareschi pra dar depoimento no Exército porque o Guareschi elogiou o idealismo do Guevara, não o Guevara, o idealismo dele. Parece que fez uma bobagem, mas então, na época tu não sabia como é que tu te comportava. Ok, em casa eu recebo carta do CCC, Comando de Caça de Comunista dizendo “nós conhecemos você, te cuida, você é o próximo”. Os caras também ligam. Ligam pra você e dizem: “sabemos onde tu mora. Sabemos quem você é, conhecemos tua esposa”. Sabe? Tu não fica com medo? Fica! Tu quase fica numa paranoia. É nesse clima que você faz jornalismo. Veja bem, não tinha motivo. Mas esse clima de medo abargava a gente. Houve um período que eu caminhava na calçada e um cidadão que vinha em sentido contrário na mesma calçada que eu e ele atravessava a rua. Eu descobri muito tempo depois...”ah, eu não queria ser visto conversando contigo (com você Ivaldino) na rua”. Esse era o clima. Clima que eu senti na pele a partir de 67, 68 até 76, 77. O clima de medo. Nós fazíamos jornalismo com medo.

FABIANA: E aí depois desse período, o que que acontece com o jornalismo?

TASCA: Depois eu deixo o jornalismo formalizado. A Caldas Júnior passa uma transformação muito grande, praticamente desapareceu, cometeu um erro muito grande, quando ela entrou com a TV Guaíba. Pelo que sei a Globo tava começando a explodir e propôs para o velho Breno (dono da Caldas Júnior) a fazer rede e ele não topou. E nesse período, a RBS do Maurício, que era daqui, investe na tv e logo se associa a Globo. Esse aspecto, da força da tv, impacta todo o processo de comunicação do Rio Grande do Sul. Então, a Caldas Júnior entra em

crise, eu saio dessa empresa e de O Nacional e fui fazer outro tipo de jornalismo. Como eu tinha dado muita atenção à área agrícola porque o país, no que vira os anos 60, começa a grande revolução tecnológica da qual estamos colhendo os frutos hoje, fui fazer jornalismo na área do setor primário. Nessa década nós éramos um país essencialmente agrícola com a maioria da população no campo e explode um êxodo rural muito grande. Essas coisas vão se dando de forma quase simultânea. Uma nova e moderna tecnologia de cultivo chega ao campo e uma revolução toma corpo nos anos de 1970. Passo Fundo e região sempre tiveram grande tradição na agricultura, já se fazia pesquisa Experimental de Sertão quando chega a Embrapa em 1972 e começa a gerar novos conhecimentos em todas as áreas: de máquinas, defensivos químicos, inseticidas, calagem, adubação, época de plantio, qualidade de semente, ela muda essa realidade e eu fundo um jornal chamado “Gazeta Rural”, não me lembro se é quinzenal ou mensal, que circula em 10, 12 cooperativas. Eu me dedico, por um período, a isso. Depois eu meio que me encanto com a política e concorro a prefeito, depois a deputado federal, aí volto pro jornalismo. Agora com um periódico chamado “Jornal do Plantio Direto” em parceria com um engenheiro agrônomo chamado Gilberto Borges, ele é falecido. O Gilberto Borges foi o cara que plantou a semente da Expodireto. Aí nós fizemos esse “Jornal do Plantio Direto” que é um sistema que é forte na proteção do solo contra erosão hídrica. Onde tinha a área que plantava trigo e soja, que tinha a cultura de verão, inverno, RS, SC, PR, SP, Centro Oeste passamos a circular através de assinaturas. Chegamos a ter assinantes até no Paraguai.

FABIANA: Quanto tempo tu ficou nele?

TASCA: Uns três anos eu acho, porque daí eu fui de novo para a política. Fui ser o Secretário Municipal da Indústria, Comércio Cultura

Turismo e Desporto. Aí o Gilberto ficou com o jornal e o transformou em revista.

FABIANA: Isso foi em que período mais ou menos?

TASCA: Anos 90, ah a data pra mim... só pra fazer uma referência, sei que tu não vai registrar mas...

FABIANA: Eu tô gravando, está tudo sendo gravado, vai ser registrado.

TASCA: Tá. Nesse período que estive no O Nacional, na Caldas Júnior, viajante, eu sempre tive alguma ligação com rádio. Eu trabalhei um período também na redação da Rádio Municipal, antes dela ser fechada e depois eu fazia um comentário na Rádio Passo Fundo que eu não me lembro o que, mas eu sei que um período eu tinha uma certa ligação. Depois eu tive um comentário na rádio Planalto, “Informes Especiais”, uma coisa assim. Então sempre tinha um...

FABIANA: ... um paralelo...

TASCA: ... é, sempre tinha um. Respirava, comia, engolia, bebia jornalismo. Aí vira e eu vou para a política, e antes de ser secretário de cultura, trabalhei um período na área de jornalismo da Emater, inicialmente em Porto Alegre e depois em Passo Fundo, que cobria uma região. Foi aonde, mais ainda, eu conheci os detalhes sobre a agricultura, porque já tinha tido essa experiência no O Nacional com o Centro Nacional do Trigo e aí fui para a Emater e aí quando dobra os anos 2000 o que que eu fiz? Ah, eu fui ser secretário do Meio Ambiente de Passo Fundo, foi a gestão que a gente implantou, oficializou, a secre-

taria porque ela não existia, foi criada ali. E depois que eu saí de lá, eu montei a Aldeia Sul Editora (em funcionamento até hoje).

FABIANA: A editora?

TASCA: Não, já tinha antes. Eu acelerei a Aldeia Sul um pouquinho, um tempo depois eu fui assumir “Uirapuru Ecologia”, que agora por causa da pandemia eu to (afastado)...e hoje faço duas tarefas semanais pro jornal do Troca Troca.

FABIANA: E o Diário da Manhã?

TASCA: O Diário da Manhã tem oito, seis anos da coluna semanal. Porque tem um detalhe que eu esqueci. Pouquinho antes de ser revisor do O Nacional, vamos dizer assim, eu fiquei uns três meses, por causa do Argeu Santarém, no Diário da Manhã fazendo cobrança. Eu viajei alguns municípios cobrando assinantes.

FABIANA: O Argeu Santarém foi um grande amigo teu?

TASCA: Sim, amigo. Um grande amigo.

FABIANA: E ele também trabalhava na imprensa?

TASCA: Sim, foi um grande jornalista. Houve uma época que ele trabalhava na RBS, ele era correspondente da RBS e eu na Caldas Júnior. Foi nessa época que nós incendiámos a região. Nós tínhamos que fazer jornalismo.

FABIANA: Como assim incendiaram? Por quê?

TASCA: Porque a gente, sabe, tinha, cheirava notícia e ia fazer.

FABIANA: Tinha uma preocupação de: será que eu escrevo ou será que eu não escrevo?

TASCA: Não, mas é que aí o que aconteceu: as pessoas enlouqueciam. Erguiam o telefone, sabe? Vou dar um exemplo. Você sabia que no Hospital de Casca, eles entubaram, foram botar oxigênio num doente e dentro do tubo de Oxigênio tinha gás carbônico e uma pessoa morreu? Digo, eu corria para lá.

FABIANA: E tinha bastante notícias assim, notícias, no caso que elas iriam chamar atenção das pessoas que era algo inusitado e era isso que chamava atenção de vocês? Eram quase investigadores?

TASCA: Sim. Eu peguei um telefone, eu fui a Casca. Ninguém descobriu até hoje como é que...como é que o...como é que chama? Desse tamanho de gás? Botijão? Tinha que ser Oxigênio, como é que ali dentro tinha gás Carbônico? Como é que um médico ia saber disso? Pegou o (botijão) gás Oxigênio (mas dentro estava o de gás Carbônico), morreu um, ele enlouqueceu. Não sabia o que que era e quando estava morrendo o segundo... ele achou (o médico) que podia ser e aí que ele descobriu. Então vinha para gente a Caldas Júnior, vinha RBS e nós não poupava, nós íamos e íamos em cima, onde estivesse a informação. O cara ouvia dizer assim ó “o médico operou o pé trocado, ele tinha que operar o direito e operou o esquerdo”. Eu publicava. Aí o cara diz assim “o Hospital não tem comissão de controle de infecção”.

FABIANA: Como assim?

TASCA: É, aí se dá oito colunas no O Nacional, oito colunas no Cor-

reio, oito colunas na Folha da Tarde, oito colunas na Folha da Manhã no mesmo dia, Guaíba...Como é que repercute? Lembra? Assim que funcionava. O jornalismo de hoje...

FABIANA: E como é que era a relação com as fontes? Porque nem sempre tudo era informado. Por exemplo, se tu vai noticiar o hospital, algo negativo do hospital, como é que era essa relação entre eles (o hospital) e você para futuras notícias?

TASCA: Tinha que ir lá com a maior cara de pau. Então um exemplo: teve uma crise no acampamento dos Sem Terra do Natalino e o governador teve que vir. O pessoal da Caldas Júnior disse ‘vai atrás que o governador tá aí, sumiu, não tá em Porto Alegre’. E eu fui atrás, fui no Natalino, fiz o diabo. Eu consegui localizar o governador? Não. Falei com Dom Cláudio (Bispo de Passo Fundo), é verdade que o governador...” ‘não, não, nada... Mais adiante o Bispo indaga: “você quer uma informação em *off* eu posso te dar”. Bah, informação em *off*, tu saber e não poder divulgar? Porque eu acho que isso pra mim, foi fantástico na época. Os caras tinham confiança absoluta que a informação que era em *off*, não saía de mim. ‘Já ligo pro senhor’. Pensei: ele sabe. Tentei mais alguma coisa, liguei para o Padre: ‘não sei’, liguei devolta para o Dom Cláudio ‘pode ser’, “é, ele esteve comigo”. Não divulguei. Então acho que isso também era importante. E ao longo do tempo acho que as pessoas conheciam, começaram a conhecer o critério da gente. Eu tenho convicção que eles confiavam no critério da gente. Ou seja, ele tem uma informação de fonte segura. E aí imagina, eu me lembro até hoje, a cara de quando eu entrei no São Vicente no dia seguinte. Mas me deram toda a informação, eu acho que foi informação de página inteira em todos os jornais de novo. (Ivaldino pergunta para mim o que eu estava escrevendo no caderninho) Que que tu escreveu aí?

FABIANA: O título da reportagem.

TASCA: Qual é?

FABIANA: “Ele tem uma informação de fonte segura”.

TASCA: Ah, eu acho que era aí...porque veja, eu tive vários processos, morria. O que me incomodou foi um com um cara que virou meu inimigo, em que ele teria alterado um documento para prejudicar a UPF. A informação eu recebera do reitor Murilo Annes. E eu abri a coluna. E aí me compliquei um pouquinho, tive que contratar advogado, fui até o Supremo e não deu em nada. Então, eu nunca fui desmentido... por ninguém. Sabe? E a época, olha se te pegassem, era complicado, você ficava refém de quem você eventualmente prejudicasse. Sabe, nos anos 70 havia muita tensão dentro da UPF. Um dia o padre Elli Benincá me liga e diz que havia um forte movimento querendo inviabilizar a eleição do padre Guareschi para reitor. Espalharam que Brasília não toparia ele como reitor (lembra que estávamos numa ditadura). Ai eu escrevi uma coluna: “Caça às bruxas: a abertura não chegou na Universidade de Passo Fundo”. O que recebi de telefonemas e até visitas de pessoas da UPF na redação foi incrível e o Guareschi foi eleito...

FABIANA: Se tu fosse pensar nas grandes reportagens, das grandes notícias que você deu, quais tu não esquece?

TASCA: Ah, tem um montão.

FABIANA: Então vai dizendo.

TASCA: Eu fui fazer uma matéria sobre a pecuária do Uruguai para o jornal Indicador Rural do Rio de Janeiro. Para mim foi na época, foi

a glória sabe? Fui a Montevideu fazer matéria em que o destaque foi nacional, foi replicada depois sobre a situação da pecuária uruguaia e acho que foi na época da ditadura deles, essa eu não esqueço. Tem a reportagem sobre desmatamento no Estado que nos deu um Prêmio Esso Regional de Jornalismo. Não esqueço o material jornalístico que eu fiz sobre o centro-oeste, hoje o maior produtor de grãos do Brasil. Não tinha nada, para não dizer que não tinha nada tinha uma estação experimental em Dourados, não era nem centro de pesquisa, era estação experimental e extensões de pesquisa do centro de trigo daqui. Pra tu entender o significado da Revolução Agrícola, recordo até chegar os anos 50, a soja era comida para porco. A soja, hoje, nos proporciona uma grana que salva a economia brasileira. Os caras falavam ‘o meio ambiente, a agressão a agricultura.’ A agricultura terminou de ocupar a área, a agricultura tem uns dez anos que não amplia a área, sobra. Pra tu ter uma ideia, quando eu fiz a primeira reportagem sobre o trigo...

FABIANA: Que local?

TASCA: Aqui em Passo Fundo.

FABIANA: Mas foi no O Nacional? Qual veículo?

Tasca: Foi no O Nacional e na Caldas Junior, nos anos 70, foi logo depois que veio o Centro de Trigo. Lá por 1973/74 fiz uma entrevista com o cara que colhe 800 kg por hectare de trigo e ficou feliz da vida. Depois eu fui fazer uma matéria com o cara, lá pelos anos 1980, por aí, e ele tinha colhido cinco mil kg de trigo por hectare. Em períodos semelhantes falei com um produtor que cara tinha colhido 10 mil kg de milho por hectare e adiante consegue colher 110 mil kg e tava feliz. Explodiu tecnologia na década de 1970. Fiz várias matérias sobre a pesquisa com aveia que o professor Elmar Floss fez na UPF e que

acabou colocando o cultivo desse cereal em outro patamar no Sul do País. Em todos os sentidos que tu possa imaginar, eu acompanhei a revolução agrícola da época com estudos que não deram certo como um tal de “trigo de verão” e que avançou muito como os inúmeros estudos para “controle da erosão do solo”, tida como das grandes dores de cabeça dos técnicos. Então, essa ida ao centro-oeste, por que que eu fiquei feliz? O Correio fez (no caso foi o Ivaldino que fez para eles, o Correio do Povo) uma semana depois a Veja traz uma matéria nacional sobre o centro-oeste. Pessoal de Porto Alegre me diz “parabéns, furou a Veja”. Acho que talvez fosse fazer diferente hoje, mas não sei, eu sou muito de que “somos nós e nossas circunstâncias”. Mas eu fiz muito material de repercussão, que modificaram coisas da cidade.

FABIANA: As notícias todas tinham o seu nome, eram assinadas?

Tasca: A maioria...aqui não, mas a maioria em Porto Alegre sim.

FABIANA: Mas por que que aqui não eram assinadas?

TASCA: Porque era rotina. Eu tinha autorização para publicar o texto, então eu publicava. Veja bem, isso dá uma ajuda muito grande. Porque sofria para fazer um texto e tinha dois lugares para publicar. E assinava lá. E nem 100% das matérias...essas pesadas eles assinavam, sabe?

FABIANA: Eles quem?

TASCA: Folha da Manhã, Folha da Tarde e Correio do Povo. Correio do Povo assinava mais que todos. Folha da Manhã menos, Folha da Tarde menos. Correio assinava mais. Eu fui dos primeiros a fazer sobre o Natalino, dei uma cobertura sobre a invasão do Natalino, sobre a questão da reforma agrária, fui um dos primeiros. E hoje eu vejo al-

guns da esquerda chateados comigo porque eu que fiz, porque eu já não sou mais de esquerda. Eles ficam chateados porque tinha que ser um cara de esquerda. Ainda tem essas bobagens, foram muitas matérias que a gente fez de grande repercussão.

FABIANA: A revolta dos motoqueiros quem fez?

TASCA: Ah, a revolta dos motoqueiros...para veículos de comunicação locais eu não fiz a revolta dos motoqueiros. Revolta dos Motoqueiros local foi o Júlio Rosa e com a editoração do Tarso de Castro. A Revolta dos Motoqueiros eu fiz pra Folha da Manhã, Folha da Tarde, Correio do Povo, e rádio Guaíba. Passei um dia dando boletim. Nem sei pra quem eu dei, de fora do estado.

FABIANA: De tantos? E como é que era o Tarso de Castro, o período que ele ficou em Passo Fundo?

TASCA: O problema do Tarso era querer fazer aqui o mesmo jornalismo que ele fazia (no Rio de Janeiro), mas aqui o espaço era um pouquinho menor (rs). Eu lembro do Seu Múcio me dizendo ‘Tarso vem aí, ele vai mexer em tudo, tenha paciência, deixa ele, ele fica um tempo e ele vai embora’. Ótimo, fazer o que? Era isso. Então ele vinha, ele mexia, mexia toda a diagramação. Eu lembro que uma época o Seu Múcio estava doente, o Seu Valter e a Gilka (cunhada de Ivaldino) assumiram, mais intensamente a questão da publicidade e tal. Aí um dia o Seu Valter foi lá falar com o Seu Múcio “Seu Múcio, nós não temos como pagar os funcionários esse mês, não publicamos publicidade nenhuma” ‘Mas como? O que que houve? Não tem publicidade?’; ele pergunta. “Tem, publicidade tem, mas o Tarso não publica porque diz que não tem lugar”.

FABIANA: Ele queria botar conteúdo.

TASCA: Te dá uma ideia...mas era isso.

FABIANA: Mas ele ficou muito tempo no jornal?

TASCA: Não, ele vinha... ficava 15 dias, um mês, dois meses, 20 dias, enfim. Ia e voltava, era bumerangue.

FABIANA: E como que era quando ele mexia e tal? O jornal tinha uma repercussão ou não tinha?

TASCA: Não, pouco. Até descobrirem que era o Tarso...às vezes ele já tinha ido embora, ficou pouco tempo e tal. Mas os caras notavam a diagramação. Ele mexia, que ele incomodava. Principalmente depois que tinha off set, aí sim ele mexia bastante, fazia loucuras e tal.

FABIANA: Isso foi em?

TASCA: 73, 74. Eu não me lembro...74, 75.

FABIANA: Não tem problema, dá pra ver lá.

TASCA: Dá pra ver que nós...até porque tinha o recurso. Nós fazíamos jornalismo sem recurso, sabe? Embora, veja bem, tendo que imprimir em Carazinho quando era offset, era muito mais rápido do que imprimir folha por folha numa impressora plana...A roda dela tá ali no muro do meu pátio, era uma Alauzett, de 1897. Aquela roda faz parte de uma máquina que era dos anos de 1800 na França, que era manual, que quando chegou aqui foram acrescentadas roldanas e tornaram ela elétrica. Então só botava a folha aqui e ela fazia - um cara ficava em pé

e botava folha, assim que se imprimia o jornal, folha por folha. Nós tirávamos edições de natal de 60, 80, 100 páginas. Nós íamos fazendo as reportagem antes e mandava, e o cara fazia hora extra e nós íamos imprimindo de tarde, de manhã, até fazer a edição de natal. Nessa época eu fiz várias matérias especiais, mas um título que nunca mais me saiu da cabeça foi quando o Nixon fez uma visita à Rússia, publicaram o texto e eu fiz o título “Nixon na Rússia: o Kremlin, compensa” (rs).

FABIANA: E que outras coisas assim, dentro do jornalismo, são totalmente diferente de hoje?

TASCA: Primeiro a tecnologia. Agora é tudo burocrático. Tu não precisa pensar pra fazer jornalismo hoje. A informação tá na tua frente. Tu fica sentadinho e quem ainda faz um pouco, com alguma vibração, é o repórter policial, o repórter político, que tem que ir até as fontes e aí é rádio e é TV, mas assim é um jornalismo, jornalismo...sabe? Caramba, uma vez eu lembro que eu tava na lancheria City, era “curva de rio” à noite, como nós chamávamos. Sabe onde é a agência do Banrisul da General Netto? Na frente, ao lado do Edifício Bertoldo no outro lado da rua tinha a lancheria City, ali era “curva de rio”. Sabe? Conhece o significado da expressão ‘curva de rio’? Nesse época tinha o Rasga Diabo, o cara mais procurado da polícia de Passo Fundo. Eu de vez em quando ia ali, sentava, na frente era uma lancheria gente fina, aí tu ia por trás tinha uma cortinazinha daquelas com fiozinho, como é que chama daquilo? Aí um dia eu fechei o jornal (e foi para o City) e olho... tá lá o Rasga Diabo. Aí sentei e fiz uma entrevista com o Rasga Diabo... mas ele só dizia sim, não. Aí quase que eu fui lá mexer no jornal (fazer uma notícia sobre a conversa com o Rasga Diabo), mas não fui. Tinha visto um pequeno texto que a polícia estava mobilizada para descobrir, capturar o Rasga Diabo... e ele estava ali do meu lado.

FABIANA: Do teu lado... tomando uma cerveja?

TASCA: Eu acho que na época era aqueles vinhos de garrafão horrendo e tinha a Três Marias, que era uma cachaça com Vermute. Tinha Samba, cachaça com Pepsi, tinha Cuba que era com Coca-Cola com Rum. Ah, tinha cerveja que era padrão. Então hoje, fazer jornalismo... assim, eu aprendi. Faz tempo que eu aprendi, não to fazendo juízo de valor, tô só dizendo porque é covardia. São circunstâncias completamente diferentes, ok? Às vezes para falar com Carazinho, Erechim, Marau, era um saco, tinha que pedir ligação, esperar. Porto Alegre era um inferno. Então eram circunstâncias completamente diferentes. Hoje eu posso dizer, se tu tiver em Paris, de férias, tu diagrama a Zero Hora e dá o comando para imprimir. Na época não, era tudo muito difícil, muito...

FABIANA: Mas vocês sentiam essa dificuldade ou hoje o que tu vê?

TASCA: Hoje. Era a realidade (aquela época). Um dia desses eu fui na Expodireto e tinha um cara com drone que me explicou pra que servia o drone. Usava o drone pra ver infestação, ou de praga, uma doença e nem lembro o que mais. Drone. Então ele está no escritório dele, ok? Chimarrão, whisky e tal. “Oh, faz o seguinte, naquela parte, dá uma olhadinha lá”. Eu, quando era toco (criança), conheci arado de boi. O cara comandava uma junta de bois que puxava uma lâmina e ferro que ele forçava, visando virar a terra. Quando a terra tava muito seca, pra ajudar a enterrar a lâmina pediam pra uma criança sentar numa parte do arado que a pressionava. Sentei em cima pra arar a terra. Ninguém reclamava. Tava arando, tava fazendo. Quando eu era toco ajudei a esmagar uva com os pés. Um dia lá no Aguço, interior de Barra Funda, o tio Primo falou “vá lavar bem teus pés” e a tia Rosina também fala, “lava bem, e antes de entrar eu quero ver”. Mandaram lavar bem os pés

para poder entrar numa tina e amassar a uva para fazer vinho. Eles não estavam reclamando. Então, nós somos nós e as nossas circunstâncias. Se eu olho agora a sensação que eu tenho é que havia muito mais sofrimento que hoje, nós choramos (hoje) de barriga cheia. Pega o leite (no mercado), eles tinham que levantar de manhã com aquele frio filha da puta e eu pego o leitinho ali, mas era da rotina deles. Isso que eu tento passar para o Julio (neto de Ivaldino), era mais dificuldade antes, eles não sentem isso. Mas não foi fácil antes. Mas fazer juízo de valor é meio complicado, né? Dramas e perigos também existem hoje. Ali no jornal todos nós que descíamos na oficina tomávamos muito leite. Porque tinha no processo de composição da linotipo que se fazia uma fundição de cada linha do jornal em chumbo Então tinha que tomar leite porque o vapor de chumbo atacava a saúde. Fazer o quê?

FABIANA: Se tu fosse conceituar, falar, dizer pra mim uma frase o que que foi esse jornalismo que você fez/faz até hoje, o teu jornalismo, o que que tu diria?

TASCA: Me salvou da loucura, me botou lucidez na cabeça. Porque eu venho da roça, sou influenciado pela Igreja Católica Apostólica Romana, vou para o Movimento Estudantil JEC, JUC, JOC movimentos ligados à igreja, vou para a Ação Popular da Igreja, vou pra APML - Ação Popular Marxista Leninista, vou para a luta armada, vou treinar para a luta armada. Quando eu volto eu fui ser Secretário Executivo do Sindicato, fiz de tudo mas há (silêncio) um desconforto (silêncio) aí eu venho para o jornalismo (Ivaldino respira fundo e solta um grito, um grito de liberdade) Ahhhhhhh.

SOBRE OS AUTORES E AUTORAS

ALEX ANTÔNIO VANIN

Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo (PPGH/UPF). Mestre (2020) e Licenciado (2018) em História pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Membro efetivo do Instituto Histórico de Passo Fundo (IHPF). É Editor-chefe da Acervus Editora e também pesquisador na Arkhé Assessoria e Consultoria Histórica. Tem interesse em áreas como: História Indígena e do Indigenismo; História Regional; História Política.

ALEXANDRE AGUIRRE

Possui graduação em História (2008) e é Mestre em História (2012) pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Atualmente é Historiador concursado no município de Ernestina/RS, [2015]. Sua formação acadêmica, bem como sua produção, está voltada para as áreas de História do Brasil, História do Rio Grande do Sul, História Política, com foco voltado para as relações política e de poder.

ALÉXIA LANG MONTEIRO

Atualmente é graduanda em História na Universidade de Passo Fundo, com atuação focada na área de Memória e Patrimônio. Atuou como voluntária do Projeto Momento Patrimônio, espaço no qual pode pensar a cultura para além do teatro, Foi bolsista de iniciação científica no Projeto de pesquisa do Laboratório de Cultura Material e Arqueologia (LACUMA) e no Projeto guarda- Religiões e religiosidades: possibilidades de pesquisa foram direcionadas para história cultural. Atualmente, é estagiária do Instituto Histórico de Passo Fundo.

ANDERSON CATANI

Jornalista formado pelo Curso de Jornalismo e Comunicação da Universidade de Passo Fundo em 2013. Autor da monografia “A emancipação política de Marau através dos jornais O Salame e O Nacional”.

BENHUR JUNGBECK

Graduado e Mestre em História pela Universidade de Passo Fundo (UPF) (2005). Tem experiência na área de História, com ênfase em História e Imprensa, atuando principalmente nos seguintes temas: história contemporânea, história e imprensa, história do século XX, sociologia, metodologia da pesquisa, ética, arquivo, conservação e organização documental e educação patrimonial.

BIBIANA DE PAULA FRIDERICHS

Possui graduação em Comunicação Social Radialismo pela Universidade de Passo Fundo (2000), graduação em Comunicação Social Jornalismo pela Universidade de Passo Fundo (2003), mestrado (2006) e doutorado (2010) em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Desde 2004, é professora na Universidade de Passo Fundo. Suas pesquisas vinculam-se ao jornalismo, a produção de sentido e a convergência de mídias.

CRISTIANE INDIARA VERNES MIGLIORANZA

Jornalista, mestre em História pela Universidade de Passo Fundo - UPF (2008), especialista em Gestão de Processos de Comunicação pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do RS - Unijuí (2005), bacharel em Comunicação Social pela UPF (2002), acadêmica do curso de Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Assistente editorial da revista Horizontes Antropológicos, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS UFRGS). Jornalista responsável pela comunicação da Rede Covid-19 Humanidades MCTI.

DJIOVAN VINÍCIUS CARVALHO

Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo (PPGH/UPF). Mestre (2020) e Licenciado (2017) em História pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Atualmente é membro do Instituto Histórico de Passo Fundo, ocupando o cargo de Vice-presidente. É membro correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS). Representante da Setorial de Patrimônio Material e Imaterial, Arquitetura e Urbanismo no Conselho Municipal de Políticas Culturais de Passo Fundo. Atualmente é colaborador da Next History e da Acervus Editora; é pesquisador da Arkhé Assessoria e Consultoria Histórica. Membro pesquisador da Rede de Pesquisa em Acervos e Patrimônio Cultural (REPAC). Tem interesse nos seguintes temas: educação patrimonial, patrimônio, arquivos pessoais, estudos cemiteriais, história pública, trajetória de acervos, patrimônio documental, epistolografia e trajetórias.

FABIANA BELTRAMI DA SILVA

Fotógrafa, jornalista e mestre em História. Professora nos Cursos de Publicidade e Propaganda, Artes Visuais Bacharelado e Licenciatura e Jornalismo na Universidade de Passo Fundo. Fotógrafa e produtora audiovisual no cargo de jornalista multimídia /laboratorista III, no Núcleo Experimental de Jornalismo - Nexjor, também pertencente à Faculdade de Artes e Comunicação da UPF. No Nexjor, atua junto aos alunos, auxiliando na aprendizagem na área do audiovisual e da fotografia, dando apoio técnico também para a Agecom - Agência de Comunicação da UPF. Suas práticas giram nas várias áreas do audiovisual: gravação, edição, direção, produção. A fotografia enquanto documento histórico e objeto de pesquisa na história regional é parte importante de seu objeto de pesquisa. Membro efetivo do Instituto Histórico de Passo Fundo atuando no acervo e em pesquisas relacionadas ao jornalismo regional e a história da fotografia regional, bem como a captação de acervo e metodologias de arquivamento. Coordenadora do Grupo da Foto - grupo de fotógrafos profissionais e amadores que se reúnem para estudar esta prática. Tem experiência na área de Comunicação Comunitária, como

Diretora do Projeto Educação e Cidadania e na área da educação/cultura para o público infantil com o Programa Mundo da Leitura - ambos da UPF TV, canal educativo da Universidade de Passo Fundo em parceria com o Canal Futura (já extinto). Ex-sócia e diretora da Beterraba Filmes - produtora audiovisual da cidade de Passo Fundo focada em comunicação empresarial, conceitual, histórica e artística.

FERNANDA LETÍCIA RODRIGUES ALGAYER

Bacharela em Comunicação social com habilitação em Jornalismo pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Foi bolsista do projeto de Extensão Observatório de Meios, vinculado ao curso de Jornalismo da mesma Instituição. Pós-graduanda em Marketing Digital: Negócios e Estratégias pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

HELENO ALBERTO DAMIAN

Pesquisador. Servidor da Justiça, autor do livro *Páginas da Belle Époque* passo-fundense, obra que em suas páginas mostra “um painel da sociedade passo-fundense nos primeiros decênios do século XX”. Buscando priorizar o ineditismo em suas fontes, Heleno e Marco Damian fazem uma crônica da cidade de Passo Fundo que perpassa o cotidiano do final do século XIX até 1930.

JOÃO VICENTE RIBAS

Jornalista. Professor do curso de Jornalismo da Universidade de Passo Fundo (UPF). Doutor em Comunicação (PUCRS), com Doutorado Sanduíche na McGill University, Canadá. Mestre em História (UPF). Possui graduação em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo pela Universidade de Passo Fundo. Pesquisa comunicação, música, estudos culturais e televisão. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em televisão, rádio, jornalismo impresso e assessoria de imprensa. Foi fotógrafo e repórter na Empresa Jornalística Diário da Manhã (2001-2004, Passo Fundo RS), assessor de imprensa no Ministério das Cidades (2009-2012, Brasília DF) e repórter da TVE/RS (2012-2014, Porto Alegre RS).

LUIZ ALFREDO FERNANDES LOTTERMANN

Possui graduação em História pela Universidade de Passo Fundo (2017). Mestre em História pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade de Passo Fundo. Atualmente é auxiliar em administração do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, atuando como Diretor de Ensino do campus Feliz.

MARCO ANTÔNIO DAMIAN

Pesquisador. Membro da Academia Passo-Fundense de Letras, do Instituto Histórico de Passo Fundo e da Associação Gaúcha dos Historiadores de Futebol. Colaborador no Projeto Passo Fundo. Vem se dedicado a pesquisar, escrever e publicar obras sobre a história de Passo Fundo e biografias, como: Enciclopédia do Futebol Gaúcho: ídolos e craques; Futebol de Passo Fundo: contribuição à sua história; O mais querido da cidade: a história do Sport Club Gaúcho; Eleições em Passo Fundo: dados históricos; O desagravo; Veia de Campeão; Personalidades do Esporte de Passo Fundo: Casquinha; e a obra Páginas da Belle Époque Passo-fundense.

MARIA JOANA CHIODELLI CHAISE

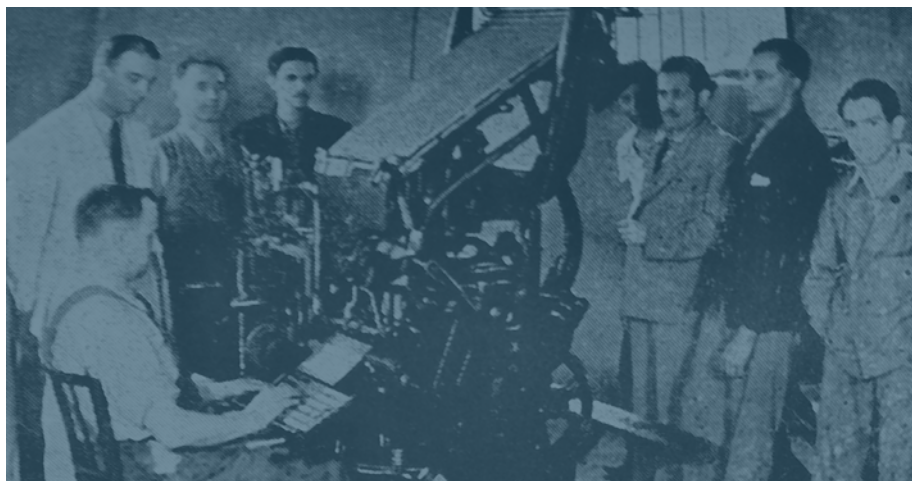
Doutoranda em Letras pela UPF, na linha de pesquisa Constituição e interpretação do texto e do discurso (ingresso em 2018). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos (2010). Possui graduação em Comunicação Social - habilitação Jornalismo pela Universidade de Passo Fundo (2002). Especialista em Gestão Estratégica de Marketing em Serviços e Varejo pela Universidade de Passo Fundo (2005). Atualmente, é membro titular do Conselho Diretor da Fundação Universidade de Passo Fundo e coordenadora do curso de Jornalismo da Universidade de Passo Fundo (UPF). Suas áreas prioritárias de atuação são: discurso midiático, gêneros jornalísticos, teorias do jornalismo, redação e edição jornalística, e reportagem. Tem experiência profissional em jornalismo impresso, rádiojornalismo e assessoria de comunicação.

OTAVIO JOSÉ KLEIN

Possui graduação em Filosofia, mestrados em Ciências da Religião e Comunicação Social, doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2008) com estágio de doutoramento na Universidade Beira Interior (UBI) de Portugal (2006). Atualmente é professor titular da Universidade de Passo Fundo. Tem experiência de ensino na área de Comunicação, nas disciplinas de: metodologia da pesquisa; epistemologia da comunicação; história da comunicação; ética e legislação... É pesquisador em comunicação na linha de pesquisa de Processos e Práticas Culturais em Comunicação e Comunicação Regional. Tem desenvolvido pesquisas em Comunicação (comunitária, pública); Hábitos midiáticos; Comunicação e cidadania e Telejornalismo Regional; Mercado de Trabalho em Design e Miatização da Sociedade (teoria e epistemologia).

RAÍSSA GEHRING ULRICH

Graduada em História pela Universidade de Passo Fundo. Foi colaboradora do Museu Histórico Regional de Passo Fundo, vinculado à Vice-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários da Universidade de Passo e à Prefeitura Municipal de Passo Fundo, entre janeiro de 2018 e setembro de 2020. Atua com assessoria histórica, colaborando com projetos de pesquisa histórica.



A obra *PASSO FUNDO: ESTUDOS HISTÓRICOS - VOLUME II*, tem como linha temática a articulação entre História e Imprensa. Conjugando esforços de historiadores e jornalistas, o livro trata de temas diversos da história passo-fundense, perpassando pela história “dos” e “nos” periódicos citadinos. Questões como a criação da imprensa em Passo Fundo, no final do século XIX, e estudos inerentes à política local, estadual e nacional são seguidos de outros temas, como as percepções e posicionamento da imprensa acerca do morrer, da Segunda Guerra Mundial, bem como do uso de imagem e de fotografias nos periódicos no início do século XX.



ISBN 978-65-86000-29-0

